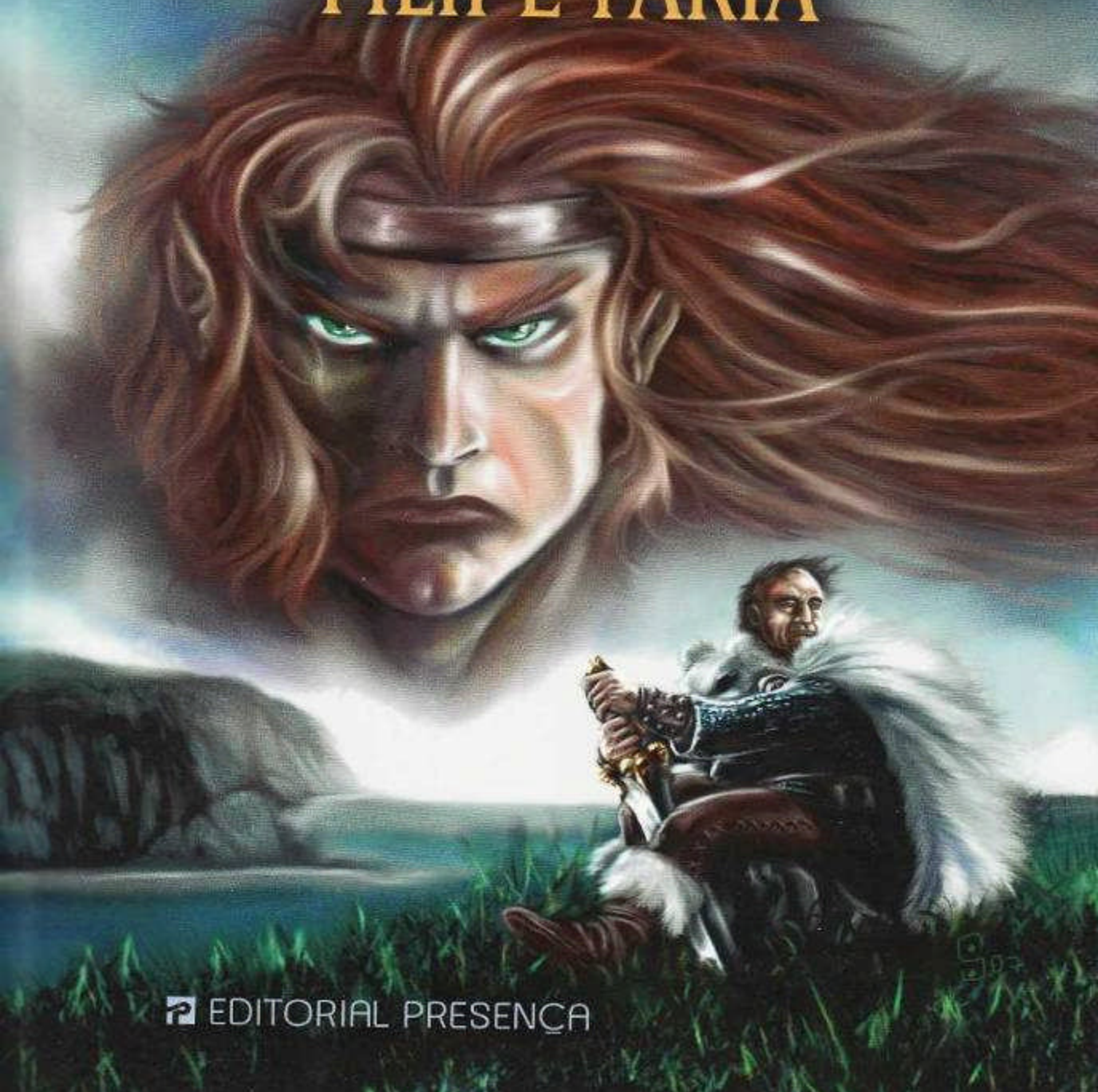


Crônicas de Allanyia

VAGAS DE FOGO

FILIPE FARIA



 EDITORIAL PRESENÇA



E-mail do autor: allaryia@gmail.com

FICHA TÉCNICA

Título: *Crónicas de Allaryia — Vagas de Fogo*

Autor: *Filipe Faria*

by Filipe Faria e Editorial Presença, Lisboa, 2007

Capa: *Samuel Santos*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Abril, 2007

2ª edição, Lisboa, Julho, 2007

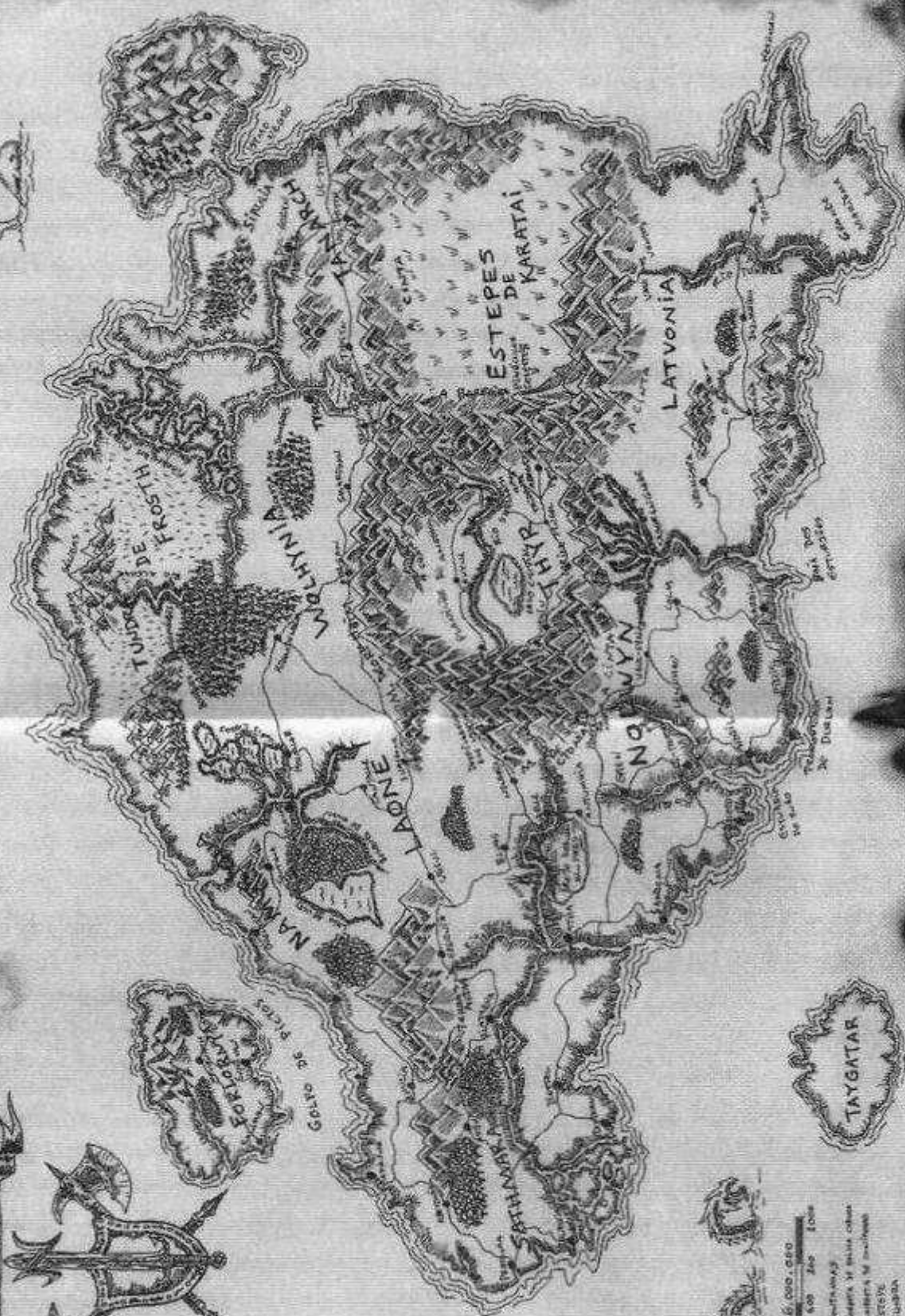
Filipe Faria

Crônicas de Allaryia

Vagas de Fogo

Tilínkað.

*Kalla Karlsdóttir, Sigurður Jónsson og Þóra Jónsdóttir, íslenska fjölskyldan mín
Egill Friðleifsson og Sigríður Björnsdóttir, önnur íslensk fjölskylda mín
Guðlaug Margeirsdóttir, guðmóðir langferðar minnar
Jón Sigurðsson, meira en gestgjafi, sannur vinur
Björn Rúnar Egilsson, fyrir vináttuna
Jörmundur Ingi, brunnur hugmynda*



ESCALA: 1:16,000,000

24	Montevideo
25	Industria de Salas de
26	Industria de
27	Industria de
28	Industria de
29	Industria de
30	Industria de
31	Industria de
32	Industria de
33	Industria de
34	Industria de
35	Industria de
36	Industria de
37	Industria de
38	Industria de
39	Industria de
40	Industria de
41	Industria de
42	Industria de
43	Industria de
44	Industria de
45	Industria de
46	Industria de
47	Industria de
48	Industria de
49	Industria de
50	Industria de
51	Industria de
52	Industria de
53	Industria de
54	Industria de
55	Industria de
56	Industria de
57	Industria de
58	Industria de
59	Industria de
60	Industria de
61	Industria de
62	Industria de
63	Industria de
64	Industria de
65	Industria de
66	Industria de
67	Industria de
68	Industria de
69	Industria de
70	Industria de
71	Industria de
72	Industria de
73	Industria de
74	Industria de
75	Industria de
76	Industria de
77	Industria de
78	Industria de
79	Industria de
80	Industria de
81	Industria de
82	Industria de
83	Industria de
84	Industria de
85	Industria de
86	Industria de
87	Industria de
88	Industria de
89	Industria de
90	Industria de
91	Industria de
92	Industria de
93	Industria de
94	Industria de
95	Industria de
96	Industria de
97	Industria de
98	Industria de
99	Industria de
100	Industria de

PREFÁCIO

A batalha por Allaryia começou.

No anterior volume das Crônicas foi relatada a viagem de Aenyre Thoryn e Kror rumo à Cidadela da Lâmina, local onde o jovem príncipe, a única esperança contra O Flagelo, procurou encontrar forma de se tornar um Lamelar sem ter que combater Kror. Não desejando deixar a sua vida nas mãos do caprichoso destino num incerto combate contra o drabreg — pois Ancalach não protege nenhum outro guerreiro em Allaryia dos poderes d'O Flagelo — Aenyre Thoryn estudou tomos ocultos e relatos ancianos em busca de uma alternativa. Embora as suas pesquisas tivessem sido em grande parte infrutíferas, a Cidadela provou ser um prodígio campo de treino para os dois guerreiros, que conseguiram obter um certo grau de domínio sobre a bravia Essência da Lâmina. Porém, quando a esperança começava a luzir no horizonte, O Bastardo jogou a sua carta, soltando em Allaryia um mal há muito aprisionado: Culpa, o seu próprio pai. Aenyre e Kror mal sobreviveram à passagem deste pela Cidadela, uma passagem que se saldou em custosas mortes, que deitaram as esperanças do jovem guerreiro por terra.

Por sua vez, a princesa Lbiannah, o seu mentor Worick de Taramon, e o burrik Taislin Mãosdelã, regressaram a Ul-Thoryn com o intuito de restituírem o corpo de Aezrel Thoryn à sua pátria, mas a sua recepção foi tudo menos esperada. Presos num arдил arquitetado por Dilet, servo d'O Anátema, Lbiannah e Worick viram-se acusados de alta traição e aprisionados. Já enclausurados, foram ainda acossados por Hepascar, hagbral filho de Hazabel, a haraban morta por Aenyre Thoryn na batalha de Aemer-Anoth, e o thuragar foi gravemente ferido. Apenas o burrik continua a monte, completamente sozinho e desamparado, e dele possivelmente dependerão as vidas dos sem dois companheiros.

Quenestil Anthalos e Slayra haviam permanecido na Sirulia devido ao estado de gravidez da eabanoir, mas a fortaleza de Gul-Yrith, aquela que todos tomavam como o mais seguro local de Allaryia, provou ser uma armadilha mortal quando os exércitos de Tanarch atraíçaram os seus opressores de longa data. Em grande parte peões inconscientes d'O Flagelo, os tanarchianos massacraram os sirulianos numa amarga e sangrenta contenda, e Quenestil e Slayra foram forçados a fugir com os Lasan, a nobre família eablan. Encontrando a Sirulia a ferro e fogo, Quenestil optou por navegar rumo à Wolhynia, a terra onde no passado selara o seu destino como shura.

Allumno da Gema Vermelha, tutor de Aenyre Thoryn, separou-se do grupo e tenta presentemente deslindar as tramóias da Sombra, ocupando-se das insídias ocultas enquanto outros se propõem defrontar o inimigo em campo aberto.

As peças foram posicionadas, e os dados, lançados. O grupo de companheiros que dera início a uma quase inocente demanda acabou por desencadear uma série de eventos capazes de abalar os alicerces de Allaryia. Separados, cada um espera cumprir o seu papel nos preparativos para a vindoura guerra, mas o poder que a união dos seus esforços lhes conferia não mais os acompanha. Sucedeu por fim aquilo que todos mais temiam desde o fim da Guerra da Hecatombe: as hostes d'O Flagelo despertaram do seu torpor e foram uma vez mais soltas no continente. A esperança continua a residir em Aenyre Thoryn, um jovem com o peso do mundo sobre os ombros, mas a perfídia do inimigo aparenta não ter limites, revelando lentamente, camada após camada, toda uma série de diabólicos planos urdidos ao longo de duas décadas de clausura.

APÊNDICE

Devo cessar de momento a escrita do volume, pois detecto uma perturbação. Os eventos continuarão a ser registrados neste apêndice, passíveis de posterior inclusão no Livro Décimo, caso se revelem relevantes para a presente crônica.

Mediante uma pesquisa transitória pelos anais, constato não haver registro de semelhante perturbação no Cronoscópio Extemporâneo. Trata-se de uma sensação alienígena para mim, análoga à lenta instilação de infiltrações por recessos de pedra. As energias cronais que fluem há milênios, imperturbáveis, dão mostras de uma interferência momentânea, quase imperceptível, e que contudo destoa como um vagalhão no seu ininterrupto ciclo de serenidade. Sim, verifico que o Cronoscópio está efetivamente a ser infiltrado. As gavinhas de sombra que antes vira disseminarem-se pelo Pilar serpenteiam agora por entre os recantos da intemporal pedra, deslizando sinuosamente pelo metal dos escopos, rodas e eixos. Chegando ao chão, as sombras começam a serpear na direção umas das outras, e assim que colidem dão início a uma brusca e silenciosa cópula, aglutinando-se como partes de um todo separado. Não preciso de constatar a humanidade do vulto que começam a formar, nem tão-pouco o insidioso poder umbral que se faz sentir, pois a verdade encontra-se patente e evidente diante de mim.

O Flagelo chegou.

A penumbra dá lugar à forma humana d'O Bastardo, se é que se pode apelidar de «humano» tão desnaturalmente belo ser. Filho de sua mãe, Seltor é indubitavelmente uma potestade maligna encarnada num receptáculo humano à semelhança do seu pai, um mal tão antigo quanto o mais básico instinto de infligir malefícios a outrem em benefício próprio. As Entidades esvaneceram, mas Seltor permanece como um pernicioso legado de

antanho, um anacronismo vivo de uma época que não pode nem se deve repetir, e que contudo teima em sobreviver e regressar, um visitante indesejado e uma persistente maldição que nem o tempo parece conseguir debelar,

Devo resistir ao meu costume de enveredar em extensas descrições, pois embora o ato de anotar as minhas percepções não me seja de forma alguma custoso ou minimamente moroso, esta é indubitavelmente uma situação que requer a minha total atenção. Não me é fácil focar a perspectiva num único ponto/ espaço/ tempo, pois o meu hábito, a minha função, é precisamente a de fazer uso da onisciência que me foi concedida. Observando, registrando, catalogando, correlacionando o presente com o passado, tudo numa miríade de ópticas... não, não me devo dispersar, O Cronoscópio foi infiltrado, e este é um assunto que me concerne diretamente. Posso recolher-me nos fragmentos de tempo anteriores à chegada de Seltor, refletir imerso nas frações cronais, alheio ao próprio tempo, mas antes de o fazer devo primeiro estudar a situação. Saber quais as intenções d'O Flagelo. Nessa altura poderei ponderar as opções e ramificações, e só então escolher o mais adequado procedimento a tomar.

Inconscientemente, acabei por o fazer. Retraí-me no tempo. Seltor ainda se encontra exatamente na mesma posição, prestes a erguer os olhos para me fixar. Está-me arraigado no corpo e na alma, mas devo evitar fazê-lo até ter ouvido o que ele tem para dizer. Esta situação não tem precedente, mas devo proceder com a minha função de a registrar, mesmo enquanto eu mesmo a vivo.

O tempo progride, então, e Seltor fita-me por fim. Os seus olhos negros e líquidos dispensam descrição pela mesma razão que a desafiam. Palavras são insuficientes, ou insuficientemente expressivas para o fazer. Mas de qualquer forma não me devo perder com descrições, pois retraio-me no tempo ao fazê-las, e é a situação imediata a que de momento requer a minha atenção. Basta dizer que o esplendor da sua indumentária não é o mesmo do passado, apresentando-se esta negra como as sombras que são o seu domínio,

dando mostras de uma certa despreocupação que é certa causa para inquietação para quem teme O Flagelo.

Mais grãos das areias do tempo escorrem, e os másculos do semblante de Seltor movem-se. Devo relaxar a minha contração temporal, de forma a poder focar-me no que presentemente decorre neste único ponto do tempo. O Flagelo sorri então, como se tivesse visto um amigo há muito ausente, e embora se note de fato uma certa satisfação na sua expressão, a única emoção que transmite é malícia.

O tempo torna a desacelerar, e sou forçado a reprimir os meus instintos uma vez mais, pois o único som que sai da boca de Seltor é arrastado e grave, e dessa forma não o consigo entender.

— Olá, Ankhamon.

Ouvindo essas duas palavras, é apenas com um esforço considerável que consigo prosseguir com este meu relato. Memórias nublam-me o discernimento. A minha praticada capacidade de observar situações dos mais diversos ângulos possíveis é tolhida pela revelação, e torna-se verdadeiramente difícil distanciar-me da presente situação.

Ele sabe.

E, contudo, não parece particularmente interessado em dar seguimento à revelação, limitando-se a olhar para os escopos e visores à sua volta com aquela que parece ser genuína curiosidade. Seltor aparenta perder momentaneamente o interesse em mim e começa a andar em redor, observando toda uma pletora de eventos que decorrem e decorreram em Allaryia: mortes, nascimentos, traições, encontros, toda uma cadeia de ocorrências indiscriminadas à espera de triagem. De mãos cruzadas atrás das costas, O Flagelo detém-se diante de um escopo que difunde a passagem da hoste de drabregs por ele solta, inclinando a cabeça para o lado enquanto o observa.

— Fascinante — diz, olhando uma vez mais em redor antes de me devolver a sua atenção. — Sempre soube da existência deste lugar, mas não foi fácil chegar aqui,

sabes?

Pergunto-lhe como o conseguiu.

— O Cronoscópio pode estar segregado do mundo, mas a sua existência está inextrincavelmente ligada a Allaryia. Agora que difundi o meu sangue pelo Pilar, abriram-me vários caminhos...

Refiro que não é possível, que o Cronoscópio Extemporâneo está além do espaço e tempo convencionais, que foi propositadamente criado pelas Entidades como um repositório de conhecimento ao qual ninguém além delas e de mim teria acesso.

— Já chego a essa parte, Ankhamon. Luris, a minha mãe, fez umas quantas alusões a este lugar. Uma das pequenas maldades que ela nunca pôde deixar de engendrar, a de me deixar curioso e ansioso por saber algo que nunca me iria revelar. — Seltor estende a mão de palma virada para cima, e sobre ela forma-se uma pequena esfera umbral, que se dilata bruscamente numa forma alongada, assentando-lhe então na palma na forma de Dalshagnar, a Língua Negra. Empunhando a espada diante da face, Seltor parece momentaneamente perdido em pensamentos. — Todavia, quando a tentei matar, uma fração da sua alma ficou imbuída na minha espada. A sua voz... segredava-me coisas. Acabou por me revelar involuntariamente aquilo que eu queria saber.

Seltor torna a fitar-me, a sua expressão momentaneamente mais séria ao abrir a mão e fazer com que Dalshagnar se dissolva.

— Soube que o Escriba eras tu, que não morreras verdadeiramente, e que a tua função passaria a ser a de observar e relatar tudo o que de relevante sucedia em Allaryia, Só nunca soube porquê. Foram precisos vinte anos para perceber por fim.

O sorriso regressa à cara d'O Flagelo, uma espécie de alegria pueril de quem conhece um segredo que outros anseiam saber, mas que prefere brincar com expectativas. Tornando a cruzar as mãos atrás das costas, Seltor passa por mim num passo lento e ponderado, admirando o interior do Cronoscópio. Alheio a mim, sobe descontraidamente

um lanço de escadas metálicas e observa um mostrador bojuda envolvido por três armilas com siglas numerais, que exhibe a guerra dos ocarr com Thyr na Sétima Era.

— Vinte anos dentro da Ancalach... — rememora Seltor, tenteando a armila anual e inclinando a cabeça. — Como funciona isto? É só girar...? Ah... — Girando a armila até 4004 e as restantes duas até aos fatídicos dia e mês da sua derrota, o Anátema espera e revê o golpe fatal que lhe foi desferido por Aezrel Thoryn. — Vinte anos de dor, da mais insuportável agonia.

Desagradado pela memória, vira-se para mim do cimo da plataforma.

— A dada altura, a dor já fazia parte de mim. Permitiu-me um tipo diferente de introspecção. Deu-me tempo para pensar. Muito tempo.

Vendo que de momento não me encontro disposto a emitir qualquer comentário, O Flagelo prossegue o seu caminho pela plataforma, passando por uma série de eventos que naquele momento tomam parte em Allaryia.

— Compreendi muita coisa, Ankehamon. Percebi por que razão foste criado. Por que razão não morreste. O verdadeiro propósito que o Cronoscópio serve. E como poderia chegar aqui — explica, abrangendo o que o rodeia com um largo movimento em arco de ambos os braços. — Nunca o tentara antes. Não tinha motivos para tal, nem a capacidade para o fazer.

Detendo-se uma vez mais, Seltor observa um outro escopo, este exibindo a manifestação de um mago a singrar pelo Pilar, intrigado pelas gavinhas de sombra que o percorrem como uma extensa teia de aranha.

— Quando espalhei o meu sangue pelo Pilar, criei uma espécie de conduta para mim. A sombra que todos estes anos estive alojada no Pilar, a que foi criada pelos sacrifícios dos Fadados, tenteou cada recanto seu em busca de uma via assim que lho ordenei — explica Seltor, ilustrando o que diz com meneios dos dedos de uma mão. — Mas há partes do Pilar que me estão vedadas, como os domínios divinos. E o

Cronoscópio, como já referiste, está além do espaço e tempo convencionais. O Delta tomou as suas precauções, não fosse eu interferir com os seus verdadeiros planos.

Seltor vira então noutro lanço de escadas e desce-o com um vagar e descontração desconcertantes. Antes que disso me aperceba, o tempo desacelera novamente, a voz d'O Flagelo torna-se distorcida, e cada passo seu leva uma eternidade a pisar cada degrau. Por força de hábito, o meu instinto é o de aproveitar para retomar e registrar os eventos que negligencieei, mas não posso. Reitero que esta situação não tem precedente, e merece a minha total atenção.

— Porém, houve algo com o qual não contaram. Ou talvez a culpa tenha sido de Siris, um pequeno descuido cujas conseqüências eram de fato difíceis de prever...

Dirigindo-se a mim, Seltor dá por fim mostras da postura e tom que as lendas e relatos lhe atribuem, e aos quais eu estava habituado, o que é de certa forma tranqüilizador, na medida em que me permite prever aquilo com que posso contar.

— É que sabes, a Ancalach não foi concebida com o propósito de me matar. Quer dizer, supostamente era essa a sua finalidade, mas não o intuito da sua concepção... estou a fazer-me entender? — Aparentemente, algo na minha expressão dá-lhe a impressão contrária. — Não? Não interessa, é outro assunto totalmente diferente. O que importa é que, tendo estado aprisionado na Ancalach, atingi uma certa... sintonia. Uma empatia para com o poder que Siris usou para criar Ancalach; o mesmo poder que ajudou a criar este intrigante Cronoscópio.

Não compreendo as insinuações, mas tão-pouco deixarei que as insídias d'O Flagelo influenciem de alguma forma o meu relato.

— Não foi fácil, mas palmilhei o Pilar até aos limites circunscritos, e concentrei-me na divisa do poder de Siris, o que me abriu o caminho. As sombras permitiram-me percorrê-lo.

Detendo-se diante de mim, Seltor fita-me atentamente, como se fosse eu o objetivo

da sua vinda, e a sua mão ergue-se para pousar no meu ombro. Não consigo evitar recolher-me no tempo, congelando O Flagelo na sua presente posição. Quais serão as suas intenções? Recuo no tempo, revendo toda a sua história, a sua herética concepção, o seu malfadado nascimento, os seus hediondos atos. Procuro um padrão, uma pista, uma resposta, mas falho em encontrar o que quer que seja. Não há nada que indicie semelhante comportamento, nada que aluda a uma qualquer intenção oculta a não ser a mais óbvia, a de me matar. Contudo, sei que não posso morrer. Sei que ele não me pode matar, e sei que não adquiriu forma alguma de o fazer. Porém, não posso esquecer que a perfídia d'O Flagelo não tem limites, e que a morte é apenas uma das suas muitas armas.

O tempo retoma o seu fluxo regular, e a mão de Seltor assenta sobre o meu ombro, firme sem ser autoritária, suave sem ser delicada. A mão de um sedutor.

— Sabes por que vim aqui, Ankhamon?

O Flagelo parece desconfiar de que sei mais do que aparento, mas a resposta que lhe dou é negativa.

— Vou matar os deuses. E, para isso, preciso da tua ajuda.

Repito a recapitulação da vida de Seltor. Causou a minha morte no passado, e dessa forma adquiriu os poderes que me haviam sido reservados. Quererá fazer o mesmo com os outros deuses? Tornar-se todo-poderoso? Impossível, e contudo não constitui qualquer surpresa.

Os meus pensamentos transparecem na minha expressão, pois Seltor parece lê-los.

— Estás muito enganado. Não é de todo essa a minha intenção, até porque é efetivamente impossível. Apenas o consegui contigo... sabes porquê? — O Flagelo aproxima a cara da minha, imergindo-me no negrume dos seus olhos. — Porque mo permitiram. Porque foi preordenado pelo Delta.

Não o acredito.

— *Duvidas? — O lábio superior de Seltor quebra momentaneamente a seriedade da sua expressão, tremendo num trejeito jocoso, mas prontamente se realinha.*
— *Queres dizer que nunca, por um instante sequer, te questionasse por que razão seria necessário um deus da morte, quando já existia o Guia?*

O meu silêncio apenas incita Seltor a prosseguir.

— *Por que não um deus da vida também, já agora? Afinal, não foi sempre esse o princípio pelo qual o Delta sempre se regem: o equilíbrio? Ação e reação? Tu eras uma redundância, um ser supérfluo, e se reparares bem, não era sequer por ti que os mortos passavam, mas pelo Guia. Fiquei muito desapontado quando tomei o teu lugar, pois o poder não era nada do que eu esperara.*

Seltor liberta-me momentaneamente do seu olhar, mas a mão permanece sobre o meu ombro. Parece olhar para o passado, ou então o escopo que exhibe o bobo Dilet chamou a sua atenção.

— *Não podia controlar os mortos, não detinha qualquer poder sobre as suas almas. Porém, pude ressuscitar aquele que de qualquer forma estava além do poder do Guia: o meu meio-irmão Wrallach. Ele só pereceu verdadeira e irrevogavelmente quando foi morto por Torun, sangue do sangue de ambos os seus pais. A Lança de Istegard fora insuficiente; podia ter o poder de Siris, mas era como um filho andrógino de um nascimento hermafrodita, faltava-lhe a vitalidade divina para poder verdadeiramente terminar a existência de... mas estou a divagar. Pude também pactuar com quem quisesse prolongar a sua vida após a morte, adquiri o poder para criar os Fadados e os moorul, mas isso tão-pouco é o verdadeiro papel de um deus da morte, não te parece? A sério que nunca pensaste nisso? Tanto tempo aqui encafuado, e sempre te limitaste apenas a escrever?*

Não tenho resposta. O meu interesse está morbidamente cativado, e não recuo nem paro o tempo.

— Então eu ajudo-te. Foi precisamente essa a intenção do Delta. Tu foste especificamente criado para seres morto. Luris, a minha mãe, sabia que eu iria tentar tomar o teu lugar para recuperar o Wrallach. Porquê? Porque tanto ela como Sirul e Siris sabiam que o meu papel, o meu propósito, a razão pela qual sequer me foi permitido viver após ela ter aberto as pernas ao meu desgraçado pai, não era nada de pouca monta. Estava sozinho contra o mundo. Mas não me podiam ajudar diretamente, oh não, isso revelaria demasiado.

O Flagelo é insano. O aprisionamento em Ancalach quebrou a sua mente.

— Com a ajuda do meu meio-irmão Wrallach, o apoio oculto dos Fadados, e o ódio e repulsa adicionais que me foram dirigidos por ser o «deus da morte», tornou-se muito mais fácil cumprir o meu verdadeiro propósito. Não acreditas?

Acredito que ouço os devaneios de um louco. Os tendões da mão de Seltor retesam-se ligeiramente, não devido a qualquer raiva aparente, mas ao que eu apenas consigo decifrar como o desalento de alguém que não se está a fazer conseguir entender. Contudo, relaxa quase de imediato e larga-me o ombro, cruzando calmamente os braços diante do peito.

— Sabes por que é que foste eleito como Escriba?

Não tenho resposta para a pergunta, pois nunca pus sequer os motivos da minha função em causa. Após a minha morte, senti que sempre fora esse o meu destino.

— Porque, desculpa-me que to diga, o teu trabalho é uma maçada — diz Seltor, olhando para os lados de sobrolho erguido. — Achas que alguém se voluntariaria? Preso para toda a eternidade nesta... ampulheta gigante? Não, meu bom Ankhamon, o Delta reservou-te este lugar. Só um morto é que se conformaria com semelhante função, embora eu desconfie que não estivesses verdadeiramente morto, apenas dormente. Mas essa última confesso que não passa de mera especulação. Resumindo e concluindo, armaram-te uma cilada.

Algo na minha expressão convence Seltor de que o culpo pelo que sucedeu.

— *Sim, não estou a tentar isentar-me de culpas — confessa com um quase apologetica gesto de mãos abertas. — Eu fui na cantiga que nem um patinho a patear atrás da mãe, não digo que não. Mas será mesmo a mim quem deves culpar? Escolhi-te como alvo, é certo, pois eras tu o isco preparado pelo Delta. Mas apenas apelei aos teus instintos mais básicos; quem deu largas à sua ambição foste tu, e acabaste por pagar o preço por acreditares que verdadeiramente poderias ser mais poderoso que os teus pares. Podias ser um deus, mas no fundo eras apenas humano. Um humano que o Delta sacrificou como um cordeiro.*

Lembro-me. A sua voz sedutora, as suas sugestões aliciantes, quais ganchos que se fincavam nos meus mais íntimos e reprimidos desejos, repuxando-os. Tal como o fazem agora, sinto-o. Cada palavra sua é uma amante que corteja os meus instintos, um íntimo cúmplice que me encoraja a ser verdadeiro para comigo mesmo. Mas não devo, não lhe posso dar ouvidos.

Seltor suspira,

— *Diz-me uma coisa, Ankhamon: sabes para que serve o Cronoscópio? É um repositório de conhecimento, a biblioteca da história de Allarya.*

— *Certo. Mas para quê? Para que tu tenhas que ler para toda a eternidade? Ou será que existem seres que eu desconheço e que têm acesso a ela?*

Não.

— *Qual a sua utilidade, então? As Entidades foram-se, e provavelmente contam-se pelos dedos de uma mão os mortais que têm conhecimento da existência do Cronoscópio, se é que os há. Um repositório para o conhecimento em benefício de quem?*

Não tenho resposta. Nunca me pareceu necessária.

— *Eu digo-te para quem — propõe-se Seltor, e os seus olhos adquirem uma renovada intensidade, como se algo tivesse por fim atizado a sua fúria. — Para as*

próximas Entidades.

Não compreendo.

— O Cronoscópio existe para que Allaryia não seja esquecida. Para que, quando Allaryia for destruída, as próximas Entidades saibam o que fazer e o que não fazer. — Os punhos de Seltor cerram-se, e a sua cólera não é encenada. — O Delta vetou Allaryia ao abandono, perdeu a esperança nela e deixou-a à sua sorte. E a sua sorte não lhe será nada favorável, Ankehamon, a menos que me ajudes. Allaryia encaminha-se lentamente para a sua destruição, e apenas eu o posso impedir.

Inconcebível.

— Ainda não acreditas? Então olha em redor — desafia ele, descrevendo um abrangente semicírculo com o braço livre. — Olha para cada um destes teus escopos e diz-me o que vês. Sim, olha para o presente e para o passado, para cada evento desde o final da Primeira Era até hoje, e diz-me o que vês.

Assim faço, não por aquiescência ou obediência, mas pela necessidade de me ver livre dos tentáculos que me envolvem a mente. O meu espírito está destreinado, estou desabitinado de tantas memórias, tamanhas emoções, tais sensações. Cada palavra de Seltor é um jorro de sensualidade que me banha como a um campo árido, rápido de mais, com demasiada intensidade, submergindo-me numa torrente que me arrebatava o ar. Sinto que começo a perder a perspectiva. Seltor fica petrificado diante de mim enquanto viajo pelo passado de Allaryia, revendo a Primeira Era e todas as que se lhe seguiram, falando em encontrar algo de novo e pronto a regressar ao presente. Contudo, o transbordar de emoções do passado levam-me a visitar a minha própria morte e subsequente renascimento, onde revejo a minha aniquilação às mãos dos outros deuses. Segue-se a incumbência de Escriba, e à luz das novas revelações não posso deixar de refletir. Revejo a evolução dos humanos. A vinda dos Filhos do Caos. A criação dos eahan. Dos thuragar. Dos drabregs. A Guerra da Hecatombe. O desagregar do Delta e

o nascimento dos Novos Deuses. Vejo guerra e alianças, tréguas e traição, felicidade e infortúnio, união e dissensão. E por fim compreendo.

Ele tem razão.

Que os deuses estejam conosco, ele tem razão.

O tempo torna a fluir, e Seltor fita-me, tendo acabado de falar. Pergunto-lhe o que pretende fazer e, embora pareça ofendido por eu aparentemente não ter acatado a sua sugestão — pois não tem como saber que o fiz — acede a dar-me uma resposta.

— Nada. A única coisa que tenho que fazer é matar os deuses, pôr fim à corrupção que eles representam. Agora que pus as coisas em andamento, os eventos darão seguimento a si mesmos.

Não compreendo totalmente, mas Seltor parece interpretá-lo como o princípio de uma recusa e não me adianta mais pormenores, incentivando-me antes.

— O Delta armou-te uma cilada, Ankhamon. A eles não deves nada. Os deuses mataram-te. Deves-lhes isso. — Desta feita, pousa-me ambas as mãos sobre os ombros. — Não tens que continuar com esta existência, com este... tédio insuportável. Mereces descanso, e eu posso providenciar-to, se mo deixares. Isso, e conceder-te vingança pelo que te fizeram.

Mas se foi ele... não, os Novos Deuses... o Delta... eu... a minha escrita entaramela-se, noto-o, e nada faço para o corrigir. Não recuo no tempo, nem o abrando. Seltor, de que me convenceu, me induziu a... ele, a oferecer-me compaixão? Tramóias, truques, decerto. Mas e o Delta? Foi compaixão, o que me ofereceram? Os Novos Deuses, algum deles ma mostrou?

Pergunto de que forma pretende ele dar-me o descanso que me promete.

— Não podes ser morto, mas julgo que podes causar a tua morte — explica-me ele. — E, ao fazê-lo, ajudar-me-ás a alcançar o domínio dos deuses.

Pergunto como tal é possível.

— *Consegui aceder aqui ao Cronoscópio por ter entrado em sintonia com o poder de Siris. Em princípio, dever-me-ia ser possível fazer o mesmo com os domínios dos deuses por ter tido acesso ao teu poder divino, mas quer-me parecer que o Delta previu isso.*

As sobrancelhas de Seltor franzem-se, incomodadas.

— *O acesso está-me bloqueado, e por mais que tente, não consigo, com ou sem sombras no Pilar. Preciso de uma via alternativa, e só tu me podes providenciar,*

Como?

— *O Delta pode ter-te criado como isco, e a sintonia com esse poder é-me inútil, mas depois tornou-te algo mais. Algo diferente.*

As mãos de Seltor sobem dos meus ombros para os lados da minha face, e O Flagelo aproxima as nossas uma da outra, levando-me numa nova viagem até ao âmago do meu ser através dos seus olhos negros.

— *Allaryia e o Pilar não têm segredos para ti. Não tem segredos para o Cronoscópio, isso sim.*

— *Não é o Cronoscópio o que me interessa, mas sim tu. Aquilo que eu absorvi de ti não passava de um engodo, não era poder divino. Mas tu estavas destinado a ser um Novo Deus, disso estou certo. O poder ainda está latente em ti, apesar de seres mais e menos que um deus.*

Tudo especulações. Não tem como o saber.

— *Como já disse, vinte anos de aprisionamento dão-nos muito tempo para pensar. Não imaginas a quantidade de cenários que me passaram pela cabeça nas vascas da agonia, a quantidade de vezes que vi e revi e repensei cada um. — Sinto um ligeiro tremor das mãos de Seltor, como que causado por uma memória desagradável. — Tudo o que te preciso é que te abras a mim, Ankhamon, que me sirvas como conduta. Isso destruir-te-á, mas permitir-te-á igualmente a paz pela qual há tanto tempo anseias.*

Não compreendo como o posso fazer.

— *Também não sei como, mas sei que o podes fazer. E posso ajudar-te. A des incorporação é uma... especialidade minha.*

As suas mãos apertam-me ligeiramente a cabeça, soltando-me de seguida e recolhendo-se atrás das costas de Seltor.

— *Eston convicto de que é esta a solução, mas sem a tua ajuda será tudo em vão, Ankhamon. O que te fizeram passará impune, e Allaryia estará condenada. Pensa bem. Não te posso...*

Recolho-me uma vez mais no tempo, deixando a frase de Seltor a meio. Passo uma eternidade recolhido num recanto do tempo, introspectivo como já não me recordava capaz de ser. E percebo que estou cansado. Muito cansado. Mais exausto do que alguma vez julgara possível, pois o cansaço nunca fora uma consideração no cumprimento do meu incessante dever. Não desejo continuar, só quero que tudo acabe. Desejo paz, e sabendo o que agora sei, nunca a terei caso continue a ser o Escriba. Pearnon não passa de uma máscara, de uma falsa identidade, uma mentira.

Basta de mentiras.

— *...forçar a nada. Aceito.*

Seltor parece impressionado com a aparente rapidez da minha resolução, que para ele se deve assemelhar a uma certa leviandade.

— *Tens a certeza? Não preferes refletir? Preciso que estejas empenhado nisto de alma e coração, Ankhamon,*

Viro-lhe as costas, e dirijo-me lentamente a uma ampulbeta próxima, cuja âmbula superior está prestes a vaziar. Nela vejo a minha reflexão com outros olhos, os de um homem que quis ser um deus e que se perdeu no processo. Não reconheço o semblante ao puxar para trás o capuz, nem noto nele quaisquer características distintas que me associem a uma particular identidade. Sou uma carcaça vazia, uma alma extraviada, um

mero joguete.

Não mais.

— *Estás pronto, então? Estou.*

— *Consegues focar a tua perspectiva nos reinos divinos?*

Ergo os braços, e todos os escopos e mostradores em redor exibem as mais variadas cenas decorrentes nos domínios dos Novos Deuses. Os meus nove assassinos.

— *Excelente — diz Seltor, acercando-se de mim e fitando-me diretamente nos olhos. — Agora concentra-te, meu bom Ankhamon. O processo será indolor, garanto-te. Olha-me nos olhos, e recorda o dia da tua «morte».*

Acabei de o fazer, e não me custa repeti-lo.

— *Já não és quem eras. O Delta fez de ti um mero receptáculo das tuas energias, energias sobre as quais deténs total controlo. Solta-te, Ankhamon. Liberta-te. E eu vingá-lo-ei.*

Faço-o. A tarefa prova ser surpreendentemente fácil, mesmo enquanto fraciono por momentos a minha concentração no tempo para registrar os meus últimos pensamentos, mais por hábito que por genuína vontade. Sinto a minha essência desfiar-se como um novelo, e a sensação é estranhamente serena. Seltor acena curta e aprovadoramente com a cabeça, e então desagrega-se ele também, tornando-se um ente de pura sombra, e arroja-se contra mim. O contato tão-pouco é doloroso.

Recolho-me uma última vez no tempo, incapaz de ignorar totalmente o medo do oblívio. Porém, a voz de Seltor — momentaneamente parte daquilo que eu sou antes da minha total aniquilação — tranquiliza-me, assegurando-me de que me irá vingar e que eu posso partir para o meu merecido repouso. Pede apenas que eu me concentre, e eu acedo.

Está feito.

Por estranho que pareça, resta uma consciência residual minha no Cronoscópio, mesmo agora que ele se encontra vazio. Não restam quaisquer vestígios do meu corpo ou

de Seltor. Estarei irreversivelmente ligado a ele? Não, os escopos e mostradores piscam e apagam-se um a um, as engrenagens deixam de rodar, e as ampulhetas não mais giram. Decerto não passa de um fragmento da minha consciência, ainda recolhido num qualquer recesso do tempo, e que fatalmente terá que o abandonar. Sim, sinto o Cronoscópio abrandar.

Paz. Por fim, paz...

PRÓLOGO

O sol desaparecia atrás das montanhas da Cinta, e a noite descia lentamente sobre Pesoria na forma das sombras dos picos acidentados. Pesoria era uma aldeia situada nos baixos contrafortes da Cinta, entre a cidade-entrepasto do Portão do Norte e a ponte na fronteira com os domínios de Vaul-Syrith, dois nexos comerciais de importância crítica. Tinha um moinho de vento, duas estalagens, e uma série de edifícios cúbicos com tetos cônicos característicos da região. Os seus ocupantes dedicavam-se sobretudo ao fabrico e reparo de rodas, bem como carroças e vagões em geral, e havia ainda dois tanoeiros e três correeiros. Em virtude

da sua localização, era uma comunidade próspera, embora nos tempos correntes isso fosse visto mais como uma maldição que uma benesse, pois Vaul-Syrith declarara guerra, e Pesoria seria das primeiras a sofrer com uma eventual investida. A guarnição da ponte fora reforçada, e Ul-Thoryn destacara um corpo de soldados à aldeia, para prevenir uma debandada desorganizada e eventuais pilhagens. Contudo, as gentes de Pesoria tinham-se mantido maioritariamente calmas, e a chegada do Inverno parecia ter resfriado os ânimos de ambos os lados. Afinal, «guerra» era uma palavra que havia vinte anos não constava do vocabulário de Nolwyn; certamente não a iriam agora empreender dois vizinhos?

Fosse como fosse, lorde Aereth insistira na manutenção da guarnição provisória, e em poucas semanas os soldados tinham-se tornado parte da aldeia. As gentes de Pesoria eram calorosas e amigáveis, com grande tradição hospitaleira, e os homens de Ul-Thoryn nunca se sentiram mal recebidos, sendo regularmente convidados a jantares em casas de aldeões e com a garantia de pelo menos uma rodada semanal por conta da casa. Em compensação, nos dias mais calmos, também aproveitavam para ajudar os seus anfitriões na manutenção das cercas e na recolha de lenha. Amizades foram formadas, os jovens da aldeia mostravam interesse em juntar-se à milícia de Ul-Thoryn, e já se falava mesmo em possíveis casamentos, assim que chegasse a Primavera.

Um dos mais badalados era o de Bartilio, um jovem do Distrito do Porto de Ul-Thoryn, enviado para a província para «ganhar calo», e Oranela, filha do moleiro. Os pretendentes desta e os respectivos pais não viam o caso com bons olhos, pois Oranela era um bom partido, sendo filha única do enviuvado moleiro, mas este parecia satisfeito com a escolha de Assana

para a sua filha, e tinha concedido a sua bênção ao jovem miliciano. Diziam as más-línguas que assim fora porque Oranela sempre infernizara a vida do pobre velho, queixando-se incessantemente do tédio que era viver em Pesoria, bem como do enfado que os trigueiros moços da aldeia lhe causavam, e que esta era a forma de se ver livre dela. Fosse como fosse, a rapariga parecia feliz com a sua sorte, e ao tímido Bartilio, que estava habituado a fazer aquilo que lhe mandavam, não lhe parecia desagradar a perspectiva de se casar com uma mulher bonita e mandona.

Era uma noite de Sirulan, no vigésimo quinto dia do mês de Balsaman, Dia da Toca, um feriado regional no qual as crianças da aldeia iam à caça de toupeiras. Tratava-se de uma tradição ancestral, bem como um resquício (e, alguns afirmavam, uma paródia) da antiga animosidade dos humanos para com os thuragar, quando estes últimos ainda teimavam em permanecer perto da superfície. A reviravolta da primeira grande guerra dos humanos contra os thuragar e drahregs, na qual os thuragar se haviam virado à última hora contra os seus aliados, nunca fora particularmente convincente, pois os humanos estavam então a vencer com a ajuda dos sirulianos. O evento ficara na história como uma simples manobra de traição de um dos lados perdedores, mas como a batalha fora ganha o assunto ficara por esclarecer. Ainda assim, houve periódicas caças aos thuragar nas comunidades mineiras, bem como fumigação de túneis e emboscadas aos forrageiros que ousavam vir à superfície. As raízes do feriado pareciam assentar nessa outrora dignificante ocupação, quase idêntica à caça a toupeiras. Não foi senão quando Istegard surgiu na Guerra da Hecatombe com a lança que matou o temível Wrallach, que os humanos por fim cessaram o vilipêndio dos thuragar, passando então simplesmente a

fazer pouco dos atarracados humanóides. Não mais os caçavam, mas tão-pouco partilhavam com eles sequer os ínfimos espaços na superfície que estes requeriam para sobreviver, e as minas continuaram a ser duramente contestadas até os thuragar retirarem definitivamente para as entranhas da terra. Como alternativas à expiação, havia sempre as toupeiras, que durante o Inverno irrompiam à superfície em busca de alimento adicional, e foram os buracos destas que as crianças a partir da Sétima Era passaram a encher de fumo, matando à cachaporrada as que encontravam.

O Inverno começara bastante frio, como que em represália pelo estuante Verão, mas isso não impediu os pesorianenses de se reunirem na praça da aldeia para a grande celebração do dia. Os festejos do Dia da Toca culminavam de noite, quando os aldeões cavavam um grande buraco na praça, onde cada um enterraria um qualquer bem perecível e simbólico, como uma espécie de desejo para o segundo semestre do ano. Enterrar uma toupeira era considerado um bom agouro, como se o cumprimento do desejo fosse uma espécie de resgate exigido à própria terra, à qual se tirava e subseqüentemente devolvia o seu filho dileto. Da terra para a terra, na esperança de uma boa colheita, sempre fora esse o espírito do último rito do Dia da Toca, e aquele dia não era exceção. As crianças não tinham conseguido apanhar muitas, e os pais das mais afortunadas tinham gabado as suas durante todo o festejo. Feitos os desejos, os aldeões celebraram o ato com uma salva de palmas, abraçando-se então todos e desejando boa sorte uns aos outros.

Uma pequena porção de terra adjacente às emaranhadas raízes de um velho carvalho cedia, e o repentino vazio engoliu pedras, pó e terra. A cabeça de uma pá irrompeu como um sufocado verme, girando em si e

descendo e subindo repetidamente para fazer ruir os grossos pedaços de terra úmida.

Uma rotunda aldeã ergueu o braço e deu o mote com um grito, iniciando a verdadeira festa. Houve então uma verdadeira corrida às fogueiras, em volta das quais as pessoas começaram a dançar, ficando para trás apenas os mais calmos ou os menos sociáveis, aos quais ficou entregue a tarefa de repor a terra no buraco dos desejos. Os aldeões mais velhos encontravam-se entre esses, e limitavam-se a abanar as cabeças grisalhas ou carecas, pegando nas pás com o intuito de se aquecerem com um pouco de trabalho, pois a noite estava fria. Os soldados também se encontravam presentes, mas apenas os mais disciplinados envergavam as suas brigandinas, e a maior parte tinha o braço em redor da cintura de uma rapariga em vez da haste de uma lança. Havia quatro fogueiras à volta do buraco cavado, bem como mesas e pipas de vinho estendidas sobre cavaletes, estas últimas a pingarem das aberturas, uma das quais com o corpo inconsciente de um velho de nariz ruborizado estendido ao lado.

Havia agora um buraco com um dossel de raízes de árvore, e dele saiu um elmo com um protuberante visor cônico que lembrava um focinho de toupeira. Vapor jorrou dos respiradouros do visor quando este olhou para os dois lados, e as duas frestas horizontais para os olhos davam-lhe um ar distintamente doloso. O elmo olhou então para baixo e no seu interior metálico ressoou uma série de rudes palavras que lembravam passos em terra escabrosa. Dito isto, o seu braço brotou da terra de punho cerrado e crispado debaixo da cabeça de um martelo de guerra com um temível bico recurvo e um espeto no topo.

— Vamos dançar, Bartilio! — exigiu Oranela, puxando o seu noivo

pelo braço.

A rapariga tinha uma cara perfeitamente redonda com melosos olhos aclarados, e usava os cabelos castanho-escuros presos atrás, com um aro de firme cordel entrançado a pender-lhe da nuca. Bartílio franziu o cenho moreno, parecendo pouco à vontade com a idéia, e abanou a cabeça de espessos cabelos encaracolados.

— Anda! Não me caso com um homem que não goste de dançar!
— insistiu a rapariga, puxando o hirto soldado.

Porém, Bartílio parecia ter mais medo de dançar que de perder o seu casamento, e manteve-se firme como até então raras vezes o fizera.

— És um chato — acusou Oranela, fazendo beicinho e virando-lhe as costas, correndo sozinha para o círculo de dançarinos.

Saindo completamente do buraco, o elmo revelou fazer parte de um arnês pequeno, compacto e robusto, constituído por uma série de peças articuladas, cujas frestas exalavam vapor na fria noite. As espaldeiras eram de tal dimensão que o elmo praticamente encaixava nelas, dando um ar atarracado à armadura. O pequeno guerreiro empunhou então o cabo do martelo com ambas as mãos e olhou em redor, roçando as placas do arnês para sacudir a terra. O seu braço esquerdo era pouco manobrável, pois o que lhe revestia a mão era uma tarja, uma manopla com um disco de metal perpendicular ao seu eixo a servir de escudo e com um espeto no punho. Um outro par de mãos revestidas de aço agarrou-se às raízes sobre o buraco.

Oranela foi muito bem recebida pelos homens e rapazes que dançavam, e estes cobriram-na de atenções assim que esta aterrou no meio deles, como se aquela fosse a sua última oportunidade. Agradada com a

atenção, a rapariga borboleteava fugazmente de um pretendente para outro, rodopiando e rindo puerilmente. Os cantos da boca de Bartílio descaíram ligeiramente, e este olhou em redor, sentindo-se repentinamente deslocado no meio de toda aquela pândega, e distintamente desconfortável com estar simplesmente ali de braços estendidos a olhar com cara de bezerro. Alguns dos seus companheiros ajudavam a tapar o buraco dos desejos, e Bartílio dirigiu-se a eles.

Já eram vinte os pequenos guerreiros arnesados e munidos de martelos de guerra que se encontravam fora do buraco. Falavam silenciosamente entre si, de olhos fitos nas fogueiras a cerca de uma centena de passos de distância, e quem ouvisse a sua conversa atribuiria provavelmente os ruídos ao lento arrastar de um cadáver por cascalho. Os seus arneses eram uniformes na aparência, dando-lhes o aspecto de toupeiras metálicas, e todos exalavam vapor no ar frio da noite. Nova agitação no buraco chamou-lhes a atenção, e todos viraram os elmos para verem a enorme cabeça de maça que dele irrompeu, ostentando quatro temíveis rebordos afiados em forma de garras. Estes cravaram-se em solo e raízes, apoiando a mão que surgiu a agarrar a borda do buraco, e então o último dos guerreiros içou-se para o exterior. A lua incidia-lhe nas costas, ensombrando a sua cara desprovida de elmo, mas a sua voz tinha um tom ainda mais metálico e fragoso que as dos que usavam um. As suas palavras tiveram efeito imediato, e o grupo espalhou-se e foi em direção às fogueiras.

Bartílio pegou numa pá e começou a repor a terra no local do qual esta fora escavada, juntando-se aos seus companheiros. Um deles, Tiesoldo, chamou a atenção de um terceiro com um toque de cotovelo, e abeirou-se não tão discretamente de Bartílio.

— A Oranela parece estar a divertir-se — comentou, olhando de soslaio para o camarada cuja atenção chamara, mas este limitou-se a abanar a cabeça.

— Hum — respondeu Bartilio laconicamente ao recolher terra com a pá.

— E os seus companheiros de dança também — continuou o seu interlocutor.

— Não gosto de dançar.

— Ai, Bartilio, Bartilio — abanou Tiesoldo a cabeça, atirando um bocado de terra ao ar com um movimento teatral da pá. — Lindo sarilho em que te foste meter. Aquela rapariga vai-te sugar até ao tutano, e tu vais agradecer-lhe e perguntar-lhe o que podes fazer para que lhe saiba melhor. Conselho de amigo — disse, tocando na coxa de Bartilio com a ponta do cabo da pá. — Livra-te dela enquanto podes, ou ela planta-te chifres na testa antes que tu consigas dizer: *«Mas é meu?»*

— Já chega, Tiesoldo — advertiu Bartilio em voz baixa.

— Ah, isso antes de gastar cada cobre teu...

— Já chega! — vociferou o rapaz, cravando a pá no chão e achegando-se de Tiesoldo de peito enfunado, roçando o seu nariz no do seu mais alto companheiro. — Não te admito que fales assim da minha noiva!

O grupo de pequenos guerreiros arnesados caminhava tão furtivamente quanto as suas bem oleadas armaduras lhes permitiam. O ruído que os festejos dos aldeões causavam era mais do que suficiente para abafar o ranger do metal que os revestia, mas os guerreiros estavam habituados ao silêncio sepulcral dos seus túneis subterrâneos, onde um rangido indiscreto poderia significar a morte. Havia poucas nuvens no céu, e

a lua luzia branca nos contornos dos seus arneses, fazendo brilhar as vaporosas exalações dos respiradouros dos seus visores. A linha não parava de se estender a partir do buraco, e bifurcava-se a cinquenta passos da aldeia, começando a circundá-la. Dedos de aço estavam enclavinados em cabos de martelos, e os elmos iam girando de lado a lado, verificando a distância à qual se encontravam uns dos outros.

Bartilio e Tiesoldo encaravam-se como dois galos, e tinham como audiência as restantes pessoas que ajudavam a tapar o buraco. Os que festejavam estavam alheios à iminente luta, mas os civis que se encontravam em redor cessaram o seu trabalho e observaram atentamente. Os soldados entre eles, porém, largaram as suas pás e dirigiram-se aos dois com o intuito de os separar. O seu capitão permitira-lhes tomar parte nos festejos, e se houvesse problemas ficariam certamente de patrulha todas as noites dos meses seguintes.

— Vá lá, vocês os dois — disse o primeiro, enfiando as mãos entre os peitos de ambos com o intuito de os apartar. — O capitão deixa-nos todos de molho se houver problemas.

Tiesoldo sorriu e ergueu as mãos.

— Faz como quiseres, Bartilio. Era só um aviso de amigo. Nem todos conseguem encontrar uma divaroth como a minha Druela, e sinto-me na obrigação de ajudar os menos afortunados...

— Não falas assim dela, ouviste? — achou Bartilio por bem advertir, erguendo o indicador mesmo enquanto era afastado de Tiesoldo.

O soldado que os apartara aos dois deu-lhe uma palmada nas costas e virou-lhas, tentando criar a maior distância possível entre ambos. Como os ânimos pareciam ter serenado, os aldeões que se encontravam por perto

recomeçaram a tapar o buraco, mas Tiesoldo ainda não dissera a sua última palavra.

— Já que não te importas, acho que vou dançar um pouco com a Oranela. Já que ela parece tão disposta a roçar-se àquele, pode ser que faça o mesmo comigo...

Bartilio virou-se bruscamente e lançou-se sobre Tiesoldo. Os dois reboaram pelo chão, engalfinhados, e os aldeões em redor tornaram a largar as pás para ajudarem a separar os dois soldados.

A agitação aumentou na aldeia, e os pequenos guerreiros arnesados sentiram que chegara o momento. Cerca de quarenta tinham formado um espaçado círculo de aço em redor da povoação, e aguardavam apenas a ordem para atacar. O seu líder fazia parte do círculo, e empunhava a sua enorme maça de quatro rebordos curvos com ambas as mãos. Tanto a sua arma como a sua armadura estavam cinzeladas com motivos e runas telúricas, e o arnês era feito de inúmeras peças soberbamente articuladas, à semelhança dos que os outros usavam, e o seu aço brilhava de forma estranha ao luar, fruto das ligas metálicas usadas no seu fabrico. Ao contrário dos outros, não usava elmo, mas a sua cara era ensombrada pela lua nas suas costas e pelas espaldeiras que a ladeavam, deixando apenas antever uma robusta careca. Os visores estavam virados na sua direção. Todos aguardavam o seu comando. Os dedos da sua manopla rangeram ao crisparem-se no cabo da maça.

Bartilio e Tiesoldo trocavam socos, reboando pelo chão, raspando as cabeças um do outro com os nós dos punhos. Havia gritos à sua volta, à medida que mais pessoas se iam apercebendo da luta, mas os dois estavam de tal forma engalfinhados que era difícil sequer tentar separá-los. Tiesoldo

acabou por ficar por cima, esmurrando a testa de Bartilio enquanto este lhe percutia as costelas.

— Separem-nos! — gritou alguém, abafado por semelhantes imprecações.

— Tiesoldo! — chamou um camarada.

— Chega-lhe! — incentivou um qualquer fulano mais entusiasmado pela luta.

Um soldado corpulento ousou meter-se no meio da contenda, e pegou em Tiesoldo por debaixo das axilas, entrelaçando os dedos atrás da sua nuca e arrancando-o de cima de Bartilio. Ambos desferiram chutes nos pés e canelas um do outro, e Bartilio ainda se tentou levantar para ir atrás do seu adversário, mas foi rapidamente refreado por camaradas seus. Sangrava do nariz e tinha os olhos arregalados como os de um lunático enquanto rogava todo o tipo de pragas a Tiesoldo, continuava a lançar reptos e se agarrava ao flanco, no qual o pomo da sua espada se enterrara quando Bartilio lhe saltara em cima.

— Acabou! — bramiu o soldado corpulento que pegara em Tiesoldo, arrojando-o sobre as ancas e pondo-se entre os dois. — Ouviram? Acabou!

Contudo, o grito desumano que então se fez ouvir deu a entender que acabara de começar.

Um coro de vozes medonhas e metálicas seguiu-se, gelando o sangue a todos os presentes e dando início a uma desenfreada corrida. As vozes rudes persistiram, dando continuidade àquele que parecia ser um grito uníssono, e o estrupido de passos acerados aproximava-se como um vagalhão de aço. Pessoas começaram a gritar, outras a olhar em redor

aparvalhadamente como ovelhas presas no curral, e outras pegaram instintivamente em crianças ao colo. O pânico instaurou-se entre a multidão quando se avistaram os contornos metálicos dos vultos iluminados pelo luar, e rebentou verdadeiramente quando a luz das fogueiras os revelou pelo que eram. De martelos empunhados, os thuragar arnesados abateram-se sobre os indefesos aldeões, esmagando carne e ossos com brutalidade desferrolhada. Os humanos gritavam e corriam, encurralados com os disformes monstros, cujas sombras espalhadas pelas fogueiras os faziam parecer maiores do que eram. Oscilando os martelos para a esquerda e para a direita, cada um dos guerreiros thuragar limitava-se a correr para o meio dos desnorteados e apavorados inimigos, distribuindo morte contundente por onde passava.

— Bartilio! — gritou Oranela estridulamente, correndo de saias empunhadas e sendo derrubada por um indivíduo que com ela colidiu.

Ainda a sangrar do nariz, o jovem despertou do seu torpor e desembainhou a espada, correndo na direção da sua noiva. Um thuragar saltou-lhe no caminho, e o arco que o seu martelo descrevia destinava-se à cabeça de Bartilio, que a desviou a tempo, ripostando com um corte que atingiu inofensivamente a espaldeira do oponente. Bartilio nunca estivera num verdadeiro combate. Tudo o que lhe fora ensinado esfumou-se repentinamente, e a espada pareceu-lhe um instrumento estranho na mão, pelo que a usou como se fosse uma das ferramentas de falquear que usara na oficina de carpintaria na qual trabalhara. O thuragar avançava sem medo, confiante na proteção do seu arnês, e apenas vacilou ligeiramente quando Bartilio o atingiu em cheio no elmo com uma desvairada espadeirada. O jovem batia com a lâmina como se de um pau se tratasse, e continuou a

golpear o thuragar, esporeado pelos gritos em seu redor, pelos enojantes baques surdos, molhados e crocantes, pelo rufar cavernoso do seu coração nos seus ouvidos. O centro do seu mundo já não era Oranela, mas sim aquele medonho martelo com um bico recurvo, ao qual estava colada a sangue uma mancha de cabelo.

Tiesoldo correu então, empunhando uma pá que embateu violentamente de lado no visor afocinhado do elmo do thuragar. Os dois atacaram em conjunto, a sua rivalidade diluída no sangue quente do combate, fustigando o thuragar com pancadas que contudo pouco mais faziam além de barulho. Os gritos e as mortes à sua volta incitavam-nos ao mesmo tempo que os aterrorizavam, e a única coisa que importava era terminar com a ameaça imediata representada pelo thuragar que enfrentavam. Este conseguiu engancha o cabo da pá de Tiesoldo com o bico recurvo do seu martelo, e puxou violentamente o humano, derrubando-o. A espadeirada de Bartilio no seu flanco mal o afetou, e o thuragar preparava-se para esmagar Tiesoldo, mas então foi atingido na cabeça por um inesperado martelo de guerra empunhado pelo corpulento soldado que separara os seus dois companheiros durante a luta. Atordoados, o thuragar caiu ao chão, e foi aniquilado com uma segunda martelada. Tiesoldo pegou no martelo do tombado thuragar e os três olharam para o caos em redor, momentaneamente incapazes de tomarem uma decisão.

— Aquele! — gritou o corpulento soldado, indicando com o martelo roubado um thuragar que vinha calmamente na sua direção, alheio à morte à sua volta, empunhando uma enorme maça de cabeça baixa, a sua cara coberta por jogos de sombras causados pela luz das fogueiras, que apenas deixavam entrever duas tranças negras de barba e uma brilhante

careca.

Os três investiram contra o thuragar visado, mas Bartilio e Tiesoldo ficaram pelo meio, eles próprios atacados ou retardados pela desenfreada corrida de aldeões em pânico, e apenas o soldado corpulento conseguiu avançar. Empunhando o martelo com ambas as mãos, o jovem levou a arma atrás, aprestando-a para um possante altabaixo no final da sua carga. O thuragar recebeu-o com um desdenhoso golpe ascendente da sua maça, enterrando-lhe um rebordo pela barriga acima, e alçando-o sobre a sua cabeça com o ímpeto da investida e pura força muscular, descrevendo um arco que terminou com o violento baque de costas do humano no chão. Este emitiu um ruído rouco e sufocado, sentindo o aço recurvo do rebordo enterrar-se-lhe desde o estômago até ao pulmão, mas não teve sequer tempo de sofrer, pois o thuragar torceu o pulso da mão que empunhava a maça e pisou a garganta do soldado. Nessa posição, empurrou o cabo com força inumana, e o rebordo da sua maça irrompeu do peito do adversário num espirro de sangue, destroçando-lhe o esterno e as costelas e tudo o que ficava pelo meio com um nauseante estalido.

Os que viram ficaram retidos, apavorados, mas o thuragar não parou por aí e arrancou a maça do corpo destroçado do soldado. Quando trouxe a arma acima, proferiu um urro tal que todos em redor tiveram a sensação de que o próprio céu iria desabar.

— *KARCR RKA!*

As runas nos cruentos rebordos curvos da sua maça luziram antes de esta embater brutalmente no chão, enterrando-se parcialmente nele e desencadeando um pequeno sismo. Os alicerces das casas de tetos cônicos tremeram, e o chão rebelou-se debaixo dos pés de humanos e thuragar,

causando a queda a todos numa área em redor do impacto da maçã.

Bartilio praticamente já só agia por instinto. Esquecera-se mesmo de Oranela, e o mais importante naquele momento era simplesmente levantar-se, matar o que quer que o atacasse, e fugir dali o mais depressa possível, daquele impensável horror, daquele pesadelo de dias negros de um passado acerca do qual apenas ouvira histórias. Tiesoldo também se levantou, mas foi prontamente atacado por um thuragar que recuperara mais depressa, e apenas se conseguiu esquivar a um golpe antes que b espeto de uma tarja lhe atravessasse a garganta. Bartilio mal registrou o sucedido, tudo o que queria era fugir, mas então algo lhe explodiu nas costas, algo que fraturou a sua coluna com um estalo que se fez sentir pelo seu corpo inteiro, e que o fez cair dessensibilizado ao chão. A sua cabeça embateu de lado, mas mal sentiu o impacto. Pareceu-lhe ouvir Oranela gritar, mas era difícil dizer no meio de tamanha cacofonia, estava completamente desorientado, e não conseguiu virar o pescoço para ver. Não se conseguia mexer, mal conseguia respirar, o seu corpo estava hirto e arqueado para trás. A sua visão desfocada pouco mais via além de pés e pernas que corriam em redor. Um par de escarpins com três espetos nas pontas aproximava-se da sua cabeça, e Bartilio sentiu que a sua morte estava iminente. Naquele momento, deu consigo a desejar que fosse rápido, que ao menos pusesse fim àquela aflição, àquele pânico que lhe contraía os pulmões.

Mas a morte não veio. Os escarpins detiveram-se perto da sua cara, e o que ouviu foram mais gritos da voz rouca que mais parecia provir de baixo de um túmulo de pedra, cujas palavras não compreendia e que contudo ressoavam nos seus ossos como se estivesse a ser lapidado. Os olhos desfocados de Bartilio subiram lentamente para os seus cantos, e o

que viu tê-lo-ia apavorado, não se sentisse já o jovem tão próximo da morte que esta não passava de uma questão de tempo.

O thuragar era careca, tinha uma cara grande e quadrada, com olhos injetados de sangue debaixo de grossas sobrancelhas unidas, e duas tranças negras provenientes de dois crescimentos pilosos separados no queixo, mas o mais perturbador no seu semblante era a ausência de um nariz, em cujo lugar restavam apenas duas cavidades nasais. O rubor das labaredas relevava as irregularidades na pele cicatrizada entre os seus olhos e os dentes expostos do maxilar superior, o que dava a entender que o seu nariz fora arrancado juntamente com parte do rosto. Ao abrir a boca para gritar, o thuragar expeliu saliva, e a falta de lábio superior conferia um esgar medonho à sua expressão. Bartilio não compreendia as palavras, mas de qualquer forma estava demasiado preso pelo grotesco espetáculo da cara do thuragar para lhes prestar atenção.

— Escorraçaram-nos para debaixo de terra como os vermes pelos quais nos têm! — berrou Othragon, o Aesh'alan, empunhando a maça ao alto para incitar os seus guerreiros thuragar. — Relegaram-nos ao frio e à escuridão das cavernas, ocultando-nos do seu *belo* mundo, escondendo a nossa fealdade da luz do sol!

Em resposta, os thuragar urraram do interior dos seus elmos, martelando e matando em fúria.

— Cuspiram-nos em cima, empurraram-nos para as entranhas da terra e deixaram-nos dejetos para comer! Mas tornamo-nos fortes por isso! — afirmou Othragon, batendo no peito com o punho acerado, e soltando um espumoso fio de saliva que lhe ficou a pender de uma das tranças. — Mostrem-lhes o poder dos thuragar! Mostrem-lhes o poder dos filhos das

cavernas! Queimem as suas casas quentes, fruam das suas mulheres bonitas, e matem todos! Que o seu sangue regue a terra que nos protege e dá força!

Os seus guerreiros não precisavam de motivação adicional, mas as palavras do Aesh'alan lançaram-nos num frenesi de berros e aço sangrento. Satisfeito, Othragon baixou a maça e olhou à sua volta, para os cadáveres de cabeças arruinadas, homens, mulheres e crianças, para os gemebundos homens fracos que fugiam e eram mortos de costas, e para as jovens que gritavam desalmadamente enquanto thuragar lhes puxavam os cabelos e apartavam as pernas macias. Uns retiravam-se para o interior das casas, barricando as portas, mas os seus guerreiros pegavam em fachos das fogueiras e pegavam-lhes fogo, ou então arrombavam as portas com os bicos recurvos dos seus martelos. Outros contorciam-se no chão com ossos partidos, e eram prontamente mortos por thuragar armados de longas adagas com bases cuja espessura era de cinco dedos, ou então prolongadamente martirizados com os cruéis espetos das suas tarjas.

— Durante eras comemos vermes, morcegos e lagartos — disse Othragon para si mesmo, contemplando fogo, morte e destruição onde quer que olhasse. — Vivemos no escuro e no frio, caçados como animais sempre que erguíamos as cabeças.

Esfregou o queixo com as costas da manopla para limpar a saliva que sabia ter-se acumulado, e lamentou uma vez mais não poder sentir o cheiro a sangue no ar. Não podia sentir cheiro algum, nem tão-pouco o sabor; fora essa a sua Oblação antes de se tornar um Aesh'alan. Comer sempre fora o seu grande prazer, degustar os sabores de tudo o que os seus homens pilhavam na superfície, de tudo o que era inexistente nos insossos subterrâneos nos quais sempre vivera. Quando foi privado do seu nariz,

tornou-se efetivamente cego na perpétua noite das cavernas, pois sem poder sentir os odores, o mundo no qual vivia tornou-se inodoro além de incolor, privando-o de todos os sentidos além da audição e do apurado tato dos thuragar. Por essa razão, Othragon deixou-se imergir naquela torrente de sons e imagens de violência, sentiu-se quase embriagado pela rara e preciosa luz do fogo que lhe permitia ver tudo aquilo.

— Para o abismo contigo, Seltor — murmurou o Aesh’alan de dentes arreganhados, pensando em voz alta como muitos thuragar o faziam no solitário mundo subterrâneo. — Não precisei de ti para preparar a queda de Nolwyn, e estou demasiado longe de ti para que sejas uma ameaça. Já não deténs o poder de outrora.

O thuragar passou os dedos acerados pela rugosa pele entre as suas cavidades nasais e os seus dentes, recordando a dor de ter a cara esfolada pela dádiva de poderes negros e para uma vida de servidão. E rosnou.

— Senti o teu regresso, todos o sentimos, mas não te dignaste sequer a falar-me. Esperavas certamente que a minha obediência cega continuasse — reiterou, como se O Flagelo estivesse a ouvir, e subsistia a possibilidade de que efetivamente estava, agora que regressara. — Fica com o adulator do Nishekan. Não preciso de ti. Tenho os meus thuragar, e não mais seremos usados. Nolwyn será nosso...

O rapaz aos seus pés chamou-lhe a atenção, pois fitava-o com olhos de um animal em pânico. A posição em que se encontrava era patética, e praticamente suplicava por um fim ao seu sofrimento. Othragon sorriu, e o seu sorriso era algo terrível e grotesco de se contemplar.

— Nunca quiseste saber como uma toupeira se sentia, humano? — indagou o Aesh’alan com um Glottik falado como se estivesse prestes a

cuspir, tanto devido ao sotaque como pelo desagrado que a língua dos humanos lhe causava. Um passo de placas de metal a rasparem, e os espetos do seu escarpim direito ruborizado pelas labaredas das fogueiras ficaram a escassa distância dos olhos do jovem.

Os berros de morte em redor iam escasseando, substituídos pelos gritos desesperados das aldeãs que se encontravam às mãos dos thuragar. Othragon não lhes deu atenção.

— Diz-me: qual foi o teu desejo? — perguntou Othragon, inclinando-se ligeiramente. Não havia qualquer sarcasmo ou malícia na sua voz, apenas desprezo e ódio triunfante. — Não consegues falar? As toupeiras também não. Mas nós, os thuragar, falamos. E não merecíamos ser tratados como toupeiras, como vocês nos trataram. Agora é a vossa vez.

Othragon girou a enorme maça na sua mão e deixou-a de cabeça para baixo, empunhando-a como uma batedeira de manteiga. Ergueu ligeiramente o braço, e ficou desapontado quando o humano nem sequer fechou os olhos quando a sombra dos rebordos lhe cobriu a cara. Othragon baixou a arma e inclinou a cabeça para o lado, parecendo ponderar enquanto um fio de saliva lhe escorria pelo canto da boca.

A última coisa que Bartilio viu foi o escarpim munido de espetos vir contra a sua cara.

REFUGIO

Graças à Mãe e a todos os deuses, a barça agüentara.

O Mar Norreno era implacável e impiedoso, com águas frias e cinzentas como aço que se pareciam unir com o céu plúmbeo na tênue linha do horizonte. As ondas encapelaram-se durante dias a fio, obrigando Quenestil, Deadan e os Eahlan a despejarem constantemente a água que entrava, e houve dias em que todos dormiram com os vertedouros nas mãos. Praticamente não houvera lugares secos na embarcação, e esses haviam sido reservados às mulheres, e sobretudo a Slayra, de todas a mais martirizada devido à sua condição. A barça nunca fora revirada, mas quatro eahlanas e duas crianças tinham-se perdido no mar, e mal houvera tempo de lamentar mais esses mortos, pois a sobrevivência de todos estivera em risco durante mais tempo do que qualquer um fora capaz de contar. Pareceram meses, mas não podia ter sido mais do que uma semana, caso contrário estariam todos certamente mortos, e as já quase inexistentes provisões de peixe seco, pão e cerveja de centeio há muito que se teriam esgotado.

Por fim, a interminável tempestade invernal amainara, a sua fúria exaurida, e todos puderam finalmente ceder à exaustão que havia muito lhes pesava nos membros e que apenas a força de vontade e os mais primários instintos de proteção tinham conseguido retardar. Quenestil deixara-se simplesmente cair quando o perigo passara, conseguindo ainda cobrir-se com uma manta, e a sua cabeça encontrava-se sobre o peito de um eahlan que labutara a seu lado. O seu pescoço estava torto, mas o shura estava muito para além da condição física que lhe permitiria sentir-se incomodado

com a posição. Deadan, que entretanto removera o seu arnês, estava estendido sobre a carlinga, um dos pontos mais expostos da embarcação, e havia um eahlan em posição fetal debaixo dele, tendo-se aproveitado do enorme corpo do siruliano e da manta deste como um teto improvisado. A sua cabeça roçava o mastro que fora despido no início da tempestade, e um dos seus braços estava estendido de lado, revelando a palma da mão calejada e ferida pela incessante labuta. O que restava do interior do barco estava coberto pelo toldo improvisado com a vela da barça, que cobria uma série de corpos aglomerados e aninhados uns sobre os outros.

Anoitecera havia pouco tempo, mas todos a bordo dormiam desde a noite anterior, tendo passado o dia inteiro em profundo sono restabelecendor. As nuvens desapareciam lentamente do céu, e o luar ia irrompendo delas a custo, banhando o mar e a barça com a sua plácida brancura. As sobrancelhas ruivas de Quenestil mexeram-se ligeiramente, e as suas pálpebras tremeram, apartando-se então para revelarem desfocados olhos cinzentos que de início apenas captaram o esbatido luar no céu. Após alguns momentos a olhar distraidamente para o vazio, a mente de Quenestil começou a despertar, e o eahan mexeu ligeiramente a cabeça para olhar em redor. A dor que sentiu no pescoço foi o suficiente para que cerrasse os olhos, e os seus movimentos causaram um gemido que vibrou pelo sítio no qual tinha a nuca assente. Assentar os cotovelos nas úmidas pranchas e erguer o tronco foi um esforço quase sobre-humano, e os ossos do shura protestaram com aguda veemência.

Onde...?

Ah, a barça. Ainda subsistira o desejo subliminar de que tudo não passara de um pesadelo, a fugaz esperança que só um despertar podia trazer

em semelhante situação, porém rapidamente esmagada pelo odor salino no ar e uma sensação opressiva de que estava fora do seu meio. Estava sempre presente, esse sentimento análogo ao que qualquer animal da montanha sentiria se fosse atirado para o meio do mar. Quenestil deu repetidas graças à sua experiência com o druida azul, pois caso contrário teria provavelmente passado a viagem inteira a vomitar, mas isso fora meses atrás, e continuava a sentir-se tão pouco à vontade como da primeira vez. Infelizmente, essa fora a menor das suas preocupações nas últimas semanas, e Quenestil surpreendeu-se pelo fato de conseguir sequer estar a pensar em algo tão mesquinho, atendendo às circunstâncias. Sacudiu a cabeça e acorcorou-se, deixando os músculos queixarem-se à vontade e cerrando os olhos ao fazê-lo. As suas articulações estavam perras, o pescoço dolorosamente tenso, e cada fibra do seu corpo implorava por repouso. Quenestil não lhes deu ouvidos, apoiou as mãos sobre os joelhos, e ergueu-se esticando os seus braços trêmulos como um gato velho, passando de seguida para as costas.

«Dói-me tudo...», lamentou-se o shura num breve momento de autocomiseração, que rapidamente reprimiu ao olhar para Deadan.

A enorme silhueta do siruliano era palidamente iluminada pelo luar, dando à sua cara virada de lado uma serenidade como Quenestil nele nunca vira. O jovem fora um verdadeiro gigante durante os dias de tempestade, estivera em todo o lado, não parara um único instante. Ninguém podia ser acusado de não se ter esforçado, mas Deadan fora o exemplo que todos tinham seguido, embota Quenestil fosse o líder nominal do grupo. O shura teve o cuidado de não fazer barulho ao aproximar-se dos eahlan, mas como qualquer siruliano que se prezasse, Deadan tinha nervos tensos como um fio de aço, e a sua cabeça ergueu-se bruscamente, retendo Quenestil com

um olhar que não parecia distinguir amigo de inimigo. Os dois fitaram-se durante alguns momentos até o jovem reconhecer por fim o eahan.

— Passa-se alguma coisa, Quenestil Anthalos? — indagou Deadan em voz baixa, sempre pronto.

— Não. Vou só ver como estão todos. Dorme — aplacou-o Quenestil com um gesto da mão, passando então com cuidado por cima de um eahlan estendido no chão. Não olhou para trás, mas ficou com a impressão de que Deadan o observava atentamente. Ainda estava para conhecer um siruliano que fosse capaz de se descontrair ou convencer de que não havia perigo. Não que o culpasse, atendendo ao que se passara nos últimos tempos.

Algo de primordial rugiu nas profundezas da sua mente, mas Quenestil reprimiu-o. Não. Não agora. Não se podia dar a esse luxo, não quando as suas energias eram necessárias para que os eahlan sobrevivessem àquela provação. A fúria que nele ardia por Tanarch teria que esperar, os vis traidores teriam que esperar. Mas não perdiam pela demora...

O tossido de uma criança despertou o shura dos seus vingativos pensamentos, e Quenestil ajoelhou-se perto daquele que pareceu ser o seu ponto de origem, pegando na borda da vela e erguendo-a ligeiramente para espreitar. Estava demasiado escuro para ver, mas distinguiu o vulto de uma criança que se mexia. Dizia coisas em Eridiaith que, embora o eahan não compreendesse as palavras, invocaram nele sentimentos de angústia e desconforto. A língua dos eahlan era mágica, sendo um dialeto abastardado d'A Palavra, e as suas palavras portavam um significado universal e empírico mesmo para quem não sabia a língua. A criança estava deitada sobre uma perna, talvez a da sua mãe ou irmã, ou possivelmente a de uma mera

conhecida, pois a tempestade fizera ainda mais órfãos que os que já havia. Quenestil afagou a cabeça de cabelos brancos, o que pareceu sossegar a criança, e tornou a erguer-se, ignorando as queixas dos seus joelhos. Seis homens, doze mulheres, e seis crianças, era o que restava da família Lasan, a única que ousara permanecer perto de Asmodeon, na esperança de um dia poder regressar ao seu lar ancestral. Saíra-lhes cara a sua perseverança.

Quenestil estudou a vela e tentou estimar o local onde Slayra se poderia encontrar; provavelmente o mais abrigado, à proa. Não podia simplesmente caminhar por cima dos eahlan, e também não queria começar a acordar todos só para uma conversa desconfortável com Slayra e mais sentimentos contraditórios, mas... tinha que a ver. Saber se ela e o seu... se ela e o bebê estavam bem. Pelo menos isso. Antes que desse por si, sentou-se na borda da embarcação e começou a arrastar-se de lado, sem paciência nem força para um movimento mais rápido ou dignificante. Pareceu-lhe sentir o peso dos olhos de Deadan, mas não olhou na sua direção e arrastou-se até à proa da barça. Estendendo a mão, Quenestil ainda hesitou antes de por fim agarrar a ponta da vela e levantá-la, descobrindo Slayra. A eahanoir parecia ter conseguido encontrar a posição certa, o que fora facilitado pelas mantas adicionais oferecidas pelos eahlan, uma das quais a cobria dos pés à cabeça, mas os seus luzidios cabelos negros eram inconfundíveis, ainda que sujos e pesados como estavam. O jorro de luar despertou Slayra, o seu cocuruto mexeu-se, e quatro dedos pálidos surgiram da borda da manta, puxando-a para baixo e revelando um par de olhos que, mesmo semicerrados, não conseguiam ocultar a claridade do seu azul.

— Quenestil...? — disse a eahanoir fracamente com voz rouca.

— Estás bem? — quis o shura saber, o seu semblante desprovido

de emoção.

— Eu... — Slayra esfregou os olhos e apertou o nariz antes de tornar a olhar para Quenestil. — Sim. Acho eu. As dores vão e vêm. Onde estamos?

— Descansa. O perigo já passou. — Não era necessariamente verdade, mas não lhe ocorreu nada mais para dizer. Os dois ficaram a fitar-se mutuamente durante o que pareceram ser longos momentos, até Quenestil baixar a vela sem mais uma palavra.

O eahan retrocedeu pela borda da barça mais depressa do que viera, assentou os pés no casco, virou-se para o mar e apoiou as mãos sobre a borda, baixando a cabeça. Como pudera ela trair a sua confiança de tal forma? Como...?

— Que fazemos agora, Quenestil Anthalos? — ouviu a voz de Deadan atrás de si.

Grato por uma desculpa para fugir aos pensamentos que o atormentavam, o eahan deu-lhe a sua total e imediata atenção. Após uns primeiros dias de verdadeira letargia e poucos ou nenhuns sinais de vida enquanto olhava desoladamente para Sul, para Gul-Yrith, para os seus irmãos e companheiros que fora forçado a abandonar, Deadan despertara para um novo propósito. Defender a família Lasan era agora a sua razão de ser, a única coisa que o apegava à vida. O jovem siruliano parecia envelhecido, e por muito difícil que fosse de acreditar, olhando para a dura disciplina patente nos seus olhos azuis, não podia ter mais do que dezoito anos. Na Sirulia tivera o estatuto de Ajuramentado, um mero recruta, algo evidenciado pelo corte do seu cabelo castanho penteado para a frente e aparado na nuca, mas em qualquer outra nação seria provavelmente um

soldado de elite. Apesar de tudo, era bom tê-lo como companheiro, pois embora se limitasse a obedecer a ordens sem nunca nada alvitrar, assegurava-se de que estas eram cumpridas com a maior eficácia. Se não fosse por ele, muitos mais eahlan teriam morrido.

— Já só temos comida para um dia, mesmo que a racionemos ou que alguns de nós fiquem sem a sua porção. — Era bom fincá-lo, pois Deadan já por várias vezes passara sem comer, o que em última análise de nada servia. Precisavam da força dele. — Água, felizmente, não falta. Mas cedo ou tarde, teremos que ir para terra.

— Tem algum destino em mente?

Boa pergunta. Escolhera a Wolhynia por ter viajado por ela no passado durante a sua Batida, a demanda na qual um shura procura o animal ao qual se deve vincular segundo o seu caráter e o ditame da Mãe. Porém, nunca passara das regiões a Sul, em cujas montanhas encontrara um volverino, matando-o para se vincular a ele e partindo pouco depois. Ainda que escassa, a sua experiência com os wolhynos que encontrara fora positiva, sobretudo o seu contato com as gentes rupestres e de aldeias monteses. Aprendera um pouco da língua e tivera a distinta sensação de que os seus cabelos o tinham marcado mais como criatura exótica do que as suas orelhas pontudas, mas pouco mais além disso. Ficara contudo com a impressão de que não era uma nação hostil, e naquele momento era isso o mais importante. Todavia, aonde ir? Encontravam-se diante da costa norte da Wolhynia, provavelmente muito longe dos domínios que Quenestil conhecera, e as escabrosas falésias ao longo do litoral eram tudo menos convidativas, parecendo mesmo ameaçadoras ao luar, que iluminava as rochas diante das quais a calema espumava. Encontravam-se a meio do

Inverno, estava frio e não tinham comida para mais que um dia. Se estivesse sozinho, essa não seria uma preocupação, mas ter que caçar para vinte e seis outras pessoas ser-lhe-ia difícil nas melhores condições, e quase impensável nas presentes,

Não, não devia pensar assim. Havia alces na Wolhynia, vira alguns nas florestas, bem como renas. Eram animais de grande porte. Bastaria caçar um deles, encontrar um local abrigado, e poderiam sobreviver. E depois?

«E depois logo vemos. Uma coisa de cada vez...»

— ... a ouvir-me?

— Enh? Desculpa, Deadan. Estava a pensar. Vamos para terra assim que virmos uma abertura. Depois procuramos abrigo e eu vou ver se caço alguma coisa para nós.

Deadan assentiu com um grunhido. Nunca precisava de grandes explicações, o jovem siruliano. Era uma qualidade, sem dúvida, sobretudo quando quem dava ordens não sabia ao certo o que raio estava a fazer. Procurar abrigo. Genial. Grande líder. Ir-se-iam todos refugiar gemebundos num qualquer buraco, escondendo-se dos perigos que os ameaçavam. O clima era o seu pior inimigo de momento, pois os eahlan não estavam devidamente agasalhados para o enfrentar, mas também não se podia esquecer de outra ameaça bem mais insidiosa.

Tannath.

O desgraçado regressara dos mortos — pior, em aparente conluio com O Flagelo — e queria vingança. Estivera prestes a consegui-la, mas ao ver Slayra optou por algo mais perverso. Deixara-os viver, sabendo muito bem que a ominosa sombra da sua ameaça os iria perseguir aonde quer que

fossem. Quenestil fechou o punho direito enfaixado e ergueu-o diante da sua cara. Tannath furara-lho com uma das suas próprias flechas, mas o involuntário tratamento diário de água salgada parecia ter impedido qualquer infecção, embora lhe tivesse igualmente deixado a pele dos dedos estalada e a sangrar. O eahanoir já antes fora um inimigo mortal, e o combate entre ambos durante a batalha de Aemer-Anoth podia perfeitamente ter acabado de outra forma, mas agora estava mais perigoso do que nunca, e Quenestil não tinha a certeza de o conseguir vencer uma segunda vez. Por cima de tudo isso, ainda jurara vingança contra Tanarch, mas não fazia idéia de como poderia sequer começar a levá-la a cabo, não com vinte e quatro refugiados, um siruliano apático, Slayra e... o bebê. Ambos podiam morrer se o parto se desse no ermo do Norte da Wolhynia, e a gravidez da eahanoir parecia mais avançada que o que seria de esperar, tendo em conta o tempo decorrido. Segundo as suas contas, não podiam ter passado mais do que sete meses desde que Slayra anunciara a gravidez. Mas ela ocultara-lhe a verdade. O que acontecera em Jazurrieh...

Não, agora não. Já era suficientemente mau o estar a agir quase por instinto, não se podia também distrair com considerações que apenas levavam a problemas que de momento não se encontrava apto a resolver. Tinha que...

Algo no oceano chamou a atenção do shura, que tirou a sua mão ferida da frente da cara. O luar incidia sobre a água, pavimentando uma trêmula estrada selênica que atravessava a barcaça e que ia até à irregular costa, recaiando naquilo que, debaixo de um olhar atento, revelou ser uma baía. Ter-lhe-ia passado despercebida noutras circunstâncias, pois a rocha das falésias e a areia eram escuras, e a baía era pequena, mas havia algo mais:

fumo. Uma delgada gavinha branca serpenteava diante dos contornos das montanhas coroadas de branco, discretamente alumiada pelo luar.

— *A lua ilumina o vosso caminho* — pareceu-lhe ouvir a voz da nayana, a serva da Mãe que o abordara e a Slayra naquele entardecer na aldeia de Vau do Caar.

— Deadan? — disse em voz alta, desta vez sem se preocupar com os eahlan que dormiam.

— Sim, Quenestil Anthalos? — respondeu prontamente o siruliano.

— Pega nos remos e começa a acordar os outros. Vamos para ali. Deadan olhou para onde o shura apontava, semicerrando os olhos, e assentiu com um gesto afirmativo da cabeça. Desde que tivesse algo para fazer, o jovem parecia sentir que ocupava o seu devido espaço no mundo, o que aparentemente o fazia esquecer os seus tormentos. Quenestil foi buscar um remo ao mastro e acordou com menor delicadeza os eahlan que dormiam estendidos pelo seu caminho.

— Acordem. Vamos para terra — repetiu várias vezes enquanto Deadan erguia delicadamente a vela para despertar as mulheres e as crianças.

Os eahlan acordaram estremunhados, mas nenhum se queixou. Estavam habituados a uma vida calma e harmoniosa, mas todos davam mostras de uma notável adaptabilidade, ou então resoluta resignação. Quenestil posicionou o seu remo e foi buscar outro, concentrando-se na presente tarefa e dando palavras de encorajamento aos eahan brancos, tentando por sua vez esquecer as da nayana.

— *...e a minha bênção manterá os vossos corações resolutos e unidos...*

Com seis homens cansados aos remos, a barcaça foi avançando lentamente na direção da baía. O mar estava calmo e não oferecia qualquer

resistência, e os eahlan estavam todos acordados e aninhados à proa. Cercados pelos seus serventes, o Patriarca Hanal e a sua esposa Eluana abraçavam os seus filhos Talin, Lusia e Alisa, enquanto Slayra se encontrava protetoramente rodeada de eahlanas, incluindo a sempre complacente Sana. Estavam todos cansados, e muitas crianças tinham tornado a adormecer ao colo, mas seguiriam qualquer ordem de Quenestil enquanto tivessem forças para o fazer, e essa predisposição assustava o shura. Estava habituado a trabalhar sozinho, e quando em grupo tinha por hábito deixar as decisões a cargo de outros. Isto para não falar do que acontecera da última vez que assumira o comando, quando ele e Babaki se tinham aventurado em Jazurrieh...

Mas não havia nada a fazer. Hanal era um líder nato, mas fora da sua estância estava como um peixe fora de água, e apenas poderia ajudar a gerir o grupo. Deadan pouco mais fizera na sua vida até então além de obedecer a ordens, e essa postura não se parecia vir a alterar tão cedo. Restava ele, portanto. Para bem ou para mal.

— Vão já preparando os mantimentos que nos restam — pediu aos eahlan enquanto remava. — E façam uma trouxa para as armas. Podemos vir a precisar delas.

Quenestil e Deadan tinham trazido um espólio de armas após terem atacado e matado um grupo de tanarchianos na devassada herdade siruliana na qual haviam esperado encontrar refúgio e segurança. Duvidava que membro algum do séquito dos Lasan soubesse sequer usar uma arma, muito menos o Patriarca ou o seu filho Talin, mas teriam que estar prontos para tudo. Não sabia como eram os habitantes do Norte da Wolhynia, ou se esses eram sequer wolhynos e não bárbaros tribais, pelo que não podia pôr

de parte uma eventual recepção hostil. O shura rezava à Mãe para que assim não fosse, para que não tivessem fugido de um perigo para outro, embora ao menos este fosse meramente hipotético.

A baía da qual se aproximavam era flanqueada por dois pequenos promontórios denteados com vigilantes leixões diante deles, e atrás destes agigantavam-se as montanhas, que pareciam cercar a área. Uma delas descia abruptamente, e era aos seus pés que a baía se aninhava, o que tornava impossível qualquer acesso a esta pela costa ao longo da terra. Estava demasiado escuro para ver, mas Quenestil ficou com a noção de que haveria um trilho ou vale entre as montanhas que serviria de saída, e ainda que assim não fosse, pelo menos poderiam passar a noite em terra firme e seca. Um regato que parecia vir das montanhas escorria por um dos lados do promontório e desembocava na pequena praia abrigada.

— Preparem-se. Vamos aterrar — avisou Quenestil, largando o seu remo e erguendo-se. — Deadan, vem ajudar-me.

— Fiquem sentados — tomou o siruliano a liberdade de avisar. — Senão podem cair.

Os dois dirigiram-se à proa da barça, e os olhares de Quenestil e Slayra não puderam deixar de se cruzar. Uma das suas acompanhantes eahlanas estava a dizer-lhe algo, mas a eahanoir não parecia estar a prestar-lhe atenção, e fitou Quenestil com um ar expectante. Porém, o shura nada fez ou disse, e não tardou a virar a cara para a praia, pousando a mão na borda da embarcação. O saibroso areal aproximava-se, e o eahan esperou que seguisse a tendência alcantilada da montanha e fosse suficientemente inclinado para que não tivesse necessidade de saltar para a água e puxar o barco. A água devia estar gelada, e após dias a fio de tempestade a última

coisa que queria era ficar molhado outra vez. A Mãe ou um dos deuses atendeu às suas preces, pois o barco deslizou facilmente pelo saibro antes de encalhar com um brusco ruído raspante, e Quenestil e Deadan apenas tiveram que molhar os pés para puxar o suficiente para que os outros pudessem sair. O siruliano servia de elevador humano, transportando crianças aos braços e ombros com todo o cuidado de uma mãe, embora deixasse quase todas as mulheres a cargo de Quenestil e de quem mais quisesse ajudar, pois mantinha o pudor que os sirulianos reservavam às eahlanas. Parecia ter medo de as engravidar com um toque, um pejo que lhe fora incutido pelos seus superiores e pelos seus ensinamentos desde o dia em que nascera. A única mulher que ajudou foi Slayra, que a seus olhos estava uns meros escalões acima de escumalha d'O Flagelo, embora a assistência das eahlanas o fizesse sentir-se pouco à vontade. Quenestil também ajudou, apesar de a proximidade de Slayra lhe causar um evidente desconforto, e afastou-se prontamente assim que a eahanoir ficou com os dois pés bem assentes no saibro.

Porém, Slayra curvou-se de repente, grunhindo e levando as mãos à barriga, e Quenestil voltou para trás tão depressa que tropeçou no saibro escuro, levantando-se atabalhoadamente de seguida.

— O que é que foi? — perguntou com ambas as mãos erguidas, mantendo-as perto da eahanoir sem contudo lhe tocar.

— A minha barriga... — grunhiu Slayra de olhos cerrados, apoiando todo o seu peso nos braços das eahlanas que a agarravam.

Gerou-se um grande alvoroço em redor da eahanoir, e o efeito calmante que as palavras proferidas em Eridiaith poderiam ter foi cancelado pela cacofonia de vozes acompanhadas de excitadas exalações condensadas.

Quenestil não sabia o que fazer e olhava alternadamente para as eahannas brancas à volta de Slayra, esperando que alguém lhe explicasse o que se estava a passar. Eluana veio então, caminhando com autoridade matriarcal e impondo a calma.

— Acalmem-se. Não fiquem todas em cima dela, agarrem-na só. E não falem todas ao mesmo tempo — disse a eahlana, pegando na cara de Slayra. — Slayra, querida, respira fundo. Ainda é demasiado cedo. Respira fundo.

— Dói... — queixou-se a eahanoir, tentando a custo fazer como Eluana lhe dissera.

Ainda a agarrar-lhe a cara, a eahlana começou a falar maviosamente em Eridiaith, e as suas palavras irradiaram como anéis de água no meio da agitação, evocando sensações de repouso, quase sonolência. Slayra começou a inspirar e expirar irregularmente, e os seus músculos foram lentamente relaxando de cima para baixo, aplacados pelas ondas propagadas pelas ternas festas de Eluana na sua cara.

— Pronto, minha querida, pronto. Já passou.

— Tem-me... doído... ultimamente — disse a eahanoir a meio de vaporosas exalações no frio ar da beira-mar.

— Ainda é cedo — assegurou-lhe Eluana com uma última festa. — Só precisas de descansar num sítio seco, calmo e quente. Todos nós precisamos.

Quenestil assentiu, tomando as palavras da matriarca como a sua deixa para se afastar. Estava de fato muito frio, e os trêmulos eahlan aconchegavam-se às mantas, que não eram feitas para caminhadas. Tinham que encontrar quanto antes um sítio onde pernoitar, mas também não se

podiam aventurar desprecavidamente numa área desconhecida. Como se tivesse lido a sua mente, Deadan requisitou o auxílio de dois eahlan para vestir o seu arnês, e Quenestil foi buscar o seu arco. As armas tanarchianas estavam morbidamente envoltas nas capas dos homens às quais tinham sido pilhadas, mas o shura não pôde deixar de sentir que era errado pôr uma arma nas mãos dos eahlan. Pelo menos enquanto tal não fosse estritamente necessário, pois a seu ver era mais um sinal de que o mundo se estava a tornar um lugar negro — obrigar seres tão puros a empunharem aço cruel —, pelo que apenas pediu que as tivessem à mão, ainda que embrulhadas. Esperou até que Deadan estivesse pronto e de espadão às costas, e ajeitou o arco ao ombro, tomando a dianteira.

— Patriarca, eu vou à frente — disse a Hanal. — Tenha a bondade de orientar o grupo. Deadan, fica com eles.

Antes que os dois tivessem tempo de fazer outra coisa além de assentir, o shura foi em frente, adiantando-se consideravelmente ao grupo. Não soube dizer quanto da sua ação se deveu à pressa de bater o terreno em busca de um local seguro, e quanto à quase aflitiva premência que sentia de ficar um pouco sozinho. Quenestil era um guerreiro do ermo, sempre fora, e embora fosse perfeitamente capaz de agir em grupo, não era um eahan gregário, e as semanas enfiado num barco com tanta gente não tinham sido fáceis. Precisava de desanuviar, de ter tempo para os seus pensamentos, e assim que viu a extensão de terra firme à sua frente, o impulso foi mais forte do que ele, levando-o a percorrer a pequena praia saibrosa a apressados passos, deixando o grupo para trás. O areal estava cercado pelas altas paredes das falésias, mas havia uma saída na forma de um trilho entre dois barrancos, fendidos ao longo dos tempos pelo ribeiro que entre eles fluía.

Antes que para lá se dirigisse, reparou num grande recesso numa das falésias, que não chegava a ser uma caverna, mas que serviria como abrigo. Porém, este encontrava-se ocupado por três barcos.

Era a confirmação de que a área estava habitada. Quenestil aproximou-se dos barcos para os estudar mais atentamente. Embora não se considerasse grande avaliador e tivesse muito poucos termos de comparação, não lhe pareceram obra de mãos barbáricas, ou pelo menos não foi essa a impressão que lhe deram. Estavam amarrados a pesadas pedras e eram de construção simples, mais pequenos que a barcaça siruliana e mais alongados, mas a olho nu não distinguiu neles nenhuma outra característica distinta. O grupo aproximava-se, talvez pensando que o shura já decidira onde iriam pernoitar, mas Quenestil afastou-se dos barcos e fez sinal de que iria continuar, dirigindo-se então para o trilho entre os dois barrancos. Estava escuro no meio das paredes rochosas, mas o luar providenciava suficiente luz ambiente para que o eahan se conseguisse orientar, e foi mesmo capaz de distinguir o que parecia ser um trilho calcado ao longo dos anos num dos flancos do ribeiro. Este fluía calmamente, e provavelmente a sua fonte congelara, pois embora não tivesse ar de ser muito grande sequer na Primavera, naquele momento era pouco mais que um fio de água. O trilho continuava, estendendo-se relativamente a direito, e começava a tornar-se ligeiramente mais acidentado, apresentando-se como um caminho verdadeiramente difícil mais à frente. Porém, graças a um truque das sombras, Quenestil apercebeu-se de que, atrás de um penedo, havia uma vereda secundária que subia para trás pela parede à sua esquerda, e sinalizou ao grupo que deveriam subir. Havia toros de madeira apodrecida cravados na terra batida nesse trilho, sinal de que estavam no caminho

certo. Quenestil subiu-o a passos largos, alçando os joelhos doridos com sucessivos grunhidos condensados através do nariz.

Quando chegou ao topo, deparou com uma extensão de terra plana que não fora perceptível a partir do mar, pois vista de lá teria parecido um espaço ininterrupto entre a íngreme descida das montanhas até à costa. Era circunscrita pelo nivelamento dos pés da montanha a Norte, a extensa falésia ao longo do litoral a Sul, o ribeiro a Leste e um alcantil montanhoso a Oeste. Além da vereda que Quenestil acabara de usar, a única saída parecia ser um pequeno trilho montanhoso a Nordeste. Era uma área abrigada, e no meio dela encontrava-se uma grande habitação, da qual o fumo provinha, bem como um outro edifício, mais pequeno. Nada mais havia em seu redor além de vultos que pareciam pertencer a ovelhas, que dormiam deitadas no tapete de relva queimada pelo frio com algumas bolsas de neve espalhadas em redor. Não se tratava da aldeia de bárbaros que temera, mas sim de uma simples quinta. Graças à Mãe. Atrás de si, ouviam-se os ruídos do cansado grupo a subir pela íngreme vereda, e assim que a primeira cabeça surgiu, Quenestil ergueu a mão, sinalizando por silêncio. A sua mensagem foi rapidamente passada, e o grupo subiu o resto da distância sem trocar palavra e a passo cauteloso, deixando um trilho de respirações vaporíferas. Nem mesmo as crianças faziam barulho. Quando estavam por fim todos reunidos como ovelhas ao frio, Quenestil virou-se para Hanal e Deadan.

— Eu vou até àquela casa — explicou, indicando a habitação. — Ver se é seguro. Não deve haver problema, mas se alguma coisa me acontecer, fujam para o barco, depressa mas sem fazerem barulho. Ouviste, Deadan?

Já arnesado, o jovem siruliano fez que sim com o elmo de viseira

virada para cima, e esse mero gesto fez o metal ranger. Apesar de todos os seus cuidados, era possível que as dobradiças tivessem enferrujado durante os dias de chuva.

— Mas não se preocupem — acrescentou ao ver a preocupação nos serenos e afadigados semblantes dos eahlan. — Os wolhynos são gente hospitaleira.

Não era propriamente uma mentira, mas também não podia garantir que fosse a verdade. Os wolhynos que conhecera haviam sido pacíficos e amigáveis, mas também se lembrava da corpulência de alguns dos homens que vira, bem como dos machados que estes alegadamente apenas usavam para cortar madeira. Além disso, não se podia esquecer das histórias que ouvira acerca da Floresta das Sombras, e do temeroso legado que os soldados da Wolhynia haviam deixado escrito com sangue de drahregs.

— Se tudo estiver bem, depois chamo-vos — disse, evitando propositadamente o olhar de Slayra e dirigindo-se então à quinta.

As lanosas ovelhas que estavam deitadas seguiram os seus passos com olhares pouco inteligentes, algumas balindo à laia de boas-noites, mas nenhuma se assustou com a sua presença. À medida que se ia aproximando da habitação, Quenestil ia distinguindo tênues e abafados ruídos domésticos. O edifício principal era baixo, estreito e oblongo, e três divisões adicionais estavam ligadas a ele, uma partindo diretamente de uma das pontas, e as outras duas perpendicularmente acopladas. Todas tinham um exterior de turfa de inclinados telhados de quatro águas, sobre um dos quais se encontrava uma ovelha a dormir. A entrada encontrava-se debaixo de uma empena perto de uma das pontas, ao pé da qual o solo estava pavimentado com pedras. O revestimento de turfa dava a impressão de que

a estrutura crescia do próprio solo, um montículo no meio da extensão plana de piso acidentado. O seu comprimento total não devia exceder uns trinta passos, e Quenestil estimou que nela caberiam uns vinte habitantes. Mais próximo, constatou que na base dos telhados havia uma fila de buracos dos quais emanavam os ruídos caseiros, e que os alicerces eram de pedra, embora estivessem quase completamente tapados pela relva da turfa que cobria o edifício.

Encaminhando-se para a entrada, o eahan hesitou diante desta, incerto quanto ao que fazer. Olhou para o lado e viu o reflexo do luar no arnês de Deadan, que se destacava no meio dos vultos aglomerados dos eahlan. Todos dependiam dele. Maldição.

Quenestil vasculhou os cantos mais esquecidos da sua memória em busca do pouco Hjrutmalv que aprendera durante a sua estadia na Wolhynia, inspirou fundo e ergueu a cabeça.

— *Goldid!* — gritou aquilo que recordava ser uma saudação noturna.

Os ruídos não cessaram, e apenas as ovelhas lhe deram atenção, virando as orelhas na sua direção. O shura pigarreou e tentou uma segunda vez.

— *Goldid!*

A ovelha que dormia no telhado acordou e olhou para Quenestil com ar recriminador, mas do interior não se ouviu qualquer reação. Ligeiramente arreliado, o eahan ergueu o punho cerrado, que tremeu ao hesitar, antes de bater duas vezes à porta.

— *Goldid!*

Os fiapos de vapor jorrados pela sua palavra esfumaram-se no ar frio. Nada.

— Oh, que porra... — Quenestil esmurrou a porta três vezes com força. — *GOLDID!*

As vozes calaram-se então, e o shura arrependeu-se de imediato da sua impetuosidade, temendo que ainda pudesse causar problemas. Afastou-se um passo da porta, e questionou-se quanto ao quão ameaçador pareceria, com o arco ao ombro, o facalhão à anca, a mão ligada e os cabelos desgrenhados, que já estavam demasiado compridos para o seu gosto.

— *Goldid* — disse uma última vez, apenas alto o suficiente para que alguém do outro lado da porta o pudesse ouvir.

Ouviu passos e ruídos que se aproximavam, e passou a mão pelo cabelo de forma a parecer minimamente apresentável, o que ainda assim teve a distinta impressão de não conseguir. A voz de homem que passou através da madeira perguntou-lhe quem era, ou algo parecido. O seu Hjrutmalv estava bastante enferrujado, e de qualquer forma nunca fora grande coisa. Felizmente, havia uma coisa da qual se lembrava, que a língua dos wolhynos podia ser extremamente metafórica, embora as metáforas em questão fossem por norma usadas para dar cor e complexidade a termos simples, e não o contrário. Ainda assim, fazendo uso dos seus conhecimentos básicos, talvez conseguisse elaborar uma frase minimamente inteligível.

— Somos pessoas que vêm do... grande azul. Não metemos coisas na boca por dias e estamos com pernas pesadas. Podem ajudar?

A frase foi dolorosa até para Quenestil, que fechou os olhos e virou ligeiramente a cara, mas ninguém se riu do outro lado. Ouviu uma outra voz dizer algo, e outras tantas aproximarem-se. O seu tom parecia indeciso e desconfiado, embora não imediatamente hostil. O shura optou por nada

mais dizer, com receio de ser mal entendido e, pronto para tudo, foi com um misto de ânsia e antecipação que viu a porta ser aberta.

A primeira cara que viu era longa e angulosa, com pele vermelha iluminada pela lamparina de pedra a óleo que o homem empunhava. Tinha cabelos e sobrancelhas brancos como os de um eahlan, mas o seu semblante estava muito longe de ser sequer minimamente bem-parecido. Os seus olhos azuis eram estreitos, os seus lábios finos tinham feridas rúbeas, e as pequenas orelhas avermelhadas afastavam-se da cara como se tivessem nojo desta. Envergava uma simples túnica castanha, e atrás dele via-se um outro homem, mais baixo, com cabelos e barba ruivos, lábios grossos e uma túnica preta. O dos cabelos brancos olhou Quenestil de cima a baixo, franzindo as pálidas sobrancelhas.

— *Vitk veru tar?* — perguntou, enquanto o ruivo olhava estupidamente por cima do seu ombro.

— *Quenestil Antalos veri ehj* — respondeu o shura, lembrando-se da primeira e mais básica apresentação que aprendera.

— *Vonar baglu tar hjer?*

De onde viera? Do outro lado das montanhas? Da Sirulia? De Tanarch? Preferiu optar pelo que já dissera.

— Venho do grande azul. Tenho outros homens com eu, e... fêmeas, e pequenos homens.

Quenestil teve a distinta impressão de que, gramaticalmente, as suas frases estavam a deixar muito a desejar, mas esperava que fossem minimamente inteligíveis. Era difícil avaliar o seu desempenho através da expressão do seu interlocutor, que parecia tão desconfiado quanto intrigado por aquele estranho visitante a meio da noite. Outras vozes perguntaram o

que se passava, e ouviram-se passos na direção da entrada.

— *Vor veran tair?* — perguntou o homem dos cabelos brancos, abrindo ligeiramente mais a porta e revelando um facalhão ao cinto. A cabeça de uma mulher surgiu atrás do homem ruivo, mas não havia luz suficiente para distinguir as suas feições.

— *Tadna* — respondeu Quenestil, apontando para a sua esquerda e erguendo de seguida a mão, chamando o grupo com um gesto. — Podem vir! É seguro!

Não conhecia aquela gente, mas eram suficientemente parecidos com os wolhynos com os quais contatara para partir do pressuposto de que não lhes fariam mal. De qualquer forma, estava demasiado cansado para ser paranóico, e as tênues ondas de calor que emanavam da entrada eram no mínimo tentadoras.

O vulto acerado de Deadan foi o primeiro a mexer-se, e os eahlan foram-lhe atrás como um obediente rebanho. O homem dos cabelos brancos lançou um olhar de advertência a Quenestil, que ergueu ambas as mãos e recuou um passo, e espreitou para fora da porta. O homem ruivo perguntou-lhe algo em tom deferente, algo parecido com «quem vem aí», o que a mulher que entretanto surgira secundou. Não obtiveram resposta, pois o de cabelos brancos estudava atentamente o grupo que se aproximava, olhando de soslaio para Quenestil.

— Não queremos ser maus — achou o shura por bem assegurar. — Só precisamos de... quente.

Talvez fosse melhor ficar calado, até porque o homem parecia suficientemente impressionado com o grupo para dispensar palavras. Tentando pôr-se no lugar do wolhyno, Quenestil não teve dificuldades em

imaginar a impressão que tão bizarro e heterogêneo grupo causaria. Um jovem alto como uma trave e envergando um arnês siruliano, uma exótica mulher grávida de cabelos negros, e um grupo de seres com uma aura e beleza quase desnaturais. A enigmática procissão avançou por entre as intrigadas ovelhas, e o luar refletia-se nos cabelos brancos dos eahlan que tinham descoberto as cabeças, cientes de que um grupo de pessoas envoltas em mantas não inspiraria grande confiança. Quanto mais se aproximavam, mais o queixo do homem com a lamparina descaía, levando a que a cabeça do ruivo também espreitasse e tivesse uma reação semelhante. Quenestil lembrou-se da primeira vez que vira os eahlan, e compreendeu-os, embora ele próprio já estivesse inoculado à presença dos feéricos eahan brancos. O contraste causado pela presença de Slayra e a imponência de Deadan também ajudavam à forte impressão, certamente. O arnês e o punho do espadão do siruliano poderiam ser interpretados como uma ameaça, bem como a súbita aparição de um grupo de vinte e seis vultos, mas havia algo nos olhares e nas posturas dos eahlan que, mesmo no escuro e com o seu aspecto cansado e emaciado, nada mais transmitia além de uma mensagem de paz. De um sentimento que mesmo Quenestil apenas conseguia descrever como profundamente não ameaçador.

A pressão exercida pela chegada de mais pessoas nas costas do homem de cabelos brancos levou a que este saísse porta fora, derramando um pouco de óleo da sua lamparina de pedra e ficando a olhar com a cara enevoadada pela sua própria respiração. Com ele vieram uma mulher de cabelos louro-acastanhados soltos, o homem ruivo, e um quarto curioso, esse com uma apertada camisa castanha que revelava a sua corpulência, uma barba cor de areia e cabelos do mesmo tom, que mais pareciam uma posta

de bacalhau desfiada.

— *Rotsoyr...* — praguejou por falta de algo melhor para dizer. Por sua vez, Quenestil limitou-se a cruzar as mãos atrás das costas, tentando afetar uma pose humilde que lhe era pouco característica, mas foi simplesmente ignorado em favor da quase fantasiosa encenação que caminhava lentamente para a entrada. Hanal tomou a dianteira, com o seu porte que conseguia ser nobre sem que nele alguma vez transparecesse o mínimo de altivez, e cumprimentou os wolhynos com uma cortês saudação em Eridiaith. Ninguém percebeu as palavras, mas o significado empírico destas era evidente, pois os sons pareciam viajar pelo corpo de quem os ouvia, suscitando pequenas reações e sensações que davam a entender o seu sentido, naquele caso paz e amizade. Os homens tartamudearam e gesticularam com as mãos como se não soubessem o que fazer com elas, entreolhando-se durante os breves instantes nos quais conseguiam tirar os olhos dos eahlan. A mulher à entrada estava absolutamente maravilhada, e ignorava por completo as vozes que pareciam estar a chamar por alguém.

— Podemos ir... aí? — perguntou Quenestil, indicando o interior do edifício.

O homem dos cabelos brancos despertou, olhou para o shura como se tivesse acabado de o ver, pareceu lembrar-se de algo e disse-o ao homem ruivo. Este não o ouviu, e foi necessário um puxão da sua manga para lhe chamar a atenção, após o qual este pareceu inalar ao dizer algo e se retirou relutantemente para o interior, deixando os dois grupos entregues um ao outro. Sempre protetor para com os eahlan, Deadán não se estava a sair muito bem ao tentar não parecer ameaçador, se é que o estava sequer a tentar, e a sua presença era o único fator que causava tensão no impasse que

se instalara. Ninguém soube o que dizer enquanto esperavam ao frio, e o desconfortável silêncio prolongou-se enquanto o grupo de eahan brancos era observado como se de uma aparição noturna se tratasse. Quenestil não estava habituado a ser o porta-voz, mas era o único que tinha um mínimo conhecimento da língua, e não poderiam depender unicamente das qualidades empíricas do Eridiaith.

Finalmente, o homem ruivo regressou e acenou afirmativamente com a cabeça, fazendo gestos convidativos com a mão. O de cabelos brancos hesitou, lançou um último olhar a Deadan, recuou um passo, ficando ao lado da entrada, e emulou o gesto do outro, empunhando a lamparina ao alto. A mulher e o indivíduo de cabelos desfiados recuaram eles também, cruzando os braços e metendo as mãos debaixo das axilas devido ao frio e ao fato de não terem o que fazer com elas. Quenestil baixou a cabeça em sinal de agradecimento e olhou de soslaio para Deadan.

— Entra por ultimo — disse-lhe, avançando e estendendo o braço para trás, pedindo a Hanal e Eluana que viessem com ele.

Entraram numa larga sala de terra batida, em cujas paredes se encontravam tamancos sujos de lama alinhados em filas, debaixo de capas de lã penduradas ao lado de um grande armário. A divisão cheirava a peixe seco e estava escura, parcamente iluminada pela luz proveniente da porta aberta da partição de madeira que dava acesso àquela que aparentava ser a sala principal. Havia uma outra porta, mas o ensombrado homem ruivo avançou de lado com ademanos convidativos e Quenestil foi atrás dele, entrando então na longa sala onde parecia estar reunida a quinta inteira, menos os animais. O interior tinha postes e uma estrutura retangular de traves no teto, e paredes com painéis de madeira ao longo das quais estavam

estendidas duas longas bancadas nas quais as pessoas se sentavam e deitavam. Além de umas quantas lamparinas, a única fonte de iluminação era uma fogueira que ardia num círculo de pedras no seu centro, enevoando o teto com fumo do qual a fumarola não estava a dar recado e que dava aos olhares dos habitantes um ar nublado. Quenestil olhou em redor, para as crianças de cabelos brancos e bochechas grandes, para os homens e mulheres de cabelos com vários tons entre louro e castanho, bem como alguns ruivos, altos, baixos e com feições alongadas a arredondadas. Os homens envergavam túnicas de camponeses feitas de lã e calças, e as mulheres vestidos com aventais presos por broches, tudo em tonalidades de castanho, cinzento, preto e branco.

Quenestil deteve-se e procurou por armas ou um qualquer sinal de eventual perigo, mas além da ocasional faca ao cinto de alguns homens não viu nada. Os eahlan aguardavam ainda na sala de entrada, mas Hanal e Eluana encontravam-se atrás e aos lados do eahan, e a sua presença bastou para justificar o silêncio. O Patriarca envergava a sua túnica negra polvilhada com cintilantes fragmentos de mica, cingida a sua cintura por uma faixa branca, e conseguira conservar a tiara prateada embutida com um pedaço de hematite negra na sua testa, bem como as braceletes argênteas incrustadas com as mesmas pedras. Eluana trajava o mesmo vestido de mangas folgadas com o qual recebera os companheiros pela primeira vez, embora sendo este branco e azulado se notassem mais os estragos infligidos pela atribulada viagem. Quase todas as pedras-da-lua que o tinham pontilhado haviam caído, e os seus anteriormente lustrosos cabelos brancos pareciam ter perdido o brilho, mas conservava intactas a sua pose, dignidade e beleza sazoadada. A bondade permanecia nos olhos azul-escuros de ambos, mas as

suas expressões não conseguiam ocultar a profunda tristeza e cansaço que lhes iam nas almas.

— Dou o meu... dormir do sol — interpôs-se Quenestil, conseguindo com o seu desacerto o considerável feito de tirar a atenção de cima dos Lasan.

O escrutínio dos presentes foi mais contido enquanto o estudavam de cima a baixo, mas todos olhavam para ele em provável expectativa da próxima grande inanidade a sair da sua boca. Os ruivos que o olhavam pareciam sobremodo curiosos, e ninguém parecia ter reparado nas suas orelhas, provavelmente devido ao comprimento do seu cabelo.

«*Bom, cá vai...*» — encorajou-se o shura. — Fico contente com a vossa... os vossos braços abertos. De ser pessoa boa.

Os wolhynos piscaram os olhos, mas não esboçaram qualquer outra reação.

— *Aturam, hjordukvel* — disse o homem de barba ruiva, inalando estranhamente as palavras e continuando a gesticular para que avançassem.

Quenestil e os Lasan assim fizeram, permitindo então a lenta entrada aos restantes eahlan, Slayra e Deadan. As crianças ao colo das suas mães e irmãs olharam curiosamente para as suas análogas wolhynas, e tanto umas como as outras passaram as mãos pelos seus cabelos cor de linho, imitando os gestos umas das outras e parecendo ser as únicas que se sentiam minimamente à vontade naquela sala. Os adultos não conseguiam esconder o seu espanto mistificado, e tudo indicava que a contemplação iria continuar, quando por fim uma pessoa assumiu uma pose mais autoritária. Uma mulher baixa levantou-se, envergando um vestido vermelho com avental branco de orlas bordadas a azul e um toucado branco que estava

retorcido nas suas têmporas na forma de cornos de carneiro. Tinha uma testa alta e larga, uma forma grácil, e os cabelos que o seu toucado deixava entrever na fronte eram castanhos, embora as serenas pestanas tivessem um tom mais claro. Os seus pequenos olhos azuis ligeiramente oblíquos fitavam os recém-chegados com ar avaliador, ao contrário dos do grande e felpudo gato que trazia ao colo, cujos preguiçosos orbes verdes olhavam com manifesta falta de interesse e cuja cauda pendia frouxamente. O animal tinha pêlo cinzento listado de preto, um rufo branco ao pescoço e grandes orelhas pontudas com tufos; mais parecia um lince.

— Paz, homens que andam — disse a mulher com uma voz régia, notando-se que estava a fazer um mínimo de esforço para que Quenestil a compreendesse. Apesar dos pés de corvo nos seus olhos, parecia mais madura do que propriamente velha. — Sou Oska, e abro os braços para vocês em Horavog, na casa do *garding* Hjlinar, meu filho.

O nome em questão foi proferido com um tom de voz desaprovador, e serviu de deixa para um borbulhento rapaz que se encontrava sentado numa cadeira ao fundo da sala e que se levantou com um ar embaraçado. Tinha uma cara pentagonal como a da mãe e os mesmos olhos, embora o seu nariz fosse maior e os seus cabelos descaídos de um louro arenoso. Era relativamente corpulento, mas o seu porte não denotava o mínimo de confiança, e não parecia nem pouco mais ou menos tão à vontade como Oska diante dos recém-chegados. Foi com certa relutância que se postou ao lado da sua mãe, ligeiramente mais adiantado, mas não por muito, e tartamudeou uma frase em Hjrutmalv.

— As pessoas de fora não sabem o barulho das nossas bocas, Hjlinar — lembrou a mãe, afagando o gato.

— Eu não fiz bem em vir durante o... dormir do sol — disse Quenestil, frustrado pelo fato de nem sequer se lembrar da palavra para «noite» —, mas já não temos Norte, e estamos com pernas pesadas. Sei que homens do Norte são amigos, e peço ajuda.

Oska acenou compreensivamente com a cabeça e virou-a para o lado, dizendo algo a um homem que se encontrava sentado e que se levantou prontamente. Tinha descaídos olhos azuis, barba castanha e recuados cabelos ralos listrados de prateado, e a sua expressão só podia ser descrita como solícita.

— Falam Leochlan? — questionou este com uma voz grave, agarrando as mãos e inclinando-se ligeiramente para a frente.

Quenestil foi surpreendido pelas súbitas palavras familiares, e levou alguns instantes a coordenar a cabeça com a boca. Embora não estivesse a olhar, deduziu que o ligeiro rangido de metal atrás de si só poderia ter sido Deadan a retesar-se.

— Sim... sim, falamos. Como é que...?

— Fui mercador, e estive alguns anos em Tanarch. Chamo-me Agtor. São viajores?

— Nós... hã, não. Viemos do mar. Estamos perdidos.

— Do... mar? — ergueu Agtor a sobrancelha.

— Sim, a água, o azul, o... rio, lago grande. — Quenestil começava a sentir-se cada vez menos à vontade. Como se não bastasse ter que ser ele a tomar a palavra, ainda por cima não percebiam o que dizia.

— Do pélago?

— Sim, do pélago — fosse lá isso o que fosse. — De barco.

O antigo mercador recolheu o tronco que inclinara para a frente e

traduziu as palavras do shura, inclinando a cabeça ligeiramente para trás e adquirindo uma expressão mais cautelosa. As suas palavras suscitaram por fim uma reação dos presentes que ia além da simples admiração pelos eahlan. Pela primeira vez, Quenestil conseguiu ter a atenção exclusivamente sobre si. Olhando de uma cara para outra, o shura questionou-se se não teria de alguma forma dito a coisa errada. Os wolhynos começaram a segredar algo, mas a única coisa que Quenestil percebia era «fogo». Hjlinar olhava nervosamente, e mesmo Oska parecia surpresa, o que levou o eahan a tentar mudar de assunto.

— Tanarch está em guerra com a Sirulia. — Não, qual era a palavra que os tanarchianos usavam em Aemer-Anoth? — Há *belona* entre Tanarch e a Sirulia. Nós fugimos.

— Belona — repetiu Agtor, quase soletrando a palavra, traduzindo de seguida para Hjrutmalv. Os sussurros subiram de tom, e foi a vez de as crianças se sentirem pouco à vontade. Quenestil cruzou olhares com Hanal, que evidentemente não estava a compreender a situação, mas que não precisou de palavras para asseverar com o olhar que confiava no shura.

— Por favor — pediu o eahan, indicando o grupo atrás de si com a mão. — Temos mulheres e crianças conosco. Elas têm fome e frio, e muitas já morreram. Não temos dinheiro para pagar a vossa ajuda, mas eu farei o que for preciso para vos compensar. — Olhou para Oska, mas como já se esquecera do nome dela, preferiu não tentar adivinhar.

Agtor abriu a boca como para dizer algo, mas pareceu reconsiderar, e traduziu o que Quenestil dissera. Pelo menos assim este o esperava.

Seguiu-se um silêncio um pouco mais prolongado que os anteriores, durante o qual o shura se convenceu definitivamente de que não se

adequava de todo ao cargo de diplomata. Doravante, seriam Hanal ou Eluana a falar, pois enfrentar uma nação inteira não podia ser mais difícil do que aturar aquele silêncio desconfortável e aqueles olhares intrusivos. Mesmo o gato refastelado ao colo de Oska achou por bem miar, tentando chamar a atenção ou simplesmente despachar o assunto para que a sua dona voltasse para perto da fogueira. A mulher disse então algo ao seu filho Hjlinar, falando demasiado depressa e com insuficiente vocabulário básico para que Quenestil a compreendesse. Parecendo incomodado, o rapaz fez um gesto aquietador tipicamente filial e dirigiu a palavra ao eahan *com tom* pouco resolutivo.

— Podem passar a noite em Horavog — traduziu Agtor em serviço aos visitantes. — São nossos ostes. Dormirão no curral, e crás falaremos, pois hoje parecem demasiado aganados.

Embora não se manifestassem de forma efusiva, o alívio dos eahlan evidenciou-se claramente pela sua quase uníssona exalação. Sana afagou o braço de Slayra, que também já começava a atrair olhares, e Deadan limitava-se a olhar com ar quase desafiador para todos os presentes, caminhando em periclitante equilíbrio sobre a fronteira entre a advertência e a ameaça.

Oska disse algo mais.

— Têm fome? — traduziu Agtor, esfregando a barriga.

— Não queremos abusar da vossa hospitalidade — seria algo que o Aewyre ou o Allumno teriam dito. — Mas sim, temos fome.

— Vamos dar-vos prazer às bocas — disse Oska quando Agtor traduziu, fazendo novamente uso do caráter metafórico da sua língua.

— Muito obrigado, boa mulher — agradeceu Quenestil, olhando

para os Lasan com um sorriso cansado, que estes retribuíssem.

Incitadas por Oska, uma dúzia de mulheres levantaram-se para preparar algo, e o shura permitiu-se então baixar ligeiramente a guarda, embalado pelo calor da fogueira e pela sensação básica de segurança que os números e um teto sobre a cabeça providenciavam. Estavam a salvo. Conseguira ao menos isso, encontrar um lugar seco e seguro, e comida para todos. Mesmo assim, preferia que os wolhynos não estivessem a olhar para ele daquela forma, traídos pela sua prudente linguagem corporal sempre que Quenestil os fitava, ainda que afetassem ares desinteressados. Isso, e os não tão discretos sussurros, dos quais o eahan apenas percebia uma palavra.

Fogo.

CONTRA A SOMBRA

O *bradagà* fora, e com ele boa parte das esperanças de Aewyre. Hirto e destacado do meio que o rodeava, o jovem deambulava pelo interior da Cidadela da Lâmina com a mão pousada sobre o pomo de Ancalach, passando por pessoas e mal registrando a presença ou mesmo a existência destas. O pouco de que se dava conta parecia-lhe vagamente onírico, como se de um sonho se tratasse: homens a passarem ao seu lado e à sua frente,

feições indistintas, desconhecidas ou vagamente familiares, vozes distantes em várias línguas, ecos pelos corredores fora. Aewyre coxeava ligeiramente devido à ferida que Helderada lhe infligira na coxa direita, que sofrera uma leve infecção antes de ser tratada. O seu único ferimento visível era o canto direito da boca rasgado, mas por baixo da sua camisa cinzenta, o seu torso estava completamente enfaixado em ligaduras para tapar o lanho diagonal que sofrera no tronco e que por pouco não o cortara ao meio, e o seu ombro esquerdo também estava ligado. Com barba por fazer e cortada no lado esquerdo pelas quatro cicatrizes da arranhadela que sofrera na face, o jovem guerreiro tinha um aspecto lastimoso, mas não eram as feridas o que o atormentavam. Assiòn fora morto, Krór e ele ainda não dominavam a Essência da Lâmina, e qualquer apoio da Cidadela que poderia ter obtido através do Alto Lamelar não passava de mais uma vã esperança do passado. Dependia agora exclusivamente da raiva, da fúria que fazia o seu sangue arder em chamas e que se tornava cada vez mais difícil de controlar. A sua vida tinha agora um único intento, um único propósito, uma única razão para acordar após mais uma noite plena de pesadelos de culpa e morte, em vez de se deitar em posição fetal e deixar-se afundar num oceano de pesar e amargura.

Seltor.

Mais do que nunca, Aewyre estava disposto a fazer o que fosse necessário para matar o maldito desgraçado e todos os que o servissem. Não haveria piedade nem misericórdia, nenhum perdão nem quartel para os vis servos d'O Flagelo, fossem eles quem fossem. Regressaria a Ul-Thoryn, e aí começaria a sua cruzada contra Seltor. Lhiannah certamente já teria chegado à cidade, e o seu irmão Aereth já devia saber o que acontecera ao

seu pai, bem como quem fora o responsável. Não seria um exército a ajudá-lo a matar O Flagelo, mas ao menos teria com que se opor a todos os que se pusessem no seu caminho a mando de Seltor, e Aewyre não duvidava de que a negra influência d'O Bastardo estava naquele preciso momento a orientar mais peças contra ele, voluntárias ou não. O jovem apertou o punho de Ancalach com força, sentindo-se reconfortado pelo familiar toque do couro que o revestia, a sua única âncora no autêntico turbilhão de desespero em que a sua vida se tornara. A ausência dos seus amigos fora-lhe custosa em mais do que um aspecto, privando-lhe do apoio do qual tanto necessitara, nem que fosse uma única palmada reconfortante do Quenestil nas costas. Ou um raspanete do Allumno. Ou um olhar desaprovador da Lhiannah, com aquele seu particular trejeito como se estivesse a falar com um irritante irmão mais novo. Ou uma risadinha insolente de Taislin. Ou mesmo uma piada mal intencionada do Worick. Mais, tinha a certeza de que as coisas teriam decorrido de forma diferente se algum deles tivesse estado presente durante a fatídica noite em que Culpa viera à Cidadela. A noite em que morrera Assiòn, a pessoa mais próxima que tivera a um amigo nos últimos tempos, quase uma figura paternal interina na ausência do seu pai e de Allumno.

Mas esses eram os únicos pensamentos comiserados que Aewyre ocasionalmente se permitia. Tudo o resto era uma torrente de raiva vedada a custo por diques que estremeciam, ameaçando transbordar à mínima provocação. Era aí que entrava o seu breve mas intenso treino na Cidadela, que — mais ainda que todos os anos de repreensões de Allumno devido à sua impaciência — lhe ensinara a caminhar sobre o fio da lâmina que era a sua mente. Tinha um propósito que estabelecera como seu e que se

encontrava ao fim do afiado caminho. Sabia que teria apenas que caminhar em frente sem se desviar, sabia que tinha os meios e a vontade para o fazer, e hoje sabia também que era capaz de percorrer o gume sem se cortar. Assiòn, Diacolo, Heldrada, todos lhe tinham ensinado alguma coisa, lições divergentes que Aewyre agora combinava num todo uno e rígido como uma espada acabada de mergulhar na tina de água após a forja.

Infelizmente, as coisas não dependiam apenas de si. Havia também Krór, e apesar do progresso de ambos na aprendizagem do domínio da Essência da Lâmina, esta continuava dividida entre os dois guerreiros, ora oscilando para um, ora para outro, consoante o fervor do combate e o pulsar da adrenalina. Aewyre e Assiòn tinham lido vários tomos da biblioteca particular deste último nos meses precedentes, mas pouco haviam encontrado além de umas poucas teorias espúrias e relatos fantasiados. Havia ainda um livro escrito por um Lamelar chamado Fèdac que Assiòn estivera a ler mais atentamente, e na noite em que Culpa viera, o laonês quisera falar com Aewyre. Nunca chegou a partilhar com o jovem o que descobrira, o que Aewyre *achava* que descobrira, pois por que outro motivo queria falar com ele? O livro com páginas manchadas pelo sangue do Alto Lamelar encontrava-se agora entre as suas posses, segundo apenas a Ancalach em importância. Mas estava escrito em Lloranc, uma língua que nem após os meses de estadia na Cidadela Aewyre aprendera a dominar. Nunca tivera muito jeito para línguas, e Allumno sempre achara um milagre o fato de Quenestil o ter conseguido ensinar a ter uma conversa minimamente inteligível em Fialass, o peculiar dialeto dos eahan da montanha. Era um problema, mas seguramente que não seria difícil encontrar um intérprete adequado em Ul-Thoryn. Um dos diplomatas da

corde do seu irmão, por exemplo. Certamente que alguém saberia falar Lloranc na sua cidade.

Sim, tudo fazia parte da senda do gume da lâmina, e a direção era uma e só uma: em frente. Sem hesitações, desvios ou mais atrasos. Iria chegar a Ul-Thoryn. Iria decifrar o livro. Iria encontrar forma de se apossar da Essência da Lâmina. Iria matar Seltor. Estava decidido a partir nesse mesmo dia, mas primeiro teria que saber qual o estado de Kror. O drahreg fora ferido numa zona perigosa do joelho durante o combate com Heldrada que, esporeada pelo poder de Culpa, fora levada a matar Assiòn, o homem que fizera dela o que era. A sua vida estivera por um fio nas vingativas mãos de Aewyre após um brutal combate, mas Kror evitara que matasse a mulher com a qual parecia ter uma relação no mínimo bizarra. Fora Heldrada quem seguidamente os salvara a todos de Culpa, fazendo com que este caísse do cimo da torre da Cidadela, mas ainda assim Aewyre sentira-se tentado a matá-la antes que conseguisse refletir e dirigir toda a sua fúria a Seltor, o verdadeiro culpado por tudo o que acontecera. Aewyre pensara em procurar o corpo de Culpa, mas este caíra na vertente sulcada da bizarra formação rochosa na qual a Cidadela se apoiava, por entre as enormes barbatanas de estratos verticais calcários. Seria necessária boa parte de um dia, ou talvez mesmo um dia inteiro, para fazer a viagem de ida e volta e vasculhar o escabroso e acidentado sopé. Não havia tempo para isso, a menos que Kror estivesse verdadeiramente incapacitado.

Antes que desse por si, Aewyre já se encontrava na enfermaria da Cidadela, onde ele e Kror haviam passado algumas tardes e noites em resultado dos treinos no círculo de guerreiros. Havia poucas camas vazias, e os feridos eram tratados por voluntários e por alguns Portadores mais

altruístas. A Cidadela estava um caos, e o domínio desta não tardaria a ser contestado devido ao vazio na posição de Alto Lamelar, mas por enquanto toda a gente ainda estava demasiado atordoada para o fazer. Os feridos queixavam-se sobretudo de dores com as quais ninguém os podia ajudar, pois estas tinham sido infligidas pelas fantasmagóricas espadas dos ghèren, os espíritos aprisionados de ancianos guerreiros. Estes haviam sido libertos pelo seu custódio, que fora certamente influenciado por Culpa, vingando-se então daqueles que os tinham usado ao longo dos séculos. Havia alguns feridos ligeiros, vítimas de acidentes provocados pelo tumulto do ataque, e era possível que alguns tivessem sido propositadamente atacados pelos próprios companheiros, pois Culpa trouxera à tona todos os melindres que uma pessoa racional tentaria recalcar para não enlouquecer. Era impressionante, o caos e a morte que um único ser fora capaz de causar, sem sequer ter que erguer um dedo. Aewyre ouvira lendas acerca do pai de Seltor, mas nada que fosse muito além do reino do folclore e das histórias de enigmáticos velhos contadas à lareira, e certamente nada que lhe desse uma idéia do verdadeiro poder de Culpa, que por pouco não fizera com que pusesse termo à sua própria vida. Seltor enviara-o numa tentativa de eliminar Aewyre, pois apesar de tudo era o jovem o único capaz de empunhar a única arma que podia resguardar um mortal dos poderes d'O Flagelo, e a única que este temia. Havia ainda Aereth, mas o seu irmão não era um guerreiro, e só ter Ancalach em punho não seria o suficiente para vencer ou mesmo combater o Bastardo. Não, Aewyre teria que dominar a Essência da Lâmina, se quisesse ter a mínima hipótese de defrontar Seltor.

Infelizmente, como nunca deixava de se recordar, era algo que não dependia apenas de si. Havia ainda Krór, e o recente ferimento deste lançara

mais um aos já muitos entraves que se entrepunham entre Aewyre e o domínio da Essência da Lâmina. O joelho do drahreg fora golpeado, sendo a conseqüência mais direta desse ferimento a necessidade de um suporte para ele, para que pudesse acompanhar Aewyre durante a viagem até Ul-Thoryn. A conseqüência indireta era o fato de, pelo menos de momento, não poderem combater um com o outro pela Essência da Lâmina. O combate não seria justo, e o «tendão» certamente desapareceria para sempre caso Aewyre matasse Krór, algo que não estivera tão distante da mente do guerreiro quanto isso nos últimos dias. Não odiava o drahreg, passara até por bastante com ele, e ambos já deviam as suas vidas um ao outro, mas também não teria hesitado em sacrificá-lo se dessa forma pudesse obter a Essência da Lâmina. Após o que acontecera a Assiòn, estivera quase disposto a arriscar um combate com o drahreg para pôr fim ao assunto de uma vez por todas, mas agora de nada serviria. A força que estava por detrás das habilidades dos Lamelares parecia exigir um combate justo entre dois Portadores antes que o vencedor adquirisse o poder, e um duelo com um adversário com uma perna praticamente inutilizada não seria propriamente equilibrado.

Aewyre procurou Krór e encontrou o drahreg ao fundo da enfermaria na companhia de Grwos, um dos três irmãos thuragar que Assiòn trouxera para a Cidadela. Os outros dois tinham sido mortos pelos ghèren, mas Grwos não parecia muito afetado por isso. Aewyre não conhecera muitos thuragar durante a sua vida, e nenhum tão bem como Worick, mas tinha a impressão de que o velho thuragar era uma exceção à regra da sua raça, essa caracterizada por uma quase total falta de sentimento. Grwos dava mostras disso, sendo uma ainda maior dedicação às tarefas

incumbidas o único sinal que exteriorizava. O thuragar não parara quieto desde a morte dos seus irmãos, e parecia disposto a remodelar a Cidadela pelas suas próprias mãos, tal era o seu aferro. Bastara Aewyre perguntar-lhe se ele seria capaz de arranjar qualquer coisa que ajudasse Kror a andar, e Grwos resmungara algo acerca da inaptidão dos humanos, começando prontamente a mexer, partir e ajustar pregos, peças de madeira e dobradiças. O jovem aproximou-se e constatou que o thuragar preparara uma peça retrátil de couro, madeira e metal que devia ser uma tala, e empurrava esta pela perna de Kror acima.

— Ele vai conseguir andar bem com isso? — perguntou sem cumprimentar ninguém ao chegar perto da cama.

Kror e Grwos dispensaram-lhe a sua atenção, o drahreg mais que o thuragar, que se limitou a lançar-lhe um olhar de desprezo antes de o voltar para a sua tala.

— Humano estúpido. Sou sacerdote de Acquon? Como anda bem se tem joelho cortado? — resmoneou, e a sua pêra entrançada oscilou como uma serpente incomodada. — Vai ter que usar isto e paus.

— Muletas? — adivinhou Aewyre secamente.

— Sim, *muletas*. Não me chateies com a tua língua estúpida...

— Como te sentes, Kror?

O drahreg olhou-o com olhos negros de pupilas vermelhas. Um restolho de cabelos encrespados começava a despontar da sua acidentada careca, e as narinas do seu nariz adunco fremiram na presença de Aewyre, certamente devido ao «tendão». Mesmo após meses juntos, havia sempre um sentimento subconsciente semelhante ao de dois galos numa capoeira quando se encontravam próximos um do outro.

— É difícil andar. Mais difícil lutar. Aewyre acenou com a cabeça.

— Partimos hoje, por isso prepara-te. Vou tratar das coisas, e... Reparou que Krór não lhe estava a dar atenção, e que olhava por cima do seu ombro. Aewyre fez o mesmo, viu Heldrada deitada numa das camas, e todos os músculos do seu corpo retesaram-se para selar a brecha que se abriu brevemente no dique que represava a sua torrente de fúria. O jovem por pouco não a espancara até à morte, e a parte esquerda do rosto da namuriquana estava uma lástima, manchada de tons de castanho e amarelo e metade dos lábios intumescidos. A sua trança fora cortada por um golpe falhado de Ancalach, o olhar continuava atordoado e vazio após o brutal combate no topo da torre da Cidadela, e quem olhava para ela mal a reconhecia. Por sua vez, Heldrada parecia alheia a todos e fitava o vazio refletido pela sua alma. Aewyre não a conhecia, mas era evidente que a mulher tinha uma personalidade no mínimo complexa, e que matar Assiòn, o homem que fizera dela a pessoa que era, fora ao mesmo tempo uma expiação e um choque traumático. Aparentava ter como que perdido a sua identidade, mas Aewyre não queria saber. Nunca lhe perdoaria pelo que fizera, e não aceitava as afirmações de Krór de que a *culpa* não fora dela. A sua existência ou não era-lhe completamente indiferente, tal como a Grwos, que se limitou a fazer uns últimos ajustes na tala antes de se levantar.

— Pronto — afirmou com o orgulho de um criador. Não fizera aquilo por se preocupar com o bem-estar de Krór, mas sim como forma de testar as suas capacidades. Worick explicara a Aewyre que os thuragar como raça eram engenhosos e inventivos por não quererem depender de ninguém, e era assim que via a disponibilidade de Grwos.

Não passava de uma demonstração de desafogo, de criatividade que,

mesmo quando usada em benefício de outros, em última análise apenas servia como prova de uma superioridade alcançada através de uma autonomia inerente. Não interessava. O importante era ter cumprido um objetivo, o de conceder um mínimo de mobilidade a Kror. Mais um passo em frente na senda da lâmina.

— Obrigado — agradeceu o jovem sem qualquer sentimento.

— Kror, vou preparar as coisas. Encontro-te depois aqui?

— Quê? — disse o drahreg distraidamente, tirando os olhos daquela que só podia ser Heldrada. — Sim. Eu fico aqui. — A sua expressão tornou-se então mais séria. — Mas temos que falar. Antes de irmos.

Grwos retirou-se sem mais uma palavra, e Aewyre optou por fazer o mesmo, limitando-se a acenar com a cabeça. A viagem para Ul-Thoryn iria provavelmente ser ainda mais desagradável que a que tinham empreendido até à Cidadela da Lâmina. Kror estava apreensivo, e talvez com razão, pois certamente que não se esquecera da entrada algo espalhafatosa na Cidadela, que ainda assim era conhecida como um local que não discriminava. Ul-Thoryn não seria certamente assim tão tolerante com um fruto do Primeiro Pecado. Kror estaria completamente à sua mercê, e a verdade era que esta luta não era dele. Aliás, não fosse pelo interesse pela Essência da Lâmina, esse provavelmente motivado pelo azigoth que habitava um dos seus alfanges, o drahreg nem o teria acompanhado. Fora mais um espectador até agora, talvez devido às três forças que o moviam — a sua, a da divaroth e a do azigoth — que por vezes interferiam com a sua capacidade de decisão, e Aewyre esperava que assim continuasse. Se Kror começasse a pensar demasiado ou a tomar decisões por si só, podia ser que chegasse à conclusão de que, fatalmente, o seu destino era a morte. Visto que pouco

tinham descoberto na Cidadela, o drahreg fiava-se agora quase numa fé cega na capacidade de Aewyre de descobrir algum segredo oculto nos livros e apontamentos que consigo levava. Bendita a ignorância de quem não sabia ler, e que provavelmente atribuía o conhecimento contido em caracteres ilegíveis a algo de místico ou arcano...

— Vais embora, humano? — perguntou Grwos, interrompendo os seus pensamentos.

— Vou. Tu não? — redarguiu Aewyre sem grande interesse.

— Não. Vivo aqui, e humanos estúpidos precisam sempre de cabeça de thuragar para resolver problemas. Se vais embora, paga agora.

Os dois tinham acordado uma soma, que Aewyre prontamente saldou, contando atentamente as moedas de ouro que lhe restavam enquanto andava. Ainda deveria chegar para uma carroça, um burro e mantimentos, se conseguisse encontrar alguém particularmente bem-disposto e não muito ganancioso. Grwos fez o mesmo com o dinheiro que lhe foi entregue, afagando a pêra entrançada como se a estivesse a usar como um ábaco. Os dois não se falaram mais enquanto caminhavam pelos frios corredores e escadas iluminados por mortijas tochas. Nos pisos inferiores ficara um distinto e mofento odor a cinzas molhadas e verdete, deixado para trás pelas fantasmagóricas mortes dos ghèren, e que alguns Lamelares tentavam purgar, queimando molhos de ervas aromáticas em braseiros. Como sempre, Ancalach atraiu alguns olhares menos discretos, sobretudo agora que Aewyre já não ocupava o estatuto de «menino do Alto Lamelar», mas havia algo no olhar de singular propósito do jovem que dissuadiu qualquer eventual tentativa, pelo menos de momento. Os lobos ainda estavam desorientados, mas era melhor estar bem longe dali antes que

alguém os unisse. Tinha um mau pressentimento em relação ao futuro da Cidadela, pois Assiòn fora um baluarte moral no meio de uma pandilha na qual se incluíam vários indivíduos bem menos escrupulosos. Aewyre não falara com muita gente durante a sua estadia, e não fizera o mínimo esforço por cultivar relações de qualquer tipo, tentando manter-se à parte e ignorado, mas o pouco que vira dos restantes Lamelares não o impressionara pela positiva. Não que fossem todos más pessoas, mas havia suficientes falhas de carácter que, mediante as circunstâncias certas, poderiam dar origem a um perigoso grupo de mercenários ou bandidos.

Porém, não era essa a sua preocupação nem a sua prioridade. Um ano atrás, se estivesse ali com os seus companheiros, provavelmente teriam tentado resolver tudo e salvar a situação, combatendo contra todas as probabilidades e talvez até vencendo com a sorte que parecia advir da inconsciência e da audácia. Mas não hoje, não agora. A senda da lâmina não permitia desvios, e não seria a sua consciência a demovê-lo. Além do mais, estava sozinho, e mais sozinho ficou quando Grwos tomou outro corredor sem uma única palavra de despedida; não que tivesse esperado mais do thuragar. Aewyre dirigiu-se então à saída, e contemplou do cimo da escadaria o cenário de desolação que o recinto agora apresentava. Onde antes se habituara a ver homens a treinar rigorosamente a quase todas as horas, viam-se agora apenas algumas almas penadas que caminhavam em redor sem rumo nem propósito. Aewyre passou por eles como tal, e desceu o íngreme trilho do recinto inferior da Cidadela. Apesar do seu estado de espírito que lhe inoculava o corpo a boa parte das sensações mundanas, sentiu que estava mal vestido para o frio que se fazia sentir, e estugou o passo. A sua pressa valeu-lhe um tropeção e uma ligeira escorregadela pela

neve amolecida pelo sol e pela ausência do bafo gélido do *bradagà*, e por pouco não caiu devido à perna ferida. A avaliar pelo céu carregado, não deveria tardar a nevar outra vez, agora que o *bradagà* já não mantinha o horizonte limpo. Mais uma razão para partir quanto antes.

Num ápice, o guerreiro chegou à porta do *Gènnepe*, o bordei que freqüentara nos últimos tempos, sem contudo tomar parte nas atividades que seria de esperar. Conhecera Layaline, uma das jovens prostitutas que tinham vindo para a Cidadela em busca de segurança, e compadecera-se da história desta. Os dois tinham chegado a um tácito entendimento, no qual ambos procuravam conforto nos braços um do outro como as almas solitárias que eram, sem contudo irem além disso. Làriana, a filha que Layaline tivera com o proxeneta da *Gènnepe*, parecera entretanto ter eleito Aewyre como seu pai adotivo, um papel que o jovem nem desgostava de todo e que o ajudara a aplacar a sua conturbada mente nos últimos tempos. Passando por debaixo da insígnia com a silhueta de uma mulher de saias alçadas em baixo-relevo, Aewyre entrou no estabelecimento quase vazio, dentro do qual algumas mulheres aborrecidas e inquietas aguardavam. O proxeneta estava presente, mas desde a ameaça que o jovem lhe proferira nunca mais abrira a boca; somente a mão quando sequer se dignava a vir ele receber o pagamento. Havia um certo clima de incerteza quase palpável, pois a comunidade do recinto inferior vivia em função da Cidadela da Lâmina, e ninguém se incomodara a vir esclarecer os habitantes quanto ao que verdadeiramente acontecera. Os rumores abundavam, mas não havia muita gente disposta a abandonar as suas casas, cora ou sem guerras de sucessão na Cidadela. Boa parte daquela gente já tinha raízes bem assentes, e Layaline explicara-lhe que, para muitos, servir os Lamelares era uma espécie

de tradição familiar.

Algumas das raparigas que já conheciam Aewyre sorriram-lhe fracamente, e o jovem retribuiu com um aceno da cabeça que não discriminava nem favorecia ninguém antes de subir as escadas. Muitos viam Layaline como a sua prostituta manteúda, pois Aewyre dera a entender ao proxeneta que a queria só para si, e já por várias vezes lhe enviara prendas e a Làriana, mas a rapariga não se parecia importar com os que os outros pensavam. Aewyre percorreu rapidamente o escuro corredor iluminado pela mortíça luz de uma janela de vidraças de chifre polido até chegar ao quarto de Layaline, à porta do qual bateu.

— Layaline? Sou eu.

Ouviu passos no interior, bem como uma voz de criança a perguntar algo. Làriana, a filha de Layaline, não tinha por hábito vir ao quarto da mãe, embora as visitas de Aewyre fossem freqüentemente um pretexto para o fazer. Foi a criança quem lhe abriu a porta, espreitando com os seus grandes olhos através da fresta e revelando um sorriso desprovido de incisivo superior.

— *Gün eller* — cumprimentou Làriana com uma voz que denotava tanta timidez quanto afeto. Era óbvio que a rapariga não estava habituada a falar com adultos, e o proxeneta nunca a tratara bem, mas Aewyre já se mostrara merecedor da sua confiança.

Làriana abriu o resto da porta com uma pequena mão, segurando Ìve, a sua boneca de trapos, com a outra. Aewyre conseguiu rachar um sorriso e esfregou-lhe os cabelos castanhos, desarranjando-lhe a curta franja à testa e extraíndo um deleitado guincho da criança, que se encolheu bruscamente, enxotando a manápula com uma palmada. Layaline estava de

costas viradas para a arca, uma das poucas peças de mobília do seu quarto, e tinha as mãos cruzadas atrás, como se estivesse a esconder algo. Vestia um despretensioso e nada revelador vestido azul, e sorriu o seu sorriso de dentes pequenos, mas estava patente na sua cara o nervosismo ao qual nenhum dos habitantes do recinto inferior escapara.

— Olá, Aewyre — cumprimentou, ajeitando o vestido às roliças ancas com as mãos e alçando ligeiramente o peito. Os dois tinham chegado a um entendimento, e o jovem nunca fora nada além de cortês com ela, mas uma vida passada a agradar a homens deixava os seus tiques.

— Olá, Layaline. Vim buscar as minhas coisas.

Após o ataque e subsequente confusão na Cidadela, Aewyre achara por bem deixar os seus bens mais preciosos ao cuidado de Layaline. Os seus apontamentos e o livro de Fèdac encontravam-se dentro da arca da rapariga, bem como boa parte do seu dinheiro e equipamento essencial. Confiava em Layaline, e sabia que ninguém além dela mexeria na sua arca, pois o bordel sempre as usara como repositório para as armas de Lamelares que vinham usufruir dos serviços do estabelecimento. E ninguém queria mostrar o mínimo de desconsideração para com um Lamelar, ou mesmo um mero Portador. Aewyre quis avançar, mas Làriana ainda não acabara, e pôs-se diante dele com pequenos braços estendidos, franzindo os lábios em sinal de quem queria um beijo. O jovem obsequiou-a com um fraco sorriso, ajoelhando-se e osculando-lhe ligeiramente a boca. Era um hábito laonês no mínimo estranho, mas a rapariga fazia-o sempre com a sua mãe e desde o início que insistira que Aewyre correspondesse. Porém, desta vez Làriana pareceu sentir que algo se passava, e virou-se para a sua mãe assim que Aewyre se ergueu para se dirigir à arca.

— *Càdru, ès-tel?* — perguntou com tom de quem estranhava algo. Layaline parecia ecoar esse sentimento, pois olhava Aewyre com ar de quem temia uma revelação iminente. Não sabia muito da sua história, apenas que o guerreiro era um Portador, e que viera à Cidadela em busca de uma forma de obter a Essência da Lâmina sem ter que combater. A rapariga desde sempre se habituara a não fazer demasiadas perguntas aos seus clientes, e Aewyre não era tratado de forma muito diferente. As conversas de ambos tratavam sobretudo do passado de Layaline e, ocasionalmente, de Lhiannah, o principal motivo pelo qual nunca tinham chegado a vias de fato. Não que Layaline não fosse atraente de uma forma rústica, mas Aewyre começara a vê-la mais como amiga e confidente, e esta via-o como uma espécie de protetor.

— Tu vais embora, Aewyre? — indagou com o seu sotaque laonês de *us* e *erres* exagerados. Melhorara ligeiramente o seu Glottik desde que Aewyre passara a visitá-la, e já era possível ter uma conversa minimamente coerente com ela, mas de momento não era essa a vontade do guerreiro. — Vais partir?

Aewyre interrompeu brevemente o seu caminho pela senda da lâmina, e pousou a mão sobre a cremosa bochecha branca de Layaline, afagando-lhe ligeiramente a maçã do rosto com o polegar.

— Tenho que ir. Já não me podem ajudar na Cidadela, e precisam de mim... em minha casa.

As escuras sobrancelhas de Layaline franziram-se, e esta agarrou a mão de Aewyre com as suas, apertando-a.

— Também precisamos, eu e a Làriana — disse. — Temos medo. A Cidadela...

— Desculpa, Layaline — pediu o jovem, recolhendo a sua mão. Já calculara que a rapariga lhe poderia pedir algo semelhante. — Não vos posso levar. Gostava, mas não posso.

— A Cidadela já não é... *sûra*. Não temos outro lugar para ir. Por favor...

— Não, Layaline — disse Aewyre, pegando-lhe delicadamente pelos ombros e deslocando-a para o lado para poder aceder à arca. — Desculpa, mas não vos posso levar.

— Aewyre...

— Não — disse este peremptoriamente. Um ano atrás, não teria hesitado em levar Layaline e Làriana. Talvez mesmo todas as outras prostitutas, que podiam bem vir a tornar-se presas fáceis para Lamelares menos escrupulosos; provavelmente até qualquer outro aldeão que se sentisse inseguro. Mas não agora. Não podia ter distrações, não podia fazer desvios. A altura dos heroísmos acabara.

Aewyre sentiu mãe e filha entreolharem-se nas suas costas, mas já se endurecera o suficiente para aquele momento, que soubera ser praticamente inevitável. Não que não fosse sentir falta de Layaline e da companhia desta, bem como da candura de Làriana, mas simplesmente... não podia. Ter duas pessoas a seu cargo, dependentes dele, era algo que não podia comportar. Não agora. Não com o que tinha que fazer. Já era suficientemente mau ter literalmente que levar um drahreg incapacitado às costas, já tinha demasiadas coisas na cabeça; não iria levar também uma mulher indefesa e uma criança consigo, por muito que gostasse das duas. A senda da lâmina era demasiado estreita para dois, quanto mais quatro.

— Desculpa — pediu com tom de finalidade, ajoelhando-se então

diante da arca e preparando-se para a abrir.

— Não sabes ler Lloranc — disse Layaline. — Como lêes o livro? Aewyre reteve as mãos e olhou sobre o seu ombro. A rapariga pareceu ligeiramente envergonhada, pois as suas bochechas brancas enrubesceram, mas tinha o ar de quem tomara uma decisão e iria ater-se a ela.

— Layaline, andaste a ver as minhas coisas?

Esta mexeu nervosamente no cabelo, e Làriana olhava com grandes olhos castanhos para Aewyre como se esperasse o castigo por um grande disparate.

— Não devias mexer nas minhas coisas, Layaline. Eu confiei em ti e deixei-as contigo porque pensava que ficariam seguras.

— Eu sei. Desculpa. Mas vi um livro sobre espadas, e...

— Não interessa. Tu... — Aewyre calou-se, franziu as sobrancelhas e ergueu-se, fitando Layaline de cima com tal seriedade que esta virou a embaraçada cara. — Como é que sabes que o livro é sobre espadas?

— Eu... sei ler — confessou a rapariga.

Pela primeira vez em dias, a testa de Aewyre enrugou-se de surpresa, aliviando ligeiramente a austeridade do seu rosto.

— Sabes *ler*? — perguntou o guerreiro, admirado. Pois claro, esquecera-se de que Layaline fora filha de um cônego de Gorfanna. Um homem religioso e instruído como o seu pai podia bem ter-lhe ensinado.

Layaline fez que sim com a cabeça, olhando Aewyre com olhos que pareciam ficar maiores e com o branco mais definido a cada instante que passava. Mãe e filha tinham o mesmo olhar de corça, e naquele momento concentravam-nos ambas em Aewyre numa tentativa de induzir compaixão.

— Precisas de saber uma coisa do livro, não precisas? — perguntou

Layaline retoricamente, pois era óbvio o interesse de Aewyre pelo velho tomo. — Eu posso ler. Posso ler contigo. Posso ajudar-te a perceber. Tu não sabes Lloranc, mas eu posso falar com as pessoas durante a viagem. E posso cozinhar. Também sei cozinhar. E...

Aewyre pousou-lhe os dedos indicador e médio sobre os pequenos lábios carnudos, silenciando-a para poder pensar. Era uma questão de comparar a vantagem de se adiantar no estudo do livro de Fèdac contra a desvantagem de ter mais duas bocas a alimentar e duas vidas a proteger durante a viagem. Deveria levar pouco mais de um mês a chegar a Ul-Thoryn, e com a ajuda de Layaline podia até ser que descobrisse algo de importante ou relevante, podendo então chegar à cidade já com o conhecimento do que deveria ou não fazer. Não esperava deparar com perigos significantes pelo caminho, pois tanto Laone como Nolwyn eram regiões civilizadas e, ao contrário da sua partida um ano atrás, desta vez cingir-se-ia exclusivamente às estradas. Não tentaria salvar cidades desta feita, nem partir em busca de artefatos perdidos. Seltor era a única potencial ameaça, pois não sabia se O Flagelo tinha ou não a capacidade de o detectar, nem tinha como prever de que forma o poderia ameaçar. Presumia que Ancalach não mais serviria como chamariz para os servos do Bastardo, visto que este já não se encontrava alojado dentro dela, mas de alguma forma Culpa conseguira chegar a ele. Havia perigo, portanto, e nesse caso Layaline e Làriana seriam uma desvantagem, uma fraqueza. Um alvo.

Suspirando, Aewyre tornou a pegar na rapariga pelos seus braços roliços, fitando-a com franqueza,

— Layaline, é perigoso viajar comigo. Já houve pessoas que morreram só por estarem perto de mim. É isso que queres? Pensa na

Làriana...

— Sim, Aewyre, sim — insistiu esta. — Queremos ir contigo. Aqui não estamos *sûras*.

— Seguras — corrigiu o jovem.

— Sim, não estamos seguras.

Aewyre refletiu mais um pouco. Estava quase certo de que Layaline não estava apaixonada por ele, mas aquela vontade irracional de o acompanhar rumo ao desconhecido, em vez de permanecer no seu lar, onde não havia sequer a certeza de que correria perigo... Sentiu um pequeno puxão na bainha da sua camisa, olhou para baixo e viu Làriana abraçar-se à sua perna. As duas estavam a virar-lhe todas as armas das quais dispunham, e a descarregar-lhas impiedosamente em cima. Ao ver que Aewyre estava a oferecer resistência à desapiedada saraivada, Layaline achegou-se dele, pressionando ligeiramente as suas macias formas contra o seu torso.

— Também posso...

Aewyre afastou-se, arrastando Làriana com a sua perna, e tornou a silenciar Layaline com um gesto da mão. Desde que se tornara órfã, a rapariga conhecera apenas uma moeda de troca, e habituara-se a assegurar uma vida minimamente confortável para si e para a sua filha fazendo uso do seu corpo.

— Não — disse peremptoriamente. — Já te disse que comigo não precisas de fazer isso.

Aewyre pegou na cara de Layaline com ambas as mãos, aproximando-a da sua, e talvez a tivesse agarrado com um pouco de força a mais, pois esta agarrou os seus pulsos.

— Podes correr perigo comigo também. Tens a certeza de que

queres vir comigo, e trazer a tua filha? — repetiu, a sua voz mais séria do que nunca.

Layaline ainda o fitou momentaneamente nos olhos, considerando o peso das palavras do guerreiro, mas acabou por acenar a cabeça tão afirmativamente quanto o aperto das mãos de Aewyre lhe permitiram.

— Sim. Vamos contigo.

«*Agora é que ela me apanhou...*», pensou Aewyre. Precisava dela. De alguma forma, Layaline sabia que o livro era muito importante, e o ardil feminino que lhe armara dava-lhe um argumento de peso para que o jovem a levasse consigo. — Está bem. Podem vir as duas. Mas...

— *Oh, marsià, marsià!* — agradeceu Layaline, começando a tagarelar em Lloranc enquanto se dependurava do pescoço de Aewyre e lhe cobria a face e mesmo a boca de beijos.

— Mas... — tentou novamente o jovem completar a frase, mas Làriana soltou um guincho de deleite e apertou a perna do jovem como um pequeno torniquete, e os efusivos agradecimentos de Layaline tornaram a tarefa mais difícil ainda.

— Ouve! — Aewyre conseguiu desenlaçar os braços da rapariga do seu pescoço e afastou-a ligeiramente. — Não vão viajar só comigo. Eu trago a... pessoa com a qual vim para a Cidadela.

Layaline abanou a cabeça como para dar a entender que não importava, entaramelando o seu desajeitado Glottik com Lloranc e quase com lágrimas nos olhos.

— Vamos viajar muito, e descansamos pouco. — Não era bem verdade, tendo em conta que Kror não poderia esforçar muito a perna e teria que ir de carroça, mas Aewyre sentia que tinha obrigatoriamente de

apresentar um último fator dissuasor. — Vamos dormir na floresta, e vai haver frio e neve, e a Làriana...

— Não temos frio. Levamos roupa — afirmou prontamente Layaline, que naquele momento estava num estado tal que, se Aewyre lhe dissesse que seriam perseguidos por harahan, diria que não fazia mal, que levariam velas.

— Pronto, pronto — tentou o jovem serenar os ânimos. — Partimos hoje. Preparem as vossas coisas, e eu venho buscar-vos quando formos embora.

— Vens mesmo? — quis Layaline saber num último assomo de incerteza.

— Venho — assegurou o jovem, aquietando-a com gestos das suas mãos, virando-lhe as costas e curvando-se sobre a arca. Abriu-a então por fim e tirou de cima das roupas de Layaline o livro, a sua mochila e a sua reserva de moedas de ouro. — Podes ajudar-me a comprar uma carroça e uma mula, depois.

— Sim, sim! — prontificou-se a rapariga de imediato, batendo com as mãos. — *Marsià!* Obrigada!

«Espero que não te arrependas.»

Aewyre não estava a ser capaz de sacudir o pensamento de que já se estava a desviar ligeiramente da senda da lâmina, tão pouco tempo após a sua resolução. Mas, por outro lado, com a ajuda de Layaline, poderia talvez descobrir o que Assiòn lhe quisera mostrar. Podia ser que encontrasse algo acerca da Essência da Lâmina que lhe encurtasse o caminho que tinha a percorrer. E, claro, as duas seriam uma companhia bem mais agradável que Krór, e podia até ser que tornassem a viagem menos penosa.

— Vou buscar o meu companheiro — disse, endireitando-se e pondo a mochila ao ombro. — Leva roupa e o dinheiro que tiveres. Depois venho buscar-te, está bem?

— Está bem — concordou Layaline, fazendo repetidamente que sim com a veemente cabeça, sorrindo em óbvia ignorância dos rigores da viagem que a esperava.

— Pronto. Não demoro — assegurou Aewyre, dirigindo-se à porta. — Lariana, larga-me a perna, por favor.

UM PRATO ESPECIAL

Na vasta cozinha de Allahn Anroth preparava-se o almoço para as cortes de Ul-Thoryn e Lennhau e, como já era habitual, dentro do local desenrolava-se uma autêntica batalha campal com gritos e o tinir de metal para melhor ajudar à impressão. Corria pelos altos escalões da cidade uma piada, segundo a qual a guarda de elite de lorde Aereth deveria ser constituída por cozinheiros e pelos seus ajudantes, pois após vinte anos de paz e complacência, estes estariam muito mais bem preparados para uma guerra do que qualquer soldado. Embora não fossem assim tão longe para defenderem os seus mesteres, todos os presentes, desde o mais requisitado trinchador ao mais reles soprador, não hesitariam em afirmar que tinham que tomar parte em duas verdadeiras pugnas por dia, empunhando os seus respectivos utensílios com cansado orgulho. Mestre Colmor, o arquimagiro, o mestre cozinheiro, era um rígido general cuja reputação o precedia e ainda assim não lhe fazia justiça. Como um dos mais solicitados cozinheiros de Nolwyn e nações circundantes, encarava cada refeição como a batalha que era. Uma batalha contra a inépcia dos seus ajudantes, contra a mundaneidade das especialidades vigentes, contra o banquete que anteriormente preparara, e ocasionalmente contra o azeite coagulado.

Os enormes candelabros de ferro que pendiam das abóbadas tinham

as velas apagadas, e a cozinha era iluminada pela luz proveniente das janelas e das labaredas dos fornos, o que naquele frio Inverno tornava o local minimamente apetecível. Apetecível, não confortável, pois mestre Colmor era onipresente, e a catarata que tinha num olho não o impedia de descortinar qualquer tipo de lassidão. Era um homem rubicundo e grisalho, e todas as suas roupas pareciam ter manchas e nódoas das mais variadas cores e feitios, como se nunca as mandasse lavar. Uns diziam que era um motivo de orgulho, que mestre Colmor as ostentava como um guerreiro veterano o faria com as suas cicatrizes, e lorde Aereth parecia mais que disposto a perdoar-lhe essa pequena excentricidade em troca dos seus serviços. As suas feições rubras davam-lhe um ar eternamente enfurecido, e embora nunca tivesse batido em ninguém, nem levado a cabo uma das suas muitas grotescas ameaças, que envolviam espetos e orifícios reclusos dos corpos dos seus serventes, era temido e respeitado na cozinha, pois lá era rei e senhor. Ninguém estava isento da sua acerba língua, ninguém a não ser a desnaturada criança que a guilda de rateiros enviara, à qual fora concedida uma espécie de imunidade diplomática. Mestre Colmor tinha horror a ratos, não porque os temesse, mas pela possibilidade de uma das abomináveis criaturas mergulhar numa sopa sua ou morder uma das suas delicadas obras de pastelaria. Ratos iam contra quase tudo em que mestre Colmor acreditava, e este predisusera-se a tolerar a presença de uma criança cujas roupas de mendigo e coifa branca imunda cheiravam a coisas malsãs, desde que esta erradicasse a sórdida ameaça.

Em poucos dias, Taislin conseguira estabelecer uma sólida reputação como rateiro, e a guilda não se arrependera de o ter destacado para Allahn Anroth. Os seus pares invejavam a sua capacidade felina de

caçar ratos, e Nolario, o cabecilha da guilda, via um futuro promissor naquela que julgava ser mais uma criança órfã que aprendera a sobreviver pelos seus próprios meios. Como burrik, não lhe era particularmente difícil manter a fachada, desde que andasse cabisbaixo, mantivesse os cabelos diante da cara, e evitasse olhar para pessoas em áreas bem iluminadas, onde os seus olhos de gato o poderiam denunciar. O palácio tinha realmente um problema, embora não fosse tão sério quanto algumas pessoas julgavam. Contudo, bastava exhibir um único rato e era louvado como um herói, como se tivesse acabado de tornar o mundo um lugar ligeiramente mais seguro. Graças às suas façanhas e à sua personalidade travessa, Taislin fora bem acolhido na cozinha, onde já conhecia bastantes pessoas pelo nome. Por estranho que parecesse, só por pensarem que de fato era uma criança, as pessoas tinham tendência a serem mais tolerantes para com o que dizia, algo que o burrik achava bizarro. Não percebia por que razão os humanos haveriam de querer crescer, se passavam a ser tratados de forma diferente.

— E o que aconteceu, então? — perguntou-lhe uma rapariga feia com touca e cabelos esgarçados enquanto espalmava massa com mãos farinhentas.

— O bicho escondeu-se. Via-lhe a cauda abanar como uma cobra, de tão grande que era — disse Taislin, ilustrando com movimentos serpenteantes do seu braço. Encontrava-se sentado sobre a mesa, e balançava as suas pequenas pernas. — Bati com a vassoura, mas não lhe conseguia acertar.

— Bem sei — confraternizou uma matrona de grandes braços flácidos e voz esganiçada. — Palavra, parece que os malditos bichos sabem onde vamos bater.

— Este era pior — assegurou o burrik. — Estava escuro, e juro que dava para ver o vermelho dos seus olhos a brilhar.

— Cala-te — disse a rapariga, agitando os ombros com um arrepio. — Estás a fazer-me impressão.

— Juro. Ouvia-o chiar e tudo, e quando tornei a bater com a vassoura... — Subitamente, Taislin arregalou os olhos e estendeu os braços de dedos curvados na direção da rapariga, chiando agudamente.

A rapariga cuinçou e afastou-se com um pulo, resguardando-se instintivamente com os braços. Os outros presentes riram breve e contidamente, habituados como estavam à incessante vigília de Colmor, e Taislin saiu de cima da mesa com um golpe das pernas, rindo endiabradamente.

— Velhaco! — protestou a rapariga, pegando no seu avental e tentando vergastar Taislin. O burrik esquivou-se facilmente, e passou por debaixo da mesa para evitar uma nova investida. Os outros riram um pouco mais. — Eu devia...!

— Mas o que é que se está aqui a passar? — quis Colmor saber, e o som da sua voz pôs todos menos Taislin em sentido. — O que é que andam a fazer, suas sacripantas? Juro que vos amasso essas cabeças ocas com o rolo se me estragam a massa!

— Não se preocupe, mestre Colmor — saltou Taislin em defesa das mulheres. — Estava só a ensinar à Edemia o que ela deve fazer se por acaso vir um rato.

— Ai é, catraio? Então agora também se usam aventais para matar ratos?

— E por que não? Alguma coisa morreu com o avental do mestre

cozinheiro... — comentou Taislin, apressando-se a retificar antes que alguém reagisse ao seu não tão inocente reparo. — Ou pelo menos alguém morreria *por* ele, para ter o avental do melhor cozinheiro de Allaryia.

Num raro momento de indecisão, mestre Colmor não soube se deveria sentir-se ofendido pela afirmação inicial ou ignorar a lisonja da segunda, como estava habituado a fazer. Os outros desviaram os olhares, temendo ser de alguma forma implicados caso o arquiimagiro optasse pela primeira opção, mas tal não veio a acontecer. Colmor limitou-se a lançar um olhar de advertência a Taislin antes de se retirar para ir berrar com outras pessoas.

— É bom que vás apanhando ratos, catraio — disse de costas para o burrik.

As ajudantes suspiraram de alívio e regressaram rapidamente às suas tarefas.

— Não faças isso, Mãoodelã — disse-lhe a matrona em voz contrita. Taislin dera apenas o seu apelido, “representando o papel de um órfão sem nome. — Ainda arranja problemas, e a nós também.

— Não se preocupem. — Taislin ainda tinha dificuldades em ajustar o seu registo, achando que representar o papel de uma criança fazia com que perdesse muitas boas oportunidades para fazer comentários espirituosos. — Ele ladra, mas não morde.

— Vá, vai-te lá embora antes que te metas em sarilhos, seu malandro. Não tens ratos para apanhar?

— Sim, tenho. Hoje vou ver o quarto do prisioneiro, o thuragar.

— Ai já te deixam ver os quartos? Sim senhor, grande confiança... — comentou a rapariga da touca.

— Sou bom, o que é que queres? — disse Taislin, encolhendo os ombros.

— Vá, andor — enxotou-o a matrona. — Temos que trabalhar. Vê lá, não roubes nada.

— Vão sentir a minha falta — despediu-se Taislin, encaminhando-se então para o sopeiro.

Arpezo, era o seu nome, e as refeições de Lhiannah estavam a seu cargo. Como prisioneira nobre que era, a arinnir tinha direito a algo mais além de água e côdeas ensopadas em molho, embora Taislin tivesse ouvido dizer que isso se devia sobretudo a uns recados da princesa Iollina. Ao que parecia, Lhiannah e Aereth tinham tido um «desentendimento», e este relegara-a a um claustro que em Allahn Anroth era conhecido como o Ninho, e que aparentemente se situava no topo de uma das torres do palácio. Taislin não conseguira acesso ao local, mas tinha idêia de como lá chegar, e para isso a princesa teria que ser informada.

— Olá, Arpezo. O que é o almoço hoje?

— Olhó Mãosdelã — cumprimentou-o o sopeiro, um homem bonacheirão com cabelos cinzentos ralos e um nariz com poros deveras visíveis. — Hoje temos sopa de rato. Ha!

Taislin ainda não percebera se Arpezo estava simplesmente a falar como falaria com uma criança, ou se achava efetivamente que era engraçado. Não tinha grande sucesso em nenhuma das hipóteses, mas o burrik achava que, se passasse o dia a remexer os conteúdos de potes e a condimentar sopas e caldos, talvez também fosse assim.

— Vais usar os que apanhei? — perguntou o burrik candidamente, entrando na brincadeira.

— Só os que forem mesmo sujos — continuou o homem a divertir-se, erguendo as sobrancelhas e inclinando-se de forma cúmplice para Taislin. — E já sei que vão fazer patinhas de rato como entrada.

Embora não achasse grande piada, o burrik não teve grandes problemas em sorrir, pois era algo que vinha naturalmente aos da sua raça.

— Ha, ha! E a princesa, que come ela?

— Então e porquê todo esse interesse no que a princesa come, hã?
— indagou Arpezo. — Já da outra vez me perguntaste...

— Estou só curioso. Gostava de saber a que sabe a comida de prisioneiros.

— Olha, esta sabe melhor que aquilo que tu e eu comemos — disse Arpezo, largando a colher de pau e passando para outro pote, este com um guisado que ainda fumegava. — Olha-me para esta delícia: carne de vaca, boa vaca, cebola, passas, vinagre... Tomara muito boa gente ter isto ao almoço.

— Também quero ser preso... — entrou Taislin no jogo.

— Vá, não faças essa cara de desgraçadinho — disse o sopeiro, pegando numas passas e oferecendo-as sub-repticiamente a Taislin.

— Toma estas para enganares a fome, antes que mestre Colmor nos veja a falar. Ele não gosta nada de tagarelas.

O burrik aceitou-as com a pequena mão suja, e sorriu o seu sorriso reto antes de enfiar uma na boca com um ar mais deliciado que o que esta merecia. O sopeiro virou-lhe então as costas, e Taislin sacou de um pequeno frasco, olhando rápida e furtivamente em redor antes de o atirar para dentro do guisado. Como este era espesso, o frasco ficou parcialmente à superfície, e o burrik teve de se certificar de que ninguém o via enquanto enfiava o

resto com a ponta do dedo. Fê-lo mesmo a tempo, e improvisou de seguida quando Arpezo se virou para ver o que estava a fazer, afetando uns movimentos floreados com a mão, como se estivesse a apreciar o aroma do guisado.

— Então? Põe-te a andar, Mãoodelã. Mestre Colmor é capaz de encontrar um cabelo preto numa morcela, e se me sujas o guisado...

— Está bem, está bem — acedeu Taislin, fingindo amuo ao afastar-se e dirigir-se para a saída.

A sua boa prestação na caça aos ratos não passara despercebida aos serventes e camareiros, a espinha dorsal de qualquer palácio, e tinham-lhe sido concedidos privilégios de acesso a áreas mais reservadas. Por norma era sempre vigiado por um camareiro, para que não roubasse talheres ou afins preciosidades (não que isso tivesse ajudado muito), mas Taislin tivera o bom senso de repor tudo o que furtara. Por muito que lhe custasse, e por muito evidente que fosse que aquela gente não precisava realmente de tantas coisas, libertar os seus companheiros era mais importante, e não se podia dar ao luxo de cair em suspeita. Caminhando de cabeça intencionalmente baixa por uma floresta de pernas, o burrik saiu pela porta da cozinha que levava ao salão principal, percorrendo um longo corredor decorado com frescos de cenários bucólicos antes de lá chegar. Serventes e lavadeiras passavam por ele, atarefados com os seus afazeres e ignorando-o. Apesar do seu ar circunspecto, Taislin estava atento como um gato a cada passo, e já estudara bem o palácio. Faltava-lhe apenas examinar as suas entranhas, mas se tudo corresse bem, em breve teria acesso a elas também.

— Mãoodelã?

Fingindo-se surpreso, Taislin olhou para o lado e viu o camareiro,

um homem baixo com uma túnica amarela que nunca lhe revelara o seu nome. Tinha papos debaixo dos olhos e grossos lábios com cantos descaídos, e um ar que só podia ser descrito como enfadado com tudo e todos. O seu gorro vermelho parecia uma versão alongada (e bem mais feia) do barrete do burrik, e trazia um molho de chaves ao cinto.

— Senhor...?

— Estás atrasado. O que foste fazer à cozinha?

— Ver ratos...

— Já viste os ratos. Por que é que voltaste lá? Disse que viessem trazer-te aqui ao salão.

— Estava com fome, senhor. Desculpe — mentiu o burrik com ar falsamente acabrunhado.

— Os da tua laia comem o que se lhes dá, *quando* se lhes dá. Entendes? — afirmou o camareiro petulantemente.

— Sim, senhor. Desculpe.

O homem fungou com desdém e virou as costas a Taislin.

— Segue-me. Hoje vais verificar o quarto do prisioneiro.

«*Se eu tivesse que usar um gorro assim, talvez também fosse mal-encarado...*», compadeceu-se o burrik, seguindo o camareiro pelos corredores fora.

Enquanto caminhava, ao invés de observar objetos bonitos e atreitos a serem levados, Taislin ia desenhando um mapa mental do palácio para eventual futura referência. Não era um bom local para fugir, demasiado amplo e iluminado, e parecia haver sempre alguém a andar pelos corredores. Era lindíssimo, com os seus pisos providos de ornados ladrilhos, frescos ao longo das paredes, e uma verdadeira galeria de cariátides de mármore com humanos bem vestidos e caras enfadadas em recessos ao longo das paredes,

mas Taislin duvidava de que os guardas estariam perdidos em contemplação dessa beleza enquanto os prisioneiros escapavam. Como para ilustrar os seus receios, surgiram dois homens com arneses em forma de ampulheta e barbudas com aberturas em forma de Y, empunhando ameaçadoras partasanas. Podiam não estar tão organizados como os da fortaleza de Coilen em Alyun, mas também nessa altura Taislin tivera apenas que se infiltrar, não fugir com outras duas pessoas a atrapalharem. O burrik não estava habituado a fazer grandes planos e preferia agir segundo os seus impulsos, mas eram as vidas dos seus amigos que estavam em jogo, e não as iria perigar só por capricho. Aprendera o suficiente nas suas aventuras com os seus companheiros para perceber que, quando não estava a trabalhar sozinho, as coisas funcionavam melhor com um plano. Modéstia à parte, o que urdira até nem era nada mau, e mal podia esperar para o partilhar com Worick e Lhiannah e ver as suas caras surpresas. Gozavam sempre com ele de cada vez que tentava colher os merecidos louros das suas façanhas, mas desta vez não teriam nada a apontar. Até o Worick seria forçado a engolir as suas palavras, e Taislin teria todo o gosto em lhas temperar.

Sem uma palavra, o camareiro virou-se e deteve-se diante de uma porta, à frente da qual ficou a remexer no seu molhe de chaves, mantendo-o desconfiadamente perto da barriga e espremendo a papada do seu pescoço para fora ao baixar o queixo. O seu lábio inferior projetou-se para fora ao fazê-lo, e Taislin ficou a observar a grotesca careta do homem enquanto este procurava a chave, questionando-se como ele conseguiria sequer ver a olhar para baixo com tamanhos papos debaixo dos olhos. De alguma forma, o camareiro lá conseguiu encontrar a chave, e abriu a porta, lançando um último olhar papudo de advertência a Taislin antes de entrar.

— Não toques em nada, criança — reiterou, postando-se ao lado da porta e cruzando os braços, sem sequer olhar para o burrik.

— Sim, senhor — anuiu Taislin, entrando ele também e detendo-se apenas brevemente ao ver Worick deitado na cama. Não era uma posição na qual estivesse habituado a ver o thuragar, muito menos com tamanho palor na cara deste, envolto em mortícios lençóis brancos e com os cabelos e barba soltos. Parecia tão mais grisalho, tão mais... velho.

O camareiro pigarreou como para sinalizar que Taislin se devia despachar, e este recuperou rapidamente da sua surpresa inicial, fingindo então estar a tirar as medidas à sala. O quarto não tinha janelas, e as únicas peças de mobília além da cama eram uma mesa de artesão, um lavatório e uma arca. A luz provinha do fogo da lareira, bem como de umas candeias dependuradas das paredes, e era suficientemente difusa para que Taislin se permitisse levar mais tempo que o que seria de prever para um quarto daquelas dimensões.

— Já... viram ratos aqui?

Podia ser impressão sua, mas pareceu-lhe ver a cara feia e cheia de cicatrizes de Worick mexer-se ao som da sua voz. Quase imperceptível, uma mera contração de um músculo facial. Taislin continuou a fingir estudar a sala.

— Não — respondeu o camareiro secamente.

— Isso não quer dizer nada, senhor — afirmou Taislin, dirigindo-se à arca e espreitando por detrás dela. — Os ratos podem aparecer do nada. Às vezes, parece que voam. Ou que atravessam paredes.

O homem não pareceu interessado, nem tão-pouco motivado a dar continuidade à conversa, e Taislin prosseguiu com a sua busca fictícia. Não

havia o mínimo indício de ratos, mas o burrik conseguira deixar o palácio em polvorosa com alguns visitantes indesejados que trouxera propositadamente das suas incursões noutros lugares. Os rumores de uma infestação não tardaram a fazer-se sentir, e os serviços da guilda foram ainda mais requisitados, sobretudo os de membros profícuos como o órfão Mãosdelã, e isto ao ponto de permitirem buscas mesmo nos cantos mais improváveis de Allahn Anroth, como o era aquele quarto.

— É que sabe... — O burrik calou-se repentinamente ao ver aberto o olho de Worick. O thuragar mantinha o outro fechado, e estava obviamente a tentar ser sutil, mas a surpresa de Taislin por pouco não lhe estragou os planos. — Hã... os ratos são espertos. Muito espertos.

Taislin caminhou ao longo das paredes, passando ocasionalmente o dedo pelo chão e levando-o ao nariz, fingindo-se de entendido enquanto aproveitava para olhar de soslaio para Worick. O thuragar estava acordado, disso não havia dúvida, e o camareiro não parecia ter reparado.

— Eles às vezes fazem-se de mortos, sabe? Conseguem desaparecer quase sem deixar rasto. Mas este deixou.

— Queres dizer que há um rato aqui, criança? — perguntou o camareiro, dando por fim sinal de que estivera a ouvir.

— Houve, houve, senhor. Ainda cheiro os cocozinhos que ele deixou — afirmou Taislin, erguendo o indicador que andara a passar pelo chão. Uma mentira, mas duvidava de que o homem fosse farejar os cantos do quarto só para se certificar. — Ele há de voltar.

— Tens a certeza?

— Oh, sim, senhor — asseverou o burrik, dirigindo-se então à cama de Worick, que seguia cada passo seu com um olho apenas. Felizmente, o

thuragar tivera o bom senso de não desatar a barafustar, parecendo compreender que Taislin não estava ali propriamente de visita. — De certeza absoluta. Ratos voltam sempre quando não são encontrados, e adoram thuragar, sabe? Devem pensar que o cheiro é parecido, como também gostam de viver em túneis.

Taislin não resistira a esse pequeno chiste, e podia jurar que a barba de Worick se eriçara ligeiramente. O seu olho, pelo menos, arregalou-se, e nele liam-se todo o tipo de vitupérios que o thuragar certamente apenas a muito custo refreou. Para Taislin, resistir ao sorriso que ameaçava rachar-lhe a cara também não foi um esforço menor.

— Volta, sim senhor. E se *alguém por acaso o vir*, eu também terei de voltar. — O burrik enfatizou propositadamente as suas palavras, lançando a Worick um rápido e quase imperceptível olhar pleno de significado. — Não gosto quando ratos me escapam. Sabe como eles também ficam resistentes a veneno? Se um deles escapa a um certo rateiro, há outros que começam a escapar-lhe também, percebe?

— Já terminaste então, criança?

— Sim. Mas se alguém vir um rato outra vez, tem que me chamar, está bem?

— Anda. Já perdi demasiado tempo contigo — disse o camareiro secamente. Não saíra da mesma posição desde que Taislin entrara, e não fosse pela sua aparente pressa, parecia capaz de assim permanecer durante horas.

— Procurar ratos não é perda de tempo, senhor. Se um dia acordar na cama com um em cima do seu peito a olhar para si, logo me diz.

A imagem não pareceu perturbar o homem, que de qualquer forma

não parecia ser particularmente perturbável. Era daquele tipo de pessoas que Taislin gostava de ajudar com os seus comentários espirituosos e reparos oportunos, pois tinha pena de pessoas sisudas, e achava que estas perdiam bastante na vida. Porém, tal como Worick, essas pessoas costumavam reagir mal ao seu altruísmo, e era importante estar nas boas graças do camareiro. Tanto quanto (ou mesmo se) era possível estar nas boas graças de alguém tão macambúzio.

— Anda, criança. Tenho mais que fazer.

— Sim, senhor — acedeu o burrik, esfregando os dedos nas calças sujas e lançando um último olhar a Worick antes de se dirigir à porta. Só podia esperar que o thuragar não estivesse demasiado embrutecido para perceber a sua mensagem. Não estava decididamente com bom aspecto, e não se lembrava de ver os seus cabelos tão cinzentos, nem a mecha branca na sua barba tão grande.

— O senhor chama-me a mim se alguém vir um rato aqui, não chama? — insistiu ainda, detendo-se à beira da porta. — Não quero que os ratos me comecem a escapar...

— Começo a perder a paciência, criança — avisou o camareiro, inclinando a velha cabeça para o lado para dar a entender que o burrik devia sair.

— Não a perca, senhor, não a perca — pediu Taislin, retirando-se por fim. — Pode ser que nunca mais a encontre...

Fungando desdenhosamente, o camareiro fechou a porta atrás de si, trancando-a com um girar da chave.

Como sempre, o Ninho estava frio e escuro, mas graças às oferendas de Iollina fora possível torná-lo minimamente habitável, cobrindo

o bloco de pedra que servia de cama com uma colcha e tapando a estreita abertura na parede com mantas. O cubículo era agora iluminado por uma solitária candeia colocada na abertura, que de qualquer forma antes propiciara mais frio do que propriamente luz, e a pequena labareda banhava o cubículo com um sombrio lume amarelado. Lhiannah estava sentada sobre a cama, de costas para a parede e abraçada às pernas, cabisbaixa e com a cara tapada pelos cabelos louros, de cujas raízes se alastrava de forma cada vez mais evidente uma mancha mais escura. Envergava um vestido bege trazido pela aia a mando de Iollina, e tinha uma manta aos ombros para a resguardar do frio da parede, que se parecia querer infiltrar nos seus ossos. Ainda não sabia ao certo o que era pior no Ninho: o frio ou o silêncio. Lhiannah sentia-se destacada do resto do mundo, empurrada para um canto e esquecida, e o ter tapado a abertura na parede privava-a de qualquer ruído do exterior que pudesse ter passado através dela. Do outro lado da porta, o guarda raramente dava de si, a não ser quando vinha entregar-lhe as suas duas refeições diárias. Havia apenas um tênue e quase incessante ruído de fundo na forma de uma corrente de ar que uivava no exterior, ao qual a princesa já se habituara e que já mal registrava. Presa com os seus pensamentos, sozinha com o tédio, debaixo da pendente ameaça da criatura chamada Hepascar e sem saber se Worick estava bem ou não, Lhiannah quase enlouquecera. O seu couro cabeludo ainda lhe doía dos cabelos que arrancara de frustração, e os nós das suas mãos estavam cortados e inchados devido aos persistentes e desesperados murros na porta. Não dormira durante várias noites, temendo que Hepascar tornasse a surgir do nada, e não foi senão quando tombou de exaustão que conseguiu mergulhar num profundo sono cheio de pesadelos.

Porém, não tivera quaisquer visitantes inesperados nos últimos dias, nem sequer da aia ou da princesa Iollina, e o seu único contato humano continuava a ser o que obtinha através do guarda da sua porta. O homem não falava muito, apenas o estritamente necessário para lhe comunicar as horas de refeição, e nunca respondia às suas perguntas, mas a sua voz já começara a adquirir contornos balsâmicos para Lhiannah. Era a sua única companhia, por muito distante que fosse, o único indício de que não estava sozinha com os seus medos. Lhiannah passara por todo um espectro de emoções no Ninho, desde o desespero à autocomiseração, e naquele momento encontrava-se simplesmente num estado de letargia conformada. Já não tinha mais energias para se insurgir ou gritar, além de que sentia a garganta crua devido aos incessantes berros dos dias anteriores. Os seus amigos estavam longe, encontrava-se cercada por inimigos que até então desconhecia, e não via forma alguma de conseguir escapar dali. Pensara muito em Taislin, no ousado salvamento que este empreendera na fortaleza do tirano Coilen em Alyun, mas o tempo passara e o burrik parecia-lhe tão distante quanto Aewyre. E não estava numa masmorra, mas sim no topo de uma torre cuja porta dava para corredores com guardas arnesados e cuja janela era demasiado pequena para sequer ponderar arriscar uma queda que terminaria numa morte espatifada no pátio ladrilhado em baixo. Simplesmente, a princesa já não sabia o que fazer, e estava disposta a deixar o seu destino nas mãos dos deuses.

O ruído de uma mão revestida de aço a bater à porta ergueu-lhe a cabeça bruscamente, e por entre as madeixas de cabelos louros viam-se olhos azuis injetados de sangue e com olheiras.

— A vossa refeição, princesa — anunciou a familiar voz do outro

lado da porta antes de abrir a pequena portinhola na base desta.

Lhiannah largou as pernas e deslizou os pés até ao chão, sentindo de imediato um intenso formigar descer-lhe pelos joelhos abaixo que fez com que coxearse ligeiramente até à entrada. Da portinhola surgiram um pote com guisado fumegante e um jarro de vinho de cerâmica, ambos empurrados por um par de manoplas que Lhiannah já por várias vezes tentara agarrar na tentativa de extrair informações. Porém, naquele momento faltavam-lhe a vontade e a energia para o fazer, além de que ações daquelas só lhe tinham trazido mais problemas. Curvando-se para pegar resignadamente no seu almoço, Lhiannah retirou-se para a sua cama improvisada sem uma única palavra, e o guarda fechou a portinhola. O som dos seus passos acerados a descerem o curto lanço de escadas sinalizavam o reinício do silêncio, e Lhiannah afogou-os com o som do vinho a ser tragado. Ainda que tivesse sabido distinguir uma boa colheita de uma qualquer zurrapa, não lhe teria feito diferença alguma, pois estava cheia de sede, e o vinho acalentou-lhe o corpo por dentro ao escorrer pela sua garganta abaixo. De qualquer forma, ultimamente nem a comida nem a bebida lhe sabiam a coisa alguma. Sentia-se atrofiar lentamente no Ninho, não havia nada que pudesse fazer a respeito, e não sabia quais as intenções finais de Aereth. Pretenderia o irmão de Aewyre mantê-la ali até que definhasse? Não ousaria, o seu pai Sunlar empreenderia uma guerra sem quartel contra Ul-Thoryn... Mas, e daí, por que haveria de o fazer? Não passava da inveterada filha bastarda, que ainda por cima fugira de casa e ao que parecia apenas arranjava problemas diplomáticos para o seu pai. A cabra da Alnara, a sua madrastra, estaria certamente a fazer e dizer das suas, e talvez achassem melhor deixá-la simplesmente naquela torre. Quem sabe,

podia até ser que o seu pai e Aereth tivessem chegado a um entendimento, e que o motivo pelo qual ninguém lhe dizia nada se prendia com o fato de estar votada ao esquecimento no Ninho. Uma noção semelhante causara-lhe um ataque de pânico alguns dias atrás, mas naquele momento a arinnir não se sentia particularmente atreita a grandes emoções.

Lhiannah bebeu mais um trago de vinho, sentou-se e pousou o pote quente no seu regaço, ajeitando ligeiramente a manta sobre os ombros antes de começar a comer. Remexeu ligeiramente o guisado com a colher de pau que viera com o pote, batendo em algo duro no fundo, que tomou por um osso. Apesar da sua dessensibilização, o odor do guisado ainda assim fez-lhe água na boca, e Lhiannah soprou apenas levemente a primeira colherada, engolindo as seguintes com sofreguidão e queimando a língua ao fazê-lo. Ainda não a tinham feito passar fome, mas por vezes tinha a noção de que tão-pouco se esforçavam para lhe dar de comer a intervalos regulares. As refeições eram o ponto alto de cada um dos seus dias, pelo que aprendera a dar-lhes o devido valor. A aia de Iollina dissera-lhe que voltaria quando pudesse, mas aparentemente tal não lhe fora possível. O mais certo era Aereth ter sabido da visita, e talvez a pobre rapariga estivesse a ser castigada por isso mesmo. Não era justo, mas também, nada daquilo o era. Ainda assim, Lhiannah mal se achava capaz de reunir suficiente fel para sentir raiva para com o irmão de Aewyre. Estava demasiado cansada para o fazer, e só o resistir à tentação de simplesmente fechar os olhos e desistir de tudo já quase requeria mais energia de que Lhiannah julgava dispor.

A sua colher tornou a bater em algo duro no fundo do pote, e Lhiannah estranhou a vibração contra o metal. Não parecia ser um osso. Colhendo o estranho objeto, a princesa arrastou-o ao longo da concavidade

do pote até à superfície, e ficou surpresa ao ver o guisado escorrer de um pequeno frasco de vidro. Por um breve instante, teve a noção de que estava ali para a envenenar, mas cedo se convenceu de que tal não faria sentido. Ainda assim, cuspiu o que tinha na boca para dentro do pote, e pegou no frasco com a ponta dos dedos. Era esguio e estava tapado com uma rolha, e parecia ter algo no interior. De sobranceiras franzidas, Lhiannah sacudiu o frasco e deixou o resto do guisado escorrer, limpando-o então à ponta da manta que tinha aos ombros e chupando os dedos antes de o destapar.

— Mas que é isto? — murmurou Lhiannah para si mesma com uma voz rouca. Não costumava falar sozinha, mas ultimamente começara a tornar-se um hábito fazê-lo.

Era um pequeno rolo de papel, facilmente extraído, e que Lhiannah desenrolou com dedos hesitantes e de unhas carcomidas e mais compridas que as que costumava ter. Não reconhecia a letra da mensagem que nele estava escrita, ou melhor, gatafunhada a tinta, mas as palavras que os rabiscos formavam causaram-lhe um afloramento no peito mais quente que o do vinho.

Fax barulhu na tua latrina. Eu vô tirárte e au Uoric daí. Confia eim mim.
Taislin

— Taislin? — disse Lhiannah em surdina, enrugando o papel com as pontas dos dedos ao apertá-lo com mais força. As palavras atordoaram-na, e a princesa piscou os olhos para as ler outra vez e certificar-se de que não estava a alucinar. Após a confirmação, Lhiannah esmagou a carta contra o peito, arquejando e olhando de boca aberta para o vazio.

— Oh, Taislin... — repetiu, deixando-se decair lentamente de costas contra a fria parede, fechando os olhos e enrugando a carta ao fazê-lo.

Lhiannah começou a chorar, não de desespero, raiva ou frustração, mas por aquilo que já julgara ter perdido.

Esperança.

SUSSURROS DA SOMBRA

Em Allaryia, o sono nem sempre era algo restabelecedor, sobretudo para magos e todos aqueles que de alguma forma se relacionavam com a Essência de uma forma mais íntima que os demais restantes. Esses corriam o risco de se verem chamados pelo Pilar sempre que a sua consciência era deixada à deriva, o que sucedia quando meditavam e, por infeliz analogia, por vezes mesmo quando dormiam. Não era de todo infrequente um utente da Palavra encontrar-se inesperadamente em forma incorpórea nas águas do

Pilar num misto de sonho e verdadeira manifestação.

Calhara a Allumno ver-se inconscientemente atraído naquela noite em particular, e a sua forma incorpórea andava à deriva no mar sidéreo do Pilar, emulando a sua postura adormecida. Não estando verdadeiramente alheio nem completamente ciente da sua presente condição, o mago continuava a dormir, mexendo-se apenas ocasionalmente a par dos movimentos do seu corpo. Porém, havia algo do qual se apercebia, ainda que inconscientemente: a sedutora voz masculina que lhe sussurrava aos ouvidos. Começara a ouvi-la mesmo no limiar do sono, durante a sempre imperceptível transição entre o estado desperto e o adormecido, e desde então esta não deixara de lhe falar. Se fazia ou não parte do seu sonho, Allumno não o soube dizer, mas não deixou de estranhar a nível visceral aquela que mesmo na sua presente condição se lhe afigurou como uma intrusão na sua psique. Embora a voz lhe fosse desconhecida, já não era a primeira vez que o mago a ouvia; esta sussurrara-lhe ocasionalmente durante as suas deambulações conscientes pelo Pilar, murmurando-lhe palavras que não faziam sentido imediato. Falava-lhe com a voz de um confidente, com o trato familiar de alguém que o conhecia, embora fosse difícil dizer se era ou não realmente com ele que estava a falar. Isto porque a voz nunca se lhe dirigia diretamente, além de nunca referir o seu nome e de se dirigir aos seus interlocutores no plural.

— *Sim, havia a Sombra no Pilar* — disse a voz, como se estivesse a dar seguimento a uma conversa cujo princípio Allumno não ouvira.

— *Algum de vocês ficaram curiosos; é natural, está na vossa natureza. Acabaram por a descobrir, e foi mais forte do que vocês. Tiveram que a explorar.*

Ainda posicionada como se estivesse a dormir, a manifestação

incorpórea de Allumno mexeu-se, desconfortável por alguma razão.

— *Exploraram-na, e descobriram as almas dos meus fiéis, os meus Fadados, sacrificados em meu nome. Viram-nos, e certamente perceberam que não era um destino que deveriam desejar para vós mesmos...*

Bem fundo no seu subconsciente, Allumno sentiu que a sua mente estava a ser invadida, ainda que sutilmente, mas não se conseguia levar a fazer algo a respeito além de estrebuchar como se estivesse a ter um pesadelo.

— *Não obstante, ouviram-me. Captaram as minhas impressões residuais na sombra. Sim, residuais. Eu nem sequer estava presente* — explicou a voz.

— *Durante a guerra estive ocupado, e depois desta, aprisionado. Ouviram, ou melhor, sentiram as minhas impressões residuais.*

Flutuando à deriva, a manifestação de Allumno mexia-se, incomodada, sem contudo estar certo quanto ao que se estava a passar, se estava ou não a sonhar.

— *Ninguém vos incitou ou incentivou. Ninguém vos obrigou a nada* — continuou a voz. — *Quando muito, enquanto chafurdavam na sombra como porcos em lama fresca, aperceberam-se das alternativas* — enfatizou.

— *Deixaram-se imergir na sombra porque esta vos agradou, porque vos mostrou outras possibilidades.*

Insidiosa, a voz rodeou então a forma incorpórea de Allumno, não mais ciciando aos seus ouvidos, mas parecendo originar de todo o lado, como se soprada por um qualquer vento etéreo do Pilar. A sensação onírica foi o equivalente à impressão de estar a girar a par de um fantasma atrás do seu ombro, cujo tom se mantinha constante a despeito dos seus protestos.

— *Aquilo que ouviram, aquilo que sentiram, encorajou-vos a serem verdadeiros*

para convosco mesmos, nada mais — persistiu a voz. — Pelou as camadas que revestiam o verdadeiro âmago das vossas almas.

Mesmo adormecido e a sonhar, o mago contestou as palavras, estrebuchando e abanando a cabeça em negação.

— Vocês tinham poder, e eram temidos por isso pelos restantes. Justamente temidos. Daí até alguns se sentirem motivados a tirarem partido desse fato, foi um passo curto — afirmou a voz, pela primeira vez com um tom que só podia ser descrito como escárnio. — Um passo bastante curto.

— Não... — ouviu-se Allumno por fim dizer, mas a voz não pareceu fazer caso dele.

— Claro que o mais fácil foi culpar-me a mim quando as pessoas não gostaram do que viram — continuou, alheia aos seus protestos. *— Tanto vocês como os outros. Há coisas que todos gostam de manter escondidas, mas que inevitavelmente vêm sempre à tona. As minhas impressões residuais aceleraram esse processo.*

— Não... — repetiu Allumno, tentando consciente ou inconscientemente bloquear a voz, parar de a ouvir, sem qualquer sucesso.

— Quando isso acontece, é sempre mais fácil culpar tudo o resto, exceto a nós mesmos, não é? — indagou a voz retoricamente. *— Os vossos pais. O vosso ambiente. A vossa sorte. O estranho, o desconhecido, o inefável. Eu sou todos esses três, logo, só podia ser eu o culpado.*

— Não... — persistiu o mago, a sua forma etérea agora decididamente agitada, ciente de que se tratava de algo mais que um mero pesadelo.

— Dizem que sou o senhor das mentiras, mas a verdade é que aprecio... a verdade — disse a voz, fazendo então pela primeira vez uma pequena pausa.

— *E a verdade é que vocês não passam de animais.*

Com isto, Allumno despertou, erguendo repentinamente o tronco, ofegando e abrindo os olhos para a escuridão do mundo desperto. O lençol que o tapara foi arrastado, o que originou um protesto da parte de um dos homens com os quais partilhava a cama da estalagem na qual estava alojado. As luzes estavam apagadas e as janelas fechadas, pelo que Allumno apenas ouviu os resmungos meio adormecidos do homem e sentiu o lençol ser puxado na direção oposta. O mago não fez caso e deixou-o ficar com o lençol, deixando-se ficar na mesma posição enquanto esperava que as batidas do seu coração abrandassem. A faixa que usava à testa para cobrir a gema nela incrustada estava ensopada de suor, bem como a camisa interior com a qual dormira, e os cabelos colavam-se às têmporas. Mexer os lençóis libertara o cheiro pouco agradável dos ocupantes que estes haviam retido, bem como o dos anteriores, e que se misturava com o do penico ao dispor de todos os presentes no quarto.

Suspirando longamente, Allumno descobriu-se completamente e saiu da cama, tendo a atenção de repor o lençol para não incomodar mais os outros ocupantes do leito. Dormira agarrado à sua bolsa e sacola, pois não confiava nos seus companheiros de quarto, e as suas mãos estremunhadas deixaram ambas cair, o que originou diversos protestos sonolentos na escuridão. Ainda com a mente em alvoroço, Allumno foi quase mecanicamente buscar as suas roupas, arrumadas de qualquer maneira a um canto da sala, vestindo-as apressadamente, pegando no cajado e encaminhando-se ao longo da parede para a direção na qual julgava encontrar-se a porta. Porém, mesmo assim, pisou e deu pontapés em homens deitados, que rosnaram ameaças com um tom de voz que contudo

dava claramente a entender que não se iriam levantar. O alojamento não tinha as mínimas condições, era um autêntico tugúrio, mas Allumno não tivera escolha, apanhado por um temporal numa isolada estrada namuriquana. A proprietária, uma hedionda mulher chamada Wugga, recebera-o com toda a atenção que provavelmente era reservada aos seus restantes clientes: nenhuma. O seu dinheiro assegurara-lhe um caldo de galinha agüado com pão duro de centeio, e uma dormida num quarto partilhado com outros itinerantes. O mago reservara igualmente um banho para a manhã seguinte, e era por essa razão que se dirigia à porta, tanto para se libertar do cheiro como do sentimento opressivo que nele permanecera após o sonho.

Alguns sonolentos pontapés e pisadelas depois, Allumno chegou por fim à porta e abriu-a ao encontrar a maçaneta à terceira tateante tentativa. Uma vez no escuro corredor, o mago fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela, inspirando brevemente fundo de olhos fechados, abraçado aos seus pertences. Ao fundo da serventia brilhava a mortiça luz da alvorada, oriunda do alçapão do qual descia a escada que dava para o rés-do-chão. Foi na direção deste que Allumno se encaminhou, alçando a sua sacola ao ombro e com demasiada pressa para se preocupar com o ruidoso ranger das tábuas velhas provocado pelos seus passos. Ouviu alguns ruídos abafados do outro lado das finas paredes de má qualidade, mas não lhes deu atenção. O pesadelo que sabia não o ter sido deixara-o abalado, e o mago queria afastar-se quanto antes do local onde o tivera. Afastar-se para poder pensar e nele refletir, coisas para as quais de momento não se sentia minimamente apto.

— *E a verdade é que vocês não passam de animais* — ecoou a voz na sua

cabeça, a voz que sabia a quem pertencia, e em quem preferia não pensar. Em quem não *ousava* sequer pensar.

Aturdido, Allumno desceu a instável e carcomida escada de costas, assentando mal um pé e arquejando ao evitar por pouco não cair do primeiro andar. Conseguiu chegar ao rés-do-chão sem quaisquer acidentes de maior, e foi saudado por uma roufenha voz feminina. Ao virar-se viu Wugga, que se encontrava atrás do balcão com uma criança ao colo a ser amamentada e outras duas mais velhas agarradas à sua saia. Wugga era uma corpulenta mulher de formas redondas, baixa e atarracada, e mais parecia uma thuragar grande do que uma humana pequena. Trajava um vestido castanho com uma suja bata cinzenta, e tinha um grande e descaído seio de fora, ao qual a pequena criança consolada ao seu colo estava agarrada. Debaixo do peito tinha uma barriga que denotava tanto um grande apetite como uma descendência alargada, o que não era de admirar, visto que a mulher lhe pergantara se estaria interessado noutros *serviços* além do alojamento, naquele que parecia ser um procedimento algo comum no estabelecimento. A sua cara era perfeitamente redonda, rubicunda a um extremo quase inebriado, de maçãs do rosto bem salientes e com manchas e veias arroxeadas bem visíveis nestas e no pequeno nariz. Tinha cabelos grisalhos e despenteados que lhe davam um aspecto de quem passava o dia a sair da cama, uma pequena boca de cantos a tenderem ligeiramente para baixo e vivos e penetrantes olhos azuis.

— Bons dias — retribuiu Allumno em Glottik, conseguindo recompor-se o suficiente para ser educado. Entre uma série de dialetos, a língua da Namuriqua era o Usgagg, e esta não constava da lista de proficiências do mago.

A mulher perguntou-lhe algo que Allumno não percebeu, mas quando esta indicou a porta com a pequena mão de dedos rechonchudos, o mago deduziu que se estivesse a referir ao seu banho e fez que sim com a cabeça, esfregando ainda a barriga para dar a entender que desejava comer antes de se ir lavar. As crianças olhavam-no como a uma criatura exótica, e Allumno de fato parecia uma, com uma faixa sobre a testa e um cajado com a ponta igualmente enfaixada de forma a esconder o de outra forma certamente apetecível rubi nele encastrado. Segundo a impressão que tinha de si mesmo, devia ter o aspecto de alguém que aparentava normalidade, sem contudo deixar de ostentar uma série de pormenores que aludiam a segredos. Wugga não pareceu muito interessada, e resmungou qualquer coisa enquanto ia buscar comida, seguida pelas crianças como uma pata. Allumno não teve de ficar muito tempo sozinho com os seus pensamentos, pois a mulher regressou pouco depois com uma fumegante taça de madeira na mão, pousando-a no balcão com um trapo à laia de toalha e rosnando algo ao apontar para o recipiente e para a porta, para a qual se dirigiu. Allumno anuiu e foi comer a sua insípida papa de centeio enquanto esperava que Wugga fosse preparar o que julgava ser o seu banho. Na verdade, talvez a papa nem fosse insípida, mas estava de tal forma enervado pelo que sucedera durante o seu sono que nem conseguia sentir o sabor. De qualquer forma, não tinha grande apetite, mas habituara-se entretanto a comer sem qualquer prazer, vendo a nutrição como uma necessidade para se continuar a mexer.

Wugga chegou pouco depois, deixando a porta aberta e indicando-a com o seu polegar, não mostrando grande interesse em saber se Allumno gostara do pequeno-almoço ou se já o acabara sequer. O mago não se

importou e levantou-se, deixando a capa a meio, levando a toalha e agarrando as dobras da capa para cobrir com esta o torso ao sair porta fora, saudado pelo seco e estalante frio matinal da Namuriqua. A estalagem encontrava-se numa estrada isolada a meio de uma paisagem revestida por neve e pontilhada por bosquetes desbastados, um edifício em mau estado apetecível apenas para o mais desesperado dos viajantes. O estábulo do qual dispunha não passava de um alpendre na parte lateral da estalagem com anéis de ferro na parede aos quais as montarias podiam ser amarradas. Servia evidentemente apenas para resguardar a lenha debaixo dele empilhada, mas a mulher adaptara a estrutura às necessidades do seu estabelecimento. Allumno deduziu que Wugga tivera um marido ferreiro, pois havia ainda um toro de madeira com uma pequena bigorna nele espetada, e era ao lado desse que se encontrava a tina fumegante na qual iria tomar banho. Não era o ritual mais apetecível em semelhantes condições, mas o mago deu-se simplesmente por satisfeito por estar abrigado do vento e começou a despir-se diante dos cavalos, removendo a capa por último. Mal cabia dentro da tina, e mesmo em posição fetal quase não tinha espaço para enfiar os braços na água para a verter sobre a sua cabeça, mas abstraiu-se do desconforto da situação, permitindo-se por fim refletir acerca do que acontecera.

Seltor.

O Flagelo falara, se não com ele, pelo menos *para* ele. Ouvira-o tão claramente como se tivesse estado diante do próprio Anátema. A sua voz... ecoara pelo Pilar, conseguindo ainda assim dar-lhe a impressão de que se dirigia a ele diretamente. Já antes a ouvira, embora não tivessem passado de misteriosos murmúrios e sussurros enquanto vagueara pelo Pilar em busca

de magos para continuar a tarefa da qual o seu mestre Zoryan o incumbira. Naturalmente que o haviam deixado apreensivo, pois revelavam no mínimo que a sombra do Pilar estava a exercer uma certa medida de influência sobre este desde o regresso d'O Flagelo, mas na altura Allumno achara apenas que esta dava razão ao desassossego do seu mestre. Porém, nunca antes ouvira um monólogo tão alongado e coerente da parte desta, nem tão assustadoramente... mundano. O Flagelo a pôr-se quase ao nível de quem o ouvia, a fazer confidências, quase como que a... justificar-se. Era caso para o mago duvidar da veracidade do que ouvira, ou mesmo daquilo que sabia acerca das divagações pelo Pilar durante o sono, e descartar tudo como um simples pesadelo motivado pelas suas próprias incertezas e reservas quanto àquilo que estava a fazer em nome do seu mestre.

A água quente correu pelos cabelos de Allumno abaixo quando este a despejou sobre a cabeça com as mãos em concha, esfregando-os então vigorosamente, como se com elas pudesse lavar a memória das palavras d'O Flagelo. Sentia a sua mente inquinada, como se tivesse conseguido acesso a segredos proibidos que os humanos não haviam sido concebidos para compreender. Mas Allumno compreendia. Compreendia muito bem. E era precisamente isso o que mais o assustava.

— *...nem sempre a culpa reside onde nós julgamos. Antes de olhar para outros devemos olhar para nós mesmos. Você também não é imune, Allumno da Gema Vermelha.*

Assim o dissera Strelyanika, a Velha Avó, uma maga com a qual estivera muito perto de combater havia algumas semanas. As palavras dela tinham-no dissuadido então, e ainda agora exerciam sobre ele influência ao ponto de se conseguir recordar delas após ter ouvido o próprio Flagelo.

Afinal, por que queria o seu mestre que Allumno desempenhasse o papel de juiz e executor? Segundo este, porque temia que Seltor conseguisse influenciar magos através do Pilar como alegadamente o fizera após a Guerra da Hecatombe, quando a sombra deste crescera, alimentada pelos sacrifícios dos Fadados. A voz aparentemente corroborava as suspeitas do seu mestre, mas Allumno duvidava cada vez mais da justiça de estar a cometer assassinatos de preempção. Além disso, a voz ia de acordo com as palavras de Strelyanika, e levantava uma importante consideração que duvidava de que Zoryan tivesse tido em conta. E se a culpa fosse verdadeiramente daqueles que haviam explorado a sombra do Pilar, daqueles cujas naturezas eram intrinsecamente malignas?

«*Oh, Acquon me cure...*», lamentou-se Allumno de olhos fechados, esfregando a cara com a mão molhada e pressionando com força a gema incrustada na sua testa com os frustrados dedos. «*Em que estou eu a pensar? A legitimar as ações d'O Flagelo?*»

Ouvira-o. O seu mestre tinha razão, não importava o quão persuasivas as palavras do Anátema tivessem soado, o quão convincentes os seus argumentos. Era a tal corrupção que Zoryan temera, as sedutoras sugestões sussurradas pela sombra do Pilar que o poderiam perverter se lhes desse ouvidos. Não podia baixar a guarda de forma alguma, nem mesmo enquanto dormia, aparentemente. Teria de falar com o seu mestre quanto antes, pois a presente situação urgia que...

O relinchar de um cavalo apanhou Allumno desprevenido, sobressaltando-o devido à placidez com a qual até então as montarias se tinham simplesmente deixado estar. Esfregando a água dos olhos e do nariz com os dedos, o mago olhou para trás, esperando ver dois garanhões a

morderem-se um ao outro e temendo que o seu cavalo se pudesse magoar. Porém, as bestas pareciam todas agitadas, e não umas com as outras. Mexiam-se nervosamente, baixavam as cabeças e resfolegavam, e Allumno olhou em redor em busca de uma ameaça — um lobo ou um qualquer humanóide monstruoso — sem contudo nada ver. Enquanto olhava à volta, recapitulou rapidamente aquilo que sabia acerca da fauna natural e sobrenatural da Namuriqua, mas antes que pudesse especular demasiado, a terra começou a tremer.

Agarrando-se às bordas da tina, Allumno soergueu-se, olhando para o chão em inicial incredulidade, que cedo evoluiu para genuíno medo. Em pânico, os cavalos escoicearam e alçaram as cabeças, alguns arrancando mesmo os anéis de ferro aos quais as suas cordas estavam atadas e começando a fugir. Allumno saiu então da tina, queimando os pés descalços no chão gelado, cobrindo-se com a capa e seguindo o seu primeiro impulso de se acercar do edifício num impensado instinto de procura de resguardo. Porém, assim que este começou a ranger por todos os cantos, o mago afastou-se dele, cambaleando com a vertiginosa sensação de ter o normalmente estável chão a tremer de forma quase convulsiva debaixo dos seus pés. Totalmente apavorados, os cavalos quase arrancaram a parede juntamente com os anéis de ferro que os prendiam, e começaram a galopar sem rumo para longe da estalagem. Foi então que um abalo particularmente forte originou um ruidoso e prolongado estalido, que partiu dos alicerces do edifício e se prolongou até o teto, rachando e estalando pelo caminho. O alpendre debaixo do qual Allumno se estivera a banhar caiu sobre a tina e desmantelou a pilha de lenha com o impacto. Impotente, Allumno tropeçou e caiu ao chão, vendo a estalagem desmoronar-se com grande estrépito,

espirrando por todos os lados a neve alojada no teto e nos recessos das janelas quando o edifício cedeu como um baralho de cartas mal montado. Caído sobre a sua capa roxa, nu e molhado, o mago nada pôde fazer ao ouvir os gritos abafados que provieram do interior da estalagem, estes prontamente calados pelo estrondo de madeira a partir-se e a tombar.

Tão depressa como surgira, o tremor cessou e o silêncio da alvorada regressou, perturbado apenas pelo distante tropel dos cavalos e pelo ocasional rangido dos escombros daquela que instantes atrás fora uma estalagem. Momentaneamente demasiado aturdido pelo que acontecera, Allumno deixou-se estar no chão com um braço sobre o torso e a olhar para a destruição por cima do ombro. Assim que conseguiu reunir suficiente presença de espírito para tal, levantou-se atabalhoadamente, nu mas com a pele ainda quente e demasiado alvoroçado para poder sentir frio, e foi buscar as suas roupas debaixo do alpendre caído para de seguida tentar ajudar quem ainda pudesse ser ajudado. Vestindo rapidamente as calças e murmurando incoerentemente para consigo mesmo, o mago procurava compreender aquilo que acabara de acontecer, aquilo em que não acreditaria se não o tivesse visto com os seus próprios olhos.

«*Um terremoto...*», pensou, preocupado. Terremotos eram fenômenos causados pelo Pilar, e a ocorrência de um significava distúrbios neste, o que, atendendo ao seu sonho e ao que o seu mestre lhe dissera, só podia vaticinar maus augúrios. «*Deuses, o que se passa em Allaryia?*»

LEGADOS

Quenestil, Hanal e Deadan encontravam-se no salão com Oska, Hjlinar e Agtor, e eram observados por todos os outros presentes tal como no dia da sua chegada. A mulher concedera-lhes tempo suficiente para repousarem, mas evidentemente que havia bastante a ser discutido, e chegara a altura de o fazer. Tal como da primeira vez, o recinto estava escuro, fumarento e cheio, pois o dia passara depressa e na quinta pouco mais havia para fazer além de conviver era redor da fogueira do salão. Assim que o sol se pusera, Quenestil fora chamado à presença do *garding*, ou melhor, da mãe deste, pois era evidente quem realmente mandava na quinta. Trouxera Hanal consigo, para o caso de vir a ser necessário algum tato diplomático, e Deadan fizera questão de vir, embora isso implicasse deixar desguarnecidos todos os outros eahlan. Queria acompanhar em pessoa os desenvolvimentos, dissera, e certificar-se de que nada seria feito que pudesse de alguma forma perigar os Lasan. Quenestil compreendia-o, pois embora os wolhynos ainda não tivessem sido nada além de hospitaleiros, havia algo de estranho na forma como se comportavam e agiam.

A primeira noite decorrera sem quaisquer incidentes, embora Deadan a tivesse passado em branco, sempre atento a qualquer eventual ou hipotética ameaça. As três pequenas vacas castanho-avermelhadas e desprovidas de cornos que habitavam no celeiro tinham sido boas anfitriãs, bem como os cavalos que lhes faziam companhia, e à parte do ocasional mugido não tinham incomodado os exaustos visitantes enquanto estes

dormiam com as suas mantas sobre camas de feno. Slayra queixara-se de dores ao longo da noite, e como a eahanoir nunca fora de se lamentar, Quenestil ficara algo preocupado. Porém, não conseguira aproximar-se dela para se assegurar de que estava tudo bem. Ainda não. Felizmente, as eahlanas pareciam mais do que capazes de tratar dela. Ao raiar do sol, foram-lhes trazidos baldes de uma especialidade da qual Quenestil se recordava dos seus tempos na Wolhynia, espesso leite coalhado com o coágulo de estômagos de vitelas, que todos sorveram com avidez. As mulheres ruivas que o trouxeram ficaram a observá-los atentamente enquanto bebiam sem qualquer pejo, concedendo igual medida de atenção aos feéricos eahlan e ao comparativamente mundano Quenestil.

Assim que os hóspedes acabaram de beber e os pequenos eahlan chupavam os dedos, as mulheres anunciaram que o *garding* desejava falar com eles. Quenestil não o soube dizer ao certo, pois havia muito tempo que não falava Hjrutmalv, mas ficara com a distinta impressão de que fora um pedido, e não uma ordem ou intimação. Fosse como fosse, o eahan acedera prontamente, e pudera por fim ver a baía à luz do dia durante o curto trajeto que separava o edifício principal do celeiro. O céu estivera revestido de disformes nuvens baixas, e o sol quase mal dera de si, incapaz de sequer criar reflexos no mar cinzento. Iria nevar em breve, e os wolhynos pareciam já resignadamente aninhados no salão em expectativa do mau tempo. Muitos tinham um ar cansado, como se não tivessem dormido bem na noite anterior, o que poderia facilmente ser atribuído ao alvoroço causado pelos estranhos e inesperados visitantes. Oska continuava com o seu toucado branco que lembrava os cornos de um carneiro, e não parecia ter saído da mesma posição desde o dia anterior. Coçava a cabeça do felpudo gato ao

seu colo, que olhava em redor com lânguidos olhos semicerrados, que ainda assim tinham um ar mais astuto que os de Hjlínar. O rapaz parecia mais que disposto a deixar a sua mãe tomar conta das coisas, e era óbvio que estava sentado num lugar central diante da fogueira apenas para manter uma fachada. A sua cabeça apoiava-se sobre uma mão, achatando-lhe a bochecha de forma muito pouco digna e deixando-lhe os arenosos cabelos descaídos a penderem para o lado enquanto ouvia as palavras de Quenestil. Além da sua mãe, tinha a seu lado uma jovem wolhyna de feições longas, nariz longo e longos cabelos louros ligeiramente ondulados. Apesar da falta de parecenças, algo na forma dos seus olhos azuis dizia a Quenestil que era filha de Oska. Conservara a sua boca de lábios finos semicerrada desde que os três desconhecidos haviam entrado, exibindo sempre parte dos seus incisivos, e ao contrário de boa parte dos presentes, era para Deadan que olhava, sem que o siruliano dissesse conta. Por sua vez, Quenestil continuava com as mesmas roupas de há semanas, e trazia o arco ao ombro, já não sabia bem porquê. Ainda nem se incomodara a mudar a velha ligadura da mão esquerda, que já nem lhe doía.

— ...e por isso vos agradeço, senhora Oska e Hjlínar — finalizou o shura, baixando a cabeça em sinal de profundo agradecimento. Não soubera o que fazer nem o que fora esperado dele ao entrar, pelo que se lançara numa tirada de graças que Agtor prontamente traduzira.

— Oska deseja que saibam a sua história — disse o antigo mercador assim que o eahan se caiu, coçando a barba castanha sarapintada de branco antes de cruzar os solícitos braços atrás das costas. A sua expressão também não se alterara desde o dia anterior, parecendo tão ou mais enfasiado que o gato de Oska.

— A sua... história? — gralhou Quenestil, temendo outro desafio diplomático.

Agtor não respondeu e Oska começou a falar, afagando o cachaço do seu gato e fitando Quenestil diretamente para que não restasse margem de dúvida quanto a quem se estava a dirigir.

— Saibam que Horavog é de Hjlinar apenas com muito adur, e que corre perigo — traduziu Agtor diretamente a partir da segunda frase da mulher. — Oska foi arlota de Dolr, um *garding* poderoso.

— Arlota? — interrompeu o eahan.

O antigo mercador pareceu ficar algo embaraçado, ou pelo menos sem saber o que dizer, e Oska parou de falar ao ver que havia uma falta de comunicação. Foi então que Quenestil se lembrou da *Arlota Alegre*, o estabelecimento em Val-Oryth no qual ele e Aewyre haviam emboscado Ruinen, um criminoso que tinham julgado responsável pelo ataque que quase matara Lhiannah. Lembrou-se igualmente da finalidade do estabelecimento em questão, e a conseguinte relação com o nome.

— Ah... — foi o melhor que lhe ocorreu, e o calor que sentiu na face não se deveu unicamente à proximidade da lareira. — Por favor, continue.

Agtor pigarreou, olhando de forma repreensiva para Quenestil e incitando Oska a prosseguir com um gesto serviçal da mão.

— Teve o seu sémel com Dolr — traduziu, indicando Hjlinar e a rapariga ao lado destes com a mão, confirmando as suspeitas de Quenestil —, mas Dolr tinha mulher e um filho, Drull. Dolr era um homem vedro, e quando morreu, foi Drull quem ficou com a sua plaga.

Oska parou de falar para dar tempo ao seu tradutor, o que Quenestil

agradeceu em silêncio, pois acompanhar Leochlan com sotaque wolhyno era quase tão difícil como tentar ter uma conversa em Hjrutmalv. Não percebia por que razão lhe contava Oska aquilo, mas também não queria ser descortês ao ponto de interromper.

— Como Oska era arlota de Dolr, os seus familiares tiveram direito a certos privilégios. Odhar, o seu irmão, ficou com uma das quintas de Dolr a Oeste, e como filho noto de Dolr, Hjlinar ficou com uma outrossim, esta — prosseguiu Agtor. — É uma boa propriedade, mas encontra-se sufocada entre as montanhas e o pélago, e a única saída está barrada pela propriedade de Drull em Dal-unn-Soid. Drull não gosta de Oska, nem de Hjlinar, e acha que Horavog lhe devia pertencer. Foi ele quem deu a Horavog o seu nome, e assim ficou a quinta conhecida.

Quenestil acenou compreensivamente com a cabeça, embora continuasse sem perceber o porquê de semelhantes confidências. A seu lado, Hanal escutava respeitosamente e Deadan permanecia atento a qualquer ameaça, por muito improvável que esta fosse, atendendo à audiência de mulheres com crianças ao colo e homens intrigados.

— Drull tentou muitas vezes ficar com Horavog. Quis ser o guardião de Oska, como Oska não tinha marido, mas ela recusou. Quis que Hjlinar fosse o seu *tyll*, mas Oska outrossim recusou.

A palavra não era estranha a Quenestil, que se recordou dela como sendo o termo para vassalo ou subalterno, um termo que os wolhynos monteses com os quais contatara haviam empregado com frequência.

— Vassalo — traduziu em surdina para benefício de Hanal e Deadan.

— Como não conseguiu nada, e como a Lei dos Fiordes não lhe

permite tirar a quinta, Drull tenta agora obrigar Oska a ceder-lhe Horavog — continuou Agtor. — Quando vêm mercadores wolhynos, e estes têm de passar pelas suas propriedades antes de chegarem a Horavog, Drull pagalhes para não venderem nada. As pastagens nas montanhas são importantes para as ovelhas, e Dal-unn-Soid outrossim as usa, mas Skolsvein, o seu fazendeiro, tirou todo o feno no Verão, sem deixar nada para nós. Tivemos de matar quase todo o gado, por isso o nosso celeiro está vazio.

Enquanto o antigo mercador traduzia, alguns dos presentes manifestaram a sua indignação, embora não fossem particularmente enfáticos ao fazê-lo, como se de alguma forma achassem que tal seria pouco apropriado na presença de um ser como Hanal.

— Oska tentou obter justiça na assembléia de Verão, mas Hjlinar não é um *garding* poderoso, e Drull é. Pior, o rabaz do Skolsvein distribuiu o feno das pastagens por outros que precisavam, e assim a assembléia não deu a razão a Oska, mas sim a ele. — Uma vez mais, alguns protestos e resmungos da parte dos presentes. — Saibam que Drull é immigo de Hjlinar, e immigo de todos os que puserem pé em Horavog.

Quenestil reparou que Agtor proferiu a última frase com bem mais ênfase do que Oska, que se limitara a constatar-la. Ainda assim, e embora os seus conhecimentos de Hjrutmalv não fossem suficientes para acompanhar a mulher, bastavam para que pudesse afirmar com um mínimo de certeza que o mercador não estava a tomar grandes liberdades de interpretação.

— Saibam outrossim que Drull não é o único immigo de Hjlinar e Horavog, e que os seus amigos são poucos e remotos. Skolsvein é immigo de Horavog, pois por causa dele perdemos o nosso gado. Odhar, o irmão de Oska, reside em Odharloihj a Oeste, e ainda que tivesse a força para se opor

a Drull, encontra-se demasiado longe para ajudar. Yhte, filha de Oska — Agtor apontou para a rapariga dos longos cabelos louros, que baixou a cabeça ao ser pela primeira vez fitada por Deadan —, casou com Andvar de Rostungflokt. Teve um filho dele, mas a criança nasceu morta. Andvar anulou o casamento e ficou com o dote, talvez a conselho de Drull, por isso Andvar é outrossim immigo de Horavog.

A cabeça de Quenestil começava a andar às voltas, e mesmo Hanal franzia educadamente a testa com o esforço de acompanhar todos os nomes e locais e os respectivos papéis na sucinta história que o mercador lhes relatava. Deadan permanecia sobretudo concentrado na linguagem corporal dos wolhynos, ao invés de atentar às suas palavras. Oska continuou, e Agtor prontamente traduziu.

— Infelizmente, nem todos os immigos de Horavog a querem. Existem outros que a desejam destruir. Outros como os skrimmen.

Uma criança de cabelos brancos como linho começou a chorar, sendo expeditamente silenciada pela mãe, que lhe beijou a cabeça. Deadan reagiu ao repentino nervosismo dos presentes, dando-lhes amplos motivos para ficarem mais nervosos com o seu olhar ameaçador.

— Os... skrimmen? — disse Quenestil, cada vez mais confuso, mas ciente de que ao menos aquilo era para ser levado a sério.

— Homens selvagens que vivem na neve e no friasco — explicou Agtor sem esperar por Oska, que afagou distraidamente o seu gato enquanto esperava que o mercador esclarecesse a dúvida. — Vêm das montanhas que sufocam Horavog a Norte, e levam o pouco gado que temos. O Inverno veio rigoroso este ano, e eles estão mais ousados. Pior, vêm com ulkatr.

«*Oh, Mãe, mais nomes...*», lamentou-se Quenestil, cada vez mais aflito.

— Ulkatr?

Agtor apontou para o gato de Oska.

— Mas mais altos. Mais fortes. E mais ferozes. Parecidos com homens.

— Antroleos? — quase exclamou o eahan.

— Não conheço o nome. Nós chamamos-lhes ulkatr, e também eles são inimigos de Hjlinar e Horavog, pois eles e os skrimmen já levaram muitas ovelhas nossas.

— Eles e o... Drull...? — tentou Quenestil interligar as coisas num esforço para melhor as compreender.

O mercador ia responder, mas pareceu julgar que tal não lhe cabia e preferiu remeter a questão para Oska, que não teve qualquer pejo em responder.

— Não sabemos, mas pensamos que não. Os skrimmen e os ulkatr são selvagens, animais, e nem Drull ousaria lidar com eles. Pensamos que não. Eles tão depressa escochariam um homem de Dal-unn-Soid como um de Horavog, e provavelmente gostariam de escochar os dois, para poderem ficar com as suas terras e o seu gado.

Quenestil e Hanal entreolharam-se uma vez mais, e ambos tiveram a distinta sensação de que cada movimento do shura era atentamente seguido, mais ainda que os do eahlan ou de Deadan.

— Então... Horavog corre perigo?

— Sim — redarguiu Agtor sucintamente, e antes que Quenestil pudesse dizer algo mais, Oska continuou: — Estamos cercados de inimigos, e os nossos homens são poucos.

Era verdade. O eahan já antes ficara com a impressão de que havia significativamente mais mulheres que homens na quinta, e desses havia poucos que pareciam razoavelmente capazes de lutar.

— Tivemos que escochar o nosso gado por causa de Skolsvein, e a pesca não foi boa este ano. Temos comida para o Inverno para a nossa gente, mas não chegará para vocês outrossim.

Claro, eram vinte e sete, e praticamente duplicavam o número de habitantes da quinta. Era evidente que estavam a tentar expulsá-los de forma cortês, e a ver de Quenestil só isso já era mais do que desconhecidos que apareciam a meio da noite mereciam.

— Compreendemos — disse, não sem reservas, pois isso significava que voltava ao seu problema inicial: assegurar a sobrevivência dos Lasan e do seu séquito. — Partimos assim que...

— Não — interrompeu Agtor, palavreando algo rápido com Oska, que abanou a cabeça e prosseguiu num tom retificativo que o mercador emulou. — São nossos ostes. Uma das vossas mulheres está grávida, e Hjlinar ofereceu-vos o seu teto.

O rapaz ainda não proferira uma única palavra, aparentemente à vontade ou conformado com a flagrante usurpação da autoridade que deveria ser sua por direito. Limitava-se a olhar para Hanal e Quenestil como todos os outros, num misto de curiosidade e ligeira apreensão.

— Mas não têm comida que chegue. Nós... — Agtor interrompeu o eahan, erguendo a mão.

— São nossos ostes. Estão perdidos e precisam de ajuda. Vamos compartilhar a nossa comida convosco.

Oska hesitou então brevemente, parando mesmo de coçar a cabeça

do seu felpudo gato, que ergueu a cabeça de olhos lânguidos em preguiçoso sinal de protesto. Agtor aguardou que a mulher tomasse uma decisão, e esta pareceu mais irresoluta do que Quenestil até então a vira. Por fim, acabou por proferir uma curta e enfática, frase que suscitou mais murmúrios por parte dos presentes. O tom era solene, e o próprio Agtor também hesitou ligeiramente antes de traduzir.

— Vamos abrir a... a...

O antigo mercador franziu o cenho, olhando para um ponto indeterminado do chão enquanto se tentava lembrar da palavra que lhe escapava.

— *Kvalaker* — disse Oska.

— *lal, ial, ehj vas* — redarguiu Agtor com um tom de frustração, erguendo então o olhar. — Vamos abrir a *kvalaker* para vocês. Assim todos poderemos comer durante o Inverno.

— A... *kvalaker*. — Quenestil começava a sentir-se um atrasado mental, a gralhar tudo o que o mercador lhe dizia, mas era o máximo que podia fazer para no mínimo dar a entender que estava a seguir a conversa e a compreender as implicações de tudo o que lhe diziam. O que não correspondia inteiramente à verdade.

— Sim — respondeu Agtor, como se de algo perfeitamente evidente se tratasse. Pelo menos para os wolhynos parecia sê-lo. — Onde guardamos a carne dos... peixes grandes.

— Peixes grandes. — Quenestil fitou Hanal, na esperança de que este fizesse alguma idéia do que se tratava, mas o eahlan parecia tão ou mais perdido que ele. — E onde está essa *kvalaker*?

Agtor remeteu a questão para Oska, que anuiu e sacudiu

ligeiramente as pernas, oscilando o gato sobre o regaço da sua saia. O animal protestou com um miar incomodado, mas a mulher mostrou-se firme e disse-lhe algo em Hjrutmalv enquanto se erguia, que fez com que este meio escorregasse meio saltasse do seu colo, miando de indignação. Hjlinar levantou-se ele também, olhando para Yhtte em fraternal confusão, e alguns homens seguiram-lhes o exemplo, tais como o de cabelos brancos que abrira a porta a Quenestil na noite anterior. A esse juntaram-se o de barba ruiva e o de arenosos cabelos que mais pareciam uma posta de bacalhau desfiada, e os três afetaram um ar minimamente solene ao postarem-se ao lado de Oska, que indicou com um gesto a Quenestil e aos outros que a seguissem. Agtor juntou-se à procissão, e o grupo dirigiu-se a uma das partições que iam dar às divisões do edifício principal, passando por uma audiência em grande parte silenciosa e que se comportava como se algo de significativo estivesse prestes a acontecer.

— Não me agradam os olhares furtivos desta gente, Quenestil Anthalos — disse Deadan discretamente, as primeiras palavras por ele proferidas desde que entrara no edifício. Como para confirmar o que dissera, várias pessoas olharam para ele ao ouvirem as suas palavras.

— Somos estranhos aos seus olhos, Deadan, em todos os sentidos — desculpou-os Hanal. — Esta boa gente nunca viu eahlan, ou sequer eahan, e talvez nem mesmo um siruliano arnesado.

— Não é apenas isso, Patriarca. Há algo mais, algo que não nos estão a dizer. Algo que temem...

Agtor lançou-lhes um olhar desagradado. Evidentemente que os wolhynos não consideravam de bom-tom um hóspede estar a segredar coisas numa língua estrangeira, e Quenestil achou avisado silenciar os seus

dois companheiros com uma mão erguida. Meses atrás, ou talvez mesmo semanas, não teria ousado fazer semelhante coisa a Hanal, mas já estava de fato inoculado à presença dos eahlan, e a posição na qual fora colocado obrigava-o a ser minimamente assertivo.

Oska cruzou as mãos diante da escura partição, e o homem de cabelos brancos pegou numa fumarenta candeia de pedra que emanava um odor rançoso e ofensivo aos desacostumados narizes dos três hóspedes, adiantando-se para iluminar o curto caminho até à porta que se encontrava ao fundo desta e abri-la. A divisão na qual entraram não dispunha de qualquer iluminação, e o homem caminhou até ao centro desta, erguendo o braço que empunhava a candeia. A divisão tinha o teto mais baixo ainda que o da sala principal, e dela emanava um odor azedo que fez com que Quenestil, Hanal e mesmo o inexpressivo Deadan fungassem. As paredes eram de turfa, desprovidas de painéis de madeira, e os únicos objetos que se encontravam à vista eram umas grandes conchas de madeira com cabos longos e baldes. No chão viam-se grandes tampas de madeira redondas com pegas e, colada à parede oposta à entrada, uma robusta tampa retangular. Os únicos presentes no interior eram Agtor, Oska, Hjlinar, Yhtte, o homem de cabelos brancos, o de barba ruiva e os três hóspedes; todos os restantes tinham permanecido na sala principal, ainda que se aglomerassem à entrada da partição. Quenestil e Hanal olharam em redor, e o gato passou por entre ambos, roçando-se à perna do eahan e esfregando-a com a sua felpuda cauda. Oska tornou então a falar.

— As *kvalaker* só são abertas quando é preciso — traduziu Agtor.
— É difícil conseguir carne de *kvala*, porque são grandes e são precisos muitos homens para as apanhar.

— Baleias — disse Deadan, percebendo por fim. Quenestil e Hanal desconheciam semelhante animal, pelo que ficaram na mesma.

— Esta *kvalaker* ainda não foi aberta — disse o mercador, propositadamente enfático, mas o eahan falhou em apreender a significância do ato além da sua vertente mais óbvia, a de aparentemente estarem a disponibilizar as suas reservas a hóspedes.

Oska disse algo imperativo ao homem ruivo e este aquiesceu prontamente com uma palavra que pareceu ser inalada, acorcorando-se diante da tampa retangular ao fundo da divisão e enfiando os dedos por baixo desta. Com um grunhido, o homem levantou a tampa bruscamente, encostando-a à parede de turfa, e o revoltante odor amoniacal que foi arrastado pelo deslocamento de ar inflamou as narinas de Quenestil, obrigando-o a exalar através delas de olhos cerrados. Hanal não reagiu muito melhor, e mesmo Deadan se viu em dificuldades para manter a compostura. A tampa tapava uma tina de madeira dentro da qual se encontravam o que pareciam ser nacos de carne rosada imersos num repulsivo caldo no qual se coagulavam disformes massas de gordura. Quenestil sentiu uma breve náusea, e mesmo o gato espirrou devido ao cheiro, afastando-se da tina. Os wolhynos, contudo, não pareceram particularmente afetados, e olharam para os visitantes como se tivessem esperado outro tipo de reação.

— Vamos compartilhar a nossa comida convosco — disse Agtor, traduzindo as palavras de Oska. — Com o que temos na *kvalaker*, poderemos todos comer durante o Inverno.

Quenestil quis dizer algo, mas a única coisa que lhe saiu foi um tossido engasgado, que esperou não ofender ninguém.

— Senhora Oska — arriscou em Hjrutmalv com uma voz mais contrita que o que talvez fosse considerado apropriado —, não ter que. Nós não ficamos...

— Uma das vossas mulheres vai dar vida — interrompeu a wolhyna, erguendo a mão e esforçando-se visivelmente para tornar o seu discurso inteligível. — Não pode andar por muitos dias. Vocês são nossos amigos de teto — acrescentou, apontando para o dito para que não houvesse dúvidas.

— Nossos ostes — traduziu Agtor, só para se certificar. Quenestil não soube o que dizer, e para seu grande alívio Hanal tomou a palavra.

— Muito obrigado, Oska — agradeceu, levando a mão à barriga e fazendo uma ligeira vênia. — Estamo-vos profundamente agradecidos pela vossa generosidade.

Agtor traduziu e a mulher reconheceu a gratidão do eahlan com um aceno da cabeça, mas pela forma como ela e os outros olhavam para Quenestil parecia ser do shura que aguardavam algo. Quenestil percebeu e respirou através da boca para recuperar o fôlego, refletindo ao fazê-lo. Horavog, de fato, não parecia uma propriedade próspera, e a ser verdade tudo o que Oska lhe dissera, o que não tinha razões para duvidar, estavam a passar por algumas dificuldades. O Inverno ainda não se encontrava a meio, e tinham acabado de acolher hóspedes que efetivamente duplicavam o número de habitantes na quinta. Hóspedes que não conheciam de lado algum. E agora ainda lhes disponibilizavam as suas reservas de comida, por muito repulsivas que fossem aos sentidos. Era de longe mais generosidade que a que Quenestil ousara esperar, pois o eahan não contara poder passar mais do que uma noite em Horavog. Afinal, quem em seu perfeito juízo

acolheria um grupo que duplicava o número de bocas numa quinta empobrecida em pleno Inverno? E, contudo, era precisamente isso que Oska se propunha fazer.

Sem saber qual o gesto mais apropriado, o shura acercou-se da mulher, fitando-a diretamente nos olhos, e levou um joelho ao chão diante dela.

— Muito obrigado, Oska — agradeceu, e embora as suas palavras tivessem sido menos e mais enfáticas que as de Hanal, a reação que causaram foi bem mais evidente. Houve suspiros de alívio audíveis, e mesmo o sereno semblante da wolhyna deu a entender que esta estava bem mais satisfeita por Quenestil lhe estar agradecido do que o eahan por lhe estar a ser concedida tamanha caridade.

— Nos teus pés, Quenestil — pediu a mulher, e o shura aquiesceu, erguendo-se, algo reconfortado pela falta de formalidade dos wolhynos, da qual já se tivera esquecido. Foi surpreendido quando Oska lhe pegou por ambos os braços e lhe beijou a face duas vezes com solene lentidão.

— Está feito — traduziu Agtor. — São nossos ostes, e agora amigos outrossim.

Enquanto o mercador falava, Oska retinha a atenção de Quenestil com os seus oblíquos olhos azuis, fazendo com que se questionasse quanto ao que se estava realmente ali a passar. Não conseguia ignorar uma sutil sensação de que estava a ser de alguma forma induzido, mas antes que pudesse considerar o que fizera, Hjlinar pegou-lhe também pelos braços e repetiu o gesto da sua mãe, embora com bem menos convicção que esta. As palavras que proferiu tão-pouco pareciam suas, tanto pela falta de convicção com a qual as proferiu como pelo fato de mal olhar para o eahan enquanto

falava.

— A casa de Hjlinar é vossa — continuou Agtor. — Comerão à sua mesa, e compartilharão do seu fogo. Está feito.

«*Fogo...*», lembrou-se Quenestil, e a sua curiosidade levou-lhe então a melhor. — Agtor... isto tem alguma coisa que ver com *o fogo*? E por que é que andam todos a olhar para mim dessa forma?

O mercador pareceu ter sido apanhado desprevenido pela questão do eahan, que o viu por fim hesitar no seu convicto discurso de vendedor. Por sua vez, Oska lançou um olhar de soslaio a Agtor que denotava... receio? Deadan reagiu como um animal atento, e as placas de aço do seu arnês roçaram umas nas outras quando se retesou. Sempre empático, Hanal sentiu com especial realce o repentino pico de tensão, e os seus amenos olhos azul-escuros viraram-se para Quenestil. Tal como um volverino que captara inesperadamente um rasto, o shura assumiu uma postura mais vivaz e abandonou a fachada de estrangeiro desnorteado, literalmente encostando Agtor à parede com a sua atenção. Porém, antes que este pudesse ou não responder, ouviu-se uma comoção vinda da partição e todos olharam para trás. O servente eahlan chamado Çeluan veio a correr, arquejante, e a oleosa luz da candeia iluminou-lhe a túnica roxa pintalgada de flocos de neve.

— Quenestil Anthalos! — esbofou com mais ansiedade que a que o shura alguma vez vira num eahlan. — O bebê... está a nascer!

A readquirida acuidade de Quenestil esfumou-se então, e os seus sentidos ficaram de súbito perfeitamente embrutecidos, como se a abrupta entrada de Çeluan tivesse portado consigo uma névoa narcótica. Todos os outros, porém, se exaltaram visivelmente, mesmo os que não compreenderam as palavras do eahan branco, pois o seu tom era urgente.

Apenas o shura permanecia quieto, olhando para Çeluan com uma expressão pouco inteligente na cara, perfeitamente imóvel.

— Quenestil — disse Hanal, agarrando-lhe o braço e sacudindo-o ligeiramente. — O seu filho.

Chegara. O momento pelo qual mais ansiara e que mais temera estava aí, e como evitara a todo o custo pensar nele, este apanhara-o totalmente desprecaído. Os seus instintos mais primários diziam-lhe que se escondesse, que fugisse de todos aqueles olhares, de toda aquela atenção à qual não estava habituado e que não desejava de todo. Olhou para Agtor, para Oska, para os filhos desta, para o wolhyno de cabelos brancos que segurava a candeia de pedra. Olhou para Hanal, Deadan e Çeluan, e ocorreu-lhe que, de uma forma ou de outra, todos esperavam alguma coisa dele. Naquele momento, o mundo inteiro parecia centrado em Quenestil, e a pressão toldou-lhe o discernimento como poucas vezes lhe acontecera na vida.

— Quenestil? — instou o Patriarca.

— A Slayra...? — disse o eahan, estupefocado à medida que a enormidade das implicações se começava a abater sobre ele. — Oh, Mãe... vamos!

Quenestil foi o primeiro a sair da divisão, quase a correr, e as pessoas que se encontravam à espera do outro lado da porta saíram-lhe prontamente do caminho, alguns parecendo mesmo espavoridos com a sua súbita explosão de movimentos. Deadan esperou que Hanal e Çeluan lhe fossem atrás para os seguir, e os wolhynos ficaram para trás. Antes de sair, o jovem siruliano ainda lançou um último olhar a Oska e Agtor antes de sair. Os dois trocavam olhares cúmplices, mas nas suas caras nada mais se via

além de incerteza.

Por cima do trilho montanhoso que levava para fora de Horavog, parcialmente ocultado pelas sombras de uma lapa, um corpulento vulto observava. O enevoadado luar conseguia apenas iluminar a grossa pele de urso branco que tinha aos ombros, deixando de resto apenas entrever umas vestes pesadas e uma cabeça redonda de cabelos castanho-escuros, bem como parte da bainha de couro de uma grossa espada. Flocos de neve borboleteavam em seu redor, e o seu semblante ensombrado expelia regulares baforadas de vapor enquanto parecia aguardar que alguém saísse do edifício principal da quinta.

A porta abriu-se por fim, e dela saiu um apressado homem que envergava peles e um estranho arco ao ombro, seguido por outros dois de túnicas roxas e cabelos brancos. Encaminharam-se para o celeiro, e atrás desses três vieram um enorme homem com armadura de aço e um grupo de habitantes da quinta, mas era o das peles quem lhe interessava. Fora a sua chegada que pressentira, a que de certa forma estivera prevista. Ou não? Seria mesmo ele? Seria sequer de um homem que estava à espera? Não havia como negar aquilo que sentira, embora pudesse bem tratar-se da força do seu desejo a toldar-lhe o discernimento. Seriam apenas as esperanças de um velho descontente, que se contentaria com o mínimo sinal para nele depositar as esperanças de quase toda uma vida? Um acesso de frustração que levaria a uma escolha errada, que poderia bem deitar tudo por terra, além de qualquer salvação? Talvez. De fato, de nada valeria julgar que lhe caíra uma dádiva do céu. Teria que o testar, teria que se certificar.

E então, se fosse de fato aquele o sinal, poderiam finalmente atear as Vagas de Fogo.

O LAI DA LÂMINA

O Inverno laonês era conhecido como sendo rigoroso, e aquele não parecia disposto a set uma exceção, muito pelo contrário. O *bradagà* podia ter sido infernal, mas ao menos os fortes ventos tinham mantido o céu limpo, e o seu fim sinalizara o início de alguns fortes nevões que tinham revestido a paisagem com uma carpete nívea. O mau tempo cessara apenas alguns dias atrás, e embora as árvores já tivessem em grande parte sacudido os flocos, o solo continuava coberto de neve, o que criava uma imagem contrastante com a escura carpete de pinheiros ao longo dos contrafortes da Cinta ao entardecer. Nuvens tênues e dispersas eram coloridas de rosado à

medida que o sol se punha, despejando as sombras das montanhas sobre o trilho que seguia os contornos dos seus pés, antecipando a vinda da fria noite. Os únicos sinais de vida na área verificavam-se em redor de uma carroça com cobertura de lona à qual estavam amarradas duas felpudas mulas castanhas. Fora feita uma fogueira ao lado desta, e Aewyre, Layaline e Làriana limpavam com neve os pratos da sua refeição. Krór já se encontrava de perna estendida dentro da carroça, o seu local de eleição onde passava mais tempo, tanto devido ao seu ferimento como à falta de vontade de conviver com mais humanos que o estritamente necessário. Aewyre começava a ponderar a sabedoria da decisão do drahreg, pois sentia-se fisicamente cansado das viagens devido à conclusão a que chegara, de que os seus pensamentos o apanhavam muito mais facilmente quando estava quieto. Por essa razão, optara por caminhar durante boa parte dos dias ao lado das mulas, evitando ao máximo sequer sentar-se no lugar do condutor, esse ocupado por Layaline, que freqüentemente levava Làriana ao colo. Os ferimentos causados por Helderada tinham-no incomodado de início, mas o frio que se fazia sentir cedo lhe entorpecera as dores, permitindo-lhe continuar a estóica caminhada. Porém, um estranho e persistente puxar do «tendão» mantivera-o tenso ao longo dos dias, cansando-o mais do que as jornadas. Havia já algum tempo que não o incomodava, mas parecia ter despertado do seu torpor e ansiar por um novo combate entre Aewyre e Krór. Pelo menos era isso o que o jovem imaginava, pois por vezes sentia a tensão ranger-lhe na cabeça, embora não houvesse perigo algum por perto, e pouco ou nada visse Krór durante o dia.

Mais um dia passara, e tinham conseguido cobrir uma distância considerável durante as horas de sol, ao contrário dos primeiros dias, nos

quais o seu avanço fora quase nulo devido aos nevões. Aewyre considerara mesmo a hipótese de caminharem a pé e deixarem a carroça para trás, mas decidira dar uma última oportunidade ao clima, e este felizmente não o desapontara. A viagem não estava a ser fácil, embora também não fosse o pesadelo que Aewyre esperara ao imaginar como seria misturar Krór com uma mulher e uma criança dentro de uma carroça. As duas evitavam e tinham um compreensível medo do drahhreg, e este parecia perfeitamente satisfeito por ser deixado em paz. Não ficara nada contente ao saber que seriam acompanhados por duas humanas ao longo da viagem, mas Aewyre não o apresentara como opção e desde então a relação entre ambos recuperara um pouco da sua antiga tensão. Krór estava obviamente a sentir-se arrastado, que não tinha voto na matéria, e que o maior interessado na Essência da Lâmina começava a ser Aewyre. O jovem desconfiava de que Heldrada seria parcialmente responsável pelo estado de espírito do drahhreg, e embora a namuriquana o tivesse praticamente ignorado antes e no momento da partida, Aewyre tivera a distinta impressão de que algo ficara por resolver entre os dois. Heldrada parecia defasada da realidade, perdida em pensamentos ou remorsos, e o seu fogo parecia ter-se extinguido após o que fizera a Assiòn, que, tal como para Aewyre, fora para ela uma figura paternal.

O jovem não estava interessado nem minimamente comovido. Por sua vontade e não fosse por Krór, tê-la-ia morto, e no que a ele lhe tocava, Heldrada podia morrer sozinha que ele não lhe reservaria sequer um pensamento compadecido. Porém, separá-la de Krór deixara o drahhreg num estado semelhante ao dela, e fora talvez apenas por isso que este ainda não se insurgira contra o caminho escolhido pelo jovem. Afinal, bem vistas as

coisas, a maior esperança de ambos residira na Cidadela da Lâmina. O que estavam a fazer agora era pouco mais empreendedor do que deixar a sorte nas mãos dos deuses, uma esperança de que algo pudesse ser descoberto no livro de Fèdac no qual Assiòn dera a entender ter encontrado algo antes de ser morto. Além do mais, dirigiam-se a Ul-Thoryn, e o drahreg não guardava boas recordações das regiões mais civilizadas pelas quais viajara. Aewyre temia que a Essência da Lâmina estivesse a ser posta de parte na lista de prioridades do drahreg, pois sem a sua colaboração seria impossível conseguir obter o domínio sobre ela. Porém, não o podia forçar, e a sua única esperança era que Krór não pensasse demasiado, e que os seus alfanges não o influenciassem nesse sentido. A última coisa de que precisava agora era que o drahreg perdesse o ânimo que até então o movera para obter o domínio sobre a Essência da Lâmina, pois não depositava nem metade da fé de Aewyre no livro que o guerreiro estivera a ler atentamente.

Layaline fora uma ajuda preciosa nesse sentido, e tê-la trazido fora das poucas coisas que o jovem havia feito ultimamente e das quais não se arrependera. A rapariga parecia ler bem, a sua única dificuldade consistia em transmitir a Aewyre o significado das palavras, e era nessas alturas que o seu limitado vocabulário de Glottik se mostrava problemático. Os dois passavam os serões e boa parte das noites a ler à luz de lamparinas dentro da carroça, traduzindo, discutindo e comparando com as notas e apontamentos de Aewyre enquanto Làriana dormia ao colo da mãe e Krór se esforçava por ignorar o palavrear de ambos. Layaline dava mostras de um certo entusiasmo, de uma vontade de aprender que aparentemente fora estancada pela morte do seu pai, e devorava as estrofes do poema intitulado *O Lai da Lâmina*. Aewyre nunca chegara a dar uma vista de olhos à

composição, mas Assiòn lera-lhe algumas estrofes que não o tinham de todo impressionado, pois Fèdac, o seu autor, fora um Lamelar laonês com propensão para o dramático e pretensões de alma poética, exagerando num e falhando redondamente no segundo. As únicas coisas que Aewyre se lembrava das leituras de Assiòn diziam respeito a extensas descrições da indumentária dos oponentes, retratos metafóricos das posturas dos mesmos (ainda não podia acreditar que o homem chamara «O Gato Abana a Cauda» a uma guarda recuada), e tentativas goradas de conferir tensão narrativa ao estabelecer paralelismos entre o fluir do combate e as acompanhantes alterações climatéricas. Para Aewyre, Fèdac não passava de um mau poeta que até podia ter sido um bom Lamelar, mas Assiòn dissera-lhe com as suas últimas palavras que lesse uma das estrofes do seu livro, que o jovem esperava ao menos encontrar-se na página sarapintada com as gotas de sangue do Alto Lamelar. Caso contrário, seria mais complicado ainda perceber o que o laonês lhe quisesa mostrar...

— Vamos ler, Aewyre? — perguntou Layaline, interrompendo as suas reflexões.

— Sim, já a seguir — concordou o jovem, atirando um punhado de neve para cima da fogueira enquanto a rapariga e a sua filha acabavam de limpar os pratos. Aewyre ficava doente quando não se conseguia de alguma forma manter ocupado. Enquanto não estivesse a cobrir a distância que o separava de Ul-Thoryn, tinha obrigatoriamente de fazer algo de produtivo ou pelo menos útil, pois caso contrário estaria simplesmente a perder tempo precioso.

«*Tempo...*», pensou Aewyre enquanto ia verificar as duas lanosas mulas. Nunca lhe dera grande importância, e sempre dispusera dele em

abundância, mas agora tinha a distinta sensação de que estava a passar demasiado depressa. Tudo adquirira um rumo tão frenético e acelerado desde a morte do seu pai, como se a sua vida lhe estivesse a passar diante dos olhos enquanto se encaminhava para a sua morte...

A sua robusta bota pisou a neve com força, como se estivesse a esmagar o pensamento. Apesar da raiva que o movia, havia momentos de fraqueza que freqüentemente o tentavam desviar da senda da lâmina, e era nesses instantes que o seu sangue começava a ferver como que em resposta.

— Aewyre? — ouviu a desdentada vozinha de Làriana, que pronunciava o seu nome com um *erre* exagerado. A criança estava como sempre agarrada a Ìve, a sua maltratada boneca, e olhava o jovem de baixo com olhos de corça. Tal como os adultos, envergava uma pequena capa com capuz forrada a peles, e as pouco práticas luvas obrigavam-na a pegar em Ìve à mão cheia.

— *Praqè èst-o ròbe?* — indagou a criança, pressionando a sua bochecha com uma mão enluvada.

Aewyre franziu o sobrolho, levando a mão sobre o crescimento de barba no rosto e olhando para Layaline, que limpou ao regaço da saia a neve da mão enrubescida pelo frio enquanto segurava os pratos com a outra.

— Por que estás vermelho? — traduziu esta.

Aewyre constatou então que a sua cara de fato ruborizara, e não devido ao frio. Soltoou uma vaporosa baforada com um suspiro e forçou um sorriso, despenteando os cabelos castanhos de Làriana com a mão e fazendo com que esta guinchasse de deleite, encolhendo-se e afastando-se a correr. Layaline sorriu também quando a sua filha se foi esconder atrás dela em busca de proteção.

— Vamos? — sugeriu o jovem, mantendo uma cara simpática enquanto a amargura que lhe corria nas veias não lha carregava.

Os três dirigiram-se então para a carroça, e Aewyre espezinhou subitamente o chão para assustar Làriana, que tornou a guinchar e correu na direção do veículo, praticamente saltando para o seu interior. Layaline riu, e a boa disposição do jovem guerreiro durou até ajudar a rapariga a subir para dentro da carroça e ver Kror. O drahreg estava aninhado a um canto, com capa aos ombros, um recosto improvisado para as costas e a perna entalada estendida sobre a sua mochila, ambos os alfanges embainhados e cruzados sobre a barriga. Os seus olhos vermelhos estavam estranhamente visíveis no escuro interior do veículo, e Làriana acalmara de imediato ao vê-los, encolhendo-se ela também no canto oposto e tentando esconder-se atrás de Ìve. Mãe e filha pareciam ter igual medida de receio por Kror, e mantinham sempre uma distância e um silêncio respeitosos quando na presença deste. Por sua vez, Kror nunca se mostrara interessado em partilhar o que quer que fosse com as duas, apressando sempre as suas refeições e dando a entender que não queria ser incomodado após estas. Sem trocar palavra com o drahreg, Aewyre acendeu uma candeia, desfraldou e atou as duas dobras de lona à entrada para a tapar, e sentou-se ao lado de Layaline sobre os seus sacos-camas enquanto esta já pegava nos livros e nas notas. Se Kror ficava incomodado com as suas leituras, ainda não o dera a entender, embora Aewyre sentisse uma ligeira tensão adicional no «tendão» sempre que o fazia. Dava-lhe a estranha impressão de que o drahreg julgava que havia segredos acerca da Essência da Lâmina que não lhe estavam a ser transmitidos, que Aewyre estava a tentar ganhar uma espécie de vantagem, ou que simplesmente estavam a conspirar contra ele por não saber ler.

Possivelmente a culpa seria do «tendão», que não perdia uma oportunidade para acirrar os dois Portadores. Já por várias vezes Aewyre ponderara fazer-lhe a vontade, arriscar e ver até que ponto seriam verdadeiras as suposições de que apenas se podia obter a Essência da Lâmina através de um combate justo, arrumar o assunto de uma vez por todas. Mas ainda não o ousara, acabava sempre por se convencer de que deveria conceder um dia adicional para Kror recuperar mais, e findo esse período de tempo acabava sempre por cair em si e a dar graças por não ter cedido diante dos seus impulsos. O drahreg era a sua última hipótese, pois enfrentar Seltor com a Essência da Lâmina só de si já era de loucos; combater O Flagelo como mero Portador seria suicídio.

Logo, o melhor a fazer era mesmo ignorar Kror até ter algo para lhe dizer, e foi precisamente isso que Aewyre fez. Ninguém tirou as capas, pois estava frio e iriam dormir com elas vestidas, e Aewyre cobriu as suas pernas e as de Layaline com uma manta já em preparação para dormirem. A rapariga pousou o livro entre as suas e deu duas palmadas na coxa, sinalizando a Làriana que se viesse deitar com ela, e a criança obedeceu prontamente, sempre de grandes olhos castanhos pregados a Kror, mesmo enquanto se aninhava sobre as pernas da mãe.

— Lemos outra vez onde paramos ontem? — indagou Layaline, que fizera um sério esforço para falar de forma mais correta desde que começaram a ler.

— Sim. Mas depois ainda devíamos reler o que vem antes — respondeu Aewyre, recapitulando mentalmente o que até então tinham aprendido.

Os dois Lamelares chamavam-se Blai e Tûmes, um sathmaro e um

benelga. Ambos tinham a particularidade de, tal como Aewyre e Krór, se terem ligado às suas respectivas armas antes de se tornarem Lamelares, o que só por si os tornava diferentes de todos os outros casos que pesquisara. Havia também trechos do texto nos quais em certas ocasiões os dois partilhavam ativamente a Essência da Lâmina em entreaajuda, e aí havia de fato semelhanças. Tanto Blai como Tûmes eram homens prudentes; ambos aparentavam ter resistido durante bastante tempo aos impulsos que os incitavam a matarem-se um ao outro, o livro descrevia as peripécias dos dois em busca de uma vantagem sobre o adversário. Foram vários os seus combates, cada um tediosamente descrito por Fèdac, mas havia sempre interrupções que os forçavam a adiar a derradeira resolução para outro dia. A dada altura, até mesmo a família de Blai se envolveu na contenda sem o conhecimento deste, contratando um bando de assassinos para matar Tûmes. À semelhança do que já acontecera entre Aewyre e Krór, Blai sentiu que o seu oponente corria perigo, e transferiu-lhe o domínio da Essência da Lâmina durante tempo o suficiente para que este rechaçasse o ataque dos assassinos. O sathmaro ficou furioso com a sua família, e Fèdac não perdeu a oportunidade de descrever e colorir o drama familiar que se seguiu, para grande desalento de Aewyre, que teve de ouvir Layaline traduzir os pífios versos.

Porém, fora necessário fazê-lo, pois a página que Assiòn aparentemente indicara não fazia grande sentido, e o jovem achara então por bem fazer uma leitura superficial do resto do texto. A página pintalgada de gotas de sangue descrevia o combate final entre Blai e Tûmes, e continha versos no mínimo enigmáticos, em parte talvez devido à tradução de Layaline. Aparentemente sem o saber, Tûmes foi seguido para o combate

por um homem munido de besta, e Fèdac mal se deu ao trabalho de o descrever. Referia apenas que era um parente de Tûmes, e que a sua presença se devia aos eventos descritos anteriormente à contenda, nos quais Blai matara a amada do seu adversário, uma laonesa oriunda de Lasscou (cidade na qual, por coincidência, a espada de Blai fora forjada), e este aparentemente perdera a vontade de viver. Além do mais, Fèdac esforçara-se por transmitir aos leitores quais as conseqüências da prolongada querela entre os dois Lamelares para as suas respectivas famílias, e como muita gente já começava a sentir-se incomodada por ter dois homens tão perigosos à solta. Apesar do desalento de Tûmes, os dois encontraram-se num descampado, onde Blai teve direito a várias linhas de diálogo a proclamar a sua superioridade e a menosprezar Tûmes, enquanto este por sua vez se limitou a declarar que perdera a vontade de viver, e que chegara a altura de acabarem com aquilo de uma vez por todas. Tûmes morreu, aparentemente atingido por engano por um tiro de besta do seu parente, que de seguida abateu Blai.

— Bom, vamos lá, então — disse Aewyre, transpondo o seu indicador de uma linha escrita por si numa folha para o correspondente verso no livro. — Chegamos até aqui ontem, quando o Blai acaba de falar.

— *Spèe Blai e trivè mans...* a espada de Blai... — Layaline gesticulou alternadamente na sua direção e na do jovem. — Foi de uma mão... para outra.

— Trocou de mãos? — alvitrou Aewyre, começando a escrevinhar a tradução na sua folha de apontamentos. Ninguém reparara nas folhas de pergaminho e na aparada pena de escrever que trouxera do gabinete de Assiòn, pois poucos na Cidadela davam grande importância a livros.

— Sim. — A rapariga framiu as sobrancelhas para ler, afagando a cabeça desperta de Làriana enquanto o fazia. — Ehm... Tûmes caiu-se e morreu...

— «Caiu-se»?

Com a ajuda dos braços, Layaline deu a entender que se estava a arrojar para a frente. — Ah, lançou-se?

— Sim. Tûmes lançou-se e morreu... — A rapariga ergueu dois dedos e passou o indicador pelo meio deles. Aewyre ergueu a sobrancelha, habituado a semelhante gesto com conotações obscenas, mas cedo percebeu o que queria dizer.

— Atravessar? — sugeriu, e Layaline fez que sim com a cabeça.

— Tûmes lançou-se e morreu atravessar com...

— Morreu atravessado com o quê?

— Oh, isto é difícil... — disse a rapariga, mordiscando a unha do polegar enquanto pensava. — *Champè*... um homem sem pai...?

— Um bastardo?

— Sim, e o bastardo é... *genòge*... sabe quem ele é...

— Conhecido?

— Sim... não, é mais do que conhecido, é... da família.

— Ah, familiar? — Aewyre ia riscando e reescrevendo à medida que falava, conseguindo mesmo alhear-se de Krór, que observava a troca de palavras de ambos com incomodado interesse.

— Familiar, sim. Do... do... como se diz, a besta... — Layaline pegou numa invisível e fez um ruído oclusivo, gesticulando como se sacudida por um coice.

— Já não estou a perceber nada... do disparo?

— Não sei. É isso que sai da besta?

— Queres dizer um quadrelo?

— Um quadrelo? Pica?

Aewyre não pôde deixar de erguer o canto da boca no esboço de um sorriso. Layaline por vezes era cômica quando se esforçava por se fazer entender.

— Sim, pica. Se sai da besta, então é um quadrelo. Acaba aí, a frase?

— indagou de pena aprestada, passando-a sobre as linhas escritas quando Layaline acenou afirmativamente com a cabeça. — «A *espada trocou de mãos. Tûmes lançou-se e morreu atravessado pelo bastardo familiar do quadrelo*»? Mas que raio quer isto dizer?

— Não... o familiar antes do bastardo.

— Atravessado pelo familiar bastardo do quadrelo... fico na mesma.

Fazia tanto sentido como no dia anterior, quando Layaline lhe lera as passagens por alto e Aewyre achara por bem interromper para retomarem uma tradução mais detalhada após uma boa noite de sono.

A frase era importante, pois descrevia a forma como Tûmes morrera, mas não parecia ser nada mais além de outro floreio excessivo de Fèdac, O que dava a entender era que o parente de Tûmes o abatera acidentalmente.

— Essa palavra... o *xampi*, é um insulto?

— *Champi*? Pode ser. Mas também pode ser só uma pessoa sem pai.

— Sim, sim, é como em Glottik. Então deve mesmo ser referente ao quadrelo... — achou Aewyre, começando a falar sozinho. — «*Familiar*» é porque foi uma pessoa da família de Tûmes que o disparou. Pois, se «morreu atravessado» por ele...

— Ah, há uma coisa — reparou Layaline. — O... quadrelo? Tem uma letra grande.

— Como assim? — Aewyre inclinou-se para o lado para ver a palavra para a qual a unha de Layaline apontava, e de fato esta tinha uma letra maiúscula. — Isso quer dizer alguma coisa?

— Pode ser uma palavra importante, um nome...

— Ou será que o Fèdac estava só a dar-lhe ênfase? Repara, ontem viste umas outras, como esta aqui, a «Honra». Também começam com letra maiúscula.

Layaline assentiu e ficou a olhar atentamente para o livro enquanto afagava a cabeça de Làriana. Notava-se que se estava a esforçar por ser útil, que queria genuinamente ajudar Aewyre, e o jovem estava-lhe grato por isso. Na verdade, a rapariga parecia mais concentrada que ele, o principal interessado em desvendar os versos de Fèdac, pois apesar das insistências de Allumno, o jovem nunca fora freqüentador assíduo da biblioteca de Allahn Anroth, e as sessões nela passadas contavam-se entre as piores memórias que tinha do palácio. A despeito da sua motivação e da raiva que o impelia, era ainda assim apenas a esforço que Aewyre conseguia ficar a olhar para folhas de pergaminho durante tanto tempo, concentrando-se em questões de semântica e de interpretação textual. Tinha que se esforçar para que a sua atenção não fosse desviada para outras coisas, como o pouco amistoso olhar escarlate de Krór que sentia atraí-lo de forma reptante na sua visão periférica. Aewyre ficou em silêncio a ler os seus apontamentos atentamente, e Layaline estudou os versos enquanto esperava por mais perguntas.

— Então vamos lá ver... — interrompeu Aewyre o sossego,

erguendo a pena aparada. — O Blai mata a namorada laonesa do Tûmes, ele decide acabar com aquilo de uma vez por todas (depois temos de ler essa parte com mais atenção), e é seguido ao combate por um parente armado. Os dois lutam, Tûmes fica com a espada de Blai, mas antes que possa fazer algo, o seu parente abate-o por engano. Layaline acenou distraidamente com a cabeça enquanto lia, tremendo com um arrepio e aconchegando-se mais à sua capa. Ia ser uma noite fria.

— Mal combateram. O Fèdac gosta muito de falar de roupas, mas por norma descreve minimamente o combate. Será que o Tûmes o desarmou logo à primeira? Tu disseste que a espada do Blai era mais ou menos do tamanho da Ancalach, não?

— Sim... não sei. *Mènpimè*... Não conheço bem armas. Quer dizer que é maior para as mãos...

— Certo, deve ser. Mas a do Tûmes é só uma espada normal, não é? É assim que ele a descreve. É possível, mas não é fácil desarmar alguém que esteja a empunhar uma arma maior que a nossa. O Fèdac devia tê-lo descrito com mais pormenor... — Aewyre falava mais para si que para Layaline, e levou a pena ao lábio inferior em reflexão. — O Blai morre de seguida, não morre?

— Primeiro ele fala do que o Blai sente — corrigiu a rapariga. — Da... do... do sangue, que fica quente, e...

— Sim, isso deve querer dizer que ele adquiriu o domínio sobre a Essência da Lâmina. Mas morre logo a seguir, não é?

— Sim — confirmou a rapariga, indicando a passagem em questão. — Ele morre com um... quadrelo.

— O parente de Tûmes só acertou à segunda, e primeiro matou

Tûmes acidentalmente. Então e por que é que o Blai sentiu... o que foi?

— O quadrolo. Aqui está escrito com letra pequena.

— Oh, raios partam o Fèdac... — lamuriou-se Aewyre, beliscando a pele na base da cana do seu nariz. — Temos que ver isso com mais atenção, mas agora... não, espera. Então e o...

O guerreiro deixou os braços cair em desalento, batendo com as folhas de apontamentos sobre as suas pernas e despertando Làriana com o ruído estralejante do pergaminho. A criança olhou em redor com grandes olhos sonolentos e fiapos castanhos diante da cara.

— Desculpa — pediu Aewyre, afagando-lhe os cabelos com uma mão quase maior que a sua cabeça e destapando as suas pernas. — Vou um pouco lá para fora. Pensar melhor.

Layaline limitou-se a acenar afirmativamente enquanto Aewyre se erguia, mantendo-se curvado para não arrastar a cabeça pela lona. Krór acompanhou a sua saída com o olhar, mas o jovem não lhe deu atenção e desatou rapidamente as duas dobras de lona, pulando então para o exterior e bufando ao fechá-las. Os enigmas que se iam formando na sua cabeça estavam a dar-lhe cabo dela, e Aewyre desejou intensamente que o livro de Fèdac fosse um oponente munido de espada que pudesse combater. O estupor do laonês não fora capaz de fazer uma descrição factual, e tivera que embelezar os eventos ao ponto de os tornar quase incompreensíveis.

— Quadrolos bastardos... para a fossa com esta porra! — praguejou Aewyre num sussurro abespinhado, chutando neve de frustração.

Havia várias coisas que não faziam sentido. Tûmes ficara bastante afetado pela morte da sua amada laonesa, mas Fèdac não fizera uma única menção de sentimentos de vingança, nem nada que se lhe parecesse.

Verbalmente, Blai estivera em vantagem logo ao início do combate, mas logo de seguida Tûmes parece ficar com a espada dele, o que deixava supor que o sathmaro fora desarmado se não ao primeiro golpe, então pouco depois. Estaria Tûmes a ser movido por uma raiva fria semelhante à que corria nas veias de Aewyre? Fèdac também não o dera a entender. E quanto ao fato de Blai aparentemente adquirir o domínio da Essência da Lâmina quando da morte do benelga? Por muito que lesse o texto e por mais variadas que fossem as abordagens ao que os versos diziam, nada evidenciava uma vitória justa de Blai, ou mesmo que este tivesse sequer desferido um golpe. O que o texto aparentemente descrevia era como o parente de Tûmes o abatera por engano com um disparo da sua besta, e como o seu adversário gozou dos espólios da vitória por breves instantes antes de ser ele também abatido. Como era isso possível, se tudo, *tudo* o que Aewyre até então lera e ouvira afirmava peremptoriamente que um Portador apenas poderia obter a Essência da Lâmina se vencesse o seu oponente num combate justo? Ter-lhe-ia Layaline traduzido mal as palavras? Estaria a ver tudo da perspectiva errada? Não passaria aquilo de pura masturbação artística da parte de Fèdac? Ou seria precisamente por isso que Assiòn lhe indicara a página, por esta revelar algo de novo que até então não fora tentado?

«Outra pessoa a matar o adversário,.. a carga emocional, talvez? Será que, por Blai ter matado a rapariga laonesa por causa da Essência da Lâmina, e o tipo da besta ser parente dela...», refletiu Aewyre.

O «tendão» seria perfeitamente capaz de semelhante coisa. Uma vez considerada, o jovem não conseguiu descartar a hipótese de que o «tendão» vira mais uma forma de causar conflito e contenda, e talvez acabasse mesmo

por envolver o parente de Tûmes em todo o imbróglio. Porém, não deixava de ser uma hipótese algo rebuscada, e que nada tinha que ver com todos os outros eventos e relatos que estudara.

«E daí, é precisamente disso que estou a procura, não é? De algo do qual nunca ninguém se tivesse apercebido antes...»

Um arrepio sacudiu as costas de Aewyre, apertando-lhe a bexiga, e o guerreiro apercebeu-se de que estava com vontade de urinar. Dirigiu-se a um arbusto nas redondezas, olhou para ambos os lados por força de hábito, e o seu alívio fez com que a planta desnuda começasse a fumar de descontentamento. Aewyre estava de costas para um dos lados do vagão, atrás do qual as montanhas se assoberbavam, e tinha diante de si um belo panorama da noite laonesa. O céu estava mais limpo de noite do que estivera durante o dia, e as estrelas pontilhavam-no recatadamente, como se temessem provocar as nuvens. Uma estrela cadente caiu numa trajetória quase vertical, prendendo a atenção de Aewyre durante o breve momento da sua existência. A nuvem de vapor causada pelo seu alívio começou a ascender aos céus, obscurecendo-lhe o evanescente fulgor da estrela, mas não obstante esta evocou-lhe memórias de um passado não tão remoto assim, e que contudo parecia ter sucedido anos atrás. Ele e Worick, deitados na clareira após o esgotante ordálio de Moorenglade, a olharem para o cintilante céu enquanto os outros dormiam. Nessa noite também avistara uma estrela cadente.

— E lá foi mais uma faísca das pancadas do martelo de Tharobar na Bigorna Dourada... Faz um desejo e o deus ferreiro realizá-lo-á — pareceu-lhe ouvir a voz do thuragar dizer outra vez.

Sentia falta de Worick. Sentia falta deles todos. Da amizade de

Quenestil para o apoiar, da sabedoria de Allumno para o ajudar a desvendar o maldito poema, dos olhos de Lhiannah para...

Pensar em Lhiannah despertou algo no guerreiro que fez com que se lembrasse da mulher na qual estivera a pensar naquela noite na clareira. O desejo de Aewyre fora precisamente o de poder trazer Nabella de volta, mas nunca chegara a fazê-lo. O que sentira pela rapariga entrara em conflito com a vontade de encontrar o seu pai, e hoje o jovem questionava-se quanto à forma como as coisas teriam decorrido se o tirano Coilen não tivesse ressurgido. Talvez nunca tivesse ido a Asmodeon. Talvez O Flagelo tivesse ficado aprisionado para sempre em Ancalach. Talvez o seu pai não tivesse morrido. Teria sido essa a forma de os deuses lhe dizerem que o melhor era não ir para Asmodeon? Naquela noite na clareira, Aewyre culpava-os pelo sucedido, mas hoje estava convicto de que Seltor fora provavelmente o responsável. Se Nabella fora um aviso dos deuses, então só podia ter sido pela vontade d'O Flagelo que Coilen regressara para a eliminar da equação e permitir-lhe prosseguir com a sua viagem. O tirano morreria, o que os atacara não fora mais que uma pilha de correntes animadas a manterem junta uma pilha de carne morta. Fora Seltor, fora o maldito...

Mas não era nisso que devia estar a pensar naquele momento, já passara a altura de atribuir culpas. Tamanha criatividade deveria ser aplicada para tentar deslindar os versos de Fèdac, o seu próximo passo na senda da lâmina, a solução que lhe providenciaria os meios para matar Seltor. Nada mais importava... nada?

Lembrando-se de algo, Aewyre remexeu na bolsa que trazia ao cinto e tirou dela a trança loura de Lhiannah. Lavara-a como pudera, mas a nesga de cabelo já passara por muito, e estava quebradiça, espigada e puída.

— *O que eu quero é que te agarres a isso, a seja o que for que sentes por ela. É isso que pode vir a ser importante para ti e para aquilo que vais tentar fazer. Tenta não o esquecer.*

As palavras de Allumno não se referiam à trança, mas sim ao que o guerreiro confessara sentir por Lhiannah antes de partirem todos de Aemer-Anoth. Ainda hoje não sabia ao certo o que o mago quisera dizer; provavelmente para não se deixar afogar no seu oceano de amargura, para se ater à memória da princesa e não fazer nada de estúpido. Bom, pelo menos nada mais estúpido ainda que o que estava a fazer. A sua raiva não lhe permitia ver as coisas dessa forma, mas algo no seu subconsciente sabia que provavelmente estava a cometer suicídio só de se propor a enfrentar Seltor. Mas não importava. Fosse como fosse, era certo que pensar em Lhiannah lhe atenuava sempre a amargura, e recordava-lhe de fato que havia outras coisas à sua espera além do inevitável combate com O Flagelo e uma morte quase certa. Um motivo para não morrer, além da vingança.

«Bendito Allumno. Pensas sempre em tudo, não é, velhote?» Aewyre entrelaçou a trança nos seus dedos e levou-a aos lábios para a beijar em seco, enfiando-a de seguida uma vez mais na bolsa e voltando para a carroça.

«Bom, de volta à leitura.»

Uma semana mais tarde, a carroça aproximava-se da cidade de Neveria. A paisagem em redor mantinha-se praticamente inalterada, pois continuavam com os contrafortes à esquerda e as ondulantes planícies brancas à direita, sem grandes características distintivas à vista. Nevara um pouco mais nos dias anteriores, mas não ao ponto de dificultar demasiado o passo das felpudas mulas. Eram animais robustos e resistentes, aquelas

azémolas laonesas, e de porte quase equiparável ao de um cavalo, além de praticamente não precisarem de cuidados e atenções especiais. Já por várias vezes Aewyre dera por si a desejar que tivesse sido uma mula daquelas a partilhar a Essência da Lâmina com ele, por mais que não fosse pelo fato de ter quatro pernas ao dispor. O ferimento de Krór não dava grandes sinais de melhoras; não que o guerreiro esperasse ver algumas em tão pouco tempo, mas ainda assim não deixava de ser frustrante. E preocupante, também, pois significava que não poderia sequer combater Krór em desespero de causa, já que o combate continuaria a não ser justo. Como tal, estava ainda mais dependente do texto de Fèdac, e todos os dias rezava por um milagre que o ajudasse a ver o que aqueles versos de mau gosto escondiam. Continuava a não conseguir ver além do que o texto dava a entender que acontecera, mas parecia-lhe extremamente improvável que assim fosse. Um parente matar o adversário de um Portador a permitir a este adquirir o domínio da Essência da Lâmina? Não podia ser, tinha que haver algo mais, e por essa razão Aewyre e Layaline tinham relido o texto desde o início, descobrindo novos pormenores anteriormente pouco clarificados que obrigavam o jovem a novas considerações. Doía-lhe a cabeça de tantas voltas dar aos versos, e esperava que fosse apenas de Fèdac, que não estivesse a chocar uma gripe. Além disso, o «tendão» continuara a importuná-lo, embora Krór ultimamente nem estivesse à sua vista e o jovem praticamente apenas o visse durante as paragens e de noite. Porém, o «tendão» rangia-lhe insistentemente dentro da cabeça em dadas alturas, desconcentrando-o e deixando-o irritável ao ponto de mesmo Layaline evitar falar com ele.

A meio do dia, chegaram a um marco miliário na estrada perto de uma pequena ponte que atravessava um regato proveniente de uma

nascente das montanhas. Aewyre esfregou a neve de cima da pedra com uma mão enluvada, revelando a marca de cinquenta milhas até Neveria, Decidiram então parar para almoçar e, para se distrair, Aewyre predispôs-se a fazer a sua especialidade, pedaços de carne seca em queijo derretido com ervas. Era uma receita de viagem do seu pai que lhe fora transmitida por Allumno e que o jovem adotara nas suas jornadas. Làriana observava com interesse, tendo contudo o cuidado de não incomodar com uma pergunta impertinente. Aewyre ainda não sabia dizer se tal se devia a timidez devido à língua ou a simples bom senso, mas em todo o caso era verdade que a criança não estava a ser incômodo nenhum. Aewyre piscava-lhe o olho ocasionalmente, mas Làriana pouco mais fazia além de sorrir e esconder a cara com as pequenas mãos de seguida. Por sua vez, Layaline abastecia os cantis no regato gelado, transportando-os aos ombros. Também ela fora uma companheira de viagem irrepreensível até então, e não faltara de todo à sua palavra de que nem ela nem a sua filha seriam um incômodo.

— Prepara o fogo, Layaline, por favor — pediu-lhe o guerreiro quando esta voltou, apoiando-se sobre os joelhos para se erguer. — Vou chamar o Kror.

— Está bem. Hmm, isso parece... o que foi?

Aewyre fizera uma careta que não lhe passara despercebida, mas fez de conta que nada se passara e dirigiu-se rapidamente à carroça, esfregando as têmporas com as pontas dos dedos.

«O raio do tendão... deve estar desesperado por uma lata», pensou o guerreiro, puxando uma das dobras de lona nas traseiras da carroça. — Kror, vamos c... o que estás a fazer?

Como sempre, Kror estava encolhido no seu canto e com a capa

sobre os ombros (o cheiro começava a ser um problema, pois o distinto odor dos drahregs era de difícil habituação, sobretudo num espaço fechado), parecendo simplesmente amuado. Porém, os seus dois alfanges estavam no chão na outra ponta da carroça, embainhados e de pontas viradas para Aewyre, uma posição que não lhe agradava em circunstância alguma, sobretudo com o tendão a rilhar-lhe no maxilar bem debaixo do ouvido como aço a raspar em pedra.

— O que é que estás a fazer? — indagou o guerreiro.

Kror não respondeu. Parecia intensamente concentrado nos seus dois alfanges, e o seu braço direito estava estendido entre as pernas, como se quisesse pegar em algo invisível. Aewyre Semicerrou então os olhos, principiando a ficar desconfiado, e a sua testa franziu-se quando sentiu o «tendão» a ranger.

— Mas que...?

Os dois alfanges começaram a tremer, chocalhando no piso de tábuas de madeira da carroça, e Aewyre retesou-se, levando instintivamente a mão ao punho de Ancalach. Kror ignorou-o, absolutamente concentrado nas suas armas, até que o alfange de adornos azuis deslizou para fora da bainha, voando até à mão de Kror, que nele se crispou em pleno ar.

O queixo de Aewyre descaiu ligeiramente, mas o drahreg continuou sem lhe prestar atenção, ficando exatamente na mesma posição de braço estendido, empunhando a sua arma e olhando para ela com um ar triunfante.

— Como...?

— A Heldrada mostrou-me — disse Kror laconicamente, torcendo ligeiramente o pulso como se estivesse a avaliar o alfange. — Com muita

dor, consegui. Aprendi. E agora consigo sempre, mas é mais difícil sem dor. O... «tendão» não quer.

Os orbes vermelhos do drahreg viraram-se então para Aewyre, e ao jovem pareceu-lhe ver neles algo que até então nunca vira em Kror e que só conseguiu descrever como bazófia.

«Sacana... a tentar passar-me a perna enquanto leio...»

— Era o que o Diacolo fazia, lembras-te? — perguntou o drahreg de forma retórica, pois evidentemente que Aewyre se lembrava da técnica que o falecido sathmaro usara vezes sem conta para os humilhar, fingindo-se desarmado para de seguida os surpreender. Sim, só podia ser bazófia. Kror nunca pronunciaria tantas palavras seguidas só para fazer conversa.

— A Heldrada ensinou-te?

— Sim.

Silêncio. Era evidente o que Aewyre queria pedir, e Kror sabia-o, mas não parecia de todo disposto a facilitar. Os dois ficaram simplesmente a olhar um para o outro enquanto que, novamente desperto, o «tendão» rangia.

— Ensinas-me? — dignou-se o guerreiro por fim a verbalizar.

— Diz-me o que estão a ver nos livros. Se já sabem alguma coisa — contrapôs Kror.

Então era isso. O drahreg estava obviamente farto de ser mantido às escuras, e encontrara o pretexto perfeito para obrigar Aewyre a partilhar com ele as suas impressões.

«Espertalhão... e eu a peruar que já não passavas de mais um fardo na carroça...», pensou o guerreiro, reencontrando uma certa medida de respeito que já perdera por Kror. — É justo. Mas primeiro vamos almoçar, e

depois...

O jovem foi interrompido pelo som de cascos, e partilhou a sua desconfiança com Kror, olhando para ele antes de fechar as duas dobras de lona da carroça com um brusco puxão. Aproximava-se um cavalo do outro lado da ponte, e o seu cavaleiro era um homem de capa e capuz, ostentando um brasão difícil de distinguir nas suas roupas a revoltearem ao vento. Quando a besta abrandou, Aewyre viu que o homem tinha todo o ar de um estafeta e aparentava estar desarmado, apenas com estojos cilíndricos de couro ao cinto. Layaline erguera-se, e Làriana aproximara-se instintivamente desta, escondendo-se atrás da saia da mãe. Aewyre acercou-se lentamente de ambas, olhando para o recém-chegado de mãos ao cinto numa postura patriarcal enquanto este atravessava a ponte a trote. Pela forma como o homem retribuía o olhar, não estava a abrandar por causa da travessia, mas porque queria falar com eles.

— *Gìn eller* — saudou o estafeta em cortês neutralidade enquanto o seu cavalo vaporava do focinho de cabeça baixa, obviamente necessitado de uma breve paragem. A sua fisionomia não tinha grandes traços distintivos além de um bigode negro que, por alguma razão, parecia inspirar pouca confiança.

Layaline retribuiu o cumprimento, olhando de soslaio para Aewyre, que se manteve calado. O homem estranhou mas nada disse, perguntando então à rapariga algo em Lloranc que o jovem nunca na vida compreenderia. O Glottik servira-lhe perfeitamente até então nas suas viagens, mas apenas porque tivera sorte com os interlocutores, pois em Tanarch falava-se Leochlan, uma forma arcaica de Glottik, e os sirulianos e os eahlan tinham outras formas de se fazerem entender. Ultimamente, porém, a sua inépcia

para com línguas começava a provar ser uma séria desvantagem, e era mais uma das muitas razões para o jovem querer voltar quanto antes para casa. Layaline respondeu, o que pareceu surpreender o estafeta.

— O que é que ele perguntou? O que estás a dizer? — quis Aewyre saber.

— Perguntou se vamos da... se viemos da Cidadela.

— Ah... Glottik? — indagou o homem, parecendo agradavelmente surpreendido e satisfeito por não ter que falar com uma mulher. O seu sotaque era menos meloso que o de um puro laonês, mas ainda assim exagerava os *des*. — A menina diz-me que vindes da Cidadela da Lâmina?

Habitado como estava a subterfúgios, Aewyre ficou algo desagradado com Layaline por esta ter logo revelado a sua proveniência sem lhe perguntar, e lançou-lhe um olhar apropriadamente repreensivo de soslaio.

— Sim, vimos da Cidadela.

O homem não se deixou afetar pelos modos bruscos de Aewyre, e adotou uma postura para relaxar as costas, apoiando o seu cotovelo sobre a coxa e levando uma mão à anca oposta.

— Que novas há?

O jovem ainda hesitou antes de responder, mas depressa chegou à conclusão de que não havia motivo para tamanha relutância.

— O Alto Lamelar morreu. Muita gente morreu. A Cidadela foi atacada, e não recomendo que lá vá, se era essa a sua intenção. A menos que conheça lá alguém.

— Atacada...? — A perda de compostura do estafeta foi quase instantânea. — Como... quando? Por quem?

A última coisa que Aewyre queria fazer era tentar explicar a um completo desconhecido o que sucedera na noite em que os ghèren foram libertos, pelo que decidiu brincar um pouco com a verdade.

— Foram traidores. Foi atacada por dentro...

— E o príncipe? O príncipe Aewyre? Sabe o que lhe aconteceu? A surpresa do jovem ficou de tal forma patente na sua cara que não

pôde passar despercebida ao estafeta. Ciente de que já era tarde demais e que apenas se estava a delatar, Aewyre ainda assim disfarçou e tentou inverter as posições.

— O príncipe...? Mas quem quer saber? Quem é o senhor? O homem endireitou-se e ergueu ligeiramente o queixo.

— Sou Augiol, mensageiro de meu senhor, o barão Savincar de Arle.

O nome não dizia nada a Aewyre.

— Que quer o barão com o príncipe?

Augiol franziu o bigode, parecendo contudo estar a ler a resposta que desejava nas reações do guerreiro, para o punho de cuja espada olhou pela primeira vez.

— O meu senhor Savincar recebeu uma missiva de lorde Aereth Thoryn, regente de Ul-Thoryn, que procura com grande preocupação o seu irmão desaparecido. Foi informado de que lorde Aewyre se poderia encontrar na Cidadela da Lâmina, e o meu senhor Savincar predispôs-se a encontrá-lo.

— Aereth...? — balbuciou Aewyre, apanhado completamente desprevenido.

— Perdoai a minha ousadia, mas... porventura sois o príncipe?

— Eu... — O seu irmão... à sua procura? Isso só podia significar que Lhiannah chegara bem, que avisara Aereth, e que os preparativos para a guerra já tinham começado. — Sim.

Sem hesitar, o estafeta passou uma perna sobre a garupa do cavalo e desmontou habilmente, ajoelhando-se de seguida e puxando o capuz para trás.

— Perdoai a minha impertinência, príncipe. Não sabia.

— Não, não... — A notícia apanhara o jovem completamente desprevenido, e este continuava sem saber o que dizer. — O meu irmão...?

— Anseia por vos ver, e comunicou-nos o seu desassossego. Teme pela vossa segurança, o senhor vosso irmão, e requisitou ao meu senhor que vos procurasse.

Era provavelmente a melhor notícia que Aewyre recebera nos últimos meses, mas ainda assim estava a ser difícil de digerir, pois os ânimos do jovem estavam calejados.

— O... vosso senhor? O barão...?

— Savincar. O barão Savincar de bom grado vos receberá e hospedará no seu salão até que uma escolta apropriada vos possa levar para Nolwyn.

O nome de fato não lhe dizia nada, mas também poucos lhe diziam coisa alguma, pois nobiliarquia e heráldica nunca haviam sido especialidades do guerreiro.

— Devo avisar o meu senhor imediatamente da vossa iminente chegada — anunciou Augiol, erguendo-se briosamente. — Há preparações que devem ser efetuadas para a vossa devida recepção. Guardai isto por favor, príncipe.

O estafeta remexeu num dos alforjes do seu cavalo e tirou dele um sinete dourado. Aewyre estendeu a mão, de tão sugestionável que as novas do seu irmão o tinham deixado, e viu que a insígnia retratava a águia de Ul-Thoryn.

— Para que saibais que as intenções do meu senhor são honrosas, e que se devem ao consentimento do senhor vosso irmão. Com esse sinete podereis identificar-vos. Mostrai-o a qualquer posto de guarda ou soldado de Arle com o qual vos deparardes, e sereis conduzido em segurança.

— O barão Savincar reside em Arle?

— Sim, príncipe, e de bom grado vos acolherá. Se estiverdes cansado das vossas viagens, podereis igualmente aguardar em Arle por uma escolta do senhor vosso irmão.

Aewyre ficou simplesmente a olhar para o sinete. Assim de repente e vindo do nada, mais parecia uma bênção dos céus numa altura em que tudo parecia conspirar contra o guerreiro.

— Agora, se me dais licença, príncipe, devo partir para avisar o meu senhor Savincar antecipadamente da vossa chegada.

— Sim, sim... certamente. Assim sendo, enviai os meus agradecimentos ao vosso senhor.

— Serão entregues, príncipe — assegurou-lhe Augiol, pegando nas rédeas do cavalo e conduzindo-o até ao regato. — Viajai em segurança. As estradas laonesas são seguras perto das cidades, mas têm sido avistados vários grupos de drahregs ultimamente e, como costumamos dizer, com o Inverno vêm os lobos. Ah, a propósito de lobos...

O estafeta deixou a sua montaria a beber e dirigiu-se uma vez mais a Aewyre, achegando-se dele e baixando o tom de voz a um nível

confidencial.

— Aconselho-vos a permanecerdes anônimo, a não partilhades o vosso nome com ninguém a não ser soldados de Arle, e mesmo então apenas se tiverdes que mostrar o sinete.

O jovem franziu ligeiramente a testa.

— Por alguma razão em particular?

— Como disse, príncipe, com o Inverno vêm os lobos. É sabido que o vosso irmão vos procura, que estais em Laone, e há quem possa tentar aproveitar-se disso, se é que me entendeis.

— Entendo. Assim farei, Augiol — acedeu Aewyre, enfiando o sinete na sua bolsa e olhando para Layaline. — Íamos fazer o almoço agora; sois servido?

O estafeta pareceu momentaneamente confuso com a oferta, mas as poucas maneiras palacianas que Aewyre tinha já havia muito que não tinham ocasião de se manifestar, e este não compreendeu o que havia de mal com um mensageiro partilhar uns pedaços de carne com um príncipe à fogueira no meio do ermo.

— Eu... agradeço, príncipe — disse Augiol com uma perplexa vênia antes de tornar a cobrir a sua cabeça com o capuz. — Mas devo... partir quanto antes.

Com essas últimas palavras, o estafeta montou o cavalo e puxou-lhe as rédeas, fazendo com que o animal recuasse, e encaminhando-o para a ponte. Curvou-se ainda ligeiramente à laia de vênia e desferiu então um golpe de calcanhares nos flancos do animal, que começou a galopar e atravessou a ponte num ápice de cascos a ressoarem em madeira. Aewyre ficou a observá-lo até o ver desaparecer numa curva ladeada por árvores,

posto o que acenou com a cabeça.

— O que foi? — indagou Layaline, pousando-lhe a mão sobre o ombro.

— Boas notícias, para variar — respondeu Aewyre, forçando os seus desabitutados músculos faciais a sorrirem e apertando a mão da rapariga antes de se virar para ela. — Parece que, assim que chegarmos a Arle vamos ter uma viagem muito mais fácil.

Layaline ainda não fazia idéia de que o homem com o qual viajava era um príncipe nolwyno, e tão-pouco sabia da história de Ancalach. Aewyre pouco ou nada partilhara com ela acerca dos seus verdadeiros propósitos, apenas que era importante para ele e para os seus amigos que aprendesse a dominar a Essência da Lâmina.

— Anda, vamos comer — disse, puxando-a pela mão até à fogueira.

Por fim, uma boa notícia. Em nada adiantava os seus propósitos, mas sempre facilitava um pouco a vida do guerreiro, além de que significava que Lhiannah, Worick e Taislin tinham chegado bem a Ul-Thoryn. E que o seu irmão já estava de sobreaviso quanto ao perigo representado por Seltor. Sim, uma boa notícia, finalmente...

Algo de frio pousou na maçã do rosto de Aewyre, que levou a mão ao local e esfregou um floco de neve que se derretia sobre o couro da luva. Làriana olhou para cima e guinchou de mãos abertas na feliz ignorância da meninice.

«*Parece de propósito...*», pensou Aewyre, olhando agravadamente para os céus nublados sem inclinar a cabeça para trás.

SEMENTES DA DISCÓRDIA

Aereth Thoryn não era um homem feliz, e as notícias que lhe chegavam em nada contribuíam para o seu contentamento. Sentado no régio trono em forma de uma enorme águia dourada cujas patas o aninhavam e cujas possantes asas o resguardavam, o regente de Ul-Thoryn apoiava o queixo entre polegar e indicador enquanto escutava atentamente o que o seu senescal Tomenno lhe dizia. A coroa de Thoryn pesava-lhe na fronte, e as suas suntuosas vestes vermelhas e amarelas de mangas largas pareciam ficar mais incômodas a cada palavra de Tomenno. A sua esposa, a princesa Iollina, encontrava-se sentada num cadeirão na base do estrado à esquerda de Aereth, e não parecia particularmente interessada na conversa, de olhos postos no chão e parecendo estar a tentar cobrir a cara com o véu branco aprontado no seu cabelo. O único presente com ar minimamente alegre era o bobo Dilet, que executava repetidas tentativas de fazer um pino contra a parede, falhando e tilintando incessantemente com os seus guizos.

— Pesoria foi devassada, meu senhor, e como sabeis, não se trata da primeira incursão de semelhante natureza — disse Tomenno gravemente. Por norma, relatos militares ficavam a cargo de Daveanorn, mas o paladino

de Aereth estava a tratar dos preparativos para a chegada de um contingente de Lennhau. — Duas outras comunidades fronteiriças perto da Cinta foram atacadas, ambas com conseqüências igualmente desastrosas.

— Sobreviventes? — perguntou Aereth com voz já conformada com a inevitável realidade.

— Poucos a nenhuns, meu senhor. Nenhum dos nossos soldados,

As pálpebras de Aereth fecharam-se e este suspirou, passando a mão pela cara e esfregando a barba, apoiando então o queixo sobre os dedos do punho cerrado.

— Certifica-te de que os parentes dos milicianos recebem as devidas pensões, Tomenno. Que nada lhes falte. E que vá um representante apresentar-lhes pessoalmente as condolências do seu regente.

— Um gesto justo e benevolente, meu senhor — aprovou o senescal.

— Novidades acerca do avanço?

— Lorde Sunlar mobilizou um considerável contingente, e os seus progressos têm sido lentos. Estamos em pleno Inverno, e ninguém esperava que fosse declarar guerra aberta antes da Primavera, além de que...

Aereth deixou momentaneamente de ouvir o que Tomenno dizia, lembrando-se do dia em que lhe fora comunicado que Jestiban Kilune, o paladino de Sunlar, percorrera as comunidades da região em redor de Vaul-Syrith ostentando uma espada manchada de sangue. O sangue do seu senhor. Sabia o suficiente acerca da história da vizinha cidade-estado para perceber as implicações de semelhante gesto. Não que Aereth tivesse esperado uma reação pacífica, mas Sunlar de fato excedera-se; a espada com o sangue do rei era o apelo às armas para uma guerra sem quartel. Seriam os

ataques às aldeias um indício do que estaria disposto a fazer?

— Alguém faz idéia de quem perpetrrou os ataques? Ou mesmo como? — indagou, interrompendo o senescal, que pigarreou e lançou um olhar discretamente incomodado ao bobo, que continuava obstinadamente a tentar fazer o pino contra a parede.

— Os guardas fronteiriços afirmam a pés juntos que ponte alguma foi atravessada, mas reconhecem que os vaus não foram vigiados com especial atenção. As devidas medidas disciplinares já foram tomadas. Infelizmente, pela altura em que foram enviados homens para fazer o reconhecimento do terreno, já a intempérie apagara todos os vestígios além dos mais óbvios. — Tomenno descruzou as mãos detrás das costas e remexeu nos rolos de pergaminho que com elas segurava. — Tratou-se de um ataque concertado e impiedosamente executado, tal como nas outras duas aldeias. Infantaria, ao que tudo indica.

— Alguém passou pela fronteira, então, e de alguma forma conseguiram-no três vezes no espaço de uma semana — concluiu Aereth. — Numa altura destas? Inaceitável. Tenho de falar com o Daveanorn, e adjudicar as devidas ações disciplinares.

— Certamente, meu senhor,

— Ah, em relação às pensões?

— Sim, meu senhor?

— Certifica-te de que as famílias não têm dúvidas quanto a quem matou os seus filhos, maridos e pais. Que fique perfeitamente claro que o homem que os mandou matar se dirige para Ul-Thoryn com um exército.

O velho senescal ainda hesitou antes de baixar a cabeça em aquiescência, pois sentia a intensificação dos eventos e o rumo que estes

estavam a levar, o que lhe trazia demasiadas más memórias da Guerra da Hecatombe. O seu olhar cruzou-se com o da princesa Iollina que, sem estar inteiramente ao corrente da situação, parecia igualmente pouco à vontade.

— Algo mais que eu deva saber, Tomenno?

— O Ábaco continua a opor-se com veemência a qualquer tipo de contenda, e já se propuseram mediar o conflito. Naturalmente, contam com o apoio das guildas...

— Porcos gananciosos sem honra... — murmurou Aereth entredentes, revelando os dois incisivos que tinham ficado ligeiramente rachados após a agressão da princesa Lhiannah.

O Ábaco, o conselho de mercadores, era um poder a ter em conta na mercantil Ul-Thoryn, e a sua influência apenas crescera desde a cisão da nação em oito cidades-estado. Boa parte do ouro da Pérola do Sul passava numa altura ou noutra pelas mãos dos seus membros, constituídos por comerciantes e burgueses influentes, e já por várias vezes tinham esbarrado com o regente em questões de autoridade.

— E os bailios temem pelas colheitas deste ano, meu senhor. O tempo tem sido agreste, com demasiada chuva, e a recente conscrição que haveis ordenado dificulta a procura por mão-de-obra adicional nos campos.

— Não me digas, o templo de Gorfanna continua ofendido por eu ter aproveitado a safra do ano passado para o meu casamento? Ameaçaram proclamar alguma bula a afirmar que a sua deusa camponesa está irada e que Ul-Thoryn passará fome?

Dilet guinchou de triunfo ao executar um pino direito e caiu seguidamente de cabeça no chão. Tomenno calou-se e tornou a baixar a cabeça, embaraçado com as heresias proferidas pelo seu senhor, pois apesar

de não ser um fiel de Gorfanna sabia que era pouco avisado ofender os deuses. Desde que mandara prender a princesa Lhiannah que Aereth andava demasiado impulsivo. Certamente que as circunstâncias haviam sido excepcionais, mas não era nada que se fizesse de ânimo leve, um método ao qual Aereth começava a recorrer com preocupante freqüência. Desde que soubera que o seu irmão o traíra que se passara a comportar mais e mais como um autocrata, ainda longe do caminho que levava à tirania, mas a tender de forma preocupante para esse rumo.

— Mais alguma coisa, Tomenno? — inquiriu Aereth, tornando a esfregar a barba com os seus dedos anelados.

— Infelizmente, sim, meu senhor — disse o senescal, pigarreando.
— Há ainda a...

Um punho acerado bateu discretamente à grande porta da sala do trono, abrindo-a de seguida e revelando um dos membros da guarda pessoal de Aereth, armado de partasana, inteiramente arnesado com uma globular armadura nolwyna revestida com a libré de Ul-Thoryn e Lennhau, e uma barbuda com abertura em forma de Y.

— Meu senhor, o mestre de armas Daveanorn deseja...

O referido passou-lhe à frente, sendo o homem de poucas cerimônias que sempre fora, e fez uma curta vênia a Aereth e Iollina, reconhecendo a presença de Tomenno com um aceno da cabeça. Para não variar, Daveanorn envergava roupas puídas que não dignificavam o seu posto de paladino de lorde Aereth e mestre de armas de Allahn Anroth, mas havia poucos no palácio que não estivessem dispostos a perdoar esses defeitos ao velho veterano. A sua barba e cabelo estavam quase completamente brancos, e raramente era visto sem a sua fiel espada ao

cinto, embora raras vezes a usasse nos últimos tempos.

— Lorde Aereth, os alquimistas de Lennhau e o respectivo contingente acabaram de chegar — anunciou sem grande alegria na voz. Daveanorn era dos poucos que ainda tentavam ser a voz da razão em Allahn Anroth, pois conhecia Aereth havia demasiado tempo para temer a sua régia fúria. Ainda assim, sabia qual o seu lugar e ainda não se excedera. Ainda não. — Lorde Tylon aguarda-vos aos portões.

— Com que então lorde Tylon aguarda-me aos portões... — disse Aereth para consigo. — Manda-me chamar sempre que lhe apraz, e espera que eu vá prontamente, sem dúvida...

— Requisitou que viesseis quanto antes — acrescentou o paladino, alheio ao que o seu senhor murmurara.

Aereth acabou por se erguer, deixando descair as suas exageradamente longas mangas.

— Foram rápidos, eles. Aprazer-me-ia se os nossos fronteiros igualassem os alquimistas de Lennhau em celeridade — disse o jovem regente, estendendo a sua mão de dedos anelados para o lado, indicando a Iollina que se levantasse com um gesto enquanto descia o estrado do trono.

A rapariga obsequiou-o sem nunca erguer os olhos do chão, pegando nas saias com uma pequena mão pálida enquanto pousava a outra entre os morenos dedos de Aereth.

— Obrigado, Tomenno. Estou certo de que transmitirás as minhas palavras com rigor — disse ao passar pelo senescal curvado numa vênia. — Vem comigo, Daveanorn. Fala-me dos alquimistas e do que trazem pelo caminho.

— Ides sair, meu senhor? — despertou o bobo, erguendo a cabeça

pela primeira vez após ter caído sobre esta. — Em busca do sol, de um pouco de cor? Oh, que disparate, estamos no Inverno! Perdoai a estupidez deste vosso subalterno!

Dilet executou umas quantas cabriolas e afins acrobacias na direção de Aereth, sendo ignorado até se estatelar no chão após uma má execução, o que apenas lhe mereceu um abanar da cabeça de Tomenno. Assim que Aereth atravessou as portas abertas da sala do trono, os dois guardas que as vigiavam puseram-se em sentido e esperaram que o seu senhor avançasse dez passos antes de o começarem a acompanhar. O bobo antecipou-se-lhes, e correu alegremente entre os guardas e Aereth, pulando e batendo jovialmente com as solas uma na outra.

— Então vieram trazer-nos o suco das bagas do Teixo de Babhell? — indagou Aereth, praticamente arrastando Iollina à sua direita e tendo Daveanorn à sua esquerda, sem contudo olhar para nenhum.

— Quanto?

— Um barril, meu senhor.

— Só um? Então era preciso uma procissão inteira para trazerem um barril? — disse o regente, sem esconder um certo incômodo.

— *Manda-me* chamar por causa de um barril?

— Barril! Ardil! Vil! Hostil! — rimou Dilet alegremente.

— Esposa, podes explicar-nos por que motivo o teu pai se deu a tanto trabalho para nos trazer um barril? — perguntou Aereth, apertando ligeiramente a mão de Iollina para que esta percebesse que estavam a falar com ela. — E por que razão um barril seria digno de interromper a audiência de um regente com o seu senescal?

— Hum? — murmurou a princesa, apanhada de surpresa e vendo-

se forçada a levantar a cara. Eram raras as vezes que Aereth se dirigia a ela em público, pois costumava respeitar de bom grado a sua vontade de passar despercebida.

Em alturas como essa, Aereth reparava que a sua jovem esposa tinha lindos olhos exóticos, estreitos e azuis, denotando ascendentes thyranos, e devidamente realçados com esfumada tintura turquesa. Porém, era a única coisa que jogava a seu favor, pois tinha um corpo ainda ameninado, uma boca pequena, um queixo proeminente, e as suas feições pura e simplesmente não combinavam num todo nem remotamente elegante. Sobretudo quando a sua expressão embrutecia sempre que era abordada, tal como naquele momento, firmando-se numa desesperançada máscara de estupidez na qual quase dava vontade de bater. Daveanorn pareceu ler os pensamentos do seu senhor, pois fez uma careta desagradada. Sendo viúvo de um bom matrimônio do qual infelizmente não resultaram filhos, tinha as suas reservas para com casamentos de conveniência, e aquele não era exceção. Naturalmente que nunca se pronunciara, pois sabia qual o seu lugar e não tinha pretensões de compreender as vicissitudes da nobreza, mas não lhe agradava. E desconfiava de que Aereth sentia o mesmo, a avaliar pelo seu trato para com Iollina. No fundo, não passavam de duas vítimas das circunstâncias, a pobre criança mais do que o seu senhor.

— Por que tanta cerimônia por causa de um barril, esposa? Decerto o senhor teu pai sabe que não devia despender recursos numa altura destas, humanos ou não...

— O Teixo... — principiou Iollina num tom de voz quase inaudível.

— Os ouvidos do Daveanorn estão velhos, esposa. Obsequia-o com uma voz mais clara.

A princesa corou e baixou a cabeça, erguendo-a logo de seguida como se tivesse sido condicionada a não fazer semelhante gesto e pigarreando para se recompor. Daveanorn fez uma careta perante o que estava a observar, e manteve-a durante o desconfortável silêncio que se seguiu. Porém, embora os ouvidos do paladino estivessem de fato velhos, os seus sentidos permaneciam atentos como sempre, e não deixou de reparar que estavam a ser observados da galeria superior do corredor principal. Os dois culpados retraíram-se prontamente para trás da balaustrada como as antenas de um caracol, mas ainda assim Daveanorn reconheceu o vislumbre das jovens faces. Por alguma estranha razão, a visão reconfortou-o; talvez por confirmar que, pelo menos com alguns, as paixões juvenis ainda podiam seguir o seu rumo natural.

A aia arrastou o pajem pela mão, sentindo-se estúpida e infantil ao fazê-lo, mas o seu corpo reagira mais depressa que a sua mente. Os dois abrigaram-se na medida do possível numa das colunas que ladeavam uma das estátuas de mármore que vigiavam a galeria, a de um homem seminu com uma águia ao braço diante de um nicho que retratava uma paisagem casta e verdejante. Apertado contra a rapariga, o pajem tinha os grandes olhos castanhos bem abertos como sempre, dando a impressão que o mundo era para ele um sem-fim de surpresas, o que chegava a ser verdade sempre que se encontrava na companhia da aia. Por sua vez, esta olhava por cima do seu ombro com o ar culpado de uma criança apanhada em flagrante delito, inclinando ligeiramente a cabeça para o lado para melhor ouvir. Ao constatar que os passos prosseguiram pelo corredor abaixo, suspirou de alívio.

— Eu devia estar a tratar do vestido da princesa, não devia estar

aqui contigo — explicou num sussurro, como se fosse o pajem o culpado pelo seu delito. Afinal, ele podia no mínimo ter tentado dissuadi-la quando a rapariga preferira acompanhá-lo numa qualquer tarefa, pois esta dissera-lhe claramente que o paladino Cortun regressaria de Lennhau naquela noite e que seria feita uma festa em sua honra. Explicara-lhe que não podia simplesmente passear com ele pelo palácio, que a sua tarefa era importante, mas, através dos seus adoráveis encolheres de ombros e acenos de cabeça, o pajem dera inequivocamente a entender que desejava a sua companhia mesmo assim.

A aia deixou os passos avançarem um pouco mais antes de empurrar ligeiramente o pajem, pegando-lhe então pela mão e arrastando-o pelo corredor fora.

— Anda, agora tens de me levar às lavadeiras — exigiu. — Espero que consigam tirar aquelas manchas de vinho. Lorde Aereth foi um pouco mal-educado ontem, não achas?

A rapariga referia-se ao incidente do jantar do dia anterior, no qual Aereth, ligeiramente inebriado, entornara parte do seu cálice sobre o regaço de Iollina. O pajem estivera presente, mas naturalmente não fazia idéia do que lhe estava a ser dito, e limitou-se a acenar com a cabeça. Felizmente, a linguagem corporal da aia era fácil de ler, e os seus olhos abonecados de grandes pestanas eram deveras expressivos. Aparentemente satisfeita com a resposta, esta seguiu então em frente, arrastando consigo o seu indefeso interlocutor que, olhando-a de cima a baixo tentava perceber o que diabos a rapariga queria. Trazia um vestido alaranjado de alças e corte folgado debaixo dos braços sobre uma justa túnica roxa, e tinha um comprido lenço de cassa preso por um filete dourado aos cabelos castanhos. Estar próximo

dela não era de todo desagradável, sentia a maciez da pele da aia mesmo debaixo das roupas, e antes que desse por si, o passo de mãos dadas de ambos foi-se lentamente convertendo num andar de braços enlaçados. A rapariga reparou e fitou o pajem do canto dos seus olhos, incapaz de disfarçar um sorriso maroto que conseguiu trazer algum rubor mesmo às feições morenas deste. Ao ver o seu embaraço, decidiu mudar de inexistente assunto.

— Sabes o que eles trazem de Lennhau, não sabes?

Quase demasiado embaraçado para olhar a rapariga diretamente, o pajem limitou-se como sempre a acenar com a cabeça.

— Pois, suco do Teixo. Não gosto nada. Sabes o que faz? Deixa as pessoas violentas, raivosas. Já vi uma vez um homem que tinha bebido um pouco; foi horrível! Os olhos dele ficaram vermelhos de sangue, espumava da boca, e atirava-se de cabeça contra a parede. Ninguém se aproximava dele, e mordia as hastes das lanças que o empurravam. Estava preso com correntes, e sangrava dos pulsos e dos tornozelos. Parecia desesperado por matar, por partir alguma coisa, e corno não podia, matava-se a si mesmo.

A aia foi acometida de um arrepio e apertou o braço do pajem com mais força.

— Mas houve outros piores. Dizem que quem bebe uma caneca inteira fica com sangue venenoso, que a magia se inflama à sua presença, que são capazes de partir pedra com as mãos... é mesmo horrível. — Vendo a expressão consternada da rapariga, o pajem tentou combater o nervosismo para se mostrar minimamente compadecido.

— Sabes a história? — O pajem não sabia nem o perguntara, mas tais considerações não pareciam particularmente relevantes para a aia. — O

Teixo de Babbell é antigo, muito antigo, mais antigo do que Lennhau, diz o meu avô cego. Lembras-te dele? Já te falei dele, não falei?

O pajem sinceramente não percebia por que razão as pessoas faziam perguntas a acenar com as cabeças, pois dessa forma davam logo a entender o tipo de resposta que esperavam.

— Foi ele que me contou a história do Teixo. Há quem diga que foi plantado por um azigoth, outros dizem que nasceu no local onde um monstro de tempos antigos morreu, outros que um homem muito cruel foi cravado a ele com estacas. Há muitas histórias, mas o que é verdade é que não é uma árvore como as outras. É grande, e velha, muito velha, deve ser a árvore mais velha que vi. E já vi muitas, porque em Lennhau temos muitas árvores, não é como aqui em Ul-Thoryn, que vocês só têm planícies e bosquetes. Havias de lá ir um destes dias... Mas estava a dizer, o Teixo não é uma árvore como as outras. É vigiado pela guarda de lorde Tylon que, como sabes, é o defensor do Teixo de Babbell, e nada cresce à sua volta; alguns dizem que foi por causa do muro que fizeram para o cercar, mas o meu avô diz que a terra é mesmo má.

Embora não estivesse a ouvir, o pajem já sabia que a rapariga tão cedo não se iria calar, pois já lhe desvendara o hábito de pegar numa prega do seu regaço e torcê-la nos seus dedos sempre que se lançava numa das suas tiradas.

— Desde sempre que se colheram as bagas do Teixo; ele é o símbolo de Lennhau, como sabes. Mesmo quando Nolwyn era uma só nação, os senhores de Lennhau sempre usaram o Teixo nos seus brasões, e não só. Sabes, os nolwynos em geral nunca gostaram muito dos lennheses, mas não é só por causa do que aconteceu na Guerra da Hecatombe, quando

Lennhau se rendeu a'O Flagelo. Nunca gostaram de nós porque os nossos senhores por vezes usavam o suco do Teixo em batalhas, e houve tempos em que se vendeu bagas clandestinamente para fora. Como podes imaginar, foi um grande problema. As pessoas têm medo do suco, até as de Lennhau, acham-no perigoso e alguns dizem que se deve abater o Teixo, mas está claro que ninguém o faz... bom, mas o que eu quero dizer é que não me agrada nada que estejam a trazer suco para Ul-Thoryn. Isso não pode significar coisa boa, sabes, porque lorde Sunlar vai ver isso como mais uma ameaça, e as pessoas vão ficar assustadas de certeza. Espero que lorde Aereth não o use nos seus soldados, isso seria horrível...

Ao ver a testa enrugada da rapariga e o franzir das suas delicadas sobrancelhas, o pajem percebeu que estava a falar de um assunto desagradável, e a expressão da sua cara ajustou-se do devido modo.

— Espero bem que não. Ai, fico tão preocupada com isto. O meu pai é um dos cavaleiros de lorde Tylon, sabes, e se houver guerra ele vai ter que ir... por que é que não esclarecem este mal-entendido com a princesa Lhiannah? Eu não acho que ela tenha feito algo de mal; tu achas?

O pouco sutil abanar negativo da cabeça dava logo a entender a resposta desejada, e o pajem emulou o gesto.

— Pois, tu viste-a, não viste? E ouviste o que ela disse, que não faz parte de nenhuma conspiração contra lorde Aereth. Acreditas nela, não acreditas? Eu acredito, e espero mesmo que consigam dialogar com lorde Sunlar antes que alguém faça algo do qual todos nos vamos arrepender...

Uma porta abriu-se e dela saíram dois serventes carregados com vassouras e afins utensílios de limpeza. A súbita aparição destes fez com que a aia quase pulasse para se afastar do pajem, passando de seguida as mãos

sobre as coxas para se recompor e alisar a saia, tossicando. Por sua vez, o rapaz assustou-se com a brusquidão do gesto e afastou-se ele também, meio espavorido. Os serventes fingiram não reparar e baixaram as cabeças, murmurando os seus bons-dias enquanto passavam humildemente de lado pelo jovem casal. A aia e o pajem mantiveram então uma recatada distância, entreolhando-se pelos cantos dos olhos enquanto caminhavam. A boca da rapariga torcia-se numa careta contida de riso, que acabou por lhe sair pelo nariz, forçando-a a tapar ambos com a mão. O pajem correspondeu com um sorriso que contudo não lhe chegou aos olhos, pois falhava em compreender o que sucedera de tão engraçado. A governanta Smerunda bem o avisara através de gestos que tivesse cuidado com a rapariga, não fosse ela levá-lo por maus caminhos...

Aereth e o seu séquito percorriam a escadaria que descia dos portões do palácio pela encosta da colina abaixo, pisando os ladrilhos representativos das antigas províncias de Nolwyn e passando pela série de estátuas marmóreas que a ladeavam, alheios ao inexpressivo escrutínio dos velhos monarcas. Perpendiculares às escadas, vários trilhos secundários estendiam-se até aos lanços de muralha, cortados por regatos que escorriam desde a fonte do pátio palaciano e acompanhados por fileiras de euónios de folhas carmesins. Havia uma certa agitação ao fundo da escadaria diante dos portões da muralha que circundava a colina, e os serventes que deviam estar ocupados com as lides invernais de limpeza dos regatos e ladrilhos apenas começaram a trabalhar assim que avistaram o seu senhor. Aereth ia um passo à frente de Iollina, erguendo ligeiramente o braço desta pela mão para a ajudar a descer, e Daveanorn ia-lhes atrás, seguido de perto por Dilet e pelos dois átonos guardas. Lorde Tylon e Cortun Allark, o seu paladino,

aguardavam na base da escadaria diante de uma das estátuas aquilinas com vaso de mármore cheio de água suja com folhas mortas que a flanqueavam. Atrás de ambos encontrava-se uma carroça puxada por dois imponentes garanhões castanhos e cercada por homens armados que não pertenciam à guarda de Ul-Thoryn. Envergavam barbudas de aberturas em forma de T com coifas escamosas ao pescoço, brigandinas verdes com tachas tingidas a vermelho, e empunhavam lanças e escudos ovais com o brasão de Lennhau. Lorde Tylon vestia-se nos mesmos tons com uma túnica ornada de ramagens e um capelo castanho cortado em forma de folhas aos ombros, cobrindo a sua habitual careca com um barrete devido ao frio que se fazia sentir naquela fresca manhã de Inverno de céu nublado. Por sua vez, o enorme Cortun vinha vestido a rigor e de fiel machado às costas, todo ele de castanho com botas de topo revirado sujas de lama, uma túnica de couro, espessa barba e cabelo desgrenhados.

— Bem-vindo, bom Cortun — saudou Aereth assim que se encontrava a uma distância que não requeria gritos para se fazer ouvir. O paladino agradeceu com uma vênia. — É este então o ponto de viragem na nossa contenda com Vaul-Syrith?

— Não iria tão longe, lorde Thoryn — retrucou Tylon com a sua voz de barítono, coçando a barba castanha que lhe crescia como raízes debaixo do queixo. — Mas que poderá vir a ser uma grande ajuda, disso não há dúvida.

— Pretendeis usá-lo como método de dissuasão, meu senhor? — indagou Daveanorn, cumprimentando Tylon e Cortun com duas vênias, uma claramente mais curta que a outra. Era evidente que não morria de amores pelo paladino do regente de Lennhau, e um certo desagrado pelo

que via não passava despercebido no tom da sua voz.

— Usá-lo-emos seja de que forma necessário for até que lorde Sunlar perceba de que não se deve mexer no ninho da águia — proclamou Aereth com veemência, e o seu olhar deixou bem claro que não aceitaria insubordinações. — Podes ter as tuas reservas, Daveanorn, mas ao teu senhor não restam dúvidas de que se praticou um crime de lesa-majestade.

— Certamente, meu senhor, mas temos a princesa Lhiannah era nosso poder. Podemos e devemos usá-la como pretexto para, no mínimo, dialogar...

— Daveanorn... esqueces-te do teu lugar.

O paladino enrubesceu visivelmente, a sua postura marcialmente descontraída retesou-se e a sua barba e bigode grisalhos taparam-lhe parcialmente a boca quando os seus lábios se comprimiram. Lorde Tylon e Cortun fingiram-se alheios à pequena contenda que se desenrolava diante deles, e o senhor de Lennhau tomou a silenciosa liberdade de ordenar aos seus homens que descarregassem o barril com um gesto. Estes acederam prontamente e dois deles entraram na carroça, dentro da qual se começaram a ouvir ruídos que davam a entender que algo estava a ser desmontado.

— Deduzo que haveis ouvido histórias acerca do Teixo? — perguntou lorde Tylon, cruzando as mãos atrás das costas.

— Diversas — admitiu Aereth, recuperando a compostura. — Uma oferenda d'O Flagelo, o túmulo de um Filho do Caos, uma semente defecada por um tyarch...

— Tudo ótimas histórias de fogueira, mas o que sempre me interessou e aos meus predecessores foram os resultados — interrompeu Tylon, descartando-as com um gesto da mão. — Lennhau nunca foi das

mais poderosas províncias de Nolwyn, e os frutos do Teixo sempre nos serviram bem...

— Mesmo a lorde Lygio? — interpelou Daveanorn sem grande sutileza, referindo-se ao malfadado barão de Lennhau que tivera uma guerra civil em suas mãos devido ao contrabando do suco do Teixo, isto nos tempos em que Nolwyn ainda fora uma nação.

— ...desde que judiciosamente usados — aditou lorde Tylon após uma breve pausa, pois não estava habituado a ser interrompido. O seu tom de voz causou uma reação em Iollina, que se encolheu instintivamente como se este lhe causasse más memórias.

— Daveanorn... — advertiu Aereth. — Se não te encontras capaz de te comportar diante da realeza, talvez o melhor seja retirares-te antes que digas algo do qual ambos nos possamos arrepender.

— Preocupo-me apenas com a vossa segurança, meu senhor — assegurou o paladino, como quem ignorava as ameaças de uma criança. Embora nunca fosse nada além de respeitoso, Daveanorn conhecia Aereth havia demasiado tempo para se deixar intimidar. Era-lhe difícil, visto que ele próprio açoitara o regencial traseiro do seu senhor e do irmão deste quando ambos eram pequenos. O travo de insolência não passou despercebido a Aereth, que fitou Daveanorn em iminente fúria.

— Vejo que o nosso paladino regressou são e salvo — interrompeu-os uma voz de mulher, que revelou ser Lerhia assim que todos se viraram.

A esposa de Tylon descia graciosamente a escadaria, e trazia o pouco discreto vestido alaranjado que tantos olhares fizera voltar durante o casamento da sua filha, revelando ombros e uma generosa porção de peito,

e realçando a cintura com uma cinta encastoadada. Tinha os cabelos castanho-escuros presos em dois bandos e um diadema em forma de vinhas entrançadas sobre a testa, e a suas belas feições austeras ostentavam um raro meio sorriso.

— Minha senhora... — saudou Cortun, ajoelhando-se e beijando-lhe a mão de forma mais prolongada que o que a mera cortesia inculcava.

— Esperamos que aprecieis esta oferenda de Lennhau, lorde Aereth — disse Lethia. — Estou certa de que vos será muito útil na vossa contenda...

— *Nossa* contenda, esposa. Os dois tronos estão aliados — corrigiu Tylon, ao que Lethia anuiu com ar contrariado.

Os dois homens que tinham entrado na carroça entregaram então algo aos que aguardavam no exterior, um apetrecho de madeira constituído por duas pegas e um anel central no qual assentava um barril até ao bojo. Mal poderia ser chamado um barril, na verdade, era mais um pipo que nem por sombras conteria liquido suficiente para um dos banquetes de Aereth. Ainda assim, os homens carregaram-no aos ombros com toda a reverência e trouxeram-no aos seus superiores, assentando-o com todo o cuidado no chão e aguardando de braços cruzados atrás das costas.

— Lorde Aereth, desejais comprovar pelos vossos próprios meios aquilo de que o suco é capaz? — sugeriu Tylon, indicando o pipo com uma mão de dedos grossos.

Aereth olhou para o regente, para o pipo, para Daveanorn, e uma vez mais para o recipiente, hesitante. Ouvira as histórias, conhecia as lendas, e estas sobrepuseram-se momentaneamente ao seu bom senso e porte régio. Não pôde deixar de notar que a mão de Iollina começou a transpirar mais, e

que a princesa parecia mais hirta do que antes enquanto olhava para o pipo.

— Certamente — disse o jovem regente, largando a suada mão da sua esposa e esfregando a sua à sua manga larga ao dar um passo em frente.

Uma terceira mão pousou sobre o seu ombro com certa firmeza, a de Daveanorn, obrigando Aereth a parar.

— Meu senhor, se me permitis...

Aereth olhou para o seu paladino com olhos quase arregalados e maxilar tenso.

— Daveanorn, excedes-te...

De fato, ultimamente andava a exceder-se, e tinha consciência disso, mas não mais poderia virar a cabeça e ignorar o que vira. Prender a princesa Lhiannah e o general Worick, praticamente incitar a guerra com lorde Sunlar... O rumo que as coisas estavam a tomar não lhe agradava, e já há algum tempo que tinha a distinta impressão de que algo se estava a passar. Algo de insidioso.

— É o meu dever, meu senhor, o de velar pela vossa segurança e pôr a minha vida diante da vossa. Por favor, permiti a este vosso servo *comprovar* aquilo de que o suco é capaz.

Daveanorn olhou de soslaio para Tylon ao dizê-lo. Nunca lhe agradaram particularmente os modos sobranceiros do regente de Lennhau num palácio que não era o seu, e cada vez mais o via como uma má influência para Aereth.

— O servo fiel quer sacrificar-se pelo seu senhor! Ir-lhe-á o regente conceder tamanho favor? — perguntou Dilet ao ar, tinindo os guizos.

— Obsequiai o vosso paladino, lorde Aereth — aconselhou Tylon.

— Como ele disse e bem, está apenas a cumprir o seu dever. Eu não

esperaria menos do Cortun.

Relutantemente, Aereth acabou por aceder e autorizou Daveanorn a prosseguir com um aceno afirmativo da cabeça. O paladino agradeceu e acercou-se do barril, passando pelos olhares avaliadores de Tylon e Cortun. Iollina tremeu e esfregou os antebraços, mas quem viu atribuiu o gesto ao frio que se fazia sentir.

— Abram-no — ordenou o senhor de Lennhau, e os seus dois homens pousaram a trave no chão, erguendo o barril, virando-o e assentando-o de bojo sobre a abertura, na qual encaixou perfeita e solidamente.

Um dos soldados flectiu os dedos, agarrou o espiche de madeira que tapava o suspiro do barril e torceu-o com brusca força, fazendo estalar a cera que o revestira e puxando-o. Daveanorn fitou-os a ambos alternadamente, mas as feições rudes e inexpressivas destes não traíam qualquer emoção ou intenção.

— Cheirai apenas a abertura, lorde Daveanorn — recomendou Cortun de corpulentos braços cruzados, tocando no largo nariz bexigoso. — Os vapores do suco são suficientemente fortes para terdes uma idéia.

Desconfiado, o paladino assim fez, ajoelhando-se lentamente diante do barril para não abusar das suas rangedoras articulações e apoiando uma mão sobre o joelho. As suas narinas arrebitaram-se ao aproximar a cara do suspiro, mas não captou odor algum, pelo que olhou uma última vez para Tylon e decidiu encurtar a distância. Deu para sentir um tênue odor fermentado, mas ainda assim nada de particularmente revelador.

— Não convém deixá-lo exposto ao ar durante muito tempo, lorde Daveanorn — explicou Tylon com o intuito de o apressar.

Algo arreliado, o paladino então praticamente enfiou o nariz dentro do suspiro, inalando uma única vez. Foi quanto bastasse para que arredasse a cabeça de repelão e começasse a fungar de imediato, erguendo-se para se afastar mais ainda do barril.

Tylon, Lethia e Cortun sorriram descoordenadamente, e Aereth juntou-se aos três, cruzando o peito com um braço e apoiando o cotovelo do outro sobre este para pousar o queixo sobre a mão.

— Então, Daveanorn? — perguntou. — Estou seguro ou não? O paladino fungou um pouco mais, esfregando o nariz com o antebraço enquanto os dois guardas de Lennhau o observavam, imóveis e inexpressivos.

— Fechem isso — disse o veterano com um brusco gesto do braço, parecendo irritado. — Fechem isso, mas que porra!

O guarda com o espiche assim fez, e Daveanorn regressou para perto do seu senhor, ainda a esfregar o nariz com o incomodado antebraço.

— Coisa mais vil... pior que aquele uísque da Forlornya. — protestou o paladino, falando com ninguém em particular. — Não deveríeis usar semelhante coisa, meu senhor.

— Porquê, Daveanorn? Porque cheira mal?

— Porque é indigno de vós, e porque... oh, pela espada cruenta de Gilgethan, Aereth, porque é abjeto e ignóbil!

O súbito erguer do tom de voz de Daveanorn aturdiu Aereth, cujos olhos ficaram consideravelmente mais abertos e cujo sorriso divertido se evaporou.

— Sabes bem o que aquela coisa faz, o que já fez! — acusou o paladino, apontando na direção do barril. — O que se segue, Aereth?

Pendurar a princesa Lhiannah nua nos portões da cidade? Violá-la? Venderes a tua alma a'O Flagelo? Achas que o teu pai aprovaria? Pois eu digo-te que não! Mais, teria *vergonha* se visse o seu filho agir assim!

Tylon, Lethia e Cortun mantiveram os seus sorrisos cúmplices, mas Aereth ficou lívido.

— Não sejas demasiado severo com o vosso paladino, lorde Aereth — recomendou Tylon. — O suco do Teixo deixa as pessoas algo... desgovernadas.

Daveanorn virou-se para o senhor de Lennhau, parecendo pronto a dizer-lhe a ele também o que pensava e não só, mas então pareceu cair em si. A sua boca abriu-se e fechou-se umas quantas vezes sem contudo nada dizer, enquanto o velho mestre de armas olhava alternadamente para os presentes, cada vez mais chocado com as suas próprias palavras à medida que os ecos surdos destas reverberavam dentro da sua cabeça.

Dilet deu dois pinotes tilintantes, passando por entre o paladino e o regencial grupo, e deitou-se de barriga para baixo no chão, apoiando o queixo sobre as costas das mãos cruzadas. Parecia estar a observar um inseto com interesse.

— Daveanorn... — disse Aereth com voz trêmula. — Podes retirar-te. Falarei contigo mais tarde.

O mestre de armas ainda aparentou ponderar dizer algo, mas a sua boca fechou-se tão depressa quanto se abriu, ciente de que se excedera plenamente. Rígido e contrito, Daveanorn pôs-se em sentido, fez uma vênia ao seu senhor e aos senhores de Lennhau, e retirou-se com um passo esforçadamente digno na direção das escadas, puxando os atordoados cabelos para trás. Todos os serventes cuja atenção estivera presa até então

lembraram-se subitamente de que tinham trabalho a fazer e recomeçaram a limpar ladrilhos com vassouras e a colher folhas mortas dos regatos. Aereth, Tylon, Lethia e Cortun viram o paladino retirar-se, embora os três últimos observassem o primeiro com mais atenção, atentos às suas reações, entreolhando-se ocasionalmente.

— Repito, lorde Aereth, o suco do Teixo causa invariavelmente este tipo de... reações — reiterou o regente de Lennhau. — Lembrai-vos disso quando falardes com o vosso mestre de armas.

Aereth nada disse, fitando as costas de Daveanorn durante mais alguns instantes antes de devolver a sua atenção ao seu par, ainda obviamente perturbado.

— Sugeris então que eu dê isso aos meus homens? — indagou com voz ligeiramente trêmula.

— O exército maior pertence-vos, lorde Aereth, e como tal a primazia no campo de batalha a vós caberá. Os meus homens, tal como os vossos, estarão às vossas ordens — afirmou Tylon, incluindo Cortun com um propositado olhar. — A decisão é vossa, e apenas vos ofereço conselhos.

— Então e... o que me aconselhai? — quis Aereth saber, fitando diretamente o senhor de Lennhau com uma expressão tal que este hesitou por momentos.

— Bom, considerai o barril uma oferenda de aliado, lorde Aereth. O que fareis com ela...

— Servido o suco, degustada a mixórdia; armai o trabuco, começai a discórdia! — disse Dilet, despertando repentinamente e chicoteando as suas pernas no ar para se erguer, torcendo o seu torso de uma forma que

certamente deslocaria os ossos de outra pessoa. Aereth deu-lhe a sua imediata atenção. — A jovem potra no ninho aprisionada, o garanhão relincha, qual besta irada. O aliado traz uma oferenda (um gesto salutar), mas será o suficiente para os ânimos sedar?

Tylon, Lethia e Cortun não tiveram outra escolha que não olhar para o bobo, pois Aereth não escondia o interesse que tinha pelas palavras deste. Alheio aos regenciais olhos que o observavam, Dilet encaminhou-se para o barril debaixo do atento escrutínio dos dois guardas, chocalhando os guizos num passo jovial.

— A águia pousou no teixo, as folhas sussurram. A guerra virá a breve trecho, os corvos já se empanurram — disse o bobo, circundando o barril de dedo debaixo do lábio inferior. — Nidificado o ninho, debicada a baga, a real ave não vê a dissensão que se propaga. Nem todos têm asas, nem todos são capazes de voar; por alguma razão os usurários conseguem agiotar.

Praticamente diante dos guardas, Dilet curvou-se sobre o barril, estudando-o de mãos estendidas atrás das costas. Por sua vez, os guardas baixaram as suas para os seus lados, atentos a qualquer tentativa de tocar no recipiente do precioso líquido.

— O medo sussurra na noite, a pérola receia, assustada. Será necessário um açoite para proteger a cidade imaculada.

O bobo estendeu então o dedo na direção do suspiro selado do barril, como se quisesse limpar quaisquer restos de suco que pudessem ter escapado, mas o seu gesto apenas conseguiu que levasse um golpe com as costas de uma manopla de couro fervido de um dos guardas.

— Como ousas? — vociferou Aereth, dirigindo-se a este com

encolerizados passos ainda o bobo não se estatelara no chão, agarrado à cara. — Seu imbecil, como te atreves a agredir o meu bobo? Pensas que estás em Lennhau, seu filho de carvoeiros?

— Lorde Aereth, por favor! — pediu Tylon, visivelmente surpreso com a reação causada pela agressão a um mero bobo. O senhor de Lennhau fez por acompanhar os passos de Aereth, embora a sua compostura o tornasse difícil. — Sede clemente para com o meu soldado. Vem de uma extenuante viagem, e a iminência da guerra *faz-se* sentir com força em Lennhau...

— Insolência! — acusou Aereth, erguendo um irreduzível dedo diante da impassível cara do ofensor, cuja aparente indiferença apenas o irritou mais.

— Lorde Aereth... — instou Tylon, pegando com delicadeza no braço do jovem regente, que contudo o arrancou da mão do seu par, virando-se de forma a encarar o soldado e o seu senhor.

— Não penseis que a mão da vossa filha atenua tudo, lorde Tylon — disse Aereth ao apontar para a referida. — A vossa corte tem agido de forma sobranceira no meu palácio, e não tolerarei tamanhas faltas de respeito.

Tylon claramente não esperara tal reação, pois ficou a olhar para o jovem regente de boca entreaberta, sem saber o que dizer. As sobrancelhas de Cortun eram pouco mais que um hostil traço escuro sobre os seus olhos, e os de Lethia não estavam tão surpresos quanto indignados. Os dois guardas pessoais de Aereth crispavam os dedos nos cabos das partasanas, e os que se encontravam ao portão começaram a aproximar-se discretamente.

— Bom senhor, nobre senhor! Não castigueis o agressor deste bobo

sem qualquer pudor! — disse Dilet do chão, sangrando das suas díspares narinas e agarrando o tornozelo de Aereth com ambas as mãos.

— Sede clemente, ouvi o vosso aliado! Mostrai porque sois um regente tão adorado!

Para surpresa de todos, Aereth deu mais valor às palavras de Dilet que às de Tylon, e embora o seu olhar permanecesse feroz, não concretizou a iminência de um ato drástico. O senhor de Lennhau olhou para o bobo como se não o estivesse a reconhecer, enquanto este se continuava a rebaixar pateticamente aos pés de Aereth de guizos descaídos como as orelhas de um cão açoitado.

— O suco causa dissensão, isso é evidente. Mas quem tiver visão pode usá-lo de forma conveniente — rimou Dilet, lambendo o sangue no seu lábio superior, abraçando-se à perna do seu senhor e baixando o tom da sua voz. — A usura está gorda, não prescinde da sua regalia. Quando um corpo está doente, há quem faça uma sangria.

Erguendo-se de forma tão súbita que pareceu não haver transição entre a posição deitada e ereta, Dilet escondeu-se atrás das costas de Aereth, olhando por debaixo do braço deste.

— Mas o meu bom senhor não é cruel, não flagela nem dá trabalho ao verdugo. Porém, com tanto mel, outros o poderão ver como um mero besugo.

— Lorde Thoryn, se me permitis... — dispôs-se Cortun, avançando um passo antes de Aereth o reter com um erguer da mão. Para grande surpresa de todos, o jovem regente não só estava efetivamente a ouvir o bobo com atenção, como parecia entendê-lo.

— Um besugo, peixe tão vulgar! Arraia-míuda entre os filhos do

mar. E precisamente isso que o *gordo polvo* quer pensar — disse Dilet, mudando a cabeça para debaixo do outro braço de Aereth com ar afetadamente assustado, como se estivesse a esconder-se de alguém. — Os seus tentáculos enlaçam a pérola, apertando-a gananciosamente, guardando-a para si ciosamente. Talvez seja chegada a hora de o regalar com um presente... e olhai! Que oferenda tão conveniente!

O bobo referia-se evidentemente ao barril, e Aereth olhou-o com atenção, aparentando uma compreensão das palavras de Dilet que escapava aos restantes presentes. O cenho de Tylon ia-se franzindo progressivamente, e os seus guardas fitavam-no com as expressões átonas de quem vive para cumprir as suas ordens.

«*O que pensas que estás a fazer, bobo? Qual é o teu jogo?*», pensou, comprimindo os lábios e captando um olhar nervoso da sua esposa pelo canto do olho. «*Levantas demasiadas perguntas e apresentas muito poucas respostas. Por que se mantém mestre Othragon em silêncio?*»

Tylon tinha ordens do próprio Aesh'alan, e fora até então bem-sucedido a cumpri-las, mas Dilet desde o início que se lhe afigurara como um elemento caótico e imprevisível. Nem tinha quaisquer provas de que ambos serviam o mesmo senhor, além da sua palavra e da sua misteriosa presciência quanto aos eventos que haviam de fato sucedido. Fazia jus em todos aos aspectos ao seu homônimo no jogo da Demanda pelo Trono, e por enquanto Tylon podia apenas esperar que não fosse a peça traidora da partida...

O suor escorria da testa de Lhiannah até à ponta do seu nariz, pingando para o chão frio sobre o qual as suas mãos assentavam. Inspirando, a princesa aproximou o peito das lajes e, com um grunhido

exalado e de olhos fechados, tornou a afastar-se com braços trêmulos. Conseguiu elevar o seu torso até ter os braços quase estendidos, mas então as forças faltaram-lhe e Lhiannah por pouco não se estatelou de nariz no chão, ficando nele estendida de mãos plantadas a ofegar com o suado lado da cara a roçar a pedra fria. Soprando os fiapos soltos do seu cabelo preso num rabo-de-cavalo que lhe pousaram sobre a boca, Lhiannah deixou os cotovelos caírem e rebolou sobre o ombro de forma a ficar de barriga para o ar, passando então as mãos pela cara e deixando os braços estendidos aos seus lados. A princesa estava descalça e trajava uma comprida túnica branca e plissada cuja falda arregaçara até às ancas, cingindo-a com um cinto, e cujas apertadas mangas arregaçara. O tecido estava escurecido e pesado com suor.

«Mole. Fraca», pensou, demasiado esbaforida para sequer falar sozinha. *«Demasiado tempo num barco... e aqui deixei-me atrofiar. Já estava pronta a desistir... até o Taislin seria capaz de me pôr sobre o joelho para me açoitar.»*

A mensagem do burrik reavivara-lhe a esperança que nunca deveria ter perdido, a fé que nutrira por cada um dos seus companheiros, a certeza de que por eles nunca seria abandonada. Passara por suficientes provações com todos eles para o saber, e sentia que ficara em falta para com o grupo por se ter sentido tão desesperançada. Após ter lido as palavras de Taislin, Lhiannah despertara do seu torpor e, além de fazer barulho na latrina como o burrik lhe pedira, começara a preparar-se física e mentalmente para quando este viesse. Ainda ninguém estranhara o fato de andar a bater regularmente com uma colher no rebordo de pedra da latrina, embora o indistinto eco do ruído provavelmente se fizesse ouvir nas dos pisos inferiores. Não conseguia imaginar como Taislin conseguira acesso à

cozinha, nem como soubera qual o prato reservado ao Ninho, mas, a avaliar pela mensagem, sabia o que estava a fazer e pretendia comunicar através do cano da latrina.

«Bem, o Worick sempre disse que os burriks são capazes de roubar os olhos a uma pessoa sem que esta repare...», recordou Lhiannah, e pensar no seu mentor abriu-lhe os olhos e fez com que se erguesse, ainda de braços frementes do esforço.

A princesa cruzou as pernas e puxou as madeixas soltas de cabelo para trás, olhando absortamente para o chão de antebraços assentes sobre as coxas. A aia da princesa Iollina dissera-lhe que Worick já não corria perigo de vida, mas a visão do seu mentor, daquele velho thuragar duro que nem uma pedra, pálido e exangue numa banheira tingida de vermelho pelo seu próprio sangue... Nunca o iria esquecer, nem tão-pouco perdoar o responsável pelo sucedido. Ainda que não tivesse sido sua a mão que empunhara a partasana que trespassara Worick, o irmão de Aewyre era o principal culpado por toda a situação, pelo estúpido acesso de loucura que o levara a ver Lhiannah como co-conspiradora de uma intriga absurda. A ela, que viera propositadamente a Ul-Thoryn para lhe devolver o corpo do seu pai desaparecido e para o avisar do perigo que todos corriam... Os lábios de Lhiannah comprimiram-se ligeiramente, e a princesa arvorou um olhar feroz ao erguer o joelho de uma perna e apoiar a mão no chão para se levantar. Os seus olhos não mais estavam vermelhos, e as olheiras esvaneciam à medida que a princesa ia recuperando o sentido de um propósito na sua vida, que até poucos dias atrás mais parecera uma lastimosa espiral descendente.

— Vais pagar, Aereth — disse para consigo, pegando numa manta

com a qual esfregou a cara suada e que usou para cobrir os ombros, servindo-se também de um pouco de água do jarro sobre a sua cama.

Estava bastante frio no cubículo, pois o óleo das candeias esgotara-se e Lhiannah fora forçada a destapar a abertura na parede para deixar entrar luz. Os seus confortos estavam a acabar, mas essa era a última das suas preocupações de momento. Não era de confortos que precisava de qualquer forma, mas sim de se meter nos eixos e de se preparar para o que desse e viesse. Bebendo sequiosamente, a princesa exalou de alívio ao pousar o copo de madeira, esfregando com as costas da mão a água que lhe escorrera pelo queixo abaixo.

— Sabes, linda, acho que exagerei... — disse uma voz doentia atrás dela.

Lhiannah virou-se bruscamente, deixando a manta cair e chicoteando o ar com o seu rabo-de-cavalo, e viu Hepascar comodamente recostado à parede de braços cruzados sobre a bojuda barriga irradiada de veias azuis, esta ainda mais realçada pela cinta com uma série de lancetas alojadas em patilhas. A sua cara sarapintada de máculas vermelhas estava enrugada por um sorriso malsão, e os seus olhos amarelados luziam de malícia.

— Sou capaz de te ter assustado de mais. Pensava que o teu fel nunca mais iria fermentar... — disse o haghral, descruzando os braços de mangas folgadas e avançando um descontraído passo. — Lembras-te do que te disse, não? De que a minha próxima visita seria a última?

Lhiannah cerrou os punhos e os dentes, lembrando-se muito bem das palavras de Hepascar, que contudo se limitou a erguer as mãos de palmas rubras num gesto de pretensa paz.

— Mas não te preocupes, que mudei de idéias. Não é hoje que *o coração irá verter* — disse o haghral, gesticulando com os dedos para dar ênfase à citação. — Tens andado demasiado assustada, escondida como um passarinho trêmulo no ninho. Não era bem isto que eu tinha em mente, não é de todo um tributo adequado para a minha progenitora. Sabes o sabor com que a carne de um animal aterrorizado fica, linda?

A língua amarelenta de Hepascar abanou como a de uma serpente, ilustrativa e repulsiva, e o haghral pareceu derivar particular prazer da revulsão patente na expressão desafiadora de Lhiannah.

— Pois, mas não é bem isso que quero. O que quero é que o teu sangue fique amargo, que o teu estômago ulcere de raiva, que o teu fel impregne cada fibra desse teu corpinho torneado...

Assim que Hepascar ficou ao seu alcance, o punho de Lhiannah disparou com tamanha força que o cotovelo da princesa se distendeu ao falhar o golpe, espetando-lhe adagas de dor pelo antebraço abaixo. Desequilibrada, a princesa foi alvo fácil para o contragolpe com as maculadas costas da mão de Hepascar, que a derrubou.

— Sim, é isso que eu quero ver! — regozijou-se o haghral, sorvendo deliciosamente em seco.

Lhiannah recuou de costas pelo chão como um caranguejo ferido, criando distância entre si e o seu adversário, mas Hepascar não parecia estar minimamente interessado numa luta e limitou-se a assentar o pé sobre a cama de pedra, apoiando o cotovelo sobre o joelho e o queixo sobre o punho. Ficou nessa posição a observar a princesa, levando ainda uma mão à anca numa pose meramente apreciadora.

— Bem sei que te assustei, mas também não queria que ficasses a

choramingar em posição fetal. Isso de nada servirá a nenhum de nós — explicou enquanto a princesa se erguia a quatro passos de distância. — Sabes, eu nem conheci a minha progenitora, mas qualquer haghral que se preze esforça-se por assegurar um tributo adequado a quem o concebeu, embora deva confessar que os meus padrões são mais... primorosos que os da maioria.

— A tua progenitora era uma cabra doentia que mereceu morrer — praticamente rosnou Lhiannah, medindo o adversário com mais cuidado. Embora os seus músculos estivessem de fato cansados, a esquiva do haghral fora fluida e parecera-lhe preocupantemente fácil.

— Um tom de desafio? — surpreendeu-se Hepascar, erguendo as sobrancelhas e endireitando-se com renovado interesse. — Maravilhoso, minha linda! Conhecia-la, portanto?

As memórias do seu brutal espancamento às mãos de Hazabel tiveram um efeito oposto ao habitual, encolerizando Lhiannah ao invés de fazer com que se recolhesse.

— Fez alguma coisa ela, foi, linda? — compadeceu-se o haghral clinicamente. — Magoou-te muito?

Lhiannah investiu, lançando-se em frente como uma ave de rapina, oscilando selvaticamente com o punho e falhando o golpe quando Hepascar simplesmente inclinou o tronco para trás. Aproveitando a precária posição da princesa, o haghral agarrou-a pelo braço e pela túnica e, empurrando-se a si mesmo com a perna assente na cama de pedra, atirou Lhiannah de cara contra a parede. A princesa esbofou ao colidir com a pedra, na qual também embateu com o lado esquerdo da cara, ressaltando para cima da latrina.

— Delicioso — disse Hepascar, lambendo os lábios com feridas. —

Tanta raiva... És magnífica, minha linda. Sabia que não me irias desapontar. Já começava a pensar que teria que matar o thuragar de vez para que tu acordasses...

— *Tu não lhe tocas!* — urrou Lhiannah, levantando-se e tornando a investir, só para Hepascar aparentemente antecipar o seu golpe uma vez mais, desviar-se e atingi-la nas costelas com um murro certo que a vergou, derrubando-a então com outro golpe das costas da mão.

— Isso, grita um pouco mais. Pode ser que o guarda ainda não esteja totalmente convencido de que perdeste o juízo... — sugeriu o haghral, chutando a cara de Lhiannah e deixando-a estendida no chão de barriga para o ar. — E um comportamento pouco digno de uma princesa, não achas?

Lhiannah não respondeu, ficando no chão agarrada às costelas, a grunhir de olhos e dentes cerrados.

— Isto não é nada pessoal, entendes? Como disse, nem conheci a minha progenitora, e tanto se me dá como se me deu que ela tenha morrido numa cama ou varada que nem uma porca.

Hepascar aproximou-se descontraidamente de Lhiannah, abrindo os braços numa pose pregadora.

— A única coisa que pretendo é fazer de ti um exemplo, linda, um bom exemplo — explicou, inclinando ligeiramente o torso para a frente e cobrindo a princesa com a sua sombra de braços abertos.

— E tu és perfeita para algo de memorável. Bela, selvagem, e tão, *tão* raivosa...

Lhiannah gritou, ergueu as ancas e projetou a perna para cima, plantando uma delicada sapatilha na cara de Hepascar, que recuou três

passos e levou a mão à boca, sorrindo ao ver o sangue que lhe escorria do nariz e do lábio inferior aberto.

— Bem melhor que da primeira vez... — disse o haghral, agradavelmente surpreendido. — O que te aconteceu? Estás com o choro lunar?

— Canalha — rosnou Lhiannah, olhando-o de baixo enquanto se erguia, pronta a atacar.

— Que pretendes fazer? Matar-me com as tuas próprias mãos? — indagou Hepascar, arregalando as sobrancelhas em fingido terror.

— Que coisa tão feia para uma princesa fazer...

— Espera e vais ver, desgraçado... — ameaçou Lhiannah com um olho semicerrado devido à pulsante e intumescente dor na sua cabeça resultante do choque com a parede.

— Já vejo, e estou a gostar. Mas ainda temos algum trabalho pela frente, linda — sorriu Hepascar maliciosamente, passando uma mão pelo peito cavo desprovido de pêlos, espalhando um pouco de sangue pela sua pele macilenta. — Acho que da próxima vez já estarás pronta, se até lá não te puseres a choramingar. Se tudo o resto falhar, posso sempre acabar o que o guarda começou com o thuragar...

A princesa tornou a atacar com um grunhido feroz, e Hepascar evitou facilmente o seu primeiro golpe, bem como o segundo, esquivando-se dos oscilantes murros com golpes de rins. O terceiro falhanço tornou a desequilibrar Lhiannah, e o haghral pegou-lhe pelas costas, aproveitando o seu ímpeto para a atirar de barriga ao chão. Antes que Lhiannah pudesse recuperar o fôlego, Hepascar assentou-lhe o joelho sobre a ilharga, agarrou-lhe o rabo-de-cavalo e puxou-lhe a cabeça com força para trás.

— Odeias-me, não odeias? — sussurrou-lhe ao ouvido. O seu hálito era doce e amoniacal. — Tanto ou mais do que ao Aereth?

Com um joelho nos rins, as costas arqueadas e a cabeça forçosamente puxada para trás, Lhiannah conseguiu pouco mais que um grunhido.

— Pois pensa na família do guarda que mataste. Na sua esposa. Nos seus filhos. Na sua mãe viúva. Eles sabem que foste tu.

A princesa agarrou o braço que lhe puxava os cabelos com uma mão, o que apenas resultou num aumento da pressão nos seus rins e um esticar da cervical quase até ao limite. O lado da cara de Hepascar colou-se à sua, e algo frio e afiado encostou-se à palpitante veia da sua garganta exposta.

— Sabes qual foi a história que contaram? Que mataste um guarda ao tentar escapar. Estava o pobre desgraçado a vigiar-te enquanto tomavas banho, de costas cortesmente viradas... e tu atiraste-o de armadura para dentro do tanque, afogando-o. Foi mais ou menos assim, não foi?

Outro grunhido, e a mão de Lhiannah apertou futilmente o braço de Hepascar com mais força.

— Pensa nisso. Em como te devem odiar. Mas a culpa deve ser minha, não é? Pensa nisso. O medo já de nada te serve. Estão todos contra ti, e se ao menos me pudesses apanhar, espancar-me a sério até eu ficar às portas da morte, e mostrar-me aos outros... aí talvez acreditassem em ti, não achas?

— Canalha... — disse Lhiannah, sufocada.

— Mas que falta de originalidade, linda. De qualquer forma, não és capaz, pois não? Este teu corpinho bem feito não serve para lutar, mas sim

para parir bebês. A minha progenitora também não deu à luz, e vê bem onde isso a levou. — O haghral riu guturalmente da sua própria piada, antes de fazer Lhiannah grunhir de dor com um novo puxão. — A próxima vez que me vires será mesmo a última. Podes encolher-te de medo a um canto que nem uma rapariguinha gemebunda e vedar-me o acesso a este cubículo, ou convidar-me a entrar com a tua raiva para tentares acabar comigo... ou eu acabar com o teu sofrimento. É só escolheres.

Sem qualquer aviso, Hepascar arrojou a cabeça de Lhiannah de lado contra o chão, contra o qual o seu crânio embateu surdamente. Um clarão negro apagou a visão da princesa, retraindo-se então para os cantos dos seus olhos e começando lentamente a cobri-los. Ensurdecida pelo baque do impacto, ouviu a voz do haghral chegar-lhe difusa ao ouvido bom antes de a escuridão apagar tudo o resto.

— Linda...

A SALVADORA

Dul-Goryn era a maior cidade de Tanarch, cercada por uma muralha de pedra calcária cor creme com uma série de torreões de topos cônicos e facetados pintados de verde. Era constituída por três distritos divididos por lanços de muralha interiores, cada um demarcado por uma alta torre coroada com um belver à moda nolwyna. Aninhada na curva de um rio congelado e isolada no meio de uma planície fértil nos meses de sol e gélida durante boa parte do ano, Dul-Goryn sempre se erguera orgulhosa e desafiante na indômita paisagem tanarchiana.

Porém, naquele dia granido por uma neve ligeira, a cidade encontrava-se à beira do mais abjeto terror, e estava iminente uma explosão de pânico nas lamacentas ruas, embora estas estivessem praticamente desertas. Portas e janelas estavam fechadas, algumas mesmo barricadas, e eram bastantes as chaminés que não exalavam fumo, como se os seus habitantes quisessem dar a entender que as suas casas não se encontravam ocupadas. Soldados de elmos em forma de cebola e armaduras lamelares andavam meio perdidos nas ruas de aças de armas empunhadas, vagueando sem rumo e seguindo ordens díspares e inseguras. Notava-se

uma maior concentração perto das três torres que ao longo dos séculos haviam sido ocupadas por um Triunvirato, onde alguns guardas e soldados pareciam aguardar alguém que lhes assegurasse que tudo iria correr bem. Contudo, tal não iria acontecer, pois os Três estavam mortos, assassinados pelos malditos sirulianos, e a morte aguardava-os a todos do outro lado das muralhas.

A sua voz era rítmica, roufenha, percutida, e por mais que os habitantes de Dul-Goryn se escondessem, nunca deixavam de ouvir o seu mortífero pulsar mesmo no canto mais escuro da mais baixa adega, onde mães abraçavam crianças chorosas que, sem compreenderem o que se estava a passar, não podiam deixar de sentir o medo dos seus pais. Quem não tinha adega refugiava-se como podia na divisão mais reclusa da sua casa, quem não tinha casa fugia para os templos da cidade, onde as orações ofereciam esperança, e quem não tinha esperança limitava-se a deambular erraticamente pelas ruas pavimentadas de madeira, onde o surdo rufar vindo do exterior fazia vibrar os coloridos edifícios de madeira esculpida e insulada com barro. A cidade mais parecia um enorme redil, e a única coisa que separava as trêmulas ovelhas do iminente pesadelo eram as muralhas em cujos adarves os mais corajosos aguardavam ao lado dos mais desesperançados. Estes encontravam-se concentrados no lanço Leste da muralha, que tinha vista para a planície, enquanto que o lanço Oeste que dava para a ponte sobre o rio estava deserto. Milicianos, soldados e mesmo alguns monges de Gilgethan que sentiam o iminente chamamento da batalha, todos estavam retesados e imóveis de mãos pousadas sobre as ameias, ou agarrados aos arcos e cabos de lanças com dedos hirtos de frio e medo. Uma autêntica procissão de faces cansadas, pálidas e de barbas

sarapintadas de neve estava de olhares fixos no exterior, com o mais puro terror patente nas suas expressões enevoadas pela sua própria respiração. Além das muralhas, além da aparente segurança oferecida pela pedra fria, espalhava-se pelos campos nívios uma fervilhante massa negra, cinzenta e castanha, e o rouco rumor que os habitantes tentavam ignorar, tapando os ouvidos, transformava-se do outro lado dos baluartes num tonitruante coro que fazia as pedras tremer.

Magotes de drahregs, centenas, milhares, talvez mesmo uma centena de milhar, apinhados, acirrados e salivantes, com boa parte deles de bocas escancaradas e a darem largas à sua selvajaria, urrando roucamente. O seu acampamento era-o apenas no nome, pois não passava de um desorganizado atear de fogos e assentar de posses sujas e mal-amanhadas na neve. A sua fúria dava a impressão de estar a ser dirigida contra a cidade, mas na verdade os drahregs urravam tanto uns contra os outros como na direção das muralhas. Disputas ateavam-se com uma facilidade mercurial, e boa parte do aço desnudo não era brandido somente para intimidar os humanos que observavam das muralhas. Um drahreg alto e corpulento brandiu um alfange serrilhado, interpondo-se no meio de uma alteração, e a sua boca de dentes amarelados expeliu vapor e saliva sobre a barba encrespada ao tentar impor a ordem com um urro, sacudindo as suas pesadas tranças. Um dos altercantes à sua direita pareceu discordar e berrou em resposta de dentes arreganhados, o que lhe valeu um olhar feroz de duas gotas de sangue nas poças escuras que eram os olhos do comandante, que para ele apontou o seu alfange em advertência. Um outro à sua frente juntou a sua voz à discórdia, e a ponta do alfange virou-se para ele, reforçada pelo autoritário estentor do comandante, o que bastou para o

silenciar. Porém, o primeiro altercante manteve-se firme e de dentes arreganhados como um jovem macho disposto a pôr em causa a autoridade do líder, cuja resposta não se fez esperar. Com um brusco golpe de cotovelo, estilhaçou os dentes do drahreg com o gume do alfange, que resvalou com o impacto e trinchou o lábio superior do contestatório. Este urrou de dor, abafando o frêmito agonizado com ambas as mãos ao cair de costas ao chão, onde ficou a oscilar sobre os ombros de um lado para o outro, os seus olhos, duas frestas cerradas e agonizadas. O comandante pôs-se a seu lado com um passo, ergueu a perna e calcou a cabeça do impertinente drahreg com uma grossa bota forrada a pele. Diante dos olhares intimidados dos outros, pisou repetidas vezes a cabeça até partir os ossos das mãos que a tentavam resguardar e o crânio começar a ceder, e os subsequentes ruídos crocantes fizeram com que os outros engolissem em seco, perdendo toda a beligerância à medida que a neve no chão ia ficando tingida de vermelho.

Satisfeito com a ruína de sangue, cabelos empapados e osso exposto debaixo da sua bota, o comandante drahreg virou-se para os outros, desafiando-os com o olhar a questionarem a sua autoridade. Saliva espumosa e flocos de neve pendiam da sua barba debaixo de boca e narinas frementes a exalarem vapor, o que ajudava ao olhar intimidante, embora muitos comesçassem a adquirir mais interesse no corpo morto diante deles, o que significava que naquela noite iriam comer bem. O comandante drahreg apontou para a cidade com o alfange, dando a entender que era naquela direção que deveriam dirigir as suas hostilidades, e os seus inferiores aquiesceram, olhando para além da horda que se agigantava como um vagalhão prestes a abater-se sobre a tremula pedra. Porém, era um vagalhão

desgovernado, refratário e não tão temível quanto poderia parecer, pois embora os tanarchianos não conseguissem ver, boa parte do exército era constituído por fêmeas e crianças drahregs, essas reunidas em grupos em redor dos mais dominantes guerreiros, o que por si só era causa para mais contendidas. Vários jovens drahregs excitados davam largas aos seus impulsos mais primários, e uma vez que a horda cessara a marcha, a situação era propícia a violentos confrontos. A comida era um problema, pois o exército era-o apenas em aparência, tendo-lhe faltado todo e qualquer tipo de organização desde o início, desde o chamamento do seu regressado senhor que levara a um êxodo em massa de Asmodeon. Fora cada um por si, e embora os drahregs se tivessem ido aglomerando, faltara-lhes coesão e liderança, tendo sido a vontade de Seltor e não os urros dos seus comandantes o que os movera. Centenas de outros haviam-se juntado após a passagem pelo Istmo Negro, vindos dos cantos mais recônditos de Tanarch, mas outras centenas haviam morrido em rixas ou como resultado de doenças adquiridas ao longo da forçada marcha e da falta de higiene nos bivaques.

Todavia, tal não estava sequer perto de fazer com que a horda parecesse menos ameaçadora aos olhares ignorantes e aterrorizados dos tanarchianos. Desde que se ouvira que uma horda inumerável se aproximava de Leste, que um horror do passado estava a devastar campos e aldeias a caminho de Dul-Goryn, que o pânico tomara toda a população. Instigada pelo assassinato do Triunvirato e pelos gritos de vingança de Linsha, a antiga aprendiz de lorde Malagor, Tanarch dirigira-se em força para Gul-Yrith com o intuito de se vingar de anos de abusos e humilhações. O exército voltara a correr com os soldados em pânico, pois Gul-Yrith não

era grande o suficiente para ser guarnecida por tão grande exército, além de que acabara de ser atacada. Num momento de caos que privara os comandantes de toda a sua autoridade, o exército batera em retirada, e os nobres e a cavalaria aproveitaram o fato de a horda ser constituída unicamente por infantaria para fugirem a galope. Centenas de cavalos haviam morrido de exaustão na debandada, e a nobreza de Tanarch chegara suja e desflorada a Dul-Goryn, trazendo consigo olhares espavoridos e ominosas premonições de morte e destruição. Mesmo antes da vinda da horda, o moral da cidade ficara prontamente abalado, sendo os receios alimentados pelo fumo que já se vislumbrara no horizonte, e fora completamente estilhaçado quando as sentinelas nas muralhas avistaram o negrume que se espalhava pelos campos brancos. Os drahegs nem se incomodaram em cercar a cidade nem em improvisar pontes para transporem o rio, o que lhes permitiria contornarem facilmente a cidade, limitando-se antes a aguardar. Ninguém sabia dizer porquê ou por quem. Não tinham quaisquer máquinas de cerco e estavam claramente equipados para uma batalha campal, uma batalha que ninguém na cidade sonhava sequer em lhes conceder, pelo que o Primeiro Pecado começava a dar indícios de que algo de destrutivo poderia acontecer entre as suas fileiras.

Todavia, todos estes pormenores passavam despercebidos aos aterrorizados tanarchianos nas muralhas de Dul-Goryn, que viam apenas um número até então inimaginável de sanguinários drahegs, dos infernais humanóides que os mais velhos recordavam com terror e que os mais jovens conheciam apenas de histórias para assustar crianças que preferiam esquecer. Fugir da cidade estava fora de questão, permanecer nela dava a sensação de apenas adiar o inevitável, e o aflitivo impasse aliado à ausência

de um líder cedo carcomera os nervos dos sitiados. O Triunvirato deixara os seus responsáveis a cargo da cidade antes da fatídica partida para Val-Oryth, mas estes não passavam de magistrados mais acostumados a lidarem com pergaminho que com pessoas, e encontravam-se todos escondidos nas torres dos seus senhores. Havia também o antigo mensageiro de lorde Malagor, que acompanhara o exército até Gul-Yrith para servir de intermediário, tendo fugido com os nobres ao avistar a horda, e que conseguira impor um mínimo de ordem. Porém, a única coisa que dizia à população era que mantivesse a calma e fosse paciente. Como tal, ninguém soube ao certo o que fazer quando se ouviu uma trompa do outro lado do lanço Oeste da muralha. Poucos se aperceberam do ruído, e entre esses houve quem se encolhesse mais, tomando-a por um sinal de um ataque iminente. O toque repetiu-se uma segunda vez, e uma terceira, ambas espaçadas, e foi apenas à quarta que vultos tímidos começaram a subir a escada que dava ao adarve da muralha. Outros correram a avisar quem não tinha ouvido. A trompa tocou uma quinta vez antes que os vultos chegassem ao topo e espreitassem pelos merlões, surpresos por verem quatro indivíduos montados diante do portão.

Um deles era uma mulher com um casacão roxo de peles e um chapelete preto de abas forradas a pele reviradas para cima, que empunhava um bastão. Os outros três eram homens altos e corpulentos que debaixo de capas forradas envergavam cotas de malha reforçadas com placas de aço aos ombros e uma série de chapas retangulares dispostas sobre o torso. Usavam elmos em forma de cebola com um visor a servir de máscara e um gorjal de escamas, e todos empunhavam uma temível acha de armas. Os homens nas ameias reconheceram-nos como os Ignotos, os guardas pessoais do

Triunvirato, mas ninguém soube quem a mulher era.

— Sou Linsha Akselban, aprendiz do falecido lorde Malagor! — anunciou esta, erguendo o bastão encimado por uma balança dourada com duas esmeraldas incrustadas nos seus pratos. — Abram os portões!

O tom autoritário na voz da jovem feiticeira teve o efeito de chuva em terra ressequida, e a hesitação dos homens foi mínima antes de correrem a obedecer. Os portões abriram-se, guinchando pelas enormes dobradiças, e os cascos dos cavalos ecoaram pelo arco de pedra que dava entrada à cidade. Os homens que abriram as portas olharam com ar maravilhado para a mulher de costas direitas que olhava em frente, e para os seus intimidantes acompanhantes.

— Fechem o portão. Onde está o mensageiro Khorgin? — perguntou Linsha a ninguém em particular.

— Na... na Torre Judicante, Senhora — respondeu um dos soldados.

Linsha fitou-o com os seus felinos olhos castanhos e apontou para ele com a ponta do bastão.

— Digam às pessoas que saíam das suas casas. Aos homens que peguem nas suas armas. — O bastão foi então apontado aos outros soldados, e a balança que o encimava pareceu pesar cada um deles. — Que todos vão às muralhas, às ameias a Leste. Que testemunhem o que vai acontecer.

Mudos, os Ignotos nada disseram, mas os olhares ocultos pelas suas máscaras antropomórficas auferiram mais peso, às palavras de Linsha que as achas de armas que empunhavam.

— Vão! — ordenou a jovem feiticeira, sobressaltando os soldados,

que por pouco não tropeçaram ao correrem a acatar o seu comando.

Linsha fitou os Ignotos à vez, os sobreviventes do assassinato de lorde Malagor e os únicos que não ficaram incapacitados como resultado dos ferimentos. Os outros haviam perecido durante o combate ou como resultado das lesões sofridas, e por alguma razão estes tinham-na adotado como a sua nova protegida. Linsha não os desencorajara, e sempre preferia a companhia silenciosa dos três guerreiros aos constantes ganidos em busca de aprovação de Volgo Dokhan, o meirinho de Val-Oryth. Nunca fora particularmente forte de caráter, mas desde a noite em que Linsha fora tocada pelo Flagelo que passara a comportar-se de forma excessivamente servil, e fora quase preciso bater-lhe para o convencer a permanecer na cidade enquanto Linsha ia a Dul-Goryn. Aliás, começara a desenvolver um estranho apreço pelas punições que a feiticeira lhe administrava através da Palavra, o que, aliado à sua dependência quase canina, tanto mais a enojava.

Sem nada dizer, a feiticeira deu dois toques de calcanhar ao seu palafrém, incitando-o a um trote, e os Ignotos vieram-lhe atrás. O animal era bem treinado, e facilitou-lhe o ato de manter as costas tão direitas quanto o bastão que empunhava durante o trote. Apossara-se da arma de lorde Malagor com o pretexto de continuar o seu legado, mas na verdade não o via como mais que um símbolo da latente autoridade que estava a descobrir em si. Era algo que lhe agradava, e tanto mais lhe aprazia o fato de outros estarem a aquiescer diante dela. Porém, fora mais fácil convencer as pessoas do que o bastão, pois este estivera ligado ao mais profundo nível a Malagor, que o construía e imbuía. Harmonizar aquele singelo pedaço de madeira com a sua aura fora das maiores proações arcanas da sua vida, mas servira-lhe para descobrir que os seus métodos intuitivos não eram tão

falíveis quanto Malagor lhe dera a entender enquanto aprendiza. Atingira cedo um planalto no desenvolvimento das suas faculdades, e sempre se sentira mais à vontade a manusear pura Essência do que a tentar manipulá-la através da Palavra, mas desde que fora tocada pelo seu senhor que se sentia capaz de transpor todos os limites. Como aquilo a que se propusera fazer naquele dia, e que o seu senhor pessoalmente lhe requisitara.

O grupo de quatro trotou sobre as tábuas de madeira que pavimentavam as ruas da cidade, e pelos seus meandros já ecoavam gritos a passarem a informação que Linsha ordenara. Algumas janelas abriram-se timidamente, do outro lado das quais espreitaram caras assustadas e contudo intrigadas, e foi para essas que Linsha se endireitou ainda mais na sela, ostentando o bastão de Malagor.

— Para a Torre Judicante! — gritou à laia de comando de general, incitando o seu palafrém a um galope que as montarias dos Ignotos prontamente emularam.

O tropel dos quatro pareceu trazer vida às ruas desertas, e na sua esteira a cidade começou lentamente a despertar do aterrorizado torpor em que se encontrara adormecida. Algumas pessoas abriram as portas, e umas poucas ousaram mesmo sair das suas casas para terem um vislumbre dos quatro cavaleiros. As tábuas do pavimento estremeciam e algumas saltavam com espirros de neve suja, despreparadas para tão furiosa cavalgada em plena cidade. Linsha e os Ignotos atravessaram rapidamente uma série de distritos, chegando com grande alarido à Torre Judicante, onde um grupo de desorientados guardas parecia aguardar a sua chegada.

— O mensageiro Khorgin? — perguntou Linsha com o tom de voz imperioso que ultimamente adotara e que até então ninguém se atrevera a

contestar.

Nenhum deles sequer perdeu tempo a questionar-se quanto à identidade daquela jovem mulher que aparecera do nada com porte de salvadora, pois a sua pose autoritária atraía para si os desalentados soldados como uma rocha sólida no meio de um turbilhão. Vários começaram a falar ao mesmo tempo, apontando para locais díspares e atropelando as palavras uns dos outros até serem silenciados pelo olhar conjunto de Linsha e dos Ignotos.

— Onde está o...? — começou a feiticeira a repetir antes de ser interrompida pelo apressado abrir da porta da torre.

Khorgin saiu do seu interior, envergando a sua habitual indumentária de mensageiro, um cafetão vermelho debruado a pele de marta, cravejado de botões de ouro e com borlas amarelas pendentes. Porém, a sua normalmente aparada barba estava desgrenhada, a sua capa verde estava suja, e parecia ter perdido o seu barrete verde, revelando uma antecalva no meio do cabelo castanho. O homem não escondeu um certo alívio por ver Linsha, tentando dessa forma ocultar o olhar cúmplice que com ela trocou.

— Linsha Akselban, folgo em ver-vos — disse o homem com uma vênia.

— Qual é a situação?

O homem endireitou-se e olhou para todos os curiosos guardas em redor, fitando Linsha novamente e perguntando-lhe em silêncio se a presença destes era ou não aceitável. A feiticeira pareceu achar que seria conveniente que os homens ouvissem o que tinha a dizer, e acenou com a cabeça.

— Como podeis constatar, a horda não cercou a cidade. Devem rondar os cem mil, e encontram-se acampados a Leste desde há três dias. Não tomaram qualquer ação desde então, nem se aproximaram a mais de quatrocentos pés das muralhas; não que tivessem algo a temer dos nossos arqueiros.

Khorgin olhou de forma repreensora para os homens, que baixaram a cara em sinal de embaraço.

— Temos um exército aterrorizado na cidade, vários esquadrões sem comandante, e um problema sério de aquartelamento. Além do mais...

— Gul-Yrith?

— Foi tomada — continuou Khorgin, mais que habituado a ser interrompido. — Os sirulianos que sobreviveram refugiaram-se nas entranhas da fortaleza, mas antes que tivéssemos tempo de os desenterrar, surgiu a horda, A debandada foi geral.

Linsha fez que sim com a cabeça, olhando à vez para os atemorizados guardas e para os tímidos vultos que observavam a cena, escondidos nas esquinas das casas aos pés da Torre Judicante.

— Quais são as vossas ordens? — indagou Khorgin. — Será difícil reunir os diversos comandantes para uma reunião, mas julgo que...

— Abram-me os portões — tornou Linsha a interromper, enfatizando a irrelevância das constatações do mensageiro com um gesto desinteressado da mão.

Khorgin pareceu aturdido.

— Perdão? Abrir os...?

— Ouviu-me bem. Abram os portões, e eu tratarei da horda.

A descrença foi partilhada por todos os presentes, e apenas os

Ignotos não se manifestaram devido às suas máscaras, embora dessem a impressão de partilharem olhares incertos entre si. O mensageiro aproximou-se do cavalo de Linsha, pegou-lhe nas rédeas com uma mão enluvada e ergueu-se sub-repticiamente em bicos de pés.

— Alto Vulto... — disse, usando o título ao qual a feiticeira fora promovida numa negra cerimônia após a morte de lorde Malagor. — Tendes a certeza?

O olhar de Linsha foi convicto e indignado, mas Khorgin habituara-se demasiado à silenciosa ameaça da presença de lorde Malagor para se deixar assustar por uma mera aprendiz promovida.

— Tenho — sussurrou a feiticeira em resposta. — Assim o ditou o nosso senhor.

Algo mudou então no olhar de Linsha, algo que fez com que o mensageiro lhe largasse prontamente as rédeas do cavalo. A feiticeira puxou-as, fazendo com que o cavalo empinasse ligeiramente a cabeça e recuasse alguns passos, e os Ignotos fizeram o mesmo, embora as suas montarias bem treinadas não protestassem.

— Lorde Malagor teria dado a sua vida por Dul-Goryn, A das Três Torres, a jóia de Tanarch — proclamou Linsha em voz alta para que todos a ouvissem. — Em sua memória, era nome dos deuses, e pelos que deram a sua vida para quebrar o jugo dos sirulianos, irei fazer o mesmo. Os seus sacrifícios não terão sido em vão.

Com estas palavras, a jovem feiticeira incitou o seu cavalo a um novo galope que reboou pelas tábuas do pavimento das ruas. Khorgin viu-a desaparecer numa esquina, aturdido mas ao mesmo tempo incapaz de refrear um assomo de zelo. Dul-Goryn estava agora definitivamente

desperta, e toda uma série de rumores começou a espalhar-se pela cidade como fogo num descampado seco. Linsha conhecia o caminho e ninguém se lhe opôs, pelo que a sua única dificuldade foi mesmo tentar manter-se distraída para não entrar em pânico. O retumbar que se ouvia no exterior, o cada vez mais distinto rumor semelhante a ondas do oceano que resvalavam e tornavam a investir contra a trêmula pedra das muralhas, tudo isso a aterrorizava tanto quanto ao comum cidadão. Agarrava-se com todas as forças às palavras do seu senhor, ao conforto e confiança que estas lhe haviam transmitido, e tentava convencer-se a si mesma de que realmente detinha toda a autoridade que seria de esperar do seu título. Os Ignotos reconheciam-lha, embora apenas devido a um desorientado sentido de dever e lealdade e desconhecendo a sua ligação com os Filhos do Flagelo. Os cidadãos de Val-Oryth haviam-lha reconhecido por necessidade de um líder. Outros como Volgo Dokhan reconheciam-lha por serem cobardes. Sabê-lo não era propriamente motivador.

Antes que pudesse refletir mais, chegaram aos portões, do cimo dos quais guardas e soldados admirados bateram nos ombros de colegas para que estes olhassem para trás. Linsha reassumiu o porte régio que achava que lhe devia ser inerente e empunhou o bastão com firmeza, embora o seu ombro começasse a ficar cansado. Os Ignotos dispuseram-se simetricamente na sua retaguarda e nos seus flancos, sendo reconhecidos por todos, e a sua presença trouxe alguma esperança aos desalentados tanarchianos.

— Sou Linsha Akselban, aprendiz do falecido lorde Malagor! — tornou a feiticeira a dizer, empunhando ao alto o bastão do seu antigo mestre. — Abram os portões!

Os guardas mostraram-se compreensivelmente bem mais hesitantes que os do portão Oeste, e Linsha soltou um irritado suspiro vaporoso. Cerrando os concentrados maxilares, crispou os dedos no cabo do bastão e trouxe-o abaixo num brusco arco, lançando um crepitante projétil esmeralda na direção do adarve da muralha. O projétil explodiu aos pés de uns soldados, lançando lascas de pedra e neve ao ar sem contudo causar grande estrépito além de dois homens que caíram com o susto e um que gritou ao ser atingido na face por um fragmento.

— Abram-nos, seus cobardes. Podem fechá-los depois, mas não será necessário. Eu vou livrar-vos da horda.

Um pouco menos formal e dramático que o que seria de esperar, mas Linsha não tinha mais tempo a perder, e queria despachar a situação quanto antes. Em todo o caso, foi eficaz, pois o subsequente momento de hesitação dos homens foi curto antes que estes corressem aos mecanismos que abriam os portões. O rastrilho ergueu-se com o rude raspar de correntes, e as dobradiças dos portões rangeram em protesto, como se os próprios estivessem relutantes em abrir-se. Linsha engoliu em seco antes de dar toques de calcanhar nos flancos do cavalo, e ainda assim esperou que os portões ficassem completamente abertos antes de o incitar a avançar com um mínimo de resolução. O rumor da horda foi canalizado pelo túnel adentro, e a feiticeira sentiu as pedras tremerem com o ruído que lhe ressoava no próprio peito. Foi necessário algum esforço para não olhar para trás para os Ignotos, pois o ruído era tal que nem dava para dizer se estes lhe estavam a ir atrás ou não. Não o faria, pois o seu porte naquele momento seria vital, e teria que irradiar a confiança que dava a entender possuir. A neve continuava ligeira e o terreno além do portão Leste era

plano, o que permitiu à feiticeira ver mais drahregs do que gostaria. Mais drahregs do que esperara. Mais drahregs do que pensava existirem em Asmodeon. Em toda Allaryia. Um acervo escuro de aço eriçado que se agitava em mal contida fúria, um vagalhão negro retido por cadeias que poderiam quebrar a qualquer momento.

Os portões fecharam-se atrás de Linsha, e a jovem feiticeira mal teve tempo de se repreender mentalmente antes de se encolher e olhar instintivamente para trás. Constatar que os Ignotos a haviam acompanhado serviu de algum consolo, mas duvidou de que o seu olhar assustado tivesse sido particularmente inspirador para os três homens. Linsha endireitou-se rapidamente, tornou a engolir em seco, repetiu mental e verbalmente as palavras do seu senhor e deu uma ligeira chicotada ao cavalo com as rédeas. Mesmo àquela distância, o animal mostrou-se algo hesitante, e Linsha teve de passar por alguns momentos embaraçosos, tentando da mais discreta forma possível forçar a montaria a avançar enquanto sentia os olhares dos Ignotos nas suas costas. Aproximar-se da horda foi das experiências mais lentas e agonizantes da sua vida, e os nós do seu punho direito ficaram brancos debaixo da luva ainda a meio caminho, tal era a força com que apertava o bastão. Linsha recitava as palavras do seu senhor num murmurejar incoerente, misturando-as com preces a deuses aos quais havia muito não havia dirigido quaisquer orações e encorajando-se a si mesma, mas a sua comparativamente débil voz era afogada pela torrente sonora que emanava das bocas de centenas de milhar de drahregs. Ainda estava demasiado longe para sequer distinguir feições, mas começava a ficar com a distinta sensação de que inúmeros olhos vermelhos se centravam em si.

Teve vontade de recuar, ou de pelo menos deixar os Ignotos irem à

frente, e começou a suar friamente debaixo do seu pesado casaco de peles roxas pintalgado de flocos de neve. Ainda assim, a monstruosa cacofonia foi cessando nas fileiras centrais da horda, à medida que mais e mais drahregs se apercebiam de que quatro pessoas tinham efetivamente abandonado a proteção da cidade. A audácia de semelhante ato foi o suficiente para não precipitar uma investida desenfreada para estraçalhar os humanos pela sua ousadia, e o Primeiro Pecado observou os recém-chegados como cães intrigados por alguém que se mostrara alheio ao seu ladrar. Nada disso inquietou Linsha, que a cada passada do seu cavalo se viu forçada a combater o impulso de puxar violentamente as rédeas e retroceder a galope para os portões. À medida que se aproximava, os urros iam cessando, esvanecendo progressivamente pelos flancos da horda fora e sendo gradualmente substituídos por um pesado silêncio de cortar à faca. Não havia vento, nem árvores em redor cujos ramos secos este pudesse abanar ou cujos troncos pudessem ranger com o frio. Nada além do ocasional tilintar de metal rude ou o rangido de couro estalado, bem como o cada vez mais alto retumbar do coração de Linsha nos ouvidos desta. A dada altura, já estava suficientemente próxima para distinguir as feições dos drahregs, e o que viu horrorizou-a. Bocas e narinas vaporosas faziam pouco para nublar os vis semblantes do Primeiro Pecado, que reunidos tanto mais retratavam a torturada alma da raça como um todo. Cabelos e barbas encrespados, entrançados, rapados, vis olhos vermelhos úmidos de ódio sangrento, membros secos e musculados com escarificações rituais, intencionais e acidentais. Uma massa de negrume que ameaçava afogar tudo em redor, constituída por odiosos e destrutivos indivíduos ali reunidos por uma vontade que lhes era alheia e que contudo lhes dava uma razão de ser além

da chacina insensata.

E Linsha estava cada vez mais próxima deles, uma mulher só contra cem mil drahregs. Os Ignotos não lhe poderiam valer, nem tão-pouco os aterrorizados soldados de Dul-Goryn. Não, a única coisa que lhe podia valer naquele momento era a sua inabalável fé no seu senhor, a confiança total que depositara nas Suas palavras. A confiança que *Ele* depositara nela. Não O iria desiludir.

Linsha puxou as rédeas ao cavalo, que de bom grado parou a cerca de trinta passos da fileira que entretanto se formara diante da horda.

Ouviu os cascos das montarias dos Ignotos fincarem-se na neve, sensivelmente na mesma formação que haviam adotado antes de saírem portões fora. Saber que não estava sozinha de pouco serviu para atenuar o nauseante nó de ansiedade no seu estômago que ameaçava rebentar numa explosão de pânico. Por sua vez, os drahregs estavam meramente intrigados, mas só de olhar para eles a feiticeira pôde dizer que um frenesi assassino não tardaria a substituir a curiosidade. Que bastaria um primeiro passo para ser morta, violada ou devorada, ou talvez os três ao mesmo tempo. Os Filhos do Flagelo não nutriam quaisquer ilusões a respeito do Primeiro Pecado, os únicos servos do seu senhor que o culto se recusava terminantemente a usar. Drahregs eram aberrações assassinas, úteis num campo de batalha quando sob o jugo de uma inabalável vontade como a de Seltor, e pouco mais. Eram viciosos, refratários e mutuamente destrutivos, impossíveis de seduzir com dinheiro ou ofertas de poder. Todos os que tentaram provar o contrário pagaram com as suas vidas.

Com a ajuda do seu senhor, Linsha esperava ser a exceção, e aquela era a sua prova de fogo.

Um drahreg particularmente grande avançou então, empunhando dois machados de lâminas com entalhes infectados com ferrugem e envergando pedaços de malha cosida a um gibanete de couro coberto por peles aos largos ombros. As suas tranças eram díspares, grossas e empasteladas, mas ostentava aquilo que para um drahreg devia ser uma mostra de sofisticação na forma de um anel no esborrachado nariz, ao qual estavam atadas duas pequenas tranças provenientes das patilhas. Tinha um crescimento irregular de barba aramada ao longo da face larga, e um dos seus olhos encontrava-se vazio, a cavidade já revestida por uma camada cutânea escura que lhe dava um ar morto e terrífico ao olhar. Outros drahregs vieram-lhe atrás, e Linsha soube que, ou agia naquele preciso momento, ou seria despedaçada juntamente com o seu cavalo.

Sem nada dizer, apontou para o drahreg alto com o bastão, deixou pura Essência fluir pelo seu corpo e canalizou-a através do artefato. As esmeraldas nos pratos da balança luziram e delas emanou uma brilhante rajada verde, que singrou contra o humanóide, alargando-se ligeiramente numa forma cônica e embatendo nele com uma relampejante chiadeira, projetando-o ao ar, pelo qual voou brevemente antes de cair de inanimadas costas e pesados braços ao chão. Os outros hesitaram, olhando para o fumegante buraco no torso daquele que devia ser o seu comandante, as pontas de suas costelas torradas estavam à mostra no meio de carne queimada. O suor de Linsha deixou de ser frio e começou a dever-se a genuína tensão física, pois os músculos do seu corpo ressentiram-se como se tivessem empreendido um esforço tremendo, embora tivesse canalizado a Essência através do bastão. Este servira como foco, o que só por si poupava ao corpo da feiticeira a tensão inerente à manipulação de Essência pura, mas

para causar a impressão desejada tivera que despender uma quantidade considerável de energia na forma da potente rajada esmeralda. Cair esfacelada da sela era uma possibilidade não muito longínqua se tivesse de repetir a demonstração, o que, a avaliar pelos olhares que se ergueram do cadáver fumegante, podia bem ser forçada a fazer. Além do mais, mantinha um fio de Essência a correr para que as esmeraldas do bastão luzissem a fim de manter uma pose impositiva. Os drahregs arreganharam os dentes, empunharam as armas, e um rosnido generalizado começou a espalhar-se pelas fileiras fora, pontuado pelo ocasional grito catarral. O corpo de Linsha retesou-se, os olhos do seu cavalo arregalaram-se, e o primeiro drahreg lançou-se de tronco inclinado para a frente e machado levado atrás, imediatamente seguido por outros com igual sede de sangue. O seu brado unissonante fez o ar tremer, e a feiticeira viu a sua morte aproximar-se com aço sujo e cruel.

E então os drahregs estacaram.

O coração de Linsha arrufava, e pareceu-lhe sentir nas pernas o do cavalo a retumbar, mas os drahregs estavam de fato parados, aparentemente confusos e olhando uns para os outros como em pedido de confirmação. A feiticeira permitiu-se uns breves momentos de alívio antes de se forçar a agir e aproveitar a abertura que sabia ter sido Ele a providenciar-lha.

«*Obrigada, meu senhor...*», agradeceu, erguendo a custo o tremulo braço e relaxando os seus músculos retesados como fios de bestas para que a Essência pudesse fluir até às gemas, irradiando um flamante fulgor esmeralda.

— Não tocarão nesta cidade! — gritou em Olgur, a língua de Asmodeon, e a voz saiu-lhe mais histérica do que propriamente autoritária.

Alguns drahregs escudaram os olhos com as mãos, mais incomodados do que propriamente assustados. — Vão para o frio, e daí para onde o sol cai, para além dos dois rios!

Os drahregs olharam para Linsha, e algo fez com que de fato recuassem, mas antes que a feiticeira se convencesse de que tal se deveria àquilo que dissera, ouviu-se um sussurro arrastado por uma inexistente rajada de vento. Linsha não compreendeu as palavras, mas reconheceu o tom sedutor e sinuoso, e o Primeiro Pecado pareceu entendê-lo perfeitamente. Inicialmente confusos como ovelhas desamparadas, os drahregs ainda olharam para Linsha uma última vez antes de começarem por fim a recuar de olhos fitos na feiticeira. A vontade de Linsha foi permanecer perfeitamente quieta até os monstruosos humanóides desaparecerem da sua vista, mas sabia que estava a ser observada das muralhas da cidade, e que teria de causar uma impressão duradoura.

— Vão! — ordenou com um grito, erguendo bruscamente o bastão, que luziu como um farol esmeralda. O seu ombro ardeu de esforço, o verdadeiro responsável pelos dentes arreganhados de Linsha. — Assim ordena o vosso senhor!

Os drahregs provavelmente nem a ouviram, mas o erguer do seu bastão coincidiu com um acelerar do passo do Primeiro Pecado, à medida que este retirava e cambaleava para trás, confuso como um animal que fora atraído e de seguida enxotado. Trôpega, desajeitada e lentamente, a horda recuou, arrancando e arrastando tendas como ervas daninhas, tropeçando em si mesma, e começando a escorrer para Norte, fazendo o chão tremer com as suas grosseiras passadas. Iriam tomar a rota dos exércitos invasores do Tanarch de antanho, contornando Dul-Goryn a Norte, vadeando o rio e

daí descendo em diagonal pelas desabitadas campinas até à fronteira da Wolhynia. O que fariam depois disso já não era da conta de Linsha, que tremia na sua sela e orava preces de agradecimento ao seu senhor enquanto observava a horda a retirar. Levou uns bons momentos até engolir em seco e olhar para trás para os Ignotos, que nem detrás das suas máscaras conseguiam esconder o seu espanto. Linsha esperava que não reparassem no que lhe estava a escorrer pelas pernas abaixo, pois o palafrém começou a mexer-se, incomodado com o quente medo molhado que lhe corria pelos flancos. Teriam também ouvido as palavras d’Ele? Teriam reconhecido o Olgur? Ocorreu-lhe naquele momento que, apesar de terem sido vinculados desde o berço a protegerem lorde Malagor, talvez nunca tivessem sabido que este era o Alto Vulto...

Todavia, as suas considerações foram interrompidas por gritos vindos das ameias de Dul-Goryn. Linsha olhou nessa direção, para além dos Ignotos, e viu braços com armas empunhadas a erguerem-se, punhos cerrados a serem agitados no ar. Inicialmente hesitantes, outros cedo se lhes juntaram ao verem que a horda estava de fato a retirar, a fugir para Norte, e a incredulidade e o receio não tardaram a dar lugar ao alívio, que se converteu num crescendo de euforia. Os homens nas muralhas começaram então verdadeiramente a gritar em unissonante triunfo, a apuparem os drahregs e a abraçarem-se. Linsha julgou ouvir o seu nome ser gritado, mas foi-lhe difícil distingui-lo entre a cacofonia, pelo que ergueu o bastão para se certificar. Embora trêmulo e vacilante, o gesto precipitou uma nova vaga de aplausos, e o nome da feiticeira foi brotando de forma cada vez mais clara e inteligível no meio do dissonante júbilo.

— *Linsha Akselban! Linsha Akselban!*

Esteve indecisa entre sorrir ou cair do cavalo, e teve que se agarrar com as duas mãos ao arção da sela para poder sequer optar pela primeira. Vergou a exausta cabeça e tentou acalmar-se por dentro, mas não conseguia parar de tremer, e contudo nem assim a ovação das muralhas diminuiu de tom. Dos Ignotos não veio palavra alguma, evidentemente, mas Linsha estava demasiado ocupada a ouvir o retumbar do seu próprio coração de qualquer forma.

«*Conseguí... oh, deuses... meu senhor... consegui*», disse para consigo mesma, à beira das lágrimas e acometida de soluços que felizmente não se viam da muralha. O seu nome continuou a ser ovacionado pelos soldados, e outras vozes se ergueram do interior da cidade, mas o surdo ribombar dos passos da horda ainda se fazia ouvir, e a feiticeira não ousou virar as costas. Não queria tornar a ver aquela massa de negrume enquanto ela não estivesse bem distante, não queria olhar para a fumegante carcaça do drahreg que jazia no chão, queria apenas esconder-se num sítio escuro, abraçar-se às pernas e enterrar a cabeça nos joelhos, como o fizera na cave do seu tio. Ou que o seu senhor lhe sussurrasse palavras reconfortantes ao ouvido, passasse o seu toque elétrico pela sua pele fria e arrepiada, lhe afagasse os cabelos...

«*Não... haveis confiado em mim, meu senhor, e eu servi-Vos*», convenceu-se a feiticeira, começando a inspirar fundo. «*Acreditais em mim, e não Vos desapontarei*.»

— *Sei que não o farás, Linsha* — foi-lhe segredado ao ouvido, arrepiando-lhe o lóbulo e parte do pescoço resguardado pela gola alta da sua túnica, fazendo com que Linsha se sobressaltasse com um arquejo. — *Men Alto Vulto...*

Não havia sombras em redor, o céu estava cinzento e nublado, e a neve caía cada vez mais pesada. Os músculos da feiticeira estavam ressentidos, mas o jorro acalentado que o seu novamente palpitante coração bombeou pareceu purgá-los como um bálsamo restaurador. Linsha respirou fundo uma vez mais, endireitou-se e tornou a ostentar o cajado, apoiando a ponta sobre o estribo direito. Flocos gelados caíram-lhe sobre as bochechas úmidas, deslizando pelos trilhos demarcados pelas suas lágrimas, mas Linsha ignorou-os ao fazer uso da Essência para amplificar a sua voz, criando um canal de reverberação diante de si.

— Jurei ao meu falecido mestre e vosso senhor que Dul-Goryn lhe sobreviveria! — gritou num jorro de vapor que originou renovados clamores de alegria. — E juro-o agora a vós, os seus adorados súbditos!

O esforço foi tremendo, mas teve as repercussões desejadas à medida que o fogo do entusiasmo se ia espalhando pela cidade e à esperança eram abertas portas e janelas para lhe permitir a entrada nas casas escuras. Mais e mais homens acorriam às ameias do lanço leste da muralha, abraçando amigos e desconhecidos e aclamando a corajosa jovem feiticeira que os salvara a todos.

Dul-Goryn veria uma nova alvorada, e como tal ninguém estava disposto a fazer caso das sombras do vindouro crepúsculo.

VIDA E MORTE NO NORTE

A cara de Slayra era uma grotesca careta contorcida de dor, e o grunhido que lhe escapou por entre os dentes cerrados não pareceu sequer humanóide. A sua face estava alagada e com madeixas de cabelo coladas a ela, e o vestido negro de saias arregaçadas manchado de suor. A eahanoir encontrava-se numa posição acocorada sobre uma manta branca tingida de sangue e fluidos, com ambos os braços agarrados por duas eahlanas e uma parteira wolhyna nas suas costas com o queixo apoiado sobre o seu ombro esquerdo. As eahannas brancas sussurravam palavras aquietadoras em Eridiaith enquanto lhe massageavam os polegares, ao passo que a matrona lhe murmurava calma e autoritariamente ao ouvido. Era uma mulher larga e anafada, com papada debaixo do pequeno queixo e uma diminuta boca que parecia incapaz de se fechar. Slayra levou a cabeça atrás com uma contração, apoiando a nuca sobre o ombro largo da matrona e desferindo-lhe a meio do movimento uma cabeçada de raspão que lhe deixou a touca obliquamente assente sobre a testa. A mulher não pareceu senti-lo e disse-lhe outras tantas palavras em incompreensível Hjrutmalv, afagando a cabeça de Slayra com uma mão sapuda de unhas roídas. As quatro encontravam-se na baia mais afastada dos estábulos de Horavog, numa fútil tentativa de manter um mínimo de privacidade. Estivera desocupada e como tal razoavelmente limpa, mas ainda assim Quenestil estivera quase disposto a intervir fisicamente para que o parto não fosse efetuado num sítio onde vacas haviam dormido e defecado, e onde cheirava a feno ressequido e a óleo queimado nas candeias de pedra que mal iluminavam o celeiro. Porém,

a aflição de Slayra e os rogos das eahlanas tinham-no demovido, e o shura limitava-se agora a andar nervosamente em redor da baia, passando as mãos pelos cabelos e com o coração a irrigar-lhe o ventre com quentes jorros de sangue a cada grito da eahanoir. Com ele estavam os Lasan e todo o seu séquito, pois os eahlan tinham uma reverência pelo ato de dar à luz que bordejava a religiosidade. Os únicos wolhynos eram a parteira e duas raparigas ruivas que se mantinham por perto, prontas a ajudar durante o parto, enquanto que Deadan se mantinha alheado de tudo, limitando-se a ficar de braços cruzados à porta. Empedernido como era em relação ao sofrimento de outros, o de Slayra parecia afetá-lo de uma forma nova, desconhecida e visceralmente perturbadora, e o jovem preferiu manter-se à parte. Afinal, a realidade siruliana não mais compreendia partos, que eram levados a cabo por mulheres de uma outra nação, longe do dia a dia de aço e disciplina e companheirismo fraternal das fortalezas da Sirulia. Embora tal não lhe fosse assim tão alheio, Quenestil não estava a reagir muito melhor, a sua alma rasgada por sentimentos em conflito, e esses por sua vez contrastantes com os seus instintos.

— Deuses, o que é que lhe está a acontecer? — perguntou a ninguém em particular. — Ninguém pode gritar assim sem... sem...

Eluana aproximou-se e tentou pousar a reconfortante mão sobre o ombro de Quenestil, mas este andava demasiado depressa de um lado para o outro para que conseguisse, e a eahlana recolheu a mão, pousando-a e à outra sobre o regaço.

— O bebê veio cedo, Quenestil Anthalos. É natural que...

— Mas foi no barco! — interrompeu Quenestil. — Quer dizer, ela disse que foi... ainda que tenha... oh, Mãe... ainda que tenha sido em

Jazurrieh... Não passou tempo suficiente!

— Veio cedo — reiterou a eahlana calmamente. — Por vezes é o que sucede.

— E aquela wolhyna, quem é ela? — barafustou o shura. — Por que é que ela está ali? Que sabe ela?

Eluana manobrou-se inteligentemente de forma a interceptar um dos rodopios devaneantes de Quenestil, e conseguiu agarrá-lo com gentileza para o olhar nos olhos, prendendo-o com um firme olhar cor de safira.

— Não a conhecemos, Quenestil. Não conhecemos nenhuma desta gente, mas sabê-lo-íamos se as suas intenções fossem malignas, e não temos nenhuma iluminadora conosco.

— Mas ela...! Uma iluminadora?

Os outros eahlan acercaram-se lentamente dos dois, cercando o shura da forma mais natural e menos ameaçadora que conseguiram, suficientemente afastados para não se intrometerem no seu espaço, mas próximos quanto bastasse para que o shura não se lançasse noutra tresloucada tirada.

— Assim chamamos às nossas parceiras — explicou Eluana calmamente, deslizando as mãos pelos braços de Quenestil até às suas mãos, que agarrou com serena firmeza. — Toda essa excitação não a ajudará. Ela precisa da sua força, precisa que fique calmo e que lhe transmita essa calma. Compreende?

Outro grito de Slayra rasgou o ar, e a cabeça do shura chicoteou na direção da baía, mas Eluana apertou-lhe as mãos para reaver a sua atenção.

— Ouviu-me, Quenestil? A Slayra precisa da sua força, precisa...

As palavras da eahlana perderam-se no ruidoso tumulto que era a

mente do shura, na qual ecoavam a sua voz, a de Slayra e, sobretudo, a de Tannath.

— *Porque no barco?*

— *Quenestil, tu sabes que eu tive que fingir, sabes que estive com ele durante aqueles dias...*

— *Não te posso matar assim, Slayra, Não quando estás quase a dar à luz o meu filho...*

O shura desvencilhou-se de Eluana com uma inusitada brusquidão que a ele próprio surpreendeu, e os eahlan saíram-lhe da frente para que não colidisse com eles. Apoiou uma mão nos batentes da porta do celeiro como para reter os seus impulsos de correr por ela fora, para longe de toda aquela agitação naquele espaço fechado e encafuado, daquele cheiro a pó mesclado a palha pisada, daquela angústia de sentimentos em conflito. Raios, mesmo que se conseguisse convencer a ir falar com Slayra, não saberia o que lhe dizer, ou mesmo se sequer queria dizer-lhe algo. Não discutira sequer com a parteira quando esta o enxotara como se a sua presença masculina fosse sacrílega em semelhante momento, embora o sofrido olhar de Slayra por entre olhos semicerrados tivesse dado a entender que desejava a sua companhia. Quenestil não conseguira aproximar-se e ficara desde então a andar às angustiadas voltas, incapaz de evitar dar um passo em frente e dois atrás sempre que ponderava ir ter com a eahanoir. Por vezes vislumbrava de relance o interior da baía, vendo sempre mais vermelho na manta e na palha que o que desejaria antes de voltar atrás, sentindo-se impotente e até certo ponto culpado. Perdera a conta do tempo que passara desde então, mas já parecia demasiado, e os gritos de Slayra reforçavam essa impressão. Ninguém podia sobreviver a tanto tempo com tamanhas dores, era

inconcebível, e cada grito lancinante retesava os músculos das pernas de Quenestil, incitando-o a correr para a baía. Porém, a sua mente fazia sempre com que hesitasse, atormentando-o com as dúvidas que haviam desabrochado das sementes plantadas por Tannath.

Outro grito, e a abafada voz da parteira subiu suficientemente de tom para que Quenestil a ouvisse. Qualquer coisa com mãos e chão, mas não conseguiu perceber o resto, o que o levou a aproximar-se novamente da baía, onde viu Slayra de mãos e joelhos no chão, cabeça baixa e cabelos pendentes. As duas eahlanas estavam aos seus lados, com os braços debaixo das suas axilas, prontas a suportá-la caso necessário. A parteira wolhyna encontrava-se ajoelhada atrás, olhando atentamente para baixo e acenando com a cabeça enquanto incitava Slayra com palavras de encorajamento. Porém, pareceu sentir a presença do shura, pois ergueu a rotunda cara repentinamente e enxotou-o com uma mão de ensangüentados dedos sapudos sem contudo mexer a outra, palavreando algo em Hjrutmalv que Quenestil não compreendeu. Slayra ergueu então também ela a cabeça, mas não o viu, pois os seus olhos estavam tão cerrados como os dentes através dos quais grunhiu de dor. As duas eahlanas também olharam para Quenestil, mas antes que pudessem dizer algo, a parteira grasnou-lhe agressivamente, respingando a divisória da baía com sangue ao agitar a mão. No seu presente estado de espírito, o shura não precisava de grandes razões para não estar ali, pelo que se retirou uma vez mais. Porém, não se afastou muito, apoiando o braço na divisória e puxando os cabelos para trás enquanto tentava abafar a regressiva escala de grunhidos e gritos, mas tentar fazê-lo apenas trouxe as vozes de volta.

— *Porquê no barco?*

— *Quenestil, tu sabes que eu tive que fingir, sabes que estive com ele durante aqueles dias...*

— *Não te posso matar assim, Slayra. Não quando estás quase a dar à luz o meu filho...*

Grunhindo de frustração, o eahan esmurrou a divisória, virando-lhe as costas de seguida e levando as mãos à cabeça diante dos olhares compadecidos dos Lasan. Estava a ficar com calor, e os aflitivos grunhidos de Slayra, o ar abafado e opressivo do celeiro, o cediço cheiro a suor humano e o confinado odor a sangue e fluidos começavam a afligir-lhe o coração, que bombeava quente e desconfortável.

Tornou a sentir o impulso de correr porta afora, e refreá-lo foi um pouco mais difícil que das outras vezes.

Um último grito de Slayra, seguido de um prolongado gemido e excitadas palavras das eahlanas e da parteira, e então ouviu-se um contrito vagido que ergueu a cabeça de Quenestil e a de todos os restantes presentes. O shura foi o primeiro a acercar-se da baia, e estacou ao ver uma coisinha feia e arroxeadada envolta num pano ensangüentado, olhos cerrados e uma boca escancarada que mal lhe cabia na cara. Estava ao amplo colo da parteira, que o oscilava delicadamente sem contudo tirar os olhos de Slayra ou aliviar a enrugada expressão da sua testa. A eahanoir ofegava ajoelhada, enquanto as eahlanas a sustentavam debaixo das axilas e lhe afagavam os negros cabelos suados.

— *O meu filho... pel'O Flagelo, eu não posso acreditar...* — ecoou a voz de Tannath, insidiosa, insistente, como se o maldito estivesse mesmo nas sombras do celeiro para o atormentar, deixando Quenestil incapaz de decidir quanto à forma como se deveria sentir. O alívio e a dúvida

contendiam, e antes que um ou outro pudesse prevalecer, percebeu-se o porquê da expressão da parteira.

Slayra retesou-se e emitiu outro agoniado grunhido, e a wolhyna disse rapidamente algo em Hjrutmalv, estendendo os braços para passar o bebê a alguém. Eluana reagiu prontamente, segurando o recém-nascido e começando a segredar-lhe suaves palavras na língua mágica dos eahlan, e a parteira devolveu novamente toda a sua atenção a Slayra, encorajando-a com o tom que se usaria com uma mula de carga.

— São gêmeos, Quenestil Anthalos! — disse-lhe excitadamente Lusía, surgindo do nada e apertando-lhe o braço com ambas as mãos ao achegar-se dele. — Por isso vieram tão cedo!

O eahan continuou sem nada dizer. Observando simplesmente a cena com um destacamento quase onírico enquanto os eventos se iam desdobrando, totalmente fora do seu controlo.

— É um menino, Quenestil — disse-lhe Eluana, conseguindo fazer com que o shura virasse a cara para ver aquele que todos pensavam ser a sua descendência. Todos menos ele.

Slayra ergueu novamente a cabeça tapada por cabelos suados, que uma das eahlanas puxou delicadamente para trás, e bufou de bochechas cheias a um ritmo irregular e com um som preocupante. A parteira disse algo acerca de ar, provavelmente respiração, e falava com um tom reprovador, mas então arregalou os olhos ao olhar para baixo, repetindo a mesma palavra uma série de encorajadoras vezes enquanto parecia estar a segurar algo entre as pernas da eahanoir. Slayra baixou a cabeça e grunhiu num derradeiro esforço, apertando palha com tanta força com as mãos que os nós dos seus punhos perderam a cor. A parteira ia acenando com a

cabeça à medida que mais e mais sangue tingia a manta entre os joelhos de Slayra. Quenestil observou horrorizado toda a brutalidade do processo ao ver a parteira empunhar um qualquer objeto cortante que usou de forma metódica, desferindo de seguida uma palmada em algo molhado, o que juntou um novo vagido ao já mais calmo e oscilante choro do primeiro bebê. A mulher segurou então a criança ao colo com um pano ensangüentado, olhando para Quenestil com os desaprovadores cantos da boca baixos mas aparentemente reconhecendo o seu direito à presença naquele momento.

— *Tehylka* — disse ela. Uma menina.

«*Dois...*», pensou o eahan de boca entreaberta, olhando à vez para ambos os recém-nascidos. «*Dois filhos...*», olhou para Slayra, que se deitava numa manta sobre um monte de palha com ajuda das eahlanas. «*Ou duas vezes traído?*», ponderou, fechando os olhos. «*Oh, Mãe...*»

— Quenestil, sente-se bem? — ouviu Eluana perguntar, sentindo a mão da eahlana no seu ombro. — Às vezes há quem fique...

— Estou bem — afirmou o shura com pouca convicção. — Eu... Os dois foram interrompidos pela parteira que, no cumprimento de uma qualquer convenção, insistiu que a eahlana lhe entregasse o bebê no seu braço livre. Tal era a autoridade da qual naquele momento se achava revestida, que não deu o mínimo de mostra de reverência para com os eahlan como os seus conterrâneos o faziam. Eluana não a contestou e entregou-lhe o rapaz, após o que a mulher foi entregar a Slayra os seus filhos, dizendo-lhe algo em maternal Hjrutmalv enquanto Quenestil observava, ainda sem saber como se deveria sentir. Sabia que não se sentia de todo como o seu pai lhe dissera ter-se sentido quando do seu

nascimento. Nenhuma alegria, nenhuma reação, e qualquer vontade de chorar que pudesse ter não se deveria certamente a semelhantes sentimentos. Por sua vez, suada e ofegante, Slayra olhou à vez para as duas cabeças vermelhas dos embrulhos que tinha aos braços. Não sorria, mas estavam patentes na sua cara um tremendo alívio e uma imensa satisfação, e procurou partilhá-los com Quenestil ao olhar para ele.

— Gifeahn... e Kyrina? — perguntou, erguendo ligeiramente os recém-nascidos nos seus cansados braços. Contudo, embora não evitasse o seu olhar, o shura não foi capaz de retribuir o sentimento, e Slayra leu na sua expressão tudo aquilo que mais temia.

— *Huln noyd varar y bystad* — interrompeu a parteira, esfregando as sangrentas mãos ao avental branco com a satisfação de um trabalho bem feito.

Quenestil fitou-a, apático, e a mulher apontou para a porta com um suspiro.

— *Hystad. Huln vera hjyra tadna.*

«*Mais quente?*», ainda conseguiu Quenestil refletir, olhando a mulher com uma expressão pouco inteligente. — Ah. Ela ir para a casa? — redarguiu, apontando para Slayra e já acenando com a cabeça. — *Jal.*

— Que se passa, Quenestil? — perguntou Hanal, surgindo ao seu lado. Mantivera um silêncio quase reverencial durante o parto, mas aparentemente já se sentia mais à vontade.

— Querem... querem levar a Slayra para a casa... — explicou o shura, olhando à vez para os bebês, para a parteira, para Slayra e para os Lasan. «*E eu quero que parem todos de olhar para mim!*»

— Levá-la para a casa? — disse Eluana em raro tom de discórdia.

— Quenestil, não acha que ela deveria ficar com pessoas que conhece? Com o pai das crianças...?

— Não — disse o eahan, baixando a cabeça. — É mais quente, lá. Mais... limpo. Eles tratam dela.

Obviamente espantados, Hanal e Eluana nada disseram, e a expressão de Slayra adquiriu contornos destorcidos quando o shura acenou afirmativamente com a cabeça à parteira, que grasnou ordens a todos os eahlan que via, como que irritada por ver tantas mãos alheias. Enquanto falava, gesticulava com as mãos para cima e apontava para Slayra, dando a entender que esta deveria ser carregada. Deadan era o seu alvo preferencial, um rapaz tão alto e forte ali de braços cruzados, francamente! Desconcertada, de sobrancelhas invulgarmente franzidas e a soltar incrédulos arquejos, Eluana olhou para Hanal, como se esperasse que este dissesse algo contra, mas o Patriarca não parecia disposto a intervir. Não fosse esse um sentimento demasiado negativo para um eahlan, Quenestil juraria que Eluana parecia indignada ao ir ter com Slayra, e Hanal, embora deixasse bem claro que o assunto não lhe dizia respeito, mostrou-se incapaz de esconder um certo desapontamento.

— Eu... vou dormir lá fora — murmurou o shura a ninguém em particular.

Precisava de respirar. Precisava de se libertar daquela sensação opressiva, agora decuplicada por todos os olhares que nele incidiam. Dirigiu-se ao seu monte de feno e dele recolheu a sua manta e a sua mochila, evitando olhar para quem quer que fosse, sobretudo Slayra, sobretudo os seus... os bebés.

— Quenestil... — ouviu dizer Sana, a servente dos Lasan. — Os

seus filhos... não...?

— Agora não, sana, por favor — pediu o shura, abanando a cabeça de olhos fechados enquanto afivelava a sua mochila e a alçava ao ombro. — Eu preciso... preciso de respirar.

Sem mais uma palavra e ignorando todas as outras que ouviu, Quenestil fixou os seus olhos na porta e para ela se dirigiu a apressados passos, tornando todos os eahlan em redor em meros vultos sombrios. Deadan interpôs-se à sua frente, erguendo ligeiramente a mão.

— Quenestil Anthalos, para onde...?

— Sai-me da frente, porra! — explodiu o eahan por fim, fitando raivosamente o jovem com faíscas nos olhos de um cinzento rocal. — Fica aí à porta a fazer de estátua como sempre fazes, e está descansado que ninguém entra!

Aturdido, Deadan não chegou a reagir quando Quenestil o empurrou para o lado e quase lhe escancarou a porta para cima, saindo de rompante por ela e deixando-a aberta. O siruliano ficou espantado a olhar para os Lasan, e Hanal pôs as mãos por cima dos ombros de Eluana, que por sua vez agarrava a mão de Slayra e lhe afagava, a cabeça. Demasiado exausta para se manifestar de que forma fosse, a eahanoir limitava-se a olhar para a porta aberta, que com as correntes de ar ia colidindo repetidamente contra os batentes.

Oculto nas sombras dos altos pinheiros, o volverino empanturrava-se com a carcaça congelada de uma cria de rena que desenterrara de uma fenda na neve. Mandíbulas poderosas estraçalhavam ossos e carniça congelada, e o animal emitia grunhidos sôfregos enquanto comia, olhos atentos a eventuais predadores oportunistas. Tinha uma constituição

compacta e robusta, e pelagem escura mesclada de castanho nos flancos até à felpuda cauda e bege no crânio e orelhas redondas. Quem o visse poderia confundi-lo com um urso pequeno e com cauda, mas o jovem eahan ruivo que o observava sabia muito bem o que era. A endemoninhada criatura acerca da qual tantos mitos existiam, o astuto e esquivo predador que poucos viam, que fazia armadilhas para as suas presas e escondia tudo aquilo que não conseguia comer.

O eahan envergava uma simples camisa e calças de pele de gamo e com uma simples pelagem aos ombros para o resguardar do frio, armado apenas com o arco que fizera e uma faca de madeira queimada. Assim o ditava a Batida, que buscasse o seu igual no ermo, sobrevivendo pelos seus próprios meios com o que a Mãe lhe oferecia, ou que morresse a tentar. E agora encontrara-o, o seu irmão, aquele ao qual se deveria vincular. O jovem eahan nunca fora gregário como o lobo, nem ardiloso como o lince, nem dominador como o urso. Demorara mais tempo que os outros, mas por fim encontrara o seu animal naquelas longínquas terras norrenas, tão longe da sua casa. Solitário, astuto, feroz sem ser desvairado, forte sem ser sobrepujante, era em tudo o seu igual.

O focinho escuro do volverino ergueu-se de repente, como se tivesse por fim pressentido uma presença. O eahan ruivo tomara todos os cuidados, pelo que tal apenas poderia significar uma coisa.

Chegara a hora.

O eahan saiu do seu abrigo detrás das árvores e encaminhou-se agachado a passos lentos do volverino, que o fitou, perigosamente quieto. Segundo o que ouvira, o animal evitava contato com humanóides, mas este não parecia disposto a retirar. A Mãe assim o desejava, não restavam mais

dúvidas.

O volverino começou a rosnar de focinho fechado, um rosnido áspero e ameaçador que contradizia o seu porte e que fazia jus à reputação de ferocidade do animal. O eahan ruivo ia-se agachando progressivamente à medida que se aproximava de faca de madeira empunhada em reverso. Afiara-a com pedras e queimara-a para a endurecer, e tinha os seus dedos crispados no punho enfaixado com tiras de pele, pois praticamente não os sentia devido ao frio. Passara um dia em forçado jejum, não se conseguira concentrar o suficiente para caçar enquanto procurara o seu igual, tendo sentido a sua presença. Estava com frio e fome, e a sua mente nadava num mundo borrado de percepções, ruídos e odores, do qual o volverino era o centro. Os dois ficaram à distância de um pulo um do outro, avaliando-se, estudando-se, olhos cinzentos e escuros inextricavelmente fitos num momento que também foi de união e derradeira compreensão.

Ambos pularam então, dois animais que rosnaram e embateram em pleno ar, baqueando na neve e rebolando por ela fora. O volverino cravou os dentes no trapézio esquerdo do eahan, rasgou-lhe as omoplatas com as garras das patas anteriores e esfarrapou-lhe a camisa de pele de veado com as posteriores, reduzindo-lha a tiras sangrentas. Grunhindo de forma animalesca, o eahan reverteu o punho da faca e trouxe-a com força contra as costelas do animal, atravessando-as e perfurando o coração com a ponta de madeira queimada. O volverino grunhiu-lhe roucamente ao ouvido, e o eahan enterrou a faca mais ainda, sentindo o quente sangue escorrer-lhe como um ardente bálsamo pela sua gelada mão abaixo. O animal debateu-se em desespero, escarpelando freneticamente o seu algoz, mas este não o largou nem aliviou o seu mortal abraço, unindo o seu sangue ao do animal.

Já em cima do volverino e sentindo-o estremecer nas vascas da morte nos seus braços, o eahan começou a sussurrar-lhe pedidos de perdão e agradecimentos, jurando-lhe fidelidade eterna ao seu espírito. Quando parou de se mexer, abraçou-o com genuíno afeto e uma certa medida de arrependimento e tristeza, embora sentisse e soubesse que apenas lhe abria as portas a outra forma de existência. Forçando-se a não pensar, começou então a apartar-lhe brutalmente a caixa torácica com bruscos movimentos e torções da faca, produzindo estalidos molhados e encharcando-se de mais sangue quente. De mente embotada, dentes ferrados e olhos possessos, o eahan enfiou a mão na sangrenta abertura e puxou o coração do volverino, enquanto o seu lhe martelava o peito e a respiração continuava tão ofegante como se ainda estivesse a combater. Cortando desajeitadamente as artérias, o eahan ostentou o cruento órgão diante da sua cara e, fechando os olhos e inspirando fundo, trincou-o, enterrando os dentes no rijo músculo e esguichando sangue cáldo. A sua garganta rebelou-se, mas ainda assim conseguiu engolir a primeira dentada. Porém, quando o seu estômago se rebelou, o eahan pouco mais conseguiu fazer além de se dobrar para a frente e debater-se com iminentes vômitos, tossindo em seco e sarapintando a neve de pingos vermelhos com o sangue a gotejar-lhe do queixo.

Quenestil acordou com um rouco arquejo, virou-se para o lado e purgou-se. Comera pouco e mal durante o dia, e o parto de Slayra e os conflitos emocionais daí resultantes fizeram o resto. Não tinha muito para vomitar, pelo que se limitou a ficar de lado sobre o ombro a tossir e cuspir. Não costumava sonhar muito com o clímax da sua Batida, o rito iniciático que cumprira anos atrás antes de se tornar um shura, e não percebia por que razão sonhara com ele agora, embora não pudesse negar certos paralelismos

com a sua condição física em ambas as ocasiões. Estava a dormir num saco-cama no exterior, aninhado contra a base de pedra da parede de turfa do celeiro, e o frio era certamente comparável ao que estivera a sentir quando por fim encontrara o volverino. O seu estômago estivera igualmente vazio, e a acompanhante vontade de se purgar também fora...

Não estava sozinho.

Ainda com as pernas presas pelo saco-cama, o shura deu um golpe de rins e uma cambalhota para a frente na neve dura, chutando o invólucro, desembainhando o seu facalhão da bainha que nunca estivera longe da sua mão esquerda e virando-se para a presença que sentira, exalando condensada surpresa.

Um corpulento vulto sombreado pela lua observava da esquina do celeiro, com a forma arredondada de um escudo às costas e o grosso punho de uma espada projetado do seu ombro direito. A única cor que refletia era o branco da pelagem de urso que envergava sobre o que parecia ser uma cota de malha cintilante ao luar, e embora a sua pose não fosse ameaçadora, a sua presença repentina assim o pareceu aos olhos do estremunhado shura.

— Quem é aí? — perguntou em Hjrutmalv, acororado.

— *Boljr un yld* — disse a figura numa voz bem timbrada, quase amigável que em nada condizia com a sua misteriosa aparência.

— Quê...? — tartamudeou Quenestil, a sua respiração condensada.
«Fogo? Outra vez isto do fogo?»

O vulto fez que sim com a cabeça, e o eahan reparou que estava de braços cruzados. Ainda assim, não lhe inspirou qualquer confiança, e Quenestil aproximou-se, ainda acororado e de facalhão empunhado.

— Não sei quem é tu — disse em Hjrutmalv. — Mas eu...

— *Skrimmen noymurnr* — avisou o vulto, descruzando o braço direito e apontando com o seu polegar nessa direção, além da esquina do celeiro na qual se encontrava.

«*Skrimmen? Não eram esses os tais selvagens?*», pensou Quenestil rapidamente, cessando o seu avanço ao ver que o vulto continuava despreocupadamente a apontar com o seu polegar para a direita.

— *Skrimmen* — repetiu com o tom de quem avisa alguém de que está prestes a chover.

O eahan hesitou uns momentos adicionais antes de retirar alguns passos para a esquina oposta à do desconhecido, mantendo-o debaixo de olho mesmo enquanto esticava o pescoço para espreitar. Um rápido olhar de relance nada revelou, pelo que Quenestil olhou uma última vez para o homem antes de olhar com mais atenção. De onde estava, tinha apenas vista para o nivelamento dos Des da montanha a Norte, estando o trilho a nordeste encoberto pela parede do celeiro. A noite estava fria mas calma, e tal como as anteriores estava a fazer tudo menos perpetuar a reputação do tempo inclemente das terras norrenas. A lua tinha poucas nuvens a obstruí-la, o que permitia uma boa visibilidade para quem tinha olhos de caçador. Uma estrela cadente distraiu-o momentaneamente, mas à medida que a estremunhada névoa do sono se dissipava dos seus olhos e estes se aguçavam, Quenestil foi-se lentamente apercebendo de formas, vultos que corriam ao longo dos pés da montanha com o passo rasgado de predadores.

O shura praguejou em surdina, olhando novamente para o vulto, que continuava de braços cruzados como se a situação nada lhe dissesse. Como o eahan não se conseguiu decidir rapidamente entre correr a agir e tentar descobrir a sua identidade, o vulto ergueu ambas as mãos em sinal de

passividade, baixando a cabeça sombreada de forma a impossibilitar decisivamente qualquer identificação dos seus traços faciais.

Mordendo o indeciso lábio inferior, Quenestil retesou-se por fim e correu de cabeça baixa para a porta do celeiro, embainhando o facalhão e esperando não ser visto pelos skrimmen que se aproximavam. Escancarou-a sem qualquer cerimônia e correu no escuro na direção daquele que julgava ser o monte de palha onde até então dormira.

— Acordem, acordem! Deadan, pega na tua...! — o shura tropeçou num corpo sobressaltado, caindo de cara no feno e esgravatando no chão como um animal para se erguer apressadamente. — Fiquem todos aqui dentro! Deadan, pega na tua espada e põe-te à porta!

Ignorando as perguntas, balbuciaries incoerentes e incipientes choros de crianças, Quenestil procurou às cegas pelo seu arco ocar e conseguiu crisar os dedos no reconfortante punho enfaixado a tiras de couro, encontrando logo de seguida a aljava.

— Fiquem todos aqui dentro, e longe da porta! — repetiu. — Ninguém sai!

Apressando-se para a entrada, por pouco não colidiu com Deadan, que não o surpreendeu de todo pelo fato de já estar erguido, alerta e de espadão empunhado, embora sem o seu arnês.

— Que se passa, Quenestil Anthalos? — perguntou com a voz de quem quando muito estivera a dormir, o que também não surpreendeu o eahan.

— Estamos a ser atacados. Skrimmen. Não perguntes, fica só à porta e não deixes ninguém entrar — disse o shura, passando ao lado de Deadan para evitar mais perguntas do jovem siruliano.

Novamente no exterior, Quenestil viu que os vultos já estavam praticamente a correr para o celeiro, talvez por o terem avistado e quererem efetuar a sua razia o mais depressa possível, antes que se pudesse montar qualquer resistência eficaz. O eahan esperou que talvez o tivessem confundido com uma das ovelhas que dormiam em redor, mas uma série de outras possibilidades singraram-lhe pela cabeça, todas de uma forma ou outra influenciadas pelas suas traumáticas memórias do massacre em Gul-Yrith, o que o impeliu a praticamente pular para o teto de turfa do celeiro, tocando no dente de volverino que lhe pendia do colar e começando a rosnar. Acocorado, tenso e com todos os seus sentidos alerta, Quenestil frechou o seu arco e esperou que os vultos cobrissem a distância, respirando pausada e profundamente para exalar menos vapor que pudesse denotar a sua presença.

Duzentos passos, mas preferiu não disparar naquele momento. Àquela distância pôde ver que alguns dos vultos, três dos cinco, não eram humanos.

Cem passos, e preferiu esperar um pouco mais. Os três animaiscos vultos eram corpulentos, peludos, e pareciam ter garras desmedidas. Seriam os ulkatr?

Cinquenta passos, e a primeira flecha singrou, sibilando pelo ar frio e seco e embatendo com um baque contra o peito de um dos vultos, que emitiu um grunhido de dor ao dar unia volta no ar e cair ao chão. Os outros quatro detiveram-se, surpresos e obviamente não cientes da presença de Quenestil até àquele momento. Aproveitando a sua hesitação, o shura disparou outra flecha que atingiu em cheio a cara de outro dos vultos, este um dos animaiscos, chicoteando-a para trás. Os outros três recomeçaram

então a correr, desta vez de forma errática e já com Quenestil debaixo de olho. O shura falhou o seu terceiro disparo, bem como o quarto, e então Deadan carregou porta fora, bradando e brandindo o seu espadão ao alto, o que espavoriu as ovelhas.

— Deadan, espera...! — berrou o shura em vão enquanto o siruliano quebrava a carga de dois com um possante golpe em arco do seu espadão.

O terceiro, porém, continuou a correr de cabeça baixa, passando por ovelhas que baliavam e corriam em redor, e cobriu com impressionante velocidade a distância que o separava de Quenestil durante a breve distração deste. Com um pulo e um selvagem rugido, abateu-se então sobre o eahan, que perdeu o arco com o impacto e embateu de costas contra o teto de turfa, sentindo remos estalarem e vigas cederem. Um odor animal encheu-lhe as narinas, e a vibração de um rosnido num possante tronco foi o único aviso que teve antes de garras se enterrarem na sua carne. Foi apenas por instinto que impediu dentes afiados de se cravarem na sua garganta, fazendo uso do único objeto que tinha à mão, uma seta. A criatura meio cuincou, meio rosnou quando a ponta lhe espetou o focinho, rasgando-lhe o lábio direito e raspando-lhe um dente, e assim que recuou como reflexo da dor, Quenestil aproveitou para tentar reverter a posição. Porém, calculou mal a inclinação do teto, e o seu ímpeto acabou por fazer com que ambos caíssem. Foi o eahan quem caiu por cima, despejando as setas da sua aljava, mas, com uma força animal, o ulkatr arremessou-o de cima de si para o lado, deixando-o a rebolar pela neve como um boneco de trapos. Quenestil ergueu-se atabalhoadamente, desembainhando o facalhão e enfrentando o seu adversário, vendo que Deadan fazia o mesmo.

Os seus oponentes eram dois humanóides parecidos com antroleos

e um humano alto, mas o shura mal reparou neste último, respeitosamente fascinado como estava pelos que só podiam ser os chamados ulkatr. Eram ambos mais baixos e compactos que Babaki, praticamente da altura do eahan, bem como mais felpudos e com pêlo amarelo-esbranquiçado riscado por listras escuras. Tinham orelhas com tufo e um rufo facial aberto como o de um lince, e uma juba curta que lhes descia pelo pescoço como uma cabeleira, bem como uma pelagem lanosa que lhes cobria a perna até aos pés como uma bota. Um deles, o mais próximo de Quenestil, usava um colar de dentes, mas ambos tinham um par de presas de morsa atadas às braceiras de pele de rena nos antebraços que lhes serviam de garras com maior alcance. Podiam ser mais pequenos que Babaki, mas não pareciam menos ferozes do que o seu amigo se mostrara capaz de ser, e as suas presas afiguravam-se brancas e ameaçadoras ao luar. Por sua vez, o humano envergava calças de lã escura e uma singela túnica debaixo de um casaco de pele de lobo sem mangas e uma capa de pele de rena. Era alto, mas pouco dava para distinguir das suas feições debaixo de uma gálea de couro, apenas que tinha um nariz grande e os dentes arreganhados em preparação de esmagar o crânio de alguém com a maça de cabeça de bronze que empunhava. Deadan tinha os três debaixo de olho, espadão ao alto e uma promessa de morte nos seus olhos. Naturalmente que não tivera tempo de vestir o seu arnês, pelo que as fíbula e pedaços de malha do seu gibão de lona forrada a linho tilintavam com cada movimento seu.

Os ulkatr não perderam tempo e atacaram, rugindo em uníssono. O primeiro foi suficientemente inteligente para evitar a espadeirada de Deadan e recuar para reconsiderar, mas o outro não foi forçado a semelhantes considerações ao atacar Quenestil. Rasgou o ar com as presas de morsa, mas

Quenestil desviou-se e ripostou, escoriando-lhe o flanco no que devia ter sido um profundo golpe nas vísceras, evitado pelos reflexos do ulkatr, que rasgou a bota de Quenestil com as garras do seu pé. O golpe não chegou à carne, mas desequilibrou o eahan, que teve que se deixar cair de costas ao chão para evitar um forte soco em arco que lhe teria arrancado o escalpe com as presas de morsa. Uma vez no chão, rebolou para o lado e o pé do ulkatr enterrou-se na neve, espirrando cristais de gelo.

Inicialmente, o adversário de Deadan mostrou-se relutante em expor-se à desmedida lâmina que este empunhava, limitando-se a circundá-lo e a recuar dos seus golpes de aviso à medida que procurava pô-lo entre si e o skrimmen. O siruliano reconheceu o maior perigo do selvagem humanóide, mas não deixou de acompanhar as manobras de ambos para que não fosse flanqueado. O ulkatr reuniu então coragem e investiu com um rugido, apenas para recuar perante uma forte oscilação do espadão. Porém, a sua intenção fora a de criar uma abertura, pois tivera a impressão de que a arma era demasiado pesada para que o humano pudesse reajustar a posição a tempo de evitar a sua nova investida. Ao ver que assim parecia ser, pulou com garras e dentes, mas Deadan surpreendeu-o ao executar um movimento de alavanca com o grande punho do espadão, revertendo a lâmina. Ao ver que ia ser empalado, o ulkatr torceu-se em pleno ar com um golpe de rins, mas não pôde evitar que o gume da lâmina lhe trinchasse um caminho ao longo do peito e do braço, caindo então ao chão com um trilha de sangue no ar. Deadan deixou a ponta da lâmina descair e empunhou a sua arma ao alto com o intento de cravar o ulkatr ao chão, mas antes que o pudesse fazer algo embateu contra a sua omoplata, abrasando-lha de dor e fazendo com que cambaleasse para o lado oposto ao golpe. Algo lhe bateu

então na nádega e perna direitas, e o siruliano sentiu um doloroso puxar onde fora atingido. O skrimmen recuperava nesse preciso momento de uma posição que dava a entender que acabara de arremessar algo, e foi aí que Deadan viu os dardos que tinha no cinto às suas costas. O ulkatr aproveitou a momentânea distração e agarrou-se à perna de Deadan, mordendo-lha e forçando-o a deixar-se cair ao chão de forma a não deslocar o joelho.

Também no chão, Quenestil empurrava-se para trás com os pés enquanto caranguejava com as mãos, ainda com o facalhão empunhado e tentando criar um mínimo de distância entre si e o ulkatr que o atacava de quatro como um animal. O eahan chutou-lhe repetidamente o focinho ferido e sangrento, tentando desesperadamente não parar e cair de costas, o que o deixaria exposto à selvajaria do adversário. Contudo, foi o que acabou por acontecer quando torceu o polegar devido ao punho do facalhão, e o ulkatr caiu-lhe em cima quase de imediato, sendo repetidamente chutado no focinho mas ainda assim conseguindo fincar as garras nas pernas do eahan, dilacerando-lhas e esfarrapando-lhe as calças de couro. Com um brusco rasgão, a cabeça do humanóide projetou-se para a frente de boca escancarada, sedenta da garganta de Quenestil, mas este interceptou-a a tempo com a ponta do seu facalhão. O ulkatr rugiu de dor quando o seu olho foi puncionado e levou as mãos à cabeça com esta erguida. Quenestil passou o facalhão para a outra mão e, revirando o punho, desferiu um rápido corte na garganta do humanóide, bem debaixo da mandíbula inferior.

Também no chão e sem poder fazer uso da sua arma, Deadan debatia-se com o feroz ulkatr, que lhe sangrava do peito e do braço em cima e lhe ia esfarrapando o gibão de lona com garras e dentes. O siruliano esmurrava-o, grunhindo de dentes cerrados enquanto sentia a ponta farpada

do dardo rasgar-lhe a pele sobre a omoplata, torcendo-a dolorosamente sempre que Deadan se mexia. O ulkatr rosnava, mordida e arranhava com uma força animal, e o jovem viu do canto do seu olho que o humano os circundava aos dois de dardo ao alto, esperando uma abertura para o varar como a um javali, o que não o deixava parar um segundo sequer para tentar encontrar uma posição que lhe permitisse tirar o humanóide de cima de si. A boca escancarada do ulkatr rugia e roncava do palato, pingando saliva espessa enquanto a mão de Deadan lhe empurrava a mandíbula superior para cima, embebendo os dentes na carnuda palma enquanto agarrava o braço esquerdo do adversário com a outra.

Ouviram-se então um ronquido gorgolejante, e Deadan reparou que a atenção do humano deixou momentaneamente de incidir sobre si. O siruliano aproveitou a deixa para, largando o braço do ulkatr, enfiar a mão na mandíbula inferior deste, grunhindo quando as garras libertas lhe trincharam quatro sulcos na sua cara e nariz, e apartando as mandíbulas do adversário com um possante movimento brusco. As maxilas estalaram de forma audível, e Deadan interrompeu o subsequente rugido de agonia com uma segunda torção, partindo-lhe o pescoço com um crepitante estalido seco. O skrimmen devolveu a sua atenção ao jovem siruliano, mas viu então que Quenestil se erguia de sangrento facalhão empunhado, com o ulkatr a contorcer-se aos seus pés. Deadan seguiu-lhe rapidamente, tirando o corpo frouxo de cima de si e pondo-se de cambaleantes pés, gibão esfarrapado e a verter sangue dos sulcos na cara, que lhe desembocava na boca e lhe tingia de vermelho os dentes cerrados. Avisadamente, o skrimmen preferiu fugir, e embora tanto o eahan como o siruliano se retentassem momentaneamente em preparação de uma corrida, nem um nem outro estava em condições de

perseguir o atacante. As pernas de ambos estavam riscadas por sangrentos trilhos de dor, e Deadan tinha os gêmeos de uma mordidos, pelo que correrem estava fora de questão.

— Quem... — ofegou Deadan, pronto para matar quem quer que perigasse a vida dos eahlan. — Quem eram, Quenestil Anthalos?

— Skrimmen, e... — Quenestil esfregou cora o antebraço do facalhão algum sangue que o focinho do seu adversário lhe pingara sobre a cara. — Ulkatr.

O siruliano olhou para os dois cadáveres com distanciada curiosidade, pois a única coisa que verdadeiramente precisava de saber acerca deles era o fato de serem uma ameaça. Já se ouviam vozes e choros do interior do celeiro, bem como alguns indícios de ruídos vindos do salão de Horavog, mas ainda ninguém saía.

— Olha... — apercebeu-se Quenestil. — Tens aí uma coisa nas...

Deadan cuspiu sangue para o lado e, parecendo lembrar-se de algo, tenteou as costas com a mão livre até crisar o punho no cabo do dardo que lhe pendia da pele e do gibão. Com um grunhido, puxou-o e atirou-o para o lado, rodando o ombro do lado ferido com uma careta.

— Isso... — disse Quenestil. — Atingi aqueles dois com flechas antes. É melhor irmos ver se estão mesmo...

O jovem siruliano nem esperou que o eahan acabasse de falar, encontrando-se já a trôpego caminho dos corpos caídos que distinguira à distância, mas um arquejo de Quenestil fez com que hesitasse um passo e olhasse para trás, empunhando o seu espadão ao alto com as duas mãos.

— Que foi? — vociferou, vendo que Quenestil mancava para as traseiras do celeiro com ar alarmado. O shura não respondeu e apoiou-se na

esquina do edifício na qual o desconhecido estivera, olhando em redor com a respiração novamente acelerada.

Nada. Desaparecera.

— Quenestil Anthalos?

O visado esmurrou a parede de turfa com um bofejar de frustração, baixando a irritada cabeça.

— Chama-me só Quenestil, que raio — disse, erguendo a cabeça e puxando os cabelos para trás. — Estava aqui... outra pessoa. Mas desapareceu.

Parecendo pouco convencido, Deadan olhou em redor, sempre com os dedos de ambas as mãos quase a espremerem o punho do espadão. Quenestil acorrou-se diante das marcas que o homem deixara na neve, e viu que levavam ao alcantil montanhoso a Oeste.

— Vou... bater o perímetro — disse o shura, limpando o facalhão à neve e embainhando-o, trepando de seguida para o teto para ir reaver o seu arco.

— Como assim? Sozinho não...

— Queres deixar os Lasan sozinhos? — redarguiu Quenestil do teto com um olhar categórico sobre o ombro, desaparecendo então da vista e saltando para o chão do outro lado para pegar nas setas. Os ruídos que dessa forma fez pareceram assustar mais os eahlan, pois os choros intensificaram-se.

— Vês? — ouviu a voz de Quenestil dizer do outro lado. — Vai lá dizer-lhes que está tudo bem.

O jovem siruliano de fato não tinha resposta, e ao passar pelo shura na esquina limitou-se a acenar com a cabeça, sempre a olhar em redor.

Quenestil retribuiu o aceno e começou então a seguir os rastros na neve, deixando para trás de si uma série de vozes de pessoas que provavelmente tinham acabado de sair do salão.

«*Btfljr un yld...*», ecoou as palavras que ouvira do homem. «*Fogo... que me quer esta gente dizer com fogo.*»³»

De arco ao ombro e ligeiramente agachado, Quenestil lançou-se na perseguição, ainda com o espírito do volverino a rosnar nas profundezas do seu ser.

PREMONIÇÕES

Não costumava nevar no Sul de Laone, como Aewyre pudera constatar nos últimos dias de viagem após terem passado pela cidade de Neveria. Em contrapartida, começara a chover como se não houvesse amanhã, um verdadeiro dilúvio de bátegas com gotas que quase faziam buracos no chão, uma autêntica torrente que muitos consideraram mesmo um pranto dos deuses. A neve esburacada dera lugar a solo enlameado, e Aewyre achara por bem pararem no primeiro lugar com um teto que encontrassem, pois não estava com grande vontade de comer um jantar frio por ser impossível fazer uma fogueira, nem de passar outra noite a ouvir o incessante tamborilar das gotas de chuva sobre a lona da carroça.

Calhou ser uma isolada casa de camponeses a primeira habitação que avistaram, uma estrutura retangular de paredes de taipa com teto de

colmo que fumegava convidativamente de um buraco. Durante a sua infância, Aewyre pernoitara por várias vezes nas quintas e fazendas das cercanias de Ul-Thoryn, para grande vergonha de Allumno e embaraço da governanta Smerunda, pelo que sentira uma certa nostalgia ao bater à porta debaixo da chuva. Nunca tivera grandes problemas em o fazer, embora o hábito tivesse perdido a sua mística a partir do momento em que passara a ser demasiado reconhecido e tratado como um príncipe nas quintas às quais ia. Evidentemente que aqueles laoneses não o conheciam, além de que a sua barba e cabelo crescidos faziam com que parecesse outra pessoa de qualquer forma, e bastaram algumas palavras de Layaline e um breve chocalhar da sua bolsa para lhes abrir as portas e garantir um local seco onde dormir, bem como um jantar quente e o calor de uma lareira. Dada a proximidade da fronteira com Nolwyn, na região falava-se um dialecto que era mais inteligível para Aewyre e menos para Layaline, como que uma mistura entre Glottik e Lloranc, mas ainda assim apenas a rapariga se conseguira faier entender com os seus anfitriões.

A família consistia de um fazendeiro, a sua mulher e quatro filhos de mãos calejadas, gente humilde e hospitaleira que não fizera perguntas impertinentes nem fora bisbilhoteira, e Aewyre fizera questão de lhes pagar em avanço, arrependendo-se de seguida ao aperceber-se de que, após um ano de viagem, os seus fundos começavam de fato a escassear. Làriana não tivera quaisquer problemas em meter conversa com as crianças, e Krór ficara num canto escuro com ligaduras na cara e a desculpa de horrendos ferimentos enquanto lhes fora servido um belo guisado ao jantar. A presença de Krór tivera um inegável efeito inquietante, e o olhar que Aewyre trocara com este quando Layaline lhe traduzira que aparentemente

houvera ultimamente ataques e migrações de Drahregs na região não passara despercebido a ninguém, mas o ouro do jovem conseguira falar mais alto. Ainda assim, foram novas inquietantes para o jovem, que até então alimentara a ilusão de que a ameaça d'O Flagelo era algo distante, que ainda se encontrava a germinar, mas aparentemente o chamamento que Kror lhe confessara ter sentido na Cidadela da Lâmina era algo de bastante tangível e real. Talvez tivesse sido por isso também que a família aceitara acolher dois homens armados, pois uma habitação isolada como aquela estaria particularmente exposta a eventuais depredações.

A casa tinha apenas duas divisões, uma era a sala de terra batida com uma lareira de pedra no centro e a outra um pequeno estábulo para quatro ovelhas, uma cabra, três borregos e um porco. A sala tinha utensílios dependurados das paredes, o chão de terra batida revestido de feno, algumas arcas para roupa e esteiras de palha nas quais a família dormia. Havia também um pequeno celeiro sobre o estábulo, ao qual era apenas possível aceder através de uma escada de degraus retorcidos, e no qual Aewyre arranjara espaço para dormirem, alumando-o com uma candeia no centro. Não era o sítio mais confortável da casa, rangia bastante, tinha algumas teias de aranha e fedia a colmo úmido devido à chuva, mas pelo menos era seco e mais quente que uma carroça coberta de lona e isolada no meio do ermo. Kror escolheu de imediato para si o mais recôndito canto e lá se recolheu, deixando a perna estendida e a cara tapada para não ser incomodado pelos olhares intrusivos de humanos. Layaline e Lâriana justificavam semelhante cuidado, pois pareciam de fato quase morbidamente fascinadas pelo drahreg e ficavam sempre a observá-lo subrepticamente quando sabiam que não estava a olhar. Por sua vez, Aewyre

fora forçado a dar-lhe mais atenção que a que desejaria nos últimos dias, pois a evidência de alguns dos progressos de Kror haviam-no alarmado. Ver o drahreg atrair o seu alfange da bainha para a mão servira-lhe de aviso, e o jovem mal o deixara sossegado desde então, partilhando com ele o pouco de útil que o poema de Fèdac lhe revelara. Kror não parecera satisfeito, talvez por continuar a pensar que lhe estavam a ser ocultadas informações, mas era todo o caso não se negara a partilhar com Aewyre aquilo que sabia. Porém, Aewyre cedo percebeu porquê, pois nada do que Kror aprendera era empírico, e boa parte do seu processo de aprendizagem passara pelos métodos peculiares de Heldrada. Por outras palavras, fora magoado e maltratado o suficiente para conseguir chegar a um ponto no qual lhe fora possível agarrar o «tendão» de forma figurativa, conseguindo então fazer uso parcial dele. Todavia, também lhe fora possível fazê-lo mesmo sem os estímulos de Heldrada, tal como Aewyre o vira na carroça, e fora a essa esperança que o jovem até então se agarrara.

Kror tivera uma certa dificuldade em descrevê-lo a Aewyre; o processo consistia em algo semelhante ao que o jovem já antes fizera, uma espécie de provocação ao «tendão», um esforço de o tentar com tensão ou mesmo combate iminente. No entanto, Kror parecera ter levado as coisas um passo à frente, pois aparentemente chegara mesmo a meditar para conseguir alcançar o «tendão» a um outro nível. De fato, Aewyre também o fizera até certo ponto, mas nunca a um domínio que fosse muito além do sensorial. Sem o consentimento de Kror, pura e simplesmente nunca conseguira fazer uso da Essência da Lâmina, mas fora precisamente isso o que o drahreg fizera ao atrair o alfange. Seguindo as instruções vagas deste e fazendo uso do que ele próprio aprendera na Cidadela, Aewyre por pouco

não rebentara uma veia nas suas têmporas durante os últimos dias, além de que ficara deveras farto de olhar para Ancalach, ainda por cima sem grandes resultados. O seu maior feito fora fazer a lâmina tremer, chocalhando-a dentro da bainha no piso da carroça e assustando Làriana. Sempre fora alguma coisa, mas não eqüivalera ao esforço que Aewyre investira. O maldito «tendão» mostrava-se esquivo sempre que se procurava por ele numa situação não hostil, o que tornava tanto mais frustrante a situação, pois era como dispor de uma arma possante e não a poder usar por esta estar sempre escondida. Não admirava que, em todos os registos que lera, os Portadores acabassem fatalmente por resolver a situação em combate mortal. Não fosse por tudo o que do jovem dependia, e este provavelmente já teria mandado todas as cautelas para a fossa e acabado com o assunto de vez.

— ...ler? — ouviu Layaline dizer, e a luz aproximou-se.

— Hmmm? Ler? — a rapariga acenou com a solícita cabeça, levando o cabelo atrás da orelha com a mão livre e empunhando a candeia com a outra. Por vezes lembrava-lhe a Nabella... — Não. Hoje não. Já estou com demasiadas coisas para pensar, não preciso de mais. Acho que vou só reler uns apontamentos. Vai antes dormir.

Layaline pareceu desapontada, mas não protestou. Nunca o fizera, nem parecia ter inclinação para o fazer. Era de fato a companheira de viagem ideal, e fora-lhe imensamente útil até então. À laia de consolação, Aewyre pegou-lhe na cara cora ambas as mãos, um gesto que fez com que a rapariga se retesasse como um pássaro apanhado, mas o que dele resultou foi um singelo beijo na testa, seguido de algum *aġ.a.gâr* das maçãs do rosto de Layaline com os polegares.

— Ainda bem que te trouxe. Es uma ajuda preciosa.

— Pre... ciosa? — tartamudeou a rapariga, franzindo a testa.

— Oh, não me obrigues a ter que te explicar... Olha, não deixas que os meus *dròldur* me *gnaquem*, está bem?

Layaline riu, encolhendo a cabeça nos ombros num dos seus gestos ameninados, ainda nas mãos de Aewyre. Tivera que crescer depressa após o nascimento da sua filha, mas o guerreiro duvidava de que fosse mais velha do que ele. Pelo menos não parecia.

— Bom, vai-te deitar — disse, largando-lhe a cabeça. — Vou ficar a ler um pouco.

— *Güna gillèda* — disse a rapariga em tom de voz baixo, inclinando-se para a frente para beijar a bochecha de Aewyre e pousar a candeia perto das pernas deste.

— Desiste. Eu nunca vou aprender Lloranc — sorriu-lhe o guerreiro, deitando-se então com a candeia à cabeça ao seu lado enquanto Layaline ia aconchegar a sua filha.

Esperou até que ambas estivessem deitadas e aninhadas antes que permitisse que o seu semblante ficasse carregado, pois acabara de se lembrar de Assiòn. As palavras às quais Layaline tanta piada achara faziam parte de um ditado que o Alto Lamelar certa vez com ele partilhara, algo pertinente a os monstros na cabeça das pessoas lhes jnorderem sempre que se pensava neles. Aprendera muito com Assiòn durante o pouco tempo que o conhecera, e não só acerca de assuntos pertinentes a espadas e lutas. A sua memória era uma das forças que presentemente moviam o guerreiro, muito embora perigosamente mesclada com a ardente sede de vingança que lhe apertava a garganta com uma amarga secura.

Mas não era o momento de pensar em semelhantes coisas. A raiva podia ajudá-lo por vezes nos treinos e eventualmente para forçar o «tendão», mas com leitura e compreensão de texto de pouco lhe servia. Aewyre procurou uma posição minimamente confortável, tirando o rolo de pergaminho da sua mochila e ajeitando-a de seguida à laia de almofada. Enquanto abria o rolo e desencaracolava as folhas de apontamentos que tinha enroladas no seu interior, o jovem pensou no quanto Allumno riria se o visse em semelhante situação. Ele, que sempre fugira de bibliotecas como um animal de uma jaula, e cuja única reação ao abrir um livro sempre fora a de espirrar devido ao pó. Se o visse agora, a gastar os olhos em letras floreadas, a tentar interpretar versos de má poesia, a tomar e a *rever* apontamentos... nunca escrevera tanto na sua vida, e as suas anotações já davam para fazer um estudo detalhado acerca da Essência da Lâmina. Aewyre folheou-as brevemente à luz da candeia, examinando superficialmente algumas palavras-chave com as quais assinalara pontos importantes, mas não estava com cabeça para muitas delas. Porém, houve uma que lhe chamou a atenção e que na altura lhe parecera de fácil digestão mental, embora algo vaga.

Dizia respeito a uma afirmação interessante feita por um Lamelar da recôndita Taygatar chamado Ahgon: «*Nós somos o nosso pior adversário.*» Era um pensamento peculiar, que ninguém na Cidadela da Lâmina alguma vez partilhara com Aewyre durante os treinos. Pelo menos não por palavras, pois boa parte dos exercícios haviam sido também um teste à força de vontade, uma batalha entre a mente e o corpo, naquilo que Ahgon definia como «*uma luta com o nosso ego*». Quase parecia algo que o Allumno diria, mas ao menos era diferente do resto dos teóricos, pois abandonava por

completo a dualidade do conflito entre dois Portadores e enfatizava a contenda interior que se verificava em semelhante situação. Infelizmente, por mais que o jovem acerca dela reflectisse, falhava em encontrar qualquer aplicação prática na afirmação. Queria a frase sequer dizer algo, ou seria apenas pretensiosismo da parte de Ahgon? Era certo e sabido que os habitantes de Taygatar eram estranhos, conhecidos como uns dos últimos povos espirituais de Allaryia, mas Aewyre estava disposto a estudar outras perspectivas, por muitas vezes que lhe dessem à cabeça. Afinal, não podia ser pior do que interpretar um mau poema, mas após alguns momentos a folhear, franzir a testa e a passar a sua unha suja por linhas difíceis de ler à luz de uma candeia (quem copiara o manuscrito não quisera gastar muito pergaminho, evidentemente), Aewyre perdeu a paciência e bufou de frustração, pousando as folhas ao lado e olhando antes para o teto escuro.

Não, decididamente não estava com cabeça para aquilo. Talvez até estivesse a ser o seu pior inimigo e a dar razão a Ahgon, mas estava também demasiado cansado para se importar. Acelerara o ritmo de viagem, pois tinha uma certa pressa em chegar a Arle, e como continuava a fazer questão de caminhar a pé, estava fisicamente exausto. Como se isso não fosse suficiente, a sua mente desabituada a grandes considerações e abstrações também estava exaurida, e mesmo o seu sono (quando por fim se dignava a chegar) era preenchido ou por pesadelos ou por penosas recordações que lhe permitiam muito pouco repouso. Andava nervoso, irrequieto, e consequentemente maldisposto e com pouco apetite. Não podia continuar assim, se fazia realmente tensões de enfrentar Seltor, pois àquele passo acabaria por tombar de exaustão pelos seus próprios meios antes de sequer *saber* se era ou não possível obter o raio da Essência da Lâmina. Estar com

um teto sobre a cabeça e um bom jantar no estômago era a oportunidade perfeita para relaxar, e duvidava de que o pudesse voltar a fazer tão cedo. Talvez as palavras de Ahgon lhe tivessem chamado a atenção por serem um aviso, uma advertência contra a aparente predisposição de alguns Portadores de atirarem todas as cautelas ao vento e a mergulharem de cabeça numa implacável perseguição do «tendão». Sim, isso fazia sentido, e foi um motivo perfeitamente legítimo para Aewyre enrolar os seus apontamentos, metê-los dentro do rolo e apagar a candeia para dormir.

E então as fundações da casa começaram a tremer.

Kror, Layaline e Làriana ergueram-se, estremunhados, e logo constataram que a estrutura estava de fato a vacilar, estalando com rachas que vertiam o pó de lama seca da taipa. Làriana começou a chorar e Aewyre correu instintivamente de gatas a abraçar mãe e filha, olhando em redor enquanto estas enterravam as cabeças debaixo dos seus braços. Kror arrastou-se até à beira do celeiro com os alfanges embainhados debaixo do braço, movido pelo seu afinado instinto de autopreservação, pronto a saltar dali mesmo com a sua perna ferida, mas antes que o pudesse fazer o tremor cessou, tão abruptamente como começara. As ovelhas e os borregos baliram, e do outro lado da divisória da casa ouviram-se os choros das crianças, que se juntaram a Làriana num coro plangente.

— Estão todos bem? — perguntou Aewyre em voz alta, esquecendo-se de que os camponeses não sabiam falar Glottik. — Layaline?

— Vê... sim — disse a laonesa, ainda a olhar em redor com olhos assustados e beijando a cabeça de Làriana,

Por sua vez, Kror permanecia à beira do celeiro, atento e de músculos retesados como um gato prestes a saltar. Trocou um breve olhar

com Aewyre, e o lacônico momento de tensão afinou suficientemente o «tendão» para que ambos se fitassem como se a culpa do incidente se devesse a um deles. Foram interrompidos pelo camponês, que como bom anfitrião subiu metade das escadas para espreitar e ver se estavam todos bem, mas Aewyre não percebeu nem uma das palavras que trocou com Layaline. Erguendo-se de cabeça baixa e costas vergadas, o jovem dirigiu-se então às escadas e o camponês desceu para que também o pudesse fazer. Continuou a tagarelar era Lloranc, e Aewyre limitou-se a dar-lhe uma palmada no braço e a dizer que estava tudo bem, abrindo então a porta para dar uma vista de olhos pelo exterior.

A noite estava chuvosa, mas nada mais dramático ou fora do normal lhe saltou à vista na úmida penumbra. Só podia ter sido um terramoto. Embora Aewyre nunca tivesse passado por um, não eram uma ocorrência de todo desconhecida em Allaryia, embora raros e por vezes com conseqüências desastrosas. Felizmente, este não parecia ter sido um desses, embora tivesse certamente valido pelo susto.

— O que foi? — ouviu a rouca voz de Kror atrás de si.

— Um terramoto — respondeu o jovem secamente, virando apenas a cara ligeiramente para o lado.

— Um quê?

— Não interessa, já passou — Aewyre fechou a porta, pontuando o que dissera. — Vamos dormir.

O jovem virou-se e passou por Kror, raspando o ombro do drahreg com o seu num contato que fez com que os músculos de ambos se retesassem. O jovem olhou por cima do ombro e viu claramente os orbes vermelhos de Kror fitos nos seus, vermelhos como brasas que acalentaram

o adormecido «tendão», entesando-o. Aewyre ainda cerrou os punhos, mas relaxou logo de seguida.

— Vamos dormir — repetiu, virando definitivamente as costas a Kror e subindo as escadas. Já nem para o «tendão» tinha paciência, nem para o terremoto e muito menos para as susceptibilidades de um drahreg malcheiroso. Só queria descansar.

Kror observou o guerreiro enquanto este subia, e a visão das costas dele era visceralmente tentadora, até porque tinha os alfanges embainhados numa mão. Porém, e embora a atitude sobranceira de Aewyre o incomodasse, nada chegou a fazer, pois o camponês acabara de acalmar os animais e fechou a porta baixa do estábulo. Assim que viu que Kror estava presente, abriu a boca para falar, mas algo no seu olhar e na sua figura de vulto de cara enfaixada no escuro fez com que reconsiderasse a idéia. Pigarreou, escusou-se e retirou-se para perto da sua família, deixando Kror a remoer no escuro. Por fim, o drahreg acabou por encolher os ombros e subir as escadas.

Na manhã seguinte, enquanto tomavam um frugal pequeno-almoço de pão e queijo de cabra, Aewyre reparou que Kror parecia mais distante ainda, introspectivamente sentado no canto mais escuro da casa, levando as mãos enfaixadas à boca e deixando-as lá enquanto mastigava distraidamente. Continuava a chover, embora a precipitação tivesse diminuído consideravelmente de intensidade, e o estado de espírito de todos os presentes não estava particularmente alto. O ligeiro terramoto na noite passada também não ajudara, e Aewyre percebera através de Layaline que marido e mulher já se haviam lançado em várias tiradas acerca dos deuses, questionando-se acerca da possibilidade de o tremor ter sido uma

manifestação de descontentamento, ou se por outro lado tinham sido salvos de algo bem pior devido a intervenção divina. Em qualquer uma das hipóteses, dar graças a boa parte do panteão não poderia fazer mal algum, e foi precisamente isso que marido e mulher instruíram aos seus filhos e hóspedes. Como boa filha de cónego, Layaline acedeu prontamente e, tanto quanto o jovem entendeu, começou ela própria uma oração a Gorfanna, deusa da colheita, do lar e das terras domadas. Ainda a mastigar, Aewyre pousou as mãos de palmas coladas ao chão como era hábito dos fiéis da deusa e foi olhando em redor enquanto os outros oravam de olhos fechados. Viu que um dos rapazes — um diminuto catraio de espigados cabelos castanhos e com os dois incisivos superiores em falra — não estava a rezar, e os dois trocaram um olhar inadvertidamente cúmplice. Como o rapaz pareceu envergonhado, Aewyre piscou-lhe o olho e esboçou um sorriso com a boca cheia, o que fez com que o rapaz fechasse os envergonhados olhos.

Sem perder o sorriso, Aewyre continuou a olhar em redor. Apesar do terramoto, dormira bastante bem e sentia-se mais relaxado do que se sentira havia semanas. Talvez o fato de Layaline ter dormido abraçada a si tivesse ajudado; fora bom ter alguém a quem se agarrar, sentir um coração não endurecido a bater contra o seu peito. Apesar do que haviam feito na estalagem da Cidadela, a rapariga dormira compreensivelmente apenas com a filha durante a viagem, mas na noite passada as duas tinham ficado assustadas, e mãe e filha acabaram por gatinhar para perto de Aewyre durante a noite. Fora estranhamente reconfortante para o próprio também, pois sentira-se revitalizado por uma estranha energia ao ter as duas debaixo dos seus braços e de cabeças sobre o seu peito. Seria essa a sensação de ser

pai... de ter uma família?

Cruzar o seu olhar errante com Kror focou-lhe a visão e interrompeu os seus devaneios antes que se pudesse lembrar e pensar naquela que a harahan Hazabel clamara ser a sua filha. Aewyre pensou que talvez tivesse sido o «tendão», mas não, o drahreg olhara intencionalmente para ele e gesticulava-lhe claramente para que se aproximasse. O jovem olhou em redor, viu que ainda estavam todos ocupados com as suas preces, e escusou-se ao levantar-se, contornando a lareira e indo ter com Kror. Se os camponeses ou Layaline repararam, nenhum deles se manifestou, e Aewyre postou-se diante de Kror com ar reservado.

— O que foi? — sussurrou, sem sequer se dignar a curvar-se.

— Senta-te — disse Kror secamente.

O jovem franziu o cenho, mas acabou por aceder, tendo o instintivo cuidado de levar o joelho ao chão a uma distância superior à necessária para Kror lhe poder degolar a garganta com um rápido desembainhar de um alfange. O drahreg tinha ambos embainhados debaixo do braço esquerdo, e as gemas vermelhas e azuis dos seus vistosos punhos cintilavam com o lume da lareira.

— O que foi? — repetiu, apoiando o cotovelo sobre o joelho e entrelaçando os dedos nos da mão do braço pendente.

— Alguém... — Kror interrompeu-se a si mesmo, baixando o tom de voz. — Alguém esteve conosco ontem à noite.

O cenho franzido de Aewyre aliviou-se quando este ergueu o sobrolho.

— O quê? Achas que um dos miúdos...?

— Não. Não esteve... aqui. Foi diferente. Esteve aqui... de outra

forma.

— Como assim, de outra forma? De que é que estás a falar? Explica-te.

Por norma, Aewyre já tinha pouca paciência para o drahreg, e falar em enigmas não ajudaria nada a melhorar a relação entre ambos. Kror pareceu sentir a animosidade que de qualquer forma não lhe era desconhecida, pois aquele que podia ter sido um grunhido de frustração para com a língua poderia igualmente ser interpretado como um rosnido de advertência.

— As minhas espadas... o Kerhex e a Sassirass sentiram-no. Esteve aqui uma pessoa... — Kror arreganhou os dentes, debatendo-se como sempre com as palavras.

— Mas esteve aqui uma pessoa como? Ou melhor, quem? — inquiriu Aewyre, olhando por cima do ombro e vendo que o camponês os observava enquanto rezava, apressando-se a fechar os olhos assim que descoberto.

— Foi como... o teu amigo fez, O da pedra na cabeça.

— O Allumno? — Aewyre ficou de imediato verdadeiramente interessado. — Como assim?

— Não, não foi ele. Mas foi como ele fez. Ele veio... esteve aqui, mas não esteve...

— Sim, sim, eu sei, uma manifestação espiritual. Mas como tens tanta certeza de que não era o Allumno? Se calhar ele está a...

— Não. Ele tocou nas minhas espadas. O Kerhex e a Sassirass viram-no, ouviram-no, e disseram-me que ele... não nos queria fazer bem.

— Mas... — A iminente desilusão tornou Aewyre insistente. —

Tens a certeza de que não era mesmo ele? Como *é* que o Kerhex e a Sassiras's...?

— O teu amigo tentou fazê-lo uma vez, lembras-te? Quando tu estavas à minha procura, ele encontrou-me e tocou nos meus alfanges, e o Kerhex e a Sassirass viram-no.

Maldição. Era verdade, as duas entidades nos alfanges de Kror conheciam Allumno, tinham-no tocado e sido por ele tocadas quando os companheiros haviam esquadrinhado a Latvonia era busca de Kror.

— Quando... quando é que foi? — perguntou Aewyre, baixando mais ainda o tom de voz e desta feita inclinando-se ligeiramente para a frente.

— Depois de a terra tremer. Estávamos todos a dormir.

— E como é que o *Kerécs* e a, ai, a *Sassarissa* sabem que essa pessoa... não nos queria fazer bem?

— Eles sabem — afirmou Kror peremptoriamente.

— Hmpf — suspirou Aewyre irritadamente, coçando o queixo com o cotovelo apoiado sobre o joelho. — E que mais sabem eles?

— Era um homem. Um humano. Poderoso e... estranho.

— Estranho?

— Não me sabem explicar. Só sabem que ele estava a olhar para nós, que se aproximou e que tocou nas minhas espadas. Depois... fizeram-no ir embora.

— Só isso? Ele não disse nada, não fez nada?

— O Kerhex e a Sassiras's não percebiam a sua língua, e não fez mais nada. Ficou... surpreendido quando apareceu à frente deles.

«*Um destes dias tenho que ver se consigo aprender mais sobre esses dois*»,

pensou Aewyre. Às vezes pareciam saber mais coisas do que deveriam, embora nunca algo de jeito, como por exemplo uma forma de adquirir o domínio da Essência da Lâmina.

— Foi isso que aconteceu — disse Krór, resguardando instintivamente os alfanges, sobre os quais o olhar distraído de Aewyre acabara por incidir.

— Hmmm... — ponderou o guerreiro, retirando os olhos e fingindo-se absorto enquanto ponderava as implicações do que o drahreg lhe dissera.

Pondo completamente de parte a possibilidade de que poderia ter sido Allumno, tal podia apenas significar que estavam a ser perseguidos, ou no mínimo espiados por um mago desconhecido. Aewyre não se lembrava de nenhum. Vira Malagor morrer, e não podia ser a tal de Linsha, pois Krór dissera que fora um homem. Não tinham feito qualquer outro inimigo arcano de que tivesse conhecimento. Quem poderia ser, então, e por que os espiava?

Com todas as suas cautelas renovadas, Aewyre começou a ponderar uma série de hipóteses e arrependeu-se de não ter sido mais discreto desde que soubera que o seu irmão estava à sua procura. Desde que Augiol lhe dissera que...

Augiol.

O jovem levantou-se abruptamente e dirigiu-se ao círculo de pessoas em redor da lareira, interrompendo a sua oração com um ruidoso pigarrear. Não se considerava blasfemo nem desrespeitoso para com outras crenças, mas tinha pouco esguardo e ainda menos fé por deuses que não empunhavam uma espada.

— Layaline?

A referida e a família de camponeses abriram os olhos, piscando-os, e Aewyre acocorou-se diante da rapariga, pegando-lhe pelos braços.

— Layaline, pergunta-lhes se... pergunta-lhes se alguém lhes disse que estivessem atentos.

— Como...? — disse a laonesa, abanando a atarantada cabeça. — O quê?

— Pergunta-lhes se alguma pessoa lhes disse que... deviam ter atenção, se alguém lhes pediu para ser avisado se vissem alguma pessoa. — Ciente de que estava a complicar as coisas a Layaline, Aewyre abanou a cabeça. — Pergunta-lhes se alguém é procurado nesta terra, algum homem!

Ainda sem perceber muito bem, a rapariga traduziu as suas palavras aos camponeses, que contudo foram relativamente rápidos a responder, tanto marido como mulher.

— Sim, sim... um príncipe de Nolwyn, chamado... *Èuaier*? Espera, és...!

Aewyre apertou os braços de Layaline e lançou-lhe um olhar pleno de significado que não passou despercebido à rapariga, pois esta não pressionou o assunto.

— Pergunta-lhes quem o procura.

Layaline assim fez, e o jovem largou-lhe os braços e levantou-se, pois temia que os camponeses pudessem desconfiar da sua ansiedade mal disfarçada.

— É o barão Savincar de Arle. Dizem que ele... dá muito dinheiro à pessoa que... te levar a ele.

O semblante de Aewyre adquiriu um sombrio peso, e bastaram

algumas gotas da torrente de raiva fria que lhe corria nas veias para lhe gelar os olhos. Felizmente que se encontrava de costas para a família, pois mesmo Layaline se assustou com a sua expressão.

— Eles... — A rapariga engoliu em seco. — Eles dizem que pensavam que éramos nós, que o príncipe está com uma mulher, uma criança, e tem uma carroça com mulas... — Aewyre cerrou os punhos reflexivamente, pensando logo no pior, mas então ouviu o camponês rir nervosamente atrás de si, e Layaline sorriu ela também. — Mas somos quatro, e tu... ele diz para não ficares zangado, mas não pareces nada um príncipe.

Aewyre relaxou então, suspirando e virando-se para a família com um sorriso forçado e coçando a barba de deprecantes olhos virados para cima. Marido e mulher riram, e mesmo os filhos e Làriana acharam graça à careta do jovem.

«*Filho da mãe...*», praguejou Aewyre mentalmente enquanto sorria por fora. «*O Allumno bem me dizia... sou demasiado crédulo. O sacana e o barão dele queriam enganar-me.*»

O mais certo era quererem aprisioná-lo e exigir um resgate ao seu irmão. Esse tal Savincar devia ter um mago ao seu serviço, e enviara-o para os procurar, ou talvez simplesmente para os vigiar, pois tanto quanto sabia estavam a dirigir-se alegremente para a boca do lobo: a sua.

— Diz-lhes que vamos embora. E que eles podem ficar com as mulas e a carroça.

— O quê?

— Diz-lhes. Vamos ter de viajar a pé a partir de agora.

— Mas... porquê?

— Depois explico-te. Não te preocupes, são só uns dois dias. Estamos perto de Arle.

Antes que Layaline pudesse fazer mais perguntas, o jovem indicou a Krór que se erguesse com um gesto, passando então pelos dois camponeses e agradecendo-lhes antecipadamente com um aceno da cabeça. Só de passar pela porta antes de subir pelas escadas, ouviu a chuva intensificar-se, quase como uma advertência contra a sua decisão, mas o jovem não se deixou intimidar. Teria que passar por Arle de qualquer forma, pois era da cidade que originava a ponte mais próxima sobre o furioso rio Olyf, impossível de vadear no Inverno, pelo que teria de recorrer a alguns subterfúgios para não ser apanhado por Savincar.

Mais um inimigo, mais uma consideração, mais um obstáculo. Não importava. Caso se metesse no seu caminho, o barão não tardaria a descobrir que a senda da lâmina era impiedosamente afiada para quem ousava nela assentar o pé.

LUZ NO NINHO

Taislin arrastava-se pelo tubo acima como uma lagarta a rastejar, cego e viscoso. O trapo ensopado em vinagre que usava como máscara ajudava, mas ainda assim o odor era tremendo e quase subjugante. O próprio burrik tinha uma certa dificuldade em acreditar que estava a subir pelos tubos das latrinas de Allahn Anroth acima, a impelir-se pela pedra úmida de urina e excremento acima enquanto seguia as batidas tênues que ecoavam de cima. Lhiannah estava a fazer ruído na sua latrina, tal como lhe pedira, embora Taislin duvidasse de que ela tivesse sequer posto a hipótese de ser salva através do tubo de dejetos. Treinara-se na medida do possível, passando tanto tempo quanto pudera nas fossas com a desculpa de estar à procura de ratos, e chegara mesmo a vomitar por duas vezes. Era de longe a coisa mais nojenta e repulsiva que Taislin alguma vez fizera, pior do que arrastar-se pelo vil lodo de Moorenglade, e o burrik tentava a todo o custo abstrair-se. Pensar em Lhiannah dava-lhe forças, contudo; era pela princesa que estava a fazer aquilo, pela sua amiga. Ela precisava dele, ela e Worick, e Taislin não os iria abandonar. Mesmo que assim não fosse, só a idéia de deixar Worick numa posição na qual teria de lhe agradecer era motivação suficiente, e o burrik fazia todas as tenções de explorar semelhante situação até ao tutano.

Com uma risadinha maliciosa abafada pelo trapo, Taislin prosseguiu então com a lenta subida. O tubo era escuro, esparsamente iluminado pela luz entrava pelos pequenos orifícios ao longo deste (felizmente calculara bem a posição do sol àquela hora), e suficientemente apertado para o burrik ascender de costas contra um lado e pés pressionados contra o outro. Era uma subida estafante, mas nada que não tivesse já antes feito, embora noutras circunstâncias e condições bem diferentes. A pedra estava úmida,

escorregadia e malcheirosa, o que por um lado lhe facilitava o deslizar das costas e por outro lhe dificultava o trabalho de pés, mas Taislin fora suficientemente providente para se equipar. As solas das suas botas estavam equipadas com pregos (tanto o ferreiro como o sapateiro tinham achado imensa piada à «criança» que aparentemente queria espezinhar os ratos), e estes encaixavam suficientemente bem nas frestas entre as cantadas para que a pedra escorregadia não fosse demasiado problemática. Encomendara também um arnês de correias e anéis de ferro, tendo tecido uma história de caçar ratos pelas profundezas dos esgotos e do subsolo fora, fazendo uso do que vira nas cavernas thuragar em Tanarch para melhor ilustrar a narrativa. O correeiro achara-lhe graça, e Nolario, o líder da guilda dos rateiros, não levantara quaisquer objeções ao financiamento dessa e das outras manufaturas que Taislin requisitara, tais como a robusta farda de apicultor em miniatura que o resguardava do mais nojento da subida, pois o burrik provara ser um verdadeiro algoz de roedores durante o seu curto serviço em nome da guilda. Mal desconfiavam eles de que semelhantes apetrechos não passavam de meios de infiltração destinados a ajudar Taislin a navegar os tubos das latrinas do palácio, e o burrik orgulhava-se da sua providência até então.

Claro que havia outros problemas que nenhuma das suas precauções podiam prevenir, e foi precisamente um deles que lhe começou a pingar sobre a cabeça, esparramando-se quente sobre o seu barrete. Com um contrito grunhido de nojo, Taislin interrompeu a subida e baixou a cabeça, mas nesse preciso momento o jato de urina desceu-lhe para a pequena mochila que tinha sobre o torso, salpicando-lhe a cara de olhos cerrados, e escorrendo então em vários pequenos fios para os seus lados.

«*Gab, que nojo!*», pensou Taislin, grunhindo de forma gutural com os lábios apertados mesmo debaixo do pano avinagrado. Gostava de ter trazido a carapuça de apicultor que o correeiro lhe preparara, mas os tubos das latrinas eram demasiado escuros para andar com a cabeça coberta.

Quando o fluxo por fim parou, o burrik deu-se por feliz por ter sido urina e não outra coisa pior, e recomeçou a subir, apercebendo-se então de que os seus membros começavam a ficar cansados, sobretudo as pernas. Olhou para cima e, à esparsa luz de um orifício próximo, viu uma abertura que canalizava os dejetos de outra latrina para o tubo no qual se encontrava, o principal. Taislin subiu mais um pouco e posicionou-se então diretamente sobre ele, inspirando fundo antes de tentar a manobra necessária. Soltou o pé esquerdo e fez mais força com a perna direita, pressionando-se a si mesmo contra a parede oposta enquanto procurava uma fresta com os pregos do pé livre na parede à qual estava encostado. Assim que estes assentaram numa, Taislin fez uma rotação da bacia, girando o corpo com o eixo assente no pé direito e flutuando durante a fração de um instante antes de assentar ambas as mãos enluvadas na parede viscosa, contra a qual também encostou a cabeça. Cerrando os olhos e grunhindo de nojo, o burrik deixou-se estar na sua posição diagonal, de pernas estendidas e braços ligeiramente flectidos, e estudou a distância que o separava da abertura. Não era muita.

Taislin impulsionou-se ligeiramente para cima com as pernas, afastando-as da parede, e durante um breve momento teve a nauseante sensação de o seu coração estar a subir enquanto caía, deslizando pela parede oposta com as mãos. Porém, no momento certo, empurrou-se a si mesmo com os braços, e os seus calcanhares assentaram forçosamente na

borda da abertura com um impacto que fez com que os seus dentes batessem uns contra os outros.

— Au — protestou Taislin, o seu queixume abafado pelo avinagrado trapo.

Novamente na sua posição diagonal, desembainhou os dois punhais que tinha nos antebraços, inspirou novamente fundo e empurrou-se com força para trás, flexionando as pernas e curvando as costas assim que o seu centro de gravidade ficou equilibrado, deixando-se então cair de costas para dentro da abertura e encalhando as duas pontas dos punhais em frestas como suporte. Após alguma tensão inicial, o burrik permitiu-se relaxar e aproveitou para repousar as pernas cansadas. Respirando fundo e esperando até que as batidas do seu coração entrassem em compasso com as que se ouviam no topo do tubo, Taislin foi-se mentalizando para continuar enquanto sacudia a tensão das suas pernas. Assim que se sentiu pronto, levantou a perna direita para encalhar os pregos numa das frestas da pedra sobre a sua cabeça, sustendo-se dessa forma enquanto embainhava os punhais. Feito isto, baixou a perna e deixou-se deslizar, rebolando para o lado quando metade do seu corpo já pendia no ar e ficando novamente estendido que nem uma aranha com nada entre si e uma queda considerável até uma fossa séptica. Subiu como uma, usando mãos e pés até passar pela abertura, após o que resumiu a sua posição de costas para um dos lados da parede e pés assentes no outro. *«Bom, lavamos nós outra vez...»*

Lhiannah estava ajoelhada diante da latrina numa posição que, vista da porta, daria a entender que estava a vomitar. Porém, estava com o lado da cara e ambos os braços amparados sobre a pedra, tendo removido o assento de madeira que a aia de Iollina lhe mandara trazer. Olhava para a

direção oposta à do buraco, mas a sua mão pendia da borda, batendo repetidamente na pedra com a parte côncava de uma taça de madeira. Havia dias que não fazia outra coisa, e se alguém desconfiara de tão estranho ritual, provavelmente atribuíra-o aos boatos de que a princesa estava lentamente a enlouquecer no Ninho. A própria Lhiannah duvidava do sentido daquilo que estava a fazer, mas fora o que o burrik lhe pedira e a mensagem era a sua âncora no mar de raiva, frustração e desespero em que a sua vida se tornara. Estava mais que disposta a seguir as mal escritas indicações de Taislin à letra, pois tal era preferível aos odiosos pensamentos que lhe fermentavam o fígado e lhe ruborizavam a pele.

O maldito Hepascar tinha-a na mão, e sabia-o bem. Humilhara-a como nunca ninguém o havia feito, e Lhiannah queria matá-lo por isso. Todavia, era precisamente essa a intenção do haghral, pois o desgraçado dera a entender que a sua raiva lhe servia como porta, como uma conduta para chegar a ela. Por um lado, ansiava pela chegada do maldito desgraçado, pela ocasião de poder retribuir o sofrimento que lhe infligira e a Worick, mas por outro não tinha a certeza de ser capaz de o enfrentar. A vantagem era toda do haghral, estava a manipulá-la como a uma boneca, e Lhiannah não tinha forma de inverter os papéis. Ainda que tivesse, duvidava de que seria capaz de controlar a sua raiva, que era ao mesmo tempo aquilo que a movia e a porta de entrada para Hepascar na sua mente e consciência. Avisar os guardas estava fora de questão — já o tentara e apenas cimentara os boatos de que estava a perder a sanidade — e duvidava de que a aia de Iollina pudesse fazer o que quer que fosse, ainda que acreditasse na sua história. Daí que, mesmo com as suas esperanças renovadas pela carta de Taislin, Lhiannah se encontrava num perene vaivém de raiva e depressão, e

era quando o seu estado de espírito pendia mais para a segunda que a princesa se ajoelhava diante da latrina, as suas energias exauridas e os seus dedos doridos de tanto cerrar os punhos. Já deixara cair uma taça por causa disso mesmo, mas nenhum dos guardas dera especial atenção a tal extravio.

Era uma altura dos seus monótonos e angustiantes dias que a princesa passara a apreciar, pois dava-lhe um sentido de propósito e não requeria grande empenho da sua parte. Sabia que estava a fazer algo de útil, por muito absurdo que parecesse, e tinha apenas que ficar perfeitamente quieta a oscilar o braço pendente e ir batendo com um qualquer objeto contra a pedra. Ao menos permitia-lhe abstrair-se e não a deixava irrequieta, pois atinha-se sempre à esperança de que Taislin estava algures lá em baixo, e que o ruído que estava a fazer de alguma forma o ajudaria. Não que alguma vez tivesse duvidado das capacidades do burrik, mas tão-pouco alguma vez esperara vir a depender tanto dele. Claro que também já a salvara e aos companheiros em Alyun, mas nem então a situação parecera tão aflitiva, a esperança tão longínqua e o desespero tão próximo. Por muito mal escrita que estivesse, a carta de Taislin afigurara-se como uma dádiva dos céus, e a princesa repetia freqüentemente cada palavra nela contida, em silêncio ou em voz alta. Quanto não daria por escutar essas palavras enunciadas pelo próprio, por ouvir por fim uma voz amiga, por...

— Lhiannah?

A princesa parou abruptamente de bater com a taça contra a pedra, e os olhos que até então haviam estado estuporadamente semicerrados arregalaram-se, análogos ao mecanismo de uma catapulta ao impulsionearem a cabeça de Lhiannah para cima. A voz viera do buraco da latrina.

— Taislin...? — atreveu-se a supor. A voz era inconfundível, mas o

burrik não podia ter...

— Sou eu... mas se não me ajudares... não tarda nada... deixo de ser...

Lhiannah ergueu-se então, mancando de ambas as pernas dormentes de ter estado tanto tempo ajoelhada, e apoiou-se sobre a latrina com ambas as mãos, mexendo a cabeça em todas as direções numa tentativa de vislumbrar algo.

— Taislin, és mesmo tu? Não te vejo, não...

— Lhiannah, por favor, apanha esta corda que te vou atirar.

A princesa piscou repetidamente os olhos, como que estremunhada, pois o burrik não a poderia ter apanhado mais desprevenida nem em tão inesperadas circunstâncias. Por essa razão, recuou de susto da corda enrolada quando esta foi expelida pelo buraco da latrina em vez de a apanhar. A corda caiu então, e Lhiannah ouviu um grunhido abafado vindo da escuridão.

— Lhiannah... se não agarras a corda... não tarda nada eu caio.

— Desculpa, desculpa, eu... — tartamudeou a arinnir, ainda desorientada e a gesticular com as mãos, ora passando-as pela cara, ora agarrando os cabelos. — Manda-a. Manda-a outra vez.

— Um... dois... — aflautou então a voz de Taislin. — Três!

A corda enrolada tornou a saltar latrina fora, e desta feita Lhiannah agarrou-a, mas algo na sua textura úmida e viscosa e no cheiro que esta consigo trouxe fez com que a princesa grunhisse de nojo e a largasse, afastando a mão como se a tivesse queimado. Da escuridão ouviu-se outro grunhido, seguido de uma série de epítetos que lembravam uma criança a praguejar com medo que a mãe a ouvisse.

— Taislin! — conseguiu Lhiannah indignar-se a despeito da situação ao olhar para o inconfundível castanho que lhe manchara a mão. — Essa corda...!

— Eu sei, eu sei... — reconheceu o burrik de voz cansada, quase gembunda. — Desculpa, Lhiannah, mas faz um esforço e agarra a corda. Ratos, as minhas pernas estão a explodir, e as costas doem-me que se fartam.

Engolindo em seco nojo e progressivamente menos estremunhada, a arinnir firmou os maxilares e deixou pendente a mão suja, mantendo-a tão afastada de si quanto possível.

— Está bem, manda. Eu... eu apanho-a.

— Tapa o nariz... se ajudar. Um... dois... *três!*

A corda enrolada surgiu uma terceira vez, e Lhiannah emitiu um enojado grunhido, como se estivesse a espalmar uma qualquer criatura repulsiva com a mão. Era uma quantidade considerável de corda, e parte desta estava manchada com repulsivos tons de castanho.

— Desenrola-a... e amarra-a a um sítio qualquer estável... depressa... por favor.

Com um esgar de nojo, Lhiannah pousou a corda sobre a pedra como um rato de esgoto morto e, afastando-se dela o mais possível, desenrolou-a de braços esticados, cara virada e respiração sustida. Do buraco da latrina ouviam-se os grunhidos e exalações de Taislin, entremeados com alguns resmungos. A princesa olhou em redor, ponderando atar a corda ao fecho da porta, mas não se fiou na solidez deste e continuou à procura, desesperando ligeiramente ao nada ver no seu austero quarto.

— Taislin, eu... ah, não, espera! — lembrou-se da barra de ferro da abertura que lhe servia de janela, e apressou-se a arrancar dela a manta com a qual a cobrira para evitar as frias correntes de ar. — Como queres que eu...?

— Não lhe des.... folga — mal ouviu a voz do burrik pedir. Sem mais nada dizer, Lhiannah quase conseguiu esquecer o nojo ao passar a corda pela sólida barra de ferro entre a abertura, puxando até a sentir retesar-se.

— Está bom... está bom... — disse Taislin, mas a princesa já fazia um rápido nó com parte do comprimento da corda, atando a extremidade folgada ao seu pulso como precaução adicional antes de se ajoelhar novamente diante da latrina.

— Estás bem, Taislin? Taislin?

A única resposta que a princesa obteve veio na forma de um prolongado gemido de alívio após duas inquietantes batidas do seu coração.

— Taislin?

— Estou bem... deixa-me só descansar um pouco — disse o burrik, que pendia sobre o vazio de cabeça baixa e braços e pernas lassos, tendo enfiado a corda pelos anéis do seu arnês. — Pela mão decepada de Kispryn, gostava de ficar assim para sempre...

Lhiannah quis dizer algo, mas o único som que lhe saiu da boca foi um soluço, que tentou instintivamente tapar com a mão, um gesto que por pouco não conseguiu impedir antes de esfregar excremento nos lábios.

— Lhiannah?

— Eu... eu... — balbuciou a princesa, acabando por encostar a testa às costas da mão que agarrava a corda. Os seus ombros começaram a

tremer como as fundações de um edifício que se desmoronava, e as suas costas deslizaram pela latrina até assentar no chão.

— Lhiannah... o que foi?

— Oh, Taislin, tu não imaginas... tu não... ouvir a tua voz... — foi a arinnir dizendo a meio de convulsivos soluços. — Tu não... tu não imaginas como eu gostaria de te abraçar neste momento.

— Não gostarias não... acredita em mim — asseverou a voz do burrik vinda da latrina. — Estou cheio de cocô.

A cabeça de Lhiannah ergueu-se e esta riu a meio do seu choro, desviando o curso das suas lágrimas com os sulcos de um sorriso de boca aberta que havia muito não demarcavam a sua face.

— A sério. E levei com xixi... de meio palácio. Esta gente... anda a beber demasiada cerveja. Se calhar... algum até foi teu.

Lhiannah riu mais a meio do choro intermitente e, virando-se ligeiramente, pousou metade do braço direito sobre a latrina e deixou a outra pendente do buraco.

— Dá-me a tua mão, por favor,

— Não chego, Lhiannah. Por favor digo eu, não me faças subir mais. Ainda vou ter que descer isto tudo.

Fungando, a arinnir retirou o braço, inspirou fundo e acalmou-se, soltando ainda um último curto riso choroso ao esfregar o nariz com a manga.

— Taislin... — disse, já mais calma, virando-se completamente e ajoelhando-se para tornar a espreitar pelo buraco. — Que raio estás tu a fazer na *latrina*?

— Ainda bem que perguntas — enunciou o burrik, erguendo um

didático indicador que Lhiannah não viu. — Vai ser assim que te vou salvar. Através da latrina.

Silêncio, durante o qual o burrik oscilou frouxamente da corda, flutuando sobre um abismo fecal.

— O quê — ouviu Lhiannah dizer, e o tom de voz da princesa readquiriu os contornos dos quais Taislin se recordava, os de uma certa petulância que nem a um tom de interrogação se dignava, uma pergunta que apenas dava a entender que a outra pessoa era estúpida.

— Eu sei que parece de doidos, mas ouve-me só — pediu Taislin, gesticulando enquanto falava e oscilando pelo tubo como um boneco pendente de cordéis. — Eu infiltrei-me aqui no palácio, todos pensam que sou um rateiro. Estudei bem o interior, e as latrinas são a única forma de escapares.

Novo silêncio.

— Lhiannah?

— As... latrinas, Taislin?

— Eu sei, eu sei. Mas eu tenho isto muito bem planeado, Lhiannah, vais ver. Assenta tudo que nem uma luva. Até o Worick se vai ver forçado a admitir...

— O Worick? Sabes do Worick?

— Por acaso até sei — afirmou o burrik, cruzando os vangloriosos braços e olhando para cima de sobrolho erguido. — Deixaram-me entrar no quarto dele. Normalmente não deixariam, mas eu sou tão bom a apanhar ratos que...

— Viste-o? Como é que ele está?

— Parecia mais velho ainda, mas a barba dele eriçou-se quando o

insultei. Está bem.

— Mas bem como? O que é que ele disse? O que...

— Espera, espera! Eu não consegui falar com ele, estava a ser vigiado. — Embora não a visse, Taislin sentiu o desapontamento da arinnir e conseguiu mesmo visualizar o murchar dos ombros desta.

— Mas cruzamos os olhares, Lhiannah... quer dizer, ele abriu um dos olhos, e cruzou-o com os meus. E deixa-me que te diga, parecia um carvão a chispar. Aquele thuragar é demasiado ruim para ficar muito tempo em baixo.

A princesa riu.

— Eu vou tirar-te daqui, Lhiannah — asseverou Taislin, olhando para cima sem distinguir as feições da sua amiga. — A ti e ao Worick. Vou tirar-vos aos dois daqui. Juro.

Fungando, Lhiannah gesticulou futilmente com a mão pendente, como se quisesse por força agarrar a de Taislin, acabando por se contentar com a corda da qual o burrik pendia.

— Eu confio em ti, Taislin. Sabia que tu não me irias deixar.

— Claro que não — concordou o burrik com o seu sorriso reto, oscilando de um lado para o outro com o pescoço inclinado para trás.

— Diz-me uma coisa... tu não cabes nesse buraco, pois não?

— Hum... — A princesa afastou-se ligeiramente para o avaliar, embora tivesse a certeza de que nem com grandes contorcionismos nele caberia. — Não, é demasiado pequeno. Talvez tu conseguisses...

— Não, obrigado. Já tive mais próximo dessa parte da tua intimidade do que alguma vez gostaria...

As sobranceiras de Lhiannah franziram-se de indignação e a sua

boca descaiu, fechando-se de seguida de lábios franzidos quando o riso malicioso brotou do buraco, para o qual a arinnir olhou de esguelha.

— Eh, eh. De qualquer forma, a idéia é tirar-te daí — explicou o burrik, começando de seguida a remexer na mochila que trazia ao peito. — Mas não te preocupes, eu previ tudo. Apanhas?

— Apanho o quê?

— Vou-te atirar umas coisas. Não te armes em niquenta desta vez, que eu não as tenho amarradas.

— Eu apanho. Atira.

O buraco expeliu então um embrulho de lona limpo mas com dedadas de excremento que Lhiannah se forçou a ignorar. Continha um martelo, um cinzel, dois trapos rasgados e um odre de vinagre.

— Para que são estas coisas?

— Os trapos e o vinagre? Para que o cheiro não vos faça vomitar a meio da descida.

— *Vai?*

— Sim. Tu e o Worick. Ele virá ter contigo, e vocês os dois escapam juntos.

— Ele vem? Quando? Como é que...?

— Ainda não te sei dizer quando. Em breve. Só preciso de um pouco de tempo, e tudo se resolverá.

— Tempo? Quanto tempo, Taislin? Tempo para fazeres o quê? Eu estou aqui a...

— Confias em mim, Lhiannah?

— Eu... mas... tu... — A arinnir abanou a cabeça, levando a mão à testa e acabando por soltar um alegre suspiro. — Sim, Taislin, eu confio. De

alguma forma, a tua idéia maluca há de funcionar, seja ela qual for.

— É o que eu digo... nunca me dão o meu real valor — lamentou-se o burrik com intencional dramatismo. — Nunca ligam ao que digo, até ser sempre preciso eu tirar-vos o couro da frigideira, e aí então sim, ah, grande Taislin! Sempre confiei em ti!

Lhiannah riu, abanando a cabeça.

— Ri-te, ri-te. Quando eu te tirar daqui, vais passar a lavar as minhas meias, aí vais pois.

— Acho que as tuas meias são a *última* coisa que precisa de ser lavada, Taislin.

— Não deixas de ter razão — concordou o burrik, fungando detrás da máscara de vinagre como se estivesse a cheirar-se. — Acho que vou dar um mergulho ao rio de seguida. O melhor é ir andando.

Lhiannah agarrou-se à borda da latrina com ambas as mãos, por pouco não enfiando a cabeça no buraco.

— Tens... tens mesmo que ir já?

Taislin hesitou, olhando para cima com uma expressão subitamente mais entristecida, e a sua vontade foi a de subir pela corda e abraçar a sua amiga. Porém, sabia que cada instante que ali permanecesse apenas tornaria a inevitável despedida mais custosa, e tinha medo de tomar alguma decisão precipitada para tirar Lhiannah dali quanto antes, uma idéia que de fato já lhe ocorrera.

— Tenho. Podem deixar-me andar relativamente à vontade por aqui, mas se lhes dou um único motivo de suspeita, posso estragar tudo — explicou Taislin. — Eu tenho um bom plano desta vez, Lhiannah. A sério. Não deixei nada ao acaso, e preciso que as coisas corram como espero para

que funcione.

A princesa não estava habituada a ouvir Taislin falar assim, e foi sobretudo por essa razão que nada conseguiu dizer em resposta, surpresa como ficara.

— Tenho de ir, Lhiannah — reiterou Taislin, começando a libertar a corda que o cingia. — Ficas bem?

— Eu... Sim. Fico bem.

A acriançada expressão do burrik franziu-se com a óbvia hesitação da princesa.

— Lhiannah...?

A princesa levou a mão limpa à cara, debatendo-se com as emoções e sentimentos que ameaçavam irromper-lhe do peito, o seu ódio para com Aereth, o medo de Hepascar, a cada *vez* mais insuportável solidão... Mas não podia, não iria partilhá-los com Taislin, não por orgulho, mas porque estava ciente de que teria de ser corajosa e agüentar mais algum tempo. O tempo que fosse preciso. O seu amigo estava convicto de que a poderia tirar dali, precisava apenas de algum tempo. E Lhiannah dar-lhe-ia, por muito que lhe custasse.

— Fico bem, Taislin — afirmou, pigarreando. — Eu confio em ti.

Taislin soltou então o resto da corda e desceu até à ponta, após o que se tornou a encostar à parede.

— Podes puxar a corda agora. Guarda-a como puderes. Tu e o Worick vão precisar dela depois.

A princesa assentiu com um concordante ruído gutural, começando a puxar a corda suja com as mãos envoltas na sua saia. Taislin esperou que a ponta se escapulisse pelo buraco acima como a cauda de uma ratazana antes

de se despedir.

— Adeus, Lhiannah. Vemo-nos...

— Eu confio em ti — asseverou a princesa, e o burrik ouviu um ruído que podia bem ter sido o de uma mão a enviar um beijo.

— Não te vou deixar ficar mal, Lhiannah. Juro.

— Eu sei que não vais — sussurrou Lhiannah.

A princesa deixou-se estar na mesma posição, inclinando a cabeça sobre o buraco e virando-a para a esquerda para poder ouvir com o seu ouvido bom os sons que Taislin emitia ao descer. Ficou ali ajoelhada durante um considerável período de tempo, mesmo após ter deixado de ouvir quaisquer indícios de que o burrik ainda se encontrava no tubo. Assim que se fartou do ruído da sua própria respiração, abraçou-se aos objetos que Taislin lhe deixara e permitiu-se um momento de fraqueza, começando a chorar.

Thaddeo, o cirurgião, murmurava para consigo enquanto dispunha os seus instrumentos sobre o lavatório, uma das poucas peças de mobília no quarto do general Worick. Duvidava de que fosse usar algum deles, mas certos rituais eram de difícil desabituação, e o experiente médico ajeitou os escalpelos, sondas, ganchos de tração, agulhas, linha e afins numa série de perfeitas e ordeiras filas em redor da bacia. Vestia o seu habitual escapulário branco sobre uma túnica amarela, ambos quase tão apertados quanto os seus grisalhos e rebeldes caracóis debaixo da touca, pois Thaddeo era o melhor naquilo que fazia, e a sua reputação vinha com certos privilégios, como jantar freqüentemente à mesa de lorde Aereth. O seu mester era arriscado, pois uma intervenção menos feliz poderia significar uma imediata queda do estado de graça que a sua posição lhe auferia, mas Thaddeo ainda

não falhara, e não fazia tensões de deixar que o velho general fosse o seu primeiro fracasso devido a uma qualquer recaída. Era essa a principal razão que fizera com que continuasse a visitar o general regularmente, pois apesar de lorde Aereth ter deixado de ser tão insistente e aparentar ter relegado o thuragar à sua sorte, não deixava de ser sua responsabilidade, e ficava sempre bem ser o próprio cirurgião a fazer questão de acompanhar o paciente durante a sua recuperação.

Satisfeito com a arrumação dos instrumentos, Thaddeo acendeu uma vela numa palmatória e dirigiu-se então à cama na qual o general estava deitado, não notando grandes diferenças nele à primeira vista e a olho nu. As suas feições estavam mais magras, como seria de esperar, tendo em conta o seu recente regime nutricional à base de água com mel, e o ter estado encafuado num quarto sem janela em muito contribuíra para o seu palor. O calor da lareira era sempre bom, mas Thaddeo era um firme crente nas virtudes do ar fresco, só que Aereth opusera-se vivamente a deslocar o general Worick para um quarto com janela. Algo relacionado com a intolerável conduta do thuragar antes do acidente, aparentemente.

— Acquon os cure. Sozinhos parecem não ser capazes... — suspirou.

Thaddeo pousou as mãos sobre a garganta de Worick para lhe sentir a pulsação, pegando numa pequena ampulheta que lhe pendia de um colar e com a qual comparou as batidas. Satisfeito, palpou a zona debaixo da maxila de Worick, e tudo parecia estar em ordem, nada inflamado.

— Já vocês, thuragar, convosco parece ser precisamente esse o caso — opinou ao abrir o olho de Worick e aproximar a vela dele. — Nunca vi uma recuperação assim após uma operação destas.

Pousando a palmatória na cadeira ao lado da cama, Thaddeo destapou ligeiramente Worick, expondo-lhe o seu embarrilado peito peludo, cujo viçoso tufo também já exibía alguns pêlos brancos.

O torso encontrava-se riscado por uma série de cicatrizes, algumas das quais se cruzavam, mas nenhuma tão recentes quanto as da face e do lábio cortado. A avaliar pelo conjunto, o thuragar já nem tinha direito de estar vivo, mas ainda assim Thaddeo sentiu-lhe o coração, olhando brevemente para o vazio enquanto o fazia e, satisfeito com as batidas, baixou mais ainda os lençóis para ver e mudar a garrafa de urina. Porém, assim que aproximou a mão da virilidade de Worick, os salsichosos dedos do thuragar cerraram-se com força no seu pulso, torcendo-lhe ligeiramente e fazendo Thaddeo inalar de dor e surpresa através dos dentes ao levar o joelho ao chão.

— Calma aí, doutor — disse Worick com uma voz rouca, de ambos os olhos bem abertos. — Devo muito a essas suas mãozinhas, mas há partes de mim nas quais só mulheres mexem, está bem?

— General... Worick? — admirou-se o cirurgião, demasiado surpreso para se sentir ameaçado, embora o thuragar continuasse a agarrar-lhe o pulso com força. — Eu ia apenas ver...

— Pois, é o que todas dizem, que querem *apenas ver* — zombou Worick. — Ouça, o único problema que tenho aí em baixo é ele ser demasiado grande, mas ainda ninguém se queixou, e se se queixou é porque era virgem. Fique-se só pela minha barriga, entendido?

Worick deu duas palmadas no local com a mão livre, largou o pulso de Thaddeo para pegar ele mesmo no frasco de urina e cobriu de seguida as suas partes íntimas com a manta, erguendo o frasco para melhor o ver à luz

da vela.

— Que me diz, doutor? — indagou, agitando ligeiramente o conteúdo. — Está bem amarelinha. Por que será?

— Está com... boa cor — disse Thaddeo, erguendo-se e esfregando o pulso com a outra mão. — General Worick, sou cirurgião, deve compreender que eu não queria...

— Deixe lá estar isso — disse Worick com um despreocupado gesto da mão, pousando a sua urina na cadeira ao lado da vela. — Não foi o primeiro, mas será o primeiro cuja cabeça eu não esborracharei à martelada por tentar.

O riso rouco e rude do thuragar pouco fez para animar Thaddeo, mas Worick parecia particularmente satisfeito consigo mesmo e ergueu os braços para apoiar a nuca nas mãos.

— Ouça lá, doutor, não acha que eu já agüentava um caldozinho, um guisadinho, vá, uma papa de aveia?

Tossicando, o cirurgião cruzou as mãos atrás das costas para reassumir a sua pose.

— Não convém forçar demasiado os seus intestinos, mas sim, julgo que um caldo seria uma boa alternativa para já, se o general já se sente com...

Worick fungou ruidosamente, inclinando a cabeça para uma das farfalhudas axilas, e ergueu as apreciadoras sobrancelhas.

— Ui. Para quem ia morrendo numa banheira, estou aqui com um rico cheirinho. Que me diz de uma banhoca, doutor, ou acha que iria entrar água por algum buraco?

— Tenho particular confiança nas minhas capacidades com uma

agulha, general — disse Thaddeo secamente, começando a sentir-se incomodado com os chistes do thuragar. — Poderá tomar banho se assim o desejar.

— Ainda bem. E que sabe, doutor, uma das raparigas que veio mudar a garrafa ontem? — meio sussurrou Worick, indicando o recipiente com as sobrancelhas, inclinando-se de forma cúmplice para Thaddeo e pedindo-lhe que se aproximasse com um gesto convidativo do indicador. — Acho que ela só não mo malhou por causa do cheiro...

— Vejo que está bem, general — interrompeu o cirurgião, recuando um passo. — Informarei lorde Aereth do vosso estado de saúde, e transmitirei os vossos desejos aos responsáveis na cozinha.

Quase bufando de indignação, o humano dirigiu-se ao lavatório e começou a arrumar os seus instrumentos com bem menos cuidado que aquele com o qual os dispusera. Aparentemente satisfeito consigo mesmo, Worick recostou-se na almofada, ainda com a nuca apoiada nas mãos.

— Ah, doutor?

— *Sim?* — disse Thaddeo, fechando a sua mala com força e olhando incomodado sobre o ombro.

— Ainda ontem vi um rato. Estava a andar sobre o meu peito, e parecia querer entrar na minha barba.

— Como? — A atenção do cirurgião era novamente sua, tal como o previra, e Thaddeo acercou-se da cama. — Um rato? Aqui?

— Diria mais, uma ratazana — enfatizou Worick, conseguindo encolher os ombros apesar de estar com as mãos cruzadas atrás da cabeça. — E eu que pensava que Allahn Anroth era mais limpo que o rabo de um eahan...

— Mas isso *é... é* inaceitável! No quarto de um paciente meu! — barafustou Thaddeo, obviamente atrapalhado. — O camareiro saberá imediatamente disto!

— Andou por cima do lavatório, também, mas eu estava demasiado fraco para me levantar.

A lividez e a expressão do mais puro horror na cara do cirurgião foram, a ver de Worick, impagáveis, sobretudo quando o homem levou ao peito a mala dos seus preciosos instrumentos, que agora julgava conspurcados, olhando alternadamente para ela e para o lavatório. Sem mais uma palavra, lançou-se a correr para fora do quarto, fechando a porta com força atrás de si. Por sua vez, Worick limitou-se a rir maliciosamente. Se tinha de fazer o que o maldito burrik lhe pedira, então ao menos iria divertir-se ao fazê-lo.

CORAÇÃO DE SOMBRA

O Pilar de Allaryia era mais vasto do que mesmo muitos dos magos que dele estavam cientes o imaginavam, e incomensuravelmente mais extenso do que a mera noção que a maior parte das pessoas dele tinha. Isto porque, embora pudessem viajar por ele através das suas manifestações incorpóreas, mesmo aqueles que usavam a Palavra tinham apenas acesso àquela que era apelidada por estes de «a Fricção», literalmente a fricção causada pelo Pilar no espaço etéreo enquanto girava era si no movimento que acabara por ser medido através dos ciclos de noite e dia no mundo terreno. Por si só, a Fricção era um espaço amplo de energia descontrolada

no qual os magos se sentiam à vontade para canalizar o poder da Essência, mas não passava de uma fração do Pilar, uma mera consequência da existência deste. Os magos de Allaryia tinham ainda assim apenas acesso à Fricção de umas quatro partes do Pilar, que se encontrava dividido em nove segmentos, quatro dos quais estavam em contato com o continente, ou pelo menos contíguos a este. Mesmo para magos não era fácil definir a relação do Pilar com o mundo terreno, pois embora fizesse parte deste, a sua existência causava confusão quanto à sua verdadeira consistência: como movia Allaryia, se fosse imaterial, e como era possível viajar nele, se fosse sólido?

Ainda que tivessem apenas acesso direto à Fricção, os magos de Allaryia haviam encontrado meios de transpor essa limitação, assim como eras atrás haviam arranjado forma de contornar a barreira imposta pelas Entidades no acesso à Essência. Não era feito de pouca monta, mas aqueles que sabiam e podiam eram capazes de entrar literalmente no Pilar e explorar os seus verdadeiros domínios, mas apenas uma parte destes, pois uma vez dentro do Pilar havia perigos e restrições adicionais. Cada um dos nove segmentos era o lar de um dos Novos Deuses, sendo que cada um se encontrava por sua vez dividido em três partes como um bolo afanado. Os segmentos ilustravam a natureza tripartida de cada divindade, retratando os dogmas da respectiva fé em variantes de bem, mal e neutralidade. No centro de cada um desses segmentos residia um deus, e nas três talhadas viviam populações de azigoth, uman e divaroth, cada qual no seu lugar e eternamente em guerra ou disputa com as duas talhadas que lhe eram adjacentes. Era no centro de cada um dos segmentos que o verdadeiro poder se encontrava, o eterno fluxo e refluxo de pura Essência que criara o

mundo e alimentava os deuses. Nesse domínio, as três raças de serventes das Entidades eram forçadas a conviver, procurando reunir em seu favor as boas graças do deus do segmento no qual viviam numa eterna batalha pela predominância dos seus credos.

Com uma visão abrangente, o Pilar afigurar-se-ia a olho nu como uma estrutura que mais lembrava um qualquer quebra-cabeças, com talhadas negras, brancas e cinzentas em perpétuo desalinho, cada segmento a mexer-se independentemente do outro. Eram as batalhas entre os azigoth, os uman e os divaroth que faziam com que os segmentos se mexessem, dinamizando-os com o vigor das suas contendidas numa eterna busca pelo alinhamento perfeito com os restantes oito. Porém, tratava-se de uma busca paradoxal, pois o alinhamento perfeito de uma talhada significaria o mesmo para as outras, o que era inadmissível para qualquer uma das partes, visto que a confirmação de uma ideologia excluía as outras duas. Era uma luta sem fim, mas as três raças tinham sido criadas para tal, três opostos que nada mais podiam fazer além de se repelirem ou antagonizarem mutuamente, tudo com a singular finalidade de manter o Pilar em movimento e permitir à Essência renovar-se. Os serventes de Sirul;, Luris e Siris estavam cientes disso, mas as suas existências tinham um único propósito, e dedicavam-se de corpo e alma à consecução do mesmo, enquanto os deuses residiam nos seus domínios, ora favorecendo um lado, ora outro, desempenhando o papel de mediadores na guerra sem fim do Pilar.

As três raças não favoreciam nenhum deus em particular, limitando-se a tentar conseguir o favorecimento daquele que residia no centro do respectivo segmento, mas a relação entre as divindades e os servos das

Entidades estava longe de ser serena. Havia sempre dois lados desfavorecidos de cada vez que uma talhada caía nas boas graças de um deus — o que, dizia-se, podia mesmo influenciar os humanos que orassem ao deus em questão — e nenhuma delas confiava plenamente em qualquer um dos deuses. Muitos preferiam certamente eliminar as divindades pelo bem maior, a via mais fácil ou a solução mais conveniente, a fim de poderem levar a cabo a sua guerra sem limitações, mas tal não era possível. Tinham sido as Entidades a escolher os Novos Deuses e a criar as suas raças serventes, e cada um existia para um propósito complementar, pelo que as ancianas potestades haviam tomado as devidas precauções para que uma sublevação nunca pudesse pôr em risco o equilíbrio do Pilar. Nenhuma das raças podia levantar a mão contra um deus, pois tal estava profundamente enraizado na essência de cada uma das Entidades das quais eram compostas. No centro dos seus respectivos segmentos, os Novos Deuses reinavam supremos, imunes a qualquer ameaça. Tinham o inconveniente de tal lhes impossibilitar a capacidade de viajar, pois a cada deus fora-lhe designado um domínio que a ele lhe fora posteriormente vinculado, deixando-os para todos os efeitos aprisionados, mas os avatares haviam sido escolhidos a dedo pelas Entidades, e o poder divino provara ser ampla consolação para tal condição, bem como a quase ilimitada capacidade de moldarem os seus domínios à sua imagem e semelhança.

O sacrário de Assana era um bom exemplo disso, vistoso e opulento numa escala dificilmente igualável no mundo terreno, com um teto abobadado sustentado por enormes colunas com elegantes corpos humanos enleados nelas esculpidos, e decorado com garridas tapeçarias do tamanho de pavilhões que revestiam as paredes e pendiam do teto. Permeava-o uma

doce e suave fragrância afrodisíaca, um quase palpável olor capaz de enlevar qualquer visitante incauto. Debaixo de cada abóbada havia uma fonte com diferentes esculturas temáticas relativas aos dogmas de Assana, e entre ambas escorria um fluxo de pequenas partículas luminosas de cor carmesim cuja luminescência iluminava o sacrário e que corriam mais devagar do que água, mas que de todas as restantes formas se portavam exatamente como um líquido. As partículas eram as almas dos fiéis de Assana, os suplicantes, aqueles que não haviam escolhido fundir-se ao Pilar quando das suas mortes nem caído durante a escalada das suas montanhas. Persistiam ali para servirem a sua deusa mesmo após o término da sua existência, sendo elas as que serviam os fiéis da sua deusa quando estes requisitavam a sua ajuda através de orações, caso fossem dignos das boas graças desta. Corações quebrados ou inflamados, juras de amor e mesmo casamentos, tudo isso era abrangido pelos suplicantes, que após as suas vidas terrenas conheciam apenas uma vida de amor nas suas mais variadas formas, imersos da crença que em vida tinham defendido e pela qual alguns tinham mesmo lutado. Os males do mundo diziam-lhes apenas respeito na medida em que os poderiam aliviar em benefício de outros, respondendo às suas preces, mas no domínio de Assana encontravam-se seguros e isolados deles.

Ou pelo menos assim o fora durante uma era inteira, antes de essa mesma segurança ser definitivamente quebrada pelo corpo projetado de uma divaroth, que foi impelida contra uma parede por uma turva onda de poder negro. O ser angélico embateu com um baque surdo contra o mármore revestido por uma bela tapeçaria bordada, espirrando penas das asas antes de cair ao chão junto dos seus outros congêneres que também tentaram desafiar quem acabara de entrar no sacrário de Assana. As

tapeçarias junto da entrada estavam cortadas por golpes de espada, e sangue azul e prateado polvilhado de penas formava poças no chão marmóreo, o sangue de divaroth eviscerados e uman degolados. Os corpos formavam um rasto que ia de uma das entradas até perto do trono de Assana no centro do sacrário, diante do qual se encontrava Seltor de cabeça baixa, contemplando a sua obra enquanto a lâmina negra de Dalshagnar pingava o sangue daqueles que se lhe tinham oposto e que lhe manchava em igual medida a ebanizada armadura e a capa negra. Tal como esperara, o primeiro impulso dos divaroth fora o de o atacar, e após matar alguns fora logo afrontado pelos andróginos uman, esses certamente movidos pela falta de equilíbrio causada peia morte de divaroth com outros tantos azigoth na sala. As demoníacas criaturas tinham mantido a sua distância, sentindo uma óbvia afinidade com o filho de Luris, tanto mais pelo fato de estar a matar os seus inimigos declarados. As suas quitinosas garras estalavam em antecipação, e os desalmados olhos transmitiam alegria que de outra forma lhes seria impossível manifestar ao verem os divaroth caídos aos pés de Seltor. A divaroth que este projetara soergueu-se de braços trêmulos, apoiando uma mão sobre a moluscóide cabeça de um uman e franzindo as plúmeas sobrelanceiras com sangue a manchar-lhe de azul os escorridos cabelos brancos.

— *Shekelleh laban, Lany'isb...!* — imprecou de olhos platinados cheios de justificada cólera antes de perder as forças e tombar.

— Digam o que disserem acerca dos servos de Luris, nenhum é mais obstinado que os de Sirul — comentou Seltor, erguendo a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. — Não achas, Assana?

Espojada sobre o seu trono, e embora parecesse sedada, a deusa do

amor não deixava de ser um festim para os olhos de qualquer ser, divino ou não, sobretudo por se encontrar na mais negra faceta da sua natureza tripartida, a da inconsiderada sedutora, a maliciosa tentadora caprichosa. Com longos e anelados cabelos ruivos, lânguidos olhos azuis, lábios cheios e rubros contrastantes com a tez branca da sua pele, e um ornadíssimo vestido vermelho generosamente colado às suas formas imaculadas, era a imagem da própria luxúria. Seltor ainda ponderou se a presente forma de Assana seria uma mera conseqüência da fruição dos seus planos ou um ato intencional, pois mesmo sentindo-se seguro e senhor de si, não deixou de experimentar uma sensação de desejo. Porém, a deusa não respondeu, reagindo com a liquidez de alguém embevecido, e não devido a um propositado langor dos movimentos para o seduzir ou induzir em erro.

— Seltor... — disse com voz líbrica, uma voz capaz de levar um mortal ao êxtase apaixonado, mas que naquele momento o era apenas devido à languidez que lhe molificava os membros. — Por que... por que estás a fazer isto?

O Flagelo suspirou, abrindo a mão que empunhava a sangrenta Dalshagnar e deixando a Língua Negra dissolver-se nas sombras. Debaixo do intrigado olhar aleivosos dos azigoth escondidos atrás dos pilares e da indolente contemplação de Assana, subiu o estrado com passos metálicos a ecoarem no silencioso sacrário, detendo-se diante da deusa do amor e cobrindo-a com a sua sombra. O trono de Assana não era um sólio que transmitisse autoridade ou que intimidasse através da sua imponência, mas um acúbito de ouro acolchoado, feito para uma pessoa se deitar sobre ele, e fluía com graciosas formas humanas entre as quais um corpo se poderia alojar confortavelmente. A sua postura denotava uma certa lascívia

subjacente, de pernas convidativamente abertas, com uma a pender para fora do assento, mas Seltor sabia que tal não passava de um engodo com o intuito de o demover do que quer que planeasse fazer. Sabia também que se devia em parte às conseqüências do seu plano, o que, apesar de já antes o ter visto comprovado, lhe deu uma medida adicional de satisfação.

— Por que... nos estás a matar? — indagou a deusa.

— Acredita, Assana — assegurou-lhe Seltor com um semblante inexpressivo e impassível —, não é nada pessoal. É simplesmente algo que... tem de ser feito.

Com uma careta desagradada de quem se estava a sentir bem e confortável e tinha que se mexer, Assana agarrou-se a um dos braços do recosto do seu acúbito e ergueu o curso com um gemido de protesto, pousando então a mão sobre a negra couraça ensangüentada d'O Flagelo e olhando-o de baixo com lúbricos olhos azuis.

— Não me mates. Eu faço qualquer coisa — disse, e Seltor teve que apelar a toda a sua determinação para lhe resistir, pois os seus membros formigaram de antecipação diante da mera sugestão da deusa do amor.

A faceta negra de Assana era perigosa à sua maneira, mas O Flagelo viera preparado, e pegou-lhe delicadamente na mão de toque entorpecedor cora a sua manopla e afastou-a.

— Não, Assana. Lamento, mas é algo que tem de ser feito.

Os sensuais olhos da divindade esmoreceram então, e esta desfaleceu, sendo segurada por Seltor, que se ajoelhou diante do acúbito para a apoiar e manter perto de si, espraçando parte da sua aveludada capa no chão.

— Acredita que não derivo qualquer prazer disto; não contigo.

Porém, posso fazer com que seja... prazenteiro... e indolor para ti.

— Podes...? — indagou Assana, abrindo mais os olhos, desta vez de esperança.

— Posso — assegurou-lhe Seltor, passando-lhe os dedos revestidos de aço negro por trás da nuca, afagando-lhe os anelados cabelos ruivos.

A deusa do amor fitou o Anátema, a face da sua morte, olhando-o diretamente nos olhos negros, e abanou suavemente a cabeça.

— Nós... nunca pensamos... — admitiu. — Apesar do que aconteceu com o Ankhamon... nunca julgamos que fosses tão longe.

— Nem poderiam ter feito coisa alguma a respeito — disse Seltor com uma certa medida de sobrançeria. — Foram criados com um único propósito.

— O Pilar... por que envenenaste a fonte?

Seltor sorriu, afagando-lhe os cabelos e deslizando a outra mão pelo braço de Assana para lhe agarrar a dela.

— O meu sangue... o sangue de Luris — explicou. — Sangrei na sombra do Pilar, embora seja um pouco exagerado dizer que «envenenei» a fonte. Como deves ter percebido, a minha intenção era sedar-vos, infundindo-vos com um fluxo adicional de uma das três essências que vos compõem, desequilibrando-vos e deixando-vos vulneráveis.

— Mas porquê...? Nunca interferimos diretamente em nenhuma das guerras... que causaste. Nunca tomamos uma ação concertada... contra ti.

Apesar de saber que tal não era inteiramente verdade, Seltor fechou os olhos e fez que sim com a cabeça, apertando a mão de Assana com um pouco de mais força.

— Eu sei, Assana, eu sei. Pela parte que me toca, lamento que isto

tenha que ser assim, mas é um mal necessário, acredite ou não, pela sobrevivência da própria Allaryia.

— O quê...? Mas que dizes...?

Seltor abanou a cabeça e exalou através dos dentes de lábios franzidos para silenciar a deusa, continuando a afagar-lhe os cabelos enquanto o fazia.

— Não te preocupes, isso já não te diz respeito — disse, chegando a cara à de Assana e sussurrando-lhe: — Estás pronta?

— Não — admitiu a deusa do amor. — Mas a escolha também não é minha, pois não?

O Flagelo suspirou, fitando Assana durante largos e silenciosos momentos e começando então a aproximar os seus lábios dos dela. Por sua vez, a deusa recuou inicialmente um pouco, acabando contudo por inclinar simplesmente a cabeça para trás, fechar os olhos e deixar a boca entreaberta. O contato entre os dois foi vertiginoso para ambos, sendo que O Flagelo se viu repentinamente inebriado pela doçura e enlevado pelo formigueiro que lhe percorreu novamente os membros, desta feita com força decuplicada. Tal como esperara, Assana iria jogar a sua última cartada, e fá-lo-ia com todo o seu poder para o tentar encantar e dissuadir.

Sem interromper o beijo, que entretanto se tornara sôfrego, Seltor abriu os olhos negros e estes começaram a manar uma penumbra líquida, cujo percurso formou duas sombrias sobrancelhas arqueadas sobre os orbes d'O Flagelo. Assana arquejou e abriu os olhos totalmente pela primeira vez desde que Seltor a vira, obviamente surpresa, e a sombra de Luris jorrou-lhe então pelo corpo adentro, impregnando-a com a essência da própria tetra potestade. A deusa do amor começou a respirar apressadamente através do

nariz, ofegando e emitindo arquejos através dos escassos espaços entre os seus lábios e os de Seltor, que os pressionava insistentemente de forma a não interromper o beijo, puxando para si a nuca de Assana. Docemente envenenada pela essência de Luris, a deusa do amor foi-se deixando levar pelo mortal êxtase por ela causado, começando lentamente a descair sobre o seu leito e sendo acompanhada pelos braços d'O Flagelo. A sua respiração começou então a amainar, e as mãos manchadas nas frestas da armadura de Seltor deslizaram por esta abaixo até uma cair sobre o acúbito e a outra para fora dele. Por fim, a nuca de Assana começou a pesar sobre a palma d'O Flagelo, e os lábios da deusa do amor tomaram-se lassos. Seltor apartou os seus com um quase inaudível estalido e a sombra líquida cessou de brotar dos seus olhos quando este os baixou para constatar que a deusa do amor estava morta.

Com um suspiro, Seltor pousou suavemente a cabeça de Assana sobre o acúbito e ergueu-se, sem contudo tirar os olhos da deusa, que mesmo na morte continuava a encantar com a sua impossível beleza. Os lábios d'O Flagelo ainda formigavam, e este passou por eles os dedos revestidos de aço negro da manopla, piscando os olhos e abanando a cabeça para se livrar da sensação de enlevo que nele perdurava. Enquanto o fazia, a pele de Assana começou a luzir como um rubi diante de uma chama, fulgindo de dentro com uma luz carmesim. Embora ainda desconhecesse as verdadeiras conseqüências da seqüela, Seltor já a vira suceder com os outros deuses que matara, e não recuou de surpresa como da primeira vez. A deusa do amor começou então a desincorporar-se diante dos seus olhos, reduzindo pele e roupa a meras partículas luminescentes semelhantes aos suplicantes, em direção dos quais estas subitamente jorraram, dividindo-se

no ar em várias ramificações que penetraram nos vários fluxos de suplicantes pelo sacrário fora. Quando a sua fonte se exauriu, a deusa do amor desapareceu por completo, deixando o acúbito vazio, e o fluxo e refluxo de suplicantes foi subitamente interrompido. Quando retomou o seu curso, fê-lo a um ritmo muito mais acelerado, com cada uma das partículas a vibrar de energia divina enquanto fluíam, cada vez mais rápidas, até que, sem qualquer aviso, desapareceram com um estampido e um clarão, aos quais se seguiu a escuridão no sacrário.

O silêncio veio com o negrume, que era apenas amainado pelo fraco brilho das abóbadas e das estátuas, que luziam como pedras em mortíça brasa. Seltor não era estranho à escuridão, e deixou-se estar na mesma posição enquanto olhava para o acúbito vazio, de cabeça baixa e aparentemente meditabundo. Porém, não estava sozinho, e dúzias de olhos amarelados brilharam no escuro, cercando-o aos pés do estrado como uma matilha curiosa, raspando o chão com as suas protuberâncias e espículos quitinosos, e de dentes e garras estalidentes.

— Magnífico, filho de Luris — congratulou-o uma voz chiante, zumbindo de malícia. — Sempre nos questionamos se irias interferir, quando por fim auxiliadas os servos da tua mãe e nossa progenitora. Agora que aqui estás...

Seltor ergueu a cabeça, com a difusa luz vermelha do sacrário a sombrear-lhe os olhos e contornos da face e boca.

— Agora que aqui estás, o Pilar será nosso — continuou a voz, à qual outras anuíram com grunhidos de estalidos intermitentes. — Aniquilaremos de vez os malditos divaroth e uman, e...

— Desapareçam — disse Seltor secamente, virando a cabeça para

olhar por cima do ombro. — Ou destruo-vos a todos.

O novo silêncio evidenciou a grande surpresa dos azigoth presentes, entre os quais mesmo os estalidos das suas quitinosas peles cessaram. Premindo os lábios, O Flagelo apartou a sua mão da sua anca, abrindo-a, e sombras começaram a redemoinhar na sua palma, assumindo lentamente a forma de Dalshagnar. Aviso mais claro não foi necessário, e os azigoth bateram prontamente em retirada, debandando para fora do sacrário e vociferando pragas e maldições. Seltor baixou então novamente a mão e as sombras desta jorrantes dissiparam-se, tornando-se porém mais prevalentes no sacrário à medida que o brilho residual do mármore ia esmorecendo. O Flagelo deixou-se ficar um pouco mais na mesma posição, ainda a olhar para o acúbito, até que, com um suspiro final, se desincorporou ele mesmo na penumbra, deixando para trás o pesado silêncio do deicídio e a certeza de que nada mais seria como dantes.

FIOS DO DESTINO

Quenestil encontrava-se acorado no cimo de um barranco com

vista para a extensão plana de terra na qual Horavog se situava. Imóvel e meditabundo, de dedos entrelaçados e cotovelos apoiados sobre os joelhos, o eahan mais parecia uma silenciosa gárgula empoleirada e esculpida do próprio basalto da montanha, com o arco a projetar-se do ombro direito e o punho do facalhão saliente da anca oposta, tendo como único sinal de vida a ligeira névoa que lhe manava regularmente das narinas. Semelhante impressão era tanto mais reforçada pelas brumas que revestiam metade da montanha naquele dia escuro e taciturno, unindo-se com o céu, deixando o mundo em redor em tons pretos e brancos e umedecendo os cabelos ruivos de Quenestil, que se lhe colavam à cara. A seu lado, sobre uma molhada rocha basáltica, estavam as placentas daqueles que todos criam ser os seus filhos. Todos menos o próprio alegado pai. Antes de se ter retirado da quinta, a parteira wolhyna viera ter com ele, empunhando ambas as placentas como troféus que o shura esquecera, e grasnando qualquer coisa acerca de filhos e saber. Agtor explicara-lhe que se tratava de uma tradição wolhyna, deixar as placentas dos recém-nascidos expostas à intempérie, para ver que animal se aproximava delas. Segundo os norrenos, o tipo de animal seria determinante para a formação da personalidade da criança, ou pelo menos um forte indicativo dos traços de caráter desta. Quenestil fizera a vontade à mulher, mas não estava particularmente interessado no resultado e já praticamente esquecera as placentas, perdido como estava nas suas conturbadas reflexões. Precisara de fugir da quinta, de encontrar um local silencioso onde pudesse meditar, longe dos olhares expectantes dos eahlan, das caras curiosas dos wolhynos, das insistências de Slayra, da presença dos seus... dos bebés. Ainda não sabia ao certo o que sentir em relação a eles, mal os vira sequer, e tão-pouco se permitira o tempo necessário para pensar

muito no assunto, preferindo antes imergir-se na nova sensação que o distraía de outras considerações e que ao mesmo tempo o repugnava. Encontrava-se possuído por um sentimento que não se julgara capaz de nutrir, um sentimento que era de modo geral estranho, se não mesmo desconhecido aos da sua raça.

Sentia rancor. Sentia um furioso ódio para com aqueles que o haviam deixado em semelhante situação, perigando as pessoas com as quais se importava, causando a morte de várias outras e forçando-o a tantas custosas decisões. Os malditos tanarchianos, os traidores desgraçados que tinham vendido a alma a'O Flagelo, os imbecis humanos que se recusavam terminantemente a aprender com o passado, sempre obcecados com a noção de forjarem o seu próprio futuro, independentemente do custo. O seu melhor amigo era humano, havia sido e estava a ser acolhido por humanos na Wolhynia, e Idranil, a sua aldeia, sempre fora um exemplo das possíveis boas relações entre eahan e humanos. Porém, o seu pai sempre o advertira de que nem sempre assim era, que muitos dos seus congêneres eram depredados e explorados pelos Primogênitos, e que os eahan de Idranil se deviam dar por afortunados por terem caído nas boas graças de um seleto grupo de humanos de boa índole, cuja amizade deveriam valorizar e nunca tomar como um dado adquirido. Mais ainda que Alyun, Tanarch mostrara a Quenestil a face mais feia dos humanos, uma face que lhe merecia todo um espectro de emoções que teriam certamente aterrorizado os seus amigos e familiares em Idranil. Quenestil queria que Tanarch pagasse, e que pagasse bem caro pela sua traição e pelas atrocidades cometidas. O seu espírito não era feito de um molde que comportasse semelhantes sentimentos, mas não obstante o shura sentia-os, e sentia-os

com uma intensidade tal que a sua postura imota era o perfeito oposto do que lhe ia na alma. Não só, sentia-se como uma forma com uma fratura recém-descoberta, prestes a quebrar devido à insustentável tensão que o fazia tremer por dentro.

A sensação acompanhara-o desde o ataque dos skrimmen, desde que se lançara numa perseguição infrutífera em busca do humano que vira antes do combate. O espírito do volverino rosnara, como sempre o fazia nas alturas em que Quenestil o deixava vir à tona, e o eahan estivera mais que disposto a atacar o desconhecido com unhas e dentes assim que o apanhasse. Tal não acontecera, pois o humano escolhera bem o seu trilho, retirando por uma vereda basáltica e desprovida de resquícios de neve, o que, aliado à escuridão da noite, acabara por desorientar Quenestil, deixando-o furioso e frustrado. O ataque dos skrimmen despertara definitivamente nele o rancor que até então suprimira, ou que pelo menos mal reconhecera, pois o mais semelhante que alguma vez sentira haviam sido os acessos de fúria do volverino. Contudo, nem mesmo esses se comparavam àquilo que sentia, ao ódio vingativo que o levava a meter o nome de Tanarch numa das suas flechas. Já antes sentira algo semelhante, ao combater a Guarda Marcial em Alyun, ao confrontar o druida negro, ao matar violentamente eahanoir para escapar de Jazurrieh, ao defrontar Tannath, mas nada se comparava ao ato de declarar guerra solitária contra toda uma nação. Não só isso, como também se sentia disposto a gastar todas as suas flechas com nomes de skrimmen, caso eles ousassem tocar num só eahlan, caso pusessem em perigo a gente que o acolhera e aos seus.

Fosse como fosse, Quenestil sentia que não devia ser tão rancoroso; ia contra aquilo que o seu pai lhe ensinara, contra a índole da sua raça. Era

certo que o caminho que escolhera como shura já por várias vezes lhe permitira explorar os limites da sua raiva e de toda uma série de emoções negativas, embora semelhantes ocasiões nunca tivessem passado de momentos passageiros nos quais para todos os efeitos estivera possuído pelo espírito do seu irmão volverino. Não, aquilo que sentia era algo de novo, tanto mais exacerbado pelos conflitos emocionais causados por Slayra e pelo parto, e vinha acompanhado de um certo receio, receio daquilo que poderia vir a ser levado a fazer. Por sua vez, esse receio apenas alimentava mais a incipiente fúria do eahan, tal como a um animal que já fora demasiado assustado e cujo último recurso era simplesmente morder e espedaçar cegamente em redor...

O bater de asas despertou Quenestil, cuja cabeça se virou na direção da rocha sobre a qual jaziam as duas placentas, e sobre a qual pousou um corvo. A ave crocitou como se estivesse a cumprimentá-lo, piscando os olhos negros e inclinando a cabeça ora para um lado ora para outro em pequenos movimentos bruscos. Eahan e corvo fitaram-se, separados por duas escurecidas e mirradas placentas, e Quenestil emulou os gestos da ave num momento de empatia animal e de abstração dos seus nefastos pensamentos, inclinando a sua cabeça para o lado e deixando pendentes duas molhadas madeixas de cabelo. O corvo olhou alternadamente para as placentas e para o shura, dando a falsa impressão de estar a fazer cerimônia, e ergueu uma hesitante pata antes de avançar. Vendo que o eahan não se parecia opor, o corvo ainda assim crocitou à laia de pedido de permissão, ruflando as penas úmidas. Quenestil permaneceu imóvel, pingando algumas gotas das pontas das madeixas, e a ave achou então por bem servir-se, posicionando-se diante de uma das placentas com um pulo e debicando-a.

Ao ver que nem mesmo esse gesto provocara qualquer reação, debicou a placenta duas outras vezes, fazendo-a saltar como se estivesse viva. Quenestil ainda considerou brevemente o que os seus congêneres diriam de tal aproveitamento daquele que no fundo era um símbolo do sacrifício de uma mãe, mas concluiu que as placentas acabavam enterradas ou atiradas fora de qualquer forma, e que aquela era apenas uma forma ritual de se ver livre delas. Pelo menos não sabia o que fora feito da sua, e o corvo parecia estar a tirar bom proveito daquela...

— Vai ser fiel aos pais e à família, e não terá medo da escuridão — disse uma voz de homem atrás de Quenestil.

O shura descaiu para o lado, tirando o arco do estojo durante o movimento, rebolando, e ergueu-se numa posição acocorada já com uma flecha plantada no fio. O corvo crocitou e espanejou o ar com as asas, afastando-se, mas o alvo de Quenestil deixou-se estar quieto. Era ele, o homem que o avisara do ataque dos skrimmen.

— Tu! — vociferou o eahan, sem baixar o arco.

O indivíduo assentiu, cruzando os tranqüilos braços e encostando o ombro a uma projeção basáltica. Sem a ajuda das sombras da noite e a lua às costas, parecia menos imponente que o que Quenestil se lembrava, e não devia ser mais alto que o eahan, embora tivesse um porte bem mais robusto. Envergava uma grossa pelagem de urso branco sobre uma camisa de cota de malha, com a enorme cabeça do animal sobre o ombro direito e a pata quase amigavelmente pousada sobre o esquerdo, entre as quais se via um grande broche ornado que prendia duas dobras de pele. Um grosso cinto com fíbula embelezada apertava-lhe a basta cintura, e sob esta ainda se via a bainha de uma túnica desbotada debaixo da orla da cota de malha. Usava

grossas botas e luvas de pele enfaixadas com tiras de couro, e às costas viam-se o rebordo de um grande escudo redondo e o exótico punho de uma espada, com punho com o feitio de uma pata que terminava num pomo em forma de casco e copos à semelhança de uma cabeça de carneiro com chifres curvos.

— Eu — disse o wolhyno num Glottik falado às cautelas, como quem manejava uma arma à qual estava desabitinado. A sua cara era redonda, meio achatada, tinha uma testa larga com a linha do seu liso e encanecido cabelo escuro a recuar, e a sua boca era pouco mais que uma linha horizontal debaixo de um nariz direito. A expressão que ostentava não era propriamente amigável, mas os seus olhos azuis sobre papos e debaixo de sobrancelhas de uni branco níveo possuíam naquele momento um peculiar brilho que não lhe conferia de todo um ar ameaçador.

— Falas... a minha língua? — indagou Quenestil, ainda com a flecha perfeitamente alinhada com a ligeira papada no grosso pescoço do wolhyno.

— Sim — respondeu o homem sucintamente, indiferente à seta. A sua voz era aberta, e não tinha o tom profundo que seria de esperar do seu porte. — Pensava que falavas Hjrutmalv, mas naquela noite vi que não. Há muito tempo que esperava por ti, e pensava que...

— Quem és tu? O que queres? — interrompeu o eahan, soerguendo-se de arco frechado. — Ficas já avisado, esta não é uma boa altura para me aparecer pelas costas e começar a falar em enigmas...

O wolhyno ergueu as mãos e baixou a cara.

— Calma. Não falo Glottik há muito tempo — pediu o homem. — Sou. Ihjseorn, o Urso Branco.

Sem mais nada adiantar, o homem baixou as mãos e fitou Quenestil,

aparentemente à espera de uma resposta. O eahan hesitou, aproximando-se uns meros e quase imperceptíveis passos, sempre de arco empunhado, mas o olhar do homem conseguiu de alguma forma fazer com que se sentisse descortês.

— Sou Quenestil... Anthalos.

Ihseorn emitiu um intrigado som gutural, franzindo as sobrancelhas brancas e inclinando de seguida a cabeça para o lado de olhos semicerrados, como se estivesse a observar o shura mais atentamente.

— *Roiden...* um eahan? — admirou-se o wolhyno. — Isto é... uma surpresa.

— Uma surpresa porquê? — quis Quenestil saber, fazendo um gesto brusco com o arco frechado. — Já estou farto de ouvir pessoas a falarem de mim como... como se eu representasse alguma coisa para elas!

— *Bpljr un yld...*

— E que conversa é essa do «fogo», afinal? Falam sempre do fogo quando eu estou por perto! O que é que isso tem que ver comigo?

Ihseorn semicerrou os intrigados olhos, acenando com a cabeça como se algo lhe tivesse sido confirmado.

— Fala! — instou o eahan, hostil. — Faia, ou eu...!

— Os skrimmen não te... preocupam? — contrapôs o wolhyno.

— Que sabes tu dos skrimmen? Que têm eles a ver com o fogo? És um deles?

— Eu? Não, não... — negou Ihseorn, abanando as mãos diante da cintura. — Mas conheço-os bem. Posso ajudar-te contra eles.

Foi a vez de Quenestil semicerrar os olhos, os seus plenos de desconfiança, mas o wolhyno não pareceu afetado.

— Eles são uma... ameaça para ti, não são? Para ti e para as pessoas que vieram contigo.

— E tu, não és?

O humano formou uma linha quase perfeitamente oblíqua com o seu sorriso.

— Tu não sabes muito sobre os Fiordes dos Piratas, pois não?

— É assim que se chama este lugar? Pensava que estávamos na Wolhynia...

— Ah, sabes um pouco — disse Ihjseorn de forma quase condescendente, cobrindo então a área em redor com um abrangente gesto do braço. — Estamos no extremo norte da Wolhynia, mas as pessoas não vêem os Fiordes como parte dela. Os Fiordes são mais... uma prisão para wolhynos. E os skrimmen que viviam aqui antes não gostam de nós.

Por mais que tentasse, Quenestil não se conseguia lembrar de qualquer referência a semelhante lugar. Não que se tivesse dedicado com particular afincamento ao estudo da história da Wolhynia de qualquer forma...

— Os skrimmen tentaram sempre expulsar os wolhynos dos Fiordes, e Horavog não é uma quinta forte. A norte daqui — Ihjseorn apontou com o braço esquerdo na referida direção, além da montanha sobre as suas cabeças —, os skrimmen preparam-se para atacar.

— O quê?

— Um grupo de caça. Têm ulkatr e... a *kuvamora* deles vem... à cabeça.

«*Mais nomes não...*», gemeu Quenestil para dentro. — Quem?

— A *kuvamora*, a... mãe da manada. Da tribo.

Ihjseorn parecia dar grande importância ao título, mas Quenestil

não fazia a mínima idéia de como se deveria sentir diante da sua menção, e o wolhyno pareceu reparar no seu alheamento.

— Significa que não vêm por ovelhas — explicou. — Vêm matar a alcatéia de lobos. Vêm matar os seus inimigos.

— Calma aí — pediu o shura, abanando a cabeça. — Estou farto que me venham contar as suas histórias e as das suas terras e depois olhem para mim como se fosse minha obrigação fazer algo a respeito. Isto...

— Podes baixar o arco — interrompeu Ihjseorn, indicando a arma com o dedo. — Não te vou fazer mal.

Quenestil não parecia estar com grande vontade de o fazer, embora o homem tivesse até então dado tudo menos mostras de qualquer hostilidade. Já as suas verdadeiras intenções eram um assunto totalmente diferente, e parte da razão pela qual o eahan hesitou em baixar o arco, embora acabasse por o fazer de qualquer forma. Ihjseorn era uma ameaça credível, mas o seu tom de voz fez com que o shura sentisse que talvez estivesse a exagerar um pouco, levando-o a enfiar a flecha novamente na aljava.

— O que é que queres de mim? — quis Quenestil saber, já com a voz menos agitada e com o arco na horizontal.

Ihjseorn ergueu uma sobrancelha branca.

— Por que pensas que eu quero alguma coisa de ti?

— Aqui, toda a gente parece querer.

O wolhyno não percebeu, mas captou o suficiente do tom de voz do eahan para ter uma idéia do que este queria verdadeiramente dizer, e sorriu um novo sorriso oblíquo.

— Quando o sol se levantar amanhã, traz homens com armas. Sai

da quinta e vai pela estrada para Oeste. Quando vires a... a... — Ihjseorn fez um V com ambas as mãos. — Quando vires isto na montanha, sobe pela direita. Depois desce até chegarem à água quente. Eu estou lá à vossa espera.

— O quê? Mas por que é que eu havia de...

— Não façam fogo, e tragam comida para dois dias. Ah, e não digas o meu nome. Diz só aos homens que sabes onde os skrimmen estão, e que queres proteger Horavog.

— Alto lá — disse Quenestil, avançando um passo e apontando um indicador da mão livre a Ihjseorn. — Eu não te conheço. Não sei quem és, não sei quem ninguém é aqui, e mal percebo o que se está a passar nesta terra. Agora queres que eu arranje homens armados e vá caçar esses skrimmen?

— O que eu disse é verdade — afirmou Ihjseorn despreocupadamente. — Os skrimmen vêm a Horavog, e querem matar todos na quinta. Tu e as pessoas que vieram contigo vão ficar na quinta, não vão? Nasceram duas crianças.

As duas placentas para as quais o wolhyno apontou reforçavam o que dizia, embora não com tanto peso quanto Ihjseorn esperara.

— Vão ter de ficar em Horavog — afirmou, alheio aos pensamentos do eahan. — E os skrimmen vão atacar Horavog. Não sou eu que quero uma coisa de ti. Tu é que deves querer alguma coisa de mim.

— Eu? — duvidou Quenestil.

— Sim. Deves querer que eu te ajude. E eu vou ajudar-te. Com a minha ajuda, os skrimmen não vão magoar as pessoas que vieram contigo, não vão magoar ninguém em Horavog.

— Porquê? — inquiriu o eahan prosaicamente.

Ihseorn. sorriu, e então olhou para trás de Quenestil, erguendo o queixo redondo como para indicar que este devia fazer o mesmo. Hesitando de início, o shura acabou por olhar por cima do ombro, mantendo um olho no wolhyno.

— Não vejo nada.

Ihseorn indicou-lhe que olhasse por cima do ombro direito, e ao fazê-lo, lobrigando mais atentamente através da névoa, Quenestil viu que três homens se aproximavam de Horavog vindos do trilho nordeste. Àquela distância e com tais condições de visibilidade era-lhe impossível distinguir detalhes, mas os três pareciam avançar com um propósito que não lhe transmitiu qualquer confiança.

— São homens de Dal-unn-Soid, da quinta de Skolsvein — informou o wolhyno. — Devias ver o que eles querem.

Quenestil virou-se novamente para Ihseorn, dando mostras da sua frustração através dos dentes cerrados, aos quais o humano se mostrou indiferente.

— Ainda tens que me responder a algumas perguntas. Não penses que...

— Em dois dias posso dar-te respostas, mas agora deves ver o que os três querem. Pode ser importante para Horavog.

Indeciso, o shura olhou revezadamente para Ihseorn e para os três homens, que naquele momento se detinham diante de uma das estacas que Oska mandara erguer com as cabeças dos ulkatr. Um deles parecia estar armado.

«Que os azigoth os levem a todos», praguejou. «Vou ser o joguete de toda a

gente aqui?»

Enfiando o arco ocarr no estojo, Quenestil recuou alguns passos na direção da ladeira e apontou um acusador dedo da mão livre a Ihjseorn.

— Vais responder às minhas perguntas — enfatizou. — Eu não vou fazer nada sem saber o que se está verdadeiramente a passar.

— Dois dias — limitou-se Ihjseorn a dizer, erguendo um igual número de grossos dedos enluvados.

O eahan comprimiu os lábios, mas nada mais disse, e virou as costas ao wolhyno para começar a descer a ladeira na direção da quinta.

— Quenestil — ouviu atrás de si, virando-se de lado para olhar por cima do ombro.

Ao ver a placenta singrar contra a sua cara, deu o resto da volta e agarrou o visceral projétil com ambas as mãos, derrapando ligeiramente pelo escabroso basalto com a perna que levava atrás. Assim que recuperou do sobressalto, Quenestil fitou Ihjseorn como se este o tivesse atacado, mas o imperturbável wolhyno apenas sorriu o seu sorriso oblíquo.

— Não queres saber como o teu outro filho vai ser? — perguntou, indicando posteriormente com o polegar a placenta que ficara para trás. — É... menino ou menina?

Quenestil ainda fitou o humano durante alguns instantes adicionais com a boca entreaberta, recuando a passos lentos enquanto o fazia, mas nada mais disse e tornou a virar-lhe as costas, estugando o passo da sua descida sem olhar novamente para trás.

— Nem sei — disse, mais para si que para Ihjseorn.

Descida a superfície mais íngreme, Quenestil correu pelo nivelamento da montanha fora, pois a superfície rugosa dos pés desta

obstruía-lhe a vista da quinta. Os do eahan trituravam aceleradamente o trilho basáltico que percorria, escorregando ocasionalmente numa mancha de neve seca ou sendo amortecidos por uma de musgo fofo. Quenestil já estava razoavelmente familiarizado com o terreno em redor, tendo tido ocasião de o estudar durante os seus retiros esporádicos de Horavog, e sabia qual a rota mais adequada a tomar para chegar o mais depressa possível à quinta. Enquanto descera a vertente observara os três homens a aproximarem-se, e vira alguém sair do edifício principal da quinta um pouco antes de a sua vista ser obstruída pelos pés da montanha. Ainda ponderara esperar e ficar a observar, mas rapidamente chegara à conclusão de que preferia estar por perto caso houvesse problemas em vez de ficar à espera que algo acontecesse à distância. Já descera abaixo do nível da neblina, mas os jorros de vapor que lhe saíam da boca enquanto corria ameaçavam criar outra, expelidos pela dor que lhe queimava as pernas ainda feridas. Ficara apenas apreensivo quando Ihjseorn lhe indicara os três desconhecidos, não os reconhecendo propriamente como uma ameaça, mas à medida que descera fora congeminando mais e mais negras possibilidades. Os eahlan encontravam-se lá em baixo, e Quenestil jurara protegê-los, jurara pela sua vida quando do nobre sacrifício do Castelão Aedreth. Os próprios habitantes da quinta... podia desconhecer os seus motivos, mas estava indubitavelmente em dívida para com eles. E Slayra, e os... bebês.

Sentindo-se preso e manipulado, Quenestil rosnou e conseguiu estugar mais ainda o passo, meio a fugir dos seus pensamentos, meio a correr para saber quais as verdadeiras intenções dos três desconhecidos. Ao chegar à beira do pequeno barranco além do qual se estendia o prado da quinta, Quenestil achou que talvez fosse avisado não se revelar logo de

início e agachou-se, rastejando até à borda para observar. Os três homens que vira do cimo da montanha dialogavam com o indivíduo de cabelos brancos e o de barba ruiva que o costumava acompanhar, cujos nomes Quenestil não fixara ou simplesmente não chegara a saber. Os outros três eram altos, todos com longos cabelos louros e porte de guerreiros, ou pelo menos confiantes. Trajavam roupas simples, semelhantes às dos habitantes de Horavog, com algumas peles à mistura, dois deles tinham machados de lenhador ao cinto e o terceiro uma espada embainhada. Tanto o ruivo como o de cabelos brancos vinham desarmados, à exceção da faca ao cinto do segundo, e o ímpeto da discussão parecia provir sobretudo dos visitantes, como se as armas lhes dessem vantagem. A cara do indivíduo de cabelos brancos parecia mais ruborizada que o que era costume, e este apontou repetidas vezes para as cabeças de ulkatr nas estacas, indicando-se de seguida a si mesmo, por pouco não espetando o polegar no peito, e aludindo amiúde ao trilho do qual os três tinham vindo. O vento leve que soprava do mar trazia indistintas palavras exaltadas aos ouvidos do eahan, que não foi capaz de as compreender, mas que percebeu não se tratar de mera conversa de circunstância. Quando o homem dos cabelos de posta de bacalhau desfiada saiu do edifício principal para se juntar aos outros dois, trazendo a mão perto da faca do cinto, notou-se um certo escalar da tensão, esse tanto mais intensificado quando Agtor veio atrás, deixando à porta homens hesitantes que um grupo de mulheres procurava incentivar.

Quenestil rastejou um pouco mais para a frente, arrastando-se pelos cotovelos, e reparou que entretanto a porta do celeiro também se abrira. Era evidentemente Deadan quem espreitava, e o shura temeu que este carregasse porta fora de espadão desembainhado caso visse os três

wolhynos como uma ameaça para os eahlan. Felizmente, não foi essa a sua reação, e o jovem limitava-se de momento a observar. Já os wolhynos não davam mostras de tanta moderação, e os ânimos começavam a exaltar-se na forma de gestos cada vez mais bruscos e com cada vez mais vozes a tentarem sobrepor-se umas às outras.

«*Não estou a gostar disto*», pensou o eahan. Dír-lhe-ia a situação respeito? Deveria ou não interferir?

Agtor tentou mediar a situação, interpondo-se entre os dois grupos, mas foi rudemente empurrado por um dos altos louros, que lhe apontou um dedo e às montanhas em redor, ficando de seguida o que quer que estivesse a dizer com um indicador repetidas vezes apontado ao chão. O homem de cabelos brancos e o da posta de bacalhau não gostaram, manifestando-se efusiva e agressivamente enquanto que o da barba ruiva preferiu manter-se atrás. Foi então que um dos louros puxou do seu machado para fora do cinto, empunhando o longo cabo com ambas as mãos e levando a cunha ligeiramente atrás num gesto claramente ameaçador. Os de Horavog recuaram uns passos e o homem do machado assumiu a dianteira, invectivando-os e pontuando quase cada palavra com um intimidador recuar do machado. Os outros dois mantiveram-se atrás, com as mãos a comicharem perto das suas armas mas aparentemente contentados com a demonstração de força do seu companheiro. Agtor tentou novamente ser a voz da razão, mas contra o machado não parecia haver grande argumento, pois este tornou a cortar qualquer hipótese de diálogo com uma nova simulação de golpe. Foi então que alguns dos homens à entrada do edifício principal ousaram sair, incentivados pelas mulheres, que puxavam e empurravam os mais hesitantes. Deadan deixou a

porta do celeiro entreaberta, mas retirou-se para o seu interior com claras intenções. Os outros dois louros crispavam os dedos nos punhos das suas armas, sentindo a iminência de um conflito.

Foi então que uma flecha sibilou, embebendo-se no cabo do machado perto da cunha, e arrancando-o das surpresas mãos do wolhyno que o empunhara. O silêncio caiu sobre Horavog como se tivesse sido ele abatido, e todos olharam para a arma caída no chão, cravada na qual a seta ainda tremia. A reação instintiva da maioria foi olhar de seguida na direção da qual a flecha viera, e todos viram Quenestil à beira do barranco, de arco empunhado e com este numa neutra e relaxada posição horizontal, que contudo dava a entender que havia mais flechas de onde a primeira viera.

— *Ekk_{sf}* — vociferou em Hjrutmalv, lembrando-se da palavra que os seus anfitriões monteses haviam usado para porem as ovelhas a mexer. Porventura não passava de uma interjeição, e seria mais insultuosa que o que pretendia, mas naquele momento não se lembrou de nenhuma outra expressão.

A surpresa estava tão patente nas caras dos de Horavog como nas dos estranhos, e Quenestil achou que talvez devesse ser mais explícito, mas as poucas palavras que aprendera teimavam em ressurgir-lhe. Sem nada dizerem, Agtor e os outros recuaram alguns respeitosos passos com olhares plenos de significado dirigidos aos três, dando a entender que lhe entregavam a situação em mãos. O trio manteve-se surpreso e, para bem ou para mal, não esboçou qualquer reação. O eahan fispou então outra flecha, aprestou o arco e puxou o fio bem para trás, o que fez com que os wolhynos se encolhessem reflexivamente, mas não disparou.

— Irem, ou matarem! — bradou, cerrando os olhos de seguida e

inclinando a cabeça para o lado com um palavrão ao aperceber-se de que se enganara na palavra.

Porém, o verdadeiro significado da sua ameaça não se perdeu, e a reta pose de caçador que o shura mantinha com o arco frechado não deixava grande margem para dúvidas. Um dos louros baixou-se para pegar no seu machado, deixando a seta nele embebida, e foi o primeiro a recuar. Os outros dois não tardaram a segui-lo, conservando as mãos futilmente próximas das suas armas e lançando os ocasionais olhares de advertência aos homens de Horavog numa tentativa de manterem a face numa situação pouco digna. Estes por sua vez nada disseram, e notava-se que se estavam a coibir de se gabarem, por muito patente que neles estivesse uma gabarola satisfação com o desfecho. Os três louros apenas ousaram virar as costas quando passaram pela estaca com a cabeça do ulkatr, altura na qual apontaram para a quinta e disseram umas últimas palavras antes de se porem definitivamente a caminho. Quenestil manteve os wolhynos debaixo da sua mira mesmo quando estes ficaram fora de alcance, baixando apenas o arco a partir do momento em que os três se encontravam à distância de dois tiros. Vendo que as gentes de Horavog o fitavam, desceu pelo barranco e dirigiu-se a eles, reparando a meio caminho que os três louros se haviam detido e que observavam do trilho. Quenestil ainda ponderou a hipótese de os enxotar, mas como não sabia ao certo o que estava a acontecer achou por bem não interferir mais antes de esclarecer algumas coisas.

— Quenestil — saudou Agtor, erguendo a mão assim que o eahan chegou a uma distância que já não requeria um grito para se fazer ouvir. — Leino tiro. És um bom frecheiro.

— Eram homens de... Skoísvein? — inquiriu o eahan retoricamente.

— Eles? Sim — disse Agtor, admirado por Quenestil saber. — São os três sobrinhos de Skoísvein, Aggor, Hyrm e Hjolld, os piores rabazes de Dal-unn-Soid.

— O que queriam? — perguntou, ignorando os olhares estranhamente admirados dos restantes presentes enquanto enfiava o arco no estojo e constatava que os três louros continuavam a observar do trilho.

Agtor fungou de indignado desdém, coçando a barba castanha.

— Não passam de rifões. Vêm a Horavog rascar conosco, dizem que querem falar com a nossa «senhora arlota» ou com o «seu menino». O tio deles quer a quinta, ou pelo menos as nossas ovelhas, diz que temos tão poucos homens que mais parecemos um arame...

— Um *arame*?

— Sim, um... — Agtor gesticulou brevemente com as mãos, como se a palavra estivesse a esvoaçar em redor. — Um sítio cora adotás.

— Oh. Vieram pedir ovelhas, então?

— Não — disse Agtor com um gesto de desprezo acenado na direção dos três louros. — Dizem que Oggber Coxo viu *kabrkar* perto de Horavog. Dizem que Oska fala com eles.

Quenestil não percebeu, mas a palavra suscitou alguns comentários da parte do homem de cabelos brancos, que bufou e abanou a cabeça em sinal de desprezo para com os de Dal-unn-Soid. Os outros dois pareceram concordar, e o eahan suspirou de falta de paciência.

— Primeiro, quem é o Coxo? — exigiu saber, farto de lhe serem atirados nomes estranhos à cara na expectativa de que ainda assim acompanhasse a conversa. — Segundo, o que são *kabrkar*? *ulkatr*?

— *Nae, nae, ehjken ulkatr* — interveio o indivíduo de cabelos

brancos, fazendo que não com a cabeça.

— Oggber Coxo é um pastor de uma quinta perto de Dal-unnsOid. Ele é que diz que viu *kahrkar* perto de Horavog. *Kahrkar* são... é uma história longa, Quenestil.

O shura cruzou os braços em sinal de que dispunha de tempo e paciência, mas antes que Agtor pudesse aceder, surgiu Deadan, ainda a coxear dos ferimentos nas suas pernas. Desde o ataque dos skrimmen que retomara o hábito de usar o seu arnês a tempo inteiro, e as rangentes placas de metal eram motivo de grande atenção em Horavog.

— O que se passou aqui, Quenestil Anthalos? — inquiriu com as suas habituais rigidez e incapacidade de relaxar fosse em que situação fosse.

— Nada de grave, Deadan, mas o Agtor ia explicar-me agora os detalhes — disse o eahan, sem descruzar os braços.

O wolhyno olhou para humano e eahan com os seus descaídos olhos azuis, acabando por acenar com a cabeça e virá-la para os seus companheiros. Quenestil não percebeu na íntegra o que lhes disse, mas parecia estar a mandá-los para o interior para informarem Oska do sucedido. Os outros assim fizeram, olhando para o eahan antes de se retirarem, como era costume, e disseram aos que espreitavam da entrada que fizessem o mesmo. Nem todos acederam de imediato, mas Agtor ignorou-os de qualquer forma.

— Os *kahrkar* são homens perigosos — advertiu com olhos que pareceram crescer, baixando inclusive o tom de voz. — É proibido falar com um, e se uma pessoa for vista com um *kahrker*, pode ser castigada.

— De que... — tentou Deadan falar.

— Mas *o que* são eles? — interrompeu-o Quenestil, fungando e

tirando defronte da cara umas madeixas molhadas do seu cabelo.

Agtor puxou o que restava do seu para trás, olhando para o mar plúmbeo como quem buscava inspiração para falar, e abrindo de seguida os braços para açambarcar a área em redor.

— Somos prisioneiros em Horavog — disse, alargando mais os braços. — Em todos os Fiordes, somos prisioneiros. As pessoas que a Wolhynia não queria, expulsaram-nas para aqui, para esta plaga no friasco.

«*Devia ter trazido o Allumno comigo...*», lamentou-se Quenestil, esforçando-se ao máximo por acompanhar a explicação.

— De início eram só rabazes e assassinos, os que o rei da Wolhynia mandava para os Fiordes. Ficavam a viver aqui, com os lobos, ursos e skrimmen, e se fossem escochados, era esse o seu castigo. Se sobrevivessem, podiam ficar, mas nunca regressar. Depois houve a belona...

— Guerra?

— Sim, a belona. Alguns *garáing* tentaram ser reis. Não conseguiram, foram escochados, e as suas famílias enviadas para os Fiordes. Depois disso, todos os reis começaram a fazer isso, a enviar as pessoas que queriam para aqui. Alguns eram rabazes também, mas outros eram só pessoas que não tiveram sestro por o rei não gostar deles. Outros...

Como Agtor tardou em dar seguimento, Quenestil ergueu as sobrancelhas ruivas e acenou com a cabeça.

— Outros...?

O wolhyno fitou Quenestil com um olhar intensamente perscrutador, que o eahan não compreendeu mas que retribuiu de qualquer forma.

— Outros, como os *kahrkar*... eram guerreiros denodados. Serviam

os *garding*, tinham a força de cinco homens, assassinos selvagens que ninguém conseguia controlar. Depois de séculos de terror, por ordem do rei, tiveram que exir da Wolhynia. Os que não quiseram foram escochados, e os outros vieram aqui, para os Fiordes.

— E esse... Coxo diz que viu um aqui?

— Podemos ser prisioneiros nos Fiordes, Quenestil, mas temos as nossas leis. Uma delas é que ninguém pode falar com um *kabrker*.

— *Kabrker* ou *kabrkar*? — duvidou o eahan.

— Um *kabrker* — explicou Agtor, erguendo um dedo e de seguida todos —, muitos *kabrkar*.

— Entendo. E o Coxo diz que viu um perto de Horavog. O que é que isso tem de mais?

— Nada. Skolsvein é um chacim, e quer convencer outros *garáing* que Oska não devia ter Horavog. Ter um *kabrker* como oste é um crime, falar com um também. Os *kabrkar* são como os skrimmen para nós.

Quenestil olhou para o mar e refletiu assim que Agtor se calou. Tudo indicava que Ihjseorn seria o *kabrker* que o tal de Coxo vira, embora fisicamente não ostentasse quaisquer evidências de ser algo mais que um mero homem montes. De qualquer maneira, a breve explicação de Agtor não abonava nada a favor do homem, que apesar das suas alegadas boas intenções, aparentemente não passava de um criminoso cuja mera presença era causa para contendas entre vizinhos. Porém, o eahan não podia negar que o seu porte nele inspirara uma certa medida de confiança, uma empatia quase fraternal entre dois homens do ermo. Apesar de todos os segredos que evidentemente guardara, fora mais franco e direto com o shura do que qualquer um dos habitantes de Horavog.

— E de que forma nos diz isto respeito? — indagou Deadan, farto de ser ignorado.

— Skoísvein é um chacim — reiterou Agtor. — Crás todos ouvirão a história que um *kabrker* andou em Horavog. Oggber Coxo obedece a Skoísvein, mas não é um *tyll* dele, por isso a sua palavra é boa. Falar com um *kabrker* é um crime, e Aggor e os outros disseram que Oska quer mandar matar um *garding* com um, provavelmente Skoísvein. Dizem que os ulkatr que nos atacaram foram um castigo dos deuses por termos um *kabrker* perto de casa.

— Que irão eles fazer, então? — quis Deadan saber.

— Não sei — admitiu Agtor, encolhendo os ombros. — Mas essa história pode ser má para Oska. Os outros *garding* não se importam com Horavog, mas se acharem que há *kabrker* aqui, podem dar autorização a Skoísvein para... para um amago.

— Dar autorização? Como assim? — perguntou Quenestil, despertando das suas reflexões.

— Como disse, temos leis nos Fiordes. Skoísvein é um *garding* forte, e os seus homens têm armas, mas não pode atacar Horavog só porque quer. Há regras que devem ser respeitadas.

— Então se os outros *garding* ficarem convencidos, ele pode atacar Horavog?

— Talvez não atacar, mas pode mandar os seus homens com armas, como Aggor e os outros fizeram hoje. Mas eles vieram só avisar. Se os outros *garding* apoiarem Skoísvein... tudo pode acontecer.

Quenestil virou as costas a ambos e levou as mãos às ancas, inspirando fundo a brisa que vinha do mar e suspirando. Outro problema. E

logo outro problema que, caso as suas suposições estivessem corretas, fora causado por si. Afinal, Ihjseorn aparentava estar em Horavog por sua causa, e se alguém o vira nas ocasiões às quais ele viera para falar, então de certa forma a culpa era do eahan.

«Ou seja, estamos presos nesta quinta, eu, os eahlan, e os... bebês», pensou, suspirando. *«E ela não só corre perigo por causa dos skrimmen, se é que é verdade o que o Ihjseorn disse, como agora também há outros wolhynos que a podem atacar.»*

O eahan tornou a suspirar, erguendo então o queixo e franzindo os lábios ao olhar para o céu nublado.

«Aenyre... meus amigos. Como gostava que estivessem comigo agora. Convosco aqui...» Abanando a resignada cabeça, Quenestil tornou a olhar para o chão. *«Mãe... quando é que as coisas ficaram tão complicadas?»*

— Ah — despertou-o Agtor. — Já me ia esquecendo, Quenestil.

— De quê?

— A vossa esposa, Slayra, disse-me que vos pedisse que a fosse ver. Que queria falar.

«Maldição, agora não», escusou-se o shura. — Mais tarde. Agora tenho que falar consigo, Agtor.

— Comigo? — duvidou o wolhyno, levando a interrogadora mão ao peito.

— Sim. Contigo também, Deadan. Tenho... — Quenestil lançou um olhar à montanha da qual descera, questionando-se se Ihjseorn o estaria ou não a observar. — Tenho umas coisas para vos dizer.

Deadan entrou no fumarento e bruxuleantemente iluminado lar de Oska, passando por wolhynos de várias idades que não lhe dirigiram o olhar e mal lhe dirigiram palavra, ocupando-se antes a tecer, coser e esculpir como

havam feito antes da entrada do siruliano. Atrás dele veio Agtor, que se dirigiu prontamente a Oska, sentada no seu lugar habitual com o indolente gato felpudo ao colo. Deadan passou a mancar ligeiramente pela senhora de Horavog, saudando-a com um minimamente cortês nuto da cabeça, e reparou que eram a mulher e a rapariga de longos cabelos louros acocorada aos seus pés as únicas que o olhavam de fato. O Ajuramentado retribuiu a atenção com outro nuto da cabeça, mas a rapariga baixou a dela em vergonha da qual Deadan mal se deu conta, concentrado como estava na iminente tarefa de ter de falar com eahlanas, Eluana e Alisa, mãe e filha encontravam-se num dos bancos elevados, flanqueando a eahanoir, essa deitada numa pilha de mantas e peles com um bebe debaixo de cada braço. O siruliano tossicou ao aproximar-se, embora as três já estivessem cientes da sua presença, o que nada fez para diminuir o seu desconforto.

— Honradas Lasan... — disse, contrito, dispensando apenas um olhar a Slayra para mostrar que reconhecia a sua existência. — Trago-vos notícias...

— O Quenestil? — perguntou Slayra. As exóticas feições da eahanoir estavam cansadas, e as manchas debaixo dos seus olhos davam a entender que não dormira bem nos últimos tempos. Os dois bebês mamavam sofregamente dos seus seios expostos, um ato que por alguma razão deixava o siruliano ainda menos à vontade.

— Não pode vir — disse Deadan a contragosto, sem esconder o seu incomodo por servir como moço de recados. Achava também desprezível o fato de terem que ser as eahlanas a acompanharem-na durante a sua estadia no edifício principal. Claro que estas haviam feito questão, mas apenas porque Quenestil Anthalos não a fora acompanhar por sua própria

vontade.

A consternação estava patente na face de Slayra, e Eluana afagou-lhe os cabelos negros com carinho, olhando com ar triste para o siruliano. Era essa a única forma que teria de o repreender, pois o Ajuramentado não acreditava que eahlan fossem capazes de franzir os seus serenos semblantes em qualquer semelhança de ira ou mesmo indignação.

— Agtor falou com ele, Deadan? — perguntou a esposa do Patriarca na sua maviosa voz, amena como o pacato lamber da corrente de um rio numa curva suave.

— Sim, mas Quenestil Anthalos não pode vir. Não agora — explicou Deadan, contrariado. Já lhe era difícil falar com as eahlanas, quanto mais ter que se imiscuir naquela que não via como mais que uma disputa amorosa. Era-lhe algo estranho que não fazia parte das suas vivências e formação, e com o qual não se desejava envolver, mas não podia simplesmente ignorar as palavras de Eluana.

— Ele ainda mal viu os seus filhos... — disse Alisa, olhando com compadecida ternura para as pequenas cabeças avermelhadas que chuchavam de olhos fechados. A filha mais nova dos Lasan era de uma beleza quase, senão mesmo, desnatural, e Deadan nunca se sentira senhor de si na sua presença, razão pela qual evitava ainda mais olhar para ela que para a sua mãe.

— Por que é que ele não pode vir? — questionou Slayra. O fato de a eahanna negra conviver de igual para igual com as Lasan e ousar falar a par destas incomodava Deadan, mas também não lhe cabia a ele pôr a eahanoir no seu devido lugar, muito menos diante das eahlanas.

— Há algo que ele... que nós temos que fazer — explicou,

desagradado com o fato de olhar para Slayra ser a alternativa mais viável naquele momento. O azul-claro dos olhos da eahanoir era infinitamente mais suportável que os serenamente intrusivos orbes azul-escuros das Lasan, mas a plangência patente nestes irritava o Ajuramentado.

— O quê, Deadan? — perguntou Eluana, tocando ao de leve a manopla do jovem com os seus dedos, o que precipitou uma reação de choque no jovem, que arrancou o braço da sua posição como se tivesse sido queimado.

— Perdão... — pediu Deadan, tão constrangido que julgava que o sangue lhe iria começar a escorrer pelos ouvidos fora, mas ainda assim conseguiu fitar a esposa do Patriarca para que o seu pedido de desculpas tivesse algum significado. — A quinta encontra-se ameaçada. Quenestil Anthalos e eu iremos com alguns homens assegurar-nos de que não mais correreis perigo.

— Ameaçada? — sobressaltou-se Alisa. — Por quem?

Algo no tom de voz da jovem eahlana despertou o siruliano para o seu verdadeiro propósito, permitindo-lhe pôr de parte os seus pudores e acanhamentos e mesmo olhar de frente para Alisa.

— Uma tribo local. Mas nada temeis. Enquanto eu for vivo, nada vos perigará.

Deadan falava mortalmente a sério, mas ainda assim sentiu-se algo tolo a proferir semelhante jura diante de seres tão pacíficos e avessos à violência como as eahlanas. Felizmente, a conversa que Agtor teve com Oska pareceu estimular um pequeno levantamento entre os presentes, o que providenciou ao siruliano a tão necessária distração para que se pudesse escapar.

— Devo retirar-me agora, honradas Lasan — disse, olhando por cima de ambos os ombros antes de enfiar a mão pelo colarinho adentro e dele retirar um saquete preso ao seu pescoço por uma tira de couro. — Tenho... algo para vós.

As duas eahlanas tinham os olhos fixos no saquete do siruliano, que pousou um pé em cima do banco elevado e se curvou para se aproximar mais de ambas, por muito desconfortável que semelhante proximidade lhe fosse. De cotovelo apoiado sobre o joelho, Deadan sacudiu ligeiramente o saquete.

— Isto é... são folhas de teixo secas e pulverizadas. Veneno — disse Deadan, pigarreando e olhando novamente por cima dos ombros, constatando que os wolhynos estavam demasiado ocupados com o que Agtor lhes estava a dizer.

— Veneno, Deadan? — disse Eluana, franzindo as delicadas sobancelhas prateadas.

— Eu... — tossicou Deadan, olhando para baixo e erguendo novamente a cabeça a custo, crispando os dedos no saquete. — Eu juro-vos, honradas Lasan, que lutarei até ao último fôlego, até à minha última gota de sangue. Juro-o pelos preceitos e pelos meus camaradas mortos. Mas...

Era evidente que as palavras saíam a custo do jovem Ajuramentado, e Eluana pousou uma compreensiva mão sobre a sua espaldeira, acenando lentamente com a cabeça. Nem mesmo o aço o pôde resguardar dos efeitos do toque da eahlana, e os músculos do braço de Deadan retesaram-se, embora este conseguisse não recuar como da outra vez.

— Caso o impensável aconteça, e eu não estiver aqui para vos

proteger... — O siruliano tossicou, e a sua testa começava a reluzir. Cerrando os dentes e desviando o olhar, Deadan arrancou o saquete do seu pescoço, estendendo o braço em oferta. — Peço-vos... peço-vos que tomeis isto... antes que algo vos possa acontecer.

A agitação era agora grande dentro do edifício, o que poupou o Ajuramentado ao desconfortável silêncio que se seguiu, durante o qual o seu braço ficou esticado com o saquete a pender-lhe do punho cerrado. Eluana e Alisa trocaram olhares uma com a outra e com Slayra, que estava tão surpresa quanto as duas, até que a velha eahlana fez a vontade ao siruliano e aceitou a sua oferta.

— Deadan, obrigada, mas nós...

— Não tenho o direito de vos exigir nada — interrompeu-a o jovem, surpreendendo-se a si mesmo ao voltar a fitá-la. — Nem a presunção de me achar sabedor do que deve ser feito, mas... peço-vos.

Deadan ergueu ambas as mãos, quase em súplica.

— Ficai com esse saquete. Usai-o se achardes necessário... Mais não posso fazer, nem exigir de vós.

— Mas... — disse Eluana, olhando para o veneno ensacado que tinha em mãos. — O que vão vocês...

— Perdoai-me, mas Quenestil Anthalos foi falar com o vosso esposo, o Patriarca, e esperam-me — escusou-se o Ajuramentado, endireitando-se e despedindo-se com uma curta vênha, após a qual virou as costas e deu um largo passo na direção da porta.

— Deadan.

Era a voz da eahanoir atrás de si, mas o jovem optou por ignorá-la.

— Deadan!

Contrafeito, Deadan deteve-se, e olhou por cima do ombro para não ter que fitar novamente Eluana e Alisa, em cujas mãos a eahanoir apoiava os cotovelos para erguer ligeiramente o torso.

— Diz ao Quenestil que eu preciso de falar com ele. Por favor.

— Dir-lhe-ei — afirmou o jovem, fazendo que sim com a cabeça.

— Mas mais não posso fazer.

Retirando-se da sala a acerados passos marciais, Deadan deixou então as três eahannas para trás, abstraindo-se de tudo em seu redor até sair porta fora. Slayra estava inconsolável, e mal ouviu as palavras de conforto de Eluana e Alisa enquanto estas a ajudavam a deitar-se novamente, tendo o cuidado de não perturbarem os bebês. Estes, perfeitamente alheios à questão de paternidade que se lhes punha, continuavam a mamar descansados, dois focos de calma no buliçoso interior, duas almas pacíficas num ambiente que lentamente ameaçava tornar-se hostil.

NA FRONTEIRA

Uma chuva torrencial abatia-se sobre o burgo fronteiriço de Arle, um autêntico dilúvio que sobrepujara as represas naturais de sedimentos causadas por cheias no furioso rio Olyf, testando quase até aos limites a força dos diques da cidade. Arle vivia em grande parte em função dos humores do rio, que lhe conferia o estatuto de porta de entrada e saída para Nolwyn, sobretudo durante o Inverno, quando o degelo e a chuva causavam furiosas e periódicas torrentes que o tornavam impossível de atravessar a não ser através da ponte que partia da cidade laonesa. Era uma altiva obra arquitetônica, com cinco arcos com um talha-mar em cada sustentáculo e

três torres ao longo do seu comprimento, duas das quais com barbacãs imponentes o suficiente para barrarem a passagem de um exército. O pedágio requerido para a atravessar era uma importante fonte de rendimentos para o barão de Arle, bem como a pesca e a agricultura dos domínios da região, esta última nutrida pela rede de canais que originavam do sistema de diques da cidade. O Brejo dos Patos a Oeste era em grande parte responsável pela fertilidade das terras adjacentes à cidade, pois estas haviam-lhe sido ganhas através de um longo processo de drenagem ao longo dos anos através das famosas cócleas laonesas, instrumentos cilíndricos com parafusos de madeira no seu interior que drenavam água de forma particularmente eficiente.

Arle situava-se na zona mais plana de um extenso convale entre duas séries de colinas, subjacente a um outeiro com a vertente sul delineada pelo rio, sobre o qual residia o castelo do barão Savincar. O burgo espalhava-se em redor deste, delimitado a Sul pelo rio e de resto pela muralha com torres albarrãs de topos cônicos. Havia pouco tráfego nos três portões ao longo da muralha, tendo em conta o tempo, e os dois guardas de chapéus de ferro com abas e capotes de lona no portão norte observaram desinteressadamente a chegada de dois homens e uma mulher, segurando as alabardas perto dos seus corpos para não exporem demasiado os braços à chuva. Os três envergavam grossas capas com capuzes, mas estas estavam ensopadas e quem as vestia não devia estar muito melhor. Um deles parecia estar doente, pois andava de muletas e mantinha a cabeça baixa, e a mulher trazia ao colo algo com uma manta por cima, provavelmente uma criança, a julgar pela forma como a segurava. O da dianteira era o mais carregado, trazendo às costas uma pesada mochila, cobertores enrolados e uma série de

outros objetos cobertos, mas mesmo a mulher e o das muletas vinham com carga às costas.

— *Abàrraem, viaqueijom* — gritou um dos guardas, e uma mão enluvada surgiu da fresta entre as duas dobras do seu capote, mandando-os parar. As duas sentinelas mantinham-se encostadas ao portão fechado e ao lado da porta lateral deste, mas a chuva caía na diagonal e o abrigo era escasso.

— *Gim eller* — saudou Aewyre, erguendo a cabeça e falando alto o suficiente para se sobrepôr à chuva. Rapara a barba, caminhava curvado e esforçara-se genuinamente por aprender um mínimo de Lloranc de forma a não corresponder à descrição que o estafeta Augiol certamente dele fizera.

— *Dond fotão?* — questionou o guarda. Na fronteira entre Laone e Nolwyn falava-se um dialeto chamado Leriát, que era minimamente inteligível para os falantes de ambas as nações, mas ainda assim Aewyre preferiu deixar Layaline falar.

— *Dás draregs nt nonts garrai* — disse a rapariga, relatando de seguida a história que Aewyre inventara, segundo a qual eram humildes camponeses que haviam sido atacados por drahegs, aproveitando-se dos rumores que os seus anfitriões lhe tinham relatado.

Os guardas ouviram-na impávidos, com pequenos rios a escorrerem pelas pregas dos seus capotes e os pingos a tamborilarem-lhes nas abas dos chapéus de ferro, deslizando pelas orlas até pingarem de um desnível ou de um entalhe. Não tinham caras particularmente inteligentes, especialmente o que os mandara parar, esse com olhos de pálpebras cansadas, restolho irregular de barba, um nariz grande e uma boca entreaberta e quase côncava sobre um queixo quase inexistente, o que dava a ilusão de um espaço

uniforme entre o nariz e a garganta. O outro era mais baixo e tinha uma cara perfeitamente redonda, que ia inclinando de um lado para o outro enquanto ouvia o relato de Layaline. A rapariga entrou em detalhes, destapando Làriana ligeiramente para que esta exibisse a cara doente que andara a praticar nos últimos dias, e apontando para Krór, cujas ligaduras davam sempre azo às mais grotescas descrições de horrendas queimaduras sofridas, neste caso por ferros em brasa empunhados por drahregs sádicos, que além do mais lhe haviam surrado cruelmente a perna. Aewyre ia fazendo que sim com a cabeça, abanando-a ao olhar ocasionalmente para o céu de palmas viradas para este num gesto de consternação, piscando os olhos com os grossos pingos que o atingiam. Enquanto Layaline falava, o guarda baixo pareceu lembrar-se de algo, encostou a alabarda ao portão e remexeu no interior do seu capote, retirando um pergaminho que leu debaixo de uma prega erguida pelo braço, olhando revezadamente para os estranhos enquanto o fazia. Aewyre reparou e deduziu que se tratava de uma descrição sua, tentando fingir-se distraído e afetando a pose mais humilde que o seu porte lhe permitia.

— *Drròuldurr vorr gnágã ouan vorr hã dlapã* — disse a ninguém em particular, indicando a cabeça com o indicador e cometendo atrocidades com a língua que felizmente passaram despercebidas a meio da chuva.

Ainda assim, Layaline forçou-se a tossir para disfarçar a sua risada, tapando Làriana um pouco melhor à medida que ia explicando que a única pessoa na sua aldeia capaz de prestar cuidados médicos era uma parteira, e que por isso pretendiam visitar um boticário na cidade para tratar dos ferimentos do seu «irmão» ferido. Aewyre tartamudeou algo com ar consternado, conseguindo mesmo pousar a mão no ombro de Krór sem

que o «tendão» disparasse. O músculo do drahreg entesou-se, mas a sua reação não foi além disso e este manteve a cabeça baixa, oscilando de um lado para o outro, pendurado nas muletas improvisadas à machadada pelo camponês que os alojara. Layaline continuou o seu choradinho e o guarda alto olhou para o seu companheiro, que tornou a enrolar o pergaminho e o recolheu para dentro do capote, fazendo que não com a cabeça.

— *Trai moneds dbúrske* — disse o alto, erguendo novamente a mão das profundezas do seu capote para silenciar Layaline e mostrando três dedos.

Aewyre desembolsou prontamente uma moeda de prata e avançou para a pôr na mão da sentinela, fazendo-se exageradamente agradecido e indicando-lhe que deveria ficar com o troco. O homem olhou para Aewyre e para a moeda, e acabou por baixar aprovadoramente os cantos da boca.

— *Dérriengum* — disse, sinalizando-lhes que avançassem.

— *Mania* — agradeceu Layaline, baixando a cabeça e tomando a dianteira, segurando a nuca coberta de Làriana com a mão enquanto avançava.

Aewyre pegou em Krór pelo braço e conduziu-o contra a vontade deste até ao portão lateral, agraciando ambos os guardas com um largo sorriso. Assim que se encontraram debaixo do arco, o drahreg desvencilhou-se com uma rosnadela da qual o jovem não fez caso, limitando-se a suspirar interiormente de alívio. Estava a arriscar bastante ao vir para Arle, mas não tinha grandes alternativas a não ser ir para Oeste e seguir pela Sathmara e pela Benelgia, o que levaria demasiado tempo, ou atravessar o Brejo dos Patos, uma idéia rapidamente descartada pelas memórias de Moorenglade. Estava simplesmente fora de questão lançar-se

em aventuras de maior com uma mulher, uma criança e um drahreg coxo sob a sua alçada.

— E agora, Aewyre? — perguntou Layaline à beira do arco, parecendo pouco disposta a expor-se novamente às bátegas que se abatiam no piso além deste.

— Não digas o meu nome! — sibilou o guerreiro, arregalando os olhos e falando de dentes cerrados.

Layaline encolheu-se, enterrando a boca na lona que cobria a sua filha, e fitou Aewyre com grandes olhos apolo­géticos.

— Desculpa. Esqueci-me.

— Então? Por onde vamos? — perguntou também Krór, indicando com a muleta as várias vias que se lhes apresentavam entre o primeiro lanço de habitações.

— Não sei, mas não podemos ficar aqui — disse o guerreiro, empinando ligeiramente a cabeça como para indicar os guardas nas suas costas. — Ainda desconfiam de nós.

Os três ouviram a vozinha de Làriana que, abafada pela manta que a tapava, fez uma pergunta. Layaline pegou na protuberância que devia ser a cabeça e beijou-lha, sussurrando-lhe palavras aquietadoras. Aewyre afagou arrependidamente o braço da rapariga e olhou para as ruas escuras e enevoadas pela aspersão da chuva.

— Temos de ir. Uma daquelas ruas há de dar à ponte. Assim que a atravessarmos, estamos seguros. Depois prometo que dormimos numa estalagem fora da cidade, está bem?

Layaline acenou com a cabeça e Krór encostou-se e às muletas à parede para sacudir os braços, lembrando-se inclusive de se apoiar

sobretudo na perna boa. Aewyre viu-se forçado a admitir que o drahreg tinha um certo jeito para o subterfúgio, com olho para os pormenores, o que até nem era grande surpresa, tendo em conta as suas aventuras pela Latvonia afora.

— Vamos — disse, puxando o ensopado capuz para a frente e tomando novamente a dianteira do díspar grupo.

Não havia vivalma nas ruas, e as adufas das janelas que as tinham estavam invariavelmente cerradas. Os bueiros das paredes choravam, o adobe das empenas inclinadas dos tetos plangia, e o torrencial pranto escorria em pequenos rios pelas calhas do pavimento fora. Aewyre não iria guardar grandes impressões da sua primeira visita a Arle, pois manteve a cabeça baixa enquanto caminhavam pelas ruas e travessas, erguendo-a apenas ocasionalmente numa fútil tentativa de se orientar. Kror arrastava-se ritmicamente com as muletas, e tudo o que se via da sua cara era o seu nariz adunco enfaixado a pingar e a boca a arreganhar os lábios, expondo dentes afiados. Os últimos dois dias haviam-lhe sido custosos, pois a sua perna estava desabituada de tanto esforço, ainda que com muletas, mas pesava em seu favor o fato de não se ter queixado uma única vez. Layaline não fora menos valente, tanto ela como a sua filha, e apesar das horrendas condições nas quais tinham viajado, Aewyre não ouvira um único queixume da sua parte. Era certo que as advertira e desaconselhara, mas ainda assim o guerreiro não pôde deixar de se sentir algo culpado por estar a sujeitar mãe e filha a tamanha provação. A força da chuva era tal que fazia as insígnias dos estabelecimentos oscilar, e Aewyre enfiou a cabeça pela porta de vários adentro, perguntando pela ponte aos proprietários. As direções providenciadas eram relativamente consistentes assim que decifradas, e os

quatro foram progredindo pelos alagados arruamentos de Arle, alguns dos quais provaram ser autênticas cataratas à mínima inclinação. Estas tornaram-se uma constante a partir do momento em que o grupo começou a descer para a baixa, onde Aewyre deduziu que a ponte certamente se encontraria. Layaline escorregou uma vez, caindo com Làriana ao chão e sujando-se mais do que se molhou, pois já estava encharcada de qualquer forma. Aewyre também caiu e apenas Krór evitou sujar-se, usando as muletas como suporte sem se fiar completamente nelas para se equilibrar.

— Onde é a ponte, Ae... eh... — virou Layaline a cara para lhe perguntar.

— Chama-me Aeren. *Aeren*. Já não deve estar longe — respondeu o jovem, constatando que o piso começava a nivelar.

— A Làriana...

— Eu sei, eu sei. — Aewyre estendeu a mão para afagar a protuberância na manta que devia ser a cabeça da criança. — Paramos num sítio seco fora da cidade, prometo. Eu também estou cansado, acredita.

Era verdade. Os dois últimos dois dias não tinham sido fáceis para nenhum dos quatro, fisicamente extenuantes e animicamente desgastantes, com a chuva a fustigar os seus corpos e a erodir-lhes a determinação. Mesmo Aewyre, que não tinha a perna magoada nem uma criança a levar ao colo, sentia os próprios ossos cansados, doridos e molhados. As duas noites passadas numa tenda tão-pouco os haviam restabelecido, e era evidente que precisavam de repouso, mas não se podiam dar ao luxo de o obter em Arle, era demasiado perigoso. Só o estarem ali era arriscado, e Aewyre queria atravessar a ponte quanto antes. Depois disso, até estaria disposto a partilhar uma cama de estalagem com Krór para dormir num local enxuto.

Como se estivesse a atender às necessidades do guerreiro, a ponte surgiu ao passar de uma esquina, borrada e enevoadada pela precipitação que se abatia sobre uma grande praça. À primeira vista, em semelhantes condições, mais parecia uma torre com uma barbacã de fazer inveja a algumas fortalezas, mas além dela distinguia-se a escura linha do Olyf a correr furiosamente, bem como os traços indistintos da ponte que o atravessava. A estrutura era antecedida por uma praça calcetada cuja circunferência consistia numa série de lanços de edifícios com estabelecimentos no rés-do-chão, boa parte dos quais tinha as portadas horizontais fechadas, sendo que as abertas serviam de alpendres para o surpreendente número de pessoas que ali se viam. Homens, mulheres e animais de carga encontravam-se apinhados junto aos edifícios, tentando abrigar-se da chuva, mas havia um longo toldo improvisado que partia da barbacã e cujas dimensões permitiam uma curta fila de carroças e vagões diante desta. Entre as pessoas viam-se guardas de alabardas, capotes e chapéus de ferro, com um ar minimamente atento e ao mesmo tempo tão miserável quanto o dos restantes transeuntes na praça.

— Vamos... Aeren? — incitou Layaline, refugiada entre Aewyre e a parede de pedra de um edifício.

O jovem não respondeu de imediato, olhando em redor de boca entreaberta e olhos semicerrados, lambendo as gotas que lhe pingavam para os lábios.

— Não gosto disto — disse Krór, parecendo partilhar das mesmas reservas do guerreiro.

— Eu também não — concordou Aewyre, baixando-se ligeiramente e inclinando a cabeça para o lado, como se estivesse a tentar ver algo. —

Conseguem perceber o que se passa ali no fim da fila?

No meio dos toldos, carroças e chuva, viam-se guardas a remexerem nos vagões e nos pertences de homens e mulheres de mãos nas ancas, alguns dos quais a gesticularem em aparente protesto.

— Porra — praguejou Aewyre, borrifando o ar com os lábios molhados. — Estão a revistar quem sai da cidade.

— O quê? — disse Layaline.

Aewyre puxou-a para trás da esquina, indicando a Kror que fizesse o mesmo, e encostou a nuca à parede molhada, bufando e fechando os olhos.

— Estão à nossa procura — constatou Kror com o prosaísmo de quem estava habituado a ser acochado, deixando-se descair sobre as muletas com um suspiro resignado.

O guerreiro nada acrescentou, passando uma mão enluvada pela cara molhada e deixando-a sobre a boca enquanto pensava, e nem Layaline nem Kror o interromperam, como se temessem quebrar a sua concentração, uma noção que mesmo em tal momento ainda conseguiu parecer divertida a Aewyre. Talvez estivessem à espera de outro plano genial seu, algo engenhoso como ir visitar o barão Savincar no seu castelo e pedir-lhe licença para atravessar a ponte...

A vizinha abafada de Làriana tornou a interromper o silêncio que coexistia com o bater da chuva, e Layaline destapou-a novamente para lhe beijar a testa e permitir-lhe respirar um pouco de ar puro. A criança disse algo com tom dengoso e abraçou o pescoço da mãe, parecendo cansada, o que não passou despercebido a Aewyre, que lhe afagou uma vez mais a cabeça.

— Anda — disse, erguendo a manta para tapar Làriana com uma

mão enquanto olhava em redor e além da esquina. — Vamos para um sítio seco... olha, ali.

O guerreiro apontou para uma porta entreaberta que se via no início de uma rua diagonalmente oposta àquela na qual se encontravam. A abertura jorrava uma quente luz amarela em forma de cone para o exterior, dourando as grossas gotas de chuva e a água que escorria no chão, e encontrava-se debaixo de uma insígnia na qual estava esculpido aquilo que parecia ser uma caneca de cerveja. A chuva manchara e escurecera demasiado a madeira para que Aewyre pudesse ler o nome, mas tudo indicava que se tratava de uma taberna.

— Vamos. Bebemos uma coisa quente e secamos um pouco as roupas — disse Aewyre, puxando o capuz para a frente e baixando a cabeça para enfrentar novamente a chuva.

Os três circundaram a praça, aproveitando o abrigo providenciado pelas poucas portadas abertas debaixo das quais não se encontrava um grupo demasiado compacto de pessoas. Havia autênticos bivaques nesses locais, com carroças e vagões estacionados ao lado das portadas, providenciando abrigo adicional contra a chuva. Ninguém lhes deu particular atenção e todos se limitaram a olhar para os desconhecidos com cara de gatos molhados, alguns com uma expressão mais irritada, com ar de serem de fora da cidade e provavelmente à espera de um lugar na fila debaixo do toldo. Havia também animais de carga, cavalos na sua maioria, alguns com mantas que os resguardavam do pior da intempérie, outros encharcados quase até aos ossos e com um ar tristonho e deplorável. Perto deles amontoavam-se pilhas de estrume que se desintegravam a olhos vistos, originando pequenos regatos castanhos que, com sorte, escorriam até às

calhas da praça. Aewyre, Krór e Layaline evitaram-nos e percorreram o resto da chuvosa distância até à porta, que o jovem prontamente escancarou para permitir a entrada dos outros dois.

Era de fato uma taberna, e como seria de prever estava praticamente cheia. A única coisa que nela destoava dos estabelecimentos habituais era o ambiente sóbrio, quase soturno que nela imperava, e o contraste era tão gritante com o chuvoso exterior que Làriana pareceu algo atordoada quando a mãe a destapou, olhando em redor com a pequena cabeça despenteada. Aewyre também se sentiu algo aturdido ao puxar o capuz para trás com um suspiro de alívio, algo que apenas Krór se absteve de fazer. Os presentes tanto sentados como apinhados trocavam poucas palavras entre si, a maior parte suficientemente entretida pelas canecas debaixo dos seus queixos. Havia uma notória falta de mesas e cavaletes, e nem mesmo os balcões quadrangulares incorporados nas colunas de madeira que sustinham a sobreloja pareciam dar conta do excesso de clientela. O local mais concorrido era naturalmente a área próxima da convidativa lareira, que crepitava com um apetecível fogo e para perto da qual parte das mesas de clientes encharcados fora arrastada. Havia mesmo quem bebesse no chão, só para poder estar sentado diante das acalentadoras labaredas. O estabelecimento era bem iluminado pela lareira e pelos brandões que pendiam de castiçais em redor e que infundiam todo o interior com um reconfortante lume amarelado. Ao lado da entrada havia uma escadaria de madeira que dava para a sobreloja em cima, essa a ranger e vibrar com os passos que se ouviam por cima das cabeças dos presentes, ruídos que de resto eram mais prevalentes que os discretos murmúrios trocados entre as pessoas enfadadas pela interminável chuva e pelo ocasional tinir de canecas

e talheres. Ninguém dispensou mais que um olhar casual aos recém-chegados, mas ainda assim Kror sentiu-se manifestamente pouco à vontade pelo espaço confinado e bem iluminado, e esforçou-se por se manter nas sombras. Havia duas empregadas à vista, mas essas estavam demasiado atarefadas com os fregueses já presentes para irem receber os novos, e Aewyre olhou em redor em busca de um lugar. Ao ver que não havia nenhum à vista, pegou no braço de Layaline com uma mão e tocou no de Kror com a outra, apontando era frente com o indicador e de seguida para o lado com o polegar.

— Vamos pôr as nossas capas ali à fogueira. Depois procuramos um lugar lá em cima.

Algo contrafeito, o drahreg ainda assim seguiu o guerreiro e a rapariga por entre as mesas e costas de cadeiras, ignorando os olhares que lhes foram dirigidos. Por muito inócuos que estes parecessem, a atenção também não agradou a Aewyre, que fez por não se esquecer de manter uma postura pouco digna, andando curvado e esfregando nervosamente as mãos, que nunca mantinha muito longe do corpo. Os três cruzaram-se com uma atarefada empregada quase a fazer malabarismos com duas bandejas repletas de canecas, e que por pouco não colidiu com eles.

— *Naltre bam sizēs* — disse a roliça jovem morena com ar apologetico, cobrindo as suas redondezas com um gesto da cabeça entrançada e encolhendo os ombros revelados pelo decote. — *Sontos tuds encavallads.*

— Não faz mal, vamos ver lá em cima já de seguida — retrucou Aewyre amigavelmente, sem se deter e esperando ter compreendido bem o que a criada dissera.

Por fim, chegaram à lareira, cujas cercanias se encontravam ocupadas por duas filas de homens sentados e acorados no chão — a única parte deste que não estava molhada e apenas levemente enlameada — e uma terceira de indivíduos dispostos a ficarem de pé. Havia também uma série de capas e botas úmidas no chão, deixadas ali a secar, e Aewyre constatou que apenas havia espaço para as suas capas. Até mesmo a prateleira sobre a lareira se encontrava repleta das mais variadas peças de calçado. Porém, a idéia de deixar as suas capas no meio de semelhante confusão não lhe agradava, sendo roupa perdida a última coisa de que precisava em tal altura, e teve uma idéia que o levou a pousar ambas as mãos nos ombros de Krór. A tensão nos músculos do drahreg não surpreendeu o jovem, que ignorou o olhar encapuzado e se inclinou ligeiramente para a frente para se dirigir aos homens sentados no chão.

— Com licença — chamou, conseguindo que alguns olhassem por cima dos seus lânguidos ombros. — Os meus amigos não se importavam de arranjar um espacinho aqui ao meu irmão, pois não? Ele tem a perna magoada, e está doente. Viajamos dois dias à chuva. — O guerreiro falou então pelo lado da boca: — 'Tosse.

Parecendo perceber mais cedo do que mesmo Aewyre esperara, o drahreg assim fez, curvando-se inclusive para adicional verossimilhança.

— Vêem? — disse Aewyre, indicando o peito de Krór com a mão e fingindo-se muito compadecido. — Não arranjavam aí um espacinho, não?

Após uns breves instantes de olhares trocados que deixaram o jovem a duvidar de que o haviam compreendido, um dos laoneses acabou por aceder, resmungando enquanto se deslocava para o lado e para cima de outro, que protestou antes de conceder de má vontade parte do seu espaço.

— Obrigadinho, sim? — agradeceu o guerreiro, ajudando Kror a assentar nas tábuas do chão ao mesmo tempo que lhe pegava nas muletas, que seguidamente pousou ao seu lado para tirar a sua capa e a pousar na pilha adjacente. — Guarda as nossas capas, está bem? Eu e a Layaline vamos ali para cima, e eu mando vir alguma coisa para tu comeres.

Para grande surpresa do jovem, Kror concordou sem sequer o questionar. Talvez a chuva o tivesse deixado demasiado cansado para ser paranóico, ou talvez simplesmente quisesse chamar o mínimo de atenção possível, agora que se encontrava cercado de humanos. Ainda assim, algo no estoicismo do drahreg fez com que Aewyre sentisse a necessidade de lhe dizer algo mais, e ajoelhou-se ao lado de Kror, mais próximo do que era confortável para qualquer um dos dois, e, com a mão surpreendentemente ainda assente no ombro deste, segredou-lhe ao ouvido.

— Eu não te vou deixar. Preciso de ti, compreendes? — disse, indiscutivelmente sério. — Não posso deixar que te aconteça nada, por isso tenta confiar em mim, está bem?

Kror virou e ergueu a cabeça o suficiente para que o capuz não lhe sombreasse completamente as feições, e Aewyre distinguiu os seus olhos vermelhos no meio das sombras e ligaduras. Sem nada dizer, o drahreg acenou com a cabeça e Aewyre retribuiu o gesto, reforçando-o com uma palmada no ombro e erguendo-se antes que a tensão exercida pelo «tendão» se tornasse insuportável, deixando que um sorriso voltasse à sua cara para benefício de quem ainda olhava para ele.

— Obrigadinho — reiterou, retirando-se então com Layaline e Làriana para subirem as escadas em busca de um lugar na sobreloja.

Quase por milagre, havia de fato lugar, dois pipos vazios diante de

uma grossa tábua pregada ao corrimão no mais afastado canto da sobreloja, claramente improvisados para alturas de sobrelotação e nos quais Aewyre e Layaline se sentaram como se de tronos se tratassem. A rapariga pousou por fim Làriana com um grunhido cansado, deixando a língua de fora antes de fazer um comentário provavelmente pertinente ao peso da sua filha. Por sua vez, Aewyre exalou de alívio, encostando-se ao corrimão e esticando as pernas, reparando então que um homem os seguira do piso inferior. Tinha uma caneca na mão, e Aewyre pensou que aquele talvez tivesse sido o seu lugar. Não estava particularmente disposto a cedê-lo, mas ainda assim indicou educadamente o pipo sobre o qual se sentara, erguendo as interrogadoras sobrancelhas, ao qual o indivíduo fez um gesto negativo com a mão, pousando de seguida os cotovelos sobre o corrimão para desfrutar da sua bebida.

«Também, era só o que faltava. Lugares marcados...», pensou, começando a tirar as botas. — E melhor tirares as tuas também, Layaline. Para secarem um pouco. Talvez as meias também.

— Sim, tenho os pés... molhados?

Aewyre fez que sim com a cabeça e sorriu. Apesar da situação, nunca podia deixar de o fazer sempre que via os seus ensinamentos darem frutos. Layaline era tão mais dotada que ele para as línguas, que por vezes chegava a ser embaraçoso. Apesar do cansaço patente na sua cara, a rapariga também sorriu e curvou-se para tirar as botas, sendo assistida na tarefa pela filha, que de seguida se convidou a si mesma para o colo de Aewyre, tendo mesmo o descaramento de afirmar que a sua mãe estava cansada. Aewyre nada pôde fazer contra, e deixou a criança aninhar-se. Uma criada surgiu entretanto, e o jovem olhou em redor para ver o que todos estavam a

comer. Em quase todas as mesas via-se pão com toucinho e vinho quente, e foi isso que o jovem pediu para eles e para Krór, que indicou do cimo do parapeito, do qual pendiam as suas meias sujas. O serviço foi surpreendentemente rápido, e os três refastelaram-se com a frugal refeição, ambos de pernas estendidas e pés esbranquiçados e engelhados a secarem.

— O que fazemos agora... Aeren? — quis Layaline saber uma vez mais, soprando para dentro da caneca de vinho quente que segurava com ambas as mãos.

— Sinceramente, não sei — respondeu Aewyre com a boca cheia, suspirando pelo nariz. — Não podemos passar por ali; ainda somos revistados, e ainda vêem a... — O jovem calou-se e continuou a mastigar, olhando em redor e cruzando olhares com o indivíduo da caneca, que a ergueu em saudação antes de virar a cara para a beber. — De certeza que vão ser mais atentos do que à entrada.

— Então... como vamos para Nolwyn?

Aewyre ajudou o pão seco e o toucinho a deslizarem pela sua garganta abaixo com um bom trago de vinho quente e ergueu a mão para pedir mais ao aperceber-se do quão faminto estava.

— Tenho que pensar. Se calhar vamos mesmo ter de ir pela Sathmara... — Aewyre esfregou os olhos com o cotovelo apoiado sobre a tábua, pousando de seguida a mão sobre a boca. — Ou então... bom, o melhor é arranjarmos um quarto aqui por perto. Depois eu logo vejo o que podemos fazer.

— Mas tu querias chegar a Nolwyn depressa, não é?

— Sim, sim... — disse o jovem através dos dedos, acenando com a cabeça. — Quanto antes. Mas é preferível chegar tarde a não chegar...

Layaline não compreendeu bem a expressão, mas concordou mesmo assim e escondeu metade da cara atrás da caneca, deixando-se inebriar pelos quentes vapores do vinho quente. Làriana olhou para cima e viu o quão desanimado o guerreiro parecia, tomando então a iniciativa de lhe abraçar o pescoço com os pequenos braços. Aewyre sorriu e afagou a cabeça da criança com a mão livre, e pouco depois veio uma outra criada servir-lhe uma segunda dose de pão e vinho quente, que o jovem prontamente atacou.

— Uma idéia era tu ires primeiro com a Làriana... — ocorreu-lhe entre mastigadelas. — Podias levar a... as coisas. Duvido que te revistem a ti de qualquer forma.

— E o Kror? Aewyre tornou a bufar.

— Se ele for convosco... devem revistá-lo e a vocês. Devem revistar todos os homens e as mulheres que os acompanham — assim pensava o jovem, pois Augiol vira-o a ele acompanhado por Layaline e Làriana, pelo que os guardas deviam estar atentos a semelhante grupo.

— Talvez... eu e a Làriana íamos primeiro... depois ia o Kror... Aewyre abanou a cabeça, mas ainda conseguiu esboçar um sorriso fraco diante da honesta vontade da rapariga de ajudar.

— O Kror, sozinho? Esquece isso. Se alguém o vê com mais atenção... Além disso, não é que não confie minimamente nele, mas não o acho capaz de...

— Desculpem — interrompeu-o uma voz, e Aewyre virou a sobressaltada cara para o homem da caneca, que estava mais próximo deles do que antes e com a mão apoiada no corrimão. — Não pude deixar de ouvir a vossa conversa...

Ao ver a expressão de Aewyre endurecer, o homem apressou-se a erguer as mãos, entornando um pouco da sua cerveja ao fazê-lo.

— Não tenho nada a ver com isso — assegurou, falando um Glottik perfeito e olhando por cima de ambos os ombros antes de se inclinar um pouco mais para a frente, murmurando num tom de voz mais baixo e cúmplice. — Mas talvez seja capaz de ajudar um camarada nolwyno, eh?

Aewyre permaneceu impassível, embora as suas sobrancelhas franzidas denotassem um mínimo de curiosidade da sua parte. O homem tornou a olhar por cima do ombro e manteve o tom de voz baixo, cobrindo Layaline com a sua sombra enquanto falava inclinado sobre esta, ignorando-a. Era de estatura mediana, com uma constituição robusta a tender para o rotundo, e tinha uma cara redonda sustentada por uma papada, com uma sorridente boca cercada por barba e bigode e dois atentos olhos castanhos.

— O meu nome é Iginasco — apresentou-se. — Moro aqui em Arle, mas tenho família em Nolwyn. Você precisa de atravessar o rio, mas não quer passar pelos guardas, hum?

Aewyre ainda hesitou, mas era evidente que não valeria a pena tentar negar o que o homem ouvira, e retesou os músculos do seu corpo para a eventualidade de as intenções de Iginasco não serem as melhores.

— Sim... — admitiu, mantendo o olhar do homem firmemente preso com o seu e ignorando o de Layaline, que na sua visão periférica se lhe afigurava como dois grandes pontos brancos.

Iginasco sorriu, um sorriso oportunista que procurava parecer franco e que falhava redondamente na tentativa. Por sua vez, alheia ao nervosismo da sua mãe e à desconfiança de Aewyre, Làriana olhava para o homem com interesse que não passou despercebido a este.

— Bonita menina — disse, sorrindo e reconhecendo por fim uma outra presença além da do guerreiro. — É sua filha? — Aewyre não respondeu, mas Iginasco não se deixou afetar. — Olhe que até ela vai ser revistada pelos guardas, acredite.

— O que quer? — inquiriu o guerreiro sem o mínimo de esforço para disfarçar uma certa aspereza, que fez com que o seu contrerrâneo tornasse a erguer as mãos, embora desta vez sem entornar cerveja.

— Ajudar um patrício, só isso. Por um preço, claro.

De alguma forma, a menção de dinheiro deixou Aewyre mais descontraído, tomando mais credível a atitude do homem.

— Como?

Iginasco curvou-se para ambos os lados, olhando para o chão em busca de um qualquer assento, e virando-se então para Layaline pela primeira vez, reservando mais atenção ao pipo no qual esta se sentava que à própria antes de fitar Aewyre sugestivamente. Porém, deduzindo que o homem se queria sentar no lugar de Layaline, Aewyre não esboçou qualquer reação e continuou a olhá-lo de forma tão impassível quanto antes. Sorrindo um pouco mais, Iginasco olhou uma última vez por cima de ambos os ombros e posicionou-se de forma a resguardar o melhor possível o jovem de olhares alheios com as costas.

— Tenho uma balsa — confidenciou, falando mais baixo ainda e vendo-se forçado a curvar-se mais para repetir, pois Aewyre virou-lhe ligeiramente a cara para ouvir melhor. — Tenho uma balsa. O Olyf está bravo, mas é uma travessia segura, juro-lhe pela alma da minha mãe. Eu e um primo meu do outro lado já passamos centenas de pessoas que não queriam atravessar a ponte.

— Uma balsa... — disse Aewyre, baixando o tom de voz a par do seu interlocutor. Layaline limitava-se a olhar alternadamente de um para o outro, tal como a sua filha.

— Sim. Tem sido bastante requisitada agora, mas mesmo quando não são tão rigorosos na ponte, há sempre quem não quer que vejam as mercadorias que leva, entende? Já agora, sabe por que é que os guardas estão tão atentos?

— Não.

— Parece que andam à procura do príncipe Aewyre.

Aewyre achou que fazer-se desentendido seria a melhor alternativa, mas teria de representar minimamente o papel de nolwyno comum que tentava veicular.

— O príncipe? Porquê?

— Ele desapareceu, como sabe, e dizem que o seu irmão, o nosso senhor Aereth, sabe que ele está em Laone, e que o barão Savincar espera que ele passe por Arle. Mas seja como for, era lá motivo para incomodar mercadores honestos, hã? O meu amigo é mercador? — Ao ver a expressão pouco confidenciosa do jovem, Iginasco apressou-se a abanar ambas as mãos, como se fosse um assunto para esquecer. — Mas deixe estar, não tenho nada a ver com isso. Estaria então... interessado na minha balsa?

Aewyre não quis responder de imediato, mas, a ser verdadeira, aquela parecia de fato a alternativa ideal e a solução para o problema que se lhe havia deparado.

— Quanto? — perguntou.

— Quantos são?

— Nós os três — disse o guerreiro, indicando também a lareira com

o polegar —, e um outro.

Iginasco esticou o pescoço e mexeu-o em busca da quarta pessoa, mas Aewyre nada mais adiantou. Desde que fora intrujado por Augiol que jurara a si mesmo não mais dar a sua total confiança a quem quer que fosse, e preferia manter uma carta na manga, ainda que a carta fosse um drahhreg coxo.

— Quatro, é? — conformou-se o homem, aparentemente habituado a receber pouca confiança. — Cabem todos na balsa, então. Têm muita carga?

— Não.

— Então posso transportar-vos por uma moeda de ouro. Aewyre franziu as desagradadas sobrancelhas, sentindo a sua inteligência insultada. Era caríssimo, e Iginasco pareceu ciente disso, pois ergueu uma vez mais as mãos com a caneca.

— Bem sei que é caro, bem sei. A ponte é bastante mais barata. Mas este... negócio é perigoso, amigo. Se a guarda me apanha, vou parar às masmorras, ou mesmo ao cadafalso — confessou, abanando a cabeça. — Uma moeda de ouro, não posso fazer por menos.

O guerreiro baixou os olhos, cruzando-os com os de Layaline, e ponderou silenciosamente. Por sua vez, Iginasco limitou-se a bebericar da sua caneca e a olhar novamente em redor.

— Quando? — perguntou Aewyre, sem levantar a cabeça.

— Quando quiser, desde que seja de noite.

— *Esta* noite? — reforçou, erguendo os olhos.

Iginasco franziu os lábios, olhando para cima, mas acabou por abrir os braços e concordar afirmativamente com a cabeça.

— Esta noite, sim senhor.

Uns derradeiros momentos de deliberação, que Iginasco sentiu serem o inevitável prelúdio de um negócio fechado. Era evidente que o jovem precisava da sua oferta, e que apenas estava a adiar o inevitável por uma qualquer razão.

— Muito bem — concordou Aewyre por fim. — Onde?

— Antes de lhe dizer, vai ter que me desculpar, mas... — indicou a bolsa de Aewyre com um gesto das sobrançelas. — Tem como pagar?

O guerreiro acenou com a cabeça e tirou a bolsa do cinto, desatando os cordões e despejando os seus reduzidos conteúdos para cima da mesa com a mão aberta na borda para que nada caísse. As sobreviventes de prata e cobre tilintaram sobre madeira, os derradeiros resistentes da longa depredação à qual nem mesmo a principesca bolsa de Aewyre escapara ilesa. Aewyre remexeu na exígua pilha com dois dedos em busca de tons dourados, e arregalou os olhos ao ver o sinete que Savincar lhe dera no meio das moedas. Guardara-o pela possibilidade de o poder vir a vender mais tarde em caso de necessidade, mas mostrá-lo a quem quer que fosse em Arle era a última coisa que queria fazer. Traíndo a sua própria surpresa, resguardou uma mão com a outra enquanto recolhia o anel com a primeira, olhando para Iginasco para se certificar de que este não vira nada. O homem não escondia o seu interesse para com o dinheiro, mas a sua expressão não revelava nada além de espanto pela estranha reação do jovem, e virou o olhar ao ver que Aewyre não estava a apreciar a atenção. Os seus gestos acabaram por revelar uma moeda de ouro oculta que o jovem prontamente ostentou, desviando para ela as atenções enquanto enfiava o anel o mais discretamente possível na bolsa.

— Aqui tem — disse.

— Oh, não, não, só me paga na altura — recusou-se Iginasco, abanando ambas as mãos. — Em relação ao sítio... você vira à direita na ponte, segue a borda do rio, passa pelo castelo, e a partir daí vai contando os moinhos de água. Eu estou à vossa espera no quinto.

Aewyre deixou alguns instantes silenciosos passarem enquanto perscrutava Iginasco, e quando este lhe estendeu a mão, ficou a olhar para ela.

— Temos acordo, então? — perguntou o nolwyno com sorriso de mercador.

«*Enfim, com ganância posso eu bem*», conformou-se Aewyre, acabando Dor apertar a mão do homem.

— Ótimo. Vai ver, ponho-o no outro lado num instante — afirmou, executando um brusco gesto horizontal com a mão livre enquanto continuava a sacudir a de Aewyre com a outra.

— Esta noite... quando?

— Assim que o sol se puser... — Iginasco deteve-se, olhando para a janela fechada, contra cujas adufas a chuva batia furiosamente. — Olhe, apareça quando quiser. Tome um jantarzinho, deixe as suas roupas secarem, e vá-se preparando. Eu vou já começar a tratar das coisas.

Aewyre fez que sim com a ainda algo relutante cabeça, e Iginasco retirou-se com uma curta vênica dirigida unicamente ao jovem, pousando a sua caneca no corrimão e descendo apressadamente as escadas. Aewyre seguiu-o com o olhar até o perder de vista, e manteve os olhos fixos no ponto das escadas no qual Iginasco desaparecera.

— *Ès-tel mavè?* — chamou-o a vizinha de Làriana, ajudada pela mão

desta que lhe apertou o tenso antebraço.

— Hmmm? — guturalizou Aewyre, olhando para baixo e de seguida para Layaline. — Se ele é o quê?

— Mau — traduziu esta, mexendo na caneca e olhando pelos cantos dos olhos para o lado, obviamente desagradada com a forma como fora ostensivamente ignorada.

— Mau — gralhou Làriana, acenando com a cabeça.

A expressão séria de Aewyre esvaneceu com um sorriso, e o guerreiro afagou a cabeça da criança com um suspiro.

— Não sei. Acho que toda a gente me vai parecer «má» enquanto eu não chegar a Ul-Thoryn.

— Então... que vamos fazer? — perguntou Layaline.

— Vamos acabar o nosso vinho — disse Aewyre, bebendo mais um trago. — Depois, descansamos aqui até anoitecer, que há dias que não paramos de andar e bem o merecemos. Esperamos que as nossas capas e botas fiquem secas, comemos mais uns pães, e depois vamos à procura do Iginasco. Se tudo correr bem, amanhã estaremos em Nolwyn, e tudo será mais fácil.

Semelhante perspectiva pareceu animar Layaline, que sorriu e estendeu o braço sobre a tábua para apertar a mão de Aewyre. O jovem reciprocou, mas não conseguiu partilhar do sincero entusiasmo da rapariga. Enquanto não estivesse em Ul-Thoryn, cada esquina virada era uma potencial emboscada, cada encruzilhada um motivo para desconfiança. Estar a depender de terceiros era algo que naquele momento lhe desagradava, mas Aewyre estava igualmente determinado a desviar-se o menos possível da senda da lâmina, e a balsa de Iginasco era a melhor e

mais direta alternativa à ponte.

Algo interrompeu as suas considerações, e fez com que o jovem olhasse por cima do corrimão para Kror, cuja cabeça encapuzada espreitava por cima do ombro na sua direção. Sem largar a mão de Layaline, Aewyre retribuiu com um olhar calmo na tentativa de transmitir esse mesmo sentimento, certo de que o «tendão» estava a fazer as suas.

«O Kror foi de barco a Asmodeon, não foi? Bom, espero que não tenha medo da água. Às vezes parece, com aquele cheiro...»

Após uma restabelecedora tarde na estalagem, Aewyre e os outros aventuraram-se novamente pelas chuvosas ruas fora, encharcando rapidamente as suas roupas acabadas de secar. Seguindo as instruções de Iginasco, viraram à direita na ponte — mantendo-se respeitosamente distantes dos guardas que continuavam a revistar pessoas — e foram descendo o rio à beira deste., separados da furiosa torrente que escorria para Oeste por um simples parapeito de pedra ao longo do qual cresciam alguns salgueiros desnudos e tristonhos. Estava escuro, e as esporádicas lanternas de óleo de baleia à porta de casas e estabelecimentos eram pouco mais que oscilantes poças douradas no meio da opacidade à beira-rio. Foi perto de uma dessas e debaixo de uma ombreira que Layaline ajudou Aewyre a vestir a sua couraça, ombreiras e caneleiras, com o guerreiro a justificar a súbita necessidade com a falta de espaço na sua mochila. Porém, a forma como Kror o olhou enquanto se equipava deu perfeitamente a entender que o drahreg partilhava das suas reservas e achava a precaução justificada. Seguiram caminho assim que a última fivela foi atada, e com Aewyre a fazer de mula arnesada, Layaline a levar Lâriana ao colo e Kror praticamente a galopar de muletas para os acompanhar, os três retratavam uma cena algo

caricata para quem os pudesse estar a ver, mas não havia ninguém nas ruas. Caminhavam junto aos edifícios numa fútil tentativa de se abrigarem da chuva, mas também para se resguardarem de quem quer que pudesse estar nas ameias do castelo do barão, que se elevava jactancioso do outeiro que sobranceava o burgo. Era pura paranóia, e Aewyre sabia-o, mas nem isso o impediu de pedir a Kror e Layaline que apressassem o passo sempre que tinham de atravessar a exposta ponte de um canal no qual invariavelmente se encontrava um moinho de água. Estes estavam razoavelmente espaçados, e cedo dispersaram a ilusão de que, avaliando pela descrição de Iginasco, o quinto moinho se encontrava a uma curta distância da taberna.

— Aquele não era um moinho, Aeren? — perguntou Layaline, falando alto para se sobrepor ao ruído da chuva e apertando o corpo envolto de Làriana contra si.

— Não, era um açude — respondeu o guerreiro por cima do ombro. Tinham passado por um edifício que a rapariga julgara ser o quinto moinho, mas não passavam de mecanismos para um dique.

— Tens... a certeza?

— Sim... — respondeu o guerreiro sem grande paciência e com um grunhido de seguida ao impelir o torso para a frente para alçar a pesada mochila, um gesto que lhe derramou mais água ainda para as costas do capuz.

Os três atravessaram outra ponte sobre um canal, com as muletas de Kror a ressoarem de tal forma sobre as tábuas de madeira que Aewyre esteve quase para lhe dizer que não fizesse tanto barulho, mas antes que o fizesse viu à distância uma lanterna que luzia a espaços, como se quem a manejasse se estivesse a mexer.

— Olhem, é capaz de ser ele — disse, apontando na direção da lucilante lanterna.

Layaline e Kror nada disseram, limitando-se a seguir o guerreiro e a acompanhar a custo o seu passo pernilongo. A zona na qual se encontravam tinha uma série de canais, alguns a separarem edifícios atrás dos quais a lanterna desaparecia, desorientando os três e forçando-os a atravessarem uma série de pontes até avistarem uma vez mais a luz. O edifício do qual provinha tinha paredes de tabique, teto de ardósia e um alpendre lateral debaixo do qual a lanterna luzia, e era sem dúvida um moinho de água, pois via-se atrás dele parte da roda a girar languidamente, visto que a água na qual estava imersa era proveniente de um açude. Agora que se encontrava mais próximo e com um ângulo de visão mais aberto, Aewyre distinguiu uma silhueta a empunhar a lanterna e ergueu a mão para que Kror e Layaline parassem. Mais por precaução que pela probabilidade de conseguir efetivamente ver fosse o que fosse, a sua cabeça encapuzada olhou em redor à chuva sem nada avistar. Os três encontravam-se num escuro e apertado armamento entrecruzado por canais, e a queda da chuva criava uma ruidosa cascalheira e uma ligeira névoa ao esparramar-se no chão, nos tetos inclinados e na água.

— Vamos — acabou Aewyre por dizer, avançando sem puxar o capuz mais para a frente, recusando-se a baixar por completo a sua guarda.

Os três percorreram então o resto da distância que os separava do moinho, até que a silhueta debaixo do alpendre os avistou e lhes acenou com a mão, erguendo a lanterna sobre a cabeça para melhor se identificar na medida do possível à distância que se encontrava. O sorriso de mercador de Iginasco foi inconfundivelmente iluminado, tendo o capuz da capa puxado

para trás, e o nolwyno continuou, a gesticular com o intento de que os três se aproximassem.

— Venham, venham, não fiquem aí à chuva! — instigou, gesticulando convidativamente. — Já se vão molhar bastante só de atravessarem o rio!

Sem ouvirem verdadeiramente as suas palavras, os três praticamente correram de cabeças baixas para o abrigo do alpendre, e Kror por pouco não caiu ao encalhar uma muleta entre duas pedras mal calcetadas, deixando-se antes embater de ombro contra a parede para se estabilizar.

— Ei, amigo, não se aleije! — disse Iginasco, sempre sorridente, inclinando a cabeça para se dirigir a Aewyre sem tirar os olhos do drahreg. — Então é este o seu quarto companheiro?

— Onde está a balsa? — perguntou o guerreiro, puxando o ensopado capuz para trás e olhando em redor. Estava despenteado, com a cara molhada e evidentemente com muito pouca vontade de fazer conversa.

Imperturbável, o nolwyno acenou com a cabeça e fez-lhes sinal para que o seguissem, levando-os com a lanterna erguida até à ponta do alpendre, onde crescia um velho salgueiro de longos e chorosos ramos descaídos. Layaline destapou entretanto Làriana, que se manteve comportadamente silenciosa ao ver-se num sítio estranho e escuro, limitando-se a abraçar o pescoço da mãe enquanto olhava em redor com os grandes olhos castanhos. Iginasco piscou-lhe o seu e, mantendo-se à beira do alpendre de forma a não apanhar chuva, indicou a Aewyre que este deveria espreitar além da esquina, para montante. Olhando-o num misto de desconfiança e estranheza, o jovem acabou por aceder, e expôs a cabeça à chuva para espreitar para trás da parede. A balsa encontrava-se atrás desta, aninhada

entre a roda do moinho e um dos dois muros de pedra que flanqueavam a semicerrada porta de retenção do açude que impelia a roda. Na embarcação aguardava um homem de capote, que não se apercebeu da presença de Aewyre e manteve baixa a cabeça de feições ocultas pelo capuz e pela chuva. Os ramos do salgueiro ocultavam-no de um lado quem pudesse eventualmente estar a espreitar de uma posição privilegiada da cidade, enquanto a roda do moinho e o próprio edifício o resguardavam de outros ângulos. Uma grossa corda partia da porta de retenção e atravessava todo o rio rumo a um destino oculto pela penumbra na outra margem, e a balsa estava presa a ela por dois ferros com aros. Iginasco tinha o esquema evidentemente montado, e semelhante constatação aliviou um pouco algumas das reservas de Aewyre, que se retraiu para dentro do alpendre com os cabelos molhados pela breve exposição à chuva.

— Muito bem — disse, tirando a moeda de ouro que guardara entre uma das fíbulas da sua braceira e ostentando-a diante de Iginasco. — Mas quem é aquele homem?

— Ele? Trabalha no moinho. Não é fácil ir com a balsa com o tempo assim, por isso disse-lhe que vos ajudasse — explicou o nolwyno, inclinando-se de forma cúmplice para Aewyre e piscando-lhe o olho. — Esteja descansado, que não lhe vou cobrar mais por isso.

Incapaz de sorrir, Aewyre limitou-se a soltar uma fungadela que tanto podia ser de divertimento como de saturação, e entregou a moeda a Iginasco, que nela cerrou a mão num gesto quase floreado com o qual também lhes indicou que o deveriam seguir. Aewyre julgou que os levaria através da porta por cima da qual o alpendre nascia, mas o homem deteve-se diante desta, puxou o capuz para a frente e arrojou o braço da lanterna

como se com ela pretendesse enfrentar a chuva.

— Vamos — disse, quase gritando e baixando o tom de voz de seguida. — Só dá para aceder à balsa por fora, infelizmente.

Sem lhes dar tempo para uma resposta, Iginasco lançou-se à chuva, percorrendo a passo apressado a parede do moinho de cabeça baixa mas com a lanterna bem empunhada. Aewyre trocou breves olhares com Krór e Layaline, mas acenou com a cabeça e os três foram atrás do nolwyno, contornando com ele a esquina do moinho e passando pela diminuta ponte diante da roda, chegando então a um dos muros. O homem da balsa aguardava-os lá, o seu semblante oculto pela sombra do capuz e apenas com a inexpressiva boca e queixo iluminados pela luz da lanterna. O muro era estreito, com espaço para não muito mais que um homem, e os cinco estavam algo apertados, sendo que Iginasco aproveitou para os arrebanhar, recomendando cautela com os passos e piso escorregadio e escusando-se à medida que se ia deslocando para a retaguarda. Aewyre ignorou-o e fez tentções de avançar para descer para a balsa, mas o indivíduo encapuzado não se mexeu. O guerreiro deteve-se a meio passo e olhou na direção daqueles que julgava serem os olhos do homem, mas este continuou sem esboçar qualquer reação.

— Eh... tire primeiro a mochila, amigo — vociferou Iginasco da outra ponta do muro.

Aewyre manteve o olhar fixo no homem, que não pareceu mexer um músculo, e deixou uma das alças da mochila escorregar-lhe pelo ombro abaixo, sustendo-a com o braço esquerdo e estendendo-a àquele que julgava ser o balseiro. Este continuou sem se mexer e sem nada dizer.

— Fala Glottik? — perguntou o guerreiro em voz alta para que

Iginasco também o ouvisse, começando a ficar algo agravado.

— Aeren... — ouviu a voz de Layaline atrás de si quando esta lhe puxou a manga.

— O que...

— Príncipe Aewyre, mas que prazer!

O jovem virou-se de forma tão abrupta que por pouco não perdeu o equilíbrio, usando a mochila como contrapeso para não cair para cima da roda e pousando-a de seguida. A nova e jovial voz proviera de um recém-chegado acompanhado por quatro guardas de capote e chapéus de ferro, dois dos quais o resguardavam minimamente da chuva com um pálio. Estava excessivamente bem vestido para tais condições climatéricas, com uma debruada túnica talar verde de ombros bojudos e decotada para melhor exhibir o vistoso colar sobre a sua subjacente camisa vermelha, tudo enfatizado por um andar jactancioso em sapatos de cordovão. Os detalhes do homem eram distinguíveis não só graças ao lume da lanterna de Iginasco, mas também devido às multicoloridas luzes que emanavam do indivíduo que vinha ao lado de um dos guardas. Esse tinha um andar trôpego, aparentemente nervoso, e apesar de estar completamente encharcado não se parecia importar muito, pois sorria. As luzes provinham dos dez anéis que usava, um para cada dedo, e cada um de uma cor e tamanho diferentes, todos luzentes como grandes pirilampos matizados a tingirem-no e às suas redondezas em vários tons. Aewyre reconheceu a familiar luminescência de gemas através das quais a Essência era canalizada. Um mago. Envergava um puído gibão amarelo aberto de gola alta e compridas mangas orladas, com uma despresticiosa camisa verde por baixo, calças de couro folgadas, botas de argempel e uma capa roxa e

rasgada em partes. Era magro, usava lunetas ao nariz, precisava de um cinto para prender as calças largas os seus cabelos negros pendiam-lhe diante da cara numa série de farripas molhadas. A sua boca contorcia-se num sorriso demente enquanto olhava em frente.

— Finalmente nos encontramos! — disse o homem debaixo do pátio, chamando novamente a atenção para si de braços graciosamente abertos enquanto se aproximava mais. Tal como Layaline, exagerava nos *erres* e nos *eles* a falar Glottik. — Sois um homem difícil de encontrar, príncipe. Não admira que o senhor vosso irmão esteja tão preocupado.

Aewyre não reagiu nem disse nada, ligeiramente curvado e olhando para cada um dos desconhecidos como um animal encurralado a avaliar a ameaça. Kror fazia o mesmo, embora de forma menos visível, e Layaline apertava Làriana contra si, olhando em redor e acercando-se de Aewyre.

— Oh, mas que falta de educação da minha parte — repreendeu-se o homem debaixo do pátio ao parar, fazendo uma cortês vênia sem se inclinar demasiado, de forma a não apanhar chuva na cabeça. — Gaiard Savincar, barão de Arle, ao vosso dispor, príncipe Aewyre.

— Não sou o príncipe — disse o jovem, fitando Savincar tão diretamente quanto possível à chuva e à distância à qual se encontravam, um do outro.

O barão sorriu. Tinha uma peculiar cara alongada, metade da qual parecia ser composta pela sua enorme testa, estando as suas feições concentradas na parte inferior. Os seus olhos eram convencidos, com uma sobrancelha naturalmente mais erguida que a outra, o nariz comprido com septo descaído e uma boca de lábios cheios entre dois regos causados por um sorriso sardônico demasiado freqüente.

— Convenhamos, príncipe... — disse, alisando para trás os seus cabelos negros que usava pouco acima dos ombros. — Numa altura destas podemos deixar-nos desse tipo de jogos, não?

— Eh — limitou-se o indivíduo dos anéis a dizer, coçando o pescoço.

Agora que se encontrava mais próximo, Aewyre viu que era um jovem cuja única marca de virilidade era uma pequena estria de barba que lhe partia do lábio inferior até ao queixo, mas havia algo de estranho na sua aparência. Parecia de alguma forma... velho. Mais velho que o que deveria ser. Algo na sua postura, na forma como andava, nos aleatórios gestos gastos que fazia, aparentando estar quase alheado da situação enquanto sorria com a dentição superior bem exposta. Mais reveladoras e estranhas ainda eram as estrias de cabelos brancos no negrume da sua cabeleira.

— O que quer de nós? — perguntou Aewyre, ainda na mesma posição ligeiramente agachada.

— De vós, príncipe? Rigorosamente nada, além de um mínimo de cooperação. É o senhor vosso irmão quem me oferece algo que cobiço, e a moeda de troca sois, com todo o respeito, vós.

— Não sou o príncipe Aewyre. Está enganado — insistiu o próprio enquanto a sua mente turbilhonava furiosamente por alternativas.

Savincar limitou-se a rir, e mais indivíduos de capote e capacete surgiram da esquina do moinho, postando-se atrás do seu senhor.

— Sinceramente, não sei o que vos levou a suspeitar das minhas intenções — confessou —, embora desconfie que talvez tenha sido a peculiar experiência que o Vascarò aqui teve quando vos visitou umas noites atrás, hum?

— Com a vossa licença, barão... — pediu Iginasco, fazendo tenções de se retirar.

— Certamente, meu bom homem — acedeu Savincar com um gracioso gesto da mão, cujos dedos estalou.

Um dos guardas acabados de surgir avançou e pegou na lanterna do nolwyno, trocando-a por uma pequena bolsa que Iginasco balouçou na mão, tilintando-a. Aewyre fitou-o com ódio quando se despediu com uma vênua.

— Desculpe qualquer coisinha, sim? — pediu sem grande sinceridade antes de se escapulir por entre os guardas de Savincar.

— Um suserano deve certificar-se de que as fontes de rendimento mais importantes do seu domínio não são prejudicadas por indivíduos menos escrupulosos, não achais, príncipe? — perguntou o barão retoricamente. — Os balseiros clandestinos sempre foram um problema, mas homens como o Iginasco ajudam-me a controlá-lo. Ele e vários outros foram notificados de que poderíeis precisar dos seus serviços, pois calculei que não desejásseis atravessar a ponte debaixo do escrutínio dos meus homens.

Savincar ergueu mais ainda a sobrancelha, como se estivesse à espera que Aewyre negasse novamente a sua identidade, mas como o jovem nada fez, sorriu e continuou.

— Soube da vossa presença assim que entrastes em Arle, graças aos talentos do Vascarò — gabou-se, indicando o jovem com um gesto da cabeça, que este reconheceu, fazendo que sim com a sua —, mas não seria benéfico para ninguém se fósseis abordado em público pelos meus homens, pois a vossa reputação precede-vos mesmo em Laone, príncipe. O que

fizestes em Alyun foi, no mínimo, notável...

«*Continua a falar, cretino...*», pensou Aewyre, analisando todas as possíveis rotas para escapar.

— Seja como for, o senhor vosso irmão de alguma forma soube que estáveis em Laone, e requisitou os meus serviços para vos encontrar e entregar. Não sei o que haveis feito, nem me diz respeito, mas lorde Aereth estava... determinado em que fósseis *apreendido* quanto antes.

Uma série de perguntas atravessaram a mente de Aewyre, mas o guerreiro estava demasiado ocupado a pensar em formas de se evadir à cilada para fazer qualquer coisa a respeito. Krór fazia o mesmo, com a vantagem de o capuz puxado e as muletas lhe merecerem menos atenção que a que era dirigida ao alto e corpulento jovem. Làriana estava demasiado assustada para falar, e Layaline apertava-a protetoramente contra si.

— Agora, príncipe, peço-vos que depondes as vossas armas — requisitou Savincar, estendendo uma obsequiosa mão e recolhendo-a bruscamente assim que sentiu uma gota de chuva. — É evidente que não mais vos posso convencer das minhas de qualquer forma inexistentes nobres intenções, mas tal não impede que coexistamos pacificamente durante o breve período de tempo que aguardareis pela escolta do senhor vosso irmão, não concordais? Podereis aproveitar a vossa menagem para me contar a vossa certamente fascinante história, bem como a razão pela qual vos encontrais em tão... peculiar companhia.

Confrontado com a falta de reação de Aewyre e a pose continuamente hostil deste, o barão suspirou, deixando a cabeça descair pesarosamente e erguendo uma enfadada mão para indicar o jovem dos anéis.

— Príncipe, considero-me um homem paciente, mas o Vascarò aqui não prima pela sua longanimidade — disse, e o jovem sacudiu alguma água dos seus cabelos ensopados ao inclinar a cabeça bruscamente para o lado assim que se apercebeu de que falavam dele. Parecia ter a capacidade de concentração de uma criança. — Trouxe-o como mera precaução, e como provavelmente já deduzistes, os seus talentos são de uma natureza arcana, com a particularidade adicional de serem peculiarmente... instáveis.

Vascarò fez que sim com a cabeça e ergueu um punho cerrado de multicoloridos anéis luzentes, fitando-os com fingido interesse meramente para se exhibir.

— Não queremos que ninguém se magoe, pois não, príncipe? — indagou Savincar, indicando Layaline com o queixo. — Sobretudo essa jovem e a criança. O Vascarò por vezes tem dificuldades em controlar o seu poder, e seria lamentável se alguém se ferisse apenas por sermos incapazes de levar esta situação a bom termo como pessoas civilizadas. Entregai a vossa espada, por favor, bem como os dois objetos que tanto intrigaram o Vascarò na noite em que vos visitou.

Aewyre avaliou as suas opções, trocando olhares circunspectos com Kror enquanto lobrigava as possíveis vias de fuga. Eram inexistentes. Teria que lutar, mas Layaline e Làriana ficariam encurraladas no meio de uma apertada e furiosa contenda caso desembainhasse Ancalach e começasse simplesmente a espadeirar em redor. Teria de ser rápido, fulminante, e acima de tudo inesperado. Notava-se que Kror partilhava da sua vontade, que a última coisa que estava disposto a fazer era render-se, nem que tivesse de lutar de muletas.

«Posso contar contigo, então», pensou o guerreiro, baixando-se para

pegar em Ancalach, que envolvera com um pedaço de lona e atara à sua mochila como uma vulgar peça de equipamento.

— Não sou o príncipe Aewyre — reiterou, atirando Ancalach para os pés de Savincar, que baixou a cabeça para olhar para a espada envolta. — O príncipe porta Ancalach, a espada do grande Aezrel Thoryn. Essa lâmina não é Ancalach, e o vosso mago pode comprová-lo.

Aparentemente intrigado e divertido, o barão optou por fazer a vontade a Aewyre, indicando a Vascarò que pegasse na espada com um curto gesto da mão. O mago pareceu feliz em aquiescer, acorrendo-se prontamente para agarrar a espada com ambas as mãos, contemplando-a de seguida como uma prenda por abrir. Aewyre lambeu a chuva dos lábios, lançou a Layaline um olhar pleno de significado para lhe dar a entender que algo se iria passar, e de seguida cruzou brevemente os olhos com os de Kror. Foi uma troca de olhares rápida ao ponto de passar despercebida, mas nela trocaram-se uma série de silenciosas palavras que deixaram em perfeita sintonia os dois homens já tão familiarizados com a linguagem corporal um do outro. Notou-se uma certa dúvida, sentiu-se uma medida de reticência, mas não havia tempo para discutir. Um erguer da sobrancelha, um singelo gesto a puxar os ensopados cabelos para trás, um leve inclinar do capuz, um erguer deste para o lado, seguido de um ligeiro inclinar para ambos os lados que parecia destinar-se apenas a despejar a água que escorria das pregas do capuz. Foi quanto bastou para que ambos se retesassem, prontos para o combate.

Vascarò desembrulhou Ancalach, estreitando os lábios num O de admiração ao contemplar os vistosos copos, e assim que fechou os dedos anelados no punho, Aewyre esticou bruscamente o braço para a frente ao

mesmo tempo que Kror contraiu os músculos do seu corpo inteiro, com ambos os guerreiros a grunhirem como em esforço. Ancalach deslizou para fora da bainha com um silvo agudo, arrastando o braço do jovem mago com um grande sacão que o desequilibrou, causando a sua queda ao singrar a caminho da mão estendida e aberta de Aewyre. Vascarò estatelou-se no chão molhado e o jovem apanhou Ancalach em pleno ar, dando seguimento ao ímpeto com um altabaixo na diagonal para trás, encalhando a lâmina entre o ombro e o maxilar do soldado que aguardara na balsa, espirrando chuva com o impacto. O homem grunhiu de surpresa, levando as mãos ao golpe e caindo nas revoltas águas diante da roda do moinho com um rasto de sangue a trilhar do seu pescoço. Kror apoiou-se era ambas as muletas e impeliu a sua bacia para a frente, chutando um soldado no esterno e fazendo com que este também caísse à água. O companheiro deste reagiu com os reflexos afinados de um lutador e desembainhou a espada, mas a última coisa que esperara ver foi Kror apoiar-se sobre a perna boa e a muleta direita para aparar a sua espadeirada com a esquerda, que descaiu, arrastando consigo a lâmina e deixando a sua guarda aberta. Kror urrou e, girando no eixo que era a muleta esquerda, espetou violentamente a ponta da muleta direita na garganta do humano, esmagando-lhe a laringe com um enojante estalido e fazendo com que o seu chapéu de ferro lhe saltasse da cabeça.

— *Aràtient-teb!* — gritou Savincar, recuando e sinalizando aos seus homens que avançassem.

Os dois soldados que seguravam o pátio deixaram-no cair e desembainharam as espadas, seguidos pelos outros que haviam chegado posteriormente. Ouvia-se o tilintar de cota de malha e o silvar de aço em

couro atrás do moinho, pelo que mais deveriam estar a caminho.

— Kror! Layaline! Vão! — berrou Aewyre, chutando a sua mochila para trás e para dentro da balsa.

Como a rapariga tardou a reagir, o jovem pegou nela pelo braço e atirou-a sem qualquer cerimônia para dentro da embarcação, tendo o cuidado de a atirar de costas para que Làriana não corresse o risco de se magoar ainda mais. Kror não precisou de tal incentivo, executando um salto de muletas e aterrando desajeitadamente dentro da balsa para evitar esforçar a perna ferida. Enquanto o drahreg pulava numa direção, Aewyre investia na outra para contender com os soldados, urrando e brandindo Ancalach. O muro sobre o qual caminhavam não permitia espaço a dois homens lado a lado, e o primeiro soldado não era páreo para a fúria do jovem, que praticamente o varreu para a água com um possante golpe de Ancalach, que colheu tanto a espada como quem a empunhava. Cada músculo do corpo de Aewyre formigava com o acesso à Essência da Lâmina que o «tendão» lhe concedera brevemente, e a resultante vontade de lutar era tremenda. Abateu-se com abandono sobre o subsequente, espadeirando selvaticamente com ele, com Ancalach a estridular agudamente na lâmina adversária e a espirrar água da chuva com cada embate, e forçando um recuo aos que se encontravam atrás antes de lhe decepar os dedos da mão que empunhava a espada e o chutar no peito para cima dos seus companheiros.

— Kror, agarra-a! — gritou, aproveitando a abertura para retroceder, cortando a corda da balsa com um golpe que por pouco não encalhou Ancalach na porta de retenção do açude e pulando para apanhar a embarcação que começou de imediato a correr rio fora.

E então parou em pleno ar.

Demasiado surpreso para qualquer som, preso como se o ar tivesse repentinamente congelado em seu redor, o guerreiro limitou-se a ver Kror, Layaline e Làriana serem arrastados pelo rio num movimento pendular cada vez mais rápido enquanto Kror agarrava a corda com uma mão e a vara de ferro com outra. Se o drahreg se agüentasse, iriam seguramente dar à margem oposta, embora longe do destino pretendido. Layaline gritou de mão estendida como se pretendesse agarrar o guerreiro àquela distância, mas nada podia fazer. Estavam separados, e Aewyre estava preso em Arle, mas não se podia dar ao luxo de se preocupar em tal momento e concentrou-se na situação que tinha em mãos. Foi necessário algum esforço para conseguir olhar para trás, era como se uma força exterior lhe estivesse a entesar os músculos e a sustê-lo era pleno ar. Vascarò estava de braços estendidos e luzentes mãos abertas, e sorria como uma criança cuja partida acabara de surtir o efeito desejado.

— Heh. Heh. Heh — riu.

— Isso foi desnecessário e, em última análise, inútil, príncipe — disse Savincar, satisfeito por ter a situação novamente controlada, embora visivelmente contrariado por estar exposto à chuva. — Eu não queria nada dos vossos companheiros, e de qualquer forma escusáveis de ter morto três dos meus homens.

O soldado que Kror atingira na laringe rebolava no chão, sufocando olhos bem abertos e com as mãos desesperadamente fechadas na garganta enquanto um companheiro seu gesticulava e falava com ele sem saber o que fazer. Os outros dois haviam desaparecido debaixo de água, arrastados ao fundo pelo peso dos seus capotes e cotas de malha, e o quarto segurava o pulso e contemplava com crescente palor o horror dos três cotos vermelhos

e sangrentos da sua mão mutilada.

— Estou deveras desagradado, príncipe, e começo a pensar que a torre de menagem talvez seja demasiado boa para alguém tão descortês...

Aewyre ignorou Savincar e concentrou-se exclusivamente em Vascarò, lembrando-se das sessões de treino de combate com magos que tivera com Allumno e Daveanorn. O jovem estava a fazer duas coisas ao mesmo tempo: a sustentar Aewyre no ar e a paralisar os seus músculos, e o fulgurante brilho dos seus anéis denotava o esforço que não se mostrava na tresloucada cara sorridente do mago. Se bem se lembrava, o primeiro efeito ainda era compreendido por aquilo que Allumno chamara uma «esfera de influência exterior», que, embora interagisse diretamente com o corpo e Aewyre, não era muito diferente de uma bola de fogo arremessada na sua direção. O segundo já estava fora da dita esfera, e envolvia um conflito de vontades para controlar o corpo do guerreiro através de Essência, algo que Allumno também por várias vezes lhe fizera. Só que Vascarò não era Allumno, estava a fazer duas coisas ao mesmo tempo, dividindo a sua concentração, e vontade era algo que não faltava a Aewyre naquele preciso momento.

— Homens, prendam-no — disse Savincar, e dois guardas avançaram cuidadosamente na direção de Aewyre, que ficou de olhos postos em Vascarò sem estar verdadeiramente a vê-lo.

Tão depressa quanto se enfurecera, o guerreiro recolheu-se para o seu âmago, encontrando a calma interior que a senda da lâmina requeria e com a qual aprendera a conviver. Focando-se na retidão do seu propósito, na intransigência da sua caminhada e na implacável natureza do caminho que escolhera, os olhos do guerreiro pareceram acceirados pela sua

determinação quando os focou novamente no mago. Este persistiu no seu sorriso demente, que contudo se desvaneceu quando sentiu os fios de Essência que usava para cingir os músculos de Aewyre soltarem-se um por um como se cortados por uma lâmina afiada. Franzindo as sobrancelhas e erguendo as lunetas no seu nariz ao fazê-lo, Vascarò mexeu os dedos como um fantocheiro frustrado, mas sentiu claramente o seu controlo ser minado e experimentou uma sensação rara: contrariedade.

— Heh? — admirou-se o jovem mago, cujo queixo descaiu quando Aewyre fez o mesmo.

Novamente senhor dos seus movimentos, Aewyre compensou com os braços a momentânea falta de equilíbrio quando a força invisível o libertou e os seus pés tornaram a assentar no chão. Os soldados que se aproximavam para o prender foram apanhados de surpresa, e o guerreiro colheu um deles com uma cutilada diagonalmente ascendente de Ancalach que lhe separou a mandíbula inferior do resto da face.

— *Dèfante!* — berrou Vascarò, estendendo ambos os braços com os anéis a fulgirem furiosamente.

— *Vascarò, na!* — tentou Savincar impedi-lo, demasiado lento para as duas rajadas irisadas que jorraram das mãos abertas do jovem.

Assim que ouvira o grito do mago, Aewyre pegara no colarinho do capote de um dos soldados após ter aparado o seu golpe, e o seu instinto foi metê-lo expeditamente à sua frente. O homem fazia tentações de estocar o jovem, mas então a rajada explodiu-lhe nas costas, queimando-lhe o capote e o brial por baixo e abrasando-lhe a cota de malha que, apesar de o resguardar do pior da rajada, não pôde amortecer suficientemente o impacto para o impedir de ser projetado para a água. O homem voou a abanar os

braços e a gritar, caindo com grande estrépito ao rio e desequilibrando Aewyre, que escorregou e tombou de lado sobre o muro, raspando a sua couraça e espaldeiras contra a pedra molhada. Encontrando-se de bruços, o jovem viu que um soldado se preparava para lhe desferir um pontapé na cara e que Vascarò fermentava de energias arcanas em antecipação de uma outra descarga. Sem nenhuma outra alternativa à vista, rebolou para a esquerda, deixando-se cair para dentro de água.

— Não! — tornou Savincar a gritar, levando as mãos à cabeça. — Idiotas, tirem-no da água! Ele está de armadura!

Sem saberem o que fazer, os soldados aglomeraram-se como ovelhas no muro, gesticulando na direção da água e olhando em redor em busca de um qualquer objeto que lhes pudesse valer. Um deles pegou no que restava da corda cortada por Aewyre por falta de uma alternativa melhor, mas antes que alguém lhe pudesse dizer o quão ridícula a noção era, o jovem emergiu, agarrado com uma mão a uma das pás da roda do moinho, que o alçou para fora do rio. Surpresos, os guardas não reagiram de imediato ao verem o jovem a escorrer água ser elevado diante dos seus narizes, e este não se fez de rogado, chutando um deles, que se desequilibrou e agarrou o capote de um dos seus companheiros, arrastando ambos para o rio. Só então é que os outros tentaram reagir, mas por essa altura já Aewyre estava fora do alcance das suas mãos e espadas. O guerreiro agia por instinto, e o que este lhe ditou assim que alcançou o ápice da roda e avistou uma janela fechada foi encalhar Ancalach entre esta e a adufa que a resguardava, entesando o braço e deixando a força motriz da roda arrancar o resguardo. Em baixo, Vascarò já o vira e, a mando de Savincar, que apontava na sua direção, projetou uma mão anelada para a frente, da qual

emanou uma rajada em vários tons de verde. Aewyre firmou o pé numa das pás da roda e pulou pela janela adentro, evitando a rajada, que fez um buraco na parede de tabique do moinho.

— Para trás, idiotas, voltem para trás! — berrava Savincar, histérico ao enxotar os homens que vinham da sua retaguarda, incluindo também os do muro. O seu cabelo ficara entretanto ensopado, revelando uma considerável calva na sua nuca. — Entrem pela porta! Ele está lá dentro!

Os soldados acederam prontamente às ordens do seu senhor, correndo de espadas desembainhadas para a entrada do moinho enquanto Vascarò os via passar, confuso e com a mão ainda estendida na direção do buraco na parede de tabique. Savincar pegou nele pelos colarinhos, por pouco não esborrachando os narizes de ambos, e apontou para os seus homens.

— Vai com eles, mas controla-te, seu imbecil! — ladrou. — Eu quero o príncipe vivo, entendeste? *Vivo!*

Sem dar verdadeiras mostras de o ter feito, e com olhos impossíveis de ler devido ao fato de as suas lunetas estarem molhadas e embaciadas, o jovem mago acenou com a cabeça e foi prontamente atrás dos soldados.

A porta do moinho foi arrombada sem qualquer cerimônia por um pontapé, e os homens de Savincar entraram de espadas desembainhadas. O interior estava iluminado pelas lanternas acesas, pois o barão aguardara ali pelo sinal de Iginasco, mas as engrenagens e traves sobre o teto e em redor do engenho providenciavam inúmeras sombras e recessos escondidos. O eixo da roda girava, chiando e rodando uma roda vertical dentada que por sua vez se engranzava num lanternim horizontal, este com uma haste que partia para as mós que torneavam numa plataforma em cima. Uma calha

diagonal partia da dita plataforma, desembocando sobre um compartimento circunscrito por canas entrelaçadas das quais pendiam vários sacos de serapilheira. Os soldados correram prontamente para as escadas que davam para a plataforma superior enquanto outros caminhavam de lado e olhavam para cima, atentos as traves sobre as quais o príncipe também se podia encontrar. O soldado que ia à frente subiu de espada em riste, mas assim que a sua cabeça ultrapassou o limiar da plataforma, recebeu um forte pontapé na nuca que lhe arrancou o chapéu de ferro e o impeliu de cara contra o último degrau, triturando-lhe o nariz com o impacto. O homem abafou o grito de dor com ambas as mãos que levou à cara, bloqueando a escada, e Aewyre pulou então para cima de uma das traves, deixando a sua capa para trás. Dois soldados apontaram na sua direção e gritaram, alertando os outros, e o jovem saltou para cima da calha com o intuito de a usar como plataforma para pular para o piso terreno, mas esta não suportou o seu peso e quebrou-se com um poeirento estalido. Aewyre caiu com grande estrépito sobre o compartimento de canas entrelaçadas numa confusão de membros, madeira partida, sacos e pó de cereais, largando Ancalach ao tentar amparar a queda com as mãos. O jovem grunhiu com o tombo, mas a adrenalina sobrepôs-se aos impulsos de dor que originaram de várias partes do seu corpo e não se permitiu ficar um instante sequer no chão. Porém, antes que se pudesse mexer muito, dois guardas caíram-lhe em cima com pontapés, e Aewyre apenas conseguiu erguer os antebraços protegidos por braceiras para resguardar a cabeça. Os dois praguejaram em Lariat enquanto chutavam o príncipe, mas Aewyre escudou-se do pior dos golpes e boa parte dos restantes embateram nas suas peças de armadura. Um deles permitiu-lhe agarrar um pé ofensor com ambas as mãos, que

Aewyre torceu bruscamente, partindo o tornozelo ao homem, que se deixou cair de lado para cima do seu companheiro. O jovem aproveitou a abertura para pegar em Ancalach e erguer-se atabalhoadamente com um golpe de pernas, girando em si e desferindo um corte no joelho do soldado que ainda estava de pé, partindo-lhe a rótula em dois. O homem uivou de dor e Aewyre pôs-se de costas contra a parede e de Ancalach enristada, pronto a enfrentar os soldados que se aproximavam. Estava encharcado e parcialmente coberto de farinha e grumos, alguns dos quais deslizavam pastosamente pela lisa superfície da sua couraça molhada. Esquadrinhando a área em redor de um único relance, o guerreiro constatou que não se prestava de todo a um combate de espadas, sobretudo uma do tamanho de Ancalach, tendo em conta todas as vigas em redor e a curta altura que separava o piso da plataforma em cima, mas não teve grande escolha.

Os soldados investiram com um grito em uníssono, não mais dispostos a darem tréguas ao homem que já matara ou ferira gravemente vários dos seus companheiros, e Aewyre lançou-se sobre o que vinha na dianteira. A contenda foi rápida e furiosa, com os contornos das silhuetas dos quatro combatentes a serem realçados pelo lume das lanternas, ao qual o aço das espadas brilhava. Aewyre e os seus adversários dançaram por entre as traves, com as lâminas a dardejarem, lambendo aço e mordendo madeira até Aewyre se encontrar na posição que almejava. Um, dois aparos de espada, e a guarda de um soldado abriu-se o suficiente para o guerreiro lhe rebentar os lábios com um forte murro de esquerda, deixando-se descair propositadamente com a impulsão do golpe para se baixar e evitar a espadeirada do homem que veio detrás do primeiro e que se embebeu numa viga. Cambaleando, Aewyre pegou num saco de serapilheira do chão e

arrojou-o para trás de si antes de se recompor numa pose defensiva, lançando uma nuvem de farinha para cima do terceiro soldado, que se preparara para o atacar. O seu oponente tossiu e engasgou-se, espanando com a sua espada e mão livre e tornando-se um alvo fácil para Aewyre, que o abateu com um golpe descendente de duas mãos impelido por um feroz grunhido. O homem caiu e o seu sangue respingou a farinha no chão num mórbido padrão cuja consistência a brancura granulada manteve. Aewyre ouviu mais barulhos à entrada do moinho, mas correu primeiro a aniquilar o soldado que embebera a sua espada numa viga. O homem ainda tentava arrancar a lâmina da madeira, mas assim que viu o irado guerreiro vir na sua direção, recuou, tropeçando e caindo de costas ao chão. Lançando-se sobre o homem como um predador, Aewyre enterrou Ancalach no seu peito e arrancou-a seguidamente, virando-se para a entrada. Foi então que uma rajada escarlate singrou pelo ar, atingindo-o em cheio na couraça e projetando-o contra o lanthemim, no qual o guerreiro ressaltou antes de cair ao chão.

— Heh — riu Vascarò à entrada. Os seus cabelos ensopados pendiam como patas de aranha negras entrecruzadas diante da sua cara, e as suas lunetas embaciadas davam um ar tanto mais alienígena à sua destravada expressão.

Aewyre sacudiu a cabeça e ergueu-se com uma careta, pois embora estivesse protegido pela sua couraça, o impacto não deixara de o magoar. Havia quatro outros soldados, à entrada, mas estes pareciam dispostos a deixar o jovem mago fazer o seu trabalho.

— Tu... vensou...? — indagou Vascarò com uma voz meia indistinta, alternando entre palavras arrastadas e encadeadas. Aliada ao seu

sotaque laonês, a sua fala era bastante difícil de decifrar. — Heh.

— Vem buscar-me — desafiou o guerreiro entredentes, erguendo-se numa posição meio agachada e de Ancalach empunhada por ambas as mãos.

O jovem mago riu, inclinando a cabeça para trás e abanando-a como em regozijo, e Aewyre preparou-se para a ofensiva arcana, que veio na forma de duas descargas projetadas pelas mãos de Vascarò quando este se inclinou repentinamente para a frente, esticando os braços. Aprendera uma coisa muito importante nos seus treinos com Allumno: quando em combate com magos, devia prestar atenção aos corpos destes, e não às luzes bonitas e mortíferas que deles emanavam. Assim que a linguagem corporal de Vascarò lhe denunciou o movimento, Aewyre antecipou as duas descargas, posicionando Ancalach numa guarda transversal com a qual as deflectiu a ambas. O mago recuou a intrigada cabeça, colando o queixo ao pescoço e de sobranceiras erguidas sobre as lunetas embaciadas.

— Heh — riu, aparentemente divertido enquanto coçava o braço. — Tu... és rápido és. Acho... sim... acho... quetevoumagoar!

Dito isto, desferiu uma série de golpes direitos no ar, arremessando um igual número de discos elipsoidais que crepitavam em colorida fúria e que Aewyre interceptou com cutiladas e reverses de Ancalach. Os discos estralejaram ao estourar, queimando o jovem com faíscas e ofuscando-lhe os olhos, embora não ao ponto de não conseguir ver os brilhantes projéteis virem na sua direção. Incólume, Aewyre pôs-se novamente em guarda, erguendo a cabeça em repto tanto ao mago como aos soldados que aguardavam de espadas desembainhadas. Vascarò parecia lidar com a Essência de forma diferente de Allumno, mais selvagem, mais

descontrolado. Ainda não o vira usar os seus poderes para nada mais elaborado que emitir rajadas de pura Essência, mas em contrapartida não se parecia cansar tanto quanto o seu tutor ao fazê-lo.

— Ai... euvou... vou... voumezangar! — intimidou, retirando contudo toda e qualquer força à sua ameaça ao pôr-se a olhar distraidamente em redor, como se outra coisa tivesse capturado o seu interesse.

O guerreiro pensava freneticamente em formas de escapar do moinho e fugir daquela labiríntica área, imaginando todas as possibilidades, incluindo pular da janela caso conseguisse distrair Vascarò. Todavia, não teria onde ir a partir daí, e saltar para o rio estava fora de questão.

«Espera... e daí, o rio... se conseguisse atirar-me lá para dentro com algo a que me agarrar...», pensou Aewyre, sem contudo tirar os olhos de Vascarò.

— Apanhaisto! — berrou o mago, tentando novamente surpreender o guerreiro ao atirar bruscamente os braços para a frente com os anéis a fulgurarem de forma quase cegante.

A descarga que emitiu foi considerável, mas Aewyre aprestara Ancalach assim que vira o recuar de antecipação dos ombros de Vascarò, e enfrentou a possante rajada com um altabaixo que a fendeu em duas. A fissão essencial causou um repentino arrepio que subiu pelos braços de Aewyre e se espalhou pelo seu corpo fora, e as duas partes da rajada rebentaram atrás de si. Vascarò exalou de incredulidade, deixando as mãos caírem para os seus lados e baterem nas suas ancas, claramente pouco habituado a ser desafiado de tal forma. Lá fora, alguém berrava e tocava um sino qualquer. Deviam estar a chamar a guarda cidadina.

— Heh — riu o mago sem verdadeiro humor, levando um braço

atrás das costas para coçar a ilharga e olhando para os soldados atrás de si. — Ele... é... é... émesmorápido. Heh... vocês... dequeestãoà... à... espera?

Os quatro soldados entreolharam-se, claramente receosos de se exporem aos excessos de Vascarò, mas acabaram por avançar cuidadosamente e de espadas desembainhadas. Aewyre deu uma rápida olhadela em redor para reavaliar as suas opções, e constatou que as duas partes da rajada fendida tinham danificado uma viga e a ponta do eixo da roda, cujo suporte de ferro com pregos rangia. Olhando para a parede de frágil tabique, teve então uma idéia louca, que naquele momento se sentiu perfeitamente capaz de tentar levar a cabo. Os soldados investiram então, e Aewyre de bom grado correspondeu ao seu ímpeto, rilhando Ancalach por duas lâminas com um só golpe e escudando-se de seguida atrás de uma viga, pois não tirara os olhos de Vascarò e reparara como o jovem mago se preparara para o apanhar desprevenido. O faiscante raio amarelado que crepitou contra a viga estivera destinado a Aewyre, mas ainda assim os quatro soldados hesitaram, encolhendo-se todos instintivamente e baixando as cabeças. O guerreiro aproveitou a hesitação para tentar acutilar o ombro do braço da espada de um deles, mas o homem ainda reagiu a tempo de aparar o golpe.

— Vamosváapnhem-nooo! — gritou Vascarò de dedos curvados e anéis fulgentes.

Os quatro soldados aquiesceram, mais por estarem a ser atacados do que por vontade própria, pois todos pareciam temer estar na linha de fogo do jovem mago. Aewyre escaramuçava mais do que propriamente lutava, pois não queria ficar mais que um mero instante na mesma posição e tinha de lidar com quatro espadas além da pendente ameaça de Vascarò. Teria de

resolver a situação depressa, pois não lhe era de todo favorável.

— Parecesumcoelho! — berrou o mago, esticando um braço e recuando o outro numa pose quase teatral ao emitir um feixe faiscante.

Aewyre deslizava pelo chão com passadas laterais, tentando entrepor-se entre vigas e os seus adversários sempre que possível, executando parada após parada. Ao ir de costas contra uma, foi logo prontamente atacado por dois soldados. Aparou o golpe do que vinha à frente com uma guarda apertada e deslizou rapidamente a lâmina de Ancalach pela do adversário, encalhando-a nos seus copos. O feixe de Vascarò atingiu a viga nesse momento, arrancando um naco de madeira e cuspido puas chispantes para o ar e para cima do cabelo do jovem. Ferrando os dentes, Aewyre torceu o pulso para tirar a espada do caminho e esmurrou o soldado em cheio no queixo, recolhendo-se de imediato e levando Ancalach atrás para estocar o segundo, que se preparava para fazer o mesmo, empunhando a espada com ambas as mãos. O jovem foi mais rápido e antecipou-se, atacando de ponta em riste, mas o homem interceptou o golpe e desviou Ancalach. O seu primeiro impulso foi estocar a garganta exposta do jovem, mas este foi novamente mais rápido e ergueu o punho de Ancalach, afastando ambas as lâminas e dando um passo em frente para se achegar do seu adversário. Este respondeu à altura, soltando a mão esquerda do punho da espada e agarrando a ombreira de Aewyre com ela ao mesmo tempo que recuava a direita, preparando-se para puxar o jovem contra a ponta da sua lâmina, mas os superiores instintos de combatente deste levaram-lhe novamente a melhor. Aewyre acercou-se mais ainda do soldado e soltou ele também a mão esquerda, com a qual agarrou o braço recuado que se preparava para o espetar com a espada, passando-lhe

então Ancalach peia garganta num movimento seco e pragmático que acresceu sangue à farinha que tinha na cara e no peito e que o deixou de braços abertos quando o homem tombava, agarrado à jorrante goela. O jovem apressou-se a corrigir a posição e girou em si com Ancalach novamente empunhada por ambas as mãos para aparar um golpe lateral vindo de trás.

— *Eio t'auvat ocam!* — imprecou o homem, evidentemente esquecido das ordens do seu senhor, a avaliar pelo arregalar maníaco dos seus olhos.

Antes que Aewyre pudesse responder, uma rajada resvalou na sua couraça, chamuscando-a, e fê-lo cambalear para trás, obrigando-o a recuar ainda mais enquanto aparava a custo os sucessivos golpes desvairados do adversário. Havia outro que se aproximava, e Aewyre baixou-se de um golpe que embateu contra uma viga e meteu-se atrás desta para criar um mínimo de distância entre si e os dois soldados, aproveitando para arrancar a espada que nela ficara embebida e constatando que se encontrava perto do lanternim. Vascarò soltou outra descarga e o jovem agachou-se e cobriu a cabeça para a resguardar da fulgurante explosão numa viga, que cuspiu mais pedaços de madeira. Aewyre atirou-se para o chão, evitando uma espadeirada, e deu uma cambalhota debaixo do lanternim, erguendo-se e virando-se para este com uma espada em cada mão, aparentemente pronto a defrontar os soldados que o seguiam. A nova comoção à entrada do moinho e as dançantes mãos luminosas de Vascarò convenceram-no de que de fato não tinha grandes alternativas.

«*Aqui vai, então...*»

O guerreiro enfiou a outra espada no lanternim, e a lâmina encalhou

com os dentes da roda dentada que nele se engranzava. Ambos os engenhos rangeram com a tensão exercida, e começaram a estalar antes mesmo de Aewyre receber a nova investida dos homens de Savincar. O embate das três lâminas coincidiu com o ruidoso estalido resultante do estraçalhar das duas peças, o que por sua vez fez com que várias rachas surgissem na parede de tabique. Alheio ao que se passava, Vascarò soltou uma gargalhada maníaca, acompanhada de uma nova descarga que colheu um soldado e da qual Aewyre se desviou a tempo, deixando-a rebentar na já martirizada parede. Achando que era a altura indicada, o guerreiro afastou o outro soldado com um golpe em arco de Ancalach, recuou, empunhou a espada de forma reversa com ambas as mãos e enfiou-a debaixo do eixo da roda do moinho, cujo suporte de ferro fora danificado por uma das rajadas de Vascarò. Meio acorado e puxando com a força de todos os seus quatro membros, Aewyre arrancou o que restava do suporte de pregos já meio soltos, caindo de assento ao chão enquanto o eixo se deslocava em arco contra a parede, um movimento que fez com que toda a estrutura rangesse e estalasse. Aewyre rebolou no chão e ergueu-se a tempo de ver o embate do eixo contra a frágil argamassa da parede, cujos suportes de madeira haviam sido enfraquecidos pelas descargas de Vascarò e que não conseguiram impedir o eixo de arrancar parte da parede ao sair abruptamente, impelido pela força do rio que girava a roda. Sem perder tempo, o jovem correu e saltou através do buraco na parede, arrancando mais pedaços de tabique e agarrando-se à roda, que ia deslizando pela água ao sabor da corrente à medida que a outra ponta do eixo rangia. Quando esta por fim cedeu e estalou, Aewyre agarrou-se desesperadamente à madeira molhada ao sentir que a roda ia cair sobre o lado no qual se encontrava, e susteve a respiração

antes de ser violentamente submerso.

A roda rodopiou então livremente pelo turbulento rio com o eixo partido erguido como a haste de uma bandeira, e embatendo contra a margem oposta antes de ser novamente arrastada para o meio. O Olyf corria furioso e escuro, e a sua superfície era pontilhada pelas pesadas gotas de chuva que sobre ele se abatiam. Aewyre surgiu subitamente à superfície no meio da roda, arquejante e com os cabelos diante dos olhos. A chuva torrencial quase lhe tornava difícil recuperar o fôlego, e o jovem pousou pesadamente um braço sobre uma das hastes, meio espetando, meio encalhando Ancalach cegamente entre peças de madeira. Sem forças para resistir ao poder da corrente, Aewyre ofegou e deixou-se simplesmente ir com a roda, orando para que esta pelo menos encalhasse na margem oposta antes de a sua consciência se tornar turva como as águas do Olyf.

MURMÚRIOS DE GUERRA

Allahn Anroth tinha uma série de dependências no seu interior destinadas aos mais variados propósitos, incluindo uma designada para refeições de caráter mais particular, e era precisamente nessa que Aereth se encontrava naquela chuvosa tarde de Indolin. Com ele estavam lorde Tylon; mestre Quinerio, o cabecilha do Ábaco; lente Saregna, o reitor da Academia de Guerra de Ul-Thoryn; mestre Pioulo, representante do comitê das guildas de manufatura; Cado Romical, o condestável de Aereth; e Begno Stafico, grão-mestre da Ordem Bélica, uma extensão da igreja de Gilgethan cujo aval era tradicionalmente requerido antes de qualquer empreendimento militar. Os dois burgueses eram prosperamente anafados, enquanto o lente, o condestável e o grão-mestre tinham uma contrastante aparência mais enxuta. O pajem surdo, Dilet e Cortun estavam também presentes, embora o paladino de lorde Tylon se encontrasse de pé e de braços cruzados ao lado da porta, limitando-se a marcar presença, ao contrário de Daveanorn, este manifestamente ausente. O pajem estava por conta própria no serviço de mesa, e procurava desempenhar as suas funções sem se deixar distrair muito por Dilet, que executava audaciosas acrobacias para entreter os sete

convivas, dos quais cinco se encontravam confortavelmente sentados num banco de costas altas e acolchoadas encostado à parede, enquanto que os menos ilustres condestável e reitor se tinham que contentar com um mero tamborete de ambos os lados da mesa. A toalha que a cobria era vermelha e amarela nos tons do brasão de Ul-Thoryn, e ostentava uma vistosa prataria que em nada ficava atrás da do salão do palácio, e cujo notável expoente eram os saleiros na forma de adejantes águias prateadas cujos recipientes com sal pendiam de finas correntes das suas garras. A dependência em si tinha as paredes decoradas com os mesmos tons num intrincado padrão dourado sobre um fundo vermelho, com uma tapeçaria a retratar o novo brasão esquartelado de Ul-Thoryn dependurada atrás do lugar de Aereth. Havia duas alongadas janelas horizontais perto do teto, e a chuva do exterior escorria das vidraças, tornando tão mais apetecível o fogo que ardia na lareira aninhada entre um par de asas de mármore e encimada por uma cabeça de águia. Havia duas portas fechadas, uma que dava acesso a uma latrina e outra ao corredor do qual vinham os serventes da cozinha com pratos cobertos.

Os comensais estavam todos vestidos para a ocasião, dando inclusive a impressão de que pretendiam ofuscar a realeza com a sua vistosa indumentária, mas nem Aereth nem Tylon lhes ficavam atrás, cada um a envergar as cores do brasão da sua casa em aparatosos trajes. À mesa já estavam servidos lúcio à laonesa fervido em cidra, pernil de carneiro recheado e cegonha, mas os três haviam sido ostensivamente preteridos em favor dos lagostins servidos com o amanteigado molho de mestre Colmor, uma especialidade justamente famosa do arquiagiro de Allahn Anroth. A dose era generosa, mas não chegava nem por sombras para a edacidade dos

visitantes, que os comiam sôfrega e vorazmente, como se o próximo lagostim fosse sempre o último. Tylon, Aereth e o condestável deste continham-se, comendo com vagar em oposição à entrega quase total ao prato dos restantes comensais, que quase grunhiam ao enfiar na boca a carne de lagostim entre casca estalada por dedos gordurosos. Cada um tinha ao seu lado uma taça de água para lavar as mãos, e algumas já se encontravam com anéis gordurosos a flutuarem à superfície. O pajem ia servindo vinho do gomil, atento sobretudo aos cálices dos visitantes de modo a que não lhes faltasse lubrificação nas amplas goelas para se empanturrarem. Se alguém lhe estivesse a dar o mínimo de atenção, notaria que tendia a manter-se perto das paredes e o mais longe possível do, bobo, e que se mostrava sempre algo mais relutante em ir servir aos cantos opostos da mesa, o que o deixava sem qualquer objeto a entrepor-se entre ele e Dilet. Por sua vez, o bobo tão-pouco reparava nele, parecendo absorto no seu próprio mundo e fazendo rimas inanes para consigo à medida que ia executando piruetas ousadas. Aereth e Tylon observavam os comensais enquanto mastigavam, segurando pingantes cascas de lagostim com as mãos perto da boca e trocando o ocasional olhar, mastigando lentamente como se estivessem a avaliar a situação.

— Lorde Aereth, o talento de mestre Colmor é sobejamente conhecido — disse Quinerio, o cabecilha do Ábaco, levando um gorduroso punho fechado à boca para conter um arroto. — Perdão. Mas consegue sempre exceder-se com os lagostins!

Aereth reconheceu o elogio, fechando os olhos e acenando curta e lentamente com a cabeça enquanto mastigava.

— Se não o guardardes bem, pode ser que um dia compremos os

seus serviços para a sede da nossa guilda.

Quinerio era um homem com modos, mas a pequena boca de lábios carnudos da sua barbada cara anafada não foi capaz de impedir que um pedaço de lagostim fosse projetado para cima da mesa ao rir. Os outros partilharam a risada sem contudo partilharem do seu lagostim, e Aereth aceitou o chiste com um sorriso desprovido de humor, erguendo ambas as mãos aneladas, deixando as suas folgadas mangas carmesins penderem e dirigindo um enfadado olhar ao pajem. O jovem reagiu prontamente, pousando o gomil numa prateleira coberta por uma toalha vermelha e debruada a amarelo, em cima da qual estava um rescaldeiro que abriu, tirando dele um pano quente, e pegando numa molheira que também sobre ela se encontrava enquanto se dirigia ao seu senhor. Despejou uma solução alcalina da molheira na água da bacia de Aereth e esperou que este acabasse de lavar as mãos antes de lhe entregar o pano para as secar.

— Os serviços de mestre Colmor, meus senhores — começou Aereth a dizer, fazendo uma pausa para esfregar a boca com o pano antes de o pousar impecavelmente dobrado —, são garantidos única e exclusivamente pela soberania da nossa cidade-estado, o modelo ao qual Nolwyn e boa parte da Allaryia civilizada aspiram.

Os comensais abrandaram por fim o seu festim, as suas orelhas subitamente espertas, cientes de que o fulcro do convite de lorde Aereth chegara. Lorde Tylon olhava-os como para confirmar as suas suspeições, embora aparentasse também ter sido apanhado desprevenido. Afinal, tinham acabado de começar o segundo serviço da refeição, e os homens que queriam persuadir ainda não estavam tão receptivos como o senhor de Lennhau gostaria.

— Soberania essa que presentemente, ou pelo menos num futuro muito próximo, poderá ser posta em risco, diria mesmo espezinhada pelos cascos de Vaul-Syrith, caso não sejam tomadas as medidas necessárias.

Os comensais mastigaram um pouco, entreolhando-se como quem já contara com semelhante situação, mas que ainda assim nutrira esperanças que o assunto não fosse abordado.

— Convenhamos, lorde Aereth — disse Quinerio, numa derradeira tentativa de salvar o jantar —, não há que dramatizar de tal forma a situação...

— Jestiban Kilune, o paladino de lorde Sunlar, portou uma espada com sangue do seu senhor na lâmina pelas aldeias e burgos debaixo da alçada de Vaul-Syrith — interrompeu Aereth, sem contudo erguer o tom da voz. Todos sabiam o que tal significava. — Mobilização total. Guerra sem quartel. O exército está a ser mobilizado. A guerra está prestes a começar. Ul-Thoryn deve começar os devidos preparativos, correndo o risco de ser avassalada se não o fizer.

— Lorde Aereth — interveio mestre Pioulo, o representante do comitê das guildas de manufatura, enquanto lavava as mãos sapudas —, decerto não vos deixais intimidar por semelhante teatro. A Guerra da Hecatombe foi há vinte anos, e as pessoas não mais estão tão dispostas a enviar os seus filhos para a guerra.

— Vaul-Syrith sempre foi mais thyrana do que propriamente nolwyna — corrigiu Aereth. — Atêm-se mais facilmente a... costumes barbáricos. Os thyranos não passam de ocar bem vestidos e com mulheres menos feias, e assim se comportam os de Vaul-Syrith. Certamente não estais alheio ao devassamento de Pesoria e duas outras aldeias debaixo da minha

jurisdição?

Quinerio franziu os lábios carnudos, olhando para o seu prato, mas Pioulo não pareceu convencido.

— Lorde Aereth, asseguro-vos que prestamos a devida atenção a assuntos concernentes à regência, mesmo os de foro militar. Estamos perfeitamente cientes da tragédia de Pesoria e das outras, nenhum de nós nega que lorde Sunlar mobilizou uma força e pretende combater-vos, mas... com licença...

Chupando dois dedos gordos, o representante degustou o amanteigado molho, estalando os lábios.

— Perdoai-me, lorde Aereth, mas este molho é simplesmente divino. Dizia eu, nenhum de nós nega que se aproxima um exército de Ul-Thoryn. Lorde Sunlar deu mostras de ser um homem cruel com os massacres nas aldeias, mas um soberano benévolo como vós certamente abrirá as portas de Ul-Thoryn, permitindo refugio aos indefesos camponeses.

— Ceder as aldeias e feudos ao inimigo, portanto — concluiu Aereth, bebendo um trago de vinho. Dilet caiu de cabeça ao chão e emitiu um guincho, como se sensível ao desagrado do seu senhor.

— Não sou a pessoa indicada para vos falar disso, lorde Aereth. Mas antes de aceitarmos o vosso gracioso convite, eu e o lente Saregna tivemos uma conversa...

Tylon olhou para o reitor da Academia de Guerra, vendo um claro conluio entre este e Pioulo. Saregna tinha uma tez morena, espessas sobrancelhas e um nariz cuneiforme, que ficava empertigado sempre que era a sua vez de falar.

— Lorde Aereth, como não estamos a falar da Guerra da Hecatombe nem de uma campanha de anexação, perder o controlo sobre os domínios circundantes a Ul-Thoryn não seria grave, especialmente tendo em conta a época do ano em que nos encontramos — teorizou o homem.

— Lorde Sunlar não tem como as manter ocupadas, e mesmo que queira salgar as vossas terras, é altamente improvável que disponha das quantidades de sal suficientes para semelhante empreendimento. Vaul-Syrith não é uma cidade costeira, e o Ábaco detém o monopólio sobre o comércio de sal em Nolwyn de qualquer forma.

Quinerio acenou afirmativamente com a cabeça, sentindo-se suficientemente relaxado para pegar num dos últimos lagostins, lambendo o carnudo lábio inferior.

— Em suma, as perdas seriam mínimas, visto que nem em época de colheita nos encontramos; quando muito, poderão devassar os campos, o que apenas nos dará mais tempo — prosseguiu o reitor, pousando o coto de ambas as mãos abertas na mesa. — Deixai-os partirem-se contra as muralhas de Ul-Thoryn, meu senhor. Deixai-os tentarem pular com os seus cavalos sobre as nossas ameias. Deixai-os morrerem de fome e frio no exterior enquanto os vossos súbditos descansam refestelados ao calor das lareiras com uma caneca de vinho quente na mão.

Os dois burgueses aprovaram e apreciaram a eloquência do reitor, acenando afirmativa e convictamente com as cabeças num gesto que dava a entender que o assunto estava encerrado. Alheio à conversa, o pajem ia servindo os cálices dos comensais, mantendo sempre um olho atento em Dilet, que tentava recuperar o orgulho ferido através de manobras mais ousadas.

— E que... diz Gilgethan? — interveio subitamente Tylon, tirando brevemente o queixo de cima do punho no qual o apoiara para indicar o grão-mestre Stafico com um gesto da mão.

A autoridade máxima da Ordem Bélica pareceu despertar de uma mal-humorada modorra, pois aparentara estar a tentar despedaçar os lagostins com os olhos enquanto os segurava. Stafico tinha um feroz olhar verde acastanhado, o que, aliado aos seus grisalhos cabelos e barba eriçados, lhe dava um ar beligerante que certamente em muito contribuía para que tivesse chegado ao seu presente cargo.

— Gilgethan diz que sim — afirmou peremptoriamente, rachando um lagostim com as mãos. — O deus da guerra favorece a casa de Thoryn, pois o irmão de lorde Aereth restituiu a manopla do santo Karasthan à Sua igreja.

Não fora evidentemente aquilo que Aereth quisera ouvir, pelo menos não de bom grado, pois a expressão do jovem regente ensombrou-se brevemente com a menção de Aewyre, mas Stafico não fez caso.

— É chegada a hora de esfregar a ferrugem das armaduras com areia, rilhar as lâminas botas nos rebolos e aceirar a determinação dos nossos soldados amolecidos.

Quinerio e os outros ficaram a olhar para o grão-mestre, mastigando.

— Vaul-Syrith invade. Pois bem, o Belipotente dita que devemos dar-lhe a guerra que evidentemente deseja. Que os cavaleiros deles se estraçalhem contra os piques de Ul-Thoryn!

Stafico terminou a sua diatribe de punho cerrado e erguido, mas os dois mestres de guilda não pareceram particularmente convencidos.

— Com o devido respeito, grão-mestre — disse Pioulo —, o deus da guerra dirá sempre que sim se lhe perguntardes se devemos ou não empreendê-la.

Pioulo foi alvo do penetrante olhar do grão-mestre, e ergueu as apaziguantes mãos.

— Repito, com todo o devido respeito! Ainda esta semana dei um generoso donativo à igreja de Gilgethan, em agradecimento pelo fato de os guardas de uma caravana da nossa guilda terem rechaçado um ataque de boaroars nas montanhas...

— Tenho a sensação de que não me estais a levar a sério... — constatou Aereth prosaicamente, enclavinando os dedos anelados das suas mãos.

Era evidente a quem Aereth se referia, mas ainda assim todos os presentes menos o seu condestável e Tylon apressaram-se a demonstrar que tal não era o caso, abanando mãos abertas e cabeças.

— De todo, lorde Aereth, de todo — asseverou Quinerio com falsa sinceridade, franzindo os carnudos lábios enquanto abanava a cabeça. — Apenas não partilhamos da belicosidade que aparenta ser consensual em Allahn Anroth...

Tylon tapou a boca com a mão na qual apoiava a cabeça, batendo ao de leve na maçã do rosto com o indicador. Para o senhor de Lennhau, era extraordinária a falta de pulso que Aereth tinha para com os seus súbditos, bem como o poder e influência que os mercadores exerciam sobre Ul-Thoryn, ao ponto de se permitirem a si mesmos dirigirem-se de tal forma ao regente da cidade.

— Afinal — continuou o cabecilha —, não estamos a ser invadidos

por drahregs. São humanos como nós, lorde Aereth, e podemos parlamentar com eles. Dialogar. Negociar. Ou mesmo subornar...

— A mobilização do exército de Vaul-Syrith *é* apenas o culminar de uma trama bem mais aleivosa — disse Aereth, surpreendentemente calmo. — Lorde Sunlar procurou desacreditar um dos mais queridos heróis da nossa cidade, deturpar a sua memória. Virou um dos meus mais valiosos conselheiros contra mim, bem como o meu próprio irmão, que por coincidência levou consigo Ancalach, a mais preciosa relíquia de Allahn Anroth. Não dialogo com homens assim.

Tylon quase conseguia ler os pensamentos dos burgueses, que se esforçavam por não tornar demasiado evidente o que lhes ia na cabeça. Histórias. Memórias. Nada disso os tocava minimamente. Era como tentar comover raposas com uma história de coelhos degolados.

— Compreendemos o vosso ponto de vista, lorde Aereth — disse Quinerio de forma quase condescendente e meio suspirada. — Dizei-nos então... bem, o que necessitaríeis de nós?

Aereth bebeu um pouco de vinho antes de continuar a falar, levando aos lábios o seu cálice dourado envolvido por asas e com uma pata de águia a servir de suporte enquanto fitava Quinerio. Tinha a certeza de que as guildas sabiam muito bem aquilo que era necessário, pois evidentemente que tinham dialogado com a Academia de Guerra, mas ainda assim deu a palavra a Cado, o seu condestável.

— Condestável Romical, por favor enumerai aquilo de que a coroa necessita — disse Aereth, olhando-o e indicando os burgueses com um gesto da mão.

Cado limpou as mãos como se delas precisasse para falar e tossicou.

Tinha um ar relativamente jovem e era um homem de aparência enxuta, tez pálida, negra barba rala, encrespados cabelos encaracolados, e vestia a libré de Ul-Thoryn.

— O arsenal da nossa cidade está desatualizado — afirmou peremptoriamente com voz de homem de campo de batalha. — Em vinte anos de paz perdeu-se boa parte daquilo que já fora alcançado em termos de acompanhamento administrativo de assuntos militares.

O modelo das nossas bestas, por exemplo, não se encontra padronizado, pois a regulamentação regencial passou efetivamente a ser ignorada menos de dez anos após o fim da guerra em favor de interesses mercantis de exportação.

Quinerio e Pioulo encontraram subitamente novos focos para sua atenção em diferentes pontos da mesa.

— O resultado? Frequentemente encontram-se bestas incompatíveis com os fios e virotes dos quais o arsenal dispõe, algo tanto mais frequente com as milícias citadinas e os conscritos rurais. Seria necessário voltar a padronizar o modelo das bestas, portanto, e para tal empreendimento a coroa necessitaria da total e indivisa cooperação da guilda dos besteiros. Além disso, seremos provavelmente forçados a subcontratar entidades externas em Gren para o fabrico de cabeças de quadrelos, pois a procura será enorme e possivelmente superior à presente capacidade de produção da nossa cidade, que se especializou noutras manufacturas.

Os dois mestres de guilda mexeram distraidamente na sua comida como se nada fosse com eles. Dilet ia emitindo risadinhas matreiras, observando os comensais enquanto fazia o pino contra a parede.

— A nossa cavalaria precisa urgentemente de um afluxo de sangue

novo para as suas montarias, que nas últimas décadas serviram propósitos meramente cerimoniais. Há que importar garanhões de Thyr para as nossas unidades de besteiros montados e cavalaria ligeira...

— Bem, Nolwyn nunca foi particularmente conhecido pela sua cavalaria... — tentou Quinerio aliviar a atmosfera com um sorriso forçado, sem qualquer sucesso.

— ...e uma série de outras necessidades, que são perfeitamente enumeradas pelo custo bruto da mobilização do exército. Estamos a falar de, hum, cerca de cento e cinquenta mil águias.

Pioulo tossiu de forma não particularmente discreta.

— Atendendo a semelhante custo — disse então Aereth —, a coroa terá de cobrar um imposto suplementar aos cidadãos de Ul-Thoryn, bem como aos templos. — O grão-mestre Stafico acenou afirmativamente com a cabeça. — A semelhança do passado, terei de impor provavelmente também um imposto sobre exportações, o que, com o suplemento de empréstimos que conto obter dos banqueiros e usurários da nossa próspera cidade, deverá ser o suficiente.

Dilet tornou a cair de cabeça, estremunhando o pajem, que não tirava os olhos dele mesmo enquanto encostado à parede do outro lado da sala e de mãos atrás das costas. O silêncio que se seguiu foi desconfortável, e Tylon fechou os olhos, suspirando através do nariz. Não fora essa a abordagem que havia discutido com Aereth, e certamente não teria usado semelhantes palavras para tentar convencer os seus gananciosos interlocutores. Quinerio e Pioulo menearam os irrequietos dedos, mexendo os lábios como se em busca de palavras que não lhes ocorriam. O lente Saregna parecia dividido, e nem mesmo o condestável Romical aparentava

estar plenamente de acordo com a abordagem do seu senhor. Durante algum tempo, apenas se ouviram os guizos de Dilet.

— Lorde Aereth... — disse Quinerio por fim. — O que sugeris poderá ter... repercussões.

— Repercussões, mestre Quinerio? — indagou o regente, de queixo apoiado na palma da mão, erguendo uma sobrancelha.

O cabecilha sorriu gordamente para desanuviar um pouco o seu tom.

— Como decerto podeis imaginar, tão súbita imposição em algo tão fundamental para a nossa cidade como as exportações não será... bem recebido.

— Impostos nunca o são.

— Uma das realidades da vida — concordou Quinerio, tentando parecer o mais congenial possível —, mas semelhante imposto em particular tem o potencial de... desestabilizar as até hoje excelentes relações entre a coroa e as guildas.

— Deveras? — inquiriu Aereth.

— Meu senhor — interveio Pioulo —, só para vos dar um exemplo, a guilda de tecelões acaba de receber uma avultada remessa de lã forlornyana. Das maiores de sempre, e de primorosa qualidade. O Inverno afigura-se frio, como o podemos constatar, e a procura será grande. O prejuízo que tal imposto causaria... para não falar de todo o capital que já se encontra investido no empreendimento...

— Sim, o Inverno... — concordou Quinerio. — Sempre houve um acordo tácito entre a coroa e as guildas em como não seriam efectuadas campanhas militares durante o Inverno.

— Parece um pouco cedo para implementar tão drásticas medidas, não achais, meu senhor? — aditou Pioulo.

— O que não significa que não discutamos o assunto com os nossos confrades. Será certamente o tópico deste mês, isso vo-lo garanto — assegurou Quinerio.

— Certamente — concordou Pioulo.

Aereth olhou à vez cada um dos mestres, avaliando-os com o seu cálice numa lassa mão e o queixo na outra.

— Posso então inferir que as guildas não estão particularmente dispostas a contribuir para a causa da guerra com o seu dinheiro?

— Jamais, lorde Aereth, tal seria indigno de nós, que tanto devemos à coroa por nos ter ajudado a tornar Ul-Thoryn a Pérola do Sul — disse Quinerio, meloso. — Evidentemente que estamos dispostos a ajudar com os meios de que dispomos... desde que usados para parlamentar com lorde Sunlar.

O semblante de Aereth pareceu escurecer, mas este não esboçou reação alguma de qualquer tipo.

— Convenhamos, meu senhor, ninguém deseja verdadeiramente a guerra — disse Pioulo. — Perdem-se vidas e dinheiro, e embora Ul-Thoryn disponha de ambas em abundância, por que razão se há-de despender uma ou outra se tendes duas alternativas seguras?

— E quais são elas? — quis o jovem regente saber.

— A primeira, como já foi e bem enunciada pelo lente Saregna — disse Pioulo, indicando o reitor —, será deixar o exército de lorde Sunlar morrer à fome ou esvaír-se em sangue diante das nossas muralhas.

— A segunda... — imiscuiu-se Quinerio. — Bem, a segunda está

inteiramente nas vossas mãos, lorde Aereth. Tendes a filha de lorde Sunlar em vosso poder. Usai-a em vosso proveito. Com ela podereis terminar a guerra antes de ela começar, entregando-a ou devolvendo-a ao seu pai mediante um resgate...

A resposta de Aereth tardou, e todos sentiram que era uma questão de tempo até o regente de Ul-Thoryn perder a compostura, sendo evidente a sua absoluta convicção de que apenas a guerra poderia restaurar a honra ferida da sua casa. Dilet antecipou a regencial fúria, humilhando-se no chão de mãos sobre a cabeça, abanando os guizos, titubeando algo acerca de uma águia a descer a pique dos céus. Porém, Aereth surpreendeu-os a todos com um sorriso.

— Compreendo-vos — disse de forma totalmente inesperada. — Aliás, meu senhores, agradeço-vos. O meu discernimento estava obnubilado pela raiva, e ajudastes-me a percebê-lo. Vejo agora a razão e o bom senso patentes nas vossas palavras.

Demasiado surpresos para sequer mostrarem o seu alívio, os burgueses tartamudearam palavras conciliatórias, atropelando as frases um do outro enquanto o faziam. Aereth interrompeu-os, abanando as mãos erguidas e baixando a cabeça.

— Não, não, tendes toda a razão. Felizmente que pude ter esta conversa antes que ordenasse algo de verdadeiramente drástico — disse Aereth, sorrindo e abrangendo com um gesto de braços abertos os presentes, que olhou à vez. De todos, Tylon parecia o mais surpreso, e o grão-mestre Stafico o menos satisfeito, mas o regente não se deixou desmoralizar. — Porém, tereis de me perdoar, pois à luz desta revelação terei de interromper a refeição. Devo impedir que os preparativos que já

foram efectuados culminem num evento drástico que todos certamente lamentaríamos.

Aereth levantou-se, mas ergueu as mãos aneladas assim que os atordoados comensais seguiram o seu movimento.

— Antes de partirdes, contudo, espero que aceiteis as minhas desculpas por vos falhar como anfitrião, e que o vinho que vos vou oferecer seja uma escusa aceitável. — De folgada manga pendente, Aereth chamou a atenção do pajem com um gesto da mão, com a qual de seguida executou uma série de meneios diante da sua cara. — Traz o vinho que guardei para os nossos convidados.

Tylon continuava demasiado surpreso para sequer perguntar a Aereth quando este aprendera a falar com o pajem através de sinalética, e o jovem apressou-se a ir buscar um de dois gomis adornados com filigrana que se encontravam sobre a prateleira.

— Esperamos não ter de alguma forma faltado ao respeito, lorde Aereth... — acabou Quinerio por dizer, coçando a intrigada barba.

— Procuramos apenas salvaguardar os nossos interesses e, por associação, os da cidade... — acrescentou Pioulo.

— Quem deve justificações sou eu — assegurou Aereth, indicando ao pajem com um movimento circular do indicador que começasse a servir a mesa a partir do seu condestável, o que deixaria para últimos os mestres de guilda. — Ainda assim, espero que este belo vinho licoroso sirva para minorar tamanha falta de hospitalidade da minha parte.

O pajem serviu os comensais à vez, levando sempre o gomil acima do nível da boca de forma a não respirar sobre o vinho, tal como lhe havia sido ensinado.

— Foi urna excelente safra das nossas vinhas resguardadas — explicou Aereth para manter entretido quem ainda não fora servido, oscilando ligeiramente o seu cálice para apreciar os reflexos da luz das velas no vinho topázio escuro. — O odor floral persiste durante horas na boca.

Ainda algo atarantados com a súbita mudança do rumo da conversa e do jantar, os comensais limitaram-se a acenar com as cabeças enquanto eram ou esperavam por ser servidos. Quando o pajem por fim chegou a Quinerio, deteve-se e olhou para o seu senhor, ostentando o gomil.

— Se acabou, vai buscar o outro, rapaz — disse-lhe Aereth, falando enquanto gesticulava e apontava para o outro gomil sobre a prateleira. — Perdoem-no, ele é surdo-mudo e por vezes um pouco lento.

Os dois mestres de guilda manifestaram a sua compreensão, e embora não pudessem deixar de estranhar toda a situação, haviam sido colocados por lorde Aereth numa posição que não lhes permitia ser nada além de graciosos. O pajem regressou então com outro gomií não menos ornado e serviu-os a ambos, posto o que Aereth ergueu o seu cálice à laia de saudação.

— Um brinde, então, à Pérola do Sul, e à sua continuada prosperidade graças ao empreendimento dos seus burgueses — propôs Aereth.

— E... e... e a lorde Aereth, o seu sábio e benevolente regente — aditou Pioulo, para não lhe ficar atrás.

Aereth reconheceu a falsa lisonja com um gesto da cabeça e bebeu um trago, gesto esse que todos os outros comensais emularam, uns com mais vontade que outros. Tylon em particular apenas beberricou, olhando fixamente para Aereth enquanto o fazia.

— Fantástico — apreciou Quinerio, concordando vigorosamente com a cabeça, embora os seus lábios grossos se franzissem e os olhos estivessem ligeiramente cerrados.

— Tem um travo... peculiar — avaliou Pioulo. — Doce... mas ao mesmo tempo forte.

— Uma safra especial, como referi. Agora, meus senhores — disse Aereth, pousando o cálice e assentando ambas as apologéticas mãos sobre o ventre —, devo pedir-vos que vos retireis. Ser-vos-á providenciado transporte até às vossas residências... ou a qualquer outro destino que desejeis.

O último comentário foi especificamente dirigido a Quinerio, cuja expressão atabalhoada foi substituída por uma outra mais incrédula.

— Eu... não é necessário, lorde Aereth...

— Insisto — persistiu o regente, sem contudo dar seguimento ao assunto, como se este estivesse encerrado. — Uma boa noite a todos. Lorde Cortun acompanhar-vos-á até às vossas respectivas escoltas. Condestável Romical, por ora parlamentarei com lorde Tylon, mas desejo falar convosco ainda esta noite.

Um por um, uns menos satisfeitos que outros, mas todos igualmente admirados, os comensais retiraram-se pelos lados da mesa, deixando Aereth ao centro e despedindo-se à vez deste e de Tylon com respeitosas vênias. Aereth retribuiu cada vênia com um gesto da cabeça, o pajem prestou a cada um dos convidados a mesma cortesia que era devida ao seu senhor, e Cortun fechou a porta atrás de si ao sair com eles para o corredor.

Sozinho na dependência com Tylon, Dilet e o pajem, Aereth emitiu

um intrigado ruído gutural, olhando para o vazio e escorropichando do seu cálice. Tylon tinha o seu na mão, mas olhava para ele em vez de beber, franzindo as grossas sobrancelhas. O pajem fitava o seu senhor à espera de ordens, evitando a todo o custo olhar para o bobo, que ria desamparado no chão.

— Como pode uma águia um polvo apanhar? — perguntou a ninguém em particular, batendo com os punhos no chão. — Atirando um apetitoso mexilhão ao mar!

Contorcendo o corpo de forma quase espasmódica, Dilet ergueu-se, girando em si e impulsionando as pernas para uma posição vertical e de braços abertos.

— Quem diria que a águia-real podia ser tão matreira? Vai de ver, afinal era uma águia-pesqueira! — rimou, correndo em redor de Aereth aos pinotes e sendo ignorado por este.

O pajem quase se colou à parede de medo, engolindo em seco e apertando o gomil ao seu peito, mas ninguém lhe dava atenção. Por sua vez, Tylon fitava intensamente o bobo, olhando alternadamente para o introspectivo Aereth, e pareceu estabelecer uma ligação ao baixar os olhos para o vinho no seu cálice.

— Suco do Teixo...? — indagou.

— Hmmm — murmurou Aereth para dentro do seu cálice ao beber um último trago. — Apenas um cheirinho.

O jovem tegente nada mais adiantou, deixando Tylon a questionar-se quanto às suas verdadeiras intenções. Pela primeira vez, o senhor de Lennhau sentia-se posto de parte nas maquinações que até então haviam sido orientadas por ele a mando do seu mestre, Othragon. O bobo

continuava a cabriolar em redor do seu regente, lançando o ocasional olhar a Tylon e, para grande surpresa deste, piscando-lhe mesmo um olho antes de se esconder entre as pernas de Aereth.

«*Que espécie de jogo é o teu, criatura?*», pensou, apertando o suporte do seu cálice. «*E quem serves tu verdadeiramente?*»

Sozinho na privacidade do seu coche privado, mestre Quinerio contudo mexia-se nervosamente em claro desconforto, ajeitando constantemente as roupas às suas abastadas formas. O interior parecera-lhe quente e abafado, pelo que abrira a janela do coche, correndo a cortina vermelha de forma a resguardar-se da chuva que vinha do exterior, mas mesmo assim sentia-se injustificavelmente acalentado. O quente desconforto causava-lhe formigueiros um pouco por todo o corpo, e o cabecilha do Ábaco coçava-se incessantemente, sobretudo a barba, fungando furiosamente do nariz. Acabou por puxar a cortina e expor a cabeça ao exterior, tirando o chapéu e esfregando a testa suada com a sapuda mão, deixando a ligeira chuva refrescá-lo.

«*Acquon me cure... terão sido os lagostins?*», pensou, ofegando à janela como uma baleia encalhada. «*Devo ter comido demais... demasiado depressa.*»

Porém, não era o seu estômago cheio que o incomodava, nem estava a ser acometido de qualquer sensação de mal-estar. Sentia-se simplesmente enervado, e os calores que lhe assomavam à pele eram idênticos aos que semelhante estado de espírito causaria, mas não via grandes razões para tal. A não ser talvez o fato de lorde Aereth aparentemente estar ciente dos seus hábitos, embora tal não representasse grande surpresa. A sua apetência por lupanares e casas de banho não era segredo algum, nem sequer para a sua mulher, mas o ar quase presumido

com o qual o regente assumira que desejaria ir para um logo a seguir ao jantar... tivera vontade de recusar, e pedira mesmo ao cocheiro para o levar para casa, mas acabara por mudar de idéias. Apesar do seu estado de espírito, apercebera-se de que estava com uma invulgar vontade de dar largas aos seus excessos, que os seus nervos praticamente clamavam por libertação. Sim, era exactamente disso que precisava, e quanto mais pensava no assunto, mais pressa tinha de chegar ao seu estabelecimento habitual, *A Tina Quente*, uma das mais famosas casas de banho de Ul-Thoryn. Começou a ficar irrequieto, esfregando o suor da testa e bochechas com as mangas e apertando os assentos acolchoados do coche. O calor era incomodativo, mas era o seu próprio corpo que o emanava, e não era confortável, nem mesmo atendendo ao frio do exterior, e Quinerio ia folgando a gola do seu gibão à medida que bufava. Quanto mais pensava, mais se apercebia da vontade, do desejo de ter Brinela, a sua meretriz preferida diante de si e devassá-la como se fosse a última coisa que faria na sua vida...

Ouviu-se então o cocheiro a vociferar no exterior, e o coche abrandou delicadamente antes de parar graças ao adestrado passo dos seus cavalos. O companheiro do cocheiro saltou para o pavimento molhado e veio abrir a porta a Quinerio, que constatou que se encontravam mesmo à porta *d'A Tina*.

— Chegámos, mestre Quinerio — disse o homem de feições ensombradas pelo capuz do seu tabardo. — Oh, tínheis a janela aberta...

— Eu *sei* — interrompeu rudemente o cabecilha do Ábaco, revolvendo o seu anafado corpo pela porta fora e soltando bofes quase bovinos.

Da maneira que se sentia, mal reconheceu a existência dos homens

de lorde Aereth que o tinham ali levado, e nem sequer teve a paciência para lhes agradecer pelo serviço prestado. O seu desejo era cada vez maior, e não tinha qualquer vontade de falar.

— Aguardaremos aqui por... — tentou o homem dizer atrás dele.

— Não é preciso! — resmungou Quinerio, enxotando-o com um gesto da mão para trás sem sequer olhar para ele e percorrendo apressadamente os quatro passos que o separavam da porta, à qual bateu.

O homem do tabardo ficou a olhar para o cabecilha à chuva, ainda com a mão pousada no fecho da porta do coche, mas Quinerio já olvidara a sua existência e continuou a bater à porta, sem sequer dar tempo a quem quer que se pudesse encontrar do outro lado. Após umas quatro furiosas batidas adicionais, esta abriu-se por fim, e Quinerio deparou com um peito forte.

— Ouça lá... — disse a grossa voz pertencente a este. — Oh, boas noites, mestre Quinerio. Desculpe tê-lo deixado à...

— Quero a Brinela — praticamente ordenou Quinerio, tirando da sua frente o corpulento peito, que se deixou empurrar, sem sequer olhar para a cara a que pertencia.

— Eh... certamente, mestre Quinerio. É só falar com...

O cabecilha desligou a voz e avançou com inflexível determinação pelo Vestíbulo fora. A sua visão periférica estava borrada, e via apenas o que estava à sua frente, naquele caso a entrada para a sala de recepção *d'A Tina*. Assim que nela entrou, foi imediatamente acometido pelos intoxicantes olores perfumados e pelo vaporoso calor que convidava todos os freqüentadores a irem lentamente descartando as roupas. Já estava intimamente familiarizado com o interior partido por divisórias e decorado

com cortinas bordadas, e mal lhe deu atenção e às pessoas que se encontravam presentes, dirigindo-se prontamente ao acúbito sobre o qual se encontrava deitado o proprietário d'A *Tina*, cujo nome sempre lhe escapara. Vestia um longo e virginal saial branco, e estava de pés descalços. Três mulheres assistiam-no, esfregando-lhe o cabelo e atendendo às suas necessidades, mas nenhuma delas era a que o cabecilha queria.

— Ah, mestre Quinerio! — saudou o homem, estendido numa lânguida posição sobre o acúbito e com um elegante cálice de vinho na mão. Tinha a barba preta bem oleada e pestanas demasiado grandes que lhe delineavam bem os olhos. — O que podemos...

— A Brinela — disse este. — Quero-a agora. Inicialmente algo surpreso pela agressividade do seu cliente habitual, o homem não tardou contudo a restituir um sorriso à sua cara, estalando os dedos.

— Uma de vocês lindas vá buscar a Brinela, que o mestre Quinerio hoje está evidentemente com pressa. — Uma rapariga separou-se prontamente do grupo e foi em busca da referida. — Deseja alguma coisa mais, mestre? Um vinhinho, uma toalhinha quente para tirar as roupas...?

— Não — respondeu o cabecilha bruscamente, olhando em redor com impaciência e respirando de forma acelerada enquanto esfregava o suor da barba.

O proprietário ergueu uma aplacadora mão, percebendo que o melhor era não dizer nada, e limitou-se a partilhar gracejos com as suas acompanhantes e a beber vinho enquanto esperavam que a terceira rapariga voltasse. Quando esta regressou, vinha de mão dada com uma jovem de longos cabelos castanho-escuros com pontas encaracoladas, uma cara oval sarapintada de sardas e carnudos lábios rosados que formaram um sorriso

treinado assim que pôs os avelanados olhos em Quinerio.

— Já tinha saudades, mestre... — disse, provocadora, mas a única resposta do cabecilha foi agarrar-lhe a delicada mão com a sua sapuda e suada e puxá-la para as escadas.

— Não tenha pressa, mestre Quinerio! — disse o proprietário, rindo de seguida com as suas acompanhantes enquanto este subia a passos pesados pela escada acima, praticamente arrastando Brinela atrás de si. Porém, o seu sorriso rasgado esvaneceu assim que viu aproximar-se o homem com a libré de Ul-Thoryn retratada no seu tabardo.

Quinerio via apenas o que ia à sua frente, totalmente alheio a tudo o resto, incluindo as palavras de Brinela. Chegou mesmo a empurrar para o lado um outro cliente que descia, e Brinela emitiu um ruído surpreso e olhou para trás para pedir desculpa. O cabecilha do Ábaco não fez caso e encaminhou-se para o seu quarto habitual enquanto a rapariga remexia como podia no seu molhe de chaves com uma mão em busca da certa. Quinerio mal lhe deu tempo para a encontrar, postando-se à porta e praticamente esmurrando com o braço livre a parede, na qual tamborilou com os seus impacientes dedos gordos.

— Despacha-te — resmungou, bufando.

Brinela pareceu achar uma certa piada à evidente ânsia de Quinerio, que a seu ver era motivo para se sentir lisonjeada, e decidiu brincar um pouco com a situação. Enfiou a chave certa na fechadura, olhou para o cabecilha de viés e retirou-a, escondendo ambas as mãos atrás das costas e virando-se para ele.

— Está com pressa hoje, mestre Quinerio? — perguntou, olhando-o de baixo com um sorriso maroto de lábios franzidos e oscilando de um

lado para o outro de forma traquinas. — Olhe que só o deixo entrar se me tiver trazido...

— Abre-me *aporra* da porta! — rosnou Quinerio, puxando Brinela violentamente pelo braço e virando-a para lhe arrancar a chave à força das mãos.

— Au! — protestou a rapariga, mas o cabecilha ignorou-a e enfiou a chave na fechadura à terceira tentativa, resmungando de cada vez que a encalhava. — Mestre Quinerio, então...?

Brinela não conseguiu sequer terminar a frase, pois assim que a porta se abriu foi praticamente atirada para o interior, por pouco não tropeçando na sua saia. O quarto era iluminado pela sedutora luz de velas, e uma fragrância a lavanda adoçava o ar. Em contraste, Quinerio fechou a porta violentamente atrás de si, olhou para a rapariga com olhos de predador e atirou o chapéu ao chão ao dirigir-se a ela.

— Mestre Quinerio... — disse esta, recuando, subitamente receosa. — Não estou a gostar...

— Não tens nada que gostar — afirmou o mestre de guilda, desabotoando o seu gibão. — Pagam-te para fazeres uma coisa, e é isso que vais fazer.

— Mestre Quinerio... por favor, não me obrigue a chamar... Brinela arquejou o resto da frase ao ser empurrada para cima da cama, e então o peso de Quinerio abateu-se sobre ela, estrangulando quaisquer protestos adicionais. Mãos sapudas agarraram-lhe a saia, rasgando-lha, e Quinerio bufou e arfou enquanto tentava encontrar a posição certa.

— Não! — vociferou Brinela com a voz apertada. — Mestre... é muito pesado!

— Pesado? — esbofou Quinerio, respingando com cuspe a sua própria barba e a cara da rapariga, que de seguida esbofeteou. — *Pesado?*

Os dedos de Brinela fincaram-se na sua cara gorda, um deles no seu olho, e o cabecilha grunhiu como um porco raivoso, varrendo o braço da rapariga e voltando atrás com o mesmo movimento para lhe esbofetear novamente a cara.

— Diziam isso vocês, todas! — cuspiu em crescente fúria pontuando cada subsequente palavra com uma nova bofetada das costas ou palma da mão. — Gordo! Pesado! Feio!

Desesperada, a mão da rapariga surgiu do nada, embatendo com a bola da palma contra o queixo de Quinerio, que grunhiu de cólera ao morder a língua e esmurrou a rapariga de punho fechado.

— Gordo demais para que falassem comigo, gordo demais para que olhassem para mim! — raivou, espumando saliva sangrenta dos cantos da boca enquanto os seus punhos gordos subiam e caíam sobre a cara de Brinela.

A rapariga começou a gritar, um grito contínuo que apenas descia bruscamente de tom a cada novo golpe, e que apenas enfureceu Quinerio mais ainda, levando-o a crisar os dedos curtos das mãos sangrentas no delicado pescoço de Brinela. Os olhos desta arregalaram-se, contorcendo as suas feições manchadas pelo sangue que lhe escorria do nariz e dos lábios abertos, e começou a emitir ruídos semelhantes ao crocitar de um corvo.

— Cabras! Putas, todas vocês! — continuou Quinerio, apertando e sacudindo a garganta que tinha em mãos. — Por dinheiro já não se importam de ser galadas pelo gordo, não é? Putas!

A última coisa de que o cabecilha tomou conta foi das unhas que se

cravaram na adiposa carne das suas mãos, e a partir daí teve apenas a vaga impressão de os nós do punho de uma mão a embaterem violenta e repetidamente contra algo, enquanto os dedos da outra se enterravam cada vez mais em carne mole. Tudo se tornou numa vaga mescla vermelha e borrada, na qual apenas se ouviam um rosnido e os baques surdos de golpes. Quinerio mal registou a porta a ser forçosamente aberta atrás de si, não ouviu os gritos que urgiam que parasse, e foi só quando algo o arrancou violentamente de cima de Brinela e o atirou para o chão que os seus sentidos tornaram a abranger o quarto inteiro. Um dos corpulentos vigias do estabelecimento debruçava-se sobre o corpo inerte de Brinela, cujos olhos estavam esbugalhados e cuja língua inchada lhe pendia fora da boca. O companheiro do cocheiro que trouxera Quinerio ali também se encontrava presente, de braços cruzados e com as suas feições ainda cobertas pelo capuz, e à entrada estava o proprietário *d'A Tina*, que, apesar de estar em evidente choque, se apressou a fechar a porta. Arfando os seus derradeiros impulsos raivosos, o cabecilha do Ábaco foi-se lentamente apercebendo daquilo que fizera, e olhou para as suas mãos sangrentas e arranhadas em crescente horror.

— Os senhores não contarão a ninguém o que aqui sucedeu — disse o homem com a libré de Ul-Thoryn, falando com misteriosa autoridade. — Livrar-se-ão do corpo, e encobrirão a história da forma mais completa e coerente que conseguirem. Caso se venha a descobrir que alguém desconfia do sucedido, esta casa e todas as pessoas com ela relacionadas estarão sujeitas à mais severa autoridade regencial. Mestre Quinerio...

O cabecilha ergueu a cabeça com uma arquejo assustado, levando as

mãos ensangüentadas à cara e manchando com elas a sua barba suada.

— Lorde Aereth é benevolente, e certamente estará disposto a perdoar-vos por tão hediondo crime, mas para tal precisará de... aprofundar convosco alguns dos pormenores que foram hoje discutidos. Devo transmitir-lhe a certeza de que poderemos contar com a vossa cooperação?

Quinerio pouco mais conseguiu fazer além de balbuciar, esmagado pela realidade daquilo que fizera, essa tanto mais enfatizada pelos olhares horrorizados que o proprietário e o vigia lançavam na sua direcção. Vendo que o mestre de guilda estava demasiado chocado para responder, o homem do tabardo decidiu retirar-se.

— Quaisquer represálias dirigidas a mestre Quinerio serão vistas por lorde Aereth como um ataque à sua regencial pessoa, e devidamente punidas — avisou, entreabrindo a porta. — Se algum dos senhores tiver dúvidas ou receios, fica desde já convidado a comunicá-los numa audiência privada com lorde Aereth, que estará disposto a concedê-la sempre que necessário, mediante certos limites razoáveis. Estamos entendidos?

Quinerio nada disse, mas o proprietário conseguiu reunir suficiente presença de espírito para acenar com a cabeça enquanto puxava os cabelos para trás, abanando a incrédula cabeça. O vigia olhava alternadamente para o seu patrão e para o corpo da rapariga, sem saber o que dizer ou fazer. Quinerio emitia um gemido baixo, tapando a cara com as mãos sangrentas, incapaz de espreitar por entre os dedos para contemplar o que fizera. Sabendo que não obteria qualquer pergunta ou resposta dos três chocados indivíduos, o homem do tabardo ficou a fitá-los em silêncio para se certificar de que as suas palavras tinham sido bem ouvidas. Assim que ficou satisfeito, saiu porta fora, fechando-a suavemente e deixando para trás a

cena de homicídio como uma peça orquestrada que chegara ao planejado fim.

O PREÇO DA OBLAÇÃO

Sozinho e perdido nos seus pensamentos, Tannath caminhava a ponderados passos pelas tetras galerias da fortaleza de Asmodeon. Envergava a sua nova jaqueta de couro macio e segmentado em tons de negro e vermelho com espaldeiras estilizadas, calças com safões de couro cerzido e botas afiveladas que ressoavam pelos corredores sem aparente fim à vista. As elaboradas candeias de ferro que ardiam em arcaduras ao longo das paredes pareciam aumentar de intensidade à medida que o eahanoir se aproximava, esmorecendo então conforme se afastava até se extinguirem, o que criava a ilusão de que um globo de lume o acompanhava. A sua capa preta forrada a escarlata esvoaçava de um lado para o outro, não só devido aos seus movimentos mas às bizarras correntes de ar que por vezes se faziam sentir nas galerias e que as candeias não registravam, assemelhando-se antes aos repentinos vôos de almas penadas que clamavam por atenção sem nunca a poderem conseguir. Uma delas soprou-lhe os cabelos, desalinhando-lhe diante da cara as sedosas madeixas negras, que Tannath ajeitou para trás da orelha com os dedos cobertos por uma luva com ornadas facas de arremesso nela embainhadas, compondo de seguida a sua nova pala negra que lhe cobria o olho esquerdo, Tinha a forma de uma gota curva e pendia-lhe de uma fita à testa, unindo-se com a ponta à agora parcialmente coberta tatuagem vermelha de forma a dar uma fklsa ilusão de continuidade. A Oblação forçara-o a outras mudanças na sua indumentária,

como o pano negro que agora usava como máscara sobre a boca, cujos ferimentos roxos e lábios rebentados impossíveis de sarar o tinham incomodado ao ponto de decidir simplesmente cobri-los. Embora outros pudessem discordar, Tannath nunca se considerara vaidoso, mas havia padrões a manter cuja falta nem mesmo a morte desculpava. Passadas as primeiras semanas da sua nova existência, durante as quais o eahanoir alternara entre a melancolia e uma excitação quase infantil enquanto explorara as suas novas limitações e possibilidades, Tannath estava agora definitivamente em paz com a sua presente condição. Por mais que não fosse era um meio para alcançar um fim. O que faria após esse fim — a insidiosa morte de Quenestil e Slayra — ter sido alcançado era algo acerca do qual pensaria mais tarde.

Um par de olhos lucentes observavam-no da escuridão, perto do teto, e Tannath levou instintivamente a mão a uma das facas de arremesso embainhadas na sua luva, mas a luz que o acompanhava revelou-os como sendo pertencentes a um nycataal que pendia das garras dos pés agarradas a uma cornija. A criatura estava dependurada como um morcego sob uma transena de elaboradas barras de ferro, e viu o eahanoir passar enquanto este disfarçava o seu gesto brusco, fingindo estar a ajeitar a luva.

«Este sítio está cada vez mais cheio de bichos...», pensou, abanando a cabeça enquanto a escuridão engolfava novamente o nycataal.

Tannath fora à fortaleza do seu senhor por ordem deste, que exigira a sua presença e lhe dissera que aguardasse a sua chegada. Os seus dias em Asmodeon não haviam sido dos mais aprazíveis da sua vida, embora o fato de já ter regressado da morte tivesse deixado Tannath com uma perspectiva algo mais relativa no que dizia respeito a passar bons ou maus bocados. Já

não era algo que se punha tanto em questão, o fato de se estar a sentir bem ou não, pois o seu corpo estava de tal forma dessensibilizado que tamanha dormência acabava por se alastrar à sua alma também. Ainda assim, estivera vivo havia demasiado pouco tempo, e as ânsias dos vivos ainda o tomavam ocasionalmente. Aquela tarde fora uma de tais ocasiões, e era por essa mesma razão que os passos das botas do eahanoir ecoavam persistentemente pelas basálticas galerias de Asmodeon, rumo a um destino incerto. Sentia a necessidade de saber o que se passava, o que deveria espetar, o que o aguardava ao certo. A paz dos mortos ainda não o tomara, mas também, tão-pouco Tannath se via dessa forma. Continuava a ser movido por emoções, embora estas bem mais confiantes e maliciosas que as que tinham causado a sua morte. Não era contudo por isso que deixavam de o atormentar, pois não se considerava um cadáver a depositar num caixão e a ser liberto quando havia necessidade dos seus serviços.

«Já em Jazurrieh me diziam que pensava demais...», lembrou-se o eahan negro, recordando-se igualmente das caminhadas nocturnas que costumava fazer pelas mortíferas vielas da sua cidade natal.

Sempre desconfiara da sua herança paterna, que até havia bem pouco tempo sempre estivera evidente no seu olho cinzento, que fora debicado por uma qualquer ave como o ato mais que simbólico da sua Oblação. Fora a ela que sempre culpara pelos seus característicos conflitos emocionais, sobretudo com Slayra, mas nem agora se via livre deles. Estava definitivamente livre de qualquer apego emotivo à eahanoir — um apego que quase de certeza se devera ao legado sangüíneo do seu pai — reservando-lhe apenas uma frieza calculista que se destinava unicamente a tramar o pior fim possível para ela e para Quenestil. Mas não era por isso

que os seus pensamentos deixavam de o atormentar. Procrastinar parecia estar-lhe simplesmente na natuteza, muito embora as suas dúvidas agora fossem mais existenciais do que propriamente emocionais.

«*E daí, duvido que se possam separar as duas...*», avaliou Tannath, detendo-se subitamente ao notar algo na parede.

Como que em sintonia com os seus pensamentos, o lanço da parede da galeria na qual se encontrava ostentava uma fila de mascarões em relevo, que retratavam toda uma série de emoções em carantonhas de sexo indefinido. O espectro que compreendiam ia de um ar intrigado até à mais pura raiva, passando pelo desalento e algo que apenas podia ser descrito como lascívia ou luxúria. Intrigado, Tannath deteve-se diante da parede e observou-a com um cotovelo apoiado sobre um braço cruzado, coçando o queixo debaixo da sua máscara com um indicador enluvado. Semelhante obra não destoaria de todo em Jazurrieh, embora duvidasse de que mãos humanas ou humanóides pudessem replicar a perfeição daqueles mascarões. Estavam eximamente talhados e esculpidos, parecendo realmente parte da parede, e com uma textura que deixava a suspeita de que haviam emergido da própria pedra em vez de serem dela esculpidos. Não só isso, mas deles emanava também uma estranha aura que não passou despercebida ao eahan negro e que o deixou com a distinta impressão de que eram mais que meras peças decorativas. Havia poder em Asmodeon, Tannath sentia-o, e este não deixava de o intrigar. Caminhava sobre aquele que fora o lar de uma anciana potestade, mais antiga ainda que o seu senhor, e mal podia conceber todos os segredos que se escondiam nas veredas da fortaleza, que obscuros caminhos pela própria mente partiam dos arcos lanceolados, cujos austeros ornatos pareciam desafiar cada um a confrontar os seus mais íntimos

desejos e falhas.

Abanando a cabeça como para se libertar do breve encanto que os mascarões haviam sobre ele exercido, Tannath prosseguiu então com o seu caminho sem rumo, procurando abstrair-se dos seus pensamentos. Não era algo fácil de fazer, sobretudo num interior tão vasto e silencioso como a fortaleza de Asmodeon, e o eahanoir começava a ficar irrequieto. Em Jazurrieh, quando as suas caminhadas falhavam em ajudá-lo a abstrair-se, tinham o conveniente de freqüentemente resultarem em confrontos com os vermes da cidade, vagabundos ou assassinos toscos. Um bom combate clareava-lhe sempre a mente, e Tannath ponderou brevemente a hipótese de voltar atrás e ensinar o nycataal a não vagabundear na fortaleza do seu senhor. Porém, antes que pudesse ponderar a utilidade ou mesmo o sentido de tal idéia, uma verdadeira corrente de ar tornou a despentear-lhe as madeixas do cabelo, e o eahanoir viu uma abertura lanceolada que dava para uma das poucas varandas que até então vira. Naquela encontrava-se um vulto de costas que Tannath identificou como sendo o outro Aesh'alan que com ele partilhava o silêncio de Asmodeon, e, achando um pouco de conversa preferível à calada das galerias, optou por ir ter com ele.

O eahanoir fez por anunciar a sua chegada com passos mais ruidosos que o que lhe era habitual, mas o outro Aesh'alan não se deu conta deles, ou então ignorou-o. Encolhendo os ombros, Tannath fez-se convidado no espaço pessoal do seu circunstante, postando-se a seu lado à beira do parapeito. A varanda na qual ambos se encontravam era pequena e apertada, projectando-se em forma de cunha da junção de dois lanços de parede basáltica e sempre abrigada pela sombra de um deles. Como a restante arquitectura que a rodeava, tinha uma série de ornatos flamejantes,

protuberantes e pouco convidativos a neles assentar os cotovelos, mas foi precisamente isso que Tannath fez, estando dessensibilizado à dor.

— Nishekan, não é? — perguntou. Pouco falara até então com o seu par, mas o laço negro que partilhavam e o à-vontade de Tannath haviam logo desde o início posto de parte quaisquer formalidades.

O Aesh'alan não respondeu de imediato, permanecendo na mesma posição em que se encontrara antes da chegada do eahanoir, direito e a olhar em frente com a concentração de uma águia e de mãos pousadas sobre o parapeito. O eahanoir não fez caso do silêncio e observou-o com interesse, pois das poucas vezes que vira Nishekan fora em condições de parca luminosidade, e poucas palavras haviam sido trocadas até então entre os dois. O Aesh'alan envergava uma túnica preta desbotada e esbranquiçada, cingida à sua cintura por uma corda gasta, e o tecido puído era-lhe colado ao corpo escanzelado pelas lufadas de vento que se faziam sentir no exterior e que lhe abanavam os inacreditavelmente desalinhados cabelos negros com insurretas mechas e madeixas grisalhas. Tinha pele lívida, quase cor de cinza, e os seus olhos ensombrados por protuberantes orlas orbitais eram ainda mais escurecidos por permanentes olheiras que davam a idéia de que o seu nariz fora partido. Eram de um qualquer tom escuro, quase negro, e o seu branco mal se via, entrecruzado como estava de veias arroxeadas, mas apesar de serem o espelho da sua atormentada alma, não eram os olhos de Nishekan que nele mais chamavam a atenção, mas sim a sua boca. Esta fora cosida com tiras da própria pele em redor dos lábios gretados, como a boca selada de um boneco de trapos, e estava encrostada de sangue seco, que também lhe deixara estrias pelo queixo abaixo e era provavelmente a causa da mancha castanho-averraelhada ao seu

colarinho.

— É o meu nome — respondeu Nishekan sucintamente com uma voz rouca e abafada pelas tiras de pele, sem sequer olhar para o seu interlocutor.

Tannath concordou com a cabeça e seguiu o olhar do Aesh'alan, contemplando o vale onde a fortaleza de Asmodeon estava aninhada. As montanhas davam a impressão de se estarem a inclinar para fora, como para se afastarem daquilo que se encontrava naquele que evidenciava traços de anteriormente ter sido um frondoso vale. Porém, a sua terra estava conculcada pelas brutais botas das hostes de Asmodeon, a esparsa relva era áspera e ouriçada, e as poucas árvores que se viam em redor estavam escurecidas e definhadas. Devido a um qualquer fenómeno atmosférico, havia pouca neve no vale, visível sobretudo nos picos das montanhas e em poucos outros locais, e Tannath teve dificuldade em dizer ao certo quão frio estava por causa da sua dessensibilizada pele morta, embora na presente estação e àquela latitude o tempo não pudesse de forma alguma estar ameno. No vale corria um rio que se dilatava num lago de água salobra no centro, sobre o qual a fortaleza de Asmodeon se erguia, sustentada por três massivas escoras. Mesmo a água parecia inquinada, embora não devido ao local em si mas devido aos seus habitantes, cuja ausência era o que mais se evidenciava, deixando o vale verdadeiramente desprovido de vida. Ao longe, sobre uma projecção rochosa de uma rugosa vertente montesa, um solitário ogroblin bramiu com o seu focinho vesiculoso de braços aos lados de punhos crispados, como se a proclamar espúria soberania sobre o vale.

— Isto é sempre assim tão... sossegado? — perguntou Tannath.

— Não — redarguiu Nishekan, parecendo que não iria elaborar

mais a resposta mas acabando por fazê-lo. — Asmodeon está... — Cada palavra era pronunciada com cuidado, esgueirando-se discretamente por entre as tiras de pele cruzadas. — Dormente.

— Dormente — repetiu Tannath, acenando com a cabeça e continuando a olhar para o vale. Não era palavra que alguma vez pensasse ouvir associada àquela que era considerada a terra de todos os pesadelos. E daí, literalmente até fazia algum sentido. — Dormente como... a modorra do Inverno?

Nishekan fez que não com a cabeça.

— Estagnado — especificou. — Vazio. O Primeiro Pecado... exilou-se... do seu lar. As escarpas... de Carcar-en-Moroth... estão silenciosas.

Tannath coçou o queixo debaixo da máscara, mais por hábito que por verdadeira necessidade, e tornou a ajeitar uma madeixa de cabelo que teimava em revolutar-se ao vento.

— Confesso que essa parte não apanhei muito bem. Não estava cá, e o... nosso senhor não foi particularmente expansivo nas suas explicações.

— Profundos são... os desígnios do nosso senhor. E intrincados... os seus intuitos.

O eahanoir revirou um olho.

«Deve ser por isso que és o Juízo dele. Parece que perdeste o teu», pensou.

— Certo, mas... então não resta drahreg nenhum em Asmodeon? Nishekan abanou a cabeça com absoluta convicção.

— Fui... o lorde interino de Asmodeon... durante a ausência... do nosso senhor — explicou, sem nunca relaxar a sua postura ou reencontrar o olhar perdido no vazio. — Sinto-o. Sei-o. O Primeiro Pecado... marcha em

massa.

— Nem um qualquer que tenha partido uma perna? — duvidou Tannath. — Uma drahreg grávida? Um drahregzito?

— Os que... não conseguiram... acompanhar a hoste... alimentaram-na. — O eahanoir virou a cabeça para olhar para Nishekan.

— As fêmeas e as crias... também marcham.

— Mas isso... nem sei se na própria Guerra da Hecatombe... — tartamudeou Tannath, impressionado. — *Todos?*

— Todos... os que se encontravam... em Asmodeon — esclareceu Nishekan. — Os outros... ogroblins, ulkekhlens... ficaram.

— Só os de Asmodeon?

— Não. O Primeiro Pecado... sentiu o chamamento... por toda Allaryia.

— Pode parecer uma pergunta estúpida, mas qual é o propósito dessa hoste?

— Além... do mais evidente?

— Obviamente.

Silêncio, durante o qual apenas os cabelos de ambos os Aesh'alan se mexeram, lambidos pelo vento.

— Não sei — admitiu por fim Nishekan. — Com tamanha hoste... uma nação inteira... pode ser nivelada.

— Só uma? — questionou Tannath de sobrolho erguido.

— O Primeiro Pecado... desintegrar-se-á. Consumir-se-á... por dentro... e será desgastado... por fora. Como uma enorme árvore... a ser corroída do interior... e falqueada no exterior.

Tantas palavras esforçaram demasiado as tiras de pele que cosiam a

boca de Nishekan, vertendo-lhe um fio de sangue pelo queixo abaixo. Tannath seguiu-o com o morbidamente fascinado olho.

— Não têm... propósito... nem organização. E o nosso senhor... não lhes fornece... nem um... nem outro...

— Por acaso não terá sido devido ao outro, não? — indagou Tannath. — O nosso senhor falou-me de uma traição, e disse que queria os seus Aesh’alan reunidos...

O eahanoir notou um retesar do maxilar de Nishekan, e os seus lábios gretados pareceram comprimir-se de raiva, espremendo mais vermelho das feridas abertas causadas pelas tiras de pele. Mesmo com a pele morta e dessensibilizada”, Tannath sentiu os seus cabelos eriçarem-se com uma súbita tensão no ar, um poder virulento que envolveu a varanda como um miasma. Tendo já assassinado magos, o eahanoir apercebeu-se de que Nishekan aparentava estar a um passo de canalizar uma dose massiva de Essência, mas a de que estava a dispor era diferente da que o eahanoir já enfrentara. Parecia tão doentia como o corpo enfermo do Aesh’alan, mas antes que tal se pudesse confirmar, a tensão desvaneceu-se em pleno ar, arrastada pelo vento como um mau pensamento. Tannath relaxou e afastou as mãos que inadvertidamente aproximara das facas de arremesso embainhadas nas suas luvas.

— Othragon... — disse Nishekan, a sua voz cava plena de ameaça. — O nosso senhor... rasgará a sua alma... e deixá-la-á... a fermentar na sua própria... amargura.

— Está a seguir a sua própria ordem do dia agora, é?

— Aproveitou-se... dos planos do nosso senhor... para Nolwyn... e pretende levá-los a cabo... em benefício próprio. O nosso senhor... irá

certamente...

— Então... — interrompeu Tannath, tentando perceber toda a conjuntura de uma forma mais abrangente. — Estamos... nós, Asmodeon, aliás, os de Asmodeon... estamos em guerra? Com quem? Othragon? Nolwyn? Tanarch? *Allaryia*?

As magras mãos lívidas de Nishekan apertaram a pedra do ornado parapeito, exibindo os tendões de cada dedo debaixo da pele cor de cinzas.

— Não sei... ao certo — tornou o Juízo de Seltor a admitir, evidentemente vexado pelo fato. — Só posso... presumir que sim. Mas não é uma guerra... como a que o nosso senhor... antes empreendeu.

Um novo fio de sangue uniu-se ao rasto do outro no queixo de Nishekan. Era evidente que preferia não falar, mas o assunto parecia incomodá-lo ao ponto de não se importar de o discutir.

— O nosso senhor... usou Tanarch para... destruir a Sirulia. O Primeiro Pecado... podia ter invadido Tanarch... de seguida. Estavam... enfraquecidos... dispersos. Um ataque... em massa... à presente escala da hoste... tê-los-ia avassalado. Tanarch podia... estar de joelhos. E a Sirulia... totalmente destruída.

Embora assuntos militares não interessassem sobremodo a Tannath, o eahanoir ouviu com atenção na esperança de através da compreensão destes descortinar as intenções do seu senhor.

— Mas... o Primeiro Pecado... mal se deteve — continuou Nishekan. — Passou pela Sirulia... por Tanarch... e prossegue agora... pela Wolhynia.

— Sem duvidar das tuas capacidades (posso tratar-te por tu, não posso?), como sabes isso tudo? Ou ainda há coisas que o nosso senhor não

partilha comigo?

A expressão de Nishekan alterou-se ligeiramente, sem esconder um certo desagrado pela leviandade do tom de Tannath.

— Não que eu me importe — apressou-se o eahanoir a clarificar, pois estava ciente de que o seu novo papel como Passo d'O Flagelo não se propiciava à mesma ligeireza que o caracterizara enquanto assassino a soldo. — Estou habituado a que me digam apenas aquilo que preciso de saber...

— Esta fortaleza... tem tudo aquilo que precisas... se souberes onde procurar — explicou o Juízo de Seltor. — Mas sim... o nosso senhor... partilhará contigo apenas... aquilo que deves saber. — Os fios de sangue unidos terminaram, o seu curso pelo pescoço do Aesh'alan abaixo e desembocaram no já manchado colarinho deste. — Assim como o faz... comigo... o seu Juízo.

Sentindo uma abertura, Tannath decidiu aproveitar para tentar arrancar algo mais a Nishekan.

— Então vamos lá ver... estamos em guerra, não é? O nosso senhor mobilizou as suas forças? — Nishekan acenou afirmativamente com a cabeça. — Então se estamos em guerra, por que carga de água é que dois Aesh'alan estão encafudados em Asmodeon?

— Tradicionalmente... o nosso papel... não é desempenhado... no campo de batalha — explicou Nishekan.

— Pronto, tudo bem, tu és o Juízo do nosso senhor, és a cabeça. O teu papel é pensar — elaborou Tannath, gesticulando com as mãos enluvadas de cotovelos apoiados sobre o parapeito. — Eu sou um Passo. Uma das pernas. Devo *andar*. Ir aonde tu não podes ir.

— O nosso senhor... não aprecia a freima...

— Nem sei o que isso quer dizer, mas seja o que for, não o tenho — disse Tannath, virando-se para Nishekan. — Fossos dos azigoth, o nosso senhor que me mande matar alguém! Alguém importante! Um general! Um rei! O Othragon! Era isso que eu fazia, é para isso que eu sirvo!

— De nada te servirá... exaltares-te — desaconselhou Nishekan, ainda na mesma pose desde o início da conversa.

— Então por que me trouxe o nosso senhor dos mortos? — quis o eahanoir saber, endireitando-se e estendendo os braços aos seus lados. — Para que fiz eu a Oblação? De que forma O estou a servir aqui?

— Profundos são... os desígnios do nosso senhor. E intrincados... os seus intuitos — repetiu o Juízo de Seltor como um devoto o faria com um aforismo.

Deixando os braços cair sobre as ancas, Tannath tornou a apoiar os cotovelos sobre o parapeito e abanou a cabeça, revirando o olho.

«Pois, se eu tivesse ficado vinte anos a olhar para a parede talvez também gralhasse isso... é mais fácil do que pensar pelos teus próprios meios.»

Os dois ficaram então em silêncio, sem nada mais para dizer, e continuaram a contemplar o desolador vale diante deles. Não fosse pelo seu ar devassado, a placidez que nele reinava até poderia ser relaxante, mas o pó cinéreo que o frio vento soprava pelas encostas das montanhas abaixo destruía só por si semelhante noção. As árvores mortas também não ajudavam, nem a esparsa relva que mais parecia arame escurecido por fogo.

— Uma coisa que não cheguei a perceber e que não me foi bem explicada... — insistiu, virando novamente a cabeça para o seu circunstante. — Afinal, que confusão foi aquela em Aemer-Anoth? Entre o azigoth, o moorul, a harahan, e o filho de Aezrel Thoryn, acabei por não perceber qual

era ao certo o plano do nosso senhor.

A resposta de Nishekan tardou, enquanto este parecia remoer as palavras de Tannath, soprando a ocasional bolha de sangue através dos espaços entre as tiras de pele que lhe cosiam a boca.

— O plano... era inexistente — explicou. — O nosso senhor... tinha apenas algumas... contingências. Entre as quais... Baodegoth... o sindicante... e Bathrazhül... o azigoth que ousara desafiá-lo... e que pagara com o seu... aprisionamento.

— Aprisionamento? — repetiu Tannath.

— Na gema de Dalshagnar... a Língua Negra. A espada... do nosso senhor.

— Continuo sem perceber — admitiu Tannath.

— Após o combate... com Aezrel Thoryn... com o seu torso atravessado por Ancalach... o nosso senhor... disse-me que ficaria alojado... na Espada dos Reis. E que Bathrazhül saberia... encontrá-lo. Que a vingança... está no sangue... dos azigoth — elucidou Nishekan. — Sarea, o arauto dos deuses... levou a espada então... antes que eu... a pudesse impedir.

— E...?

— E o nosso senhor... esperava evidentemente... ser capaz de regressar... através do corpo do Bathrazhül. Tai como o fez... com Baodegoth. Entre um... e outro... o regresso do nosso senhor... estaria assegurado.

Tannath bufou então, sentindo que recebera bem mais informações que aquelas que desejara, e afastou-se do parapeito com os braços, deixando-se estar um pouco mais a contemplar a desoladora paisagem.

— Há alguma coisa para beber aqui na fortaleza? — acabou por perguntar.

Nishekan virou por fim a cara na direção do eahanoir, franzindo as sobrancelhas e sombreando ainda mais os seus olhos toldados.

— Estás morto — constatou prosaicamente. — Não precisas.., de beber.

— São hábitos, está bem? — arreliou-se Tannath, fitando Nishekan. — E também já há semanas que não mastigo nada. Esqueci-me de comer.

— Se comeres... a comida apodrecerá... no teu estômago... e lá ficará — explicou o Aesh'alan. — Se beberes... será como encher... um odre de vinho.

— Então depois eu faço um buraco, ou faço o pino para que tudo saia — fantasiou o eahanoir, gesticulando com uma mão e olhando para cima. — Têm algo que se beba ou não?

— O odor... será problemático — elucidou Nishekan. — Assim como o é... o das tuas feridas.

Tannath franziu uma sobrancelha, baixando a cabeça e puxando o colarinho da jaqueta, e fungou com o nariz, evidentemente incapaz de captar qualquer cheiro.

— Arranja-me só uma maldita bebida, está bem? — pediu o eahanoir, deixando descair os desalentados braço e cabeça. — Pode até ser mijo de ogroblin, desde que tenha uma porra de um pico que eu consiga sentir com a minha língua morta.

Nishekan ficou silente e imoto a olhar para o seu par, obviamente intrigado com o seu comportamento e, julgou Tannath, porventura revendo-se nele de alguma forma.

— Vem comigo — acabou por dizer, enfiando as mãos nas folgadas mangas da sua túnica e retirando-se da varanda.

O eahanoir assim fez, e os dois Aesh'alan foram pelo corredor fora, rumo a um destino incerto na labiríntica fortaleza. O lume das candeias acompanhava-os a ambos, e o áspero deslizar das sapatilhas de Nishekan contrastava com os confiantes e altivos passos das botas de Tannath, que ecoavam pelas galerias fora. Olhando para o Juízo de Seltor, o eahan negro ficou com a impressão de que Nishekan deslizava pelo piso, pois mal movia as ancas e mantinha as costas perfeitamente direitas.

— Há um nycataal nos corredores — referiu, mais para quebrar o silêncio que por qualquer outro motivo. — Não sei se ele pode...

A resposta de Nishekan tardou ao ponto de Tannath pensar que não receberia nenhuma.

— Cedo descobrirás... que o humor... não é a... forma mais adequada... de lidares com a tua... presente condição — disse, rasgando a sua boca de tal forma que Tannath quase semicerrava o olho a cada palavra adicional.

— Ai é? E posso saber como lidaste tu com ela? Não estando morto como eu, claro está...

— A Oblação... é uma espécie de morte — clarificou Nishekan com tom didáctico. — Morremos e renascemos... ao serviço do nosso senhot...

«*Apré, este tipo é pior que o Illoth...*», arreliou-se Tannath, embora a memória da doce vingança contra o etharr e a cabra da Vinxenia lhe trouxesse um sorriso aos lábios debaixo da máscara. — Mas diz lá então, só por curiosidade, como lidaste tu com a tua... condição.

Para grande surpresa de Tannath, os cantos da boca cosida de

Nishekan pareceram erguer-se na grotesca paródia de um sorriso, que contudo rapidamente desapareceu.

— Matando... o responsável por ela — disse. — Da forma mais... expedita... e deliciosa... possível. Então... pude começar... a minha nova vida... ao Seu serviço.

As palavras do Juízo de Seltor afiguraram-se sensatas a Tannath, apesar da predisposição deste para as menosprezar. Na verdade, até lhe diziam bastante, e certamente mais do que esperara, despertando nele algo que estivera a definhar a par do seu defunto corpo.

— Diz-me uma coisa... — pediu. — Como... como devemos comunicar com o nosso senhor?

— Quando Ele... desejar falar contigo... falará — explicou Nishekan. — Mas se precisares... de o fazer... é intuitivo. Será algo... que apren-derás... com prática.

— Hum. Silêncio.

— Por que... o desejas... saber?

— Precisava de lhe perguntar uma coisa... — disse Tannath, olhando meditando para o chão mas erguendo a cabeça de repente para olhar para Nishekan. — Achas que ele se importava que eu saísse por uns dias?

Pela primeira vez, a resposta de Nishekan não se fez esperar.

— O nosso senhor... explicou-te... por que nos deseja... em Asmodeon — elucidou. — Fomos traídos... e tu és... o mais novo... Aesh'alan.

— E isso faz de mim um potencial traidor? — redarguiu o eahanoir, afetadamente ofendido. — Não, espera. Não respondas. Vindo de onde

venho, por que me estou eu a admirar?

— Por que... precisas de te ausentar?

— São umas... umas coisas que tenho de fazer. Coisas *expeditas* e *deliciosas* — esclareceu, olhando sugestivamente para Nishekan. — O nosso senhor disse-me que eu poderia levar a minha vingança a cabo, e que depois então O serviria.

Nishekan reflectiu brevemente, sem nunca se deter.

— Se o nosso senhor... assim o disse... então significa... que a tua vida anterior... ainda não terminou — concluiu. — Que deves pôr-lhe termo... para poderes começar a nova.

— E. É isso — concordou o eahanoir sem grande convicção, dando-se por satisfeito por ter conseguido chegar a uma certa concordância. — Olha, acerca daquilo que disseste, que Asmodeon tem tudo aquilo de que preciso, desde que saiba procurar?

— Sim...?

— Eu... sei *o que* procurar. Mas não *como*. Podias... ajudar-me?

A cara do Juízo virou-se para Tannath pela segunda vez desde que se haviam conhecido, e os seus olhos arruinados pareciam estar efectivamente a pesá-lo.

— Para poder começar a minha nova vida, e isso tudo — acrescentou o eahan negro.

Nishekan emitiu um áspero ruído gutural antes de tornar a olhar em frente.

— Segue-me — disse sucintamente, e Tannath assim continuou a fazer, caminhando ao lado do seu par pelas dolosas galerias de Asmodeon, que lhe pareciam sussurrar de forma sugestiva, aparentemente satisfeitas.

Tannath ouviu-as, e sorriu debaixo da máscara.

A MÃE DA MANADA

Quenestil estava assustado.

Não propriamente com medo, pois nada o ameaçava, mas sem dúvida intimidado, intimidado por uma desagradavelmente familiar sensação de responsabilidade. A última vez que sentira algo semelhante fora ao entrar em Jazurrieh com Babaki, a constrangedora impressão de que outros dependiam das suas ações, que olhavam para ele, um lobo solitário, em busca de orientação. Ficara impressionado com a prontidão com a qual Deadan e em especial os wolhynos de Horavog haviam acatado o que lhes dissera. Quenestil relatara-lhes fielmente as instruções de Ihjseom como se estas fossem um plano seu, dizendo que em dois dias deveriam ir com

armas para o outro lado das montanhas com o intuito de defender a quinta, e ninguém levantara qualquer objeção. Agtor comunicara a sua tenção a Oska, e esta mal chegara a refletir antes de lhes dar a sua bênção, parecendo quase... aliviada. Quatro homens voluntariaram-se prontamente para o acompanhar: o homem dos cabelos brancos que lhe abrira a porta no dia da sua chegada, o da barba ruiva que o costumava acompanhar, o de cabelo que mais lembrava uma posta de bacalhau desfiada, e o próprio Agtor. Quenestil equipara-os com as armas e armaduras que trouxera da herdade siruliana, o espólio do seu combate e de Deadan com os tanarchianos que nela celebravam o massacre dos sirulianos, e os quatro trataram de arranjar por conta própria mantimentos para dois dias daquilo que julgavam ser uma expedição. O eahan não elaborara, e nem fora necessário fazê-lo, pois ninguém manifestara a mínima dúvida ou objeção, nem mesmo Deadan, que por norma se mostrava tão hesitante ao mínimo indicio de que teria de deixar os eahlan sozinhos. E isso assustava o shura, mais do que este julgara possível.

Na manhã seguinte, os seis tomaram um frugal pequeno-almoço e partiram ainda de noite, pois os dias Invernais da Wolhynia eram curtos e começavam tarde. Nevara durante a noite, e o vale que o grupo percorreu rumo às montanhas a Oeste estava coberto de neve, que se conservou dura com o fraco mas cortante vento frio que se fazia sentir. Quenestil não se despediu de Slayra, e nem teve tempo para sequer pensar na eahanoir, pois caminhava numa espécie de transe no qual se limitava a pôr um pé à frente do outro. Mal dormira durante a noite, mantido desperto pelas suas preocupações e atormentado por pesadelos com Babaki das poucas vezes que conseguira adormecer. Quão irônico, que os outros o estivessem a

seguir como o fariam com um líder, quando nem sabia ao certo o que os esperava. Seguia apenas as indicações de Ihjseorn por este ser aparentemente o único que sabia o que fazer e o que se estava a passar, por muito obscuras que as suas verdadeiras intenções fossem. Não confiava nele, assim como não conseguia confiar verdadeiramente em nenhum dos habitantes de Horavog, mas as presentes circunstâncias também não lhe permitiam simplesmente ficar quieto e esperar para ver o que acontecia. Isso, e o fato de ansiar por algo com o qual pudesse efetivamente lutar, algo que o libertasse da opressiva sensação de se ver envolvido em situações que iam além do seu controlo. Não o podia negar, havia dentro de si uma raiva imensa que implorava por ser solta, uma vontade de retribuição sobre aqueles que lhe queriam mal e aos seus num mundo que se lhe mostrava cada vez mais hostil. Fosse como fosse, não havia como negar que se estava de certa forma a atirar de cabeça ao desconhecido, fiando-se nas indicações de um homem cujo único ponto a seu favor fora o fato de ainda não o ter atacado e de não agir de forma tão estranha como os de Horavog.

O eahan tivera ocasião de ponderar uma série de hipóteses ao longo da nocticolor manhã, tais como a possibilidade de Ihjseorn os estar a conduzir a todos a uma armadilha, mas falhava em ver o que o wolhyno teria a ganhar com isso, bem como a razão pela qual haveria de o fazer. Claro que pouco ou nada sabia acerca daquela gente de qualquer forma, e era evidente que tanto os habitantes de Horavog como Ihjseorn queriam algo dele, pelo que podia simplesmente não estar a compreender de que forma um ou outro poderiam ou não beneficiar da sua morte. Não estava habituado a semelhantes considerações, a intrigas e segundas intenções; esses eram os domínios de Slayra e da sua raça, mas embora já tivesse

pensado nisso, o shura pura e simplesmente não conseguira sequer falar com ela com o pretexto de pedir a sua opinião. O estilhaçar da idéia de ter um filho seu, e a realidade e a crueza da traição de Slayra — ainda por cima reveladas por Tannath — tudo constituía uma ferida demasiado recente que Quenestil não se podia dar ao luxo de reabrir, não agora que os Lasan dependiam dele, eles que Quenestil jurara pela sua vida proteger. Ainda fantasiava com a noção, ainda havia nele uma réstia de esperança de que os bebês pudessem ser seus, mas as maliciosas palavras de Tannath e as circunstâncias da concepção das crianças pesavam muito. Fora tudo demasiado rápido. Demasiado forçado. A jangada. As palavras certas e tocantes. E Slayra era uma mestra do subterfúgio, sempre o fora, estava-lhe intimamente arraigado no seu ser. A natureza benévola de Quenestil nunca pôs de parte a hipótese de Slayra não o ter feito por mal, mas tal parecia um pequeno pormenor naquela que não deixava de ser uma traição.

Por essas e outras razões, o shura evitou ao máximo pensar durante a caminhada, limitando-se a pôr um quase mecânico pé à frente do outro numa dessensibilizada marcha à dianteira do grupo. Assim que avistaram uma vasta reentrância escura naquilo que podia ser uma forma de V numa montanha, tal como Ihjseorn o ilustrara, Quenestil fez como o wolhyno lhe indicara e começou a subi-la pela direita. A subida levou o equivalente a umas boas três badaladas, uma medida de tempo à qual Quenestil se habituara durante a sua estadia em Dul-Goryn, onde o tempo fora medido pelo som de sinos, e quando chegaram ao cimo da montanha tiveram uma vista privilegiada do sol a começar a raiar no horizonte. Os seis descansaram um pouco no ventoso cimo da escabrosa montanha, observando o nascer do ardente astro enquanto este dourava e ruborizava a linha que unia o céu

de nuvens cinzentas e o mar plúmbeo. Do outro lado da montanha estendia-se um extenso campo coberto de neve circunscrito por mais montanhas, essas numa extensa serra a Norte, com uma escura mancha florestal aos seus pés. A vertente oposta à que haviam subido não era tão íngreme, pelo que apenas comeram uns pedaços de bacalhau seco e fibroso com manteiga para restabelecerem alguma energia, tragando uns goles de água dos cantis para matar a sede antes de começarem a descer. Agtor e os outros surpreenderam Quenestil pela positiva, na medida em que não deram mostras de cansaço, provavelmente endurecidos pelo inclemente clima da sua terra. Deadan, como já seria de esperar, mal deixou entrever a sua inevitavelmente ofegante respiração, pois envergava o seu arnês completo com uma improvisada túnica de lã por cima e peles de ovelha aos ombros. Os outros vestiam peles semelhantes sobre as armaduras tanarchianas que envergavam com falta de prática mas uma certa medida de orgulho enfunado por estarem apetrechados como verdadeiros homens de guerra. Quenestil esperava que o fato de se terem voluntariado significasse que eram capazes de lutar, e que não usassem os machados e achas de armas tanarchianas como lenhadores.

Por fim, chegaram àquilo que devia ser a «água quente» que Ihjseorn referira, uma fumegante fonte aninhada debaixo de um afloramento rochoso do qual um ribeiro gotejava numa ínfima cascata. A nascente tinha uma forma circular, emanava um subtil odor a ovos podres, e a disposição das pedras manchadas de líquenes em seu redor e os vestígios de fogueiras davam a entender que era um ponto de paragem de eleição. Tendo em conta o vaporoso calor que emanava, tais pistas não constituíam qualquer surpresa. Quenestil ordenou outra paragem ali, e ninguém questionou a sua

decisão, embora ninguém estivesse verdadeiramente cansado após a descida. Aproveitaram para almoçar uma refeição de gordurosas salsichas cozidas e soro de leite transportado em cilindros de madeira que mais pareciam canecas gigantes do que barris. A culinária wolhyna era majoritariamente preservada por uma questão de sobrevivência, e Quenestil acostumara-se aos seus exóticos sabores durante a sua Batida, embora a do Sul não fosse aos extremos que aparentemente caracterizavam a dos Fiordes. Deduziu que talvez isso se devesse à ausência de salinas que providenciassem sal suficiente para salgar mantimentos e à relativa escassez de madeira para os fumar. Enquanto mastigava, o eahan evitou pensar em comida e procurou motivos que poderia dar aos outros para permanecerem naquele local durante mais tempo sem que estes estranhassem, e lembrou-se da placenta que lhe sobrava.

Atirou-a a uma distância de vinte passos e acorrou-se diante da fonte, dando a entender que ali iria ficar à espera. Ninguém se manifestou contra a sua decisão, e Deadan e os wolhynos continuaram pacatamente a sua refeição, estendendo os seus sacos-camas de pele de foca no escabroso chão e instalando-se em redor da agradavelmente quente fonte. Apenas o jovem Ajuramentado permaneceu em pé e de vigilantes braços cruzados, dando mostras do tradicional desagrado dos sirulianos para com o comodismo. Nem mesmo o graciosamente afunilado elmo tirou, tendo apenas erguido a côncava babeira em forma de relha de arado para comer. Agtor desembainhou a sua longa e afilada espada tanarchiana, uma arma que fizera questão de ser ele a empunhar, e começou a afiá-la com uma pedra de amolar de cozinha. De todos os wolhynos, era o que mais confortável parecia com a sua armadura, uma solha de lâminas de aço, e o seu globuloso

elmo de ponta pronunciada. Os outros, cujos nomes Quenestil entretanto aprendera, antes pareciam rapazes excitados com brinquedos novos. Hordur, o dos cabelos brancos e pele rúbida, acenava aprovadoramente enquanto contemplava a sua acha de armas, girando-a lentamente nas mãos ao mesmo tempo que ia ajeitando os desabituaados ombros ao peso da sua cota de malha. Ohttur, o dos arenosos cabelos desfiados, tinha a sua sobre as pernas cruzadas, e olhava para o vazio com o seu elmo cônico torto. Engiv, o de barba ruiva que fora o último a escolher, tivera de se contentar com a túnica acolchoada e o simples machado. Durante o tempo que passara em Horavog, embora pouco deste tivesse sido em presença de wolhynos, Quenestil não pudera deixar de reparar em certas peculiaridades. Uma delas era o fato de todos os ruivos — homens, mulheres e crianças — agirem de forma mais servil para com os restantes. Tendiam a andar juntos, raramente participavam em conversas, e nunca sem serem consultados, e daquilo que Quenestil vira, desempenhavam sobretudo as tarefas mais humildes. Tudo isso tanto mais estranho parecia ao eahan devido à quase deferência que lhe mostravam em Horavog, e como os seus cabelos pareciam chamar mais a atenção que as suas orelhas de lóbulos pegados à cara, que sempre haviam sido o seu traço mais distintivo quando entre humanos. Mesmo enquanto observava os seus companheiros, Quenestil reparou que Engiv era constantemente chamado para trazer ou buscar cilindros de leite, e que regra geral permanecia atento às necessidades dos outros.

— Agtor? — chamou, interrompendo o amolar do wolhyno que se encontrava ao seu lado.

— Sim, Quenestil? — respondeu este, passando prontamente a

espada pelo regaço da sua túnica para a embainhar.

— Por que é que os ruivos são tratados de maneira diferente?

— Os...? Não percebo, Quenestil.

— Os ruivos... os que têm cabelos da cor... dele — explicou o eahan, indicando Engiv com a cabeça de forma a não ter de dizer o seu nome em voz alta.

— Ah, o Engiv? — assim se foi a tentativa de Quenestil de não parecer descortês para com o referido. — Sim, tem razão. Os rufos são tratados de maneira diferente, porque são diferentes. São todos *hjoínir*. Sémel dos invasores forlomyanos.

Engiv percebera que estavam a falar dele, mas tentou claramente não fazer caso disso, o que tanto mais constrangeu Quenestil.

— Sémel?

Agtor gesticulou com as mãos para Norte, para além das montanhas.

— Há muitos, muitos anos, chegaram viajores da Forlornya à Wolhynia. Vieram do pélago em barcos velozes, tinham cabelos da cor do pêlo de golpelhas, e fizeram comércio conosco — relatou o antigo mercador. — Mas depois voltaram para uma algara com muitos barcos e com ferratos. Houve belona em dez anos de muitos mortórios, porque os forlomyanos atacavam toste com os seus barcos e fugiam, escondendo-se nos Fiordes dos Piratas.

Quenestil fez que sim com a cabeça, compreendendo por fim o nome do local.

— Apareciam em aldeias ou quintas perto do pélago, escochavam os homens mas nunca as mulheres, que estupravam. Houve belona e paz, e

os forlomyanos ocuparam plagas no Norte da Wolhynia e nos Fiordes durante alguns anos, mas no fim, com grande adur, ganhámos.

— E os rui... os rufos?

— Nasceram e cresceram. Ter um filho rufo era um grande desdouro para uma família, porque um rufo tem sangue balordo forlorniano, e rufos são sempre rabazes ou rifões...

— Não sei o que é nem um nem outro... — desconfiou Quenestil, olhando de esguelha com sobrolho erguido para Agtor, que perdeu toda a vontade de elaborar.

— Eh... — tossicou. — Mas eu dizia, ter um filho rufo... *ser* um rufo, era um desdouro. Todos os que nasciam eram enviados aqui, para os Fiordes, onde os outros... onde os rifões e rabazes eram enviados.

— Então e que faziam os... *rufos* depois com os... *rufões* e *ribazes*?

— Eh, enganou-se... os rufos tornaram-se *bjoínir* dos outros nos Fiordes. Mancípios.

— Escravos?

— Sim — respondeu Agtor, embora não fizesse claramente idéia do que a palavra significava.

— *Todos* os rui... rufos são... mancípios na Wolhynia?

— Não há rufos na Wolhynia, só aqui nos Fiordes. São todos enviados para cá. E todos são mancípios. Por que quer saber, Quenestil?

— Então se todos os *rufos* são *mancípios*... — disse o shura, enclavinando os dedos e virando a cara para fitar Agtor diretamente.

— Por que é que vocês fazem tudo o que eu digo?

Os olhos descaídos de Agtor arregalaram-se assim que este se apercebeu da óbvia cilada à qual se deixara conduzir, e a sua expressão deu

mais certezas ainda a Quenestil de que havia verdadeiramente algo para dizer. Após gaguejar ao ponto de os outros wolhynos e mesmo Deadan começarem a prestar atenção à conversa, Agtor sorriu nervosamente e abanou mãos e cara.

— Ora... o Quenestil não é rufo como eles... os seus cabelos não são bem cor de golpelhas...

— Não faço idéia do que uma golpelha é, mas sou mais ruivo do que uma de certeza — interrompeu o eahan, permanecendo acorado.

— Por que fazem aquilo que eu digo, sem nunca fazerem perguntas? A tensão subiu inegavelmente à volta da fumegante fonte, e

Deadan, sempre sensível a ela, abeirou-se discretamente de Quenestil. Agtor balbuciou um pouco mais, sentindo todos os olhos em cima de si, mas antes que os de Quenestil o pudessem trespassar, estendeu o braço e apontou para além da fonte.

— Quenestil... olhe!

O eahan assim fez, sobressaltando-se ligeiramente com a brusca manifestação do wolhyno, e ficou algo desiludido ao constatar que não passava de um mocho branco que aterrara diante da placenta. Era uma bela ave com plumas cor de neve sarapintadas de negro, e olhou para os humanos presentes com mal-encarados olhos amarelos antes de dar uma primeira bicada no pitéu diante dele.

— Um mocho... — constatou Agtor, estalando os dedos enquanto tentava lembrar-se do que tal significaria. — Um animal que não gosta do dia. O seu filho vai ser solitário, Quenestil. Melancólico. Vai preferir a escuridão.

Alheio a preconceitos, o mocho regalava-se com a placenta,

atentamente observado por Quenestil.

— É do menino ou da menina? — indagou Agtor.

— Eu... não sei.

— Oh. Bem, e qual foi o animal que comeu a outra?

— Um corvo.

— Ui — disse o wolhyno, fechando um olho e inclinando a cabeça para se dirigir aos seus companheiros. — *Andar vara keroík.*

Os três outros wolhynos partilharam do seu sentimento, e HOrdur, o dos cabelos brancos, baixou os cantos da boca aberta de dentes cerrados, através dos quais inalou como se tal não agourasse nada de bom.

— O que foi? — quis Quenestil saber, ignorando momentaneamente o mocho.

— Mochos e corvos... não gostam um do outro — explicou Agtor, fazendo gestos antagônicos de uma mão para outra. — Odeiam-se, e escocham-se quando podem...

— Olha que bom... — suspirou Quenestil, atirando as mãos ao at. — Nem sei se são meus ou não, e já me estão a dizer que vão dar problemas...

— Eh... como?

— Nada. Não faças caso — disse o eahan, descartando o assunto com um gesto e erguendo-se da sua posição acocorada. — Acho que está na hora de...

Assim que virou as costas à nascente, Quenestil viu que um vulto se aproximava deles, vindo do extenso campo que se prolongava além dos pés da montanha. Era Ihjseorn, e apesar de não se estar a esforçar por passar despercebido, estava próximo o suficiente para evidenciar o fato de que

ninguém no grupo estivera a prestar atenção aos arredores, o que só por si desagradou ao habitualmente atento shura. Os outros também o viram e levantaram-se, repentinamente alertas e empunhando as armas com as quais até então tinham apenas brincado. Deadan já estivera de pé, e postou-se a lado de Quenestil numa tentativa de compensar o fato de não ter sido o primeiro a avistar o vulto. Ihjseorn continuou descontraidamente a caminhar, como se a presença de um grupo de homens armados em tais paragens não fosse caso para receio ou desconfiança. Quenestil observou o wolhyno enquanto este se aproximava, ouvindo o tilintar de cota de malha e o roçar de cabos de machado em metal nas suas costas.

— Quem é, Quenestil Anthalos? — perguntou a voz de Deadan ao seu lado.

— Ainda estou para perceber... — respondeu o eahan ambiguamente. — Mas...

— *Ihjseorn Snedurg!* — ouviu Ageor gritar atrás de si, e o referido deteve-se, pousando as mãos sobre as amplas ancas e olhando para a pele de urso branco que tinha aos ombros, levando então a cabeça atrás como quem acabara de entender algo.

— Conhece-lo? — indagou Quenestil, constatando ao olhar por cima do ombro que os wolhynos estavam entre o medo e o ultraje, rilhando os dentes e de dedos crispados nos cabos das suas armas, mas claramente pouco dispostos a deixarem de ter o eahan entre eles e o recém-chegado.

— Quenestil, não olhe para esse homem! Não fale com ele! — advertiu Agtor de descaídos olhos bem arregalados.

Mesmo à relativa distância a que ainda se encontrava, tornou-se evidente nas suas feições que sorria e, após abanar a cabeça, retomou o

passo rumo ao grupo, o que fez com que os wolhynos se retesassem reflexivamente. A tensão acabou por contagiar Deadan, que levou a mão ao cabo do espadão que tinha a tiracolo e olhou para Quenestil como que a perguntar se tal seria ou não necessário.

— Saudações — cumprimentou o homem, baixando de seguida a cabeça em reconhecimento da presença dos seus conterrâneos. — *Goldogn*.

— Quenestil, não fale com esse homem! — praticamente sibilou Agtor, apertando-lhe o ombro com a mão que nele pousou.

— Então porquê? — redarguiu este, livrando-se da mão com um sacudir do ombro. — Por que é que não haveria de falar com ele?

— *E um kabrker!* — disse o wolhyno entredentes, corno se receasse que o referido os ouvisse falar.

Fitando Agtor com olhos semicerrados e erguendo de seguida uma sobrancelha na direção de Ihjseorn, que parecia acima de tudo divertido com o alvoroço que a sua mera presença estava a causar, Quenestil sentiu um novo assomar de dúvidas e suspeições.

— Estão todos prontos? — perguntou como se tivesse acabado de chegar a um encontro combinado. — Temos um longo caminho pela frente...

— Quenestil, ele escocha-nos a todos! — continuou Agtor. — E se não nos escochar, vai trazer a fúria dos *garding* sobre Horavog!

Ohttur praguejou em surdina, e Quenestil compreendeu o suficiente da sua diatribe privada para perceber que, pelo menos pelo meio, estava a rogar preces aos deuses. Um *kabrker*. Agtor contara-lhe coloridas e convincentes histórias acerca desses guerreiros de um selvagem passado, e a sua mera menção parecia ser o suficiente para causar conflitos e dissensões

entre os wolhynos. Não estava particularmente surpreendido, mas semelhante revelação tão-pouco era aquietadora numa situação que já de si pouco lhe agradava.

— Ihjseorn... — disse. — Sejas o que fores, tenho perguntas...

O homem interrompeu-o e dirigiu-se aos wolhynos presentes, que prontamente desviaram o olhar assim que o fez, e proferiu algo que Quenestil não percebeu. Após uma curta frase que fez com que os de Horavog se entreolhassem, Ihjseorn elaborou, apontando para Quenestil e de seguida para o seu peito, parecendo estar despreocupadamente a tentar convencer os seus conterrâneos de algo. O eahan não chegou perto de perceber sequer metade, mas compreendeu que falava de algo relacionado com quem encontrara quem, que dizia respeito à quinta, a perigo e, inevitavelmente, a fogo. Sempre o maldito fogo.

— Quenestil... — disse Agtor em surdina após um breve momento de silêncio, olhando para o chão de forma a evitar o olhar de Ihjseorn. — O Urso Branco diz que estás aqui porque queres proteger Horavog.

O eahan olhou alternadamente para o mercador e para o *kahrker*, tentando compreender o que tal poderia implicar. Falhando em vê-lo, não pôde negar que a afirmação era verdadeira, e acenou com a hesitante cabeça.

— Diz outrossim que estás aqui para nos levar aos skrimmen, que vocês concordaram.

— Bem, concordar talvez seja uma palavra demasiado forte... — disse Quenestil, meio para si, meio para Agtor. — Mas sim, é ele que nos vai levar a esses skrimmen. Pelo menos, assim espero...

— Esperar? — disse Ihjseorn. — Esperar para quê? Vamos. O caminho ainda é longo.

Recuando um passo e fazendo-lhes sinal para que o seguissem, o *kabrker* encaminhou-se então para o extenso campo além dos pés da montanha. Os wolhynos entreolharam-se nervosamente, mostrando-se hesitantes pela primeira vez desde que Quenestil partira com eles de Horavog, e o eahan pensou que o iriam mesmo abandonar. Preso entre duas vontades opostas, o eahan viu-se inesperadamente forçado a defender uma idéia na qual nem tinha a certeza de acreditar ou não, pois algo nele não só queria genuinamente proteger os Lasan — e, de forma subliminar, os bebes — como também ansiava por uma ameaça que pudesse combater, um inimigo que pudesse visualizar.

— Vão perder a coragem agora, que ainda nem viram as armas dos skrimmen? — afrontou, apontando para as costas de Ihjseorn, — Por causa de um homem?

— Quenestil... — tentou Agtor explicar, assumindo então um tom ligeiramente acusatório. — Se alguém sabe que estivemos com um *kabrker*, como Oggber Coxo viu...

— Olha, não quero saber — interrompeu-o o shura, cortando-lhe as palavras com um brusco gesto diante da cara. — Eu já lutei contra drahregs, nekkr, boaroars, nycatalos e mais bichos que os que me apetece contar. Ponham-me à frente o que quiserem, que podem ter a certeza de que eu o enfrento, se estiver a ameaçar Horavog. Agora não me venham é com mais intrigas, rodeios ou histórias que esperam que eu perceba mas que não dizem o mínimo respeito à situação. Se vocês estão mais preocupados em terem problemas com os vizinhos do que terem a quinta arrasada por skrimmen, *que já atacaram Hpraog*, então o problema é vosso. Podem voltar para trás.

Apontando para além da montanha que tinham descido, Quenestil mostrou que estava a falar a sério.

— Se, por outro lado, conseguirem vencer esse medo estúpido que têm daquele homem, podem vir comigo. Ele vai levar-nos aos skrimmen, e aí nós podemos certificar-nos de que eles não mais ameaçarão Horavog. Se estão demasiado assustados para ficarem perto dele, então eu e o Deadan vamos sozinhos.

Alheio a semelhantes considerações, o jovem siruliano acenou afirmativamente com a cabeça e postou-se ao lado do eahan sem a mínima hesitação, baixando a viseira do elmo. Embora apenas Agtor compreendesse Glottik, os outros wolhynos mostraram-se igualmente humilhados e acabrunhados diante do responso de Quenestil, como se de alguma forma tivessem entendido as palavras. O eahan olhou-os à vez, fazendo com que evitassem os seus orbes cinzentos, fitou Deadan para confirmar a inabalável determinação do Ajuramentado e, com um aceno da cabeça, ajeitou o arco ao ombro e virou-lhes as costas.

— Vamos — disse terminantemente, seguindo Ihjseorn, que entretanto se distanciara do grupo.

Deadan foi atrás sem sequer olhar para os wolhynos, que se entreolharam dubiamente antes de, com resignados encolher es de ombros, enrolarem os seus sacos-camas e peles e irem atrás do eahan.

Ihjseorn conduziu o díspar e dividido grupo ao longo dos extensos campos entre as montanhas, tomando a dianteira enquanto Quenestil e Deadan iam no meio e os wolhynos de Horavog formavam a retaguarda. Enquanto caminhava, o eahan ia estudando o terreno para se distrair, constatando que se tratava de um campo de lava seca e pedra-pomes

coberto por uma densa carpete de musgo e líquenes, estes por sua vez revestidos de neve. O piso era traiçoeiro, pois as formações de lava eram irregulares e um homem podia partir uma perna com um passo em falso, razão pela qual o grupo adotara uma lenta marcha na qual erguiam os joelhos e enfiavam os pés na neve, e que fez com que a caminhada durasse bem mais que o que seria de esperar, tendo em conta a distância até à floresta. Apesar de abrigado entre as montanhas, o campo era suficientemente extenso para que o vento soprasse nele com força, e à medida que a noite se aproximava as rajadas iam-se tornando cada vez mais fortes e frias. Durante a sua caminhada, o grupo apanhou um fraco chuviscar, que cedo se intensificou numa chuva forte, seguida de granizo e interrompida por uma breve brecha nas nuvens que permitiu ao sol banhar o campo com alguns raios antes de ser novamente ocultado. Quenestil e Deadan foram os únicos que estranharam tão bruscas mudanças climáticas, pois os outros pareciam estar habituados e não lhes fez confusão alguma.

Em contraste com os murmúrios e sussurros entre os wolhynos, o eahan e o siruliano mantiveram-se em silêncio o tempo inteiro, embora Quenestil por vezes falasse sozinho enquanto observava atentamente Ihjseorn, discutindo consigo mesmo. Embora não duvidasse da perícia marcial do homem, tinha dificuldades em imaginar um indivíduo de meia-idade com a força de cinco homens, ou como um assassino que ninguém conseguia controlar e que disseminava o terror pelo povo. A única característica que evidenciava era o parecer saber coisas que outros não sabiam, nada mais. Das poucas vezes que olhou para trás, limitou-se a sorrir de forma quase condescendente com a sua pequena boca, qual pastor a conduzir o seu rebanho.

— Confia nele, Quenestil Anthalos? — perguntou Deadan, a sua voz metálica dentro do elmo.

— Hã? — grunhiu o shura. — Ah, se confio nele? Não sei, Deadan. Sei ainda menos sobre ele do que sobre os nossos amigos de Horavog.

— Não são meus amigos — afirmou o jovem peremptoriamente. Quenestil ainda ponderou explicar-lhe as subtilezas de forças de expressão, mas sabia bem que os sirulianos não eram muito dados a formas de discurso indiretas. Não que não fossem perceptivos à sua maneira, mas tendiam a ver apenas o valor nominal das coisas, além de não serem particularmente flexíveis com as suas noções. Na verdade, o eahan dava graças por serem assim, pois ao menos Deadan não o importunava com perguntas impertinentes nem se deixava reter por hesitações ou considerações.

— Mas confia suficientemente nele para o estarmos a seguir rumo a um perigo desconhecido? — persistiu o jovem.

— Raios, Deadan, trata-me por *tu*. Ou pelo menos chama-me só Quenestil, que essa conversa de «Quenestil Anthalos» já enjoa...

Intrigado com o mau humor do shura, e desabituaado a que este se lhe dirigisse de tal forma, Deadan olhou-o através da viseira do seu elmo. De fato, a expressão de Quenestil era tudo menos amigável enquanto este olhava em frente de sobrancelhas franzidas e com os maxilares tensos. Passavam-lhe pelos olhos cinzentos uma série de pensamentos, e em lugar da resultante dúvida que o siruliano estava habituado a ver neles, estes chispavam agora como pederneira. Deadan deu-se por satisfeito pela resolução que neles viu, e decidiu respeitar o silêncio de Quenestil em vez de insistir mais no assunto.

— Vamos acampar ali — gritou Ihjseorn vários passos à frente, sem

olhar para trás e apontando para a orla do bosque negro do qual se aproximavam.

À primeira vista, parecia pouco mais que uma mancha escura entornada pela basáltica montanha diante deles, um denso aglomerado de teixos e faias desnudos, queimados pelo frio e granidos de neve, em cuja orla um ribeiro desaguava num afloramento rochoso manchado por líquenes, perdendo-se nos meandros do campo de lava. Pareceu-lhes convidativo apenas na medida em que oferecia abrigo do frio e insistente vento, o pior que Quenestil sentira desde a sua chegada à Wolhynia. Olhando para trás, viu que os homens de Horavog hesitavam uma vez mais a uma distância considerável, falando uns com os outros e de olhos postos nas árvores escurecidas.

— O que foi agora? — perguntou em voz alta para se fazer ouvir no meio da ventania. Ihjseorn também se virou ao escutar a sua voz.

— Essa floresta, Quenestil... — disse Agtor, murmurando algo de imperceptível antes de retomar a coerência. — É plaga dos skrimmen!

— Oh, que porra... — disse Quenestil, baixando a cabeça antes de a erguer de braços estendidos aos seus lados para vociferar. — *E o que vieram vocês aqui fazer, se não lutar com skrimmen?!*

Os homens sabiam-no, claro, mas continuavam reticentes devido à presença de Ihjseorn, e Quenestil até podia compreender as suas reservas. Também ele não tinha a certeza quanto às verdadeiras intenções do homem, mas raios, o tempo das hesitações já passara; se estavam ali, era para agir! Agir de vez, ao invés de se atormentar no celeiro da quinta ou no exterior desta por não poder suportar a proximidade de Slayra.

— O que fazemos agora? — perguntou a Ihjseorn em voz alta,

optando por outra abordagem.

O homem estava de descontraídos braços cruzados e sorriu antes de responder.

— Agora acampamos ali dentro, e esperamos até ao meio da noite.

— Gritada, a sua voz adquiria os contornos de um grasnido. — Depois, caçamos.

— Ouviram-no? — perguntou Quenestil. — Traduz, Agtor. E ponham-se a andar.

O eahan deu o exemplo, esperando que a estranha influência que parecia exercer sobre os wolhynos bastasse para os fazer andar, sendo seguido por Deadan, e Ihjseorn fez que sim com a cabeça antes de recomeçar a caminhada. Novamente vexados, os homens de Horavog trocaram apenas alguns hesitantes olhares antes de, conformados, ajeitarem as mochilas aos ombros e retomarem o passo. Já mais próximos uns dos outros, os sete entraram então pela orla da floresta, desenganando-se de imediato quanto à noção de que estariam abrigados do vento, pois as rajadas pareciam já ter trilhos de caça por entre as árvores desnudas, e sopravam sinuosas ao longo dos meandros do arvoredor. O bosque era pouco aprazível, arranhando os viajantes com ramos crestados, estalando e rangendo com o frio de forma ominosa e cobrindo-os com sombras frias. Os de Horavog tentavam a custo esconder o seu nervosismo, impelidos a andar apenas pela vontade invisível de quem ia à frente, e olhando incessantemente em redor como se esperassem ser emboscados a qualquer instante. Quenestil fez sinal a Deadan para que se deixasse estar e avançou uns rápidos passos para poder caminhar lado a lado com Ihjseorn.

— Aonde vamos? — perguntou o eahan, cujas pontudas orelhas lhe

doíam, geladas. Mesmo a sua pele de montes se ressentia com o frio, e tinha a cara insensibilizada, especialmente o nariz, que estava vermelho.

— Para já, vamos encontrar um sítio para acampar — respondeu o Urso Branco, como se estivesse a planear um passeio. — Ainda temos algum tempo...

— Tempo? Tempo para quê?

Ihseorn olhou para o shura, que o fitava com uma expressão muito pouco amigável enquanto andava, respirando de boca entreaberta.

— Tempo para vocês apanharem os skrimmen quando eles menos esperarem — esclareceu, formando dois regos na sua redonda cara achatada ao sorrir, o que lhe arredondou as maçãs do rosto ruborizadas pelo frio. — Tempo para descansarem e para se prepararem para lutar.

O eahan não se deu por satisfeito, mas os olhos azuis com papos de Ihseorn encaravam diretamente os seus, sem nada a esconder ou então com algo muito bem escondido, e o wolhyno tornou a olhar em frente, desviando-se a tempo de um ramo perdido.

— Da outra vez, fugiste às minhas perguntas — recordou Quenestil. — Agora vais...

— Assim que assentarmos... — Ihseorn hesitou, franzindo as sobrancelhas brancas. — Quenestil, não é?

O eahan fez que sim com a cabeça de má vontade.

— E tu és Ihseorn. Sei o teu nome e pouco mais, mas tu pareces saber coisas sobre mim. Porquê?

— Eu? Saber coisas? — questionou-se o wolhyno retoricamente. — Que sei eu?

Foi então que Quenestil perdeu a paciência, agarrou o ombro do

homem com força e virou-o bruscamente para si, avançando um passo para o encarar diretamente. Ihjseorn foi surpreso pelo gesto, mas não vacilou diante do olhar do eahan, enfrentando-o diretamente com uma inexpressiva promessa de ameaça no seu rotundo semblante impávido.

— Muitas coisas — disse Quenestil, a sua voz perigosamente baixa.
— Demasiadas coisas.

Os dois ficaram a olhar um para o outro durante várias tensas percussões de coração, até que o ruído de Deadan a sacudir a lâmina do seu espadão na bainha em preparação para a desembainhar se fez ouvir. Ihjseorn foi o primeiro a desviar o olhar para fixar o siruliano, e então tornou a sorrir.

— Sei menos do que pensas, Quenestil. Mas ao menos falemos disso sentados, não? — sugeriu, olhando em redor do irregular terreno arborizado e apontando para um musgoso barranco. — Aqui serve. Ficamos abrigados do vento.

Deadan não relaxou de imediato, e os quatro wolhynos de Horavog pareciam tementes de um conflito, mas Ihjseorn limitou-se a dirigir-se descontraidamente para o pé do barranco, que estudou com algumas pisadas das suas robustas botas. Satisfeito, virou-se de costas, estendeu a pele de urso branco e assentou sobre ela com um bem vozeado suspiro de alívio.

— Podem montar as vossas tendas e comer alguma coisa — disse, gesticulando com a mão à sua frente. — Se estiverem cansados, podem aproveitar para dormir um pouco também.

— As minhas perguntas... — lembrou Quenestil, deixando a correia da sua mochila escorrer-lhe pelo braço abaixo.

— Sim, as perguntas... — acedeu Ihjseorn. — Traz-me um pouco desse vosso *surmjol*, que eu respondo.

Quenestil foi buscar um dos cilindros de Engiv enquanto este ouvia as instruções traduzidas por Agíor e atirou-o a Ihjseorn, que o apanhou com ambas as mãos.

— Mmmm... há já algum tempo que não bebia *surmjol*... — deliciouse o wolhyno.

— És um fora-da-lei? — inquiriu o shura sem quaisquer rodeios. Ihjseorn pousou o cilindro ao seu lado, lambeu o lábio superior e tirou uma espécie de grande salsicha de entre as suas peles, aconchegando-se um pouco mais ao seu quente pêlo de urso.

— Pensava que as perguntas seriam sobre ti... — disse, arrancando com uma forte dentada um pedaço do que revelou ser uma morcela.

— Responde.

— O que é que te fez pensar isso? O receio que aqueles têm por mim? — indagou Ihjseorn, mastigando e indicando com a morcela os quatro homens de Horavog que, tendo estado a observar ambos, baixaram de imediato as cabeças.

— Não, isso é por seres um *kabrker*.

— Oooh — exclamou o wolhyno, erguendo as náveas sobranceiras e dando uma nova trincadela na morcela. — Um *kabrker*. Tempos houve em que isso não queria dizer a mesma coisa que «fora-da-lei»...

— Mais histórias não — advertiu Quenestil, erguendo uma mão.

— Responde-me só...

— Mas como esperas compreender as minhas respostas, se não

sabes a história que causou as perguntas?

— Não quero saber de histórias — disse Quenestil entre dentes cerrados e com os punhos igualmente tensos. — Só quero que me digas o que... como... raios, por que é que todos esperam alguma coisa de mim! O que é essa conversa do fogo! Por que partiste do princípio de que eu queria defender Horavog...!

Ihjseorn levou calmamente um dedo enluvado à boca, e Quenestil calou-se ao aperceber-se de que estivera praticamente a gritar, olhando então em redor. Não sabia o que o esperava, mas já vira skrimmen e ulkatr, e aparentemente encontrava-se nos domínios destes. Os quatro wolhynos fizeram o mesmo, interrompendo a montagem de uma tenda, e Deadan ergueu a babeira do elmo para melhor ver.

— Entendes-me mal, Quenestil, e aos teus companheiros também — disse Ihjseorn. — Antes de mais, não és humano...

— Não é para as minhas orelhas que as pessoas olham — esclareceu o eahan.

— ...e as pessoas olham para ti por causa do teu cabelo. Dizemos «fogo» por causa da cor, igual à dos forlornyanos que em tempos invadiram a Wolhynia. Trouxeram fogo e morte às nossas aldeias, e tu vieste do mar, tal como eles.

— O quê? Então pensam que sou forlornyano? — duvidou o eahan, piscando os olhos e estremecendo a cabeça.

— Não. Mas nós, os wolhynos, somos uma gente supersticiosa. Horavog é uma quinta pequena, e chegares lá da maneira que chegaste, trazendo contigo seres mágicos e o teu amigo siruliano, com todo o seu aço... claro que ficaram impressionados.

— E a forma como me tratam? Como se esperassem que eu...?

— Como disse, somos uma gente supersticiosa — escusou-se Ihjseorn, erguendo as enluvadas mãos apoloéticas e lembrando-se de dar mais uma dentada na morcela. — E temos os nossos costumes aqui nos Fiordes, que são... diferentes do resto da Wolhynia.

Quenestil queria perguntar mais, insistir mais, mas pela primeira vez sentiu uma pontada de dúvida, de que podia de fato estar a imaginar a situação toda e a exaltar-se de forma desproporcionada.

— És um hóspede. Foste acolhido. Como hóspede, tens direitos e deveres que a honra e a lei ditam. A casa onde foste acolhido está ameaçada. Tu decidiste protegê-la, tu, o estranho vindo do mar com cabelos de fogo e com o amigo armado. Claro que te iriam seguir.

— Não fui bem eu que decidi protegê-la...

— Fui eu quem te falou da ameaça, é verdade. Mas não o terias feito de qualquer forma, se tivesse sido outra pessoa a dizer-te?

Por muito que o contrariasse estar a concordar com Ihjseorn, Quenestil não podia negar a verdade.

— Sim...

— Então estamos entendidos — finalizou Ihjseorn, pegando na cabeça de urso branco que tinha sobre o ombro direito e pousando-a sobre a cabeça à laia de capuz, posto o que cruzou os braços. — Vou dormir um pouco. Descansa também, mas deixa alguém de guarda, e não façam fogo, que...

— Por que queres tu que Horavog esteja a salvo? Qual é o *ten* interesse? — lembrou-se o eahan de perguntar.

Ihjseorn não respondeu de imediato, o que não lhe passou

despercebido. Tinha a cara meio coberta e ensombrada pela cabeça de urso, e a sua boca permanecia uma inescrutável linha horizontal, que contudo denotava hesitação.

— Esse... terá de ser o meu segredo — disse por fim. — Mas podes ter a certeza... que não quero que nada de mal aconteça a Horavog.

Seguiu-se um breve momento de silêncio, durante o qual apenas se ouviu o estalar e ranger das árvores até os quatro outros wolhynos se lembraram de que deviam estar a aprestar a tenda.

— Vai descansar — finalizou Ihjseorn, ajeitando ao peito os braços cruzados e baixando mais a cabeça.

A vontade de Quenestil era persistir, ou pelo menos era o que achava que deveria fazer, mas as palavras de Ihjseorn tinham-no deixado na dúvida, e antes que o eahan dissesse se apercebesse, deu meia-volta e foi ter com os outros, perdido em pensamentos. Deadan tentou obter com o olhar uma confirmação de que estava tudo bem, habituado à linguagem de sinais e falta de apetência para diálogo dos seus conterrâneos, mas Quenestil não reparou, acusando apenas a voz de Agtor quando este a ele se dirigiu.

— Quenestil...?

— Vamos... vamos comer e descansar — disse o eahan. — O... ele depois logo nos acorda.

O antigo mercador trocou os inevitáveis olhares com os seus três companheiros, mas acabou por assentir com a pouco convencida cabeça.

— Esta tenda é para ti e o Deadan — disse, dando palmadinhas na lona. — Eu e os outros dormimos na outra.

O eahan olhou para o abrigo, constituído por duas empenas cruzadas com remates cinzelados e lona revestida por gordura de foca para

afastar água, presa ao chão por calhaus.

— Acha que vai chover, Quenestil Anthalos? — perguntou Deadan.
— Duvido que caibamos os dois aí dentro com o meu arnês. Talvez tenha de o deixar cá fora.

— Hum... não sei, Deadan — admitiu o shura, olhando para o céu através da desnuda copa das árvores, e os outros fizeram instintivamente o mesmo. — O tempo aqui é...

Uma estrela cadente riscou o céu, revelando-se mesmo através das nuvens e silenciando Quenestil, que ficou de surpresa boca entreaberta.

— *Hjroía Taroibar* — disse Ohttur naquela que Quenestil entendeu ser uma oração a Tharobar, batendo com o coto de um punho cerrado numa mão aberta, que de seguida levou o punho à boca para que o wolhyno o beijasse de forma solene.

Cada um dos de Horavog parecia ter algo a dizer acerca da estrela cadente, e mesmo Deadan ficou a olhar para o céu, mas o fascínio que esta exercera em Quenestil fora apenas momentâneo, e o eahan deixou os cinco entregues às suas divagações, dirigindo-se antes à sua mochila para ir buscar um pouco de comida, esperando apenas que nos Fiordes tais fenômenos não fossem considerados um mau agouro.

Embora Quenestil e Deadan não estivessem propriamente a dormir, as palmadas do lado de fora da lona da tenda sobressai taram-nos na mesma, fazendo com que colidissem um com o outro ao erguerem os torsos e tatearem em redor às escuras. Quando por fim recuperaram a presença de espírito, perceberam que a hora chegara, e o eahan esgueirou-se por entre os braços e pernas de Deadan para abrir a prega de lona, pela qual saiu de cabeça, espirrando prontamente com o contraste entre o frio e seco

ar do exterior com o interior quente e bafento da tenda. Viu as botas de Ihjseorn e olhou para cima, vislumbrando a silhueta do homem contra o escuro céu da noite.

— Está na hora — avisou. — Preparem-se.

Quenestil espirrou uma vez mais antes de se erguer, esticando os músculos doridos e constatando que Engiv acordava os outros, tendo sido ele designado para a última vigia. Ninguém parecia bem dormido, e o eahan percebia bem porquê. Ele próprio mal pregara olho, fitando antes o cimo da tenda no escuro enquanto o massivo corpo de Deadan se remexia irrequietamente a seu lado. Claro que os wolhynos não eram atormentados por nem metade dos pensamentos que moíam o eahan, mas a mera iminência de um combate com os skrimmen provavelmente bastava por si só para lhes roubar o sono. Uma série de vultos sonolentos foi saindo lentamente da outra tenda, que foram desmontando em expectante silêncio, evitando olhar na direção de Ihjseorn. Este parecia mais atento e menos descontraído, apressando o grupo com o seu olhar enquanto Quenestil ajudava Deadan a vestir o seu arnês e os wolhynos acabavam de levantar o acampamento. Recomendou-lhes que comessem algo, mas todos se sentiam demasiado nervosos para meter fosse o que fosse no estômago, e limitaram-se a beber um pouco de soro de leite para matar a sede. Quando viu que por fim estavam prontos, Ihjseorn nada disse e fez-se simplesmente ao caminho, sendo tacitamente seguido pelo cansado grupo, com Quenestil e Deadan novamente no meio, embora os de Horavog não se mantivessem assim tão distantes na retaguarda daquela vez.

Estava escuro e fazia um frio de estalar os dentes, pois ainda era de noite, embora o eahan não soubesse precisar a hora. Através da desnuda

copa das árvores via-se um céu demasiado nublado para dizer ao certo, apesar do distante e meio encoberto brilho da lua tapada, mas Ihjseorn parecia absolutamente convicto de que chegara a hora, e tinha ele também o ar de ser a única pessoa que conseguira efetivamente descansar. O resto do grupo tinha um ar atarantado, e parecia mexer-se não por volição própria, mas arrastado pela vontade do *kabrkr*. Hesitações tornavam-se dúvidas, receios tornavam-se medo e a desconfiança tornava-se paranóia, e apenas a total segurança e confiança com que Ihjseorn caminhava rumo a um destino certo os impelia a segui-lo. Quenestil e Deadan não tinham medo, mas temiam o pior para o caso de ficarem impossibilitados de cumprirem as suas juras de protegerem os Lasan e vingarem os sirulianos mortos. À medida que iam avançando quase às cegas pelo traiçoeiro bosque escuro, tropeçando e arranhando-se em gravetos, humano e eahan cocavam o sono dos olhos. O Ajuramentado estava mais concentrado que Quenestil, pois limitava-se a seguir instruções, uma espada afiada que se entregara às suas mãos e que apenas esperava ser manejada, desde que dessa forma pudesse melhor cumprir o seu juramento. Já o shura tinha uma série de incertezas com que lidar, e nem o fato de ser agora Ihjseorn a orientar o grupo ajudava a aliviar o peso da responsabilidade que, em acréscimo a tudo o resto, lhe vergava o espírito. Deveria ter sido o caçador dentro dele a assumir as rédeas da sua consciência a partir do momento que partira de Horavog, mas mesmo os instintos que aprimorara ao longo de anos no ermo pareciam adormecidos, e o meditaundo eahan cedo perdeu a conta do tempo que passara desde que haviam começado a caminhar. O dente de volverino pendia-lhe do pescoço como uma qualquer peça de bijuteria, os ensinamentos da Mãe não lhe ofereciam quaisquer respostas, e os do seu pai

pouco se aplicavam à sua presente situação. Quenestil tentou pensar no que faria caso os seus amigos ali estivessem com ele, e tentou consolar-se com a quase certeza de que, independentemente das circunstâncias, teriam feito os possíveis por ajudar. Horavog. Por mais que não fosse, era lá que os Lasan se encontravam, e foi a repetir esse mesmo pensamento que o shura foi avançando pelo bosque adentro, erguendo a cabeça apenas ocasionalmente para constatar se Ihjseorn continuava ou não à sua frente, embora mesmo com ela baixa pouca atenção prestasse ao chão.

Porém, ao erguê-la pela enésima vez, deteve-se a tempo de não colidir com o *kabrker*, que parara e que parecia escutar atentamente o ar. O instinto de batedor de Quenestil despertou então, e o eahan ergueu a mão para avisar a retaguarda, agachando-se ligeiramente por reflexo. De fato, ouvia-se um rumor indistinto, trazido pelo gélido vento que sussurrava pelas árvores. Com a audição reduzida pelo elmo, Deadan não se pôs com meias medidas e levou logo a mão ao punho do espadão que levava às costas. Ihjseorn, porém, não parecia alarmado, e limitou-se a olhar por cima do ombro para quem lhe vinha atrás.

— Estamos perto. *Vim verann natr*. Preparem-se.

Os de Horavog engoliram em seco, crispando os dedos nos cabos das armas, e os seus corações bombearam sangue quente que lhes floresceu pelo peito. Quenestil tirou o arco do ombro e frechou-o, o que lhe mereceu um olhar de aprovação de Ihjseorn antes de este recomeçar a caminhar. Alguns passos mais à frente, e os ruídos evidenciaram-se mais, levando Quenestil a praguejar consigo mesmo em surdina por não os ter ouvido mais cedo. Eram ruídos de presença humana e não só, pois ouviam-se também roncoss animais que só podiam ser dos ulkatr. Não sendo

aparatosos, evidenciavam um total descartar da possibilidade de não estarem sozinhos nos bosques, o que não pôde deixar de despertar em Quenestil um oportunismo predador que o excitou. À medida que se ia aproximando do perigo, ia descascando as camadas da sua personalidade, deixando as dúvidas e incertezas para trás, e chegando lentamente ao cerne puro e espontâneo do caçador, do animal, que era o que naquele momento lhe interessava. O próprio Ihjseorn andava agora com mais cuidado, dando três passos e parando para ouvir, cinco e olhando para trás, dois e detendo-se como se tivesse ouvido alguma coisa. Abrandou de tal forma que Quenestil acabou por ficar a seu lado, após o que foi uma questão de tempo até tomar a dianteira do grupo sem verdadeiramente disso se aperceber. O wolhyno nada disse e deixou o eahan ir em frente, satisfeito por ver a sua agachada pose de caçador, segurando o arco frechado quase ao nível do joelho enquanto avançava com silenciosos passos pelo terreno que começava a subir. A sua iniciativa também teve efeito nos homens de Horavog, que trocaram excitados sussurros, batendo desnecessariamente nos ombros uns dos outros e apontando para o shura. Alheio a tudo menos aos ruídos e à sensação de proximidade daqueles que agora sentia serem as suas presas, Quenestil continuou a avançar, inclinando-se ligeiramente para o lado para confirmar aquilo que vislumbrou: luzes entre as árvores. Era o lume tremulo de labaredas, e provinha de uma depressão no terreno mais à frente. O eahan avançou nessa direção até avistar um vulto e estacou, hirto, momentaneamente incapaz de distinguir se este estava de frente ou de costas para ele, ou se o vira ou não.

O vulto não se mexeu, e a sua silhueta delineada pelo lume foi clareando aos olhos do eahan até este perceber que de fato se encontrava de

costas. Além dele ouviam-se mais claramente vozes e murmúrios humanos entremeados com roncões e rosnadelas, entre os quais se ia destacando sobretudo a voz de uma mulher. Ihjseorn surgiu ao lado de Quenestil e abriu a boca para lhe sussurrar algo, mas o shura estendeu um braço para o reter, erguendo de seguida a mão em sinal de que os outros deveriam parar e gesticulando com ela na direção de um arvoredo, no qual pretendia que se escondessem. Ninguém protestou, e embora Ihjseorn não se mexesse, pareceu intrigado com a iniciativa demonstrada pelo eahan, que espetou a flecha no chão, pousou o arco e ajoelhou-se, tirando a luva de uma mão para a assentar no chão coberto por neve. Sentiu-se brevemente avassalado pela força vital do bosque que o invadiu, pois estava algo desabitinado a entrar em sintonia com a natureza. O ressonar das árvores vibrou-lhe pelos ossos, sentia mesmo o tilintar de cristais de gelo, e o estalar de madeira gelada tornou-se um crepitar insistente nos seus ouvidos. Não havia muita vida em redor, excetuando os tíbios pulsares de pequenos animais aninhados no chão e em algumas árvores, mas os *intrusos* destoavam claramente de tudo o mais, não pertencendo claramente ali, embora pisassem o solo da floresta com um mínimo de respeito. Eram uma série deles, umas duas dúzias, e encontravam-se reunidos no terreno diante do eahan. Os mais próximos eram o vulto que Quenestil avistara e outro que se encontrava a alguns passos deste, formando parte de um irregular círculo em redor da maior concentração.

Quenestil abriu então os olhos e recolheu a mão vermelha e molhada pelo contato com o gelo, enfiando-a debaixo da axila e erguendo-se, sempre de olhos postos no vulto. Ihjseorn, que ficara ligeiramente recuado a seu lado, nada disse enquanto o eahan tirava a outra luva e

prendia ambas ao cinto atrás das costas, claramente decidido a agir. Pegou no arco e na seta que espetara no chão e começou então a avançar, cada vez mais agachado à medida que se aproximava do vulto. Havia outro que se encontrava relativamente próximo à sua direita, a cerca de sete passos, mas os outros estavam suficientemente distantes para que aquilo que Quenestil tencionava fazer passasse despercebido. Os dois tornaram-se o mundo do eahan, que se focou sobretudo no que se encontrava à frente, e tudo o resto se tornou borrado e indistinto. O vulto que agora via ser um skrimmen envergava peles e um chapéu redondo de topo chato, e estava totalmente concentrado no que se passava em baixo na depressão do terreno, esta ainda fora da vista de Quenestil. O outro estava vestido de forma parecida, ambos desprovidos de qualquer proteção substancial. Quenestil abriu os braços, arco de um lado e do outro a flecha segurada pela chanfradura. Cada vez mais próximo da sua presa, o eahan abafou os restantes ruídos e concentrou-se apenas no erguer e descer dos ombros do skrimmen enquanto se aproximava a cuidados e silenciosos passos. Os seus olhos iam-se desviando para a direita para memorizar a posição do segundo de forma a poder incluí-lo na trajetória do seu ataque. Já a dois passos de distância da presa, reparou que do outro lado da depressão também se encontravam mais homens, mas a luz vinha de baixo e era para lá que todos olhavam, pelo que a fração de instante que dispensou para ponderar bastou para descartar a possibilidade de ser visto e de imediato atacar a garganta como um volverino.

Quenestil avançou um passo e, num movimento fluido, enganchou o pescoço do homem por detrás com o braço esquerdo que segurava a flecha, frechando o arco ao fazê-lo. O grunhido sufocado do skrimmen foi

silenciado pela pressão que o braço do eahan exerceu na garganta dele quando este o puxou para trás, flexionando-o ao mesmo tempo que esticava o braço direito de forma a puxar o fio do arco, o que deixou o homem de costas arqueadas e a agarrar-lhe o antebraço com mãos enluvadas incapazes de arranhar. Um cheiro curado e rançoso invadiu as narinas do shura, que soltou o fio e de seguida deixou o joelho direito cair, torcendo o braço que cingia o pescoço do skrimmen que estalou secamente. Ao mesmo tempo, a flecha singrou pelo ar e embebeu-se com um baque acima do ombro do outro skrimmen, cujas mãos lhe saltaram à garganta antes de tombar.

Ainda com o braço esquerdo a prensar o pescoço do skrimmen morto sobre o seu joelho, Quenestil deixou-se estar completamente quieto, sem sequer virar a cabeça para olhar e confiando totalmente na sua audição para perceber se alguém reparara ou não. Uma, duas, três vezes bateu o seu coração, e nada nos tons de vozes que ouvia deu a entender que falhara em passar despercebido, além do grito feminino que fez com que o seu coração lhe bombeasse um novo jorro de sangue pelo peito fora.

Cinco, seis, sete.

Não, ninguém reparara.

Quenestil largou então o corpo inerte do skrimmen, mas permaneceu ajoelhado, e olhou bruscamente para trás ao ouvir passos na neve. Ihjseorn aproximava-se, algo agachado, e os outros vinham atrás dele. Embora abafada pelas peles, a armadura de Deadan fazia ruídos que, no presente estado alerta de Quenestil, mais pareciam as correntes de um rastrilho aos ouvidos deste, fazendo com que se encolhesse de dentes e olhos cerrados, temendo que fossem descobertos. Tal não sucedeu, porém, e o grupo ajoelhou-se diante de Quenestil, olhando para o skrimmen morto

ao pé deste. Os homens de Horavog estavam uma pilha de nervos, suando friamente e tremendo de frio ou de excitação, provavelmente ambos, e segurando as armas perto dos seus peitos. Ihjseorn acenou aprovadoramente com a cabeça e apontou para a frente, fazendo de seguida um gesto com a palma da mão para baixo, como para dar a entender que deveriam avançar a rastejar. Quenestil e os outros acataram a recomendação, sendo o eahan o mais rápido a fazê-lo e o primeiro a avançar na direção da beira da depressão.

Puderam então constatar que se tratava de um barranco semicircular a servir de anfiteatro improvisado para aquela que parecia ser uma cerimônia skrimmen. Estes encontravam-se dispostos irregularmente em redor deste, uns poucos em cima, alguns a meio, mas a maioria em baixo, entre eles ulkatr. Todos circundavam uma mulher no meio do barranco, ladeada por duas fogueiras, e que ia gesticulando de forma ritual ao mesmo tempo que vozeava a meio de gemidos possessos. Envergava um manto da pele de um animal que Quenestil nunca antes vira, com negros e lanosos pêlos compridos, calças e uma camisa do que devia ser pele de rena, e com a cabeça de uma a servir-lhe de capuz, ensombrando as suas feições. Tinha duas hastes desse mesmo animal presas às costas, e delas pendiam uma série de adornos e penduricalhos de ossos e penas, que chocalhavam a cada movimento seu. O que se via do seu cabelo eram duas tranças louras diante dos ombros, que se uniam uma à outra como um colar sobre o seu amplo peito, e das quais pendiam longas tiras de osso com inscrições que também chocalhavam conforme se mexia. Não tinha nada nas mãos, mas gesticulava incessantemente com elas, e às suas felpudas botas estava estendida uma manta de pele sobre a qual se encontrava um bebe nu a chorar. Os restantes

skrimmen murmuravam, alguns de cabeça baixa e mãos cruzadas à frente, participando num díspar cântico para o qual os ulkatr presentes contribuíam com a ocasional rosnadela. Os humanos eram altos, usavam chapéus redondos de pele topo chato ou gáleas de couro, e envergavam roupas mais quentes e pesadas que os que haviam atacado Horavog, com capelos de pele de foca cerzida e debruada com pêlo na orla, da qual pendiam felpudas caudas de animais. Alguns tinham barbas entrançadas com caudas mais pequenas, e todos estavam armados com dardos de pontas de pedra escura e macas de cabeça de bronze. Por sua vez, os ulkatr eram praticamente iguais aos que Quenestil antes enfrentara, com pêlo amarelo-esbranquiçado listado, orelhas com tufo, rufos faciais e curtas jubas. Também à semelhança dos que antes vira, usavam um par de presas de morsa atadas a braceiras de pele nos antebraços direitos, distinguindo-se sobretudo pelos adornos de ossos que usavam, pelas formas dos focinhos e pelo número de tranças nos rufos e nas jubas.

A presença dos bestiais humanóides fez com que os homens de Horavog engolissem em seco, sentindo o azedo sabor do leite nas suas bocas secas, e o grito que a mulher emitia ao atirar a cabeça para trás e elevar as mãos ao céu eriçou-lhes os pêlos da nuca. Quenestil olhou reflexivamente para cima e viu abrir-se uma brecha nas nuvens, revelando uma lua cheia que, por uma qualquer estranha razão, o fascinou.

— O importante é capturar a *kenvamora* — sussurrou-lhe Ihjseorn ao ouvido, apontando com um dedo enluvado para a mulher. — Não podem vencê-los todos. Têm de a capturar, mas viva. Com ela em nosso poder, os skrimmen não nos atacarão, nem a Horavog.

Quenestil piscou os olhos como se tivesse adormecido por breves

instantes e abanou a cabeça, tornando a olhar para a mulher, que agora pegava no bebê e o sustinha diante de si de braços estendidos. A criança estava vermelha de frio, e começou a chorar mais alto ainda.

— Que fazemos, Quenestil Anthalos? — perguntou Deadan, estendido a seu lado e com o capacete nas mãos para ouvir o tom de voz sussurrado no qual conversavam.

O eahan não lhe respondeu, limitando-se a observar a mulher enquanto Ihjseorn ia traduzindo o que dissera aos homens de Horavog. Pegando na criança, esta vociferou algo aos céus ou à lua enquanto o bebê chorava de forma aflitiva e um dos ulkacr avançava, postando-se diante dela.

— Nós... temos de capturar aquela mulher — disse por fim, indicando-a com um gesto da cabeça e já nem pondo em causa os motivos ou as verdadeiras intenções de Ihjseorn. Chegara o momento de caçar, e o tempo de pensar acabara.

Porém, antes que pudesse dizer algo mais ou dar instruções a Deadan, a *kuvamora* pegou no bebe por ambos os pés com uma mão e deixou-o descair de cabeça para baixo como uma ave morta. Com a outra, desembainhou uma faca de cabo de chifre e lâmina de obsidiana, que ergueu a par do seu queixo, discorrendo em voz alta com o céu. Quenestil teve uma horrível premonição do que sucederia, mas o caçador em si esmoreceu brevemente e não ousou considerá-la, não acreditou que tal seria sequer possível. Aconteceu, porém, e a mulher passou a faca de obsidiana com um gesto brusco entre as pernas do bebê, que guinchou de dor. O dilacerante vagido da criança foi abruptamente interrompido pelo ulkatr que se posicionara diante da *kuvamora* e que nela pegou com as suas grosseiras

mãos peludas e providas de garras, levando-a à boca escancarada e nela cerrando as suas mandíbulas com um enojante ruído crocante.

Um outro grito de gelar o sangue fez-se então ouvir, e uma flecha rechinou pelo ar, embebendo-se no cachaço do ulkatr, que arqueou o pescoço para trás de sangrenta boca escancarada ao cair de frente. Todos olharam na direção da qual a seta viera, vendo um vulto delineado pelo lume das fogueiras de arco empunhado, mas antes que pudessem reagir, outra flecha voou, espetando-se na coxa da *kuvamora*. Um outro grito juntou-se ao primeiro, e um enorme guerreiro de aço assoberbou-se à beira do barranco, empunhando um enorme espadão que brandiu sobre a cabeça. Seguiram-se outros quatro, também armados e revestidos por aço, cada um a tentar exceder o grito do outro enquanto corriam pelo barranco abaixo num desenfreado frenesi.

Deadan foi o primeiro a chegar, e colheu um skrimmen com uma potente espadeirada, alçando-o pelo ar e deitando-o ao chão como um boneco de trapos sem ossos. Os ulkatr reagiram antes dos skrimmen, mas pouco mais puderam fazer além de rugir, eriçar o pêlo e arreganhar os dentes diante da carga dos quatro homens de Horavog. Hordur, Ohttur, Agtor e Engiv falquearam-nos e espadeiraram-nos selvaticamente com os seus machados e achas de armas, decepando braços e escachando cabeças sem nunca pararem de gritar, chegando um deles mesmo a cair ao chão com o ímpeto de um golpe. Ainda à beira do barranco, Quenestil disparou outras duas flechas em rápida sucessão, atingindo um skrimmen do lado oposto e falhando outro, que se refugiou atrás de uma árvore. O efeito de surpresa dissipou-se então, mas Deadan continuava a avançar de forma a não permitir que os adversários recuperassem, golpeando para a esquerda e para

a direita em largos arcos que deixavam rastros de sangue e pedaços de peles no ar. Um ulkatr saltou para cima das costas de Ohttur, derrubando-o, mas Engiv despedaçou-lhe a coluna com uma machadada na ilharga. Um skrimmen conseguiu enristar um dardo e gritar algo, só para ser silenciado pelo baque surdo de uma flecha a embater no seu peito. Quenestil largou então o arco, desembainhou o facalhão e desceu a ladeira do barranco a correr de olhos fitos na *kuvamora*, que estava no chão, agarrada à perna ferida. Deadan deu mostras de uma boa visão táctica do pequeno cenário do combate, circundando-o e ocupando posições opostas às dos homens de Horavog de forma a isolar a *kuvamora*, por muito difícil que tal fosse, pois os quatro combatiam de forma errática e totalmente desenfreada, berrando como homens possessos. Correndo na direção da mulher, Quenestil viu que um ulkatr vinha dirigido a ele de cabeça baixa e braços de garras aos seus lados. Sem hesitar, o eahan enfrentou a sua carga e os dois correram um contra o outro como touros enraivecidos. Ambos saltaram e embateram em pleno ar com um grunhido e um rosnido, sendo que a superior arrancada e peso do ulkatr levaram a vantagem e projetaram o shura para trás, caindo ainda em cima dele e rebolando pelo chão. Apesar de o ar lhe ter sido contundido para fora dos pulmões, Quenestil debateu-se com o ulkatr agarrado a si, sentindo as garras rasgarem-lhe a roupa nas costas e agarrando-lhe a juba na nuca, puxando-lhe a cabeça para trás para o impedir de morder. O humanóide rosnou-lhe de forma aguda ao ouvido quando o facalhão do eahan se afundou no seu flanco. Garras afiadas rasgaram-lhe peles e carne do braço que empunhava a arma, e Quenestil retribuiu, torcendo a lâmina, o que fez com que o ulkatr inclinasse a cabeça para trás com a dor, permitindo ao eahan ficar por cima. Quenestil sacou então o

facalhão do flanco do seu adversário e, antes que este pudesse puxar as garras que de imediato cravou nas suas costas, espetou-lha na boca escancarada. Este emitiu um gutural ronco sufocado, e o eahan arrancou a arma com um grunhido, erguendo-se e deixando o ulkatr a vasquejar no chão, tentando reposicionar-se após a desorientação do embate com o ulkatr. Sangrava da boca, pois mordera a bochecha no impacto, mas o sangue pouco mais fazia além de lhe dar um ar mais feroz ainda enquanto olhava para o violento combate em redor em busca da *kuvamora*. Viu-a ser assistida por um skrimmen, que tinha o seu braço sobre os ombros e que a tentava carregar para longe da ameaça, e foi na direção de ambos que o eahan se lançou.

Um skrimmen surgiu no seu caminho, berrando e brandindo uma maça de cabeça de bronze, cujo golpe Quenestil facilmente evitou, baixando-se e estocando o ventre exposto pela oscilação falhada. Puxando a faca e empurrando o homem para o lado com a mão esquerda, o eahan levou então o facalhão atrás e arremessou-o contra o skrimmen que carregava a *kuvamora*. A arma rodopiou pelo ar, oscilando pela pesada ponta, e enterrou-se em cheio nas costas do homem, que tombou em frente com um grunhido, arrastando a *kuvamora* consigo para o chão, e a mulher gritou ao cair com a perna ferida. A poucos passos do shura, Deadán despedaçou uma lança e a clavícula de um skrimmen com um golpe de espada, chutando outro no peito e atirando-o para cima de uma das fogueiras. Porém, um terceiro atacou o Ajuramentado por trás, e embora Deadán sentisse e visse o ataque na sua visão periférica ao virar-se e tentar desviar-se, o golpe de maça atingiu-lhe a cabeça de raspão, deitando-o pesadamente por terra. Um ulkatr atirou-se para cima de Engiv e este gritou ao ser por ele levado ao

chão e golpeado, mas Agtor salvou-o, espetando as costas do humanóide com a sua espada tanarchiana. Este ainda reagiu, rugindo e contorcendo-se sobre Engiv com a lâmina espetada no seu corpo, tentando arranhar o seu agressor com as garras das pernas, mas o ruivo aproveitou então para, empunhando o seu machado perto da cabeça, enterrar a ponta da cunha na nuca do ulkatr.

Quenestil não perdeu mais tempo e correu para a *kuvamora*, praticamente saltando para cima dela e agarrando-lhe os braços. Foi surpreendido quando esta se soltou com uma brusca contorção e lhe cortou a palma da mão com a afiadíssima lâmina de obsidiana da sua faca, ainda molhada com o sangue do bebe. Quenestil grunhiu com a inesperada dor, mas o caçador guiou a sua mão sã para o pulso da mulher, crispando nele os dedos com tamanha repentina força que esta cuincou e perdeu a força, largando a arma. O eahan torceu-lhe ainda o pulso, forçando-a a dar-lhe as costas, pegou na faca com a mão ferida e posicionou o nó do seu polegar debaixo da maxila da *kuvamora*, encostando-lhe a lâmina molhada à garganta. O repentino retesar dos músculos do corpo desta deu a entender que estava ciente do perigo, e o eahan puxou-a para cima pelo queixo com a ajuda da mão esquerda que lhe agarrava o pulso e lhe torcia o braço atrás das costas, o que a fez emitir um ruído sufocado que Quenestil ignorou com uma rosnadela, devolvendo então a sua atenção ao combate em redor.

— Quietos, ou ela morre! — berrou ao ver Deadan caído e que os quatro homens de Horavog começavam a perder o ímpeto. A mulher era mais alta que ele, e estava de costas arqueadas e praticamente apoiada sobre o seu ombro.

O grito do shura surtiu o efeito desejado, pois boa parte dos

skrimmen e ulkatr se detiveram, mas os aliados de Quenestil estavam demasiado exaltados e tentaram tomar partido da hesitação dos seus adversários, o que em parte reiniciou a contenda.

— *Parem todos, ou juro que lhe corto a maldita garganta!* — praticamente urrou o shura, por pouco não partindo o braço da mulher ou sufocando-a com a pressão que lhe exerceu na garganta com o polegar.

Mesmo naquele momento de sentidos sobrecarregados e adrenalina aos jorros, Quenestil sabia no seu subconsciente que os skrimmen não compreendiam as suas palavras, mas confiava no discernimento destes para que compreendessem a sua ameaça, que por alguns momentos de simulação teve muito pouco. O combate cessou novamente, e desta vez os homens de Horavog não insistiram, olhando antes para Quenestil, ofegantes e com os nós dos dedos brancos da força com a qual empunhavam as suas armas. Deadan gemeu e soergueu-se com uma mão apoiada no chão e a outra sobre a cabeça, cujo cabelo estava empastelado de sangue. Para o alívio do eahan., os skrimmen tinham de fato levado a sua ameaça a sério e hesitavam, mas o seu alívio relaxou-lhe suficientemente a mão com a faca para que a *keuvamora* ousasse beliscar-lhe a parte de dentro da coxa. Quenestil grunhiu de olhos cerrados com a violenta pontada de dor, e então a nuca da mulher embateu contra a orla orbital do seu olho esquerdo. A cabeça de rena abafou o impacto, que ainda assim bastou para estontear o eahan e fazer com que largasse momentaneamente a *keuvamora*. Esta tentou fugir, mas a perna ferida cedeu e Quenestil cingiu-lhe a cintura com ambos os braços, alçando-a sobre si e fazendo-a embater de costas contra o chão com grande chocalhar dos seus ornamentos ósseos, o que lhe quebrou uma das hastes de rena. Antes que pudesse reagir, pôs-se em cima dela, agarrou-

lhe o pulso direito e tornou a encostar-lhe a faca de obsidiana à garganta, o que deteve os skrimmen antes que estes pudessem reiniciar a contenda. Porém, não foi neles que a atenção de Quenestil se centrou naquele momento, pois a cabeça de rena descaíra com o embate e não mais ensombrava a cara da mulher.

A *kuvamora* tinha jovens feições oblongas com grandes olhos verdes, um nariz igualmente grande e uma boca de lábios finos com pequenos dentes amarelados. Era pálida, mas tinha a pele suja e cheirava a peles curtidas, e as tranças loiras que se uniam sobre o seu peito tinham uma consistência sebosa. Todavia, houve algo na forma como o seu semblante contorcido de raiva, medo e dor se suavizou repentinamente ao fixar os selvagens olhos do eahan de boca sangrenta à luz das fogueiras, o que tanto mais tomou Quenestil de surpresa pelo fato de a troca de olhares ter nele um semelhante efeito de empatia.

— *Karkkayu...* — disse ela, meio em surdina.

Quenestil permaneceu silente, limitando-se a olhá-la de boca entreaberta, acometido por uma vaga sensação de reminiscência que fez com que olhasse para cima, para a lua que ainda se revelava entre a brecha nas nuvens.

— *A lua ilumina o vosso caminho...* — ecoou na sua cabeça a voz da nayana que se revelara a ele e a Slayra em Vau do Caar.

Quenestil abanou a cabeça, forçando-se a concentrar-se na situação em mãos, e obrigou a *kuvamora* a esticar o pescoço e erguer o queixo ao encostar-lhe novamente a sangrenta lâmina de obsidiana à garganta. Olhando em redor, constatou que todos os olhos dos skrimmen incidiam sobre si, e que embora continuassem de armas empunhadas, nem eles nem

os ulkatr pareciam dispostos a perigar a vida da mulher, atacando.

— Ninguém se mexa — achou por bem advertir. — Ninguém se mexa, ou ela morre. Deadan, estás bem?

O Ajuramentado fez que sim com a cabeça ferida, erguendo-se com uma mão nela pousada. Os outros estavam ofegantes, suados e trêmulos com adrenalina por gastar, mas à parte Engiv, que se encontrava curvado e com uma careta de dor que a sua barba não podia esconder, não pareciam feridos. Os skrimmen agora dispostos num semicírculo pareciam incertos quanto ao que fazer, enquanto os ulkatr davam a idéia de apenas estarem à espera de uma desculpa para poderem investir e escalavrar os seus adversários. Quenestil ponderou as palavras enquanto se erguia e recuava na direção dos seus companheiros, mas o gesto deixou os skrimmen anda mais nervosos e alguns fizeram mesmo tentações de avançar, hesitando apenas quando o eahan forçou a *kuvamora* a erguer mais ainda o queixo com a ameaça da faca.

— Não se mexam! — reiterou, por falta de algo melhor para dizer. — Eu...!

— *Lakkannata, jokekai!* — vozeou Ihjseorn do cimo do barranco, atraindo para si as atenções, e só então Quenestil se apercebeu de que o homem, não participara no combate.

A sua vontade foi virar a cabeça para olhar para trás, mas não ousou tirar os olhos dos skrimmen e aproveitou apenas para recuar mais um pouco. Ihjseorn continuou a falar e desceu a ladeira, um palavreado do qual Quenestil não conseguiu perceber coisa alguma, mas que reteve a total atenção dos skrimmen. O wolhyno passou à frente do eahan, empurrando-o e à *kuvamora* delicadamente para trás com a mão enquanto parlamentava

com aqueles que Quenestil julgara serem os seus inimigos. Ainda exaltados, os homens de Horavog olharam para o shura, partilhando exatamente os mesmos pensamentos, mas todos sabiam que aquele não era o local mais adequado para os discutir. Ainda meio zozzo, Deadan juntou-se a eles, empunhando o espadão com a lâmina para baixo e com morte nos seus olhos atizados pela vergonha de ter sido o único no grupo a ser tombado. Embora por motivos diferentes, tanto o Ajuramentado como os homens de Horavog pareciam dispostos a continuar o combate, mas todos consultaram Quenestil com o olhar, e este, após fitar as costas de Ihjseorn com olhos semicerrados, gesticulou com a cabeça para dar a entender que deviam subir o barranco. Os skrimmen tornaram a mexer-se ao verem que os inimigos se iam escapar com a *knvamora*, mas Ihjseorn ergueu as mãos, falando num tom de voz mais aplacante, e apontou para trás de si como se a explicar o que iriam fazer. Ainda que percebesse, o eahan não lhe pôde dar muita atenção, pois subir a ladeira de costas a puxar uma mulher mais alta que ele e com uma perna ferida provou não ser uma tarefa nada fácil, e Deadan teve que o assistir. Quenestil teve a presença de espírito para não ser demasiado bruto com a mulher ao arrastá-la, de forma a não providenciar a gota da qual os skrimmen aparentavam precisar para agirem, e esta na verdade facilitou-lhe a tarefa. A mulher não se debateu e deixou-se levar sem oferecer resistência, agarrando apenas com força o braço que empunhava a faca de obsidiana a ameaçar-lhe a garganta.

Assim que chegaram ao cimo do barranco, Ihjseorn olhou rapidamente para trás por cima do ombro e repetiu a sua ladainha, batendo com o punho cerrado no peito e apontando para os skrimmen e os ulkatr. Dito isto, virou-lhes as costas e começou ele também a subir a ladeira, o que

originou alguns sussurros contritos da parte dos skrimmen, sem que contudo nenhum deles avançasse. O wolhyno falou-lhes uma última vez de costas, apontando para a *kuvamora* como se estivesse a reforçar uma idéia e de seguida para Deadan, que permanecia agarrado à cabeça. Quenestil e os outros receberam-no com olhares hostis e desconfiados, mas Ihjseorn não se deu por achado e virou-se para os skrimmen, lançando o que, a avaliar pelo tom, parecia ser um ultimato ou no mínimo um aviso. Aparentemente satisfeito com a tácita resposta destes, tornou a virar-lhes as costas e indicou aos outros com as mãos que era chegada a hora de partirem com certa celeridade. Assim fizeram, guardando as suas perguntas para outra altura, pois uma vez de costas para o inimigo, o seu impulso mais dominante era o de correr. Deadan manteve-se à retaguarda, olhando freqüentemente para trás, e Quenestil relaxou um pouco mais a posição com a qual retinha a *kuvamora*, que de resto não tentava sequer retardar o passo, coxeando em vez de se deixar arrastar. Porém, quando Ihjseorn se ajoelhou ao lado dela, esticando o braço para lhe tapar a boca e arrancando-lhe a flecha antes que esta tivesse sequer tempo de grunhir de dor, foi forçado a parar. A mulher recusou-se a dar aos seus captores a satisfação de um grito, mas de seguida Semicerrou os olhos e praticamente cuspiu ao falar.

— *Kalttaya!* — sibilou, obtendo em troca uma resposta algo descontraída do wolhyno, que olhava ocasionalmente para trás enquanto lhe enfaixava a perna para ver se estavam a ser seguidos.

— Belo tiro, Quenestil — elogiou, erguendo-se. — Vamos.

O eahan tinha uma série de perguntas que lhe queria fazer, mas naquele momento estava demasiado concentrado a pensar em como iriam escapar com uma refém em terreno acidentado sem superior mobilidade.

Como poderiam criar distância, e o que impediria os skrimmen de os seguirem pela calada da noite fora até os surpreenderem? Isso, e o cheiro quase animalesco da *kuvamora* que lhe permeava as narinas, embevecendo-o com o seu primordial perfume mesclado com o cúbreo odor a sangue, e mantendo-lhe todos os sentidos despertos como um predador que enterrara os dentes na carne da sua presa. Tornava-se difícil pensar quando tinha de se concentrar em mantê-la suficientemente refreada para que não escapasse sem contudo dificultar-lhe a marcha que parecia disposta a acatar de livre vontade, apesar do ferimento. Era contudo o manter-se próximo dela que mais confundia o eahan, que se debatia com as razões pelas quais haveria de se ter lembrado das palavras da nayana em semelhante situação. Caminhando sem se concentrar verdadeiramente em onde punha os pés, conseguia apenas associar e dissociar sensações e cheiros comuns ou não a ambas as ocorrências, o que apenas o confundia mais.

— Sei que estão cansados — interrompeu Ihjseorn o que nele estava a passar por pensamentos —, mas o melhor é sairmos da floresta agora. No campo podem descansar um pouco.

Quenestil não discutiu e o wolhyno não se incomodou a traduzir, pois os homens de Horavog seguiam-no como membros de uma matilha, ainda ofegantes, alguns deles a soltarem longos e audíveis suspiros para soltarem a adrenalina que ficara por gastar. Ninguém viu, mas ouvi-los trouxe um sorriso à linha que era a boca de Ihjseorn.

Quando por fim saíram da orla do bosque, todos já haviam perdido a noção do tempo, tendo caminhado incessantemente sem qualquer outro objetivo em mente além de deixarem para trás as árvores e sombras que tantos perigos pareciam ocultar. Todavia, longe do abrigo das árvores,

ficaram novamente expostos aos cortantes ventos, que lhes foram amortecendo o ânimo e entorpecendo os membros. Ainda assim, não se detiveram e continuaram a marchar até aquela que seria a madrugada, não nascesse o sol tão tarde no Inverno da Wolhynia. Porém, o motivo não foi cansaço, por muito que este já lhes toldasse os movimentos, mas sim um abrupto tombo de Engiv, que caiu desamparado ao chão. HOrdur tentou ajudá-lo a levantar, repreendendo-o por ser desajeitado e não ver buracos no escuro, mas o braço do ruivo permaneceu lasso e este deixou-se ficar de barriga para o chão, com o outro braço debaixo desta. HOrdur emitiu dois preocupados ruídos semelhantes aos que usaria para levar um rebanho de ovelhas a andar e ajoelhou-se, baixando a cabeça e falando com Engiv. Os outros juntaram-se-, incluindo Ihjseorn, que se manteve algo distante, e apenas Quenestil e Deadan permaneceram de parte, com o shura ainda a agarrar a *kuvamora*.

Os três homens de Horavog cercavam o quarto, falando todos ao mesmo tempo e virando-o, o que originou um gemido sofrido da parte deste. Com uma palavra e um toque da mão num ombro, Ihjseorn afastou-os prontamente e ajoelhou-se ao lado de Engiv, tirando-lhe a mão de cima da barriga e tenteando-lha. Descobriu dois buracos úmidos na túnica acolchoada sobre o ventre e, ao erguer os dedos enluvados à pálida iluminação da noite, constatou que estavam escurecidos com sangue. Sem meias medidas, desatou-lhe o cinto e' puxou-lhe a túnica para cima, o que lhe valeu um fraco protesto do ruivo, e emitiu um ruído gutural ao ver os dois buracos na pálida barriga, abanando a cabeça.

— Vai morrer — declarou, tornando a cobrir o ventre de Engiv, que rebolou para ficar novamente de barriga para o chão. — *Diydr haglar*,

— Morrer? — repetiu Quenestil, praticamente ao ouvido da kuvamora. — Mas... nós ainda podemos subir as montanhas. Em Horavog...

— Mesmo que soubessem curar esta ferida, ele não chegaria a tempo — disse Ihjseorn, ainda de joelhos e a abanar a cabeça.

— Não podemos...

O eahan não terminou, pois a *kuvamora* virou ligeiramente a cabeça inclinada para o lado, e um olho verde reteve ambos os de Quenestil, cuja frase esmoreceu num som sibilante que acabou por se dissipar. Não havia nenhuma emoção em particular patente no orbe da mulher, que o fitava algo de cima e de boca entreaberta, mas foi quanto bastou para que o eahan não visse Ihjseorn desembainhar uma faca. Só despertou ao ouvir o acerado som de aço a rasgar carne e rachar osso, vendo então que o wolhyno puxara a cabeça de Engiv para trás pelos cabelos e lhe trespassara a cervical com a sua faca.

— Não! — gritou, largando a *kuvamora* e empurrando-a para cima de Deadan, que se sobressaltou quando a mulher embateu contra a sua couraça, agarrando-a algo atrapalhado.

Fumegando do nariz, Quenestil caminhou a irados passos na direção de Ihjseorn, que limpou a lâmina na túnica de Engiv e se ergueu. Os três restantes homens de Horavog não reagiram à morte do seu companheiro, mas recuaram diante da aproximação do eahan.

— E melhor deixá-lo aqui — recomendou despreocupadamente o *kabrker*, embainhando a faca. — Se os skrimmen nos seguirem, podem aceitar este nosso sangue derramado pelo deles...

Quenestil interrompeu-o, empurrando-o bruscamente pelo peito e

achegando-se dele com o indicador hirto debaixo do nariz e com os nós dos dedos da mão que empunhava a faca encostados ao seu queixo. Os homens de Horavog encolheram-se com o contato, como se esperassem que algo fosse rebentar.

— Por que é que fizeste isso, maldito? Por é que o mataste?

— Ele ia morrer... — disse Ihjseorn, empurrando-lhe a mão para o lado, mas Quenestil não abrandou e foi de peito contra o do wolhyno, encostando a testa à dele como um bisonte o faria em contenda com outro e esborrachando-lhe o nariz com o seu.

— Não abandono quem luta a meu lado! — gritou o eahan, apontando para o cadáver de Engiv. — E ele lutou mais do que tu! O que estiveste tu a fazer? Escondeste-te!

Ihjseorn não respondeu, mas o seu olhar frio preludiava uma reação drástica, cuja eminência fez com que Deadan soltasse uma das mãos com as quais retinha a *kuvamora*, levando-a ao punho do espadão.

— Ainda não compreendes — limitou-se o wolhyno a suspirar, recuando um passo com uma mão no peito de Quenestil para o impedir de avançar. — Mas em breve compreenderás.

O shura ainda não dissera a sua última palavra, mas Ihjseorn antecipou-se, apontando para a *kuvamora*.

— A criança que ela ofereceu ao ulkatr foi o sacrifício para a sede de sangue da caçada — explicou, esfregando alguns perdigotos do eahan sobre a sua boca. — O sacrifício de carne pura, tal como a Mãe o pede.

— O *quê*?

— Com ela nas tuas mãos, os skrimmen perderam os dentes — continuou o wolhyno, sem dar seguimento à anterior afirmação e tirando

lentamente a mão do peito do eahan. — Não vão atacar Horavog.

— A Mãe o quê...? O que estás a dizer?

— Paciência, Quenestil — pediu Ihjseorn, virando-se de ombro para ele. — Em breve compreenderás. Por agora, Horavog está a salvo.

— O quê...? Espera, nem penses que vais...

— Vou — afirmou o wolhyno com finalidade, virando-lhe então definitivamente as costas e despedindo-se com um gesto. — Leva a *kuvamora* a Horavog. Podes fazer o que quiseses com ela, desde que fique viva.

O breve impulso de Quenestil foi saltar sobre as costas de Ihjseorn e esmagar-lhe a cabeça contra a pedra basáltica do solo, mas eram considerações a mais para um caçador, e por aquela altura já a racionalidade se sobrepusera ao espírito do volverino. Ainda hesitou e deu um passo em falso, mas acabou por simplesmente ficar a ver Ihjseorn caminhar pela noite fora, com a sua pele de urso branco a esvoaçar-lhe às pernas com o vento. Respirando aceleradamente como se tivesse acabado de sair de um combate, o eahan exalou para fora o que lhe sobrava de raiva e frustração com um urro de frustração, virando-se então para os homens de Horavog e atirando-lhes a faca de obsidiana aos pés, partindo-a.

— E vocês? — perguntou, apontando-lhes um dedo acusador. — Por que não fizeram nada? Deixaram-no matá-lo à vossa frente?

Hordur e Ohttur não perceberam as palavras, mas o tom era evidente e os dois escudaram-se atrás de Agtor, que tartamudeou algo antes de falar.

— Quenestil... Engiv era um mancípio...

O eahan estava sem palavras e demasiado enervado para articular as

poucas que por acaso lhe ocorriam, pelo que se limitou a rosnar e a avançar alguns ameaçadores passos, que fizeram com que os três recuassem.

— Um de vocês vai levá-lo, nem que seja às costas — disse praticamente através dos dentes cerrados, virando-se então para Deadan. — Anda, Deadan. Não a largues por nada.

Dito isto e sem esperar por uma resposta, o eahan tomou então a dianteira do grupo, marcando um apressado passo rumo às montanhas em frente. Não queria falar, não queria que lhe fizessem perguntas, e acima de tudo não queria olhar mais para a *kuvamora*. Tal era o turbilhão de emoções conflituosas que lhe atormentavam o espírito, que a idéia de subir uma montanha não o intimidou de todo. E que os azigoth levassem os outros, ou que morressem de frio ao vento se não fossem capazes de o acompanhar.

SEPARADOS

A última coisa de que Aewyre se lembrava era de ter encalhado Ancalach entre as hastes da roda do moinho, um movimento mais instintivo do que propriamente ponderado, do frio gelado das águas do Olyf, e depois a escuridão. Não sabia dizer ao certo se acordara ou não desde então, incapaz de associar toda uma série de impressões a um estado desperto. Sentia calor, em oposição ao frio do rio, mas ao mesmo tempo estava tão alagado como se ainda estivesse meio submerso em água. Não... houvera algo mais... sim, uma mão. Uma mão fria a esfregar-lhe a testa. Uma mão que pertencia a uma cara, essa febrilmente turva, e que lhe dirigira palavras incompreensíveis. Uma maviosa voz de mulher, labaredas de tochas a bruxulearem, e depois novamente a escuridão. Tinha a impressão de que a cena se repetira várias vezes, ou então era ele próprio que a rememorava, sendo as vagas memórias preferíveis à escuridão. Nem sabia dizer se estava consciente, sentindo-se antes numa espécie de limiar do qual ora deslizava para um estado desperto, ora escorregava de volta para as trevas da inconsciência. Era-lhe igualmente difícil dizer quanto tempo passara, pois perdera completamente a noção, e o seu corpo estava de tal forma exaurido que a vaga sensação de segurança foi quanto bastou para o impedir de despertar por completo.

Quando por fim acordou, a sua visão levou algum tempo a focar-se, e assim que o fez a primeira coisa que viu foram camadas de cascas de árvore sobre uma armação de madeira. Um teto. A sua nuca estava apoiada sobre algo macio, e o jovem virou a cabeça para ambos os lados, constatando que se encontrava numa exígua sala com uma janela fechada.

Era iluminada por uma única tocha na forma de um pau com um cilindro daquilo que parecia ser casca de árvore enrolada, e que pendia de um dos cantos da parede. Lá fora ouvia-se o incessante bater da chuva, e a avaliar pelo ruído encontrava-se perto de um curso de água, se não mesmo ao lado deste. Com um grunhido gutural, Aewyre mexeu-se e tentou erguer o torso, cerrando um olho devido às dores musculares que sentiu. Parecia que o seu corpo inteiro fora surrado, o que nem estava muito longe da verdade, e os seus membros protestaram com a tentativa de se erguer, pelo que Aewyre cedeu, deixando-se descair e soltando um arquejo. Estava envolto numa pesada manta quente, sem dúvida a responsável pelo fato de estar alagado no seu próprio suor, que lhe queimava as feridas, e empurrou-a com um gesto brusco das mãos para deixar o tronco exposto, bufando. Tinha a camisa ensopada e colada à pele, mas reparou que lhe faltavam as calças e a armadura, e nesse momento o seu coração jorrou-lhe calor adicional que se alastrou pelo seu peito fora, impelindo-lhe o torso para cima. Preocupado, olhou em redor e viu que as peças se encontravam arrumadas a um canto junto a uma série de fardos e bugigangas, mas Ancalach não estava à vista. Levantando-se, o jovem levou as mãos à cabeça e puxou os cabelos, e os alicerces do seu mundo começaram a ruir com a simples idéia de ter perdido Ancalach, de a Espada dos Reis ter ido parar ao fundo do rio.

— *N'iahu lavia?* — disse uma voz vinda do chão, sobressaltando o guerreiro, que se virou repentinamente e olhou para baixo.

Uma cabeça de mulher surgira de um alçapão que Aewyre não vira da sua posição deitada, e embora recuasse inicialmente com uma expressão surpresa peia reação do guerreiro, as suas feições amainaram logo de seguida e sorriu-lhe. Ainda atarantado pelo seu recente despertar, Aewyre não

associou de imediato os cabelos negros, olhos verdes, pele morena e fisionomia exótica a nada de concreto, mas assim que a mulher tornou a falar percebeu. Uma eahanna bruna, ou eahanna da floresta, uma raça da qual o jovem apenas ouvira falar sem nunca ter visto. Aewyre sempre julgara que, sabendo falar Fialass, compreenderia qualquer eahan, mas tal provou não ser o caso. De qualquer forma, ficou demasiado distraído a observar a eahanna para ouvir com atenção, momentaneamente absorvido pela beleza da recém-chegada que, embora não tivesse a aura feérica das eahlanas, tinha um encanto muito próprio e singular. A sua cara era longa e angulosa, quase retangular e com uma testa alta e malares salientes que lhe davam um ar distinto, esse mitigado pelos seus doces olhos cor de esmeralda debaixo de finíssimas sobranceiras arqueadas. A cor dos seus orbes era tanto mais relevada pelo tom moreno da sua pele, que à luz da tocha quase aparentava ter uma textura de madeira polida. Os seus cabelos negros estavam enleados numa série de tranças com coloridas contas de madeira, de entre as quais despontavam as pontas de duas orelhas foliformes.

— *Vel iann tuon?* — indagou Aewyre em Fialass, interrompendo o que quer que ela estivesse a dizer.

A eahanna calou-se, arregalando as sobranceiras ao ouvir uma fonética semelhante à sua, sem contudo perceber as palavras. Fazendo que não com a cabeça, embora o seu sorriso afável de lábios finos permanecesse, subiu mais uns degraus da escada do alçapão, continuando a fazer aquilo que pareciam ser perguntas na sua ininteligível língua.

— Onde está a minha espada? — lembrou-se então o guerreiro, repreendendo-se a si mesmo por ter baixado a sua guarda só por ver uma cara bonita. Podiam ser eahan, mas depois de tudo o que lhe acontecera, o

jovem não estava disposto a confiar em pessoa alguma sem mais nem menos.

Uma das delicadas sobrancelhas da eahanna ergueu-se, e esta tornou a abanar a dúbia cabeça.

— Espada — explicou o guerreiro, executando um movimento como se estivesse a desembainhar uma, seguido de alguns golpes no ar. — Tching, tching. Onde está a minha espada?

— Ah — exclamou a eahanna, recomeçando então a palavrear, apontando para baixo e fazendo gestos apaziguadores com as mãos.

«*Não se perden. Graças aos deuses...*», pensou Aewyre com incomensurável alívio, encostando-se à parede e suspirando ao perder o arrobo de energia que fizera com que se levantasse.

A eahanna sorriu e subiu o resto dos degraus, aproximando-se então do jovem. Era alta e de membros compridos, com ancas estreitas e um peito pequeno que mal se revelava debaixo do seu corpete de couro. Aewyre não lhe deu mais atenção, pois a sua visão apagou-se por um breve instante, durante o qual descaiu ligeiramente contra a parede e levou a mão à testa, acometido de tonturas. Mãos de dedos fortes agarraram-lhe os ombros, puxando-o na direção do catre no chão, e Aewyre resistiu um pouco de início, mas a eahanna parecia genuinamente preocupada com ele, e a sua insistência acabou por o convencer a deixar-se levar. Estava de fato mais fraco que o que pensara, e foi só com a ajuda da mulher que não se deixou simplesmente cair sobre o catre assim que se acorou. Encorajando-o com palavras que o guerreiro não compreendia e tornando a tapá-lo com a manta, a eahanna afagou-lhe os cabelos para o sossegar. Sem que Aewyre visse, surgiu outra cabeça do alçapão, que trocou olhares com a eahanna

enquanto esta umedecia um pano numa taça de casca de árvore para com ele esfregar a testa do guerreiro. Porém, Aewyre não pôde deixar de o ouvir a subir os últimos degraus, e ergueu a cabeça, tirando de cima dela o pano. O recém-chegado era um eahan, alto como a sua congênere e pouco mais encorpado que ela, também com os cabelos entrançados e vestido de couro, embora sem contas nas tranças. A sua cara era um pouco mais austera, mas partilhava semelhanças fraternais com a da eahanna, tendo apenas as sobrancelhas mais direitas e os lábios mais cheios.

— *Palablas Leriat?* — perguntou com uma voz canora.

— Não. Glottik — respondeu o guerreiro, ainda a agarrar com força o pano que a eahanna tentava reaver.

— Ah, ainda bem. O meu Leriat é horrível — sorriu o eahan, avançando uns passos para que Aewyre não tivesse que estar de cabeça erguida para o olhar.

Ainda assim, foi preciso a eahanna empurrar delicadamente a sua cabeça com a palma da mão para que o jovem a pousasse, conseguindo apenas então arrancar-lhe o pano da mão para lhe tornar a esfregar a testa.

— O meu nome é Nan'taur — apresentou-se. — E esta é Aiun'alla, a minha irmã. Foi ela que te encontrou.

Ainda meio entontecido, Aewyre virou a cara para a eahanna, que ergueu os olhos verdes e sorriu ao ser fitada. O guerreiro levou algum tempo a perceber que o silêncio se devia ao fato de Nan'taur estar à espera de ouvir o seu nome.

— Chamo-me Aewyr... — apesar de zozzo, as semanas que passara a usar um nome falso haviam-no deixado atento sempre que alguém lhe perguntava pelo nome. «*Oh, porra...*», praguejou, apercebendo-se de que era

tarde demais. — Aewyre.

— Aewyre — repetiu a eahanna, pronunciando a palavra como algo de estranho e maravilhoso.

— Estavas ferido e agarrado a uma roda de madeira, Aewyre — explicou Nan'taur com um sotaque bastante aceitável, no qual se destacava sobretudo a forma aspirada como enunciava as palavras. — Tiveste febre, mas a Aiun'alla tratou de ti com chá de bétula.

— Au — protestou o guerreiro, tornando a virar a cara para a eahanna, que recolheu a mão. Estivera a esfregar-lhe com o pano molhado uma das feridas que lhe ardiam na cara com o suor.

— Não te preocupes — disse Nan'taur, acocorando-se aos pés de Aewyre. — É teia de aranha. Pode parecer-te estranho, mas vai-te fazer bem às feridas.

De fato, o jovem não viu com bons olhos a substância sedosa que pendia dos dedos da eahanna, que aproximou lentamente a mão como em pedido de permissão, mas acabou por aceder e virar a cara. Não fosse pelo suor a queimá-los, mal estaria ciente dos seus ferimentos, mas achou perfeitamente evidente que teria bastantes. Atravessara paredes, fora projetado por rajadas de Essência e caíra repetidamente sobre as mais variadas coisas. Era até de admirar que não tivesse nada partido.

— Onde estou? — perguntou enquanto Aiun'alla lhe cobria as feridas com teia com delicados toques dos dedos, repetindo o seu nome em surdina.

— O sítio onde estamos não tem nome — esclareceu Nan'taur. — Mas estás no Brejo dos Patos, na fronteira de Nolwyn e Laone.

— Fronteira... oh, deuses, a Layaline! Làriana! — lembrou-se o

jovem, erguendo novamente o torso de rompante e sobressaltando Aiun'alla, que contudo se recompôs a tempo de lhe pousar as mãos sobre os ombros para o reter.

— Que se passa? — indagou o eahan de sobrancelha erguida. Apesar da sua postura amigável, havia nele uma inegável desconfiança quanto à presença do humano.

— Eu... eu tenho de ir! Os meus amigos...!

— Ainda estás fraco. Precisas de repousar. E com esta chuva nem mesmo nós, que vivemos nos pântanos, nos atrevemos a ir caçar...

— Vocês não compreendem. Eles...

— Pensa assim — recomendou o eahan, erguendo ambas as mãos. — Vais poder fazer alguma coisa se morreres, sozinho e perdido nos pântanos? Chove tanto que quase não vês dois passos à frente, e o rio corre com tanta força que te podes afogar se a água subir mais.

— Mas... eu... — tartamudeou o jovem, resistindo à delicada pressão que Aiun'alla exercia sobre os seus ombros. Layaline e Làriana, teriam elas conseguido chegar à outra margem? E Kror? Se algo lhe tivesse acontecido, era quase tão mau como perder Ancalach, pois significaria que não teria qualquer hipótese de obter o domínio sobre a Essência da Lâmina.

— Descansa. Amanhã a chuva pára. Se já estiveres restabelecido, podemos levar-te para fora dos pântanos.

— Como sa... — Pergunta estúpida. Quenestil sempre parecera capaz de prever o tempo só de olhar para o chão. — Amanhã? — repetiu, deixando-se então descair uma vez mais com uma careta de dor, acompanhado pelas mãos de Aiun'alla.

— Sim, amanhã — assegurou-lhe Nan'taur, concordando

tranqüilamente. — Sara as tuas feridas. Hoje és nosso convidado.

Aewyre tinha uma série de perguntas para fazer, mas havia algo nos eahan, em todos os eahan, que fazia com que uma pessoa se sentisse levada a confiar neles sem reservas. Eram invariavelmente de uma sinceridade e candura que tornavam difícil desconfiar deles, e mesmo Quenestil, o mais temperamental eahan que o jovem alguma vez conhecera, era das poucas pessoas com as quais sabia poder contar para qualquer eventualidade, mesmo se não fosse seu amigo. Além do mais, ocorreu-lhe uma forma de aliviar um pouco as suas apreensões, mas para isso teria de estar sozinho, pelo que optou por facilitar a tarefa de Aiun’alla para que esta se retirasse quanto antes. A eahanna esfregou-lhe um pouco mais de teia num corte na maçã do seu rosto, deixando de seguida a sua mão pousar sobre o restolho de barba na face do humano. Aewyre franziu as sobrancelhas, mas a eahanna deslizou-lhe a fascinada mão pelo restolho abaixo, guinchando de surpresa ao fazer o mesmo para cima e sentir as ligeiras picadas. Nan’taur sorriu e a sua irmã riu, partilhando com ele algo a rir que Aewyre não percebeu, embora compreendesse a reação. Eahan não tinham crescimento piloso nos seus corpos além dos cabelos e sobrancelhas, e o jovem desde a puberdade que se habituara às reações destes ao visitar Edranil, a aldeia de Quenestil.

— A minha irmã vai dar-te uma coisa para as dores no teu corpo — disse Nan’taur, retirando-se para o alçapão. — Vemo-nos mais tarde, se já estiveres melhor.

— Sim... obrigado, Nan’taur.

O eahan aceitou o agradecimento com um aceno da cabeça e um meio sorriso, descendo então a escada. Sozinho com Aiun’alla, Aewyre

ficou quieto e calado para que esta pudesse acabar o que tinha a fazer e deixá-lo sozinho. Pôs mesmo a cabeça de lado para não a fitar e não dar azo a qualquer conversa, que de qualquer forma não compreenderia, mas não pôde deixar de olhar abruptamente para ela quando Aiun'alla o destapou e lhe puxou a camisa para cima. Aparentemente divertida com a sua reação, a eahanna sorriu-lhe e tirou mais cascas de árvore de uma bolsa de couro no seu cinto, mantendo-as todas numa mão enquanto passava a outra pelo suado torso de Aewyre acima. Estar sozinho num quarto com uma mulher bonita a afagá-lo não lhe era uma sensação de todo estranha, mas naquele preciso momento a idéia não lhe passara pela cabeça e nem sequer lhe parecia apelativa. Porém, Aiun'alla não sorria e limitou-se a tentear-lhe os músculos, mantendo-se atenta às reações do guerreiro e pousando-lhe a úmida parte interior das cascas sobre as zonas que, quando pressionadas, faziam Aewyre estremecer. O jovem deduziu que não passava de um tratamento e deixou-se estar enquanto a eahanna o continuava a tentear e a pousar-lhe cascas úmidas sobre os músculos, inclinada sobre ele e com as tranças pendentes a balouçarem sobre a sua cara. O nariz ligeiramente adunco de Aiun'alla ia-se mexendo ocasionalmente, como se a eahanna estivesse a captar um cheiro curioso que Aewyre deduziu que só podia ser o seu. As eahannas de Edranil sempre lhe haviam dito que cheirava de maneira diferente, e Quenestil corroborara a impressão tal como Aiun'alla o fazia de forma mais discreta naquele preciso momento. Embora fosse sempre um assunto interessante para elaborar na presença de eahannas devido aos tópicos que invariavelmente abria e à proximidade corporal à qual acabava por levar, Aewyre estava com demasiado na sua cabeça para sequer pensar nisso. Quando a eahanna passou para as pernas foi-lhe

contudo mais difícil abstrair-se, e as suas reações foram mistas enquanto esta lhe apalpava as coxas e as cingia com panos para manter presas as cascas. Fazendo os possíveis para se manter indiferente, deixou Aiun'alla fazer o seu trabalho, e quando a eahanna terminou, puxou a camisa do guerreiro para baixo, tapou-o novamente, despediu-se dele com um sorridente afago na bochecha, e foi descer a escada do alcapão.

— Aewyre — disse à laia de despedida com um último sorriso antes de desaparecer.

Por fim sozinho, o jovem inspirou fundo e expirou, abstraindo-se do contato úmido das cascas de árvore sobre a sua pele e concentrando-se no «tendão». Este não passava de uma sensação tênue sempre que Kror se encontrava longe, uma ligeira tensão na sua cabeça que não mais incomodava o guerreiro, desde que não se concentrasse nela. Era bom sinal, o fato de ainda o sentir, pois só podia significar que Kror estava vivo, ou pelo menos assim quis acreditar. Em busca de certezas, Aewyre focou-se na singular tensão na sua mente, abstraindo-se dos seus restantes sentidos e entrando num reino da percepção que não mais o confundia, onde as sensações eram afiadas como um gume e os pensamentos retos como uma lâmina. Direto como uma estocada, Aewyre concentrou-se em Kror, rememorando o silvar e o embate das espadas de ambos durante os seus muitos combates e seguindo-os como um rasto deixado para trás por uma presa. Deu-se então o inevitável contato na forma de um silvo e um entrechocar acerado que tantas vezes antes o havia sobressaltado, e Aewyre soube que o drahreg estava vivo. As consciências de ambos rilharam uma na outra como lâminas com entalhes, e rugas riscaram brevemente a cata do jovem quando este a franziu, mas já estava suficientemente habituado para

não romper o contato. O «tendão* rangeu diante da insistência do guerreiro, mas Aewyre ignorou-o e arremeteu como se quisesse enfiar mais fundo uma espada em alguém, determinado a saber algo mais acerca da condição de Kror. Já antes conseguira sentir as impressões do drahreg com contato estabelecido, e tentou fazer o mesmo, procurando unir a sua consciência à dele como duas espadas entrecruzadas. Porém, Kror pareceu achar a manobra demasiado invasiva e, instintivamente ou conscientemente, resistiu. As duas lâminas que eram as consciências de ambos deslizaram uma pela outra como hirtas cobras de aço, comunicando através de silvos e rilhaduras. Estava a salvo, mas mais do que isso não diria.

Aewyre ainda tentou o equivalente a uma torção de lâmina, procurando penetrar a guarda mental do drahreg para saber mais, mas Kror pareceu antecipá-la e rompeu contato, abrindo os olhos do jovem com um seco ruído metálico cujo eco lhe ficou a vibrar nos ouvidos. Aewyre piscou os olhos repetidas vezes, reambientando-se à sensualidade mundana confinada à exígua câmara na qual se viu uma vez mais. Sentiu-se algo frustrado e agravado pela resistência de Kror, mas ao mesmo tempo aliviado por saber que este se encontrava vivo e aparentemente bem, a avaliar pela pertinácia que revelara. Embora não soubesse se tal era ou não possível, teria gostado de saber através do contato se Layaline e Làriana também estavam bem, razão pela qual insistira.

«Bom, ao menos esta vivo, graças aos deuses. E agora sabe que estou vivo também», conformou-se o jovem.

Soltando um suspiro, Aewyre sentiu a fadiga que até então ignorara infiltrar-se pelos seus convalescentes músculos fora, e o calor da manta e o ruído da chuva começaram a embalá-lo. Sabendo que estava em segurança,

que Ancalach não se perdera e que Kror continuava vivo, deixou de ter razões para permanecer acordado, e não teve grandes dificuldades em deixar-se adormecer num sono restabelecendor.

Quando acordou, a tocha ainda ardia e o ruído de chuva no exterior não parecia ter amainado de todo. Aewyre questionou-se mesmo se sequer dormira, mas ao examinar a tocha com mais atenção, constatou que a casca enrolada fora substituída. Olhando em redor, viu que tudo o resto se encontrava na mesma, incluindo a taça de casca com água e um pano a seu lado, e apoiou-se nos cotovelos para erguer um pouco o torso. Embora ainda ressentidos, os seus músculos não mais lhe doíam tanto, e o jovem conseguiu pôr-se sentado e de pernas cruzadas sem muitas caretas. As cascas de árvore debaixo da sua camisa deslizaram-lhe até à barriga, e o guerreiro puxou a camisa para cima para as remover. Foi então que distinguiu o odor a assado no meio do cheiro a verde e molhado da câmara, e a sua boca começou prontamente a salivar, motivando-o a levantar-se. Os seus músculos convalescentes não gostaram, mas também não cederam e o guerreiro agüentou-se bem de pé sem ter de se apoiar à parede, sofrendo apenas uma ligeira vertigem quando o sangue lhe desceu da cabeça. Olhou para o alçapão, do qual provinham ruídos de vozes e o cheiro a assado, e ergueu-se sobre bicos de pés de pescoço esticado para espreitar discretamente de cima, vendo apenas braços e cabeças de relance. Ponderou se devia ou não descer, e optou por espreitar primeiro pela janela fechada por uma adufa, da qual pendia uma vara de suporte que o jovem usou para abrir, apoiando-a então no caixilho. A chuva respingou-lhe imediatamente as pernas desnudas e cingidas por panos, mas o guerreiro não fez caso e espreitou para o exterior.

À primeira e turva vista, parecia uma vila brejosa de meia dúzia de cabanas sobre palafitas com descaídos tetos lanceolados. Tinham todas dois pisos e um juncal de foguetes aos seus pés, e estavam harmoniosamente montadas entre os choupos, salgueiros, bétulas e ciprestes do pântano. As habitações encontravam-se acima do nível da água graças às palafitas, mas este subira consideravelmente e ameaçava começar a lambar as plataformas inferiores. Aewyre olhou um pouco mais em redor enquanto desatava os panos nas suas pernas, mas não conseguia distinguir qualquer atividade no meio da chuva e acabou por fechar a janela. O cheiro a assado começou a ser irresistível, e o guerreiro acabou por se ver atraído para o alçapão, que optou por fim por descer assim que vestiu as suas calças. As suas pernas tremeram um pouco, mas o guerreiro ferrou os dentes e continuou a descender à medida que os sons da chuva e vozes lhe subiam pelas costas. A primeira coisa que viu através dos degraus de madeira da escada foram dois eahan brunos acorados diante de uma fogueira sobre a qual assava uma grande ave depenada. Estes calaram-se assim que o viram, fitando-o de bocas fechadas, e Aewyre olhou de esguelha para ambos os lados antes de assentar o pé na plataforma. Havia outros eahan presentes, incluindo duas eahannas, todos de cabelos entrançados e com traços fisionômicos semelhantes aos de Aiun’alla e Nan’taur.

— Aewyre. Acordaste a tempo — ouviu a voz deste.

O eahan e a sua irmã estavam acorados atrás do guerreiro, e preparavam uma refeição qualquer dentro de recipientes de casca de árvore. Quando Aewyre se virou para os eahan, estes sorriram-lhe, e Aiun’alla apontou para ele, dirigindo-se aos seus contrêrrâneos com uma série de palavras, das quais Aewyre apenas percebeu o seu nome. Os eahan

cumprimentaram-no então todos em coro, baixando ligeiramente as cabeças, e o jovem retribuiu, erguendo a mão à laia de saudação.

— Íamos começar agora a comer. Como te sentes? — indagou Nan'taur.

— Melhor — respondeu o jovem, girando o braço direito pelo ombro e inclinando o pescoço na direção oposta, pouco à vontade com toda a silenciosa atenção que recebia dos eahan.

— Ainda bem. Senta-te — disse, indicando a Aewyre o chão coberto de peles sobre o qual os restantes eahan estavam acorados ou deitados- — Pega numa pele, se tiveres frio.

— Onde... onde está a minha espada? — perguntou, olhando para o chão atapetado com peles curtidas.

Nan'taut hesitou, mas acabou por apontar para algo enrolado em peles e que se encontrava no meio dos eahan como um mero recosto. A vontade do jovem foi pegar nela de imediato, mas reteve-se, ciente de que tal gesto poderia ser não só desrespeitoso como também assustador para com os seus anfitriões. Deu-se por satisfeito pelo fato de a espada estar a salvo e fez como Nan'taur lhe dissera, pedindo silenciosamente licença e mantendo uma certa distância dos eahan ao sentar-se de pernas cruzadas e cobrir os ombros com uma pele. A plataforma era mais comprida do que larga, e todos tentavam manter-se o mais próximo possível da fogueira, o que deixava pouco espaço para que se quisesse manter à parte. Ninguém lhe dirigiu palavra, mas todos o olhavam de forma mais ou menos discreta, mesmo os que continuaram a falar uns com os outros.

— Tu... falas muito bem Glottik — comentou, por falta de algo melhor para dizer.

— Obrigado. Era o meu pai que falava com os humanos quando eles ainda vinham comerciar conosco. Ensinou-me Glottik e um pouco de Leriát.

— Estou a ver...

Nan'taur não elaborou mais, e como tanto ele como a irmã pareciam ocupados com o que estavam a fazer, Aewyre cruzou os braços e olhou em redor para estudar as suas cercanias. Havia teias de aranha com gotas de umidade nos cantos da cabana, e cada uma tinha pelo menos duas caixas pendentes que mais pareciam casas para pássaros. Os foguetes serviam quase de cerca a cada uma das habitações, pendendo vergados e ensopados aos pés destas, e entre estes encontravam-se embarcações chatas com remos. Edranil, a aldeia de Quenestil, não era muito diferente de uma comunidade rupestre nolwyna, mas aqueles eahan brunos pareciam viver em condições bem mais toscas que as que seriam de esperar da raça. Podiam não ser quase místicos como os Eahlan, mas entre os humanos havia ainda a concepção quase supersticiosa de que qualquer eahan era obrigatoriamente asseado, impecavelmente vestido e que vivia em habitações feéricas de madeira viva.

— Pensava que vocês viviam na floresta — saiu-lhe de repente. Nan'taur parou brevemente o que estava a fazer, sem contudo responder, e retomou a sua tarefa, levantando-se e dizendo algo à sua irmã enquanto trazia as taças de casca de árvore para a fogueira. Aewyre julgou tê-lo ofendido de alguma forma, pois mesmo à sua frente o eahan nada disse, limitando-se a distribuir as taças pelos convivas. Quando se preparava para pedir desculpas pelo que quer que pudesse ter dito de inconveniente, Nan'taur respondeu-lhe por fim.

— Sim, nós vivíamos na floresta. Muitos, muitos anos atrás — explicou, servindo a primeira taça e mandando-a passar a Aewyre através das mãos de outros eahan. — E *meliaig*. Vocês, humanos, chamariam a isso cerveja, mas nós a fazemos com resina de bétula.

O guerreiro agradeceu o privilégio de convidado, erguendo a taça em saudação, e bebeu. O líquido castanho tinha um sabor algo adocicado e acre, e embora fosse provavelmente um gosto adquirido não era mau de todo, pelo que tanto o acenar de cabeça como o lamber do lábio superior do jovem tiveram um mínimo de sinceridade. Os eahan anuíram e beberam eles também.

— E por que vieram para os pântanos? — persistiu Aewyre, ao contrário do que julgava ser sensato. Estava genuinamente curioso, pois sempre pensara que a floresta fazia tanto parte dos eahan brunos quanto a montanha dos eahan rúbidos como Quenestil.

Nan'taur tornou a não responder de imediato, e um outro eahan mais velho e de pronunciados maldades pareceu perguntar-lhe o que se passava. O eahan, mais jovem respondeu, e o outro abanou a cabeça, gesticulando com a mão como se este estivesse a preocupar-se desnecessariamente.

— No início, há muitas eras, os humanos tinham medo das florestas — explicou então enquanto continuava a servir taças, sem nunca olhar para Aewyre. — Eram escuras, misteriosas, e criaturas perigosas caçavam nelas. Nós vivíamos em paz, eahan castanhos e vermelhos, ou... como dizem vocês?

— Brunos e rúbidos.

— Brunos e rúbidos — lembrou-se Nan'taur, concordando. —

Vivíamos os dois em paz nas florestas. Mas depois vocês começaram a precisar de mais madeira para as vossas casas. De carvão para os vossos fogos. De mais carne além da que já tinham.

Como seguimento da frase, sinalizou a um companheiro seu que começasse a cortar a grande ave que pendia de um espeto de madeira sobre a fogueira.

— Tivemos de nos afastar. Nós, os brunos, escondemo-nos nos corações das florestas, onde era mais escuro ainda. Os rúbidos subiram e refugiaram-se nas florestas das encostas das montanhas, mais frias e com menos vida. Mas nem isso bastou. Vocês, humanos, não se regem pelas estações para se reproduzirem, continuavam a crescer em número e precisavam de cada vez mais espaço. Em breve já não havia lugar nas florestas para os eahan, e poucos foram os que conseguiram ficar nelas.

Aewyre começava a sentir-se algo constrangido, e Aiun'alla olhou para o seu irmão de testa franzida enquanto servia as últimas taças, como se sentisse que o seu irmão estava a causar desconforto ao convidado.

— Os rúbidos tiveram que subir mais ainda nas montanhas — continuou Nan'taur, — Alguns tiveram a sorte de ficar com prados, outros tiveram de viver nas escarpas rochosas. Nós? Passamos a viver em partes da floresta tão escuras onde o sol não entra, ou então deslocamo-nos para os pântanos, onde os humanos antes também não queriam ir.

Aiun'alla veio servir a Aewyre um prato de casca de árvore com uma generosa porção da perna da grande ave ao lume. Mesmo como ouvinte e alvo indireto daquela que começava a ser uma diatribe de Nan'taur, o guerreiro mal conseguiu evitar salivar ao ver a succulenta carne fumegar às suas mãos.

— Sempre foi assim, nós, os eahan, e outras raças como os thuragar sempre tivemos de viver em regiões que não agradavam aos humanos, mas com o passar dos anos vocês iam sempre encontrando razões para cobiçar mais terras — explicou Nan'taur, e embora este se esforçasse por não usar um tom acusatório, Aewyre não podia deixar de se sentir visado. — Hoje, mesmo o pântano em que vivemos está a ser drenado pelo barão de Arle. Querem as aves para comer. Querem turfa para queimar. Querem mais terra para plantar. Querem... mais. Querem sempre mais.

Era uma perspectiva à qual Aewyre nunca fora exposto, talvez por Edranil ser uma exceção à regra, com os acordos que firmara com Ul-Thoryn. O subsequente silêncio foi algo constrangedor para ambas as partes, pois mesmo os que não haviam percebido o conteúdo da conversa tinham sentido o seu teor. Alheia a tudo, a chuva recusava-se a amainar e continuava a bater incessantemente na água.

— Não vou pedir desculpa por algo que não fiz — declarou Aewyre. — Mas lamento muito pelo que vos aconteceu.

Nan'taur sorriu tristemente, abanando a cabeça.

— Eu é que peço desculpa, Aewyre. Não quis culpar-te, mas esse é um... assunto delicado para nós.

O jovem não duvidou, pois tanto quanto era possível a um eahan guardar ressentimentos, Nan'taur parecia albergá-los, e Aewyre sabia de poucas coisas que pudessem deixar os irmãos belos dos humanos em semelhante estado de espírito por mais que meros momentos.

— O que é isto? — perguntou, erguendo o prato para mudar de assunto.

— Cegonha. Espero que gostes.

— Hmmm — guturalizou Aewyre ao dar uma esfaimada trincadela. Não era nada que não tivesse já comido em Allahn Anroth, e de qualquer forma estava com demasiada fome para se fazer de esquisito.

Finda a unilateral conversa, os eahan começaram também eles a comer, trocando apenas breves palavras murmuradas entre si entre goles e trincadelas. Apenas Aiun'alla não desviava furtivamente a cara sempre que os seus olhares se cruzavam, sorrindo-lhe antes de bochechas cheias e finos lábios reluzentes. Por sua vez, Nan'taur limitava-se a olhar para a fogueira enquanto mastigava, introspectivo. As circunstâncias podiam ser diferentes, mas aqueles eahan brunos pareciam-lhe ser bem mais reservados que os rúbidos que conhecia em Edranil.

— Como é a vida no pântano? — não resistiu a perguntar. — Adaptaram-se bem?

— Todos nós já nascemos no pântano — disse Nan'taur com uma bochecha cheia, indicando os seus companheiros. — Mas para os nossos antepassados não foi fácil. Há muita água aqui, as coisas apodrecem, os insetos atormentam quem tiver sangue quente, e as águas podem causar doenças.

Aewyre sorveu outro trago de *meliaig*, escutando atentamente.

— Mas a Mãe é generosa, e qualquer terra tem as suas oferendas, se soubermos procurar — disse o eahan num tom quase sacramental. — A madeira dos ciprestes não apodrece com a água. A casca das bétulas resguarda-nos da chuva nos telhados, dá-nos chá para nos proteger das doenças e óleo que afasta os mosquitos. Os foguetes atraem insetos que comem os que nos picam — prosseguiu, apontando para as plantas em questão e de seguida para as casas de madeira que pendiam da plataforma

superior. — E os morcegos comem os que ainda assim nos tentarem incomodar.

— Adaptaram-se bem, então — concluiu o guerreiro.

— Os pântanos são ricos, Aewyre. E os humanos começam a aperceber-se...

Nan'taur calou-se antes que voltasse ao mesmo tópico, e Aewyre fez de conta que nem sequer reparara, limitando-se a acenar com a cabeça e a engolir aquele que já era o seu terceiro naco de cegonha, empurrando-o com outro trago de *meliag*. O resto da refeição decorreu em relativo silêncio, tendo apenas a chuva como ruído de fundo, e o jovem não se fez de rogado, sendo o principal responsável para que da cegonha restassem apenas ossos. Foi também o último a acabar, demasiado faminto para se preocupar com o fato de estar ou não a fazer figura de alarve. Por sua vez, os eahan não o pressionaram e deitaram-se simplesmente, uns lado a lado, uns de cabeças apoiadas sobre as barrigas dos outros, outros ainda ajuntados como uma ninhada. Era um costume ao qual Aewyre várias vezes assistira, bem como a sua parte favorita das visitas a Edranil, mas naquele momento tais concupiscências não lhe passavam sequer pela cabeça. Nan'taur cingia a cintura de Aiun'alla por trás e esta, de cabeça encostada ao ombro, ia-lhe roçando o nariz pelo pescoço num comportamento que acharia deveras impróprio para irmãos, não estivesse já habituado às tendências incestuosas dos eahan. Tal como Quenestil por várias vezes lhe explicara, o fato de não contraírem enfermidades com a mescla do seu sangue, aliado à realidade de freqüentemente viverem isolados, levava a que fosse uma prática relativamente comum.

— Conheces alguma canção, Aewyre? — interrompeu-lhe Nan'taur

os pensamentos.

— Eh... como?

— Se conheces alguma canção. Eu e os meus companheiros gostaríamos de a ouvir, porque há muitos anos que não ouvimos uma canção nova.

Aewyre conhecia, mas não tinha por hábito cantar e sentiu-se algo acabrunhado pelo pedido e por todos os olhos cor de esmeralda que o fitavam, expectantes.

— *Dalast?* — pediu Aiun'alla com voz quase doce demais para o jovem recusar.

— *Valẏn, dalast* — pediu uma outra eahanna, essa com a cara mais comprida e o nariz mais adunco que o da irmã de Nan'taur, bem como um rabo-de-cavalo entrançado.

Diante da insistência das duas, dos acenos de cabeça dos restantes presentes e da sensação que estava a ser descortês para com os anfitriões, Aewyre acabou por aceder, pousando a taça de *meliaig* e erguendo as mãos. Os eahan calaram-se e o guerreiro clareou arrastadamente a voz para ganhar tempo enquanto pensava quase aflito no que haveria de cantar. Nan'taur percebia Glottik, pelo que não poderia fazer uso do seu vasto repertório de canções de taberna, e das poucas baladas que aprendera na corte sabia apenas os refrões e alguns versos soltos. Restava-lhe apenas a cantilena que ele e Quenestil haviam cantado enquanto moços, o que em retrospectiva nem lhe pareceu de todo uma má idéia. Aiun'alla não parecera compreender Fialass, mas havia a hipótese de que fosse mais inteligível que uma cançoneta humana.

— Não costumo cantar — referiu à laia de repúdio, pigarreando

uma última vez antes de começar.

A cantilena era simples e infantil, e soou-lhe estranha aos próprios ouvidos com voz de homem adulto, embora tivesse a distinta impressão de não estar a desafinar tanto quanto o fizera com voz púbere. Falava de prados verdes e cabras a cabriolarem, do céu azul e de corridas pelas encostas abaixo, mas tudo adquiriu um tom mais sóbrio devido à ausência da alegria infantil de uma imberbe voz ofegante que estava a ver e a fazer tudo o que a canção dizia. Mesmo as palavras em Fialass lhe soavam estranhas ao ouvido, e não duvidava de que Quenestil já o teria interrompido para o corrigir. Alheios a todas essas considerações, os eahan ouviram, absortos e quase sem piscarem os olhos, o que constrangeu Aewyre ao ponto de este olhar para as peles no chão. Foi aí que manteve o olhar até acabar a canção e nem então o ergueu, limitando-se a coçar uma embaraçada mão encolhida ao seu colo. Os eahan tão-pouco disseram coisa alguma, e Aewyre não viu a deleitada surpresa patente nas suas caras, mas distinguiu os sons de movimento entre o ruído da chuva e ergueu o olhar para ver que Aiun'allá engatinhava na sua direção. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a eahanna pegou-lhe pela cabeça com ambas as mãos e osculou-lhe os lábios, afastando de seguida a cara sem contudo tirar as mãos.

— *Malte* — disse, sorrindo e tornando a beijar os lábios do guerreiro. — *Tuan'na malte.*

Apesar de habituado aos costumes eahan, Aewyre ainda levou alguns instantes a superar a surpresa e retribuir o sorriso, e os restantes eahan fizeram o mesmo, como se o gelo tivesse por fim sido quebrado.

— Obrigado — agradeceu Nan'taur. — Nós vamos ficar aqui

algum tempo, a ouvir a chuva. Se estiveres cansado, podes subir...

— Eu... — apesar de refeito, Aewyre ainda estava cansado, mas sentiu que de fato estabelecera um elo com os eahan, e apercebeu-se da falta que sentia de um pouco de contato, humano ou não. De um pouco de paz e sossego. De embainhar um pouco a lâmina. — Não, não estou cansado. Fico convosco.

Nan'taur sorriu e indicou à sua irmã que trouxesse o jovem, e a eahanna assim fez, puxando-o pela mão. Aewyre acedeu, e embora ainda tivesse algumas reservas quanto a deitar-se com os outros eahan, Aiun'alla não lhe deu escolha e praticamente forçou-o ao chão, apoiando-lhe a cabeça sobre o seu colo e encostando-se por sua vez às costas do seu irmão, que começou a falar num baixo murmúrio com os outros. Sem grande escolha, o guerreiro deixou a sua nuca assentar sobre uma firme mas macia coxa e apenas tartamudeou a tentativa de uma pergunta quando a eahanna lhe começou a mexer nos cabelos. A avaliar pelos movimentos, ia entrançar-lhos, mas antes que Aewyre pudesse dar voz às suas reservas, Aiun'alla principiou a cantar em voz baixa como uma mãe faria com uma canção de embalar. Tinha uma bela voz; nada que se comparasse à de Alisa, a filha do Patriarca Hanal, mas melodiosa por si só e embaladora. Com a cabeça inclinada sobre o guerreiro enquanto cantava e lhe entrançava o cabelo com destros gestos dos dedos, as pontas das tranças de Aiun'alla pendiam sobre a face de Aewyre. Cheiravam a verde, a fresco, a ramos partidos na Primavera, e por alguma razão pareceu-lhe que a canção era precisamente acerca disso. De paz, harmonia e tranqüila vivacidade, da promessa de vida e da segurança de uma verdejante clareira banhada pelos raios oblíquos do sol matinal, que espalhavam por breves e repetidos instantes as sombras das

borboletas que os atravessavam. Sereno e em paz pela primeira vez em semanas ou mesmo meses, Aewyre caiu num sono que havia muito tempo desconhecia, um sono que não se lhe infiltrava pelos olhos adentro devido ao cansaço ou à exaustão...

Sentado, com as muletas a seu lado e de costas apoiadas num tronco rodeado de fetos secos, Kror observava Layaline e Làriana, essas aninhadas na interseção entre uma árvore e um tronco caído em busca de abrigo da chuva. O drahreg tinha os braços apoiados sobre os joelhos, e segurava em cada mão um alfange embainhado, cruzando-os com os braços e com a ponderosa cabeça encapuzada e descaída sobre estes. A sombra do capuz ocultava-lhe a face enfaixada, mas não o vermelho dos olhos que fitavam as duas humanas de forma para estas aterradora, parecendo estar a avaliar o valor da vida destas. O seu negro nariz adunco pingava, e o fungar daí resultante era o único ruído que dele provinha, o que em nada ajudava à incerteza de Layaline, que se limitava a abraçar a sua filha com força. A criança estava tapada com uma manta, mas dera mostras de estar a ficar adoentada, tossindo baixinho como fazia naquele momento, mexendo-se pouco e falando menos.

— *Deixa-as* — disse-lhe a voz de Kerhex, ressoando malevolamente na sua cabeça. — *Só te vão estorvar.*

— *Não as deves deixar seja por que razão for* — contrariou Sassiras's. — *Mas se precisas de um motivo, pensa no quão úteis te podem ser. A rapariga pode servir-te de intermediária com humanos, sem que tenhas de falar com eles diretamente...*

— *Para que? Já sabes que ele está vivo. É apenas uma questão de tempo até te encontrar. Não precisas delas para nada. A não ser talvez se tiveres fome...*

— *Não é verdade!* — contrapôs a harmoniosa voz da divaroth,

parecendo repentinamente alarmada. — *É a rapariga quem o ajuda com os livros. Sem ela, pode ser que nunca descubras algo de importante sobre a Essência da Lâmina.*

Kerhex concedeu com um rosnido, mas a única resposta de Kror veio na forma de uma fungadela. Inicialmente sentira-se verdadeiramente perdido, assim que chegara à margem oposta com a balsa e as duas humanas, tendo deixado Aewyre para trás. Desorientado e sem saber o que fazer, seguira simplesmente os seus instintos e correrá, ou melhor, coxeara a refugiar-se nos bosques adjacentes, levando apenas a sua mochila. Layaline seguira-o, levando não só a sua filha como também a sua mochila e a de Aewyre às costas, movida por simples desespero. Era difícil dizer devido à chuva e às fungadelas causadas pelo frio, mas Kror tinha a impressão de que Layaline chorava, provavelmente por pensar que Aewyre estava morto. Kror sabia que não era verdade — sentira que o humano ainda estava vivo, e este procurara-o ativamente havia pouco tempo — mas a humana não lhe perguntara, e o drahreg não via qualquer razão para ter que ser ele a dizer-lho. Durante o tempo em que pensou que o humano morrera, Kror tivera ocasião de ponderar o quão importante a Essência da Lâmina lhe era verdadeiramente, pois a sua vontade fora a de abandonar Layaline e a criança e partir para longe dali, talvez mesmo de volta para Karatai.

Kerhex e Sassiras's tiveram evidentemente algo a dizer, alvitrando segundo os seus próprios interesses, mas Kror ignorara-os em grande parte e pensara naquilo que *ele* verdadeiramente queria. Não havia dúvidas de que, mais do que qualquer outra coisa, se deixara arrastar por Aewyre e pela inimizade combativa que o «tendão» criara entre os dois como incentivo para a obtenção da Essência da Lâmina. O humano sempre fora aquele que mais motivos e motivação tivera, e conseguira sempre compelir Kror para

as suas lutas pessoais, sempre com a desculpa de que estas os poderiam beneficiar aos dois. Por sua vez, o drahreg chegara entretanto à conclusão de que desejava a Essência da Lâmina por um motivo muito simples, que podia ou não ter sido influenciado por Kerhex: poder. Poder para se defender, poder para combater o mundo, este sempre contra ele, poder para que todos o deixassem em paz. Sassiras's não concordava, evidentemente, parecendo mais inclinada a ajudar Aewyre, cujo propósito achava nobre, razão pela qual o drahreg não dava grande atenção à divaroth quando esta se pronunciava sobre o assunto. Falhando a obtenção da Essência da Lâmina, queria simplesmente ver-se livre do «tendão», daquela perene e sempre presente tensão na sua cabeça, com a qual nunca poderia viver verdadeiramente em paz, embora antes tivesse pensado o contrário. Heldrada ajudara-o de certa forma a encontrar um novo centro na sua vida, por muito conturbados e viscerais que os seus contatos tivessem sido. Ainda pensara que esta porventura o pudesse ajudar a dominar a Essência da Lâmina com os seus conhecimentos, mas no estado em que ficara após a morte do Lamelar, de nada lhe serviria, e o drahreg acabara por se ver uma vez mais arrastado por Aewyre...

O som de vozes fez; com que erguesse e virasse a cabeça de lado, um gesto que só por si sobressaltou Layaline. Puxando o capuz para trás e expondo o seu crespo e eriçado cabelo à chuva, o drahreg constatou que não se tratara de impressão sua, e que alguém vinha na sua direção, pelo menos dois humanos. Pondo ambos os alfanges numa só mão e apoiando-se no chão com o punho direito, Kror ergueu-se sobretudo com a perna esquerda, poupando a direita a esforços maiores. Agachado, pegou nas suas muletas e na mochila e olhou na direção das árvores sem nada ver além da

névoa provocada pela chuva, mas confirmando a direção da qual as vozes vinham. Embora não escondesse o seu nervosismo, Layaline nada lhe perguntou, reagindo apenas quando o drahreg se virou abruptamente na sua direção e se acercou dela com três passos coxeantes. Sem o capuz e com a cara enfaixada por ligaduras sujas exposta parecia mais assustador ainda.

— O que foi? — perguntou, apertando Làriana com mais força contra si.

— Vêm aí homens — advertiu o drahreg, atirando as muletas e a mochila para os pés da rapariga e desatando o colarinho da capa. — Fica aqui, e não te mexas.

A humana nada disse, e Kror contornou-a para se ir esconder atrás das árvores, silencioso e alerta à medida que recordava a sensação de estar a ser caçado antes de chegar a Karatai. Arreganhando os dentes de caninos afiados ao suster algum do seu peso com a perna ferida após passar por cima do tronco caído e inclinado, o drahreg acocorou-se e aguardou, escondido. Por medo ou por obediência, a humana não se mexeu e deixou-se estar abraçada à filha, murmurando-lhe na sua língua que Kror não percebia enquanto as vozes se aproximavam. Passo a passo, três silhuetas foram-se revelando na chuvosa névoa entre as árvores, três silhuetas de homens armados de lanças cujos chapéus de ferro se iam mexendo enquanto olhavam em redor, evidentemente em busca de alguém. Se possível, Layaline encolheu-se mais ainda, demasiado aterrorizada para se mexer, sussurrando a Làriana para que esta não fizesse barulho. Porém, apesar de relativamente abrigada da chuva, estava demasiado exposta e um dos homens avistou-a, tal como Kror previra.

— *Miriam, aldré!* — disse, apontando para a rapariga.

Os outros reconheceram de imediato o vulto encolhido debaixo das árvores e enristaram as lanças ao aproximarem-se, como se fossem caçar um javali. Layaline arquejou de susto e os três olharam à volta, como se esperassem mais uma pessoa. Um deles baixou-se para melhor ver a encapuzada mulher, e os outros dois fizeram-lhe perguntas às quais a rapariga estava demasiado assustada para responder. Nenhum reparou na cabeça do drahreg que espreitava por debaixo do tronco caído, observando as botas e o posicionamento dos homens aos quais elas pertenciam, desembainhando lenta e silenciosamente os seus alfanges e recolhendo-se quando um dos pares se achegou de Layaline. O homem estendeu uma mão enluvada, agarrando a manta que cobria Làriana e puxando-a. Quando Layaline resistiu, o indivíduo sacudiu-a, tilintando a manga da cota de malha, e arrancou bruscamente a cobertura de cima da criança.

Foi então que Krór rugiu, rolando de ombro por cima do tronco caído com ambos os alfanges empunhados e aterrando com a perna ferida sobre o peito de um dos soldados, que esbofou com o impacto e cambaleou para trás. Apoiando-se seguidamente na perna boa, o drahreg descreveu um possante arco sobre a sua cabeça com um dos alfanges, que rompeu a manga de cota de malha e se embebeu até mais de metade do braço do soldado que segurava a manta. O homem nem chegou a gritar antes de Krór arrancar a lâmina com um sacão para dar seguimento ao seu ataque, deixando-lhe o braço pendente por uma tira de pele e do que restava da cota de malha. O berro veio então, acompanhado pelo de Layaline e por um jorro de sangue que por pouco não atingiu a rapariga na cara, e o drahreg aproveitou o que restava do efeito de surpresa para conseguir uma posição equilibrada da qual pudesse partir para uma nova investida. Todavia, os

homens que enfrentava eram soldados treinados, e não lhe deram o tempo necessário para se recompor, sendo que um deles investiu de lança em riste. Kror mal teve tempo para sentir os impulsos de dor que lhe dardejaram do joelho para cima, desviando-se da lançada com um golpe de rins e revirando ambos os alfanges. A ponta de aço cravou-se no tronco caído, e o drahreg aproveitou para encalhar os copos de um alfange revirado no cabo da lança, apoiando-se nele para poupar a perna e deslizando ao longo da sua extensão. Antes que o soldado tivesse tempo de largar a lança, Kror esticou o braço e passou-lhe o outro alfange revirado pela garganta, o que o desequilibrou e fez com que caísse com o moribundo. O drahreg foi ao chão de costas em consequência do ímpeto do golpe, enfiando o pomo do alfange esquerdo na terra molhada ao amparar a queda, e ouviu atrás de si os passos do homem que chutara. Sentindo o ataque iminente, Kror ergueu e cruzou ambos os alfanges a tempo de interceptar um golpe de espada destinado à sua garganta, e que se enterrou a escassa distância da sua cabeça, arrancando-lhe alguns cabelos. Cerrando os dentes, o drahreg torceu as lâminas para manter a espada presa e enfiou-as no chão de forma a criar um ponto de apoio. O humano conseguiu soltar a espada, mas enquanto o fazia, Kror arqueou as costas, erguendo-as do chão, e impeliu a perna direita sobre a esquerda, assentando nela ao erguer-se. O seu joelho gritou em silêncio, mas o drahreg teve de o ignorar para interceptar o ataque do soldado, que se lançou num ataque fulminante. Kror aparou e desviou as espadeiradas, recuando diante da arrancada do humano e cambaleando para trás como se a sua perna tivesse cedido. O soldado viu a aberta e berrou, estocando em frente, mas o cambaleio não passara de uma simulação de Kror, que se recompôs e prontamente desviou o golpe com o alfange

esquerdo, girando em si e revirando o direito para o cravar no flanco do adversário. A ponta da lâmina curva rompeu elos de cota de malha, penetrando na carne do humano, que grunhiu e se contorceu para o lado. Kror recolheu o alfange, tornou a girar em si, revirou novamente o alfange no punho e desferiu um possante golpe com ambas as lâminas em paralelo, deitando o homem por terra.

De armas empunhadas e com o seu peso sobretudo apoiado na perna esquerda, o drahreg contemplou o morto, o moribundo e o mutilado, passando apenas os olhos por Layaline e Làriana antes de olhar para trás, tentando discernir alguma eventual ameaça. Como nada distinguiu na névoa entre as árvores, baixou e inclinou a cabeça, mas nada mais ouviu além dos arquejos do soldado que agarrava em estado de choque o seu braço pendente. Virando então a cabeça bruscamente, o drahreg despejou a água que se tentava infiltrar no eriçado cabelo e fitou os dois soldados que ainda se mexiam. Layaline continuava a agarrar a sua filha com tanta força, tentando tapar-lhe a cabeça com a mão, que lha enterrou no ombro quando Kror fez o mesmo com um alfange no peito do soldado que jazia no chão, antecipando a consequência da sua já de si mortal ferida. A rapariga encolheu-se mais ainda quando Kror se dirigiu ao mutilado a escassa distância desta, escondendo a cara no pescoço da filha ao ver o drahreg puxar-lhe a cabeça para trás pela aba do chapéu de ferro e assentar-lhe a lâmina na garganta, e abafando um grito ao ouvir o silvo metálico de um gume em carne e o sangrento gorgolejar que se lhe seguiu.

Contendo soluços, Layaline apertou Làriana com firmeza, como se de alguma forma a pudesse escudar daquilo que estava a suceder, e ficou a aguardar de olhos fechados sem se atrever a erguer a cabeça. Estremeceu,

cuincando quando algo lhe caiu em cima, mas levantou os olhos ao constatar que se tratava da manta. Kror encontrava-se diante dela, com um sangrento alfange cravado no chão, uma mão apoiada sobre o pomo desta, e olhos e dentes cerrados, como se estivesse em sofrimento. Layaline cobriu lentamente a sua filha com a manta, sussurrando-lhe aquietadamente enquanto mantinha os olhos em Kror, cuja perna direita estava flexionada.

— Estás... — Layaline pigarreou. — Estás magoado?

O drahreg abriu os olhos, a cuja aterrorizante vermelhidão a rapariga nunca se habituaria, mas os seus igualmente atemorizantes dentes permaneceram cerrados.

— Vem. É melhor não ficarmos aqui — disse, flexionando a perna esquerda e deixando a direita estendida ao agachar-se para pegar nas muletas e na mochila aos pés de Layaline.

A rapariga anuiu, levantando-se cautelosamente e puxando o seu capuz para a frente enquanto Kror enfiava a custo as alças da mochila pelos braços abaixo ao mesmo tempo que segurava as muletas. Ainda estendeu a hesitante mão para o ajudar, mas o drahreg assustou-a ao rosnar e deixar a mochila cair, atirando de seguida as muletas para o outro lado do tronco caído, por cima do qual tornou a passar. Esquecera-se da capa, e sacudiu os riços cabelos molhados antes de a apertar ao colarinho e cobrir a cabeça com o capuz, ainda de dentes arreganhados. Layaline observou-o, mas o drahreg fulminou-a com o olhar vermelho-sangue e esta apressou as suas preparações para partir, evitando olhar para o seu companheiro enquanto este ia novamente buscar a mochila. Assim que a alçou aos ombros, Kror aprestou as suas muletas e começou a andar sem esperar pela humana, lançando um último olhar aos soldados mortos. Estranhamente, ou talvez

não, a primeira coisa que lhe veio à cabeça foi a sua jornada pela Latvonia, na qual vira um grupo de clérigos de Gilgethan ser atacado por bandidos. Kerhex dissera-lhe que matasse os bandidos. Sassiras's sugerira-lhe que ajudasse os clérigos para cair nas suas boas graças. Kror achara que podia fazer as duas coisas e assim tentara, mas o agradecimento dos clérigos foi atacá-lo. Acabara por ter de os matar também, mas Sassiras's ainda o conseguira convencer a enterrá-los, tal como era o costume dos humanos. Seria uma forma de provar as suas boas intenções, dissera ela. Na altura ainda estivera particularmente aberto às sugestões da divaroth, pois esta dera-lhe bons conselhos que o haviam ajudado a integrar-se nos Cho 'Tirr, a tribo oarr que o acolhera. Mas qual fora a sua paga por enterrar os clérigos?

Fora novamente atacado, dessa feita pelos amigos *dele*.

Praguejando em Olgur, Kror amaldiçoou-o, a Layaline, à filha desta e a todos os outros que se haviam cruzado no seu caminho. Estava farto deles, farto de tudo, e a sua vontade era deixar as duas humanas à sua sorte, para que sentissem na pele o destino que todos os da sua maldita raça lhe pareciam reservar: a morte.

Sassiras's nada disse. Kerhex pareceu rir.

APRESTOS

— ...e foi por isso que me escolheram a mim, percebe? — ouviu-se a voz de Taislin quando o camareiro abriu a porta para o quarto de Worick.

«Uh. *Aí vem ele*», pensou o thuragar, virando-se no banco que tinha diante da mesa de artesão do seu quarto.

— Era pessoal — continuou o burrik, entrando mas continuando a

olhar por cima do ombro para o humano. Usava uma imunda coifa branca que lhe deixava os cabelos diante da face, ocultando minimamente as suas feições, e as roupas sujas providenciavam um disfarce convincente de criança vagabunda. — O rato fugiu-me, e se eu não o apanhasse, outros podiam aprender com ele e fugir-me também...

— Já me disseste, criança — interrompeu-o o camareiro sem grande paciência. — Faz o que tens a fazer, e despacha-te.

— Com pressa não dá, senhor — afirmou Taislin, contemplando o quarto iluminado por um par de candeias e pelo reconfortante fogo na lareira. — Isto requer cuidado e atenção...

«Olha o vocabulário, idiota», repreendeu-o Worick mentalmente, pousando o pequeno martelo e prego com os quais estivera a cinzelar um pedaço de chumbo para se entreter. *«És uma criança ou não?»*

O camareiro não pareceu reparar, limitando-se a fechar a porta com um suspiro e postando-se ao lado desta de braços cruzados.

— Boas tardes, general Worick — cumprimentou. — Encontram-se dois guardas do outro lado desta porta, mas estou certo de que mantereis a vossa distância e que eles não serão necessários.

O thuragar ergueu as duas sapudas mãos, baixando a cabeça.

— Não se preocupe — assegurou. — Estou tão fraco que nem seria capaz de agarrar o rato que anda por aqui...

— Ah, então é este um dos traidores que queriam atraiçoar nosso senhor Aereth? — perguntou Taislin, levando os falsamente indignados punhos às ancas e olhando Worick dos pés à cabeça, tentando gravar na sua mente a figura do thuragar indumentado unicamente com uma túnica branca para mais tarde recordar e gozar. — Deixá-lo ser devorado por ratos,

era isso que devíamos fazer.

Worick quis responder à altura, mas concluiu que entrar numa troca de espirituosidades com uma pretensa criança em nada ajudaria.

— Vê lá o que dizes, pirralho... — ameaçou.

— Aliás, não o terão confundido a *ele* com um rato? — alvitrou o burrik, levando um pequeno dedo sujo ao lábio inferior.

— Se não te metes a trabalhar, não tarda nada confundem-te a ti com caca de rato no chão... — falou Worick em se conter.

— Cala-te e faz o que tens a fazer, criança — disse o camareiro.

— General, agradecia que permanecesse sentado no banco.

— E eu agradecia que se despachassem — retorquiu o thuragar. — Estava aqui descansado a cinzelar chumbo antes de vocês chegarem...

— Devias estar a cinzelar o teu epitáfio, rato traidor...

«*Mau. Não abuses...*»

— Criança, não te volto a avisar... — advertiu o camareiro.

— Pronto, senhor, pronto — escusou-se o burrik, erguendo ambas as mãos. — É que o meu papá sempre disse: «*Filho, podemos ser pobres, mas seremos sempre leais a lorde Aereth, o nosso bom e justo senhor, que tanto fez por nós.*» Tenho a certeza de que ele mataria um traidor com as suas próprias mãos, se o apanhasse.

— A minha paciência começa a esgotar-se, criança...

Fingindo amuo, Taislin deitou a língua de fora a Worick e esfregou então as mãos em preparação para a sua tarefa.

«*Tu me pagas, caganito...*», ameaçou o thuragar mentalmente, mexendo a barba enquanto roía os dentes de boca fechada.

— Ora então muito bem... — começou o burrik, espreitando atrás

da única arca do quarto e abrindo-a de seguida para remexer um pouco nas roupas. — O senhor traidor disse que viu um rato, foi?

— Uma ratazana — participou Worick de má vontade. — Acordei com ela em cima do meu peito.

— Não admira. As ratazanas estão sempre prontas para acasalar...

— Sabes lá o que *é acasalar*, pirralho — redarguiu Worick, chamando Taislin a atenção.

— Sei sim! — afirmou o burrik, erguendo a cabeça da arca. — O meu pai ensinou-me!

«*Vá lá, saíste-te bem*», reconheceu o thuragar.

— Bom, aqui nas roupas não está — concluiu, fechando a tampa e passando para a cama de Worick, diante da qual se acorou coçando o pensativo queixo com olhar atento. — São bichos tramados, os ratos. Quando lhes dá para isso, desaparecem.

Nenhum dos dois outros presentes se mostrou interessado nos comentários de Taislin, embora ambos o seguissem com os olhos por motivos diferentes. O burrik ergueu-se e foi verificar os dois lados da cama, regressando àquele que lhe deixava o leito entre si e o camareiro.

— E são espertos, muito espertos. Parece que sabem quando se chama alguém lá da guilda. — Enquanto falava, Taislin tirou um rolo de pergaminho amassado da sua bota, erguendo-o diante da sua cara para que Worick o visse e enfiando-o discretamente debaixo do colchão. — Mas deixam sempre pistas. E eu sou bom a encontrar pistas.

Ainda acorado, o burrik percorreu a parede a partir da cama, arrastando o dedo ao longo do rodapé de mármore, levando-o ao nariz para o cheirar.

— Durante o Inverno, quando está frio...

Ao dizer isto, ergueu-se, olhando para cima e para a direita e com o indicador hirto, girando então ligeiramente em si e apontando para a lareira.

— Frio, calor! Mas claro!

Taislin dirigiu-se a curtos passos saltitantes para a lareira, rindo maleficamente para consigo mesmo na sua acriançada voz enquanto ia falando sozinho.

— Ah pois, malandro... achavas que me ias escapar outra vez, era?

— perguntou, apoiando uma mão suja na marmórea prateleira sobre a lareira para olhar pela chaminé acima, resguardando a sua cara do calor com a outra. — Aha! Aí no quentinho, não é? Agora não me escapas.

Taislin olhou para trás com um sorriso malicioso na cara, felizmente longe demais para que o camareiro visse os seus olhos estreitados em duas felinas fendas verticais, e de seguida pegou num atiçador e folgou a camisa, como se estivesse com calor. Na verdade, o gesto serviu apenas para dissimular o rato morto que tinha escondido ao cinto e que de lá tirou, enfiando seguidamente a mão pela chaminé acima para se apoiar sobre o fogo enquanto chamava a atenção para a outra, brandindo o atiçador.

— Não olhem agora. Isto pode ser feio — advertiu, a sua voz a ecoar pela chaminé acima.

Mantendo a tensão teatral do momento, avançou lentamente o braço do atiçador, como se estivesse verdadeiramente a fazer os possíveis para evitar assustar uma presa, até que de repente guinchou e bateu com a ponta contra a fuliginosa pedra. Ao fazê-lo, largou o rato morto, que caiu na fogueira com um chapinhar de fagulhas, e recuou, tornando então a avançar para bater um pouco mais nos toros a bem do efeito dramático.

— Toma! Toma! Toma! A ver se voltas agora, bicho nojento! Arde!

Arde!

Lançando um olhar de aviso a Worick, o camareiro descruzou os braços pela primeira vez e foi ter com Taislin à lareira, afastando o exaltado burrik e erguendo-lhe um indicador em advertência ao vê-lo empunhar o atizador com ambas as mãos. Taislin ofegou e baixou a arma improvisada, e o homem apoiou as suas mãos sobre os joelhos para se curvar e olhar para dentro da lareira, onde distinguiu o rato morto já com o pêlo a arder.

— Esse já não chateia mais ninguém — proclamou o burrik, orgulhoso, apoiando o atizador sobre o ombro como uma espada.

— Dá cá isso — disse o homem, erguendo o tronco e arrancando-lhe o atizador da mão para o meter no seu devido lugar. — Já fizeste o que tinhas a fazer, criança?

— Eu? Bem, sim... mas se gostam tanto de mim, posso ficar mais algum tempo...

O camareiro agarrou-o pelo ombro, torcendo o nariz em evidente desagrado pelo contato com a camisa imunda de Taislin, e puxou-o para a entrada.

— Essa vérmina não mais vos incomodará, general Worick — disse num tom de voz enfadado, estando nele patente uma evidente despreocupação pelo bem-estar de Worick. — O resto de uma boa tarde.

— Deixa-o assar um bocadinho — recomendou Taislin, falando para trás enquanto era praticamente arrastado para a porta. — Havia de ser a única comida para ti, traidor!

O thuragar limitou-se a abanar a cabeça enquanto o burrik lançava os seus últimos chistes e insultos, prometendo no entanto dar-lhe o troco na

devida altura. Quando a porta se fechou, saiu do banco e avançou alguns passos na direção da cama, mas esperou que a vizinha irritante de Taislin deixasse de se ouvir do outro lado da entrada. Só então foi a passo apressado ajoelhar-se ao lado da sua cama, levantando o cobertor e tirando debaixo dele o pergaminho espalmado que Taislin lá deixara. Praguejou com a dificuldade inicial que sentiu para o desdobrar com os seus dedos grossos, mas acabou por conseguir, rasgando-o um pouco e levantando-se com a mão apoiada sobre a cama. A sua visão de thuragar nunca fora particularmente apurada, tanto mais quando era preciso ler, e Worick amaldiçoou a escrita e letra pequena do burrik ao nem mesmo perto da lareira ser capaz de perceber o que estava escrito. Por sorte, os seus dedos continuavam sensíveis como sempre, e o thuragar pousou o pergaminho de frente sobre a sua mesa de trabalho, tentando de seguida no verso as impressões deixadas pelo instrumento que Taislin usara para escrever. A péssima ortografia do burrik dificultou-lhe imenso a tarefa, fazendo mesmo com que Worick julgasse que pousara a folha ao contrário, mas lentamente foi começando a decifrar os seus conteúdos.

Uoric,

Dací a sinco diax vai haver a fexta de anux da prinseza lólina. Pede para fclarex com a Liana nesse dia, dix ao Eireth que a podex convenser a falar com lorde Sunelar para parar a gerra.

A Liana tem um martelu e um sinzel. Usa-ox para dejmontarex a latrina. Depoix uza a corda para dexter pur ela. Deixei-vus maix cordax pelu caminha. Xeira mal, max eu dei vinagre à Liana.

*Cuando xegarem lá abaixo, procurem uma pedra solta ce marcei com um 'X'.
Debaixu dela extá uma xave e otra mensajem minha.*

Nãu extragex o meu planu.

Taislin

Worick «releu» a missiva várias vezes, após as quais ficou simplesmente a olhar para ela, pasmado e de boca entreaberta. Numa primeira instância, nem foi a sugestão de desmontar uma latrina e através dela escapar de Allahn Anroth que mais confusão lhe meteu, mas sim o fato de Taislin ter congeminado um enredado plano para o qual tivera ainda o requinte de providenciar a primeira de duas listas de instruções. Faíscas da Bigorna, o raio do mafarrico só podia estar a brincar! Não soube sinceramente o que pensar ou fazer, se deveria maldizer o nome do desgraçado do burrik, ficar a olhar estuporado para as palavras que não via, bater com o martelo na sua cabeça, ou simplesmente rasgar o pergaminho em pedaços e atirá-los à fogueira.

Optou por rir.

Não passou de uma mera risada de início, mas não tardou a subir de tom até desembocar da sua boca numa incontrollável casquinada que fez com que Worick levasse a mão à barriga e esmurrasse a mesa, fazendo tremer e vibrar os conteúdos que nela se encontravam. Soltando o ocasional grunhido de dor devido às contrações abdominais do seu ventre convalescente, o thuragar ainda bateu com a mão na testa e deixou-se descair de costas sobre a mesa, estendendo sobre ela o braço que ainda segurava o pergaminho. Quando por fim acalmou, esfregou os pequenos olhos e soltou umas últimas risadinhas, tornando a olhar para a missiva de

Taislin e abanando a cabeça.

— Pedras me partam... — praguejou. — É desta que nos matas.

E começou novamente a rir.

Por mais absurdo que parecesse, e parecia-o de fato, mesmo as masmorras de Allahn Anroth eram luxuosas, encontrando-se limpas, relativamente livres de pó e sem infiltrações à vista. Aereth tinha tantos servos que nem sabia o que fazer com eles — era essa a única explicação que ocorria a lorde Tylon enquanto descia a longa escadaria atrás do senhor de Ul-Thoryn. Aereth segurava a sua régia falda com uma mão e agarrava o corrimão de corda com a outra, pomposamente vestido em patrióticos tons de vermelho e amarelo como era o seu hábito. À frente e atrás dos regentes iam dois membros da guarda régia de Aereth, ambos com uma tocha empunhada e de partasana ao ombro, sendo que essa arma de haste em particular tinha uma águia dourada sobre a tripartida lâmina, com ambas as asas a acompanharem as pontas laterais e entrançadas borlas vermelhas e amarelas a penderem dela. Tratava-se de armas antigas, parte dos trajes usados pela guarda de elite de Ul-Thoryn quando esta fora a capital de Nolwyn, e que caíram em desuso quando da cisão da nação. Porém, cerca de uma semana atrás, Aereth decidira reintegrar as antigas vestimentas, mandando tirar a ferrugem e polir as armaduras que haviam sido armazenadas no arsenal, decretando-as então como a fardamenta da sua guarda regencial. Embora algo desagradado e surpreso pela ação, pois ia contra a política de unificar a todos os níveis as duas casas ligadas por casamento, Tylon via-se forçado a admitir que as armaduras eram de fato vistosas e imponentes, e que condiziam plenamente com a nova atitude do jovem regente. Cada peça do arnês estava ornada com ouro nas bordas e

gravada com complexos padrões, desde as massivas espaldeiras às joelheiras convexas, sendo que a couraça ostentava uma orgulhosa águia nela cinzelada. O elmo era uma tradicional barbuda nolwyna com visor em forma de Y, mas com uma bafeira forjada à semelhança de um bico de águia e asas estilizadas sobre as dobradiças com ornatos dourados nas penas.

Tylon não estava satisfeito, o que se refletia no seu semblante carregado e no ângulo quase reto que os seus maxilares formavam. Aereth tornara-se progressivamente refratário nos últimos tempos, dando cada vez mais atenção ao seu bobo e parecendo cada vez menos aberto às suas sugestões. A seu ver, a mudança de comportamento de Aereth dera-se quando da chegada do barril de suco do Teixo à cidade, embora o jovem regente já antes se tivesse mostrado particularmente maleável a quaisquer sugestões que o bobo apoiasse. Embora parecessem servir o mesmo senhor, Tylon sabia demasiado pouco sobre a criatura para confiar nela ou mesmo sentir-se à vontade na sua presença. Mestre Othragon falara-lhe de um outro servo da Sombra no palácio, mas por alguma estranha razão dera-lhe instruções para não estabelecer contato com ele. Por sua vez, o bobo parecia indiferente à sua presença, embora já o tivesse abordado diretamente para que arranjasse uma ama de leite para uma criança. Segundo ele, estaria a servir o seu senhor ao fazê-lo. Um plano de contingência, dissera.

Tylon fez uma nota mental para posteriormente inquirir acerca do estado da criança e tentar saber mais acerca dela, pois certamente um bebê normal não requeria tanta atenção. Quem sabe, talvez até pudesse exercer uma certa medida de influência sobre o bobo através dela...

— Ul-Thoryn sempre foi uma província com uma história muito

rica — afirmou Aereth de repente, interrompendo os pensamentos do seu par. — Não concordais, lorde Tylon?

— Ehm... certamente, lorde Aereth. Embora o mesmo possa ser dito das restantes sete...

— Sim, sim... — acedeu Aereth, abanando a mão como se estivesse a afastar algo de irrelevante. — Sois um excelente diplomata, lorde Tylon, mas aqui entre nós esse diálogo é desnecessário. Sejam os sinceros: Ul-Thoryn foi a capital de Nolwyn, o seu centro nevrálgico, a sua alma cultural, o epicentro de tudo quanto sucedeu na nossa nação, tanto o bom como o mau.

Tylon franziu o cenho, estranhando a conversa. Aereth interpelara-o enquanto passeava no jardim com Lethia, roubando-o à sua esposa — que mandou ir ter com Iollina sem qualquer cerimônia — e praticamente arrastara-o para o palácio com a desculpa de que tinha algo para lhe mostrar. Desde que executara o seu malicioso plano contra o Ábaco que Aereth começara a agir cada vez mais por iniciativa própria, e sem o consultar, como antes quase obrigatoriamente o fizera. O seu engenhoso uso do suco do Teixo deixara-o com o Concílio das guildas e o Ábaco na palma da mão, pois ambos os cabecilhas haviam cometido hediondos crimes sob a influência da substância e posteriormente encostados à parede pelos homens de Aereth. Nos estratos superiores da cidade passaram a ser poucos os que levantavam objeções contra a eventualidade cada vez mais palpável de uma guerra contra Vaul-Syrith, e mesmo esses seriam, no ver de Aereth, fáceis de persuadir. O jovem regente não perdera uma única oportunidade para de alguma forma culpar ou demonizar lorde Sunlar, desde os contínuos ataques fronteiriços ao recente e misterioso silêncio de divindades como

Bellex e Joral. Havia também rumores de que outras divindades estavam a ignorar as orações dos seus fiéis, mas apenas as igrejas dos deuses da justiça e do dinheiro o haviam reconhecido publicamente. Tanto quanto o clero de ambas as igrejas dera a entender, os seus deuses não respondiam às suas preces, o que só não causara ainda grande desassossego na cidade pelo fato de tanto um como o outro não serem muito populares entre a arraia-miúda. Aereth arranjara forma de culpar Sunlar pelo sucedido também, afirmando que estava a tentar cortar as fontes de rendimento de Ul-Thoryn e que a sua insidiosa tramóia ia contra as mais elementares leis. Tudo o que pudesse acicatar a consciência popular contra o seu inimigo.

— Por força dos eventos do passado, Ul-Thoryn porta um pesado legado — continuou Aereth, erguendo o braço livre. — Aqui, em Allahn Anroth, decidiu-se o futuro de nações. Entre as muralhas que nos cercam, uniram-se as mais variadas raças com um único propósito. Nos campos fora de Ul-Thoryn foi empreendida a batalha que determinou o rumo que os reinos humanos seguiriam.

Empolgado, Aereth tropeçou num degrau e Tylon estendeu uma mão forte para o agarrar, mas este baixou imediatamente o braço erguido para se agarrar ao corrimão de corda, endireitando-se e seguindo em frente como se nada tivesse sucedido.

— Um pesado legado, dizia eu — continuou. — Um legado que sempre encheu livros com histórias, corações com orgulho e bolsas com dinheiro. Nada mais.

Os quatro chegaram ao fim da escadaria, e os guardas avançaram pela escuridão fora de tochas em riste enquanto os dois regentes aguardaram ao pé das escadas. Tylon olhou para o negrume em redor,

claramente intrigado, mas Aereth prosseguiu com o seu monólogo como se ambos estivessem a dar um simples passeio.

— Por si só, nunca foi capaz de desembainhar uma espada, por exemplo. Ou de mobilizar um exército — continuou o jovem regente a exemplificar. — Afinal, um legado é algo que se constrói durante uma vida e que se deixa sossegado nos anais para que futuros descendentes dele se possam gabar, correto?

Tylon não estava a perceber aonde Aereth queria chegar, e limitou-se a olhar com ar confuso para o seu homólogo. Entretanto, os guardas acenderam outras duas tochas com as suas, iluminando um grande pórtico de barras de ferro de tal forma ajuntadas que seria difícil enfiar uma mão entre elas.

— Pois não mais — disse Aereth, desafiante. — *Este* insurgir-se-á contra o mundo que o desrespeita, e provar-lhe-á que existem legados mais afiados que uma lâmina, e mais poderosos que uma coroa.

Enquanto Tylon tentava decifrar as palavras de Aereth e os intentos deste, os dois guardas destrancaram o pórtico e abriram-no, fazendo velhas dobradiças ranger e estalar ferrugem. O barulho que fez a abrir-se soou ominoso aos ouvidos do regente de Lennhau, o ruído de segredos ancianos que não mais deveriam ser desvendados, o chiar quase indignado do ferro a cuja consistência fora comparado um antigo tratado do qual Tylon se lembrou.

«*Não. Ele não o faria.,,»*, duvidou, olhando de soslaio para o sorriso presumido de Aereth, que lhe sinalizou que o seguisse com a mão, que manteve erguida atrás de si num trejeito quase efeminado do andar.

— As glórias do passado deviam ser incutidas como as pedras

basilares que pavimentam o caminho para o futuro, e não como rememorações saudosistas de uma época que não mais se repetirá — disse, gesticulando airosamente com as mãos, parecendo quase estar a desempenhar um papel para Tylon. O seu porte, que dava a entender que se encontrava num palco no qual era o centro das atenções, começava a afigurar-se demasiado parecido com o do bobo.

Perigosamente parecido, pensou Tylon, premindo os lábios e com eles mexendo a barba que lhe pendia debaixo do queixo ao entrar com Aereth, enquanto os dois guardas acendiam um par de tochas que flanqueavam a entrada. A avaliar pela forma como a voz do jovem regente ecoava pela escuridão fora, os quatro encontravam-se num amplo recinto, ao longo do qual se espalharam os passos acerados dos guardas, que se separaram do seu senhor e um do outro, caminhando em direções opostas e começando a subir dois graduais lanços de escadas simétricos. As tochas que estes empunhavam eram globos de luz difusa a vaguearem pelo negrume, iluminando à sua passagem um piso poeirento que havia certamente muitos anos não era percorrido, paredes de simples alvenaria, sólida e totalmente desprovida de ornamentos, e algo mais. Algo que apenas se revelou em relances, em contornos dourados relevados pela passagem do lume das tochas, algo que fez com que o coração de Tylon se esquecesse de duas batidas, retomando-as de seguida em rápida sucessão.

— As glórias do passado, Tylon Nehin, deviam fortalecer a ponte com o presente e a deste com o futuro, não miná-las — continuou Aereth, de costas iluminadas pelas tochas da entrada, mas de feições sombrias enquanto observava o progresso dos seus guardas, que entretanto tinham chegado ao cimo das escadarias. — E, pela honra do meu pai, o futuro que

com elas construirei ananizará mesmo a glória do Nolwyn da Quinta Era.

Enquanto Tylon tentava conceber as implicações daquilo a que Aereth estava a aludir, os dois guardas pousaram os archotes em tocheiras sobre dois receptáculos metálicos e tubulares apoiados em duas varas de ferro paralelas cada, e destaparam-nos. As tampas requereram algum esforço a remover, e foram de seguida pousadas com cuidado quase solene, após o qual os guardas tornaram a pegar nas tochas e baixaram-se, agarrando o fundo dos receptáculos com uma mão apenas. Aereth pareceu sentir os seus olhares através das viseiras mesmo à distância a que se encontravam, e fez que sim com a cabeça. Os dois ergueram-se então, grunhindo quase imperceptivelmente dentro dos elmos e levantando a ponta dos receptáculos, que giraram num eixo entre as varas de ferro que atravessava os seus bocais, vertendo então os seus conteúdos para aqueles que pareciam ser sulcos talhados no próprio chão. Não foi senão quando os guardas pousaram as tochas em quase perfeita sincronia diante dos bocais dos receptáculos que se fez luz, na forma do fogo que se espalhou ao longo do óleo que era despejado naquele que revelou ser um canal no chão. A escadaria que os guardas tinham subido fazia parte de um estrado escalonado ao longo de três níveis sobrepostos com desnivelamentos inclinados entre eles, ambos percorridos e riscados pelos canais. O fogo que grassou por estes fora iluminou por fim o recinto, bem como o que este continha, e Tylon não conseguiu evitar que o queixo lhe descaísse, roçando o peito com as pontas da basta barba.

Ao longo dos três níveis, parcamente espaçadas entre si, encontravam-se cerca de cem armaduras douradas, a mestria da sua manufatura inflamada pelo fulgor das chamas. Eram todas de um modelo

arcaico, segmentadas e com elmos de inexpressivas máscaras antropomórficas, e as armas e escudos retangulares e embossados que empunhavam eram igualmente antiquados, relíquias de uma época na qual o gume de uma lâmina pesada fora rei e senhor do campo de batalha. Embora o ouro do qual eram feitas não deslustrasse, muitas encontravam-se em mau estado, amolgadas ou de outra forma danificadas, o que tanto mais surpreendente tornava o fato de todas se encontrarem de pé, embora nada as ocupasse por dentro nem aparentasse estar a sustê-las. Nada havia nos espaços entre braceiras e braços, por exemplo, estando estes simplesmente no ar e à distância correta um do outro, como se revestissem um braço. As máscaras eram feitas à imagem e semelhança das feições dos nobres que haviam sacrificado as suas vidas para animar as armaduras na hora de maior necessidade da sua nação, um ato de nobreza desde então nunca mais igualado, e olhavam todas em frente de bocas fechadas a transmitirem bem a determinação daqueles cujas almas alojavam.

«A *Hoste Dourada...*», apercebeu-se Tylon, esmagado pelo que via.
«*Pel'O Flagelo, o que vai este estouvado fazer?* »

Aereth nada disse, sorrindo de boca aberta, erguendo o queixo e deixando as mãos de palmas viradas para o fogo, como se estivesse a ser arrebatado pelo calor. As chamas inflamavam as armaduras, fazendo-as luzir e conferindo-lhes aquilo que parecia ser uma ilusão de movimento através do fulgor e do turvar do ar resultante da emanção do calor do óleo ardente. Pelo menos era o que Tylon esperava, que não passasse de uma ilusão.

— O legado dos nossos antigos aliados sirulianos — disse então Aereth, aparentemente satisfeito com a impressão que provocara. — Não mais invocadas desde a Sexta Era, chegou a hora de se erguerem uma vez

mais, agora que o coração de Nolwyn se encontra novamente ameaçado.

— Mas... lorde Aereth, que pretendeis? — indagou Tylon num raro momento de perda de compostura.

— Que mais, meu bom Tylon? — retorquiu Aereth retoricamente. — É guerra que lorde Sunlar deseja? Então tê-la-á: uma reencenação da Batalha do Sol Nascente em sua honra!

Embora Aereth não o tivesse dito com essa intenção, a alusão ao prélio que deixara as forças do seu senhor totalmente desbaratadas durante toda uma era deixou Tylon mais nervoso ainda. O jovem regente nada mais adiantou, limitando-se a contemplar o seu novo trunfo e deixando-se banhar ao lume do fogo, tentando não tornar demasiado evidente o gozo que sentia por ver Tylon tão atabalhado devido a uma nova decisão que tomara sem o consultar. Por sua vez, o senhor de Lennhau estava sem palavras e limitava-se a contemplar as armaduras da Hoste Dourada em atemorizado respeito, temendo que o seu conluio com as forças d'O Flagelo pudesse ser sentido por aquelas que eram as obras dos sirulianos. Como que animadas pelo calor, algumas partes começaram a mexer-se, e o ranger e roçar de placas de ouro começou a sobrepor-se ao rugir das chamas, fazendo com que Tylon tremesse involuntariamente. Os inexpressivos elmos pareciam fitá-lo, e o regente orou para que tal não passasse de mera impressão sua.

«*Pel'O Flagelo...*», repetiu, começando a suar por entre as omoplatas, e não devido ao fogo.

ENIGMAS DO PILAR

— ...o mestre o quê?! — praticamente gritou a manifestação incorpórea de Allumno, adquirindo contornos mais nítidos como se a raiva o estivesse a moldar.

Por sua vez, a de Zoryan virou a cabeça, difusa como se estivesse a tentar ocultar o que lhe ia na alma, dando mostras de uma frágil resolução que estava a ser posta à prova pelo tom de voz traído do seu pupilo, que lhe era como um filho.

— *Mestre, o que é que me está a dizer?* — ecoou a voz do mago na cabeça de Zoryan, que se viu momentaneamente incapaz de o fitar.

Allumno flutuou de forma circular para forçar o arquimago a encará-lo, deixando para trás um rasto semelhante à passagem de um seixo por água, tentando futilmente agarrar a manifestação deste. Quando Zoryan por fim retribuiu o olhar, o seu semblante estava de tal forma difuso que era impossível nele distinguir qualquer emoção, o que atribulou Allumno mais ainda.

— *Eu... menti-te* — tornou Zoryan a admitir, o que não foi menos difícil de ouvir à segunda vez. — *Menti-te, Allumno.*

Chocado, o mago afastou-se, a sua cara uma clara máscara de desalento enquanto a abanava em incredulidade.

— *Menti-te, e, embora não espere o teu perdão, peço-te desculpa por isso. Não imaginas o quanto me custou...*

— *O quanto lhe custou?* — repetiu o mago, erguendo de seguida a voz e cerrando os imateriais punhos, que começaram a coriscar de Essência. —

O quanto lhe custou, mestre? O mestre faz idéia do que... do quanto eu... — Balbuciando de raiva, Allumno perdeu toda a coerência e o que lhe saiu da boca foi um incompreensível rosnido gaguejante.

O fato de Zoryan nada mais acrescentar apenas piorou as coisas, sendo que cada palavra que o arquimago não dizia correspondia à confirmação de mais uma das suspeitas de Allumno, suspeitas das quais finalmente se tomava conta, mas nas quais ainda não se conseguia levar a acreditar.

— *Diga-me que não é verdade, mestre* — pediu, quase suplicou o mago assim que recuperou a congruência. — *Diga-me.*

Zoryan baixou a cabeça.

— *Diga-me, mestre.* Abanou-a.

— *Diga-me.*

— *Allumno...*

— *Diga-me.*

— *Tens que...*

— *DIGA-ME!* — berrou o mago por fim, impulsionando para a frente ambas as mãos de palmas abertas e descarregando uma potente rajada contra Zoryan, que foi por ela atingido em cheio e projetado a uma considerável distância, que no Pilar era em grande parte irrelevante.

Embora não houvesse ar nem a necessidade de respirar no Pilar, Allumno mexeu-se como se estivesse a ofegar, olhando para as suas mãos e de seguida para o trilho ondulante deixado para trás por Zoryan no seu vôo desenfreado. O arquimago pairava inanimado ao longe de braços e pernas estendidos, e Allumno foi lentamente na sua direção, flutuando como um fantasma e sentindo-se tão vazio como um. Assim que se acercou do seu

mestre, este endireitou-se e assumiu a sua habitual pose de instrutor, cruzando as mãos atrás das costas.

— *Sentes-te melhor agora, Allumno?* — perguntou de forma quase cândida, permanecendo contudo de feições envergonhadamente indistintas.

— *Não* — admitiu o mago, apesar de aparentar estar mais calmo.

— *É verdade, Allumno. Eu menti-te. E mesmo que não aceites, torno a pedir-te desculpa. Fica sabendo que não me perdoarei por isso até ao fim dos meus dias.*

Sem saber o que dizer, Allumno abriu as mãos e abanou a cabeça de boca entreaberta, sentindo notórias dificuldades em articular as suas palavras, mesmo que estas não tivessem que passar pela sua boca.

— *Mestre... tudo aquilo que fiz... fiz porque confiava em si* — disse. — *Por que teve que me mentir?*

Zoryan soltou um suspiro etéreo, abanando tristemente a cabeça.

— *Tinha... tinha que te testar, Allumno* — confessou o arqui-mago, abstendo-se visivelmente de o tratar por «pupilo», como era seu hábito. — *Tinha de ver até que ponto estavas permeável...*

— *Não me podia ter dito, mestre?*

— *Não* — disse Zoryan, abanando novamente a cabeça, desta vez com mais ênfase, como se estivesse a tentar provar algo. — *Tinha de ver... tinha de ver até onde estarias disposto a chegar.*

A etérea face de Allumno ficou nitidamente mais carregada.

— *Eu estaria disposto a chegar até onde o mestre bem o entendesse* — quase rosnou o mago, apontando acusadoramente para Zoryan. — *Eu tinha toda a confiança no mestre. Posso ter mostrado reservas, mas depositava toda a minha confiança...*

— *Em nome dos deuses, Allumno, como podes ser tão ingênuo? Olha à tua*

volta! — interrompeu-o o arquimago, subitamente exasperado ao indicar com um amplo gesto das mãos a imensidão etérea que os rodeava, e as gavinhas negras que pulsavam por esta fora como iníquas veias. — *A sombra d'O Flagelo disseminou-se pelo Pilar! Os sussurros do Anátema ouvem-se na calada da noite! Eu... eu tinha que saber!*

— *Saber o quê, mestre?* — redarguiu Allumno em igual tom de voz, achegando a sua cara da de Zoryan, que entretanto ficara mais nítida, como se o seu mestre estivesse por fim disposto a encará-lo de frente.

— *Saber...* — O arquimago hesitou, fazendo tenções de virar novamente a cara, mas desta feita o olhar etéreo de Allumno reteve-o. — *Saber se foras ou não tocado* — explanou por fim, falando tão baixo que os movimentos dos seus lábios apenas acusaram a mínima agitação na sua imaterial barba.

— *Tocado?*

— *Sim. Se deras ou não ouvidos aos sussurros. Se a sombra...*

O arquimago perdeu novamente as palavras, de tão focado que estava no intenso olhar de Allumno. Queria dar ao menos essa satisfação ao seu pupilo, a de o olhar de frente enquanto lhe rasgava o coração em pequenos pedaços, mas mesmo isso provava ser difícil.

— *E...?* — instou este, a sua voz um sussurro contrito na cabeça de Zoryan, esperando que continuasse.

— *Sinto-me... incerto. Nem sempre seguiste as minhas diretivas, apesar de toda a fé que dizes depositar em mim. Deixaste-te levar pelas aleivosas palavras de Strelyanika, a bruxa tanarchiana, falhando em reconhecer a ameaça nela latente. Não só isso, deixaste uma série de magos viver, a despeito das minhas vivas recomendações em contrário.*

O mago nada disse, cada músculo na sua intangível face imóvel e com os olhos a irradiarem a quase visível tensão que retinha o olhar do seu mestre.

— *Sim, bem sei que disse que confiava no teu discernimento. Menti. Era um teste, Allumno, e o seu resultado preocupa-me. Se não posso confiar em ti para fazer aquilo que é necessário, em quem mais poderei confiar?*

— *O mestre quer mesmo falar de... confiança?*

— *Maldição, Allumno, O Flagelo está aí, e desta vez ataca de forma bem mais insidiosa. Quer corromper-nos por dentro, e os primeiros a sofrer o seu toque seremos nós, os que fazemos uso da Palavra!*

Allumno não pareceu convencido, mas isso não deteve Zoryan.

— *Olha à tua volta!* — instou novamente o arqui-mago. — A sombra de Seltor percorre o Pilar, envenenando a Essência e causando sabem os deuses que mais calamidades. Uma delas sei eu, e é precisamente a causa de um dos sismos que te ia matando e têm feito Allaryia tremer.

Zoryan apontou para trás de si e para baixo, o que na verdade poderia corresponder a qualquer outra direção que não a que pretendia.

— *Os servos das Entidades estão em guerra, Allumno, e não a guerra que tu já conheces. Não, esta guerra abala o próprio Pilar, pois os azigoth foram de alguma forma acirrados pela sombra de Seltor, o que causou um desequilíbrio. Os segmentos do Pilar movem-se e revolvem em si como nunca antes, e isso só poderá ter conseqüências nefastas. É por isso que urge que se faça algo, Allumno, e é por isso que urge que confies em mim e faças o que te digo sem reservas!*

Pela primeira vez desde o início da conversa, a expressão de Allumno alterou-se, sendo a dúvida e não mais a raiva a enrugar-lhe as etéreas feições.

— *Queres que te mostre?* — ofereceu-se Zoryan. — *Bem sei que não estás habituado a ir além do atrito, mas com a minha ajuda...*

Allumno ergueu a mão.

— *Não. Deixe estar, mestre* — recusou. — *Afinal, urge que se faça algo, não é?*

— *Não noto grande convicção na tua voz, Allumno.*

— *Convicções são perigosas quando alimentadas por um espírito ignorante, mestre. Visto que tão pouco sei, e que o pouco que sabia revelou ser falho, o melhor será mesmo cingir-me àquilo que aparentemente melhor faço: matar outros magos.*

— *Allumno, não estás a...*

— *...compreender? Não, mestre, asseguro-lhe que agora compreendo. Compreendo perfeitamente. Retiro-me, então, pois urge que se faça algo, e certamente não temos tempo a perder com uma mera quizila entre aluno e mestre.*

— *Allumno...!*

— *Adeus, mestre. Não tardaremos a rever-nos.*

Sem mais uma palavra, a manifestação do mago dissipou-se nas águas etéreas do Pilar, e Zoryan estendeu uma mão em vão, como se com ela o pudesse reter. Desalentado, baixou-a novamente, embora a mantivesse e à outra de punho fechado, levando de seguida ambos à cara e sentindo a falta de carne na qual pudesse enfiar as suas unhas. Sentiu igualmente falta da capacidade de chorar de desalento ou tristeza, duas formas de expiação negadas pela sua presente condição, ou mesmo de qualquer outra forma de dar largas à imensa frustração que naquele momento lhe fervilhava em cada imaterial fibra do seu fantasmagórico ser. Restava-lhe apenas a descarga desenfreada de pura Essência, sem ter sequer um alvo para abater, mas mesmo isso lhe foi naquele momento negado, pois Allumno abnegara-o de

tal forma que a gema deste, a âncora de Zoryan ao mundo dos vivos, deixou de imediato de o prender, fazendo com que o Pilar reclamasse sofregamente a sua alma tresmalhada. Soltando um grito surdo de raiva, o arquimago dissolveu-se então ele também, sendo diluído nas vastas e sidéreas águas do Pilar, que permaneciam alheias as pulsantes gavinhas de sombra que por elas flutuavam, palpitando inescrutáveis desígnios ao longo de toda a sua nefanda extensão.

UM MOMENTO DE PAZ

Quando do seu regresso a Horavog, Quenestil e os outros não foram propriamente recebidos como heróis, pois quem se encontrava no exterior a tratar do bacalhau pendurado em armações de madeira à beira da falésia limitou-se a olhá-los em silêncio. Uma pessoa entrou no edifício para avisar os outros, mas os restantes ficaram simplesmente a observar a lenta caminhada dos cinco, parecendo apenas genuinamente interessados ao distinguirem uma mulher que coxeava, trazida pelo alto rapaz revestido de aço, e ao repararem que dois dos cinco levavam um sexto numa liteira improvisada com uma capa, que lhe deixava os braços e as pernas a penderem e a arrastarem-se pelo chão. Quenestil vinha na dianteira, de mão ligada e feições sombrias, quase propositadamente escondidas por fiapos de cabelos ruivos que o vento despenteava e lhe deixava pendentes diante da cara. Parecia rígido e cansado, como um pedaço de carne deixada a secar ao vento, e os outros não tinham muito melhor aspecto, embora acusassem maior alívio por chegarem por fim a casa, e mesmo um certo orgulho pelo seu regresso com um propósito cumprido. Tinham todos um ar surrado,

mas era evidente que fora ao eahan a quem a expedição mais custara.

Os poucos habitantes que se encontravam fora do edifício começaram então a seguir os recém-chegados como uma procissão, acompanhando-os até à porta, que Quenestil abriu de forma abrupta, fazendo com que esta batesse na parede e ressaltasse contra o seu ombro. Alheio a tudo e todos, o eahan continuou pela partição de madeira e entrou na sala principal sem se anunciar, detendo-se à entrada desta e olhando em redor. Os residentes encontravam-se ocupados com os afazeres do costume no fumarento e oleosamente iluminado recinto, tecendo, cosendo, cozinhando e falando em voz baixa, que mais baixa ficou quando da sua chegada até se reduzir ao silêncio. Foi uma recepção semelhante à do seu primeiro dia em Horavog, quando mesmo as crianças se calaram, observando-o com grandes olhos azuis. A única coisa que criou uma racha na pétrea expressão de Quenestil foi ver os eahlan presentes e aparentemente instalados na sala principal, com pequenos eahan de cabelos brancos imiscuídos com pequenos wolhynos de cabelos cor de linho ao pé da fogueira. Slayra também se encontrava presente, mas o eahan passou por ela o seu olhar demasiadamente depressa para sequer reparar na expressão de alívio patente na cara da eahanoir, incapaz porém de evitar pousar os olhos por breves instantes sobre os dois bebês cingidos por envolvedouros aos braços desta. Ambos mamavam consoladamente, e Quenestil reteve neles o olhar mais tempo que o que queria, chegando mesmo a entreabrir a boca quando os músculos da sua face relaxaram, entesando-se contudo logo de seguida quando por fim virou a cara na direção do fundo da sala, para aquele que passava pelo trono de Hjlinar.

Com Deadan e os outros no seu encalço, o shura ignorou os

ressurgentes murmúrios assim que as pessoas começaram a reparar na *kuvamora* presa pelos braços pelas fortes mãos de aço do Ajuramentado, e foi ter com o alegado senhor de Horavog. O rapaz estava nervosamente sentado numa cadeira esculpida, de longe a peça de mobília mais ornada da sala, e a expressão de Quenestil assustava-o cada vez mais à medida que o eahan se ia aproximando. A seu lado, Oska afagava o seu felpudo gato de indolentes olhos verdes, parecendo mais jovem e fresca naquele dia por uma serva ruiva lhe estar a arranjar os cabelos castanhos, deixando-os fluir à vontade pelas suas costas em vez de os prender com a habitual touca. Sabendo o que agora sabia, Quenestil viu a serva com outros olhos, e esta baixou os seus, evidentemente pouco à vontade com a atenção do eahan, que ignorou Hjlinar por completo e se dirigiu diretamente a Oska.

— Dou a minha boa tarde, Oska — saudou sem hesitar, apesar do seu sofrível Hjrutmalv, apontando para a prisioneira nas mãos de Deadan. — Nós trazemos a *kuvamora*, a mãe dos skrimmen. Os skrimmen não vêm a Horavog.

Ruídos de admiração fizeram-se ouvir, e a *kuvamora* manteve-se hirta e direita, olhando todos nos olhos com o intuito de não mostrar medo. Tinha a perna enfaixada, estava suja e ainda com caruxna nos entrançados e sebosos cabelos louros, mas parecia determinada a não se deixar intimidar, mesmo cercada por aqueles que sabia serem seus inimigos. Oska olhou-a sem qualquer emoção parente na sua cara, continuando a afagar o gato enquanto o fazia, e inclinou a cabeça para o lado para ver Ohttur e HOrdur, que se encontravam atrás desta e ainda com a liteira improvisada em mãos. Sem nada dizer, a mulher ergueu a inquiridora cabeça, e os dois wolhynos entreolharam-se, acabando por pousar a capa e o seu ocupante no chão. A

reação da maior parte dos presentes diante do cadáver de Engiv não foi particularmente efusiva, mas uma mulher ruiva mal foi capaz de conter um gemido de angústia antes de tapar a boca com a mão, ficando então a soluçar, consolada pelas solidárias palmadas de outros ruivos.

— Tinham *skrimmen* e *ulkatr* — prosseguiu o eahan, alheando-se da angústia. — Morreu um homem que luta.

Oska anuiu com a cabeça, erguendo então os olhos para fitar novamente a *kuvamora*, cuja postura refratária não esmorecia. Sem tirar os olhos dela, mencionou o nome de Agtor e disse-lhe algo demasiado depressa para que Quenestil acompanhasse. O wolhyno avançou um passo, postando-se ao lado do eahan, e começou a traduzir.

— Enquanto nós não estávamos, Aggor, Hyrm e Hjoíld, os sobrinhos de Skoísvein, vieram a Horavog.

A expressão de Quenestil alterou-se novamente quando virou a cara para Agtor, mostrando-se desta feita preocupada.

— O que?

Oska continuou, e Agtor foi trasladando.

— Como havia poucos homens em Horavog, esses rabazes vieram e levaram algumas ovelhas. Disseram que não precisávamos delas, que tínhamos um frecheiro e que ele devia caçar para nós.

Quenestil baixou a cabeça e premiu os frustrados lábios, certo de que arranjaría forma de se sentir culpado por não ter sido mais discreto ao afugentar os três intrusos com a ameaça do seu arco.

— Disseram também que os outros *garding* vão saber que os *kabrker* vêm a Horavog. Que Oska vai ser a arlota do seu tio, Skoísvein, e que a quinta vai ser deles em breve.

O eahan nada disse, e Oska prosseguiu o seu monocórdico relato, falando de forma deveras prosaica para quem fora ameaçada de ser feita prostituta do seu inimigo.

— Não podemos dar chus tempo a Skoísvein, é preciso começarmos a agir para não perdermos Horavog — continuou Agtor, que não escondia a sua preocupação. — Estamos souts, e precisamos de aliados. Oska diz que devemos falar com Knorl.

— Quem é Knorl? — indagou Quenestil.

— O *garding* de KnorlvOg — explicou o antigo mercador por iniciativa própria. — É um *garding* forte, com boas terras e muitos homens. Se fosse amigo de Horavog, Skolsvein não teria coragem para um amago.

— Então... e por que é que ainda não falaram com ele?

Agtor remeteu a pergunta à sua senhora, que lhe respondeu prontamente, mantendo porém os olhos na *kuvamora* enquanto falava.

— Porque antes não tínhamos peita. Não tínhamos nada que Knorl pudesse querer. Tem mais ovelhas, mais mancípios e mais terras que Horavog, e tem uma esposa leina. Mas agora... — Agtor virou ele também o olhar para a *kuvamora*, que se sentiu visivelmente desagradada com a particular atenção da parte dele e de Oska. — Agora temos uma coisa que ele pode querer.

— Como assim? — perguntou Quenestil, pressentindo a resposta.

— A *kuvamora* — disse Agtor, indicando-a com o queixo. — Knorl tem esposa, mas também tem outras mulheres. Só que essas mulheres são todas *bjinir*, sémel dos invasores forlornyanos. Uma mulher *skrimmen*... e logo a *kuvamora*... é um grande troféu.

O wolhyno sobressaltou-se quando a mão de Quenestil embateu

contra o seu peito, como para lhe refrear os próprios pensamentos. Outros presentes também se sobressaltaram, incluindo Hjlínar.

— O que é que estás a dizer? — perguntou o eahan, de olhos semicerrados e boca incredulamente aberta.

— Enh... — hesitou Agtor, obviamente assustado com a atenção que lhe fora reservada e olhando para a mão cuja palma permanecia assente sobre o seu peito. — Quenestil... temos a *kuvamora*, e graças a isso os skrimmen não vão fazer a sua algara... não é?

— O que é que isso tem que ver com oferecê-la como escrava? — quis o eahan saber.

Nervoso e obviamente com pouca vontade de ser responsabilizado pela sua escolha de palavras, Agtor remeteu a pergunta para Oska, que pareceu algo admirada pela veemente oposição do seu convidado.

— Quenestil... — começou o wolhyno a traduzir. — Se um amago dos skrimmen já não é um perigo, Horavog agradece-te. Mas os skrimmen não são os únicos inimigos de Horavog, e Skoísvein é como um lobo que cheira sangue. Horavog precisa de aliados, Quenestil, mas é uma quinta pobre e não tem nada para oferecer. Mas agora temos a *kuvamora*.

De boca entreaberta e olhos semicerrados, Quenestil olhou alternadamente para Oska e para Agtor, vendo nos seus olhos que esperavam algo dele, que aguardavam genuinamente a sua aprovação. Virando-se abruptamente para trás, assustou os restantes wolhynos e constatou que estes também esperavam algo dele. Havia sempre alguém a esperar algo dele, mesmo os eahlan, dos quais Hanal e Eluana se destacavam naquele momento, ambos serenamente erguidos e de olhos postos em si, como se nele depositassem todas as suas esperanças. Mesmo

Slayra, que segurava os dois bebês e se tentava levantar, sendo refreada por S. anã...

Ao evitar ativamente olhar para a eahanoir, o shura deu consigo a cruzar olhares com a *kuwamora*, cujos ombros se encontravam algo encolhidos devido à pressão exercida nos seus braços por Deadan, sempre sensível aos momentos de tensão. Ficou momentaneamente preso pelos orbes verdes desta, pelo brilho selvagem que falhavam em ocultar, e foi novamente acometido pela sensação de empatia que o surpreendera da primeira vez que a vira.

— Quenestil... — chamou-lhe Agtor a atenção. — Horavog deu-vos comida e teto...

— Então é esse o vosso conceito de hospitalidade? — rosnou o shura ao devolver-lhe a sua atenção. — Acolhem-nos e depois esperam que vamos caçar para vocês?

O wolhyno não deu mostras de ter compreendido a idéia, mas Quenestil não lhe deu sequer hipótese para falar e excluiu-se a si mesmo do assunto, afastando ambos os braços de mãos abertas.

— Sabem que mais? Façam com ela o que quiserem! — barafustou, virando-lhes as costas e dirigindo-se furiosamente à saída.

Tal era a raiva, que Quenestil meio chutou meio tropeçou num alguidar perto da fogueira, despejando a água deste pelo chão de terra batida. Ainda ouviu Deadan dizer o seu nome, confuso, mas ignorou-o por completo. Hanal e Eluana tentaram abordá-lo, e o Patriarca estendeu mesmo a mão para o refrear, mas Quenestil pura e simplesmente ignorou-os, tal como fez a Slayra, demasiado furioso para falar com quem quer que fosse e desaparecendo sozinho na partição que dava para a saída. Alguns

wolhynos tinham ficado para trás, e saíram-lhe prontamente do caminho, encostando-se às paredes.

«Malditos sejam, não haverá limites para a depredação dos humanos entre os seus?», questionou-se o eahan, abrindo a porta, fechando-a furiosamente atrás de si, e encostando-se a ela de seguida.

Foi de bom grado que recebeu uma baforada de vento frio na cara, e inspirou fundo, sem contudo conseguir acalmar o alvoroçado coração. O tempo estava a ficar mais frio, mas naquele momento o gelo e a neve pareceram-lhe mais apetecíveis que o quente mas intriguista interior da quinta, onde todos queriam alguma coisa dele ou esperavam que tomasse decisões para as quais não estava pronto... para as quais não se achava apto, raios, por que não percebiam eles isso? E nem sabiam de metade da história, nem eles nem os eahlan. Uns não sabiam de Ihjseorn, outros não sabiam do seu juramento de vingança, nenhum a não ser Slayra sabia da traição desta, a menos que a eahanoir lhes tivesse contado. E agora... agora...

Rosnando guturalmente, o eahan afastou-se de rompante da porta e começou a caminhar rumo à montanha a Norte, rumo ao entorpecedor frio, ao relaxante sossego, ao silêncio que apenas o turbilhão que era a sua alma poderia perturbar e que esperava conseguir amainar com algum tempo de isolamento, do qual se encontrava tão desesperadamente necessitado.

«Mãe... quando é que as coisas ficaram tão complicadas?», era um pensamento que se tornara recorrente nos últimos tempos.

A abrupta e enraivecida saída de Quenestil deixara o interior de Horavog em silêncio, apenas quebrado por Slayra, que se conseguira livrar das protetoras eahlanas para se levantar e ir até à porta com os bebés ao colo. Porém, o shura não mais estivera à vista e sana convencera-a a voltar

para dentro, onde os wolhynos tentaram aparentar tanta normalidade quanta possível com um cadáver e uma skrimmen capturada entre eles. Oska restabeleceu de imediato a ordem e pôs as coisas a mexer, deixando o cadáver de Engiv a cargo dos seus, ordenando a dois homens que fossem prender a *kuvamora* no celeiro e indicando aos restantes membros da expedição que se sentassem para que os seus ferimentos pudessem ser tratados. Ninguém contestou as suas palavras, menos Deadan, que na ausência de Quenestil parecia sempre ficar meio perdido, e que mostrava pouca vontade de se deixar tratar por mãos wolhynas, nas quais aparentemente não depositava grande fé. Todavia, assim que os dois homens lhe vieram respeitosa e quase deferentemente tirar a *kuvamora* das mãos de aço, o Ajuramentado foi agarrado pelo braço. Ao olhar para o lado, viu que era Yhtte, a filha de Oska, quem lho agarrava, e quem lho puxou debilmente. Evidentemente embaraçada, a rapariga baixou os olhos de um azul cerúleo, mas insistiu através de débeis puxões para que Deadan se fosse sentar numa das bancadas.

— Eu... — titubeou o jovem. — Não, deixa estar. Não...

— *Naj*... — recusou Yhtte, indicando a sua cabeça de cabelos empastelados de sangue. — *Hovde tirr*...

— É só sangue, rapariga — minorou Deadan. — Não preciso de...

— Deadan, estás ferido! — ouviu Alisa, a filha de Hanal, dizer atrás de si.

Como sempre, a maviosa voz de uma eahlana teve no siruliano o efeito oposto ao que seria de esperar, deixando-o nervoso. Conseguiu afastar-se a tempo da mão que Alisa tentou pousar no seu ombro, empurrando Yhtte ao desviar-se, mas a eahanna branca avançou outro

passo, forçando-o a recuar na direção que a wolhyna pretendia.

— A tua cabeça... — persistiu a eahlana, alheia ao nervosismo de Deadan. — Deixa-me...

— Não... não é preciso — firmou o Ajuramentado, recuando outro passo e indicando Yhtte com um gesto da cabeça. — Ela trata de mim.

Alisa cruzou as mãos sobre o ventre, olhando para a rapariga e sorrindo-lhe quando esta acenou com a cabeça, como que a confirmar o que o siruliano dissera. Encurralado, Deadan então nada mais pôde fazer além de se deixar arrastar até à bancada, na qual se sentou por incentivo das mãos de Yhtte sobre as suas espaldeiras. A wolhyna era alta, mas parecia mais intimidada pelo tamanho de Deadan do que as mais baixas eahlanas; isso, ou outra coisa qualquer da qual o jovem siruliano não se soube dar conta. Agtor, HOrdur e Ohttur sentaram-se eles também, assistidos por esposas, filhas ou irmãs, que lhes trataram dos ferimentos com água. Yhtte pousou um balde ao lado de Deadan e pegou-lhe com hesitantes mãos na cabeça, inclinando-a e umedecendo-lhe o cabelo para tirar o sangue encrostado e melhor ver a ferida. A água ardia em contato com o ferimento no seu escalpe, e o jovem deduziu que fosse do mar.

— Deadan? — ouviu uma voz, e olhou de lado de cabeça inclinada para ver Slayra diante de si. Não vinha com os bebês, e esfregava as nervosas mãos enquanto parecia estar a pensar naquilo que iria dizer.

— Também queres tratar de mim, eahanoir? — comentou o Ajuramentado, algo incomodado, baixando novamente os olhos como se desagradado por vê-la.

Slayra hesitou e ergueu ligeiramente as sobrancelhas, surpresa pela reação do jovem, mas a sua expressão endureceu logo de seguida como se

tivesse sido picada sem qualquer provocação.

— Olha, agora tu também foste dar em sarcástico? — comentou.

— O que foi? Preferias que eu estivesse a tentar meter a tua cabeça dentro das minhas saias como essa rapariga?

Deadan tentou erguer a cabeça devido ao incômodo da mera sugestão, mas Yhtte manteve-a no lugar, sem saber que estavam a falar de si. Porém, e apesar de se sentir tentada, Slayra não deu seguimento ao seu escarninho e pigarreou como para dar um passo atrás, alisando o vestido negro sobre as suas ancas. A eahanoir recuperara relativamente bem do parto, apesar de ainda andar como se os ligamentos da sua bacia estivessem soltos, o que lhe afetava a graciosidade felina com a qual costumara caminhar.

— Ouve, eu sei que não morres de amores nem por mim, nem pela minha raça, mas só te queria fazer umas perguntas — explicou. — Depois deixo-te à vontade com a tua amiga.

O siruliano nada disse, e Slayra interpretou o seu silêncio como assentimento.

— O que... o que aconteceu com o Quenestil?

Deadan não respondeu de imediato, obviamente reticente em trocar palavras com uma eahanna negra.

— O mesmo que a todos nós, eahanoir — disse por fim. — Matou e viu morrer. Nada a que não deva já estar habituado.

Slayra revirou os olhos e exalou de frustração, apoiando as mãos sobre as ancas.

— Isso sei eu. O que mais aconteceu com ele? Ele não...

— Por que não lhe perguntas a ele, eahanoir? — interrompeu

Deadan, incomodado. — Por que me vens importunar a mim?

— Porque ele não fala comigo.

— Comigo tão pouco fala...

— Raios, Deadan, podes parar de ser uma criança grande e macambúzia por um instante? — barafustou Slayra, inclinando-se diante do Ajuramentado. — És tu quem mais tem andado com ele, foi contigo que ele combateu, foi contigo que ele falou depois de correr com aqueles três louros. *Alguma* coisa te há de ter dito, não?!

O levantar da voz da eahanoir chamou a atenção de alguns wolhynos, mas Yhtte manteve-se concentrada na sua tarefa, esfregando a cabeça de Deadan com um pano ensopado em água salgada. Ciente de que se exaltara, Slayra levou a mão ao peito e inspirou fundo de olhos fechados, que assim manteve ao dirigir novamente palavra ao siruliano.

— Por favor, Deadan. Dá-me uma resposta, diz-me alguma coisa. Qualquer coisa para que eu possa perceber o que se passa. Qualquer coisa, e eu deixo-te em paz.

Os olhos do Ajuramentado permaneceram fitos no chão, observando as manchas nele causadas peia água salgada que lhe pingava dos cabelos, e a sua resposta tardou de tal forma que Slayra suspirou e recuou um passo para se retirar, mas a voz de Deadan reteve-a.

— Ele anda... perturbado, eahanoir. Com a situação. Com quem o rodeia. Consigo mesmo. Mas disso deduzo que tu própria te terás apercebido.

— Sim... — disse Slayra, acenando com a cabeça e esperando algo mais.

Porém, nada mais veio, pois Deadan parecia julgar a sua resposta

satisfatória.

— É tudo, eahanoir — concluiu. — Mais não te sei dizer. Slayra ainda esperou que o jovem reconsiderasse ou se lembrasse de algo mais, mas os olhos dele permaneceram fixados no chão e parecia apenas aguardar que se retirasse, tal como prometido. A eahanoir retesou os frustrados maxilares, pronta a vergastar Deadan verbalmente, mas cedo se apercebeu de que estava a canalizar as suas frustrações para a pessoa errada. Fechou e relaxou os punhos duas, três vezes e tornou a inspirar fundo, baixando a cabeça ao expirar, após o que se sentou ao lado de Deadan. Este olhou-a de soslaio, pingando do nariz a salgada água sangrenta que lhe escorria da cabeça.

— Sabes... — disse a eahanoir, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e o queixo sobre os dedos sobrepostos. — Quando o vi pela primeira vez, tentei capturá-lo. Por curiosidade.

Deadan tornou a olhar para o chão, esperando com isso desincentivar Slayra.

— Ele intrigava-me, mesmo só de o ver. Tinha um ar selvagem, puro, diferente. Ia capturá-lo, mas acabei por ser eu capturada. Matou os meus companheiros, também; era perigoso, além do mais.

O Ajuramentado manteve a boca bem fechada, tentando parecer o mais absorto possível, quase para se convencer a si mesmo de que Slayra estava a falar sozinha. Porém, esta continuou.

— Tive uma série de ocasiões para fugir, e numa delas fugi mesmo, mas acabei por voltar. Até salvei o couro dele mais de uma vez... e ele o meu...

Incomodado, Deadan tomou a virar ligeiramente a cabeça inclinada

para olhar para Slayra, e viu que os líquidos olhos azuis desta estavam focados num qualquer ponto no vazio. O seu tom de voz ia também baixando, como se estivesse cada vez mais a falar sozinha, ou a deixar-se imergir em reminiscências.

— Claro que nenhum de nós o admitia, mas depois houve a noite nas montanhas, no meio do frio e da neve... havias de experimentar um dia, Deadan, e logo verias como pode ser bom — comentou a eahanoir, erguendo brevemente o canto da boca num sorriso algo sardônico, mas baixando-o logo de seguida ao retomar o seu tom confidente. — Com ele foi diferente. Com ele era tudo diferente. Fazes idêia de como é a vida numa cidade eahanoir?

Deadan não respondeu, até porque Slayra nem olhara para ele ao fazer a pergunta, permanecendo a fitar o vazio, o que contudo não a impediu de continuar.

— Quem não olha por cima do ombro, morre. Quem não conhece as pessoas certas, morre. Quem não vigia as pessoas certas, morre. Quem não dorme com um olho aberto e uma faca debaixo da almofada, pode morrer.

Slayra enumerou todas as hipóteses com voz desprovida de expressão, tal como se estivesse a descrever um itinerário comum na sua cidade.

— Quem te ajuda, faça porque encostaste uma lâmina à garganta dele, ou porque espera levar-te a uma viela escura para te encostar uma à tua — continuou, gesticulando um pouco com as mãos debaixo do queixo. — Se confiases em alguém, acabas morto como o estúpido que foste. Se deres as costas a alguém, acabas com uma faca espetada nelas. Estás a perceber a

idéia?

O que Slayra dizia apenas confirmava a idéia que Deadan tinha dos eahanoir, e apesar de não responder, esta continuou.

— Com o Quenestil... havia aquela atração entre nós, nenhum a podia negar. Mesmo sem ela, sentia-me segura com ele, com os outros. Sabia que, por muito que pudessem desconfiar de mim, não me enfiariam uma faca nas costas. Para mim foi algo de... novo. Nunca antes tinha sentido essa sensação tão simples de... segurança. E nunca pensei no quanto precisava dela... ou pelo menos, do quanto passei a precisar.

Sem conseguir evitar ficar algo constrangido com toda a situação, Deadan grunhiu de surpresa quando os dedos longos de Yhtte lhe empurraram o queixo para cima. A rapariga tinha ligaduras molhadas com água salgada nas mãos, e enleou-as então na cabeça. Alheia a tudo menos às suas palavras, Slayra não se deteve.

— Restava só aquilo que ele não gostava em mim, aquilo que todos os eahan desprezam em nós, os eahanoir, e aquilo que faz de nós o que nós somos — confessou. — Tive receio de que isso os... o levasse a abandonar-me. Achei que... achei que se eu *mudasse*, ele queria ficar comigo, que não me abandonaria, que eu não iria perder essa sensação de segurança, que nunca mais teria de viver como dantes, sempre a olhar por cima do ombro... — disse, suspirando e abanando a cabeça.

Deadan abriu a boca para lhe dizer que eram palavras que lhe eram mal dirigidas, que as devia dizer a Quenestil, mas distraiu-se ao ver Yhtte rachar aquele que parecia ser um ovo de pato sobre a sua cabeça. O Ajuramentado ergueu-a mais, fitando a rapariga de sobranceiras franzidas, e esta murmurou-lhe uma qualquer palavra apologética ao gotejar-lhe a clara

do ovo nas ligaduras sobre a ferida, sustendo por breves momentos o olhar azedo do siruliano. Por sua vez, Slayra prosseguiu.

— Parece que me enganei, não é? De início até resultou, resultou até mesmo na minha própria cidade, onde um amigo nosso morreu. Morreu por mim, sacrificou-se por mim, e nada me devia a não ser... amizade. O meu mundo ficou virado do avesso, mas depois disso encontrei consolo nos braços do Quenestil, até nos braços de quem eu não esperara. Pensei que encontrara o meu lugar, que mudara para melhor e descobrira uma nova vida, até que, em Gul-Yrith... — Os punhos da eahanoir cerraram-se então debaixo do seu queixo. — Só gostaria de saber uma coisa: onde está essa bondade da qual os eahan sempre se gabam? A sua capacidade de perdoar? Onde? Eu só...

Para alívio de Deadan, que rapidamente se viu convertido em tensão, Slayra foi interrompida pela abrupta entrada de um jovem wolhyno de cabelos louros em forma de taça, que correu pela sala afora, contornando a lareira, e abrandou aos tropeções diante de Oska, acordando o gato desta de sobressalto. O rapaz ofegava, e as palavras tardaram em sair-lhe de forma consistente, mas Deadan já se levantara e os restantes presentes também se mostraram nervosos com a aparente urgência do moço. Slayra esqueceu por momentos a sua comisseração e levantou-se ela também, sendo prontamente assistida por duas eahlanas, dando uma vez mais mostras de serem piores que a mais atenciosa das mães. O rapaz falou então, ofegante, apontando para o exterior e respondendo a duas rápidas e concisas perguntas da parte de Oska, a cujo braço Hjlinar se agarrou num gesto muito pouco dignificante para o alegado senhor de Horavog. Contudo, e apesar do alvoroço que se gerou com o que o rapaz disse, Oska manteve a calma e

começou novamente a distribuir ordens, indicando Slayra, Deadan e os eahlan. Estes foram prontamente assistidos por uma série de wolhynos e wolhynas, que falaram todos ao mesmo tempo, tropeçando nas palavras uns dos outros enquanto indicavam a partição que dava para as latrinas.

— O que se passa? — quis Deadan imediatamente saber, fulminando com o olhar os wolhynos que haviam ousado tocar nos eahlan, fazendo com que afastassem prontamente as mãos.

— Tu, Agtor! — disse Slayra, indicando o antigo mercador. — O que é que está a acontecer?

Agtor foi rapidamente ter com ambos, empurrando o ar com as mãos abertas para dar a entender que tinham que se mexer, e depressa.

— Toste, têm que exir daqui! — disse. — Vêm aí homens aguçosos!

— Homens o quê? — disse Slayra, soltando o braço que o wolhyno agarrara. — Estamos a ser atacados?

— Ferratos da Wolhynia, eles vêm buscar a peita de Horavog. Não vos podem ver! — explicou Agtor. — Toste, para as latrinas!

Deadan desembainhou o espadão, batendo com ele numa das traves do teto, o que por si só soltou uma invisível onda que afastou de si e dos eahlan todos os wolhynos mais próximos deles.

— Larga isso, Deadan! — repreendeu-o Slayra, tirando os seus filhos do colo das eahlanas. — «Ferratos» são soldados. Se fosse um «amago» é que deveríamos estar preocupados. Anda, venham todos. Se eles nos querem esconder, é porque devem ter uma razão.

Os eahlan seguiram Slayra para as latrinas, e Deadan manteve-se no fim da fila, olhando ameaçadoramente para os wolhynos mais próximos que os tentavam apressar. Hanal e a sua esposa Eluana aquietavam os pequenos

eahlan, cujas memórias da fuga de Gul-Yrith foram brevemente reavivadas pelo momento de tensão e de urgência, ficando à entrada das latrinas e esperando até que todos estivessem dentro antes de eles próprios entrarem. Deadan ainda olhou desconfiado para os wolhynos, cujos olhos estavam todos centrados no siruliano, até que Agtor se atreveu a aproximar-se.

— Vai, gaiato, tu também! — disse, enxotando-o com gestos pendentes das mãos. — Eles não vos podem ver!

O Ajuramentado mostrou-se porém irredutível na sua desconfiança, ponderando as mais variadas hipóteses que tal ocasião representava para que fizessem mal aos eahlan.

— Deadan, anda! — instou a voz de Slayra vinda da escura partição, e o jovem acabou por aquiescer, curvando-se para não bater com a cabeça ao entrar de costas e hesitando ao ver que dois homens arrastavam o corpo de Engiv pelos pés para o mesmo local. — Anda!

Os dois trouxeram o cadáver até meio da partição, onde ajustaram a sua postura com os pés e onde o deixaram, indicando a Deadan que se deveria afastar e colocar-se fora de vista de quem pudesse estar a ver de fora. Relutante, o siruliano acabou por assim fazer, recolhendo-se na malcheirosa escuridão e escusando-se ao colidir com aqueles que julgava serem corpos dos eahlan. As latrinas não tinham luz, pois quem as usava devia trazer uma lamparina com todos os cuidados, e os presentes mantiveram-se tão juntos quanto possível, sussurrando palavras apaziguadoras às crianças e abraçando-se uns aos outros, pois mesmo os adultos não puderam deixar de sentir certas reminiscências do fatídico dia em Gul-Yrith.

— Slayra? — perguntou a voz de Eluana à escuridão.

— Sim? — respondeu esta, aquietando os seus filhos, beijando-os nas cabeças.

— Corremos perigo?

— Não, Eluana. Eles vêm só buscar a «peita». Se ficarmos aqui, não vai haver problemas.

Ou pelo menos assim o esperava, pois não fazia idéia do que «peita» significava, e a presença de «ferratos» nunca era uma coisa boa...

A SENDA DA LÂMINA RETOMADA

A chuva cessara por fim, e tornara-se novamente possível transitar pelos pântanos do Brejo dos Patos, esses já de si difíceis de trilhar mesmo em condições ideais. A mão de humanos ainda não chegara à área que Aewyre percorria num barco de fundo chato com outros eahan, uma zona

de choupos, salgueiros, bétulas e ciprestes quase submersos pela água, com pequenas ilhotas entre as árvores na forma de tufo de canas a despontarem aqui e ali. A copa das árvores tapava em grande parte o céu, ajudando ao ambiente frio e úmido, embora algumas tivessem caído durante a chuva, criando brechas nesta, o que revelava em certas partes uma intrincada rede de cordas semelhante a uma teia de aranha.

A chuva ajudara a aliviar o ar estagnado e a água continuava a correr numa miríade de cursos, mas as coisas não tardariam a normalizar, e o marasmo cedo regressaria. Porém, Aewyre não se podia dar ao luxo de esperar, e pedira aos eahan que os levassem assim que possível. Estes haviam aquiescido, e acompanhavam-no agora Nan'taur, Aiun'alla e três outros eahan brunos com ar de veteranos do pântano. Todos se tinham vestido a rigor para a viagem, envergando túnicas de um esbranquiçado material sedoso sobre as suas toscas vestimentas de couro e trazendo consigo um facalhão de madeira em cada anca e um arco com aljava de flechas com ponta em forma de V. Aewyre envergava a mesma vestimenta, pois usar armadura podia ser perigoso quando viajava em cursos de água, mas o que nele mais atenção chamava eram as curtas tranças feitas por Aiun'alla. Tivera apenas ocasião de se ver na turva superfície da água, pelo que não sabia dizer ao certo se lhe ficavam bem ou não, mas a eahanna assim achava, e o jovem não iria ser descortês ao ponto de as tirar por vaidade. Além deles, havia ainda dois eahan em cada flanco e um na vanguarda a bater o terreno, sendo que esses envergavam vestimentas de pele revestidas por uma camada de folhas mortas que lhes permitia andarem camuflados por entre as árvores e os espaços verdes do pântano. Caminhavam sobre andas, o que a uma certa distância lhes dava o aspecto

de cegonhas furtivas e sujas.

— Costumam ter problemas com os humanos? — perguntou Aewyre, esbofeteando a sua cara. Agora que a chuva cessara, os insetos tinham regressado em força, e o jovem arrependeu-se de não ter espalhado óleo de bétula pela sua cara e mãos de forma tão generosa como os eahan.

— Sim... por vezes — respondeu Nan'taur, olhando em frente enquanto remava. — Sobretudo com os de Arle. O barão Savincar é um homem cruel.

— Acredito — disse o guerreiro, esbofeteando uma orelha. — Mas... problemas graves?

— Já morreram eahan — elucidou Nan'taur, e a sua expressão enegreceu. — Acidentes, disseram eles. Mas nós sabemos por que têm batedores boaroars.

— Boaroars? — gralhou Aewyre, incrédulo. — O Savincar usa *boaroars*?

— E uma... vantagem que vocês, humanos, têm em relação a nós — disse o eahan, incapaz de ocultar o preconceito na sua voz. — Não hesitam em usar o que vos for mais vantajoso, por muito vil que possa ser...

— Ei, o que dizes é surpresa para mim! — ressentiu-se Aewyre.

— Nunca soube de nobre humano algum que usasse boaroars...

— Não me refiro a eles, os boaroars são como animais com uma medida de inteligência na forma como caçam e nas armas que elaboram; só querem sobreviver. Não os considero malignos. Refiro-me à forma como Savincar os usa, vergastando-os, atormentando-os, quebrando-lhes o espírito e fazendo deles animais de caça raivosos.

Aewyre não soube o que dizer, mas Nan'taur não partilhou da sua

falta de palavras.

— Usa-os porque eles sabem navegar muito bem nos pântanos, tal como os javalis dos quais evolveram. Usa-os como cães de caça, pois aqueles dos quais já abusa não se adequam ao brejo. Depois, como animais feridos e doentes que são, atacam-nos sempre que nos vêem, e lutam até à morte. Esventraram o... primo da Aiun'alla alguns dias atrás.

A eahanna ergueu as sobrancelhas e virou a cara na direção dos dois, mas o seu irmão indicou-lhe com um gesto da mão que de nada se tratava antes de continuar.

— Claro que os homens de Savincar afirmam que não *é* culpa deles, que não mataram nenhum eahan. Segundo a lógica dos humanos *é* verdade... — Antes que desse por si, Nan'taur apertava o remo com tal força que os nós dos seus dedos esbranquiçaram, antes de cair em si e suspirar. — Perdoa-me, Aewyre. Tomei a ofender-te com as minhas palavras.

— Não, não, Nan'taur... — assegurou-lhe o jovem, abanando mãos e cabeça. — Eu compreendo-te. Se o meu povo estivesse a ser assim tratado por um eahan, eu provavelmente também não te veria com muito bons olhos. E certamente que não te ajudaria como me têm ajudado.

O eahan sorriu com as palavras de Aewyre, e abanou a sua cabeça de olhos fechados.

— Não, Aewyre. Tu foste uma... benesse para a nossa vila. Deste-nos esperança.

— Esperança? Eu? — admirou-se o guerreiro, estremecendo quando um ramo perdido lhe raspou o peito, enganchando-se na túnica eahan que envergava.

— Não te preocupes, que isso não rasga — assegurou-lhe Nan'taur.

— Sim, esperança. Deste-nos esperança ao mostrar-nos que nem todos os humanos são como Savincar e os seus homens. Trouxeste-nos alegria com a tua canção dos nossos irmãos da montanha. Acredita que retribuíste toda a ajuda que te demos, e mais.

— Mas, eu... — tartamudeou Aewyre, olhando para o tecido da sua túnica, que permanecia intacto e sem o mínimo rasgão.

— Seda de aranha — explicou o eahan com um sorriso ao dar uma remada, aproveitando para mudar de assunto.

— Seda de aranha? — gralhou o guerreiro.

— Sim. Pode ser que não saibas, mas a seda de aranha é mais resistente que o vosso aço, especialmente quando o tempo está úmido.

— Que *aço*? Desculpa, mas...

— Não me admira de todo que fiques surpreendido — disse Nan'taur, desta feita tentando verdadeiramente não ser faccioso. — Se algo é verdadeiramente tão bom, como é que os humanos não o usam, não é?

Aewyre não respondeu, limitando-se a puxar a túnica e a olhar para ela com o sobrolho erguido. Correspondia aos padrões algo toscos dos eahan, tendo um corte simples e as faldas sobrepostas sobre os ombros como únicas características de relevo além das orlas ornadas com motivos foliáceos.

— É que as aranhas não podem ser domadas. Podem tentar juntá-las e tentar que façam seda para vocês, mas elas só se vão matar umas às outras. São demasiado territoriais, e nada pode mudar isso.

— Mas então... como conseguem vocês isto? — indagou o guerreiro ao soltar a túnica.

Nan'taur sorriu novamente, como se soubesse algo do qual se orgulhava secretamente.

— Ao contrário de vocês... desculpa, da maior parte dos humanos... Ao contrário da maior parte dos humanos, nós não procuramos vergar os animais à nossa vontade. Requisitamo-lhes favores, e retribuímos. É assim que conseguimos, entre outras coisas, a seda das aranhas.

Aewyre não pôde deixar de partilhar o sorriso de Nan'taur, embora não pelos motivos de que o eahan suspeitava. As suas palavras algo convencidas lembravam-lhe Quenestil, que uns anos atrás derivara grande prazer em contrastar as diferenças entre humanos e eahan, numa altura na qual Aewyre se sentira incomodado com, entre outras coisas, a sua pelugem púbere.

— Mais resistente que aço, dizes tu? — duvidou Aewyre.

— Sim. Experimen...

Nan'taur calou-se ao ouvir o que pareceu ser o atito de uma ave, mas que Aewyre deduziu ser um chamamento de aviso de um dos batedores, pois todos os eahan no barco se endireitaram repentinamente, alerta como coelhos. A mão esquerda do jovem crispou-se no punho de Ancalach, que se encontrava à sua anca numa nova bainha de madeira feita pelos eahan, tendo perdido a anterior em Arle, e Aewyre olhou em redor, sem contudo nada ver. O cotovelo de Nan'taur chamou-lhe a atenção para o seu lado.

— Boaroars — disse, olhos fitos como os de um falcão num aglomerado de salgueiros à distância.

Aewyre olhou nessa direção e de fato distinguiu duas corpulentas formas a nadarem na água, movendo-se com furiosos movimentos dos

membros que chapejavam na água, despedaçando troncos flutuantes e arrastando limos. Os eahan frecharam de imediato os seus arcos e Aewyre desembainhou Ancalach até metade da lâmina, semicerrando então os olhos e baixando a cabeça ao parecer-lhe ver algo vir no encalço dos humanóides.

— Aquilo é um barco? — perguntou a Nan'taur, que ainda tinha o remo em mãos para não deixar o barco à deriva.

— Sim — respondeu o eahan com um tom de voz totalmente diferente, mais frio. — E aqueles são os homens de Savincar.

Aewyre reconheceu de fato os capotes e chapéus de ferro dos soldados de Arle, mas o que mais lhe chamou a atenção foram as cintilantes luzes que emanavam de um outro vulto no barco, vulto esse que se ergueu, apontando na sua direção. Era Vascarò, o lacai arcado do barão, e foi a sua presença a que mais alarmou Aewyre, pois o desvairado e explosivo combate que com ele tivera ainda estava bem fresco na sua memória. Os soldados já os tinham avistado, mas nenhum reagiu de forma tão efusiva como Vascarò, limitando-se a remar na direção da embarcação dos eahan. Por sua vez, estes dirigiram-se a uma lezíria com o claro intuito de buscarem uma posição defensiva na qual pudessem assentar os pés, sendo seguidos de perto pelos boaroars. Aewyre nunca vira um boaroar vivo, e aqueles eram bem diferentes dos que tivera ocasião de observar enquanto troféus de batidas de soldados. Eram de igual porte, embora fossem mais magros, como cães sujeitos a privações destinadas a torná-los mais ferozes, e caminhavam de dorsos arqueados e cabeças baixas, quais animais habituados a serem castigados e contudo sempre prontos para uma luta. Os que Aewyre vira trajavam vestimentas toscas feitas das peles de outros animais, mas os humanos não haviam providenciado roupas algumas

àqueles, que caminhavam desnudos como comuns javalis, de encharcada pelagem escura e cinzenta e cerdas ferozmente eriçadas. O seu único ornamento eram placas de metal com espetos curvos sobre os focinhos, providenciando-lhes armas em acréscimo às já de si temíveis presas dos humanóides, que espumavam raivosamente das focinheiras. Os dois mantinham-se a uma distância segura do barco dos eahan, circundando-o enquanto grunhiam e batiam os colmilhos como predadores incertos a tentarem intimidar presas nas quais reconheciam um certo perigo.

— Eles vêm atrás de mim — disse Aewyre em voz baixa a Nan'taur, embainhando novamente Ancalach, sem contudo largar o punho. — Não quero que vocês se magoem por minha causa. Eu vou...

Sem tirar os olhos dos humanos e dos boaroars, o eahan ergueu a mão abaixo do nível da borda do barco para que os inimigos não o vissem, silenciando Aewyre e segredando algo a Aiun'alla e aos dois outros ocupantes da embarcação.

— Não lhes digas nada — ciciou de seguida ao jovem. — Deixa-os aproximarem-se de nós com o seu barco...

Aewyre ia discordar, mas o tom da voz de Nan'taur evidenciava um plano, e optou por nada dizer. O barco encalhou então na lezíria e os eahan levantaram-se, originando grunhidos agudos da parte dos dois boaroars que os circundavam como sabujos. Os eahan mantiveram-se indiferentes a eles, erguendo-se e saindo do barco de arcos empunhados e frechados. Aewyre seguiu-os, pisando cuidadosamente a lezíria de juncos e escura terra esponjosa, ainda agarrado ao punho de Ancalach mas suficientemente intrigado para esperar para ver o que Nan'taur tinha era mente. Reparou que os batedores eahan não se encontravam à vista, mas antes que pudesse

considerar o que estavam a planear, reparou que o barco dos homens de Savincar já se encontrava à distância do disparo de um arco... ou de uma das bestas que os homens de Savincar empunhavam. Vascarò estava de pé, rindo para consigo e oscilando enquanto se tentava equilibrar, enquanto os restantes homens se limitavam a olhar para Aewyre com expressões sombrias, não fazendo o mínimo esforço para esconderem a vontade de crivarem de virotes o homem que matara tantos dos seus camaradas em Arle.

— PríncipeAewyre! — disse Vascarò com os exagerados *erres* do seu entaramelado sotaque laonês, acenando com a mão como se estivesse a rever um velho amigo. — Heh. Estás... perdido? Nósestá-vamosàtua... procura.

Aewyre não respondeu, olhando antes para os eahan a seu lado, tentando avaliar as suas intenções através das suas posturas. Tinham todos um arco empunhado, mesmo Aiun’alla, e as suas caras eram um indecifrável vazio de emoções enquanto observavam silenciosamente a aproximação dos humanos.

— Heh. Arranjaste... arranjasteamigos? Eahan? — indagou o jovem mago, inclinando a cabeça para o lado e ajustando as lunetas sobre o seu nariz. — Ui. Uma... eahanna. Quebonitahumhurn.

O jovem não pôde deixar de avançar um passo na diagonal, adiantando-se a Aiun’alla e posicionando-se diante desta.

— Sou eu quem o teu senhor quer; deixa-os em paz — disse com voz determinada. — Como me encontraram?

— Heh — riu Vascarò, zombeteiro. — Não és... muitoesperto-poisnão? — As sobranceiras de Aewyre franziram-se, friamente iradas. —

Osineteosinete... que mais... podíaser?

Inicialmente incapaz de compreender, o guerreiro não tardou contudo a perceber ao que o mago se referia, arregalando então os olhos e enfiando a mão esquerda na sua bolsa, dentro da qual remexeu. Vascarò ia rindo, divertido enquanto o observava, franzindo os lábios num O de pretensa surpresa quando Aewyre tirou da bolsa o sinete com a águia de Ul-Thoryn que o mensageiro Augiol lhe dera para comprovar o conluio do seu irmão com Savincar. Irado por se ter deixado enganar tão facilmente, o jovem atirou o sinete para a água, o que lhe mereceu uma ameaçadora roncada da parte dos boaroars.

— Fácil... tão fácil — gabou-se Vascarò, abanando a cabeça de um lado para o outro e desequilibrando-se, forçando-o a apoiar-se no ombro de um dos soldados. — Heh. Foste... fácil de encontrar. Mui-to fácil.

— É a mim que vocês querem — vociferou Aewyre, avançando outro passo. — Deixem-nos ir.

— Heh. O barão disse... disse para matarmos... quem estivesse... contigo — disse Vascarò, e os anéis nos seus dedos começaram a fulgir de forma mais intensa. — Heh. *Aubatan-tels!*

Os soldados aprestaram então as suas bestas, visando os eahan, mas assim que o fizeram ouviram-se três silvos no ar, seguidos dos estalos de algo a ser repentinamente cortado. Ao mesmo tempo, os eahan atiraram-se ao chão na lezíria, sendo que Nan'taur se arrojou de ombro contra os jarretes de Aewyre, fazendo com que o guerreiro caísse sobre as suas costas. Dois virotes foram soltos das bestas, zunindo sobre os eahan, antes de os soldados olharem para cima e gritarem ao verem uma rede abater-se sobre eles. Vascarò, que se encontrava de pé, foi o primeiro a ser por ela coberto,

começando prontamente a debater-se e oscilando dessa forma o barco. Os soldados não reagiram muito melhor, e a agitação provocada por todos acabou por fazer com que a embarcação emborcasse, despejando-os a todos nas águas do pântano.

Excitados pelos ruídos e movimentos bruscos, os boaroars grunhiram e começaram a correr na direção da lezíria, revolvendo as águas com poderosos movimentos das pernas e dos braços. Os eahan ergueram-se prontamente, disparando as suas setas, mas as pontas em forma de V destas eram mais adequadas para cortar cordas de armadilhas e caçar pássaros, e espetaram-se sem efeitos de maior no duro couro dos boaroars. Aewyre levantou-se pesadamente em seguida, desembainhando por fim Ancalach e enristando-a para receber a carga do boaroar que vinha na sua direção, roncando e espumando do focinho. O outro carregava contra os eahan na sua retaguarda, alheio às flechas nele espetadas, e estes empunharam as suas curtas espadas de madeira, que pouco mais eram que paus em forma de lâmina. Aewyre investiu contra o seu adversário, urrando e empunhando Ancalach sobre a cabeça, e o boaroar baixou a sua em preparação para a colisão. O choque entre a Espada dos Reis e a placa espinhosa sobre o focinho do boaroar foi violento e reverberante, vibrando pelos ossos de Aewyre acima e fazendo com que os dentes do guerreiro rangessem. Porém, a lâmina fendeu a placa do humanóide, cujo sonoro ronco foi abafado quando a sua cabeça foi projetada para baixo pelo embate, enterrando-lhe e fazendo com que arrastasse o focinho pela terra úmida da lezíria. Ainda com os ouvidos a zunirem, Aewyre empunhou Ancalach de ponta para baixo com ambas as mãos e enterrou-a no espesso cachaco do boaroar, cortando-lhe a espinha com um estalido seco e abafado por carne e gordura. O outro

boaroar foi mais bem-sucedido na sua investida, abatendo-se em fúria sobre os eahan. Um deles teve praticamente que saltar para o lado para evitar ser colhido, e os outros atacaram pelos flancos e costas, percutindo o humanóide por todos os lados com rápidas e secas pancadas das suas espadas de madeira. As bordoadas eram suficientemente fortes para partir ossos, mas o boaroar era denso demais e estas apenas lhe abriram a pele, vertendo sangue. Grunhindo de raiva, o humanóide oscilou um braço, atingindo Aiun'allá e atirando a eahanna para a água. Nan'taur gritou o seu nome em aflição e baixou-se de um golpe, batendo com ambas as espadas na perna do boaroar e rachando-lhe o osso. A criatura cambou para o lado, oscilando cegamente com os braços e atingindo outro eahan antes de outro ainda lhe espetar a ponta de uma espada ao lado da garganta naquele que, não fosse pela anatomia diferente, teria sido um golpe mortal. Ainda assim, bastou para deixar o boaroar sufocado, e este, em pânico e raiva, estrebuchou mais freneticamente ainda, acabando por colher um eahan com uma convulsão da cabeça, projetando-o pelo ar. Grunhindo sufocadamente, o boaroar interceptou de seguida Nan'taur, que tentara aproximar-se pelo flanco para lhe concutir a nuca, e agarrou-lhe o pescoço com uma pata de dedos lamacentos e fortes. Porém, antes que pudesse puxar o eahan contra as suas presas, Ancalach surgiu entre ambos, fulgindo e cortando o ar antes de golpear o braço do boaroar. A lâmina abriu um horrendo lanho no peludo braço do humanóide, que grunhiu de dor, levando o focinho atrás e expondo a garganta, pela qual Aewyre prontamente passou o gume de Ancalach. A conseguinte golfada de sangue encharcou o ombro de Nan'taur, que se afastou, agarrado ao pescoço. Vascarò e os soldados ainda se agitavam nas águas, presos pela rede, mas Aewyre ignorou-os e foi ter

com Aiun'alla, que estava de gatas à beira da lezíria, abanando a ainda zonza cabeça.

— Aiun'alla, estás bem? — perguntou em Glottik, alheio ao fato de a eahanna não perceber.

Os outros eahan reagruparam-se, sinalizando aos batedores de andas, que tinham permanecido escondidos nas árvores e de arcos empunhados, e foram ver o seu companheiro que fora colhido pelo boaroar e que se encontrava em posição fetal no chão, abraçando a barriga. Aiun'alla parecia estar bem, apenas atordoada, mas antes que os eahan pudessem verificar o seu companheiro, foram sobressaltados por um berro, seguido de vários outros agoniados. Virando-se para trás, Aewyre e os eahan viram águas revoltas e fervilhantes no local onde Vascarò e os soldados tinham caído, do qual emanavam luzes multicolores. Os homens gritavam em pânico, tentando futilmente afastar-se do fervilhante ponto da água no qual se encontravam, mas a rede retinha-os e não lhes permitia distanciarem-se.

— *Nain'na that?* — vociferou um dos eahan, apontando com uma espada de madeira para o foco de toda a agitação.

Aewyre ajudou Aiun'alla a levantar-se, e a eahanna observou a cena agarrada à cabeça, tentando focar a visão no espetáculo de luzes e corpos armados que se contorciam na pantanosa água. De repente, um vulto encharcado veio à superfície, de punhos cerrados com anéis fulgentes a seus lados e trilhando água pelo at ao levar a cabeça atrás, berrando desalmadamente. A explosão essencial que se seguiu rebentou a rede, projetando os soldados a uma curta distância pelos ares e criando uma onda em forma de anel que se propagou pelas águas afora. A onda esmoreceu antes de os homens caírem novamente no pântano, mas Vascarò pulsava de

energia latente que parecia pronta a desencadear uma nova explosão se necessário fosse. Com água pela bacia e ainda de punhos crispados a seus lados, o jovem mago trouxe a cabeça novamente à frente, fitando Aewyre e os eahan de dentes e olhos odiosamente cerrados. Estava encharcado dos pés à cabeça, com as mangas e dobras da sua roupa a verterem água e os cabelos negros com estrias brancas pendentes diante da sua cara, mas os seus anéis e o seu amuleto brilhavam em multicolor ameaça.

— *Dèfante!* — berrou, demasiado descontrolado para falar Glottik ao apontar para a lezíria.

— Baixem-se! — gritou Aewyre, atirando-se para a água e arrastando consigo Aiun’alla.

Os eahan assim fizeram a tempo de evitarem a estralejante rajada vermelho-sangue que singrou na sua direção, irradiando a lezíria com uma voraz energia que consumiu os juncos e os foguetes molhados. Não se dando por satisfeito, Vascarò berrou e raivejou com as mãos a fervilharem de poder arcano, irradiando luz de todas as gemas em sua posse, e lançou ambas as mãos para a frente, projetando uma rajada tal que a lezíria explodiu num festival de lama, água e juncos, fazendo mesmo o barco dos eahan oscilar. Aewyre e os eahan mantiveram-se no chão, alguns submergindo-se mesmo na água para se resguardarem do estouro, mas o guerreiro levantou-se logo de seguida aos tropeções, estendendo uma mão aberta a Aiun’alla para que esta não se erguesse.

— Vascarò! — chamou, desafiando-o com Ancalach empunhada.
— Sou eu quem tu queres! Deixa-os em paz!

— *Dèfante ben assò ecoarò!* — gritou o mago, cuspiendo as palavras entre a raivosa espuma da sua boca.

Estava claramente descontrolado, e os seus olhos desfocados e desprovidos de lunetas visavam tudo à sua frente como um alvo, o que representava um problema para Aewyre. Estava a combater um mago em campo aberto e em terreno que lhe afetava a mobilidade, sem qualquer forma de se resguardar. Para mais, Vascarò encontrava-se a uma distância para ele segura, o que lhe permitiria bombardear o guerreiro antes que este se pudesse sequer aproximar. Ainda assim, Aewyre avançou, assumindo uma postura agressiva, e Vascarò retribuiu com uma nova saraivada, que o jovem evitou, pulando para cima de uma ilhota de juncos perto da devassada lezíria. Não encontrou porém um assento firme, e afundou o pé em lodo antes de cair sem qualquer cerimônia para dentro de água ao mesmo tempo que a saraivada fervilhou sobre o que ainda sobrava da lezíria. Implacável, Vascarò descarregou uma outra rajada no epicentro das ondas causadas pela queda do guerreiro e virou então as suas atenções para os eahan, que se erguiam, hesitantes e algo estonteados.

Quando o mago se preparou para os atacar, algo lhe baqueou nas costas, expelindo-lhe o ar dos pulmões e fazendo-o cambalear uma passo para a frente. Virando-se para trás de dentes ferrados e um olho semicerrado, Vascarò viu que um dos batedores eahan se tentava esconder atrás de uma árvore, mas as andas sobre as quais caminhava não lhe permitiram a rapidez necessária. O mago soltou então um berro e uma nova rajada, que crepitou contra o tronco da árvore, atingindo de raspão o eahan, que gritou ele também antes de cair à água. Ainda a espumar de raiva, Vascarò levou desajeitadamente o braço atrás das costas e delas arrancou a flecha com um grunhido. Ao avistar outro eahan de arco empunhado, estendeu a mão com a flecha à sua frente e criou um translúcido disco

amarelado, contra o qual as duas subseqüentes flechas embateram. Ainda com o escudo erguido, o mago olhou rapidamente para trás, e viu que os eahan sobre a devassada lezíria já empunhavam os seus arcos, pelo que ergueu um outro, díspar do primeiro e mais atabalhado na sua formação, como um quadro pintado à pressa. Provou contudo ser também ele eficaz contra as flechas que nele esbarraram com pequenos tinires crepitantes, e que apenas deixaram Vascarò mais furioso. Mantendo o primeiro escudo, o mago ergueu então a mão que formava o segundo, que começou a revolver em si mesmo como se acometido por uma repentina força centrífuga, e preparou-se para o arremessar contra os eahan que se encontravam na lezíria.

Aewyre irrompeu então da superfície da água, surgindo diante de Vascarò a verter água dos cabelos e roupas e a transbordar fúria dos olhos, que retiveram o mago na posição em que se encontrava, com um braço estendido a projetar um escudo luzidio e outro erguido com energia policroma a coalescer sobre a mão. Os dois fitaram-se mutuamente durante os breves instantes nos quais Vascarò se viu paralisado pela repentina aparição, até que Aewyre quebrou a inércia com uma forte bordoadada na queixada do adversário com o pomo de Ancalach, chicoteando-lhe o queixo para cima e alçando-o ligeiramente acima da superfície da água, sobre a qual seguidamente caiu de costas com coriscos de Essência a trilharem-lhe das mãos. O mago foi brevemente sustido à tona pela sua capa cinzenta antes de o guerreiro pegar nele pelos colarinhos e o soerguer com a mão livre. Vascarò tinha os olhos revirados, e a sua cabeça oscilava frouxamente de um lado para o outro, arrastando o negrume estriado de branco dos seus cabelos molhados sobre a água. Todavia, a mais fiável indicação de que

estava efetivamente fora de combate era o esvanecente brilho das gemas dos seus anéis, o que indicava que não mais estava a aceder à Essência. Continuando a segurá-lo e ainda a escorrer água, Aewyre olhou à volta com um frio olhar de morte, vendo alguns atordoados soldados laoneses em redor que mal se conseguiam manter à superfície da água devido ao peso das suas armaduras e à sua condição zozna. Os eahan ergueram-se então, alguns ainda de arcos frechados, e bastou verem que o mago se encontrava incapacitado para começarem a tratar dos seus. Nan'taur bateu nos braços de dois, indicando ao primeiro o local onde o batedor fora atingido pela rajada de Vascarò, e o eahan pulou para dentro do barco, atirando uma corda aos seus companheiros e remando nessa mesma direção. O segundo apanhou a corda, e o irmão de Aiun'alla indicou-lhe que o seguisse, pousando o arco e tornando a desembainhar as suas espadas de madeira ao acercar-se dos ainda entontecidos humanos.

— Estão todos bem? — perguntou Aewyre, que pareceu só então lembrar-se de respirar.

— Vamos ver o batedor, mas aqui ninguém ficou muito magoado — disse Nan'taur, vigiando de espada atenta o primeiro humano que o seu congénere atou com uma corda.

Mais aliviado, Aewyre largou então Vascarò e esfregou a água da sua cara, arrastando o mago pela água enquanto se encaminhava para a terra relativamente firme da lezíria.

— Achas que há mais? — perguntou Nan'taur nas suas costas, fazendo com que o guerreiro se detivesse e refletisse.

Savincar parecia determinado a apanhá-lo, e enviara os dois únicos recursos dos quais dispunha para o capturar: Vascarò, que conseguira

encontrá-lo através do sinete que agora jazia no fundo do pântano; e os boaroars, que provavelmente se orientavam melhor que qualquer sabujo no pântano. Pareceu-lhe desnecessário enviar os dois juntos, mas o jovem deduziu que tal decisão se pudesse dever à ânsia de Savincar para o capturar.

— Não — disse por fim sobre o ombro, retomando o passo. — Mas mesmo assim, é melhor não ficarmos aqui muito tempo.

Nan'taur anuiu, e o jovem retomou o passo na direção da lezíria, onde Aiun'alla já se encontrava de pé, com a cabeça a ser averiguada por um dos seus companheiros.

«*Graças aos deuses*», agradeceu o jovem, que por momentos sentira o coração oprimido pela possibilidade de ver aqueles eahan feridos por sua causa. «*Ninguém mais vai morrer só por me ter ajudado. Ninguém.*»

Apesar das insistências de Aewyre contra, os eahan acompanharam-no até à orla do Brejo dos Patos, deixando-o num aluvião a Sudeste resultante das fortes chuvadas, onde ambas as partes se despediram. O guerreiro insistira numa qualquer forma de poder compensar os eahan pela sua ajuda, algo contrito devido aos ferimentos que um dos batedores sofrera, felizmente sem grande gravidade, mas estes reiteraram que, mesmo que estivessem interessados em contrapartidas, Aewyre já lhes retribuía sobremaneira a sua assistência. Embora sustentasse que uma canção e alguns dedos de conversa não constituíam forma de remuneração alguma, o jovem viu-se incapaz de convencer os eahan, que se mantiveram sorridentemente teimosos diante das suas insistências. Para piorar a situação, ainda fizeram questão que Aewyre conservasse a túnica de seda de aranha que usara em vez da sua armadura durante a breve travessia de barco, algo que Aewyre apenas se viu forçado a aceitar quando Nan'taur a

considerou uma oferenda de amizade, deixando o guerreiro numa posição na qual uma recusa seria uma ofensa. Finalmente, após um último beijo traquinas de Aiun'allá e uma troca de complicados apertos de mão nos quais os gestos que Aewyre aprendera com Quenestil não combinaram de todo com os dos eahan brunos, o jovem despediu-se e fez-se por fim à estrada.

Estrada essa que na verdade fez por evitar, pois apesar de, segundo as indicações de Nan'taur, se encontrar do outro lado do Olyf e em terras nolwynas, não pôs de parte a hipótese de Savincar ter enviado mais patrulhas em sua busca. Por essa razão, passou a correr pelo terreno desbastado que separava a orla do brejo de um bosque próximo, que providenciava um mínimo abrigo. Nunca tendo prestado grande atenção aos assuntos da nobiliarquia, não sabia dizer ao certo qual a relação fronteiriça do barão de Arle com a regente nolwyna mais próxima, Nuncilia, *a Viúva*, senhora de Antumnia. Tinha uma vaga memória de um qualquer nobre laonês ter sido particularmente insistente na busca de matrimônio com a senhora de Antumnia, talvez mesmo Savincar, mas desconhecia o presente estado diplomático fronteiriço. Deixara sempre tais assuntos para o seu irmão, o verdadeiro interessado em política entre os dois irmãos.

«*Aereth...-*», lembrou-se de repente das palavras de Savincar, que dera a entender que este ordenara a sua captura. «*Será possível? Tu, o meu próprio irmão...?*»

Foi então que se lembrou de Seltor e da aleivosa influência d'O Flagelo. Sim, a ser verdade, nada mais poderia explicar tal comportamento a não ser a instigação de forças negras com as quais o seu irmão não contara. Só podia ser isso, não acreditava que Aereth o fosse trair; era família, a única família de sangue que lhe restava. Não podia haver outra explicação. De

alguma forma, a influência do maldito Flagelo chegara aparentemente a Ul-Thoryn e conseguira virar o seu próprio irmão contra si, pelo que tanto mais urgia que se despachasse e chegasse à cidade quanto antes.

O guerreiro olhou para cima, para o céu carregado de nuvens de chumbo que vaticinavam nova enxurrada para breve, e amaldiçoou os deuses por não cessarem de lhe meter obstáculos no caminho, na senda da lâmina. Movido por mundana indignação e pelo seu novamente desperto ódio a Seltor, o jovem firmou então o seu olhar num ponto indeterminado em frente, sentindo o rilhar de aço dentro da sua cabeça como se estivessem a ser desembainhadas lâminas dos seus canais auditivos. O «tendão» rangeu, incomodado por não ser ele o incitador, mas Aewyre não aliviou a pressão e partiu em busca de Kror através dos afiados sentidos que a Essência da Lâmina lhe conferia em acréscimo à ligação que tinha com o seu adversário. A distância deixava de ser um obstáculo, passando a mera questão de concentração para encontrar aquele ao qual estava inextrincavelmente ligado e que apenas a morte dele o poderia separar. Contudo, não era a morte nem o combate que lhe interessavam naquele momento, mas simplesmente ter uma noção geral da direção na qual poderia encontrar Kror.

A tensão que até então se mantivera adormecida despertou, torcendo como cordame o cérebro de Aewyre e pressionando-lhe a parte de trás dos olhos, como se dessa forma pretendesse retribuir a ousadia de ter sido ignorada. Aewyre deteve-se, cerrou os olhos e levou os dedos à têmpora direita, arreganhando os dentes com o repentino incomodo. Não era nada com que não conseguisse lidar, mas aparentemente bastava um dia de descanso para que a sua mente ficasse logo destreinada da realidade fria como aço da senda da lâmina. De qualquer maneira, após o contraste inicial,

os sentidos de Aewyre entraram em sintonia com a linearidade aceirada desta, e conseguiu por fim concentrar-se em buscar Kror. Mantendo os olhos fechados, o jovem percorreu léguas em redor, cortando a relação entre espaço e distância com o golpe de uma lâmina e fixando-se na já intimamente familiar pontada de perigo análoga à sensação de ter a ponta de uma lâmina perto da pele, representativa da existência e proximidade de Kror. Quando por fim deu com ele, o encontro entre as duas consciências resultou no habitual entrechocar de espadas que ressoava na cabeça de ambos.

Estava próximo. Mais próximo do que o guerreiro esperara.

Com essa certeza, Aewyre pôs-se então a caminho, orientando-se pela impressão residual do entrechocar das lâminas na sua cabeça, que lhe dera uma noção geral da direção a tomar. Sem se deixar deter por considerações mundanas como as rosnadelas do seu estômago, o jovem percorreu a passos largos a distância que o separava de Kror, entranhando-se pelo bosque adentro, empurrando gravetos para fora do seu caminho e pulando sobre arroios. Durante a subsequente caminhada perdeu a noção do tempo, abstraindo-se mesmo do seu próprio corpo e sentindo-se mais leve no processo, como se dessa forma pudesse caminhar mais depressa. Os únicos sons que ouvia eram as batidas do seu coração e a sua respiração a ecoar-lhe aos ouvidos, e os seus olhos permaneciam fitos no caminho à sua frente, vendo contudo para além dele. O bosque foi-se adensando gradualmente, dificultando-lhe o caminho, mas Aewyre mal se deu conta do ocasional tombo ou tropeção, continuando a sua inexorável corrida. Não era apenas movido pela vontade e necessidade de encontrar Kror, mas também pelo fato de não saber se Layaline e Làriana estavam bem ou não.

As duas eram das últimas pessoas que queria ver magoadas simplesmente por terem sido vistas na sua presença, e duvidava de que se conseguisse perdoar a si mesmo se algo lhes tivesse acontecido após terem sido separados.

Detendo-se por breves instantes, Aewyre ofegou de mãos apoiadas sobre os joelhos enquanto recuperava o fôlego e ergueu a cabeça para olhar em frente, sem contudo se fixar nas árvores e fetos. Kror estava próximo, disso não havia dúvida, e sabia que se aproximava. Aewyre não sentiu da parte do drahreg mais hostilidade que a que era habitual, pelo que retomou a sua corrida para o encontrar quanto antes, movido pela sua não mais adormecida raiva e por uma quase angustiante sensação de premência. Era urgente que resumissem a sua viagem para Ul-Thoryn, e era igualmente urgente retomar as suas leituras dos escritos de Fèdac e não só. Cada dia que passava era a seu ver mais uma vitória de Seltor, que evidentemente apenas tinha a ganhar com a sua demora, um fato comprovado pelo que aparentemente sucedera a Aereth.

Aewyre perdeu novamente a sensação do tempo, que se foi erodindo lentamente à medida que se aproximava de Kror, e tentou quebrar os limites impostos às suas pernas, procurando através da força de vontade cobrir o dobro, o triplo da distância, imaginando que os seus membros se alongavam a cada passo, deixando-o cada vez mais próximo. Com ou sem essa ilusão, o guerreiro sentia-se acicatado pela crescente proximidade do drahreg, que o impeliu a correr cada vez mais depressa, levando-o mesmo a colidir contra alguns troncos além de tropeçar e cair outras tantas vezes. Quando por fim chegou a uma clareira na qual a presença de Kror era tão forte quanto o ruído de duas lâminas a rilharem uma contra a outra ao

ouvido, parou novamente, arquejando, e olhou em redor.

— Kror...? — chamou com um tom de voz sufocado e parcamente audível, pois os seus pulmões recusaram-se a prescindir de mais ar que o estritamente necessário. — Kror... estás aí?

As árvores não lhe responderam, nem mesmo o vento passou por entre elas à laia de resposta, pois estava um dia parado e de céu pesado. A única resposta que obteve foi um irritado gralho de um gaio, que deu a impressão de se sentir incomodado com a persistência do humano em quebrar o silêncio do bosque. Aewyre não fez caso dele, continuando a olhar à sua volta e de ouvidos atentos, dependendo uma vez mais dos seus sentidos mundanos, agora que sabia que o drahreg se encontrava próximo. O seu coração foi acalmando, apenas para retomar as frenéticas batidas da corrida assim que ouviu um galho estalar de forma quase intencional. Virou bruscamente a cara para o lado e viu que Kror saía do abrigo das árvores, sem usar as muletas e coxeando com ambos os alfanges embainhados atrás das costas. Como já era costume, os músculos de ambos entesaram-se na presença um do outro, prevendo instintivamente um combate iminente, e bastara dois dias de separação para que Aewyre se visse quase avassalado pela súbita belicosidade que por pouco não tomou conta dele. O «tendão» dormira, mas permanecera vigilante, e, manhoso, não perdia uma única ocasião para instigar os dois Portadores a lançarem-se num derradeiro combate pela posse da Essência da Lâmina. Aewyre conseguiu ignorá-lo, concentrando-se antes no alívio de ver definitivamente confirmado o fato de que Kror estava vivo, que ainda subsistia a esperança de conseguir obter o domínio sobre a Essência da Lâmina e com ela fazer com que Seltor pagasse pelo que lhe fizera e aos seus. Por sua vez, o drahreg não parecia

particularmente feliz por o ver, ou mesmo pela sua presença. Nem sequer se mostrou intrigado pela súbita mudança de penteado do humano. Na verdade, Aewyre julgou que a careta que ostentava no semblante traía um certo... desapontamento.

— Onde estão... a Layaline... e a Làriana? — perguntou, ainda com dificuldade em respirar e falar ao mesmo tempo.

— Com um humano — respondeu o drahreg sucintamente, detendo-se à distância de três passos de Aewyre. Havia algo de... diferente nele, reparou o jovem.

— Um humano...?

— Sim.

As sobrancelhas de Aewyre franziram-se ligeiramente com a propositada obtusidade do drahreg.

— Que *humano*, Kror? O humano que nos estava a perseguir?

— Não. — O drahreg levou tempo o suficiente a dar seguimento à resposta para que Aewyre pensasse que não iria elaborar, mas acabou por fazê-lo antes que este se irritasse. — Um humano que vive aqui. Na floresta.

Mais aliviado, o jovem fitou então Kror, tentando discernir o que ia naquela cabeça negra na qual nunca se pudera verdadeiramente fiar. O drahreg retribuiu com intransigentes orbes vermelhos, duas gotas de sangue numa poça de negro piche que lhe inspiravam tão pouca confiança como dantes, mas que naquele momento exibiam algo mais. Algo que não agradou a Aewyre.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou com tanta naturalidade quanta conseguiu, a despeito do seu mau pressentimento.

O drahreg tardou novamente a responder, dialogando antes com os

olhos, e os dois Portadores assim ficaram, comunicando na silenciosa linguagem que entretanto tinham desenvolvido. Sem movimentos, sem sons, trocando apenas olhares como quem trocava golpes de espada em treino.

— Kror? — disse Aewyre, recuando o primeiro passo figurativo.

— Não vou fazer mais isto.

— Fazer o quê? O que é que não vais fazer mais? — insistiu Aewyre, dando um passo lateral ao qual o drahreg correspondeu, e os dois começaram a circundar-se como dois machos territoriais.

— Ir atrás de ti — explicou Kror. — Fazer coisas... que só te interessam a ti. Lutar lutas que não são minhas. Não vou fazer mais isso.

O semblante de Aewyre ensombrou-se a par do céu, ficando igualmente carregado.

— Acabou — declarou o drahreg com finalidade, e o passo lateral de ambos tornou-se diagonal, o que resultou numa gradual aproximação dos dois. — Não quero... não preciso da Essência da Lâmina. E os teus problemas não são meus. Resolve-os sozinho.

Cada vez mais próximos, os dois guerreiros estavam já de punhos cerrados, dando cada um o ombro direito ao seu adversário.

— Porquê...? — foi a única coisa que ocorreu a Aewyre.

— Não interessa. As humanas não correm perigo. Podes ir buscá-las ali — disse o drahreg apontando para trás de Aewyre e erguendo repetidamente o indicador para dar a entender que ainda se encontravam a uma certa distância. — Vai com elas para a tua cidade. Eu vou voltar para Karatai.

Os punhos crispados de Aewyre tremeram, mas este manteve-se em

furioso silêncio.

— Se queres lutar comigo agora, podes tentar — continuou Krór, desafiante, quase à distância de uma estocada alongada. — A minha perna continua ferida, e a Essência não te vai deixar ficar com ela.

Por muito calma e decididamente que fossem proferidas, cada palavra do drahreg abalroava as fundações do mundo de Aewyre, daquilo que agora representava os propósitos da vida do jovem, que hesitou um passo. Krór, porém, não se deteve e compensou a hesitação com um avanço, postando-se diante daquele que já fora inimigo e companheiro quase em igual medida, encarando-o frontalmente.

— Um de nós pode morrer aqui. Ou podemos ir os dois. Escolhe Aewyre — disse o drahreg em ponderosa mas resoluta cadência.

Fitando o seu adversário durante outros tantos momentos, Aewyre acabou por baixar a cabeça de olhos fechados, relaxando os resignados punhos e recuando um desconsolado passo.

— O que vais fazer? — indagou Krór.

— Eu... vou para Ul-Thoryn.

Vindo do nada e totalmente inesperado, o peito do pé do guerreiro que recuara enfiou-se entre as pernas do drahreg, originando um estouro de dor que se espalhou das virilhas deste pelo abdômen fora, curvando-o e expelindo-lhe o ar dos pulmões. Aewyre despediu-lhe então um possante murro ascendente no queixo que apagou o mundo do drahreg por breves instantes, após os quais este se viu a cambalear, fazendo uso de braços e pernas para não cair ao chão. Foram todavia as mãos de Aewyre que impediram que tal sucedesse, agarrando-lhe a cabeça pelas tranças e puxando-a para cima.

— E tu vens comigo.

Ao joelho do humano seguiu-se a escuridão.

INTRIGAS COLATERAIS

Lorde Tylon não estava satisfeito. Uma série de problemas e inesperadas considerações pesavam-lhe nos ombros largos, esmagando-o contra a robusta cadeira na qual se encontrava sentado, com um cotovelo apoiado num braço e a cara ponderosamente sustida pela mão, contra a qual esborrachava a bochecha. Tinha uma perna estendida sobre um banco, e na outra flexionada batia com os grossos dedos da mão, perdido em pensamentos. O seu cadeirão estava encostado à parede e ao lado da lareira circunscrita por um par de asas ebúrneas manchadas de fuligem, cuja chaminé em forma de cone facetado nascia de um canto perto da janela. O ambiente nos seus aposentos era quente e confortável, mas em nada condizia com a presente disposição do senhor de Lennhau, esse friamente concentrado no problema que tinha em mãos. O fresco na parede à qual dava as costas retratava uma janela que dava para uma varanda de mármore

com jarras de flores e vista para o mar num dia de sol e sem nuvens no céu, ao contrário de Tylon, sobre cuja cabeça mais pareciam pairar negras nuvens de iminente tormenta. A verdadeira janela de portinholas abertas destoava igualmente do fresco, pois a paisagem que apresentava era a de um dia chuvoso e cinzento, com os ocasionais clarões seguidos de trovão distante.

Ao lado da janela pintada encontrava-se o suntuoso leito com dossel, sobre o qual se deitava Lethia languidamente de costas, indumentada com um vestido verde generosamente decotado e de mangas com ramagens escuras semelhantes a trepadeiras ao longo destas. Parecia entediada com as cismas do seu esposo, e mexia aborrecidamente num dos reposteiros carmins da cama, passando os dedos de unhas pintadas de castanho-escuro pela lustrosa castorina vermelha orlada com folhos brancos. Estava com os cabelos soltos, estando estes ondulados devido à trança que usara diante do dia, mas Tylon não parecia disposto a tomar parte na atividade que Lethia tivera em mente ao soltar a melena. O recente comportamento de Aereth deixara o seu esposo bastante preocupado, pois além de pôr em risco a influência que exercera sobre o regente de Ul-Thoryn, começava também a contrariar os planos que o seu mestre Othragon tivera para ele. A Hoste Dourada não fizera parte do cenário originalmente idealizado pelo Aesh'alan, e as interferências do maldito bobo começavam a levá-lo a pôr em causa as suas verdadeiras alianças. O pior era todavia mesmo a redescoberta autonomia da qual Aereth dava crescentes mostras, a maior causa da sua preocupação.

Por fim, Lethia perdeu a paciência, revirou os olhos e soltou o reposteiro, passando um braço por cima da sua cintura e virando a cabeça

para olhar para Tylon.

— Pode ser que tudo venha apenas a favorecer os desígnios do nosso mestre, esposo — disse.

Tylon limitou-se a grunhir, continuando a tamborilar o seu joelho com os dedos.

— A Hoste Dourada destina-se a combater lorde Sunlar, não é? — persistiu, plantando ambas as mãos no fofo colchão e soerguendo-se. — O resultado não acaba por ser o mesmo?

Tylon grunhiu, incomodado, sendo essa a sua única reação às palavras de Lethia, que contudo não se deixou desmoralizar.

— Acho que te estás a preocupar demasiado, esposo...

— Cala-te, mulher — silenciou-a o regente, deixando o seu braço cair sobre o do cadeirão e virando a cabeça na direção dela. — Será que não percebes? Deixei de ter qualquer pulso sobre o Aereth! Ele pode estar a cometer loucuras, mas está desgovernado, e o que ele pretende fazer *não* corresponde aos desígnios do nosso mestre. A sua intenção era a de que fosse *eu* a controlar Aereth, a dirigir os seus recursos de forma a causar a ruína de Ul-Thoryn. E agora aquela... criatura...

— Também o bobo serve o nosso senhor, esposo — interpôs Lethia.

— Serve? — descreu Tylon, erguendo-se e dando alguns passos na direção da parede oposta, apoiando as mãos sobre a cômoda encostada a esta. — Duvido muito, mulher. Aquela criatura serve-se a si própria.

— Decerto saberás...

Tylon abanou a cabeça descaída sem sequer ouvir as palavras da sua mulher, para a qual de seguida se virou, batendo por trás com ambas as

mãos na cômoda.

— Não percebes? O povo está assustado, não só com a guerra, mas com o silêncio dos deuses e os tremores de terra. Assustados, tornam-se maleáveis. Aereth está resoluto, motivado por aquela maldita criatura, e a ralé seguiu-lo-á, dócil diante da liderança determinada que eu não esperava da parte do rapaz. Irá causar dissensão nas restantes províncias, provavelmente mesmo uma guerra civil, mas era a ruína de Ul-Thoryn que se queria! Assim o ordenou Othragon!

Lethia não insistiu, encostando antes o ombro a um dos suportes do dossel da cama e enleando nele um braço de forma sugestiva.

— Que te disse o nosso mestre Othragon?

— Nada. Nada! — barafustou Tylon, atirando as mãos ao ar e começando a andar nervosamente de um lado para o outro. — Este insustentável silêncio... por que não me diz ele nada? Ele tem de saber que houve imprevistos, ele sempre teve maneira de saber. *Por que* não me diz ele nada?

Lethia tão-pouco disse algo, limitando-se a encolher os elegantes ombros expostos e a mexer numa ponta do seu cabelo.

— E o maldito bobo... primeiro entrega-me uma criança, que diz ser importante para os planos do nosso senhor...

— Afinal, o que é feito do bebe? — perguntou Lethia, lembrando-se de uma antiga curiosidade.

— Ficou com uma ama, não interessa — disse Tylon, descartando a relevância do assunto com um gesto da mão. — Quanto mais penso nisso, mais me parece que a criatura o fez apenas para gozar comigo, para ver até que ponto eu era crédulo só por ser incapaz de desvendar as suas

intenções...

Lethia revirou os olhos castanhos. Ia começar novamente a ladainha...

— Brincou comigo, ele. Continua a brincar, enquanto tenta usurpar a influência que eu já detinha sobre Aereth, torná-lo a sua marionete. Mas irá pagar — prometeu o regente, cerrando um punho diante da cara. — Irá descobrir da pior forma que Tylon Nehin não é influenciável como aquela criança armada em senhor da guerra.

O casal ficou então em silêncio, com Lethia a observar o seu esposo enquanto este andava furiosamente em redor, parecendo com vontade de desgastar o tapete vermelho sobre o piso ladrilhado. Suspirando, abanando a cabeça e revirando novamente os olhos, a mulher tornou a deitar-se de lado sobre a cama. Tylon continuou a ignorá-la, murmurando para consigo mesmo e arreganhando por vezes os dentes enquanto nutria pensamentos cruéis para com o bobo.

— Não achas que te estás a concentrar demasiado nessa criatura, esposo? — tentou uma última vez. — Porventura não te estarás a distrair com ele, esquecendo-te do mais importante?

Tylon deteve-se, pisando o tapete e virando a indignada cabeça para olhar para Lethia, que permaneceu indolentemente deitada sobre a cama.

— Sendo o mais importante o quê?

— Aereth Thoryn, claro está — explanou esta. — Concentrares-te demasiado no bobo em detrimento do homem mais vital para os planos do nosso mestre é um erro, esposo.

Tylon fitou a sua esposa, entreabrindo por duas vezes a ultrajada boca antes de as palavras lhe saírem.

— Por que me tomas, mulher? — perguntou com a voz indignadamente baixa antes de a levantar. — Eu sei muito bem o que é ou não importante para o nosso senhor, bem como o que deve ser feito!

— O que deverá ser então feito, esposo? — indagou Lethia, entediada. — Há dias que apenas te queixas do bobo, que te usurpou, que te enganou, que te suplantou... Não estivesses casado comigo, quase diria que mais pareces uma mulher cujo amásio a trocou em favor de outra.

A tez de Tylon enrubesceu então ligeiramente, e a barba debaixo do seu queixo mexeu-se quando os músculos dos seus maxilares se retesaram em mal contida fúria, que contudo acabou por ser expirada pelas suas largas narinas fora. Cruzando as mãos atrás das costas, o senhor de Lennhau forçou então uma postura calma e relaxada.

— Bem sei que gostas quando te bato, mulher, e sei que é apenas por essa razão que aparentas esquecer o teu devido lugar — disse, soberbo. — Mas não te vou dar esse prazer. Tenho coisas mais importantes que merecem a minha atenção.

O gelo que crestava os olhos cor de avelã de Lethia estalou no ar quando esta fitou o seu esposo, tão fria que o fogo da lareira pareceu naquele momento ser escasso conforto.

— E o que pode merecer a tua atenção em semelhantes condições, esposo? — indagou, álgida. — O desempenho do bobo hoje ao jantar, porventura?

Tylon sorriu, tão azedo como leite deixado ao sol.

— Não, *esposa*. Essa criatura pode parecer inofensiva, mas sei bem que não o é, e há algo nela que me leva a crer que é deveras perigosa. Não o confrontarei diretamente; pelo menos não por ora — declarou, começando

então a dirigir-se à porta e baixando novamente o tom de voz. Lethia deixou-se estar na mesma posição e não olhou sequer por cima do ombro. — Porém, a única forma que tem de interferir com os meus planos e de me afetar é influenciando Aereth.

Tylon pegou na sua capa e passou-a por cima dos ombros.

— Pois bem, vou cortar o mal pela raiz e tornar por fim realidade os desígnios do nosso mestre. Chegou a hora. — Ao ouvir semelhantes palavras, Lethia rebolou na cama e apoiou-se sobre o outro cotovelo de forma a encarar o seu esposo. — A águia tem de morrer, e com ela cairá o ninho.

— Esposo...! — disse Lethia com afetado espanto. — Vais...?

— Cala-te, mulher. — silenciou-a Tylon com um gesto brusco da mão. — As palavras ecoam em Allahn Anroth.

— Onde vais?

— Tratar dos arranjos necessários — explicou o regente parcimoniosamente ao abrir a porta, olhando ainda uma última vez para trás. — Vai dormir. Devo regressar tarde.

Sem mais nada dizer, Tylon saiu, e Lethia ainda o ouviu falar com Cortun à entrada, trocando com ele breves palavras progressivamente abafadas pela porta que se fechava. A mulher deixou-se estar na mesma posição, aguardando, e alguns cautelosamente observados momentos depois, o trinco da porta fez um clique de movimento. Sorrindo, Lethia viu o corpulento Cortun entrar cuidadosamente, espreitando repetidas vezes para trás antes de fechar a porta atrás de si de forma cúmplice.

— O meu esposo parece... desassossegado — comentou Lethia.

— Deveras, senhora — concordou o paladino, falando no seu

habitual tom de voz grave e baixo. Envergava despretensiosas vestes de couro, a sua barba e bigode estavam aparados como sempre, e o cabelo puxado para trás com óleo de árvore; toques de distinção que contrastavam com a ameaçadora cunha do machado que tinha às costas.

— Desassossegado, tentará algo de imprudente. Drástico. Algo que poderá comprometer os desígnios do nosso mestre — continuou a esposa de Tylon, ainda deitada sobre a cama.

— Assim o entendi, senhora.

— As ordens de Othragon foram claras nesse sentido, não foram, meu bom Cortun?

— Como água de nascente, senhora.

— O nosso mestre está desiludido. O meu esposo falhou-lhe, como ele bem te explicou enquanto estavas na minha presença, hmmm?

— Assim o fez, senhora — concordou Cortun, permanecendo à porta.

Lethia sorriu, derretendo algum do gelo dos olhos, que começaram a flagrar sem chama como a madeira de uma árvore inflamada por dentro. Sugestiva, começou a flexionar as pernas, arrastando languidamente os pés sobre o cobertor brocado.

— Deveremos então assegurar-nos de que o meu iludido e fracassado esposo não deite tudo a perder — disse desapaixonadamente. — Há que tomar medidas... definitivas.

— Tal como Othragon efetivamente o ordenou.

— Sim... o nosso mestre fará de mim viúva — concedeu Lethia, passando os dedos sobre a orla do decote. — Felizmente que te tenho a ti para me protegeres, meu bom Cortun. Estou certa de que tornarás todo o

processo menos... penoso.

O paladino nada disse, limitando-se a grunhir à laia de assentimento. Encantada com a sua rigidez, a mulher sorriu de forma mais sugestiva ainda e afagou o cobertor.

— Agora vem. Conforta a tua senhora nesta noite fria e de difíceis decisões. O meu esposo tem-me negligenciado...

Sem precisar de incentivos adicionais, Cortun afastou-se da porta e dirigiu-se à cama, desafivelando a correia do machado e atirando-o sobre a carpete. De seguida, tirou a camisa com um gesto quase maquinal e exibiu a sua basta pelugem, diante da qual Lethia trincou o lado do lábio inferior e fincou as unhas no cobertor. Mantendo o seu inexpressivo semblante, o paladino pousou ambas as mãos aos lados de Lethia, cobrindo-a com a sua sombra e com os pêlos e barba alourados pelo fogo da lareira. As cordas da cama rangeram com o seu peso e Lethia gemeu de prazer, e os reflexos da paixão de ambos viram-se na vidraça delineada por fios de cobre, sobre a qual escorriam as gotas da chuva. Havia contudo algo mais no exterior além da chuva, uma mancha sombria que, mais atentamente fitada, revelou ser uma cara diabolicamente sorridente. Dilet observava do exterior, escorrendo chuva do afilado nariz e do queixo, sem contudo deixar de sorrir e de rir ocasionalmente para consigo. O seu chapéu de bobo amarelo e roxo estava encharcado, e as pontas com guizos pendiam-lhe, murchas como orelhas de coelho desanimado. Encontrava-se acorado sobre uma gárgula na forma de águia com vista para um pátio interior, e que escoava água do bico, convenientemente posicionada para alguém que desejasse observar as intimidades do quarto de Lorde Tylon. Dilet ria, deliciado com a infidelidade de Lethia e a cumplicidade do aparentemente fidedigno Cortun.

Os seus ombros escanzelados tremiam com as suas risadinhas, e o bobo mordida o lábio com os seus salientes incisivos.

«Ah, sim. A traição é um delicioso prato. Mas sabe melhor ainda quando tem de ser partilhada. Ah, pobre Othragon...»,, pensou, abanando a cabeça. *«O nosso senhor tudo sabe. Achavas mesmo que a tua traição passaria despercebida e impune? A tua alma é d'Ek...»*

Cortun começou então a sacudir as calças pelas peludas pernas abaixo enquanto as lisas de Lethia se enliçavam nelas, já com as saias bem puxadas para cima. Um gemido de prazer escapou-lhe antes de a grande mão do paladino lhe tapar a boca, passando abafado pela vidraça e chegando aos ouvidos de Dilet, que interrompeu as suas considerações para rir um pouco mais.

«Primeiro os teus servos, Othragon. Depois, tu. Não perdes pela demora. Não perdes, não», garantiu, lambendo a chuva dos lábios e mordendo de seguida a língua ao de leve, deixando a ponta desta de fora ao rir um pouco mais. *«Cheira-me que a princesa vai ter um aniversário inesquecível...»*

Um súbito abalo interrompeu as fantasias de Dilet, fazendo com que o palácio inteiro tremesse e com ele a gárgula, o que desequilibrou o bobo. Guinchando de surpresa, Dilet espanejou os braços para se equilibrar, mas acabou por cair à mesma, e apenas os seus reflexos lhe permitiram agarrar-se desesperadamente à escorregadia asa de pedra da águia. Aí se deixou ficar, pendendo precariamente de braços esticados e contrabalançando-se com as pernas magras de forma a não oscilar demasiado, o que poderia fazer com que as suas mãos deslizassem pela asa. No interior do quarto, Cortun e Lethia interromperam o seu adúltero ato, erguendo-se espavoridos e abraçando-se um ao outro enquanto olhavam

para as paredes e viam os móveis tremer, incluindo a cama sobre a qual estavam pecaminosamente deitados.

Tão depressa como começara, o abalo cessou, deixando os dois amantes em estado de alerta e Allahn Anroth em reboliço, como se o palácio tivesse acabado de despertar. Por sua vez, Dilet permanecia na sua precária posição à chuva, tomando balanço com ambas as pernas antes de tentar envolver com elas o pescoço da águia, o que conseguiu à segunda tentativa, após quase ter caído. De cabeça para baixo e com as coxas a estrangularem a gárgula, Dilet ainda conseguiu agarrar o chapéu de bobo que lhe caiu da cabeça antes de erguer o torso com esforço abdominal, após o qual ficou gratamente abraçado à águia, ofegante e de coração aos pulos. Porém, ainda conseguiu rir com a sua situação, olhando para o céu de cabelos encharcados e piscando os olhos com as gotas de chuva.

— Meu senhor, que fareis? — perguntou à noite, abanando a cabeça em deleitada surpresa.

O DESPERTAR DO VOLVERINO

Acorocado no seu barranco de eleição com vista para Horavog, Quenestil meditava e preocupava-se. A noite ia fria, com um vento cortante a soprar pelas vertentes da montanha que sobranceava a quinta iluminada pelo luar, e o eahan cobria-se com as peles de volverino aos ombros, cruzando os pulsos debaixo do queixo e mantendo encolhida a cabeça

encapuzada para melhor a resguardar. Com o vento vinham minúsculos flocos de neve, que pontilhavam de branco as suas peles e esvoaçantes pontas do cabelo, mas ainda assim o shura continuava a preferir a intempérie à companhia dos outros em Horavog, aos constantes olhares dos wolhynos, às incessantes tentativas de Slayra de reatar diálogo... Claro que em breve não teria outra escolha senão regressar e falar com Oska, pois as notícias trazidas pelo grupo de wolhynos que chegara após a partida de Quenestil eram pouco auspiciosas. Negras, mesmo, e o eahan ficara quase possesso quando Deadan lhas revelara mais tarde, quando regressara brevemente a Horavog para debater novamente o destino da *kuvamora*.

A mulher passara contudo para segundo plano assim que Deadan lhe revelara que Tanarch ameaçava a Wolhynia como seqüela da passagem dos drahregs pela nação, que ficara em polvorosa desorganização quando do êxodo do Primeiro Pecado. Ao que parecia, a horda de drahregs passara impune por Tanarch e pela Wolhynia, dirigindo-se para Oeste, mas a primeira ficara aparentemente em condições de invadir, e a segunda pronta a ser invadida. Como tal, fora declarada guerra, e os wolhynos que vieram a Horavog eram dignitários do reino, tendo vindo para buscar os mantimentos e bens de valor que Oska pudesse dispensar para a guerra. Ao que parecia, Skoísvein dera-lhes indicações de que a «puta da baía» escondia armas e tinha um arqueiro ao seu serviço, bem como uma aliança secreta com *kahrker*, e os dignitários vinham já com idéias preconcebidas daquilo que deveriam esperar. Oska fora forçada a ceder uma vaca, uma porção dos conteúdos das *kvalaker* e mesmo algumas peças pessoais de joalharia suas para que os wolhynos não se sentissem tentados a espreitar as latrinas em busca de possíveis esconderijos, o que foi também em parte evitado pelo

cadáver de Engiv judiciosamente postado diante destas. Quando um dos dignitários quis ir aliviar-se, deparou-se com o cadáver e as mulheres ruivas correram a carpir, rodeando-o como se tivessem acabado de saber que Engiv morrera, o que dissuadira os visitantes de entrarem e descobrirem os eahlan escondidos. Ainda assim, Horavog saíra depauperada da visita, e a situação tornara-se mais desanimadora ainda, com a perspectiva adicional de um ataque de Tanarch. Mesmo ali, naquele fim do mundo, os malditos traidores contra os quais jurara vingança ameaçavam-no e aos eahlan que prometera proteger, uma das razões pelas quais Quenestil estava confuso.

Por um lado, ansiava por poder atacar os tanarchianos, por poder puni-los pelo que haviam feito em Gul-Yrith e abater-se sobre eles como o fogo de vingança, como o relâmpago que cai do céu sobre uma árvore que se ergue demasiado, jactanciosa. Por outro, temia qualquer coisa que pudesse pôr os eahlan em perigo, e uma invasão tanarchiana seria certamente mais perigosa que a ameaça dos maltrapilhos skrimmen ou os primitivos ulkatr. Por outro lado ainda, não podia deixar de estranhar semelhantes sentimentos da sua parte, sentimentos que por norma sempre associara a humanos. Tanto rancor e tamanha sede de vingança não lhe eram característicos à índole ou à raça. Reconhecê-lo-ia o seu pai, Lunce Anthalos, se o visse? Conseguiria qualquer um dos seus conhecidos e familiares de Edranil compreender a raiva que nele ardia, a controlada vontade animalesca de matar aqueles que, apesar de tudo, lhe tinham feito mal? Duvidava muito. Duvidava de que sequer o recebessem, se soubessem o que fizera e o que intentava fazer, apesar da notória capacidade para o perdão que caracterizava os da sua raça, uma capacidade com a qual se identificava mas que desde sempre o confundira. Talvez por isso mesmo

tivesse tantas dúvidas, dúvidas quanto ao que estava certo ou errado, dúvidas que antes nem sequer considerara. Tudo fora muito simples antes, e tudo se tornara extraordinariamente complicado desde que partira com Aewyre. Desde que conhecera Slayra. Desde que Babaki morrera.

Desde que se separara dos seus amigos. Desde que Gul-Yrith fora atacada. Desde que... desde que se lembrava. As coisas nunca mais haviam sido simples, não como em Edranil, não como nos bosques nas encostas das montanhas, não como nos prados destas, não como nas noites ao relento nos lapedos das serranias.

Perdido em pensamentos como estava, Quenestil não se apercebeu da figura que se movia discretamente atrás de si, até que de repente sentiu uma presença que o levou a olhar para trás. A meio do movimento, ouviu o silvo de aço a ser desembainhado, o que o levou a atirar-se para o chão, rebolando para uma posição acocorada de arco empunhado e frechado. Era Ihjseorn, e empunhava com ambas as mãos a sua possante espada com copos em forma da cornuda cabeça de um bode. Porém, não era para Quenestil que estava a olhar, e apesar de estar a ser ostensivamente visado pela ponta de uma flecha, o wolhyno caminhava perpendicularmente ao eahan, atento e pronto para combater, mas não a ele. Ainda assim, o shura não baixou o arco, e seguiu o movimento de Ihjseorn enquanto este ia caminhando, esticando o atarracado pescoço para ambos os lados como se estivesse à procura de algo escondido. Por fim, não encontrando nada, acabou por embainhar a sua espada atrás das costas e virou-se para Quenestil como se nada se tivesse passado, ignorando a flecha apontada na sua direção.

— Saudações, Quenestil — cumprimentou.

O eahan relaxou um pouco o fio do arco e baixou-o para fitar Ihjseorn, mas manteve-o frechado.

— O que queres, Ihjseorn? E por que desembainhaste a espada?

— Algo maligno estava aqui, Quenestil — explicou o wolhyno, olhando para o lado com ar desconfiado. A sua cara redonda estava vermelha com o frio, bem como as orelhas, e ia fungando e colhendo ocasionalmente expectoração da garganta.

Quenestil olhou na mesma direção, sem saber dizer ao certo qual teria então sido a presença que sentira. Ocorreu-lhe que talvez fosse mais um dos testes de Ihjseorn, pelo que não deu mais atenção ao assunto.

— O que queres? — tornou a perguntar.

— Vim ajudar-te a perceber — explicou o humano, premindo as dessensibilizadas bochechas com os dedos enluvados. — Da última vez que nos vimos, ainda tinhas perguntas.

— Perguntas? Sobre ti?

— Não. Sobre a Mãe. O sacrifício da criança. Do que é esperado de ti.

Foi quanto bastasse para pôr o sangue de Quenestil a ferver novamente, reavivando-lhe a ainda recente memória do sucedido com os skrimmen no bosque, e sobretudo a forma traiçoeira como Ihjseorn matara Engiv. Contudo, o eahan conteve-se e baixou o arco, embora de dedos tensos, tentando perceber qual era o jogo do wolhyno daquela vez.

— Que queres de mim agora?

Suspirando com a evidente desconfiança do eahan, Ihjseorn aproximou-se dele com lentos e ponderados passos, os seus olhos azuis honestos e penetrantes e a sua boca uma linha inexpressiva.

— Sei que as minhas ações te podem... confundir. E que as minhas intenções talvez até sejam pouco claras. Mas acredita que desejo apenas ajudar-te, e aos Fiordes.

— Ai agora já é aos Fiordes, e não só Horavog? — notou Quenestil, céptico. — Quer dizer que vou ter mais pessoas a observar aquilo que faço e a regerem as suas vidas de acordo com isso, como se eu fosse uma constelação estelar?

Ihseorn tornou a suspirar, e fungou ao fazê-lo, passando de seguida a mão enluvada debaixo do nariz.

— Percebo que não confies em mim. E percebo que ainda não entendas, mas desta vez venho explicar-te coisas. Queres ouvir-me?

O vento vaiou a sugestão, como se dessa forma pudesse influenciar a decisão de Quenestil, que ficou longos momentos simplesmente a olhar para o humano, que retribuía com aparente franqueza.

— Acabaram-se as evasivas?

— O quê? — falhou Ihseorn em perceber.

— Vais deixar de me responder com mais perguntas? Estavas a mentir quando falamos antes dos skrimmen, e agora vais-me mesmo explicar o que se passa?

— Não sei o que são «evasivas» — admitiu o wolhyno, quebrando momentaneamente o contato visual com Quenestil para olhar para além deste, para o mar escuro. — Venho explicar-te... algumas coisas. Queres ouvir-me?

Ao perguntá-lo, Ihseorn cruzou novamente o olhar com o do eahan, parecendo genuinamente estar à espera de uma resposta, quase como se estivesse pela primeira vez a pedir a sua permissão. Quenestil não soube

o que dizer de início, tendo-se já mentalizado para desconfiar de quem quer que fosse naquela terra, onde todos pareciam esperar algo dele e onde ninguém hesitava em recorrer a métodos desonestos para que fizesse o que dele se esperava. A pior parte era não perceber o que esperavam ao certo dele, mas se Ihjseorn se estava a oferecer pela primeira vez para explicar, ao invés de quase ter que estar a ser forçado...

— Muito bem... — acabou por dizer, metendo o arco ao ombro e cruzando os braços. — Estou à espera.

— Não é aqui que te vou explicar — disse Ihjseorn, apontando para baixo, para Horavog. — Mas ali.

O eahan ergueu uma sobrancelha ruiva, e o humano retribuiu com uma branca, como se tivesse dito a coisa mais natural do mundo e esta estivesse a ser indevidamente contestada.

— Ali...?

— Sim, em Horavog — acenou Ihjseorn a cabeça, sem contudo parecer conseguir convencer o shura. — Tenho de te mostrar uma coisa.

Deixando de esperar pela aprovação de Quenestil, o wolhyno recuou um passo diagonal, virando-se ligeiramente para o trilho que dava acesso à extensão de terra sobre a qual se encontrava a quinta.

— Vem. Vais compreender...

Com isto, Ihjseorn começou a descer o trilho, vagarosamente mas sem olhar para trás para ver se o eahan o estava ou não a seguir. Quenestil estava claramente hesitante, sentindo que ia ser novamente conduzido como um boi, embora de forma mais subtil. Estremeceu ao reprimir o impulso de dar um passo, mas acabou por aceder e seguiu mesmo Ihjseorn, resmungando entredentes.

«É bom que me dês respostas desta vez...», pensou de olhos fitos no escudo nas costas do wolhyno, preparando-se mentalmente para todas as perguntas que lhe faria caso o que tinha para lhe dizer não fosse satisfatório.

Distraídos como estavam, humano e eahan não viram o vulto negro que de fato se encontrara próximo deles, e que quando do início da sua descida se revelou um pouco mais, saindo das sombras da encosta e com o denunciante luar a revelar os seus esbeltos contornos humanóides.

Enquanto descia a encosta da montanha ao lado de Ihjseorn, embora ligeiramente mais recuado, Quenestil ia observando o humano, tentando discernir as suas intenções através da sua linguagem corporal. Já percebera que não devia pôr hipótese alguma de lado quando o alegado *kahrker* estava envolvido, e já pensara mesmo que ele iria sugerir algo de drástico, como por exemplo matar os habitantes de Horavog. Ou fugir com os eahlan para um sítio qualquer de sua sugestão. Enquanto não tivesse a certeza quanto ao que se estava a passar, não poderia confiar plenamente no homem, mas tão-pouco se podia dar ao luxo de descartar levianamente o que ele dizia.

— Por que temos de ir a Horavog para tu me explicares seja o que for? — perguntou por fim, fungando.

— Há uma coisa que deves ver — disse o humano, sem olhar para trás.

— Que coisa? — insistiu Quenestil, tornando a fungar.

— Já vais ver.

— Ouve... — O corrimento no nariz começava a incomodá-lo, e o eahan acabou por se curvar ligeiramente para o lado enquanto andava, tapando uma narina com o indicador para expelir o ranho através da outra.

— Diz-me o que vais fazer, ou eu...

— Já observaste animais pequenos? — indagou Ihjseom despropositadamente.

— O que?

— Já viste animais pequenos, novos? Como eles agem?

Quenestil balbuciou, sem compreender o súbito desvio da conversa ou qual a sua pertinência.

— Claro que já vi animais novos... já vi muitos. Sei muito bem como eles são. O que é que isso interessa?

— Deves ter reparado que, enquanto são pequenos, brincam uns com os outros. Mordem-se, arranham-se, rosnam. Mas fazem tudo a brincar. Sabes porquê?

— Para se treinarem, mas o que é que isso...

— Exatamente. E sabes quando é que a... brincadeira acaba?

— Quando os pais os abandonam! — rosnou Quenestil, incomodado. — Mas que raio é...

— Não — interrompeu-o Ihjseorn, erguendo um indicador enluvado e abanando-o negativamente. — Os pais podem abandoná-los, mas os jovens machos não deixam de brincar uns com os outros.

— Onde é que queres chegar?

— A... brincadeira só acaba — Ihjseorn olhou de lado para o eahan, que entretanto se aproximara mais — quando as fêmeas chegam.

Quenestil franziu o cenho, e entretanto os dois já tinham chegado ao fim da encosta.

— Essa é uma das coisas que te vou explicar — continuou o wolhyno. — Estás a reter-te. Estás a... brincar.

— O *quê*?

— Já vais perceber — assegurou-lhe Ihjseorn, pedindo calma com a mão e apontando de seguida com ela para o celeiro da quinta, para o qual se dirigiam.

— Perceber o *quê*? Espera... o que queres da *kuvamora*?

— Ela... tu não a capturaste só para que os skrimmen não atacassem Horavog.

— Não...?

— Não. Ela... tu... — Ihjseorn pigarreou. — Já vais perceber.

Quenestil soltou um suspiro de frustração, conseguindo contudo conter-se o suficiente para esperar, as suas esperanças acalentadas pela promessa de respostas da parte de Ihjseorn. As sempre indolentes ovelhas observaram-nos aos dois enquanto estes se encaminhavam para o celeiro, deitadas no chão e de patas recolhidas debaixo da sua basta lanugem. Ihjseorn emitiu aquietadores ruídos com a língua para que os animais não se assustassem com a sua presença desconhecida, o que provou ser desnecessário, pois nenhuma se incomodou a afastar-se, de tão habituadas que estavam à presença de humanos. Quenestil não lhes deu grande atenção, concentrado como estava no wolhyno, determinado a não o deixar evadir-se às suas questões assim que a altura chegasse.

— Está alguém a vigiá-la? — perguntou Ihjseorn.

— Não — respondeu o eahan secamente, olhando à volta para se certificar. — Eles querem oferecê-la a um *garding*.

O humano emitiu um neutro som gutural ao estender a mão para abrir a porta, não parecendo muito preocupado pelo fato. Quenestil avançou então um brusco passo e agarrou-lhe o antebraço, retendo-o e

obrigando-o a olhá-lo nos olhos.

— Tu sabes? Vens libertá-la, é isso?

Tal como já antes o fizera, Ihjseorn comunicou através do perigoso e gélido olhar que não gostava que lhe tocassem. Contudo, a sua única reação subsequente foi libertar o braço com um brusco sacão para o lado, após o que os dois se enfrentaram olho a olho com as peles e cabelos a serem sacudidos pelo vento.

— Não — acabou Ihjseorn por responder, fungando e passando o dedo debaixo do nariz. — A *kuvamora* vai ajudar-me a fazer-te compreender.

Dito isto, o wolhyno virou-se novamente para a porta e abriu-a sem mais delongas, entrando no celeiro de cabeça baixa e passando a mão pelo seu ralo cabelo escuro para tirar as partículas de neve. Quenestil seguiu-o de má vontade, baixando ele também a cabeça ao passar pela porta baixa e estremecendo com um arrepio causado pela diferença de temperatura. O interior do celeiro estava relativamente aquecido pelo calor dos poucos animais que nele residiam, bem como completamente escuro, e Quenestil deixou de ver quando Ihjseorn fechou a porta. Apesar de momentaneamente nervoso, inspirou fundo quando ouviu o humano a raspar pedra com um fuzil, produzindo faíscas que aclararam momentaneamente as cercanias, merecendo alguns nervosos nitridos dos cavalos. Quando os seus esforços lhe valeram por fim a esperada chama de uma lamparina de pedra postada sobre um ressalto numa viga ao lado da entrada, Ihjseorn pegou nela com cuidado de forma a não derramar o óleo ardente sobre o feno seco no chão, erguendo-a mesmo assim e olhando à volta à procura da *kuvamora*.

— Onde está ela? — perguntou.

— Não sei... ali — disse Quenestil, apontando para a baia mais afastada, onde Slayra parira os seus... os bebés.

Ihjseorn seguiu a sua indicação, e os dois passaram pelas parcas posses de Horavog: dois cavalos e duas vacas em oito baias, com cada um dos animais a recuar nervosamente do fogo à passagem do wolhyno. Quenestil reparou pelo caminho que ninguém desfizera os catres nos quais os eahlan tinham dormido, e o feno revoltado ainda assinalava as noites de pernoita. A sua atenção centrou-se porém rapidamente na última baia, onde a luz da lamparina revelou a *kuvamora*, que se encontrava encolhida a um canto, abraçada às pernas e com a testa sobre os joelhos. O seu manto de lanosa pele fora apropriado por Oska, e envergava agora apenas a sua camisa e calças de pele de rena, com o capuz na forma da cabeça de uma recolhido. Também fora privada dos penduricalhos de osso com inscrições que ostentara ao peito, provavelmente devido a medo supersticioso dos wolhynos, razão pela qual desmanchara as tranças e os seus longos e sujos cabelos lhe descaíam como uma cascata loura pelas pernas abaixo. Estava de mãos e pés atados com escuras peias de cavalos, e presa a um barrote nas suas costas, embora as suas restrições estivessem suficientemente folgadas para lhe permitir a presente posição. A mulher não se mexeu quando da aproximação de Quenestil e Ihjseorn, que ficaram a olhar para ela como fariam com um animal enjaulado.

— *Raeitte* — saudou Ihjseorn, esfregando o chão com o pé para afastar o feno e pousando a lamparina sobre o piso de terra batida.

A *kuvamora* mexeu a cabeça quase imperceptivelmente, revelando entre os cabelos apenas um furioso olho azul incendiado pela chama da

lâmpada.

— *Kalltaya!* — sibilou com a voz abafada pelos braços, sem se dignar a sequer mostrar a cara.

Ihseorn suspirou através do nariz, pousando as mãos sobre os joelhos quando estes começaram a ranger ao ajoelhar-se para ficar ao nível da mulher, fitando-a em pretensa igualdade. Começou então a falar com ela na língua dos skrimmen, da qual Quenestil não compreendia palavra alguma, num diálogo unilateral durante o qual a *kuvamora* se limitou a encará-lo com um odioso olhar, erguendo apesar de tudo a cabeça quando Ihseorn indicou Quenestil com o polegar. O eahan cruzou então novamente o olhar com o da mulher, preso pelos seus grandes olhos glaucos que o fitaram com uma reveladora intensidade, como se de alguma forma o conhecesse. Ainda não percebia por que razão se lembrara das palavras da nayana quando a vira, mas também não teve tempo para ponderar os motivos, pois Ihseorn ergueu-se de seguida, pousando-lhe uma mão forte sobre o ombro enquanto falava, referindo-se claramente a ele. A *kuvamora* ia acenando com a cabeça oblonga, ainda de feições parcialmente ocultas pelos cabelos com os quais tapava a cara, como para esconder a humilhação de ter sido capturada. Não havia como negar que ia ficando progressivamente mais aberta ao que quer que Ihseorn lhe estava a dizer, demonstrando cada vez mais interesse para com as suas palavras. Acabou mesmo por interromper o wolhyno, erguendo uma mão suja, apontando para o eahan e de seguida para o chão diante dela, e Ihseorn anuiu, baixando a cabeça no que parecia ser um sinal de agradecimento e fazendo ligeira pressão no ombro de Quenestil para lhe dar a entender que se devia sentar.

— O que se passa? — desconfiou o shura, resistindo.

— Ela vai responder as tuas perguntas.

— Responder? — duvidou Quenestil, fitando ambos alternadamente de sobrancelhas franzidas. — Não percebo a língua dela, nem ela a minha...

— Sei que é difícil para ti, mas confia em mim — afiançou-lhe o wolhyno, apertando-lhe o ombro. — Vais compreender o que ela tem para te dizer.

Ainda desconfiado, como não podia deixar de ser com aquela gente, Quenestil acabou por aquiescer e apoiou a mão no chão para se sentar de pernas cruzadas diante da *kuvamora*, que observou cada gesto seu com uma atenção animal. Insatisfeita com a posição do eahan, indicou-lhe através de gestos que se devia aproximar mais, o que Quenestil fez de não tão bom grado. Não se sentia particularmente à vontade na presença da mulher, e a sua proximidade arrepiava-lhe a pele do pescoço. Parecendo alheia ao seu desconforto, a mulher ergueu os punhos atados, claramente com o intuito de que Quenestil lhe cortasse as peias.

— Vamos... libertá-la? — perguntou por cima do ombro a Ihjseorn, que entretanto se afastara um pouco, o que subiu outro tanto os níveis de desconfiança do eahan.

— Não. Corta-lhas só para ela poder fazer... o que tem a fazer. Para te explicar.

As sobrancelhas do shura permaneceram franzidas e não deixou de emitir um grunhido desconfiado, mas ainda assim desembainhou o seu facalhão e estendeu a mão para que a *kuvamora* nela pousasse as suas. Quando a mulher assim fez, Quenestil por pouco não retirou a mão, pois o

contato entre as peles de ambos foi quase elétrico, enervante ao toque. Fazendo por ignorar o desconforto, Quenestil cortou-lhe então as ataduras das mãos e, após uns breves instantes de ponderação, as das pernas também. Nunca gostara de ver seres vivos presos, e havia algo de animalesco naquela mulher com o qual o eahan tanta mais empatia partilhava. Grata, a *kuvamora* esfregou os pulsos e os tornozelos, que certamente lhe estariam doridos, e aproximou-se um pouco mais de Quenestil, curvada para a frente e apoiando-se sobre os punhos. O eahan recuou ligeiramente o torso, mas a mulher gesticulou-lhe que se aproximasse, fazendo-lhe de seguida ademanos de baixo para cima, como se lhe estivesse a dizer que tirasse a camisa. Quenestil hesitou e tornou a olhar para Ihjseorn, que estava mais afastado ainda mas que fez que sim com a cabeça, gesticulando ele também com a mão para que tirasse a camisa.

— *Noystta se kaykostaa* — insistiu a *kuvamora*.

Relutante, o eahan começou a despir a camisa, passando-a por cima da cabeça e expondo ao atento olhar da *kuvamora* o seu torso seco, delgadamente musculado e riscado por cicatrizes. Ambos olhavam um para o outro à bruxuleante chama da lamparina de pedra, que lhes sombreava os lados das caras, ardendo-lhes nos orbes e dourando-lhes os cabelos. Lentamente, a mão da mulher ergueu-se, detendo-se de palma aberta a escassa distância do peito de Quenestil como que em pedido de permissão. Quenestil não esboçou qualquer tipo de reação, engolindo apenas em seco sem nunca tirar os olhos dos da sua circunstante. Porém, a mulher não o fitava agora, concentrada como estava em algo no peito do eahan, e o olhar do shura acabou por vaguear pela cara dela, incapaz de se concentrar num único ponto e devaneando pelo grande nariz e queixo, pelos contornos das

suas feições de pele branca, suave e suja, e pela boca de lábios finos e pequenos dentes amarelados que murmurava palavras incompreensíveis. A sua contemplação só foi interrompida quando sentiu o toque enervante da mão da mulher no seu peito, quando ela lhe pegou no dente de volverino.

— *Karkkayu...* — disse a *kuvamora*, tal como já antes dissera, quando da primeira vez que se tinham visto.

— Volverino — deu Quenestil consigo a corrigir.

Foi nesse momento que se estabeleceu uma ligação entre ambos, quando eahan e humana transcenderam as barreiras da raça, língua e cultura e chegaram a um instintivo entendimento mútuo. Diferenças ruíram e semelhanças surgiram quando da singela troca de palavras, estimulada pela mão da *kuvamora* no peito do shura e transferida a nível visceral pelas batidas do coração deste. Pondo-se de joelhos, a mulher acercou-se mais de Quenestil e agarrou-lhe o colar com ambas as mãos, começando a passá-lo pela cabeça do eahan antes de este a refrear, agarrando-a por ambos os pulsos. Sem nada dizer, a *kuvamora* limitou-se a abanar a cabeça, e Quenestil acabou por a deixar tirar-lhe o colar, apesar de todos os impulsos em contrário. Afinal, o dente era a sua ligação ao espírito do irmão volverino que matara e ao qual se unira, e raras vezes se vira sem ele. Aparentemente alheia à íntima ligação, a mulher enfaixou a mão direita com o colar e deixou o dente entre os dedos médio e indicador, observando-o atentamente e deixando a mão esquerda descair sobre o ombro de Quenestil. Começou então a murmurar na sua língua, descosendo palavras entarameladas de forma quase imperceptível de início, mas que foi lentamente adquirindo uma cadência irregular. Enquanto falava, a sua mão deslizava pelo ombro do eahan até à nuca deste, lançando-lhe formigueiros pelo escalpe acima, e

aproximou-lhe da cara a outra mão com o dente, no qual os olhos de Quenestil se focaram. Lenta, cuidadosa e concentradamente, a *kuvamora* abanou a mão diante da cara do eahan, fazendo com que seguisse o dente com os olhos enquanto continuava com o seu rítmico cântico.

Por fim, tocou-lhe com o dente de volverino na testa, deslizando de seguida a ponta pelo nariz do eahan abaixo, passando pela boca e queixo e fixando-se por fim na garganta, na qual assentou sobre a palpitante carótida do shura, que estacou. Fitando-o intensamente com os seus olhos verde-mar, a mulher não interrompeu a ladainha, contrastando antes a ameaça do dente na garganta ao passar-lhe as unhas repetidas vezes pela nuca num movimento de trás para a frente que causou prazenteiros arrepios ao eahan. Arrastando-se pelo feno com os joelhos, posicionou-se ao lado de Quenestil, deslizando sobre o ombro dele os seus sebosos cabelos louros e segredando-lhe inefáveis palavras ao ouvido com o seu hálito quente, palavras que evocavam sensações e imagens primordiais, palavras que lhe aceleraram o ritmo do coração e lhe trouxeram o sangue à flor da pele. Arrastando-se um pouco mais pelos joelhos, a *kuvamora* posicionou-se atrás do eahan, assentando-lhe o queixo sobre o trapézio enquanto falava, sempre a acariciar-lhe a parte de trás da cabeça com as unhas. Embora não estivesse calor, o shura começou a transpirar, e não apenas devido às macias formas femininas pressionadas contra as suas costas, que apenas destoaram contra o súbito puxão dos seus cabelos para trás e o ardente trilho deixado pelo dente de volverino, que lhe desceu pelo esterno abaixo, vertendo sangue. Quenestil cerrou olhos e dentes e inalou através deles, dando consigo mesmo a rosnar guturalmente. Um dos cavalos resfolegou em reação ao animalesco ruído e começou a bater com o casco no chão, mas o eahan não

fez mais do que rosnar enquanto uma gota vermelha lhe escorria do esterno para o umbigo.

Enlevados pelo bizarro ritual, o shura e a mulher estavam agora alheios à presença de Ihjseorn, que se afastara até à parede e que caminhava a passos laterais ao longo desta na direção da porta. Por sua vez, o wolhyno também não reparou na pequena e esguia lâmina que irrompeu cuidadosamente do teto de turfa, deslizando então lentamente para baixo e sendo de seguida torcida para alargar a abertura feita. Passando igualmente despercebido, um olho azul espreitou através da fresta criada, chegando-se mais para cima e observando então Quenestil e a *kuvamora*, arregalando-se com interesse ao ver as posições em que ambos se encontravam. O eahan começava a respirar cada vez mais depressa, e o seu corpo respondia à crescente tensão com o retesar de músculos aleatórios, que palpitavam a cada palavra mais enfatizada pela mulher na sua misteriosa e primeva língua. Os olhos de Quenestil tremiam, em parte devido ao suor que para eles corria, em parte devido à sobrecarga sensorial que começava a sofrer, como se as frases sussurradas pela *kuvamora* lhe estivessem a despertar os sentidos para o mundo. O odor a estrume tornou-se mais pungente, a voz quente da mulher ao seu ouvido ia ficando mais clara, mais pura, e a sua visão intermitente mesclava detalhes pormenorizados da baía na qual se encontrava com visões de um volverino, o volverino que vira nos seus sonhos. Com o corpo inteiro a latejar, as suas mãos alternavam entre um curvar que as tornava semelhantes a garras e um relaxamento que lhe deixava os dedos pendentes. A mulher correspondeu, passando a mão com o dente do peito para as costas do shura, e deslizando-o pela pele suada até à ilharga, na qual lhe espetou a presa bem na base da espinha. Quenestil

rosnou uma vez mais e arqueou as costas tensas, semicerrando convulsivamente os olhos enquanto se deixava estar na posição de braços abertos.

A sua respiração principiou então a revezar-se entre uma inalação rápida e fraca e uma mais vagarosa e profunda, chiando da garganta como se estivesse a sofrer um ataque. Uma vaga mas forte sensação de que estava prestes a cair aliou-se à sempre presente impressão de que estava preso, retido por vínculos que não conseguia romper e dos quais apenas podia fugir. Uma ligeira náusea percorreu-lhe o corpo, fazendo mesmo com que pousasse as mãos no chão devido à sensação de uma queda iminente. O seu rosnido misturou-se com outros que julgou ouvir, e as suas emoções tornaram-se numa desgovernada balbúrdia, alcançando picos divergentes e interpolados de raiva, medo e êxtase. A *kuvamora* agarrou-lhe então a cabeça com ambas as mãos, pressionando-lhe os lados com os antebraços e subindo o tom de voz, começando a agitá-la de um lado para o outro. As veias temporais de Quenestil palpitavam, inchadas, e as suas pontudas orelhas de lóbulos pegados à cabeça estavam vermelhas. O eahan arquejava, ofegava e rosnavava, de olhos fitos em visões do volverino de dentes arreganhados, do escuro orbe do animal no qual se via a si mesmo refletido, preso, desesperadamente à espera de ser solto. A *kuvamora* largou-lhe então a cabeça com um gesto brusco e espetou-lhe o dente num hirto músculo dorsal, pontuando a picada com uma exclamação entre a palavra e o gemido, mas Quenestil não sentiu dor. Não sentiu a mínima dor. Não sentiu nada. A única coisa que sentiu foi uma raiva tremenda, oriunda de uma brecha que estalou na sua psique, vertendo um quente fio de fúria que depressa começou a escorrer com mais força, rachando mais ainda a

abertura e tornando-se numa autêntica torrente de cólera.

A pele do eahan arrepiou-se, furiosamente ruborizada, e os seus cabelos eriçaram-se como as cerdas de um animal. Os músculos de veias empoladas incharam, e os tendões estavam-lhe bem visíveis nos pulsos, tal era a força com a qual crispava os punhos. A sua visão foi bloqueada nesse momento, e a única coisa que via era o volverino, com o qual estava uno de corpo e alma, pois naquele momento *era* o volverino. Quenestil saudou-o com um rugido vindo do diafragma, de boca hiante e de lábios puxados para trás, espumando como um animal raivoso. Naquele sublime momento, todas as suas emoções reprimidas jorraram-lhe para fora das barreiras com as quais as tentara conter, toda a raiva que sempre recalcara devido ao condicionamento que se impusera a si mesmo, toda uma explosão de sentimentos que reprimira por não os achar dignos da sua raça. O volverino foi solto, e a fúria transbordou em puro ódio, o medo em abjeto terror, tudo ao sabor da torrente de poder animalesco e emoção crua. A sensação de libertação, de um despertar havia muito adiado, foi eufórica, quase indescritível na sua plenitude que trazia consigo uma inequívoca certeza de estar vivo, verdadeiramente *vivo*. Os tanarchianos, Tannath os skrimmen, todas as pessoas odiosas que até então conhecera ou enfrentara, todas foram rememoradas em rápida e furiosa sucessão, como folhas de memórias atiradas ao sabor da corrente de um raivejante rio. Os sentimentos que estes lhe causavam fluíram, desenfreados por fim, e o shura pôde finalmente dar largas ao rancor que lhes tinha, gritando até nada mais ouvir além do próprio animalesco berro nos seus ouvidos. Tudo o resto era puro êxtase, e nada mais importava.

De repente, a torrente foi estancada na fonte, o volverino

desapareceu com uma rosnadela de protesto, e Quenestil estacou, encontrando-se de pé e diante da parede do celeiro a pingar saliva espumosa dos cantos da boca. O seu coração ainda retumbava como um tambor de guerra, e a sua pele ainda fervia, mas a sensação de sublime libertação desaparecera, bem como a acompanhante impressão de plenitude e união com o espírito do volverino. Teve apenas uns breves instantes para constatar que a baía ao seu lado estava quase totalmente destruída, com as tábuas rachadas e partidas, e que a parede de turfa ostentava as profundas marcas de golpes, alguns dos quais a tinham atravessado quase de lado a lado. Após essa breve olhadela em redor, mal teve tempo de ver que as suas mãos estavam esfoladas e a sangrar, antes de todos os músculos do seu corpo se contorcerem num grande nó de agonia que o deitou por terra quando as suas pernas cederam. A dor era incrível, como se cada fibra dos seus músculos estivesse em plangentes chamas após um esforço desumano, e o eahan enrolou-se numa posição fetal para tentar lidar com a cruciante distensão muscular. Por sua vez, os animais presentes estavam aterrorizados, mugindo e relinchando como se um lobo se encontrasse entre eles. Incapaz de se mexer, e com o lado da cara espalmado contra o chão, Quenestil plangia, soprando feno que se lhe colava à saliva da boca com sonoros arquejos de dor que iam interrompendo o seu contínuo grito sofrido. Quando a mão da *kuvamora* pousou sobre o seu ombro, o shura levou o pescoço atrás em protesto, arrastando os cabelos pelo chão e tentando afastar-se do doloroso contato. A mulher insistiu, contudo, e virou Quenestil de costas, passando a perna por cima dele e assentando ambos os joelhos aos lados do tronco do eahan, ao qual cada movimento causava dores. Sem se compadecer, agarrou-lhe de seguida a enrugada cara e forçou-

o a encará-la, embora o eahan permanecesse de olhos bem cerrados. Com os seus sebosos cabelos louros a caírem como cortinas sobre o eahan, a mulher continuou a sua ladainha, mais insistente desta vez, como alguém que estava a ver uma outra pessoa afogar-se e que esperava impedi-la através de meras palavras.

— *Karkekayu!* — era a única palavra que Quenestil ia percebendo, e que era repetida várias vezes, acompanhada por um sacudir da sua ainda latejante cabeça.

Porém, embora não entendesse as restantes, estas foram surtindo nele um lento mas progressivo efeito, tornando a despertá-lo para a realidade animal na qual brevemente acordara e da qual fora quase expelido quando o espírito do volverino se retraíra. Tornou a ouvir uma rosnadela vinda do âmago do seu ser, inicialmente abafada pelo seu contínuo e aflitivo grunhido de dor, mas que a pouco e pouco foi aumentando de tom, arrastando-se agressivamente pelos seus canais auditivos, raspando neles as garras. Quenestil abriu então os trêmulos olhos, pausando os seus grunhidos com tentativas irregulares de respirar, e a única coisa que viu à sua frente foram as feições sombreadas da *kuvamora*, cujos selvagens olhos verde-mar pareciam brilhar e cuja voz era como o chamamento do ermo, elaborando palavras que lhe soaram como grunhidos e sons de animais, distorcidas pelo sangue que lhe recomeçou a jorrar pelos ouvidos. O cheiro a peles curtidas e a unto era pungente, o que, aliado aos cabelos em seu redor e ao hálito quente da *kuvamora* sobre a sua cara, despertou nele um sentimento de aflição e clausura, que por sua vez trouxe uma vez mais o volverino à tona.

Um novo jorro de adrenalina lavou a ardente dor nos músculos do

eahan, relaxando-os instantaneamente e permitindo-lhe entesá-los num brusco erguer do torso que tirou a mulher de cima dele. Rosnando e de olhos novamente possessos, Quenestil inverteu as posições e lançou-se sobre a *kuvamora*, agarrando-lhe os pulsos e premindo-lhe violentamente os lábios com os seus. A mulher ficou paralisada como se estivesse a ser atacada por um animal selvagem, e não reagiu nem se mexeu inicialmente, inalando apenas de susto quando o eahan lhe mordeu o pescoço, rosnando. Mãos que mais pareciam garras deslizaram pela pele de rena, formando pregas e enganchando-se nelas para de seguida puxar, rasgando a vestimenta pelas costuras. Arrebatada pelo ímpeto animalesco do shura, cujas mãos lhe desceram para as nádegas e daí para as coxas, a *kuvamora* agarrou Quenestil pelos cabelos quando os dentes deste começaram a exercer demasiada pressão, mas o shura limitou-se a sacudir a cabeça com um resfolego, rompendo-lhe as suturas do colarinho e mordendo-lhe o peito. A mulher era mais alta, e Quenestil percorreu cada palmo do seu corpo, fungando e grunhindo como um animal enquanto lhe explorava forçosamente as formas, corcovando-se como um cão a copular.

Inviso, o olho azul que observava da fenda no teto arregalou-se mais ainda, desaparecendo assim que a delgada lâmina foi recolhida, o que estreitou a abertura. Foi de seguida tapada por uma mão enluvada, uma mão que imediatamente a seguir passou para trás uns sedosos cabelos negros polvilhados de branco enquanto estes esvoaçavam ao vento. Tannath não podia acreditar no que acabara de ver, e olhava incrédulo e de boca entreaberta para o mar escuro além da quinta, mantendo a mão na cabeça enquanto os seus bravios cabelos longos lhe iam serpenteando pelo braço e pelo ar a seu bel-prazer.

«Não... não posso», disse o eahanoir para consigo mesmo, abanando a cabeça e abafando uma primeira risada, com a qual engasgou, sorridente. «Não posso crer...»

Para se certificar de que não estava a ver coisas, tornou a baixar-se para espreitar pela fenda, mas como a turfa praticamente se selara, virou apenas a cara para ouvir, e de fato conseguiu captar os gemidos e grunhidos a meio do vento no exterior. Soltando um riso púbere de olho arregalado, Tannath tornou a erguer a cabeça, abanando-a.

«Isto é... é tão melhor que o que eu tinha em mente.»

De fato, ter vindo até àquele local remoto com o único intuito de matar por fim Quenestil e Slayra para poder deixar para trás a parte da sua vida que ambos representavam, parecia-lhe agora deveras banal. Nishekan ajudara-o a encontrar o casal através dos recursos de Asmodeon, e Tannath viajara até àquele ermo no Norte de Allaryia sem mais delongas, jornadeando através das céleres sombras da noite. Porém, agora que ali se encontrava e que se deparara com tão deliciosamente inesperada situação, ocorrera-lhe uma nova idéia que prontamente pôs em prática. Erguendo-se subitamente, o eahanoir pulou do teto de turfa, desfazendo-se no ar como uma efígie de cinza arremessada contra o vento e tornando-se um ser de pura sombra. Nesse estado, lançou-se num vôo errático, semelhante ao de um inseto, à medida que pulava de mancha em mancha de sombra, corporificando-se uma vez mais ao chegar ao telhado do edifício principal da quinta. Pousando nele numa felina posição acocorada, Tannath desenvencilhou-se da capa que lhe pousara sobre o braço e olhou para baixo, para o buraco no teto, do qual saía o fumo da fogueira quando esta estava acesa, o que não se verificava naquela altura. Sorrindo e rindo para

consigo mesmo, o eahanoir pousou a mão sobre o teto e fechou o olho, separando de si mesmo a sua própria sombra através da força de vontade e comandando-lhe que descesse pela fumarola.

A sombra assim fez, afinilando-se e deslizando sinuosamente pelo buraco adentro como uma tetra cobra, escorrendo então por uma viga abaixo até ao chão de terra batida. Aí ergueu-se ligeiramente, serpenteante, observando com os olhos de Tannath os corpos em redor que dormiam e se mexiam, ressonando. No exterior, Tannath estava absolutamente imóvel, mantendo o olho concentradamente fechado enquanto lobrigava o interior do edifício com a sombra, e sorrindo maliciosamente ao avistar um vulto que conhecia bastante bem. A esbelta silhueta de Slayra continuava inconfundível, mesmo após um laborioso parto e deitada como estava de lado debaixo de um cobertor. A sombra rastejou até ela, passando pelo moribundo borralho da fogueira, subindo pelas pernas da eahanoir e chegando-lhe ao ombro, do qual a sua untuosa extremidade ficou a pender sobre a sua curva orelha pontuda.

— *Slayra...* — sussurrou-lhe numa oleosa voz.

A eahanoir emitiu um gemido baixo e ajeitou a sua posição, virando ligeiramente a cara na direção da voz.

— *Oh Slaaayra...* — tornou a voz, e desta vez os olhos da eahanna, negra piscaram, sonolentos, abrindo-se de seguida quando reconheceu por fim o tom.

Com um arquejo, Slayra ergueu o tronco de rompante, tirando a sombra de cima de si e olhando em redor, procurando instintivamente armas que não estavam à mão. O seu repentino despertar mereceu alguns ruídos incomodados da parte de quem dormia, e a cabeça de Deadan

também se ergueu, sempre alerta.

— Tannath...? — disse a eahanoir em surdina, sentindo que o coração lhe iria rebentar a caixa torácica ao olhar aflitivamente para os seus filhos, que dormiam consoladamente ao seu lado.

— *És capaz de querer ir ver o que o Quenestil está a fazer no celeiro...* — sugeriu a sombra, rindo maliciosamente de seguida enquanto serpenteava em redor de Slayra.

— O que se passa, eahanoir? — sussurrou Deadan, já com a mão no punho do espadão ao lado do qual dormira.

— Quenestil? — repetiu Slayra, olhando à volta, incapaz de ver a sombra mas certa de que Tannath não estava ali, pois não sentia a sua presença. — Oh, deuses, Quenestil!

O tom urgente da sua voz acordou então alguns eahlan e wolhynos mais próximos, que balbuciaram, estremunhados, uns resmungando, outros perguntando na sua língua o que se estava a passar. Slayra não lhes deu resposta, chutando o cobertor e levantando-se de rompante, pisando e passando por cima de quem dormia e libertando-se das suaves mãos eahlan que a tentaram agarrar para saber o que se passava. A eahanoir ignorou tudo e todos, as vozes das eahannas brancas, o silvo do aço do espadão de Deadan, o gorjeio dos seus filhos acabados de acordar e os sons assustados de wolhynos que apenas ouviam ruídos na escuridão. Slayra tropeçou e pisou todos sem discriminar até chegar à porta, dando um pontapé inadvertido no criado ruivo que dormia diante dela antes de a abrir, alheia à comoção que estava a causar.

— Guardem os meus filhos! — disse urgentemente enquanto corria pela partição fora e abria a porta que dava para o exterior, que a saudou com

uma lufada de vento gélido que lhe arrepiou a pele debaixo da singela camisa de linho branco com a qual dormira. «*Quenestill!*»

Slayra estava descalça, e corria de pernas desnudas pela crestada relva afora, assustando algumas ovelhas e queimando as plantas dos rosados pés no gelo que começava a cobrir o solo. Porém, tal era o alvoroço que a eahanoir mal se deu conta da dor, afogueada pelas imagens que a sua mente lhe conjurava em rápida sucessão, com Quenestil morto, estropiado ou a esvair-se em sangue aos pés de Tannath. Ele dissera que voltaria, dissera que os iria matar aos dois, e agora, destroçada a ilusão de que estariam a salvo dele naquele ermo desolado, a eahanoir pôde apenas correr e esperar que ainda chegasse a tempo, que não fosse tarde demais.

Arquejante, Slayra projetou-se praticamente contra a porta do celeiro, escancarando-a com um desesperado grunhido e permitindo que toda uma série de roncões e gritos escapassem do interior, juntamente com rinchos e mugires assustados. Incapaz de dissociar os divergentes tons dos ruídos que ouvia, a eahanoir entrou, ainda impelida pela sensação de morte iminente que lhe torcia as entranhas e lhe afundava o coração. Os animais assustaram-se mais ainda à sua passagem quando Slayra se dirigiu à última baía, na qual avistava movimentos convulsivos. Não foi senão quando viu o que se estava a passar que estacou repentinamente, por pouco não caindo devido ao ímpeto da sua corrida e ao súbito fraquejar dos seus joelhos, que mal a puderam sustentar quando o seu estômago e coração se afundaram.

Quenestil encontrava-se sobre a mulher loura, suado e de tronco nu, agarrando-lhe e erguendo-lhe uma perna com o braço direito enquanto unia vigorosamente a sua virilha à dela. A mulher tinha as roupas rasgadas e estava com os vacilantes seios expostos, ofegando e gemendo a cada brusco

impulso do eahan, que lhe enrubescia a pele pálida e suja com o seu vigor. Estava manchado de sangue em partes do seu corpo, e os músculos das suas costas luziam de suor à medida que se retesavam com os robustos impulsos das suas ancas, fazendo com que a mulher estremecesse após cada um, agarrada como estava ao seu pescoço. O shura rosnava como um animal ao fazê-lo, alheio ao esmagador peso exercido pelos subitamente vazios olhos líquidos de Slayra, ela própria vergada pela cena que observava com distanciamento quase onírico, sendo que parte dela se recusava a estar ali presente a ver algo que, num único instante, lhe destruía todos os seus sonhos e ilusões. Por sua vez, e embora parecesse arrebatado por um selvagem instinto animalesco, Quenestil deteve-se de repente, como se tivesse sentido uma presença atrás de si, e olhou por cima do ombro.

Estava irreconhecível, com saliva a pingar-lhe do queixo, feições contorcidas numa raiva focalizada que descarregava na forma de um arrojo copulador na skrimmen, e olhos injetados de sangue que quase pareciam ter mudado de cor. A sua primeira reação foi arreganhar os dentes com um rosnido diante daquela que à primeira vista se lhe afigurou como uma desconhecida, mas cedo ficou patente na sua cara um vestígio de dúvida. Esse vestígio inicial espalhou-se quase de imediato pelos restantes músculos da face do shura, relaxando-os e amainando a sua expressão à medida que a mente de Quenestil ia reconhecendo Slayra, ressurgindo das profundezas animalescas nas quais se deixara afundar. Com a folga concedida, a *kuvamora* descaiu no chão com um sofrido suspiro, respirando aceleradamente e de olhos postos no teto, alheia ao que se passava entre os dois eahan, que pareciam congelados pelo olhar um do outro. Nenhum dos dois abanava a cabeça, nem esboçava qualquer gesto, nem tentava sequer formar palavras

com a boca entreaberta, tal fora o choque. Quenestil permanecia entre as pernas da *kuvamora*, ofegando e readquirindo foco nos seus olhos vermelhos, nos quais era cada vez mais patente a esmagadora realização daquilo que se fizera, enquanto Slayra continuava de pé, tremendo com os joelhos progressivamente enfraquecidos. Não havia palavras, não havia gestos, não havia nada. Apenas o silêncio de duas almas estilhaçadas e o lento sufocar de um amor que como que morrera às sangrentas mãos de Quenestil, perdido no odor a estrume e traição consumada.

O PRÍNCIPE REGRESSA

O Inverno caíra frio nas campinas que constituíam os feudos de Ul-Thoryn, despindo os viçosos pomares nelas plantados e alagando os seus extensos campos de cultivo com dias seguidos de chuva. A habitualmente floral e bucólica paisagem estava lúgubre e melancólica naquele dia cinzento, no qual a transição do dia para a noite quase passou despercebida, e a fila de mendigos e indigentes que se formava na porta das traseiras de um dos muitos solares espalhados pelas campinas foi mais fiável que qualquer relógio de sol a assinalar o início da noite. O solar em questão era propriedade da senhora Leoneta, irmã de lorde Daveanorn, paladino de Aereth Thoryn, e era um ponto de paragem de eleição para os mendicantes da região, pois a generosidade e piedade da senhora eram sobejamente conhecidas. Mesmo a pequena muralha que anteriormente cercara a propriedade fora demolida e a sua pedra usada para criar anexos adicionais

no solar, o que muito ajudava à noção de abertura e acessibilidade que fazia com que os pedintes se sentissem mais à vontade. Conhecido como Quinta da Piedade, era sobretudo no Inverno que se formavam filas na porta das traseiras que dava para a cozinha do solar, pois a senhora Leoneta partilhava da sua comida com os pobres nos tempos de maior necessidade, e o presente Inverno afigurava-se indubitavelmente como tal.

Encarregando-se como sempre pessoalmente da distribuição, Leoneta encontrava-se à porta, entregando taças de madeira com fumegante caldo de carne e um naco de pão nele enfiado. Vestia um singelo vestido azul com uma bata verde sobreposta a ele, com um chapelete vermelho de topo chato coberto por uma mantilha branca que também lhe envolvia o pescoço. Tinha uma face doce e branda completamente desprovida de maquiagem, com estreitos olhos apartados e uma longa boca melancolicamente sorridente, o que em parte lhe valera a alcunha de *Víuva Feliz* e que, aliado à sua longanimidade, a tornara particularmente querida entre os mais necessitados da região. Os andrajosos mendigos da fila agradeciam-lhe copiosamente, presenteando a senhora com sorrisos nas suas caras esquálidas e emaciadas ao receberem as taças com mãos enfaixadas e de unhas pretas. A todos Leoneta retribuía com um sorriso e palavras de apoio e esperança, desempenhando de clara boa vontade a tarefa que a si mesma impusera à medida que se ia virando dos mendigos para a serviçal que servia as taças de madeira de um alguidar de latão. A jovem rapariga mantinha os olhos no fumegante caldo, evidentemente não tão à vontade como a sua senhora na presença de tanta miséria humana, e ia puxando distraidamente o seu toucado como se desejasse esconder mais a cara. Leoneta porém não mostrava o mínimo nojo ou incômodo, não

receando sequer tocar nos dedos das pessoas às quais oferecia o caldo, que lhe agradeciam de voz rouca com uma vênia e se retiravam prontamente, comendo enquanto andavam.

A fila fora grande, mas Leoneta tinha sempre caldo quanto bastasse para todos, e o alguidar ainda estava a um quarto da sua capacidade quando chegaram os três últimos mendigos. Não tinham um ar tão miserável quanto os outros e as suas roupas não estavam esfarrapadas, mas estavam sem dúvida sujos, cansados e com fome. Um deles, uma mulher, tinha uma criança a tossir ao colo, e o outro, alto e corpulento para um mendigo, puxava um carrinho sobre o qual se encontrava um outro, sentado de joelhos ao nível do peito e coberto por uma manta. A testa de Leoneta enrugou-se de pena, e cruzou as mãos sobre o ventre enquanto aguardava que a serviçal servisse a taça.

— Pobre criança. O que tem ela?

— Está doente. Era capaz de precisar do seu xarope de cenoura — disse o mendigo mais alto, puxando de seguida o capuz para trás e revelando uma cara barbada —, tia.

Leoneta piscou inicialmente os olhos, incapaz de reconhecer a face que se lhe apresentava, mas a voz cedo lhe avivou a memória e a mulher inspirou bruscamente, levando a mão à boca e arregalando os seus olhos.

— Aewyre! — disse quase em surdina.

— Aewyre? — repetiu a serviçal, erguendo por fim a cabeça do alguidar e deixando cair a colher ao reconhecer ela também o príncipe e levar as mãos ao peito.

— Que fazes aqui, infeliz? Entra, depressa! — instigou a mulher, indicando-lhe com a mão que entrasse rapidamente e fechando logo de

seguida a porta com dobradiças de palheta atrás dele.

— Então a tia também já sabe? — perguntou o guerreiro, largando a pega do carrinho com o qual transportara Krór e encostando-se à parede, cansado. — Olá, Hilarina.

A serviçal retribuiu o cumprimento com um aceno da mão, mas Leoneta não estava com disposição para semelhantes formalidades, agarrando a cara barbada de Aewyre com ambas as mãos.

— Como não haveria de saber? O teu irmão quer-te nas masmorras por alta traição! — explicou, virando a face do jovem para os lados, como se o estivesse a avaliar, e acabando por o abraçar. — Oh, Aewyre, o que é que tu fizeste?

— Sinceramente, não sei, tia — disse-lhe o guerreiro, agarrando delicadamente os ombros da mulher e afastando-a de si. — Tenho de saber o que se passa com o meu irmão, por que é que ele...

— Então não sabes? Ai, Hilarina, fecha-me aquela porta, antes que alguém o veja! — A rapariga fez que sim com a cabeça e foi rapidamente acatar a ordem da sua senhora. — Oh, filho, então foste roubar a Ancalach e fugir do palácio para andares ao léu com a princesa Lhiannah? O que é que pensavas que o teu irmão iria fazer? E quem são estes?

— Já explico, tia. Foi só isso?

— Oh, filho, não, claro que não — disse a mulher, agarrando com força a mão do jovem e abanando desconsoladamente a cabeça. — Diz-se que tu e o conselheiro Allumno orquestraram isto tudo com lorde Sunlar para desacreditarem Ul-Thoryn: roubarem Ancalach, reunirem-se com a princesa Lhiannah, entregarem o alegado corpo do teu pai, tudo em preparação da guerra que agora...

— Guerra?

— Por onde tens andado tu, Aewyre? Em que é que esperavas que tudo isso desse? Lorde Sunlar declarou guerra contra o teu irmão!

— Oh, deuses, não admira que o outro me tenha vendido os cavalos tão baratos... — apercebeu-se o jovem, lembrando-se da sua última transação em terras nolwynas. — E que conversa é essa de *pretenso* corpo, tia?

— Oh, filho, a princesa Lhiannah aparece um destes dias em Allahn Anroth com um caixão, diz que tem o corpo do teu pai... Claro que o teu irmão não acreditou; achou que era um plano de Vaul-Syrith para denegrir a imagem da casa de Thoryn, para espalhar a discórdia pela nossa província, e mandou prender a princesa!

— Oh, pela mão decepada de Kispryn... — praguejou Aewyre, baixando a cabeça e abanando-a enquanto apertava as mãos de Leoneta. — Correu tudo mal. Está tudo errado. Tenho de falar com o Aereth, tia.

— Falar? Oh, que a palma de Bellex te vede do seu punho... Ele quer-te nas masmorras, se não algo mais!

— Não quer não, tia. Eu vou-lhe explicar o que se passou, e vai ver que tudo corre bem. A tia bem sabe que eu sempre fiz muitos disparates, mas que nunca faria nada contra o meu irmão, não sabe?

— Afinal o que se passou, filho? — perguntou Leoneta, fitando Aewyre diretamente nos olhos e afagando-lhe a carda nas maçãs do tosto com os polegares. — Conta-me, por favor.

Aewyre suspirou, tirou as mãos da mulher da sua cara e agarrou-as num gesto confidente, compreendendo também a serviçal Hilarina com o seu olhar. A Quinta da Piedade sempre fora um dos seus destinos de eleição

quando saía do palácio, e o trato que tinha para com a irmã de Daveanorn sempre fora como o de um verdadeiro sobrinho, por vezes assumindo contornos quase filiais. Não poucas vezes pernoitara lá, ocasionalmente sem o conhecimento da proprietária e com a cumplicidade de serviçais como Hilarina, mas fosse como fosse, Aewyre sempre fora uma espécie de filho dileto de Leoneta, e a viúva sempre lhe aturara os disparates e recebera de bom grado a sua galante companhia. Daquela vez as coisas eram um pouco diferentes, mas o guerreiro ainda assim sentia que podia confiar na mulher, razão pela qual viera ao solar, e principiou a contar-lhe o que sucedera desde que saíra de Allahn Anroth. Em retrospectiva, o início da sua saga pareceu-lhe verdadeiramente disparatado, e quase mal pôde acreditar que fizera semelhantes coisas a caminho de Asmodeon, pelo que optou por se cingir ao essencial.

Não referiu O Flagelo, nem a Essência da Lâmina, nem metade das provações pelas quais tivera de passar, resumindo a sua viagem até Asmodeon como uma jornada árdua, na qual Ancalach lhe valera contra os perigos que tivera de enfrentar até encontrar o corpo do seu pai. A princesa Lhiannah acompanhara-o, bem como o general Worick e uns outros companheiros, apresentando Krór como um deles e Layaline como uma das pessoas que o tinham auxiliado. Quanto ao fato de ter sido Lhiannah e não ele a trazer o corpo do seu pai, justificou-o com pretensos ferimentos que sofrera em Asmodeon, e que o tinham forçado a permanecer no Norte de Allaryia, achando contudo que o seu irmão mereceria saber quanto antes o que verdadeiramente acontecera ao pai de ambos. Não era uma história particularmente imaginativa nem bem estruturada, e custou a Aewyre ter de mentir a Leoneta, mas o jovem estava quase certo de que incluir todos os

pormenores mais fantásticos da sua viagem em nada ajudaria à compreensão ou mesmo credibilidade daquilo que dizia.

— ...é por isso que eu preciso de ver o meu irmão quanto antes — terminou por fim, respirando fundo para recobrar o fôlego. — Houve um grande mal-entendido; devem ser as víboras da corte que o estão a virar contra mim e o Allumno...

— E o conselheiro Allumno, onde está? — lembrou-se Leoneta de perguntar.

«*Oh, bolas*», repreendeu-se o guerreiro por se ter esquecido de tão importante pormenor. — Ele... deixou-me depois de termos encontrado o corpo do meu pai. Disse que tinha coisas a resolver. Sabe, tia, coisas de magos...

Não sendo desconfiada por natureza, a mulher nada mais disse, limitando-se a abanar a cabeça e a afagar as mãos de Aewyre.

— Oh, filho, em que espécie de alhada te foste tu meter? Nunca deverias ter saído assim...

— Eu sei, tia, eu sei... mas agora tenho mesmo de ir ver o meu irmão. Ajuda-me a entrar na cidade?

— Sabes que, se fores descoberto, eu também posso ser acusada de alta traição. íamos os dois parar ao cadafalso, se não pior...

— Tia, confia em mim, não confia? — insistiu Aewyre, erguendo-lhe as mãos. — Sabe que eu seria incapaz de trair o meu irmão dessa forma, não sabe? Eu juro-lhe que vou explicar tudo ao Aereth, vai ver que tudo corre bem. Só preciso que me ajude a entrar na cidade, depois disso eu desenvencilho-me sozinho.

Leoneta hesitou, balbuciando, e a breve idéia de que poderia ter

cometido um erro ao vir ali acalorou o peito de Aewyre por instantes, mas então a mulher apertou as mãos do guerreiro e levou-as ao peito, abanando a cabeça.

— Oh, filho, claro que confio, claro! — assegurou-lhe. — Nunca acreditei que tivesses feito tal coisa, e admira-me como é que o teu irmão pode sequer pensar isso.

— Também eu me admiro, tia, mas vou tratar disso assim que me meter dentro da cidade. Pode ajudar-me?

O semblante de Leoneta adquiriu então contornos de reflexão, e largou as mãos de Aewyre para as levar às ancas, olhando então para os amigos do jovem.

— Tens alguma idéia?

— Por acaso tenho, tia. Precisava só de deixar aqui a minha amiga e a filha dela — disse Aewyre, indicando Layaline. — A criança está doente, coitada. Com toda a chuva que apanhou, o que mais precisa *é* de passar uma. noite num sítio quente e abrigado. Por causa desta situação, não nos temos atrevido a dormir em estalagens...

Leoneta olhou para a criança coberta dos pés à cabeça por uma manta e compadeceu-se, aproximando-se dela e olhando para a mãe em busca de permissão ao estender a mão. Layaline fez que sim com a tímida cabeça e a mulher destapou a de Làriana, que estava pálida, de olhos mortícios e nariz úmido e de narinas encrostadas.

— Oh, pobre criança — comoveu-se Leoneta.

— Chama-se Làriana, e a mãe, Layaline — apresentou-as Aewyre, postando-se no meio de ambas e pousando as mãos nos ombros das duas.

— São laonesas, mas a Layaline sabe falar um pouco de Glottik.

— Que linda menina que tens, Layaline — elogiou Leoneta, afagando a quente bochecha da criança. — Não te preocupes, vamos tratar dela aqui.

— Obrigado, senhora — agradeceu a rapariga com voz rouca.

— Obrigada — corrigiu Aewyre quase em surdina, retomando de seguida o tom de voz normal como se nada tivesse dito. — A coitadinha apanhou muita chuva pelo caminho...

— Pobrezinha... e o teu amigo? — disse Leoneta, indicando Krór. — Não parece muito bem.

Aewyre olhou para o drahreg para reunir coragem para mais uma mentira, sentindo-se igualmente culpado pelas condições nas quais o arrastara no carrinho de macieira para incapacitados. Debaixo de uma manta, Krór estava amarrado, amordaçado e enfaixado com as suas ligaduras sujas, e os olhares de ódio que dirigia a Aewyre mal eram perceptíveis. Não dissera uma única palavra desde que o humano para todos os efeitos passara a mantê-lo prisioneiro, mas os mais ínfimos detalhes que nele captava davam conta de que o drahreg o iria matar ou ser morto por ele assim que pudesse, o que no fundo era exatamente o que Aewyre queria. Mantê-lo perto de si até que estivesse apto a combater, caso não conseguisse encontrar uma alternativa entretanto, mas ao menos assim garantia que o teria sempre à mão enquanto pesquisava. O fato de Leoneta se ter lembrado dele podia ter algo que ver com o seu cheiro, que começava a fazer-se sentir.

— Está muito doente, tia, e muito ferido — mentiu. — Não faz idéia das coisas que lhe aconteceram em Asmodeon e fora dele... Deu-me imenso trabalho estar a arrastá-lo este tempo todo, mas é o mínimo que

posso fazer por ele, depois de tudo o que ele fez por mim.

Abençoadamente pouco curiosa, a mulher limitou-se a acenar compreensivamente com a cabeça e a afagar uma vez mais a barba na cara de Aewyre.

— E tu, filho, estás bem? Pareces tão magro...

— A vida na estrada faz-nos isso, tia — suspirou o jovem, presenteando contudo de seguida a mulher com o sorriso maroto ao qual a habituara. — Por acaso hoje ao jantar não tiveram daquelas ricas iscazitas que a Uranagia faz, não?

Leoneta abanou a cabeça, sorrindo, e afagou ternamente a cara de Aewyre.

— Malandro. Vou arranjar-vos algo que comer. E se calhar é melhor dormirem aqui, não? Duvido que queiras chamar muita atenção...

— Bem pensado, tia — reconheceu o jovem.

— Hilarina, vai buscar-lhes algo para comerem, e manda trazerem catres para aqui. Diz que são pessoas muito doentes às quais decidi dar alojamento, que esta noite vai ser fria...

— A tia continua caritativa como sempre, pelo que vejo... — comentou Aewyre, piscando o olho a Hilarina enquanto esta se retirava porta fora e olhando para o alguidar de caldo.

— Olhem, podem ir já comendo o que sobrou — lembrou-se a mulher, servindo ela própria uma taça e entregando-a à mão livre de Layaline, que arrastou pelo braço até uma cadeira. — Senta-te, querida, dá-lhe de comer. Não te preocupes, que nesta casa estás segura.

Layaline agradeceu e assim fez, e Leoneta foi de seguida ter com Krór com o intuito de o ajudar, mas Aewyre pôs-se no caminho dela.

— É melhor não, tia. Ele sofreu queimaduras e o melhor é ninguém lhe tocar. Vou levá-lo a um boticário que conheço em Ul-Thoryn.

— Oh, pobre homem — acedeu a mulher, abanando a consternada cabeça diante de tanta miséria. — Como se chama ele?

— Eh... Kror.

— *Kror?*

— É um nome do Norte. As gentes de lá são estranhas.

— Não é muito educado dizeres isso à frente do teu amigo, meu menino — repreendeu-o Leoneta com o indicador. — Ele não come?

— Dou-lhe eu de comer, depois.

— Está bem. Vem tu comer, então. E depois ainda te quero fazer algumas perguntas, sobre amanhã e sobre todas essas coisas que te aconteceram.

— Sim, tia — disse Aewyre, retendo-a com uma mão no ombro, virando-a para si e abraçando-a. — Obrigado.

Leoneta sorriu e deu umas palmadinhas nas costas largas do guerreiro, que então a largou com o cansado sorriso de alguém que sentia poder por fim relaxar após grandes provações.

— Eu bem te disse que, se não ganhasses juízo, um dia te metias em problemas a sério — tornou a mulher e repreendê-lo, erguendo as sobrancelhas e abanando a cabeça.

— Disse, pois, tia — admitiu Aewyre com um sorriso, que desapareceu assim que Leoneta lhe virou novamente as costas para lhe ir servir caldo. «*E nem sabe metade da história...*»

Na manhã seguinte, Aewyre despediu-se de Layaline e Làriana e agradeceu encarecidamente a Leoneta a sua ajuda, seguindo então para Ul-

Thoryn numa carruagem com a serviçal Hilarina e um postilhão que julgava estar a transportar um vagabundo ferido para a cidade. Nada que a sua caridosa senhora não lhe tivesse já mandado fazer anteriormente, pelo que ninguém no solar estranhou. Aewyre levou Kror amarrado e amordaçado no interior da carruagem, e o drahreg não esboçou qualquer reação, limitando-se a fitar o guerreiro com ódio. O jovem ignorou-o e manteve Hilarina distraída, galanteando-a com memórias das noites românticas que no passado tinham partilhado na despensa de Leoneta, e passando os momentos de silêncio a refletir naquilo que lhe fora revelado na noite anterior, tal como o casamento do seu irmão, a clausura de Lhiannah e todos os ditos e feitos que haviam resultado na presente tensão política em Nolwyn. Assim que chegaram aos portões da cidade, Hilarina falou com os guardas, entre os quais um conhecido seu, e explicou-lhes o que vinham fazer. Como todos conheciam a reputação de Leoneta, deram apenas uma olhadela ao interior da carruagem, falhando em reconhecer Aewyre, e permitiram-lhes passagem. O postilhão levou-os de seguida até ao boticário que Aewyre lhe indicou, e o jovem despediu-se com um beijo na mão de Hilarina e uma série de falsas promessas em como tornaria a visitar o solar em breve, assim que tivesse resolvido a situação. Esperou então que a carruagem partisse e, arrastando Kror pelo carrinho de madeira com uma pega e levando Ancalach embrulhada numa manta às costas, afastou-se do boticário e perdeu-se nas apinhadas ruas de Ul-Thoryn.

As vias da cidade estavam tão apinhadas como sempre, e naquele arruamento em particular, na Rua da Lanceta, o jovem não destoava muito dos transeuntes, pois era nele que se concentravam vários boticários e barbeiros, uma série de santuários de Acquon e o principal hospital de Ul-

Thoryn. Por essa razão, o que mais se via era vagabundos, pedintes e estropiados, e nem a visão de um rapaz alto e corpulento a arrastar num carrinho um corpo coberto por uma manta chamou muita atenção. O pavimento era bom, tal como na maior parte dos bairros da cidade, e Aewyre não teve grandes dificuldades em arrastar Kror, deixando-se imergir no burburinho de vozes que escorriam pelas ruas como a água dos canais da cidade. Algumas das coisas que ouviu intrigaram-no, como uns rumores de um tal de suco do Teixo, com o qual o seu irmão aparentemente pretendia, entre outros, envenenar a nobreza rival, criar um exército de guerreiros imunes à dor ou mesmo derramá-lo no rio e deixar que os seus inimigos se matassem uns aos outros. Não só isso, mas um número invulgar de homens religiosos andava pela rua, não apenas fiéis de Acquon, mas membros das igrejas de todos os deuses deambulavam pelas vias da cidade, bradando que a cidade insultara este ou aquele deus e que o divino silêncio era o castigo. A única exceção eram os clérigos de Gilgethan, que apregoavam os preparativos para a vindoura guerra, assistidos no seu serviço pelos homens que distribuíam fólios gratuitos entre a população. Aewyre leu um deles, quatro simples páginas a explicarem a sua vil traição a mando de lorde Sunlar, que pretendia nada menos que a destruição da Pérola do Sul para se tornar ele o rei de Nolwyn, um execrando desígnio em nome do qual já chacinara uma série de aldeias debaixo da alçada de Ul-Thoryn. Aparentemente, os cascos dos cavalos de Vaul-Syrith já atroavam nas colinas a Leste, e a hora de os filhos da mais esplendorosa das cidades tornarem a empunhar as suas armas já não ia longe.

«Esta nem Tharobar arquitetava...», pensou o guerreiro para consigo, estupefato, enquanto puxava o carrinho de Kror com uma mão e segurava o

fólio com a outra. «*Aereth, que fizeste tu?*»

Movido por um renovado sentido de urgência, Aewyre estugou o passo e atirou fora o fólio, cujas folhas se mancharam no chão molhado e algo lamacento, sendo de seguida desapiedadamente pisadas por indiferentes botas e sapatos. O jovem não revelara a Leoneta o seu verdadeiro destino em Ul-Thoryn — outra mentira à qual se vira desagradavelmente forçado — e foi com vista a chegar a ele quanto antes que se dirigiu ao Portão dos Pobres. Assim era chamado aquele que dava acesso ao distrito mais miserável de Ul-Thoryn, a face voltada para baixo da moeda que procurava esconder o seu lado riscado e manchado de verdete. A estrutura encontrava-se espremida entre dois altos e estanques lanços de muro, com um enferrujado rastrilho de ferro erguido que de noite mantinha os indesejáveis fora das ruas civilizadas da cidade. Com ou sem guerra, sempre fora o portão mais vigiado de Ul-Thoryn, e aquele dia não era exceção, pois nele apresentavam-se uma série de guardas da milícia citadina, armados de alabardas e indumentados com brigandinas debaixo de briaís com as armas da milícia, uma barbuda diante de duas lanças cruzadas. Tinham cara de poucos amigos, mas não se opunham a ninguém que quisesse voltar para o distrito pobre; sair é que já era um assunto diferente. Quando da passagem de Aewyre, limitaram-se a olhá-lo de cima a baixo, abanando a enojada cabeça ao verem Krór, que tomaram por morto ou doente e pronto a ser atirado às ratazanas. O guerreiro cumprimentou-os humildemente, afetando um andar curvado e servil, e conseguiu passar debaixo do arco sem chamar atenções indevidas. Além do Portão dos Pobres havia uma rampa de pedra que descia para a decadência, com a muralha a separar o distrito do resto da cidade de um lado e nada do outro,

sendo que esse dava para uma grande poça onde se acumulavam lama, dejetos, detritos e mesmo um cão morto. A própria pedra da rampa era suja, manchada de salitre no seu lado exposto, e estava escorregadia devido aos anos de pés que a alisaram e às recentes chuvas. Aewyre desceu-a com cuidado, ignorando os olhares dos miseráveis que subiam e os que estavam sentados e encostados ao muro, exibindo chagas naquele que era o último reduto onde alguém poderia esperar misericórdia.

No fim da rampa, as coisas complicaram-se um pouco, pois o piso irregular e lamacento em nada facilitava a tarefa de arrastar o carrinho de Krór, que foi manifestando o seu incômodo com o ocasional grunhido, que pouco mais fazia além de prometer morte ao humano assim que a ocasião se proporcionasse. Aewyre ignorou-o a ele também, olhando fixamente para as miseráveis e decadentes ruas do distrito, onde casas inclinadas ameaçavam cair umas contra as outras formando pontes arqueadas sobre as ruas escuras, úmidas e lamacentas. Havia umas quantas tábuas no chão a servirem de vias improvisadas, sobretudo diante dos maiores aglomerados de edifícios e daqueles que aparentavam ser estabelecimentos como tabernas. Aewyre freqüentara algumas delas nos seus anos mais rebeldes, durante os quais fugir do palácio fora o seu maior prazer e conviver com a arraia-miúda de Ul-Thoryn a sua atividade preferida. Metera-se numa série de problemas, e causara um sem-número de pequenos escândalos, mas graças a isso criara igualmente uma rede de contatos da qual até ao presente dia nunca julgara vir a precisar.

Todavia, o distrito pobre era altamente volúvel, sendo que nele edifícios se desmoronavam numa base quase diária e eram rapidamente substituídos por outros feitos a partir dos seus escombros. Ruelas

alteravam-se com o capricho de arroios durante o Inverno, e as ratazanas, cujas caudas se viam a desaparecer debaixo de escombros ou entre as fendas de tábuas, eram as únicas capazes de as navegar com alguma certeza. Aewyre deixou-se simplesmente guiar pelas memórias que tinha do local, e as suas botas e a orla do manto de Kror cedo ficaram completamente enlameadas. O tempo úmido entranhara ainda mais o cheiro a dejetos humanos e lixo no local, o que resultava numa atmosfera particularmente pesada e desagradável, algo que o jovem sentiu com redobrada intensidade após a sua longa viagem no ermo. As pessoas que se encontravam na rua estavam a confraternizar ou a observar quem por ela passava, uns encostados às paredes, outros a observarem detrás de janelas com adufas periclitantes, mas todos com caras desconfiadas. Os trajos de Aewyre não destoavam sobremodo, mas eram mais os de um viajante do que propriamente os de um residente do distrito, pelo que lhe foi impossível não chamar alguma atenção. Fingindo-se indiferente e ajeitando ocasionalmente a correia de Ancalach ao ombro, o jovem avançou sem estabelecer contato visual com ninguém, esperando dessa forma não ser abordado e desnecessariamente atrasado por um qualquer habitante mais curioso ou belicoso.

A sua postura teve o efeito desejado durante o equivalente a dois quarteirões, após os quais foi abordado por dois indivíduos saídos de esquinas opostas com sorrisos malvados nas caras e o aspeto de quem desde cedo aprendera a tirar em vez de trabalhar. Aewyre deteve-se, observando-os de relance antes de baixar o olhar, pois se havia algo que aprendera em todos os anos que visitara o distrito pobre, fora que não devia estabelecer contato visual com os predadores, a menos que desejasse conflito. Não deu

para lhes distinguir os traços particulares das feições, apenas que tinham a barba por fazer, com riscos brancos de cicatrizes entre o restolho, e que um deles usava sobre a cabeça um lenço imundo. As roupas de ambos estavam sujas, esfarrapadas e piolhentas, e as suas dobras escondiam evidentemente facas que tinham todo o ar de saberem usar com perícia amolada pela vida nas ruas.

— Estás perdido, moço? — perguntou um deles, cujos dentes em falta não passaram despercebidos nem à visão periférica de Aewyre, embora a sua fala salivada e sibilante por si só evidenciasse tal condição dentária.

— Não — respondeu Aewyre, mantendo a cabeça baixa mas permanecendo atento ao posicionamento dos dois homens.

— Mas olha que não pareces saber muito bem aonde vais — comentou o outro, estalando os dedos de uma mão.

O guerreiro não respondeu, ponderando as suas hipóteses e esperando que Kror não escolhesse aquele momento para se tentar evadir ou de outra forma causar-lhe problemas.

— Então fazemos assim... — sugeriu o primeiro. — Dá-nos o dinheiro que tiveres, e nós damos-te as indicações de que precisares. Que te parece? Assim ficamos todos satisfeitos, e ninguém tem de se magoar, sobretudo esse teu amigo aí no carrinho, hum?

Era mais que evidente agora que não tinham boas intenções, e a falta de resposta de Aewyre incentivou-os a avançarem, trocando olhares furtivos um com o outro antes de se começarem a dirigir ao guerreiro. Kror agitou-se então um pouco, manifestando pela primeira vez uma certa aflição por estar preso, e logo em semelhante situação, mas Aewyre não fazia tensões de combater.

— Eu sei algo que vocês não sabem — limitou-se a dizer, ainda a olhar para o chão.

As palavras fizeram com que os homens hesitassem, franzindo as testas e enrugando os narizes, pois não era o que as pessoas costumavam dizer quando estavam prestes a ser atacadas.

— O que é que estás aí a dizer, moço?

Foi então que o guerreiro ergueu por fim o olhar, fitando-os a ambos sem medo e sentindo-se suficientemente confiante para esboçar um sorriso oblíquo.

— O que é que tem quatro patas, e ainda assim anda mais devagar do que nós?

As faces de ambos permaneceram inexpressivas, e Aewyre pensou por momentos que talvez tivesse mesmo que combater, mas um deles acabou por se manifestar antes que o jovem achasse melhor desembrulhar Ancalach.

— Ah, por que não disseste logo, moço? Podíamos ter-te magoado — disse o homem, relaxando com o desapontamento de quem estivera à espera de um pouco de ação. — Vens falar com o *Cagado*!

— Sim — acenou Aewyre com a cabeça.

— Bom... — disse o outro, coçando a nuca e olhando à volta.

— Então anda daí. E é bom que não nos faças perder tempo e que ele te queira mesmo receber, hã?

Com essa última ameaça, os dois conduziram Aewyre pelas ruelas do distrito, e o guerreiro seguiu-os em silêncio, arrastando o carrinho de Kror pela lama. Até então correra tudo bem, e a senda da lâmina permanecera direta e ininterrupta desde que saíra do Brejo dos Patos. A

doença de Làriana complicara um pouco as coisas, mas a mulher do monteiro com o qual pernoitara acompanhada da sua mãe dera-lhe algumas ervas que tinham ajudado um pouco. Não o suficiente, e Aewyre temia pela saúde da criança, mas tal não era um pensamento com o qual se pudesse dar ao luxo de se ocupar naquela altura. Estava em Ul-Thoryn, era procurado e estava a meter-se numa situação que esperava poder ajudá-lo a alcançar os seus objetivos, mas que por outro lado também poderia por si só consistir um perigo. Estava a arriscar bastante, vindo ali, mas a necessidade assim obrigava e não tinha tempo para pensar em algo melhor. A sua vontade até fora a de ir simplesmente bater às portas do palácio e exigir satisfações do seu irmão, mas se havia algo que aprendera nas suas viagens, fora a não ser tão impulsivo. Isso, e o fato de não se poder dar ao luxo de ignorar o perigo de tal situação, ainda que o seu irmão não estivesse simplesmente a ser acicatado pelas víboras da corte dele. E se por alguma razão não acreditasse mesmo na sua palavra e decidisse tirar-lhe Ancalach? Era um risco que não podia correr, pelo que seguiu os dois criminosos, apercebendo-se do quanto o caminho mudara ao longo dos anos e dando graças à «sorte» de ter deparado com aqueles dois, que lhe tinham poupado uma certamente demorada e potencialmente reveladora procura pelo *Cagado*. Quanto menos atenção chamasse, melhor.

Os quatro chegaram então a um edifício aparentemente abandonado, mas cuja aparência não enganava quem já estava habituado a andar por aquelas bandas, e foi nele que Aewyre e os dois indivíduos entraram. O interior estava escuro, sujo, e cheirava mal, mas os pretensos assaltantes de Aewyre avançaram pelos escombros e detritos sem quaisquer percalços, deixando o jovem a haver-se com o carrinho de Krór e o piso

acidentado. Enquanto fazia os possíveis para que Kror não caísse, os dois homens postaram-se diante de uma parede de tabique esventrado com remendos de tábuas pendentes e pregadas umas às outras. Um deles deu umas batidas rítmicas nas tábuas, soando aquele que parecia ser um código, e o outro ergueu de seguida duas, que estavam pregadas às outras de forma a que puxar uma mexia as restantes como uma cobra segmentada. Revelou-se então uma abertura pela qual um deles entrou, falando com alguém que se encontrava do outro lado enquanto o seu companheiro a mantinha aberta, esperando por Aewyre. O jovem apressou-se discretamente, empurrando Kror primeiro pela abertura e lançando um olhar subtilmente desconfiado ao homem que segurava as tábuas antes de se curvar e entrar ele também. Meter a mão sobre a nuca revelou ser uma precaução desnecessária, pois não havia ninguém à sua espera com um porrete empunhado na estreita partição escura na qual entrou.

— Quem é este? — perguntou um terceiro indivíduo, que aparentava estar ali de guarda.

— Quer falar com o *Cagado* — disse o dos dentes em falta, dando-lhe o benefício da dúvida de clara má vontade.

O terceiro limitou-se a olhar Aewyre dos pés à cabeça, acabando por concordar e sentando-se novamente no seu periclitante banco com perna em falta, e que lhe servia apenas de ponto de apoio para se encostar à parede em mau estado.

— Mexe-te — rosnou o que ficara para trás, passando por debaixo da abertura e deixando as tábuas caírem atrás de si.

Aewyre não se fez difícil e tornou a puxar Kror, seguindo o indivíduo da frente. Além de apertada, a partição era escura e úmida, com

teias de aranha nos cantos e detritos, e tábuas de madeira manchada a dificultarem o caminho de um carrinho, tendo todo o aspecto de ter sido improvisada. Levava a uma espécie de antecâmara em escombros, na qual foi preciso um dos homens tirar do caminho um barroto com estrias ferrugentas dos pregos nele cravados para que o outro pudesse abrir a primeira porta sólida que Aewyre vira desde que entrara no distrito. O homem que ia à frente abriu-a, revelando uma pequena escadaria da qual emanavam vozes e um viciado odor a vinho azedo misturado com suor humano.

— Ajude-me a levá-lo, por favor — pediu Aewyre, virando Krór e deixando-o de costas para as escadas, tomando ele a iniciativa de pegar no lado no qual o peso iria decair durante a descida.

O homem piscou os olhos, fazendo uma incrédula e mal-encarada careta, mas a aparente candura do guerreiro deixou-o desarmado e acabou por aceder, agarrando a pega do carrinho e descendo as escadas com Aewyre, resmungando. Só se calou quando lhe pareceu ver um par de olhos vermelhos fitá-lo debaixo do capuã daquele que julgava ser um aleijado, e olhou dele para Aewyre com renovada desconfiança na cara suja. O jovem não se deu por achado e concentrou-se na descida das escadas, ao fim das quais chegou àquela que parecia ser uma adega reconvertida era antro. Nele encontrava-se uma série de indivíduos de aspecto ameaçador ou no mínimo pouco salutar, todos ocupados a fazer algo como afiar facas, cozinhar comida em pequenos tachos ou jogar aos dados. O local era uma sala quadrada, com um barroto de madeira no meio e um dos lanços da parede ocupado por duas prateleiras sobrepostas de grandes barris abertos com lençóis e trapos sujos no seu interior, alguns dos quais com pés sujos a

saírem deles. O piso estava coberto por mantas, com algumas mesas que eram pouco mais que toros com rodela de madeira sobre eles, e de resto expunha apenas os desarrumados pertences dos seus ocupantes, que olharam para o recém-chegado com cara de poucos amigos.

— *Cagado* — chamou o homem que ajudara Aewyre a descer o carrinho de Krór, postando-se atrás do guerreiro de braços cruzados. — Está aqui um moço que quer falar contigo.

Os outros presentes estranharam e estudaram Aewyre como se este fosse um animal esquisito, tentando descortinar as intenções daquele alto e encorpado jovem com barba e cabelos despenteados. Aewyre esforçou-se por não parecer ameaçador, evitando o contato visual que os indivíduos ativamente procuravam, como se buscassem um motivo para um confronto. Antes que o conseguissem fazer, ouviram-se os ruídos de madeira a bater contra madeira vindos do interior de um dos barris da fila inferior, em direção do qual todos os olhares se viraram. O que se viu foi um pat de pernas tortas e escanzeladas com longas meias brancas e manchadas e pés descalços a arrastarem-se para fora sobre pranchas de madeira nelas atadas. Mexiam-se pouco e eram praticamente impelidas para trás pela força de braços, encontrando-se ambas numa posição que lhes dava o aspecto de estarem partidas, sobretudo abaixo do nível do joelho. Mais pata cima tinham umas calças castanhas puxadas para cima até ao nível do ventre torto, que se ia alargando para os lados e curvando numa corcunda ao longo de uma túnica castanha até chegar a uns ombros fortes que mexiam braços de mãos crispadas em duas outras pranchas de madeira com pegas. A túnica tinha mangas curtas e serradas, revelando as mangas compridas de uma camisa verde por baixo, e a cabeça estava coberta por uma coifa de couro

com fios desatados que lhe pendiam sobre as orelhas, oscilando à medida que o indivíduo ia abanando a cabeça enquanto praguejava. Assim que se empurrou para fora do barril, foi-se virando para os outros, ruidosa braçada ante ruidosa braçada.

— Mas quem é o filho duma cróia que me veio chatear agora? — perguntou numa voz irritada e irritante. Tinha uma inflexão vocal estranha, parecendo ter de grunhir pela garganta de forma a conseguir pronunciar as palavras. — Juro-te, Braciano, se és tu outra vez...

Ao virar-se completamente, o bizarro homem que saiu do barril calou-se assim que viu que o desconhecido não era a pessoa que esperara, o que contudo nada fez para dulcificar o seu humor, servindo apenas para lhe enfatizar o ar desagradado da carranca. A sua cara era tão deformada quanto as suas costas, com o queixo desviado para a direita e dentes salientes que lhe afastavam o lábio superior do inferior, criando uma proeminência entre o nariz e a boca.

— Eh? Mas quem é este? — perguntou com voz incomodativa ao ouvido. — E quem é o aleijadinho aí no carrinho?

— Ninguém — respondeu Aewyre, o que lhe mereceu olhares ameaçadores dos restantes presentes.

— Estás a gozar conosco, moço? — perguntou-lhe um dos homens que o acompanhara, achegando-se dele de queixo erguido e peito inchado.

— Só uma pessoa que já por três vezes te safou de teres essa tua carapaça feia rachada, *Cagado* — disse Aewyre, detendo o indivíduo que se aproximava com um perigoso olhar de soslaio antes de devolver a sua atenção ao estropiado. — A pessoa que te tirou o courato da frigideira quando os teus capangas foram apanhados a extorquirem os cirieiros da Rua

da Luz.

A cara deformada do *Cagado* continuava intrigadamente franzida, embora os seus olhos principiassem a estreitar-se em aparente reconhecimento.

— A pessoa que te tirou das masmorras com o seu próprio dinheiro quando te deixaste apanhar, e porque lhe prometeste que não tomarias a fazer asneira da grossa — continuou o jovem, cruzando os despreocupados braços. — A pessoa que te safou da força quando quebraste essa promessa.

— Eu seja um eunuco de Assana... — disse o *Cagado*, acenando com a cabeça. — Aewyre!

O jovem nada disse, permanecendo de braços cruzados com toda a confiança de quem sabia que outros estavam em dívida para com ele.

— Esta é boa... ponham-se de joelhos, seus mariolas! Estamos na presença de realeza! — grasnou o *Cagado*, batendo no chão com uma das pranchas que empunhava.

Os meliantes entreolharam-se, dúbios e sem saberem se o seu líder falava ou não a sério. Havia contudo alguns entre eles que arregalaram verdadeiramente os olhos, batendo uns nos outros com os cotovelos e trocando sussurros conspiradores.

— Olha que esta... e não é que um dos pratos da balança de Acquon finalmente pende para o meu lado? — continuou o *Cagado*, aproximando-se de Aewyre com ruidosas batidas e arrastos das suas pranchas, e erguendo-se apenas numa ao simular uma vênia com o braço que segurava a outra. — O meu grande amigo, príncipe Aewyre! Então e por que nos agraciais com a vossa presença, meu príncipe?

— Lembras-te de todas as vezes que me disseste que me devias

uma? — indagou o guerreiro, indo direito ao assunto.

— Eh... lembro pois.

— Venho cobrar essa dívida — disse Aewyre terminantemente. O *Cagado* não respondeu logo de seguida, ficando antes a olhar para o príncipe com olhos que revelavam a astúcia animal que lhe permitira não só sobreviver tanto tempo entre a escumalha de Ul-Thoryn, como conseguir subir para uma posição de liderança. Aewyre conhecera-o durante os seus anos mais boêmios, nos quais se escapulira praticamente todas as noites do palácio para se aventurar pelos distritos menos sadios de Ul-Thoryn. Já então o *Cagado* fora uma figura famigerada, conhecido pelo seu acerbo humor e mente brilhante, que ao longo dos anos lhe permitiram criar um nome e uma reputação para si mesmo. Enquanto novo e rebelde, Aewyre dera-se particularmente bem com ele, e cometera mesmo alguns disparates em conluio que lhe tinham valido sérios problemas no palácio e com o seu irmão, sempre o mais responsável dos dois. Nunca haviam sido propriamente amigos, mas conseguiram estabelecer uma relação de benefício mútuo, na qual o *Cagado* providenciava a Aewyre a excitação e aventuras citadinas que tanto buscava, bem como a possibilidade de se relacionar com o submundo, pois durante a adolescência o príncipe não fora diferente do comum rapaz, e tal como um tendia rebeldemente nessa altura da sua vida a buscar relações perigosas que rompessem com a monótona segurança paternal e que o ajudassem a encontrar a sua própria identidade ao quebrar com aquilo que dele se esperava. Por sua vez, o *Cagado* beneficiara ocasionalmente da influência que Aewyre detinha, bem como do ocasional empréstimo em ouro palaciano, do qual o jovem príncipe sempre dispusera livre e despreocupadamente. Naturalmente, com

o passar dos anos as brincadeiras do *Cagado* deixaram de o ser e passaram a adquirir contornos mais sérios e criminosos, o que lentamente levou a que se tornasse uma figura de destaque no submundo de Ul-Thoryn, um feito admirável, dada a sua condição física, mas não menos merecedor de vilipêndio. A paradoxal ascensão do Cagado ao topo do submundo coincidiu com a altura na qual Aewyre começou a assumir um mínimo de responsabilidades que não mais lhe permitiam aventurar-se com semelhante laia. Todavia, permaneceu uma relação de cordial amizade entre os dois representantes de estratos tão distintos, unidos por um passado pândego e pelas memórias de pequenas aventuras vividas em conjunto. Além do mais, embora não se vissem havia algum tempo, ainda tinham recorrido um ao outro para o ocasional favor sempre que Aewyre passeava pelos distritos mais pobres, um hábito que mantivera.

— Dívida, pois sim, claro... — disse por fim o *Cagado*. — Então e como posso ajudar vossa alteza?

— Uma coisa que só tu deves ser capaz de fazer: preciso que me metas dentro de Allahn Anroth.

O espanto foi geral, até porque a maior parte dos presentes ainda se estava a debater com a idéia de estarem diante do príncipe Aewyre, irmão do seu regente. A noção era-lhes tão ou mais estranha do que ouvirem esse mesmo príncipe a pedir ajuda para conseguir entrar no seu próprio palácio.

— Eh... como assim? Perdeste as chaves do quarto e achas que um dos meus homens tas roubou? Posso ver os bolsos deles, mas para isso terão que fazer o pino para elas caírem, que eu não chego lá...

— Ouviste bem, *Cagado* — interrompeu-o o jovem. — Preciso de entrar no palácio, mas não pelos portões e à vista de todos. Preciso que me

metas lá dentro.

Dito isto, Aewyre apontou para trás de si com o polegar, indicando Kror.

— E preciso que me guardes este aqui. — O *Cagado* e os seus homens olharam para Kror, que aos seus olhos pouco mais parecia ser que um inválido. — Pode não parecer, mas é perigoso, e não confio em mais ninguém para o vigiar.

O guerreiro apercebeu-se então de que se esquecera de deixar os alfanges de Kror com Leoneta, e repreendeu-se mentalmente pela omissão. Embora tivesse provavelmente necessitado de explicações adicionais, teria sido muito melhor deixá-los na Quinta da Piedade, pois assim mesmo que Kror se conseguisse evadir, saberia que ele iria sempre em busca das suas armas.

«*Bom, agora é tarde demais*», conformou-se, esperando por uma resposta, que contudo tardou a vir.

O *Cagado* fitava-o com um olhar que Aewyre já conhecia muito bem, o olhar astuto de um homem de negócios que ponderava os ganhos a ter numa série de alternativas para a situação que se lhe deparava. Os seus capangas pareceram partilhar dos seus pensamentos, e alguns olharam para Aewyre como um pedaço de carne à venda, o que deixou o jovem nervoso pela primeira vez, pois aquele seria o momento decisivo da sua vinda ali.

— Eu acho que o devíamos entregar, ó chefe — opinou de gingões braços cruzados um dos que se encontravam mais próximos do *Cagado*. — O Aereth é capaz de dar uma bela maquia por ele.

Segundo o que Aewyre ouvira, era bem capaz de ser verdade, e talvez tivesse contado demasiado com a boa vontade e as memórias do

Cagado, pois este olhava-o, meditabundo e fazendo que sim com a cabeça. Um dos homens estalou os dedos, e o guerreiro sentiu movimentos discretos nas suas costas, começando então a descontrair as pernas e os braços instintivamente, em preparação para o pior e pronto a desembainhar Ancalach.

— Heh — gracejou o *Cagado*, olhando para cima para o capanga que lhe dera o seu parecer — Sabes que mais?

Sem qualquer aviso, arriou-lhe com uma das suas pranchas de andar na canela, e o homem soltou um berro de dor, deixando-se cair ao chão agarrado à perna e a grunhir de dentes e olhos cerrados.

— Está mas é calado, imbecil! — cuspiu-lhe o *Cagado*, olhando então para cima e sorrindo de forma grotesca para Aewyre ao piscar-lhe o olho e indicar-lhe com um gesto da prancha que viesse ter com ele. — Ouro compra muita coisa, mas não compra a amizade de um príncipe. Chega-te aqui ao teu velho amigo, Aewyre, que és demasiado alto para eu estar a olhar para cima.

Aewyre suspirou pelo nariz, dando-se conta de que estivera com os dedos ligeiramente flectidos, e relaxou-os prontamente de forma a não retomar o breve clima de ameaça que se fizera sentir. Olhando para os lados, ajustou a correia de Ancalach ao ombro e ajoelhou-se diante do *Cagado*, cujo odor corporal continuava tão azedo quanto o jovem se lembrava, tendo tido ocasião de maturar ao longo dos anos.

— Então diz-me lá como é que o *Cagado* te pode ajudar, companheiro, que eu não me esqueci do que já fizeste por mim — disse o estropiado. — Queres que eu te meta no palácio, é? E que guarde o aleijadinho aí?

— Sim — respondeu Aewyre, ajeitando o joelho ao senti-lo assentar sobre algo pegajoso. — Tenho que entrar lá, dê por onde der, e preciso que o guardes enquanto o faço.

— Quem é ele? — quis o *Cagado* saber, olhando desconfiadamente para Krór, que retribuiu em igual medida o olhar, oculto pelas sombras do seu capuz e transmitindo a impressão de uma ameaça oculta debaixo da manta que o cobria.

— Um... — Aewyre hesitou, olhando por cima do ombro para o drahreg. — Uma pessoa da qual eu preciso.

— A sério? — admirou-se o *Cagado*, arregalando as sobrancelhas.

— Olha que bem que me enganaste estes anos todos, da maneira como cheiravas as saias das vagabundas que eu te apresentava...

Aewyre ignorou o chiste e olhou para o seu circunstante com a fria seriedade de uma lâmina encostada à garganta.

— Estou a falar a sério, *Cagado*. Não fazes idéia da quantidade de coisas que podem depender dele, não imaginas quantas pessoas poderão morrer se lhe acontecer alguma coisa. — Tudo verdades, mas Aewyre não quis elaborar, até porque uma história relacionada com O Flagelo e a Essência da Lâmina dificilmente seria convincente.

— Até pode ser que não te importes, mas eu importo-me e sei que é importante; por isso te peço a ti que o guardes para mim enquanto eu vou para o palácio. Ele não pode escapar, e nada lhe pode acontecer.

— Pronto, pronto, está bem... — acedeu o *Cagado*, erguendo uma prancha em sinal de que não precisava de mais persuasão. — Eu guardo-o para ti. Ninguém o virá procurar neste ninho de ratos, e se ele tentar, os meus rapazes partem-lhe as pernas.

— Agradecia que não o fizessem. Preciso dele inteiro.

— Era só uma expressão. Além do mais, ele já de si não parece inteiro...

— É um disfarce, ele só tem uma perna ferida — bufou Aewyre, claramente sem paciência para entrar em mais detalhes que o estritamente necessário. — Posso confiar em ti em como nada lhe vai acontecer?

O *Cagado* evitou então os olhos de Aewyre, tentando escapulir-se com algumas evasivas.

— *Cagado...*

— Está bem, podes confiar. Devo-te umas quantas, bem sei...

— Obrigado. Outra coisa, ele está sentado sobre duas espadas — adiantou o jovem, indicando o carrinho. — Pode parecer-te mais estranho ainda, mas elas também são importantes. São bem ornadas, por isso diz aos teus capangas que não lhes toquem a não ser para as guardarem. Prometo que depois vos compenso com ouro.

— Espadas, é?

— Sim. E repito: ele pode não parecer, mas é muito perigoso. Está amarrado, e o melhor é deixarem-no assim, e mantenham-no longe das suas espadas.

— Heh. Rica peça que ele nos veio trazer, hã, rapazes? — disse o *Cagado* aos seus homens. — Está bem, está bem. E quanto ao palácio?

— Sim. Tens como me meter lá dentro?

— Sou capaz de saber como o fazer, sim. Já sabes que aqui o *Cagado* pode andar de cabeça baixa, mas faz bom uso dela — afiançou-lhe o estropiado, piscando-lhe um olho. — Ó Nericio, não era o primo do Panoldo que ia esta semana a Allahn Anroth?

— Sim — respondeu um mal-encarado homem de barba e fala ásperas. — Ele e a família vão lá.

— Sua alteza está cheia de sorte — gozou o *Cagado*. — Por acaso não sabes dar uns pulos, não? Tocar umas notas?

Aewyre franziu o sobrolho, e o *Cagado* riu para consigo.

— Esta semana vai haver a festa de anos da princesa Iollina, e o palácio vai estar em festa. Conheço uma trupe de músicos e saltimbancos que já foi destacada para tomar parte nas festividades durante o banquete, e se quiseses posso meter-te com eles.

— Saltimbancos...?

— Se não te agrada a idéia, sugerir-te-ia que fosses bater ao portão principal, mas isso para ti não parece ser opção.

Aewyre ia levantar objeções, mas a verdade era que, dadas as circunstâncias, a idéia era tão boa como qualquer outra. O importante era que o ajudasse a cumprir o seu objetivo de conseguir entrar no palácio e lá tentar descobrir o que verdadeiramente se passara e se estava a passar.

— Sim... está bem. Isso vai servir — disse, acenando com a cabeça. — Se tudo correr bem, podes considerar a tua dívida saldada, e ainda vai haver ouro para ti e pata os teus homens.

Ao dizê-lo, Aewyre levantou-se e olhou à vez para cada um dos presentes no antro, incluindo-os na sua promessa com um olhar franco e sincero. Era a sua única hipótese; dependia deles e da sua boa vontade, pelo que mais valia deixar as coisas bem assentes.

— Muito bem. Quando queres que eu te apresente a eles? — perguntou o *Cagado*, batendo com as pranchas no chão à laia do selar de um contrato.

— Assim que possível. Mas eu não sou o príncipe Aewyre. Sou só uma pessoa que tu *queres* que se junte a eles, para lhes dar uma ajudinha, para me manter fora de apuros, seja qual for o motivo que te ocorra.

— Entendido. Então vamos lá tratar aqui do teu amigo... Aewyre suspirou então novamente e não se virou logo para Kror, permitindo-se antes uns breves momentos de satisfação por ter passado mais uma etapa na senda da lâmina antes de enfrentar o odioso olhar do drahreg. Até agora tinha-lhe tudo corrido de feição, na medida do possível, pelo que havia apenas que continuar. Em breve tiraria tudo a limpo, era breve descobriria o que verdadeiramente se passara, e tudo se resolveria quando a verdade viesse ao de cima.

DEICÍDIO

Seltor foi violentamente projetado contra uma coluna basáltica, na qual embateu ruidosamente com a sua negra armadura. Mal teve tempo para recobrar do ataque antes de ser forçado a desviar-se do possante golpe de uma maça, que rachou o basalto e fez a coluna tremer, e foi então cambaleando à medida que tentava recuperar o equilíbrio, espadanando o braço livre e soltando afiadas gavinhas de sombra que silvaram pelo ar e atravessaram os corpos de divaroth alados que o tentaram atacar. Dois uman atravessaram-se no seu caminho, um deles com quatro braços que empunhavam duas lanças, mas Seltor decepou as pontas de ambas com um golpe de Dalshagnar, que de seguida decapitou a moluscóide cabeça de quem as empunhava quando o Anátema girou em si. O segundo agitou os tentáculos da sua boca ao emitir um guincho de raiva ou medo antes de a Língua Negra lhe cortar o braço da espada e de seguida o partir em dois, deixando no ar um repuxo de sangue prateado que manou um pungente odor salgado. Um outro divaroth carregou contra Seltor num voo raso, enterrando-lhe a cunha de uma acha-de-armas que lhe fendeu a armadura e se lhe cravou na omoplata, fazendo com que O Flagelo tropeçasse para a frente com a força do golpe e fosse direito a duas divaroth de plúmeas sobranceiras franzidas de cólera que contra ele investiam de espadas empunhadas ao alto. Girando ao sabor do ímpeto do golpe, Seltor passou por ambas, descrevendo dois semicírculos com Dalshagnar que projetaram

as duas divaroth por cima de si, rodopiando como bonecas desossadas e espirrando sangue azul. Uma dúzia de outras e outros tantos uman arremeteram então contra o Anátema, que, com um grunhido em crescendo, desferiu um golpe em arco, soltando uma undíflua reverberação sombria que se propagou pelo ar, expandindo-se e ceifando o grupo numa cruenta colheita. Seltor agarrou então o cabo da acha-de-armas que tinha cravada na sua omoplata, arrancou-a e arremessou-a contra o divaroth que com ela o atingira, atingindo-o em pleno ar como uma ave fígada.

Mal teve tempo de se virar para os pesados passos que ouvira e sentira nas suas costas antes de ser colhido por um golpe de maça lateral, que o atirou novamente pelos ares. Caindo e derrapando no rugoso piso basáltico molhado de sangue azul e prateado, Seltor deslizou até bater de cabeça contra a cornija de uma cariátide de mármore negro na forma de um guerreiro de escudo e lança em riste. A força do impacto partiu-lhe o pescoço, que estalou imediatamente a seguir ao retomar a sua posição normal quando O Flagelo apoiou a mão no chão para erguer o torso, mas teve de se desviar logo de seguida de uma enorme bota com grevas de metal, rebolando para o lado e passando o gume de Dalshagnar pelo jarrete da perna que o tentara pisotear. O ofensor berrou de raiva e dor, e o incapacitante golpe parou o seu ímpeto e deu suficiente tempo a Seltor para que este se erguesse e recuperasse. O seu sangue negro pingara-lhe indistinguível sobre a amolgada armadura ebanizada que se ia reajustando lentamente, e estava despenteado e com escuras riscas sangrentas na perfeição marmórea da sua cara. O seu adversário não estava muito melhor, esse sim ostentando uma série de feridas. Envergava meras peças de armadura no corpo venosamente musculado e riscado de escoriações

vermelhas, com uma ombreira de aço sujo no ombro esquerdo a partir da qual desciam uma série de segmentos metálicos cheios de mossas e bocas até à mão de unhas carcomidas que pingava sangue dos dedos. As outras peças eram uma braceira de metal no pulso direito, duas grevas ornadas com motivos bélicos nas pernas, um talabarte de couro rijo a atravessar-lhe o torso de outra forma descoberto e um cinturão com uma placa metálica que lhe protegia parcamente o baixo-ventre. Usava à cabeça um elmo em forma da cabeça de um javali, cujas presas formavam cornos sobre as orelhas, com o focinho a servir de protecção nasal e a crista de cerdas vermelho-sangue desgrehada. A odiosa expressão de raiva cinzelada na cabeça do javali semelhava na perfeição a da cara do guerreiro, cujos dentes ferrados espumavam dos espaços entre eles e cujos olhos sombreados pelos contornos do elmo pareciam luzir com um brilho maníaco. Os seus venosos músculos faziam o couro do talabarte e das correias ranger, e as veias palpitavam furiosamente, fazendo com que o sangue das suas inúmeras feridas escorresse aos pequenos borbotões. Tudo nele gritava pura agressão e animalidade, ambas aliadas a uma insaciável fome de destruição e de corpos arruinados aos seus sangrentos pés, mas naquele momento ficou apenas a ofegar e de olhos fitos em Seltor, rilhando os dentes e crispando os dedos de ambas as mãos no cabo enfaixado por tiras de cabedal da sua possante maça com cabeça com rebordos e um espeto.

Seltor endireitou-se, plenamente recuperado e com a armadura acabada de reparar pelas restauradoras sombras tintas que por ela tinham escorrido e em cujas frestas agora desapareciam. Os únicos vestígios de combate que ostentava eram o sangue que lhe riscava a face e os cabelos despenteados, pelos quais passou a mão ao permitir-se a si mesmo uma

breve olhadela em redor. O sacrário era um local escuro e ameaçador, esculpido em severo basalto e com um teto baixo sustentado por negras e ásperas colunas em forma de lanças cruzadas, o que ajudava ao ambiente opressivo e sufocante de quem queria os seus inimigos perto de si para melhor os poder matar. As paredes tinham rodapés e cornijas com espetos de ferro manchado com o castanho de sangue seco, e a iluminação difusa e intermitente era providenciada tanto por ardentes fogaréus de ferro negro ao longo das paredes como pelos ocasionais bafos de fogo e faíscas semelhantes às resultantes do entrechocar de lâminas, e embora estas não se vissem, o silvar e a colisão de aço contra aço era um ruído constante no sacrário, bem como o perpétuo tilintar das correntes de engenhos de guerra. O odor cóbreo a sangue e a metal desnudado era pungente no ar, bem como um indistinto odor que formigava nas narinas e fazia o coração bater mais depressa, fervendo-o com o próprio sangue. De resto, a única decoração que ostentava além de uma inacreditavelmente variada coleção de panóplias eram as estátuas de guerreiros em posições de combate, estátuas feitas de armaduras ferrugentas que invariavelmente retratavam golpes finais ou mutuamente mortais. Os suplicantes vertiam de cadinhos sujos de fuligem e dependurados de correntes, coloridos de um laranja de metal fundido e silvando como lava em contato com água enquanto chapejavam sobre calhas de ferro, ao longo das quais escorriam, sendo bafejadas por foles de fogo que tanto mais os abrasavam, presos além da sua vida numa existência volátil e conflituosa. Assim se conservava a ferro e fogo a sua belicosidade, com a qual contribuía para o favor da batalha daqueles que oravam ao deus que serviam. O próprio sacrário era um campo de batalha habitual entre Azigoth, Divaroth e uman, que nele se

digladiavam com o aval do deus que nele regia, mas desta vez o combate fora um massacre, e apenas os azigoth permaneciam vivos, observando a cena escondidos nas sombras e atrás das colunas basálticas.

— Acredita que eu não derivo qualquer prazer disto, Gilgethan — assegurou Seltor ao deus da guerra, dando um passo para o lado com Dalshagnar de ponta baixa. — E embora duvide de que me estejas sequer a ouvir com o sangue a rugir-te aos ouvidos, fica sabendo que isto tem de ser feito.

Gilgethan não respondeu, limitando-se a sangrar e ofegar de dentes cerrados, fazendo com que os seus tendões e o couro que o revestia ragessem com a tensão nos seus músculos.

— Como já debes ter reparado, o meu sangue exacerbou a tua faceta de destruidor — explicou O Flagelo. — Estás descontrolado, descoordenado, desnorteado; já me deste o teu melhor, e eu ainda aqui estou. Acabemos isto, para que não tenhas de sofrer mais.

As palavras de Seltor serviram apenas para enraivecer mais ainda Gilgethan, que desprendeu um possante urro ao apartar as salivantes maxilas, levando a sua maça atrás e investindo contra O Flagelo, que caminhou calmamente para o interceptar. Os pesados passos do deus da guerra ressoaram no piso basáltico como o tropel de uma carga de cavalaria, e o seu urro contínuo ressoou pelo sacrário qual trompa de um arauto de destruição, mas Seltor limitou-se a estender a aberta mão esquerda enquanto avançava, soltando uma roaz e furiosa descarga de poder que distorceu o ar como as ondas de calor de um sol negro, dilacerando a pele de Gilgethan e cobrando em sangue o inexorável avanço do deus da guerra. Urrando mais alto ainda de boca escancarada e com farrapos da sua pele a ficarem

deixados para trás a meio de gotículas de sangue, Gilgethan foi contra o cerne da tetra vaga que o flagelava, pronto a esmagá-la com a sua maça, triturar-lhe os ossos, espalhar-lhe os miolos pelo chão, fazer com que os seus olhos saltassem, rachar-lhe os dentes e lacerar-lhe a garganta com os fragmentos...

Mas então a onda negra cessou, e Seltor investiu com desnatural rapidez para penetrar na abertura forçada a dor e sangue, trespassando o ventre de Gilgethan de um lado ao outro com Dalshagnar, que desabrochou de forma sangrenta da ilharga do deus da guerra, fazendo com que este se enterrasse até metade do comprimento da lâmina negra. O urro cessou, e os cantos da boca de Gilgethan baixaram-se quando dela saiu um chio gutural, que se converteu num sufocado e vibrante grunhido quando O Flagelo o ergueu, levantando-lhe ao de leve os pés do chão e dilacerando-lhe a carne e intestinos antes de encalhar a lâmina na base das suas costelas. Debaixo das sombras do seu elmo, os olhos de Gilgethan arregalaram-se, distinguindo-se bem neles o branco entrecruzado de veias sinuosas, e o deus deixou a maça cair com um pesado ruído metálico no chão.

— Morrerás como de ti seria de esperar — disse-lhe Seltor sem qualquer tom chistoso na voz, empunhando Dalshagnar com ambas as mãos. — Como um guerreiro.

Dito isto, o Anátema alçou o deus da guerra sobre a sua cabeça, rachando-lhe as costelas ao fazê-lo e invertendo o sentido do movimento com um sacão para a frente, após o qual a Língua Negra abriu a barriga de Gilgethan, que de seguida tombou de costas atrás das de Seltor com a vida e as divinas tripas a serem despejadas da sua barriga. O deus ainda estorceceu no chão, debatendo-se com a inevitabilidade da sua morte enquanto se

esvaía em sangue, mas Seltor ignorou-o nas vascas da sua morte, erguendo Dalshagnar até ficar com a ponta ao nível da cara e observando o corredio jogo de cores entre o vermelho sangue de um deus e o azul e cinzento dos divaroth e uman que matara. Gilgethan conseguira entretanto virar-se de barriga para o chão, no qual se alastrava uma poça vermelho-escura, e assentou nele as mãos escoriadas numa última e desesperada tentativa de se erguer, mas as suas forças escorriam-lhe pela barriga fora, e apenas conseguiu erguer debilmente o torso com braços trêmulos, batendo por duas vezes com a frente do elmo no chão. Seltor suspirou, baixando a lâmina e virando-se então para o moribundo deus da guerra, que soltou um suspiro seu, o último, morrendo de braços e pernas espriados diante d'O Flagelo.

Tal como todos os outros, a pele de Gilgethan começou a luzir, sendo que a sua fulgiu com uma luz alaranjada que alumiou mesmo a armadura por dentro, e o deus começou então a desincorporar-se, com pele, músculos e armadura a desagregarem-se numa série de luminescentes partículas laranjas. Essas partículas jorraram de seguida para os vários fluxos de suplicantes que vertiam dos cadinhos dependurados de correntes, interrompendo brevemente o seu fluxo, que foi seguidamente retomado a um ritmo mais acelerado, com cada uma das partículas a vibrar como uma lâmina que acabara de embater contra pedra, até que de repente desapareceram todas com um agudo e estridente ruído de aço a rilhar contra aço e uma relampejante faísca, após a qual a escuridão desceu no sacrário.

«*Está feito, então*», pensou Seltor ao embainhar Dalshagnar, confortável na inescrutável escuridão que se instalara. Gilgethan fora o último, e causara-lhe menos reservas do que qualquer um dos outros deuses,

pelo que não se deteve em considerações nem esperou que os azigoth lhe dirigissem palavra como até agora sempre tinham feito, desincorporando-se ele também na sombra e desaparecendo.

Estava definitivamente feito. Agora sim, poderia dedicar-se a Allaryia.

UMA OFERENDA INESPERADA

Reinava uma tremenda atividade em Horavog no dia em que era esperado o poderoso *garding* Knorl, e embora o tempo estivesse frio e ventoso com o céu carregado de nuvens túmidas, as gentes da quinta labutavam que nem formigas. Estavam todos cientes da importância do banquete daquela noite, pois dele poderia depender a sobrevivência de Horavog, e todos desempenhavam o incumbido papel com afinco. Os escravos empilhavam a madeira para as fogueiras e preparavam os dois carneiros mortos para o festim, substituíam o óleo de peixe das lamparinas e limpavam as tábuas que iriam assentar sobre os cavaletes, e enquanto falavam uns com os outros, apercebiam-se de que não se lembravam da última vez que fora feita tal limpeza na quinta. O piso de terra batida foi coberto por uma nova camada de feno misturado com folhas de angélica-silvestre seca para lhe dar um odor aprazível, e todos vestiram as suas

melhores roupas para a ocasião, sendo mesmo os escravos obrigados a irem banhar-se na fonte de água quente mais próxima. Oska queria evidentemente jogar com tudo a seu favor, e, dadas as circunstâncias, ninguém a podia culpar ou acusar de exagero. Uma aliança com Knorl, ou mesmo uma singela declaração de amizade da parte do poderoso *garding*, desencorajaria futuras picardias de Skoísvein, e certamente que o dissuadiria de simplesmente atacar Horavog. Os skrimmen já eram outro assunto, mas o que era certo é que a quinta ficaria muito melhor com Knorl do seu lado do que sozinha e isolada contra a ganância de uns e a selvajaria de outros.

Perdidos no meio de tanto bulício, os eahlan tentavam ajudar como podiam, mas regra geral os wolhynos limitavam-se a abanar as cabeças, recusando a sua assistência como se não fossem dignos de tal.

Hanal e Eluana sentiam-se particularmente perdidos, incapazes de providenciarem orientação como estavam habituados e incapazes de ignorarem a impressão de que não passavam de fardos. O séquito dos Lasan partilhava desse sentimento, pelo que os eahlan permaneciam sentados na bancada que lhes fora designada, afagando as cabeças das suas crianças e aguardando em meditabundo silêncio enquanto a quinta se preparava para a festa em seu redor. O que acontecera com Quenestil e Slayra em muito contribuíra também para o seu presente estado de espírito, tendo-os chocado a todos e deixando-os entristecidos. Slayra deixara a quinta inteira em polvorosa ao sair a correr para o celeiro, e quem a seguira acabara por deparar com a cena que deixou a eahanoir quase catatônica. Além de Slayra, Deadan e Talin, o filho mais novo de Hanal, também presenciaram a cena que chocara todos, segundo alguns mesmo ao próprio Quenestil, ao ser apanhado a fornicar com a *kuvamora*. A skrimmen fora a única que não

parecera minimamente chocada, nem sequer incomodada por estar quase nua e exposta a olhos desconhecidos, limitando-se a recolher-se ao seu canto à espera que alguém a tornasse a amarrar. Tardou até que alguém o fizesse, e se não tivesse sido pela chegada de alguns wolhynos ao celeiro, os cinco poderiam ter ficado ali especados a noite inteira sem se mexerem, tal fora o impacto daquilo que haviam presenciado, um impacto que se repercutiu nos dias seguintes, pesando na consciência de todos, e sobretudo na de Quenestil.

O eahan não ficara muito melhor que Slayra, e enquanto que esta se retraía com um frio glacial em reação ao que vira, Quenestil inverteu completamente a tendência das passadas semanas, e tentou por todos os meios falar com a eahanoir, que contudo se manteve irredutível. Os últimos quatro dias em Horavog tinham sido difíceis, tanto para quem sabia o que ia nos corações dos dois eahan, como para quem apenas compreendia o que se estava a passar observando os olhares de ambos e a sua tensa linguagem corporal. Quenestil em particular parecia arrasado, talvez mais ainda que Slayra, e martirizava-se a olhos vistos pelo que fizera, evidentemente incapaz de lidar com o preço de uma ação que tinha por tão condenável. Com as mãos enfaixadas e a sua cabisbaixa postura, estava com uma figura lastimosa, mas era por dentro que mais sofria. Tentou explicar-se, nunca com o intuito de se justificar, mas numa tentativa de relatar as causas daquele que tentava fazer crer que não passara de um acidente. Slayra manteve-se todavia irredutível no seu silêncio, mal reconhecendo a existência de Quenestil enquanto amamentava os seus filhos ou falava com outras pessoas na presença do shura, mesmo outros wolhynos. Foi só então que Quenestil se deu conta de que Slayra fora entretanto aprendendo

algumas palavras de Hjrutmalv, sendo já capaz de articular frases limitadas minimamente inteligíveis. Porém, recusava-se terminantemente a partilhar qualquer palavra que fosse com o eahan, independentemente da língua, forçando-o a tentar falar indiretamente com ela através dos eahlan. A boa índole dos eahan brancos não lhes permitia condenarem Quenestil pelo que fizera, e ainda que para tal estivessem inclinados não o fariam, pois tinham o shura em grande conta, mas estavam claramente desiludidos com ele. Nenhum lhe negou um ouvido ou um ombro amigo, mas todos foram igualmente incapazes de conseguir transmitir com sucesso as palavras que Quenestil destinara a Slayra.

Ao quarto dia desde a fatídica noite no celeiro, a situação permanecia praticamente na mesma, sendo que Slayra falava cada vez mais com outras pessoas e Quenestil se ia tornando cada vez mais retraído. A única diferença residia no fato de não fugir para os montes e isolar-se como o fizera de todas as outras vezes, mas permanecia em Horavog sem saber ao certo para onde se virar, evidentemente com vontade de se aproximar de Slayra mas sem noção de como o fazer. Tentava forçosamente não refletir acerca de qualquer significado obscuro daquilo que acontecera com a *kuvamora*, nem acerca de quais teriam sido as verdadeiras intenções de Ihjseorn ao convencer ambos a efetuarem o ritual, nem sequer da latente ligação mais apurada que agora sentia com o espírito do volverino, de tão perturbado que estava com o que acontecera. Os eahlan não lhe podiam valer, Deadan não tinha quaisquer palavras de conselho, e ainda que estivesse suficientemente desesperado para recorrer aos wolhynos, estes estavam demasiado ocupados com os preparativos para a vinda de Knorl para lhe darem grande atenção. A maior parte dos habitantes dava a

impressão de estar lentamente a habituar-se à presença dos feéricos eahlan, da misteriosa eahanoir, do siruliano revestido de aço e de Quenestil, que continuavam a respeitar, mas pelo qual evidentemente nada poderiam fazer para o ajudar em assuntos do coração.

Quenestil não esquecera a *kuvamora* — muito pelo contrário, pois esta pesava-lhe na consciência —, mas no seu presente estado de espírito não se permitia a si mesmo pensar nela ou no destino que Oska lhe reservara e que o repugnara. Apercebera-se vagamente de que a estavam a preparar para ser apresentada a Knorl, mas não mais ousou ir vê-la ao celeiro, nem sequer perguntou por ela nem tentou obter mais detalhes. Acontecera algo entre ambos, algo que parecera de certa forma preordenado e que não fora causado somente pelo que apenas conseguia definir como um segundo acesso de fúria inflamado pela necessidade de apaziguar as dores causadas pelo primeiro. As suas mãos ainda estavam enfaixadas com ligaduras embebidas em água salgada, mas como qualquer um poderia ver, os ferimentos que mais atormentavam o eahan não eram os da carne. Não só isso, mas também o moía o fato de se sentir verdadeiramente vivo e desperto pela primeira vez em semanas. Moía-o por não o achar correto, o sentir-se vigoroso após aquilo que fizera, mas o que era certo era que nem mesmo o seu sentimento de culpa conseguia amainar a nova energia que parecia correr-lhe pelas veias. Algo despertara dentro do shura após o que sucedera com a *kuvamora*, algo que certamente nele estivera latente todo aquele tempo, esperando apenas pela altura certa para ser liberto, e por muito que evitasse pensar nisso, acabava fatalmente por dar consigo em considerações que apenas o faziam sentir-se mais culpado.

Assim passou o dia para os convidados de Horavog, em

constrangido silêncio, em culposa reflexão e em triste inatividade, até que o sol se pôs e um rapaz de cabelos cor de linho surgiu a correr à porta, anunciando a vinda de Knorl, senhor de Knorlvog. O buliçoso ritmo constante que se verificara na quinta durante o dia acelerou então, ordens foram berradas, a fogueira foi atizada e escravos ruivos começaram a correr de um lado para o outro em cumprimento das suas tarefas. Hjlinar parecia perdido, andando de um lado para o outro e distribuindo ordens túbias que não passavam de repetições daquilo que a sua mãe dissera. Oska comandava os seus servos como um general no campo de batalha, assistida pelo seu comandante, Agtor, enquanto Yhtte se limitava a ajudar como uma comum serviçal. Quando ficou satisfeita com a forma na qual as coisas estavam dispostas, dirigiu-se então a Quenestil e, através da tradução de Agtor, comunicou-lhe os lugares que desejava que ele e os eahlan ocupassem, pedindo-lhe ainda que ostentasse o arco e a faca quando Knorl chegasse e que Deadan estivesse igualmente apetrechado. Dizê-lo ao siruliano fora desnecessário, mas Quenestil teve de ir buscar as suas armas, estranhando o pedido mas com demasiadas coisas na cabeça para se ocupar a questionar a solicitação da mulher. Slayra mantinha-se aparentemente alheia à situação, observando simplesmente todos menos Quenestil com atentos olhos azuis e um friamente inexpressivo semblante.

Oska chamou então os seus dois filhos para perto de si diante da entrada para receberem Knorl, pigarreando em antecipação, alisando a sua saia e ajeitando a touca. Usava um vestido azul-escuro com um xaile da mesma cor de entrecruzadas linhas vermelhas aos ombros, um dos seus últimos colares de contas de âmbar ao peito e o seu toucado branco retorcido nas têmporas em forma de cornos de carneiro. Hjlinar estava

apresentável, de borbulhenta cara escanhoadada e com uma fita vermelha com um padrão branco nela bordado à testa, embora não parecesse sentir-se muito à vontade com a sua ostentativa túnica azul de orlas bordadas no mesmo padrão da fita. Yhtte usava um despretenso vestido azul-bebé com um avental branco, cobrindo a sua cabeça com uma touca que apenas deixava entrever o rolo entrançado do seu cabelo, que lhe pendia numa trança loura sobre o ombro direito. Os eahlan envergavam roupas wolhynas, e com as mulheres de cabelos cobertos quase passavam despercebidos, até porque as crianças em pouco divergiam dos rebentos de Horavog, sendo que os únicos que destoavam verdadeiramente eram Quenestil e Deadan. O eahan devido às suas peles e orgulhosamente longos cabelos ruivos, e o siruliano devido ao seu arnês e punho do espadão sempre sobre o ombro. Slayra insistira em usar o vestido negro que as eahlanas lhe tinham feito, tendo-o mandado lavar no dia anterior, e usava o cabelo preso num rabo-de-cavalo. De todos os visitantes de Horavog, parecia ser a única que se preparara verdadeiramente para o banquete, tendo mesmo retocado os olhos com um pouco de fuligem que lhe intensificava mais ainda o olhar.

Horavog estava pronta, e os presentes aguardaram então a entrada de Knorl, que seria recebido no exterior por Agtor. Apesar do ambiente festivo, havia uma certa tensão no ar, pois ninguém se conseguia abstrair da importância do banquete e do quanto o destino da quinta dele poderia depender. Apesar de não lhes dizer direta-mente respeito, os eahlan também o sentiam, o que contudo apenas contribuiu para que ficassem mais calados e recatados. Por sua vez, e embora tivesse a impressão de que Oska esperava algo dele, Quenestil sentia dificuldades em concentrar-se na iminente situação em mãos, tamanha era a tempestade de emoções

conflituosas que lhe assolara o espírito nos últimos quatro dias e que lhe conseguira mesmo tirar os pensamentos da invasão tanarchiana. Em contraste, os outros pareciam mais concentrados no presente, e quando se ouviram ruídos da outra ponta da partição, todos ajeitaram roupas e cabelos e deram as últimas indicações às crianças, como se estas também estivessem prestes a tomar parte num teste que lhes poderia ser vital. As candeias ardiam com uma luz bruxuleante, criando jogos de sombra na grande sala e soltando um odor oleoso que carregava o ar em acréscimo ao calor e olor humano que nela reinava. Todos olharam para o vulto escuro que se revelou do outro lado da partição, acompanhado de saudações nervosas, do ranger de correias de couro e do tilintar de cota de malha. Oska tornou a pigarrear e sussurrou algo ao filho, roçando-lhe o braço com os nós dos dedos, e Hjlinar limitou-se a fazer que sim com a cabeça como uma criança incomodada, incapaz porém de esconder o seu nervosismo. O primeiro homem que surgiu de cabeça baixa parecia demasiado novo para ser um poderoso *garding*, o que se confirmou quando este se posicionou ao lado da entrada. O segundo fez o mesmo, postando-se no lado oposto, e apenas o terceiro transmitia a segura impressão de ser Knorl, senhor de Knorlvog e alegadamente um dos mais poderosos *garding* dos Fiordes dos Piratas. Em termos de vestimentas não se esforçara de todo como os habitantes de Horavog, envergando apenas um jaco de cota de malha com cinto sobre uma túnica branca, calças cinzentas, sapatos de viagem e uma capa negra presa ao ombro por um broche. *Trazzia*, à cabeça um elmo com uma protecção nasal, duas laterais e uma para a nunca, e do seu cinto pendiam uma bainha com uma espada e outra com uma faca. Tal como os seus três homens, incluindo um que lhe veio na retaguarda, viera vestido como um

guerreiro, o que transparecia tanto no seu porte como nas suas armas e vestimentas. Olhando em redor, Knorl baixou então a cabeça e tirou o elmo, sobraçando-o e passando a mão enluvada pelos amassados cabelos castanhos de linha recuada. Tinha feições alongadas manchadas por um raso restolho de barba, com uma alta e luzidia testa, queixo fendido, nariz grande de ponta truncada e um par de estreitos olhos azuis realçados por longos e profundos pés de corvo. A imagem que nele transparecia era a de um homem que não alardeava o seu poder, mas que estava seguro e ciente dele, o que se refletia na segurança e confiança de cada um dos seus gestos. Oska fez-lhe uma vênica com a devida deferência, e Hjlinar seguiu o seu exemplo de forma mais atabalhoada, como se tivesse acabado de se lembrar do protocolo adequado. Com voz tibia, o rapaz saudou o visitante, açambarcando a sala em redor com um amplo gesto dos braços e colocando-a à sua disposição. Knorl retribuiu a saudação de forma brusca, mais interessado nos outros presentes do que propriamente no senhor de Horavog, que de qualquer forma sabia não ser senhor de coisa nenhuma.

Deadan foi o primeiro a atrair a sua atenção e a dos seus homens, sobretudo devido ao arnês e ao exposto punho do espadão, mas também pelo fato de, ao contrário de todos os outros, o siruliano estar a retribuir o seu olhar. Hjlinar olhou para a mãe, que fez discretamente que não com a cabeça, e o jovem nada disse. Knorl passou então os olhos pelos eahlan, franzindo ao de leve as sobrancelhas como se estivesse a estranhar o número de habitantes da reputadamente quase desabitada quinta, e então reteve o olhar em Quenestil. Ninguém disse nada enquanto Knorl estudava silenciosamente o eahan, evidentemente intrigado pelas suas selvagens vestimentas e pelo fato de estar a ostentar as suas armas, embora, ao

contrário do jovem arnesado, não retribuir o seu olhar de forma quase desafiadora. Dava apenas a impressão de estar ali contrariado, e nem aparentava estar concentrado na situação em mãos.

Oska bateu então ao de leve na mão do seu filho e este balbuciou algo a Knorl, indicando-lhe as mesas montadas em forma de U sobre cavaletes numa tentativa de dar início ao banquete. O *garding* não respondeu de imediato, fitando antes a mãe de Hjlinar e sorrindo-lhe, ciente do jogo de poder que a mulher estava evidentemente a jogar mas não se dando por achado e aceitando o convite para se sentar. A atmosfera desanuviou com o seu gesto, e todos se postaram diante dos seus lugares e esperaram que os presentes mais ilustres se sentassem. Não havia cadeiras, e as longas plataformas ao longo das paredes desempenhavam a função de assentos, exceptuando apenas o cadeirão de Hjlinar ao fundo da sala e as duas cadeiras para a sua mãe e irmã a seus lados. Knorl sentou-se à direita de Hjlinar e ao lado da mãe deste, sendo que o seu lugar na plataforma estava adequadamente fornecido com confortáveis peles, incluindo uma pregada ao poste que naquele lugar servia de recosto. O banquete não era propriamente um festim para os olhos, tendo em conta os recursos de Horavog, mas nunca a sala estivera tão apresentável como naquela noite, nem tão guarneçada de comida. Além dos dois carneiros dispostos sobre pranchas de madeira ensopadas de sangue e gordura, havia taças de talco com papas de líquenes, pão de musgo, lascas de bacalhau, manteiga azeda, duas cabeças de carneiro assadas na fogueira, morcelas, testículos e geléia dos cascos desses mesmos animais. Servos ruivos caminhavam em redor com cilindros de madeira, servindo os chifres de beber dos convivas com soro de leite, e então Hjlinar bateu duas vezes com as pouco confiantes

mãos, dando início ao banquete. Knorl teve direito a uma cabeça preparada para si e para os seus homens e não se fez de rogado, arrancando prontamente uma maxila e começando a roê-la como a uma perna de galinha. Um dos seus homens desembainhou a sua faca para arrancar um olho e foi-o trincando distraidamente enquanto olhava em redor, fixando-se freqüentemente em Deadan e Quenestil. Os dois também comiam, sendo que o siruliano o fazia com mais vontade que o eahan, que tinha efetivamente de se esforçar para se manter atento ao que o rodeava enquanto mastigava sem apetite. Sabia que o bem-estar de Horavog, e por arrastamento dos eahlan poderia depender do resultado do banquete, pelo que fez um esforço para ouvir o que estava a ser dito sempre que não estava de cara virada para Slayra na esperança de conseguir que os seus olhares se cruzassem.

A conversa pareceu-lhe inicialmente superficial e de circunstância, com Oska e Knorl a inquirirem cordialmente acerca do gado de cada uma das quintas, partilhando os seus dissabores e problemas, nos quais Horavog era evidentemente mais pródiga. O *garãing* ia olhando para Quenestil e Deadan enquanto falava, provavelmente numa tentativa de trazer indiretamente o assunto à baila, mas pelo que o eahan ia percebendo, a mulher nunca abordou o tópico de estranhos visitantes na quinta. Tão banal era a conversa que Quenestil teve sérias dificuldades em permanecer concentrado nela, debatendo-se com uma crescente vontade de sair da sala, que apenas aumentava de cada vez que olhava para Slayra e era ostensivamente ignorado por esta. A eahanoir comportava-se à altura da ocasião, falando com as entristecidas eahlanas aos seus lados e mantendo uma postura discreta e recatada enquanto comia. Quenestil nunca a vira tão

à vontade desde que haviam desembarcado nos Fiordes, e a única coisa que nela estranhava era o fato de ir olhando ocasionalmente para a entrada, como se estivesse à espera de algo ou alguém. De volta à conversa de Knorl e Oska, apercebeu-se de que os dois falavam agora dos problemas de Horavog com Skoísvein e os skrimmen. Apesar de o *garðing* tornar a olhar para ele, não percebeu se Oska referira ou não a sua participação nos confrontos, pois duas raparigas ruivas começaram a tocar uma flauta de osso de ovelha e uma harpa, enquanto que um wolhyno barbudo e de voz cava soltou as primeiras duas notas de uma canção em Hjrutmálv que, aliada ao burburinho dos convivas, lhe praticamente impossibilitou a tentativa de ouvir o que os dois falavam. Privado do único motivo que tinha para ficar atento, Quenestil deixou-se esmorecer novamente até ao seu estado sorumbático, e não mais prestou atenção ao que se passava em seu redor, marcando presença apenas porque Oska lho pedira e debicando dos pratos sem grande apetite.

O resto do banquete decorreu sem acontecimentos de maior, com generosas e para Horavog pouco habituais porções de comida e bebida, e música a acompanhar. Os habitantes aproveitaram e empanturraram-se, os visitantes usufruíram da hospitalidade e o ambiente foi-se tornando mais descontraído à medida que barrigas cheias iam aligeirando a disposição de todos. Sorrisos principiaram a rachar-se em semblantes carregados, conversas díspares e separadas animaram-se sem subirem de tom, e toda a tensão que se verificara no início foi-se dissipando, até porque o próprio Knorl já dava mostras de um grande à-vontade com Oska, partilhando com ela e com os seus homens algumas gargalhadas e aliviando a dura máscara

de guerreiro que trouxera para o interior. Continuava a lançar a ocasional olhadela indiscreta na direção de Quenestil e Deadan, e a forma conspícua com a qual de seguida se virava para Oska dava a entender que não pretendia sair de Horavog sem ter a sua curiosidade satisfeita. A mulher não parecia contudo disposta a ceder tão facilmente, e invariavelmente passava a palavra a Hjlinar, que quase suava para tentar manter uma conversa. Assim se mantiveram as coisas, até que a música acabou por esmorecer e o cantor entoou as suas últimas palavras, terminando com um decrescente vibrato até baixar por completo a cabeça e os braços que tivera erguidos. Oska tocou então na perna do seu filho debaixo da mesa e Hjlinar levantou-se, pedindo silêncio com as mãos e despertando Quenestil das suas taciturnas reflexões ao desobstruir a garganta. Ao que parecia, chegara a hora de presentear o ilustre convidado com uma oferenda adequada, e para esse efeito o rapaz indicou a Agtor, Quenestil e Deadan que a fossem buscar. Algo surpreso por se ver entre os nomeados para a solene tarefa, o eahan demorou alguns instantes a acatar o pedido, olhando à volta com ar confuso antes de se erguer ao ver Agtor acenar-lhe com a mão. Viu-se igualmente retido pelos olhos de Slayra, que apenas então se dignaram a fitá-lo, retendo-o com toda a força de uma condenação irrevogável que lhe desenterrou a farpa que se lhe alojara no coração, dilacerando-lho.

— Vamos, Quenestil Anthalos? — segredou-lhe Deadan ao seu lado, sempre desconfiado de qualquer coisa que o afastasse dos eahlan.

— Eu... — tartamudeou o eahan, desviando o olhar de Slayra e virando-lhe as costas ao subir para cima da plataforma. — Sim. Vamos.

Os dois foram então ter com Agtor à saída, e o antigo mercador abriu prontamente a porta, estendendo um braço para que os dois

passassem à sua frente e saindo de seguida para o gélido exterior, onde uma violenta ventania alisava a relva do terreno em redor como uma grande mão a afagar uma carpete crespa. Os aulidos do vento varriam Horavog como o pranto de cães celestiais, entre os quais apenas se ouvia o violento marulhar das vagas contra as falésias, além das quais se via o mar de ondas encapeladas, com a espuma branca a destacar-se ao sombrio luar. As resistentes ovelhas dormiam encostadas ao edifício ou aglomeradas, pouco mais que bolas de lã à mercê da intempérie. Os três avançaram a passo rápido e de cabeças baixas na direção do celeiro, sendo que Quenestil ia mais recuado que Deadan e Agtor. Era-lhe porém impossível partilhar das suas reservas, pois o vento arrancar-lhe-ia ferozmente as palavras da boca e dispersá-las-ia pela costa fora, pelo que meio os seguiu meio foi arrastado até à porta do celeiro, que Agtor abriu e pela qual entrou, balbuciando de frio e esfregando as mãos geladas no interior.

— Que friasco! — comentou. — Já viram como o vento rasca?

Deadan nada disse, e Quenestil apenas balbuciou a tentativa de uma resposta, hesitando em fechar a porta e olhando com uma expressão quase receosa na direção da última baia, na qual sabia encontrar-se a *kuvamora*. Ainda quis perguntar ao wolhyno qual a razão de Oska o ter escolhido para vir buscar a mulher, bem como os motivos da sua presença no banquete e qual o interesse em manter o *garding* Knorl na expectativa quanto à sua origem, mas o entrar no celeiro assolou-lhe a mente com uma rápida sucessão de memórias dos momentos que antecederam o imperdoável ato que cometera. As suas perguntas perderam-se, e o shura deu novamente consigo simplesmente a seguir Agtor, dando um passo para cada dois do humano.

— Espero que não te importes, Quenestil — disse Agtor, estalando a língua e os dedos ao passar por uma vaca. — Oska quis que tu e o Deadan estivessem presentes para Knorl não pensar que Horavog está a pregalhar... apesar de estar. Para que ele visse que Horavog ainda tem algumas coisas que... bem, sabes o que dizem, que às vezes é melhor mostrar só o punho da espada em vez de a desembainhar?

Quenestil não respondeu e Deadan nada disse, querendo apenas despachar quanto antes o que havia a tratar para poder regressar o mais rápido possível para perto dos eahlan.

— Knorl não é tolo, sabe que Horavog precisa de ajuda — continuou Agtor, inabalável diante do silêncio dos seus dois companheiros. — Mas Oska queria que ele visse que nós... *oh*.

Deadan retesou-se antes de Quenestil ao ver Agtor estacar diante da última baía, apoiando-se numa das divisórias assim que viu o que esta escondia. Levando de imediato a mão ao punho do espadão sobre o seu ombro, o siruliano alarmou suficientemente Quenestil para que este despertasse do seu culposo torpor, avançando então ele também com passos que ainda assim se arrastaram ligeiramente pelo feno do chão.

— *For dr darma...* — praguejou o wolhyno em surdina, levando a mão à boca e apoiando-se na divisória da baía com a outra.

— O que foi? — quis Quenestil saber, ousando por fim passar pelo wolhyno e olhar para o interior da baía por ele quase destruída havia poucos dias.

A *kuvamora* jazia nela, espaiada no feno numa posição fetal agarrada à barriga e com uma taça de madeira revirada de leite coalhado entornado a seu lado. Quenestil foi o primeiro a ajoelhar-se diante da mulher, pegando-

lhe pelos ombros e sacudindo-a, o que apenas fez com que a cabeça da *kuvamora* abanasse, lassa e com os seus sebosos cabelos louros a penderem em mortíça cascata. Alarmado, o eahan levou-lhe os dedos à garganta numa vã tentativa de lhe sentir o pulso.

— Está morta — disse em incrédula surdina, olhando então para os seus companheiros. — Está morta.

Agtor manteve a mão na boca, praguejando entre barba e dedos, mas a única reação de Deadan foi franzir as sobrancelhas sem que os seus penetrantes olhos cinzentos traduzissem outra qualquer emoção além de mórbida curiosidade. Porém, esta bastou para que o jovem Ajuramentado se ajoelhasse ao lado de Quenestil, pedindo permissão com um grunhido para pegar com as mãos na cara da mulher, que virou para si sem grande delicadeza. Deadan emitiu um conhecedor grunhido gutural ao ver os finos lábios roxos da *skrimnen*, e ao abrir-lhe o olho com um polegar acerado e reparar na pupila dilatada, a sua grave boca comprimiu-se e o *siruliano* largou a cabeça da mulher, apoiando o cotovelo no joelho e olhando para Quenestil.

— Foi envenenada, Quenestil Anthalos — disse prosaicamente, passando o indicador pelo leite coalhado entornado no chão e levando-o perto da cara, remexendo nele com o polegar e distinguindo pequenos pedaços de folhas secas e esmagadas entre o coalho e feno. — Veneno de teixo. O *meu* veneno de teixo.

— Teu...? Teu? — tartamudeou Quenestil, abalado.

— Dei-o aos Lasan quando partimos para combater os *Skrimmen*... para o caso de acontecer alguma coisa — explicou-se Deadan, visivelmente confundido. — Não sei como veio parar aqui.

Agtor praguejava agora apenas em Hjrutmalv, levando ambas as mãos à cabeça e puxando os ralos cabelos castanhos, vendo a vida a andar para trás. Quenestil ainda estava meio retido pelo choque, e de entre os três foi Deadan o único a agir, levantando-se de punho cerrado e narinas frementes.

— Quem usou o meu veneno? — exigiu saber, apontando acusadoramente para Agtor. — Foram vocês?

— O quê? Nós o quê? — balbuciou Agtor, largando a cabeça e erguendo seguidamente o tom de voz. — Cala-te, gaiato! Não tens desdouro? Escocharam a *kuvamora*, a peita de Knorl! *Oí, farrbarn...* — lamentou-se novamente.

— Veneno...? — perguntou Quenestil a ninguém em particular, olhando para a perturbada cara de uma mulher que morrera em sofrimento e sentindo o dente de volverino pesar-lhe ao pescoço.

— Oska tem de saber... — disse Agtor, pousando as mãos sobre as ancas e abanando a cabeça. — Tem de saber.

— Agtor, espera — pediu Quenestil ao ver o homem dirigir-se para a porta. O choque despertara-o da sua depressiva modorra, e não podia contudo deixar de sentir que algo de importante se iria passar, pois os planos de Oska tinham acabado de ruir, os planos dos quais o destino de Horavog poderia bem depender.

— Tem de saber... — repetiu o wolhyno maquinalmente, abanando a cabeça enquanto andava e saindo porta fora em emergente urgência.

— Agtor...! Porra! — praguejou o eahan ao esticar a cabeça para fora da baia e ver a porta ficar a abanar ao vento. — Deadan, fica aqui com ela — pediu sem saber ao certo porquê, erguendo-se de seguida para seguir

o humano.

O siruliano nada disse, permanecendo na mesma posição e de rosto sombrio, ainda com um punho cerrado e soerguido, como se quisesse agredir alguém. Quenestil não esperou para ouvir o que o jovem tinha a dizer e foi atrás de Agtor, que corria desalmadamente em direção ao edifício principal numa reta ondulada pelo forte vento. O shura correu no seu encaço, entrando de rompante pela porta que Agtor deixara aberta e empurrando para fora do seu caminho um servo ruivo que a viera fechar. Quando chegou à sala principal, viu que as mesas já tinham sido arrumadas e que os presentes se tinham dividido nos seus grupos habituais: Slayra e os eahlan, os escravos ruivos, as mulheres e as crianças, os homens, e Oska e os seus filhos na parede oposta à entrada, sendo que esta última tinha a companhia adicional de KnOrí e os seus homens. Ao seguir apressadamente Agtor, Quenestil não se apercebeu da eahanoir a erguer a cabeça diante da sua passagem e levantar-se de seguida. Agtor já se acercava de Oska, que o olhava de sobranceiras franzidas, evidentemente admirada por este não trazer a *keuvamora* consigo. A sua surpresa foi partilhada pelos restantes presentes na sala, que cessaram as suas conversas, ficando todos a olhar para o antigo mercador num silêncio apenas quebrado pelos residuais gracejos dos homens de Knorl, que se calaram também ao verem que eram os únicos a falar. Agtor deteve-se diante de tanta atenção, olhando alternadamente para Oska e KtiOrl, que sentiu que algo de errado se passava, incrementando prontamente os níveis de tensão na sala quando os seus homens olharam desconfiadamente para os seus circunstantes. Havia armas no recinto, e naquele momento poucos foram os que se sentiram confortáveis sabendo-o.

— Oska... — disse Agtor, hesitando. — A nossa oferenda...

— Sou eu — ouviu-se uma voz inesperada dizer.

Todas as caras se viraram incrédulas para Slayra, que caminhava com sedutores requebros na direção de Knorl, mãos sobre as ancas enquanto meneava estas com sinuosos gestos serpenteantes. Bocas descaíram, olhos avivaram-se e o *garding* recuou ligeiramente a cara, arregalando as interessadas sobrancelhas ao ver a exótica mulher vestida de negro e com cabelos cor de meia-noite vir ao seu encontro. Os seus olhos ardiam com uma chama azul, dando a ilusão de incrementar a fuligem que já de si lhos realçava, e a sua boca estava sugestivamente entreaberta, prometendo prazer sem nada dizer. A eahanoir deixava propositadamente entrever as pontas das suas orelhas entre os cabelos presos, tentando o olho sem contudo revelar demasiado, tal como faria com uma outra parte sua mais íntima, toda ela um fruto misterioso tentadoramente revestido por uma casca na forma do seu modesto e nada revelador vestido.

— Sou a fêmea que veio com o macho vermelho do grande azul — continuou, dando mostras do que até então conseguira aprender de Hjrutmalv, o seu sotaque alienígena e contudo cativante aos ouvidos dos presentes. — Horavog dá a mim para o grande *garding* Knorl.

Uma vez diante deste, Slayra levou uma perna atrás da outra e flectiu-as a ambas, cruzando-as numa elaborada vênica desconhecida naquela região nortenha, o que tanto mais reforçou o seu exotismo. Knorl estava visivelmente agrado, e enquanto apreciava a eahanoir dos pés à cabeça, esta puxou o cabelo para trás da orelha com um gesto lânguido, revelando sedutoramente uma curvilínea orelha pontuda, o que avivou mais ainda os olhos de Knorl. Satisfeito, o *garáing* virou a cara para Oska, mas esta estava

especada a olhar para a eahanoir, abrindo e fechando a boca com palavras que não estava certa de querer ou não pronunciar. As eahlanas levavam as mãos às bocas, Hanal e Eluana tinham as suas abertas, e os restantes presentes partilhavam entre si toda uma série de reações estupefatas. Quenestil fora fulminado pelo que vira e ouvira, e sentia nos pés o coração, cuja abrupta queda lhe abalara os joelhos e por pouco não o fizera cair. O choque sobreposto ao de ter visto a *kuvamora* morta deixou-o incapaz de reagir ou falar, e momentaneamente mesmo de respirar. Indiferente a todos menos a Knorl, Slayra olhou contudo para trás por cima do ombro, e os seus olhos encontraram os siderados orbes de Quenestil. O gelo azul tantas vezes partido pelo pétreo cinzento mostrou-se mais frio e duro que nunca naquele singelo olhar, fazendo a pedra estalar com um frio mais penetrante que o do vento que uivava no exterior. Em contraste, os quentes arroubos que assolavam o corpo do shura pareciam provir de uma imensa ferida dentro dele reaberta com toda a violência de uma traição revelada, sangrando golfadas de aflição e de culpa, e rebentando por se ver incapaz de comportar a crua enormidade da realidade que presenciava.

FUGA DO NINHO

Worick subia com o camareiro as escadas em espiral da torre do belver de Allahn Anroth, escoltado por quatro guardas armados de partazanas. O fidalgo arrastava a longa falda pelos degraus, e a julgar pelo alinhamento dos seus olhos papudos e boca sapuda, não parecia particularmente satisfeito por ali estar, mas a oferta que Worick fizera ao seu senhor não podia ser recusada de ânimo leve. Por muita vontade que lorde Aereth efetivamente tivesse de levar a guerra a lorde Sunlar, a garantia da parte do thuragar de conseguir convencer a princesa a dialogar com o pai e a sugerir-lhe uma alternativa pacífica não podia ser simplesmente ignorada, sob pena de o senhor de Ul-Thoryn parecer um açougueiro sanguinário. Ainda assim, lorde Aereth mostrou-se relutante, tendo em conta os preparativos que já haviam sido efetuados, e foi necessária a sugestão de obrigar Lhiannah a apresentar condições extremamente vantajosas para Ul-Thoryn para que a paz pudesse ser alcançada, condições essas que nenhum regente com um mínimo de orgulho e dignidade aceitaria. Lorde Aereth acabou por aceder e permitir a Worick ir visitar a princesa com a promessa de a convencer de que tais condições seriam a melhor alternativa para o seu pai, certo de que lorde Sunlar as veria como um mero insulto.

O thuragar vestia uma túnica e calças azuis com sapatos de ponta afilada, caminhando desajeitadamente com tão distinta indumentária, e olhava cabisbaixo para o chão. Dava a impressão de se ter conformado e por fim rendido após tão feroz resistência, apresentando-se agora dócil e disposto a fazer aquilo que lhe mandavam. Era um papel que lhe custava, mas que cumpria a bem da verosimilhança da tramóia que Taislin engendrara, e aproveitava o estar de cabeça baixa para rever mentalmente

aquilo que o burrik lhe dissera na mensagem. Ainda achava a idéia uma loucura, mas a seu ver loucura era preferível a clausura, pelo que ia já mentalizado para castigar mais ainda o seu ainda algo Convalescente corpo. O seu coração acelerou assim que chegaram ao topo das escadas, e foi-lhe retumbando cada vez com mais força no peito à medida que se aproximavam da porta vigiada por um guarda.

— Abram-na — comandou o camareiro, esfregando as mãos com o frio que se fazia sentir no cimo da torre assolada por correntes de ar. — Não demore muito tempo, general. O vosso pedido deixou lorde Aereth algo impaciente.

— Vou fazer os possíveis — acordou o thuragar de forma invulgar e forçadamente congenial. — A minha cachopa sempre foi um pouco casmurra, e gosta muito do pai, mas eu dou-lhe a volta.

O camareiro grunhiu em resposta, indicando com um gesto da mão ao guarda que se apressasse a abrir a porta.

— Devo retirar-me agora. Sereis posteriormente conduzido aos vossos aposentos, onde devereis aguardar o fim das festividades, após o que sereis chamado à presença de lorde Aereth. Discutireis com ele então os resultados da conversa com a princesa.

— Certamente — acedeu Worick, flexionando os dedos em antecipação quando a fechadura da porta fez um último clique e esta foi aberta por um guarda, que lhe fez sinal para que entrasse.

— Muito obrigado — ainda se conseguiu o thuragar forçar a dizer antes de entrar, tendo de seguida a porta fechada nas suas costas.

O Ninho era escuro e frio, alumiado por uma mortíça candeia no buraco tapado por mantas que servia de janela. Lhiannah encontrava-se

sentada no bloco de pedra que fazia as vezes de cama com uma manta aos ombros, um vulto melancólico de contornos coloridos de amarelo pela candeia e cabelos diante da cara, que contudo se ergueu à chegada do thuragar. Worick via bem no escuro, e mesmo em tão parcas condições de iluminação viu a expressão admirada na cara de Lhiannah, que contudo aparentou não o reconhecer à primeira vista, revelando porém logo de seguida uma incrédula surpresa que lhe embotou momentaneamente os sentidos, como se não se atrevesse a acreditar naquilo que estava a ver.

— W... Worick? — gaguejou com uma voz fraca.

— Cachopa...? — disse o thuragar, algo preocupado com a tibiez do tom de Lhiannah.

Tibiez essa que se dissipou de imediato quando a arinnir tirou a manta de cima de si com um brusco gesto dos braços, praticamente saltando de seguida para cima de Worick, cingindo-o com um abraço tenaz e enterrando-lhe a cara entre o ombro e o pescoço.

— Oh, Worick! — gemeu Lhiannah incredulamente, apertando o thuragar com tamanha força que este soltou um grunhido sufocado de olhos esbugalhados. — Deuses, como é bom ver-te! Tu não imaginas... tu não fazes idéia...

As palavras da princesa foram-se entaramelando, perdendo nexo e coesão e acabando por se desfazer num descontrolado pranto enquanto Lhiannah praticamente pendia dos ombros de Worick, que ia tropeçando para trás. Um tufo da barba era-lhe pressionado contra o repolhudo nariz pelo ombro da sua protegida, que nas vascas do seu desespero corria o risco de sufocar o thuragar.

— *Unf...* cachopa...

— Eu... eu pensei que nunca mais te veria, que ia morrer aqui — ouviu Lhiannah dizer contra o seu ombro, que começava a humedecer. — O Hepascar... ele disse que me matava... e o maldito Aereth... oh, Worick, como é que nós...

— Cachopa! — vociferou então Worick, conseguindo desenvencilhar-se o suficiente para a agarrar pelos braços e afastá-la bruscamente de si, dando-lhe em seguida uma sapuda chapada. — O que é que eu te ensinei? O que é que eu te ensinei, hã, cachopa?

Ao ver a cara de Lhiannah ainda contorcida numa lacrimante careta de baba e ranho, o thuragar desferiu-lhe outra bofetada, desta vez com as costas da mão.

— Dura! Dura que nem pedra! Insensível como a pedra! Não foi isso que eu te ensinei? — barafustou, sacudindo a princesa pelos ombros. — Hã? Foi ou não foi, cachopa?

Lhiannah fitou o seu mentor com olhos marejantes, fungando e soluçando com cabelos diante da cara e alguns colados à boca, curvada sobre ele e de ombros encolhidos pela força com a qual Worick lhos agarrava. Os duros e empedernidos dedos do thuragar passaram-lhe então pela cara, afagando-a com dura ternura e tirando-lhe os fiapos louros da frente.

— Pedra, cachopa. Agora tens de ser de pedra, tal como eu te ensinei — insistiu, mais brando.

Lhiannah deu dois últimos soluços, inspirando então profundamente e deixando-se descair sobre o thuragar ao exalar, abraçando-o com mais calma. Worick retribuiu então, apertando a sua protegida contra si antes de a afastar novamente, olhando-a com ar sério.

— Para já temos de sair daqui — disse, falando em voz baixa para que eventuais ouvidos do outro lado da porta não o escutassem. — O mafarrico deixou-te umas coisas.

Lambendo o muco no lábio superior com a língua e recompondo o seu vestido branco, Lhiannah fungou uma última vez e fez que sim com a cabeça, indo prontamente buscar o odre de vinagre, os dois trapos, o martelo e o cinzel que o burrik lhe trouxera na sua inesperada visita.

— Deixou também uma corda... para nós usarmos — disse Lhiannah, forçosamente mais calma e com a voz tensa de quem se estava a conter.

— Ótimo. Traz-me essa corda então, e vamos ver onde a podemos prender... — pediu Worick, pegando no martelo e cinzel e abanando a cabeça ao olhar para a latrina. — Não acredito que vou fazer isto...

— O... o quê? Tirar...?

— Hum-hum — guturalizou o thuragar, avançando para a latrina mas detendo-se como se tivesse acabado de se lembrar de algo. — Ah, é verdade.

Remexendo nas calças, o thuragar tirou delas uma elaboradíssima pedra do tamanho de uma pequena maca, que pousou sobre a mão de Lhiannah.

— A tua prenda de anos, cachopa. Atrasada.

A pedra estava impecavelmente esculpida na forma de uma elaborada runa angulosa e com pontas, polida e de arestas limadas.

— Esse calhau esteve debaixo do teu berço. Comecei a esculpi-lo a partir do dia em que partimos de Vaul-Syrith — explicou o thuragar sucintamente, desagradado com o sentimentalismo implícito. — É para te

proteger.

— Foi... — disse Lhiannah após alguns momentos em silêncio a olhar para a runa. — Foi isto que estiveste a fazer... este tempo todo?

Antes que o thuragar pudesse responder, Lhiannah tornou a abraçá-lo em agradecimento, e Worick fez que sim com a conformada cabeça, dando-lhe duas rápidas palmadinhas nas costas.

— Sim, sim. Vá, cachopa, temos trabalho a fazer — despachou-a, empunhando então martelo e cinzel e dirigindo-se à latrina. — Olha, eu pretensamente vim aqui para te convencer a falares com o teu pai.

— O quê? — perguntou Lhiannah, confusa.

— Não interessa, depois logo te explico — disse o thuragar, passando as mãos pela latrina para a estudar. — Agora finge que estamos a discutir, para que eles não ouçam o barulho. E vê se arranjas onde amarrar essa tal corda.

Worick assentou então a ponta do cinzel no espaço preenchido a argamassa entre a laje da latrina com assento de madeira e as cantarias, mas ao ver que a sua protegida continuava trôpega e atrapalhada, decidiu dar o exemplo.

— Nem pensar! — berrou. — Vais fazer isto, e ponto final, minha menina!

— O quê? Mas queres que eu...? — perguntou Lhiannah em voz insuficientemente alta.

— E não resfolegues! — berrou novamente, desferindo a primeira martelada. — Vais dizer o que lorde Aereth bem entender!

A princesa percebeu por fim, embora a simples menção a Aereth tivesse provavelmente por si só bastado, pois a testa de Lhiannah franziu-se

de ambígua raiva ao ouvir o odiado nome, e a sua boca e nariz formaram o esgar de um animal que rosnava.

— Tu não mandas era mim! — berrou, e Worick acenou aprovadoramente com a cabeça, tenteando então a latrina em busca dos seus pontos fulcrais. Estava escuro, mas com o seu tato, o thuragar dispensava luz — Nem penses que eu vou fazer isso!

— Pouco barulho! Não é altura de te armares em menina mimada! — vociferou Worick, desferindo duas secas marteladas que racharam argamassa e deslocaram ligeiramente a laje da latrina.

— E não é altura de *tu* te armares em meu pai! — redarguiu Lhiannah, tirando as mantas da janela e pegando na corda que escondera atrás delas, desenlaçando-a apressadamente. Com todo o tempo do qual dispusera em clausura, a arinnir fizera uma série de nós ao longo do comprimento da corda, certa de que ajudariam na descida.

— Isso, cachopa — disse Worick para consigo, erguendo de seguida consideravelmente o tom de voz a tempo de cobrir uma nova martelada. — Deixa-te de criancices! Agora fazes o que eu te digo, ou...!

— Ou o *quê?* — quase estridulou Lhiannah, começando a ficar vermelha de tanto gritar. — Bates-me? É isso, é? Vais bater-me?

Ao ver que a princesa ia começar a atar a corda à barra de ferro da janela, Worick sinalizou um certo comprimento entre ambas as mãos e apontou com o cinzel para a porta. Lhiannah compreendeu e acenou com a cabeça, gritando um pouco mais para cobrir as marteladas enquanto passava a corda pela barra, deixando-a suficientemente folgada para que ainda pudesse chegar à porta depois de a amarrar.

— Não me toques! Tu estás feito com o Aereth!

— Oh, raça da cachopa! — barafustou Worick com uma martelada por palavra, penetrando no espaço de argamassa entre a laje e uma cantaria e deslocando a primeira ao forçar o cinzel.

A pretensa discussão acesa entre os dois continuou até Worick erguer a meio de um berro de Lhiannah a mão que empunhava o martelo, uma vez convencido de que enfraquecera suficientemente a latrina para a desmontar. O thuragar ergueu dois dos dedos da mão levantada e fez com eles sinal para que Lhiannah se aproximasse. A princesa largou a corda e assim fez, seguindo então as instruções para se posicionar ao lado de Worick diante da latrina.

— Lhiannah, tu sabes que não nos resta alternativa — disse em voz suficientemente alta para benefício de quem pudesse estar a ouvir do outro lado da porta, mexendo de um lado para o outro o cinzel cravado. Quando se deu por satisfeito, usou o instrumento como uma alavanca, alargando o espaço entre a laje e a cantaria, e indicou à princesa que enfiasse os dedos na fresta. Soletrou então uma contagem até três, após a qual Lhiannah ergueu com um grunhido a laje, que protestou com o ruído de argamassa a rachar.

— Boa, cachopa — sussurrou-lhe o thuragar, franzindo o nariz com o cheiro que veio da latrina aberta e pousando martelo e cinzel no chão. — Agora vai atar a corda à porta, e... pela Bigorna Dourada, não acredito que vamos descer esta coisa.

— Achas que agüentas, Worick? — preocupou-se a princesa, erguendo posteriormente o tom de voz. — Não, o meu pai nunca o aceitaria!

O thuragar não respondeu, e enquanto Lhiannah ia atar a ponta da corda à porta, encharcou os dois trapos brancos com vinagre, levando o

primeiro à sua boca como uma máscara. O intenso odor acre escarrapachado no seu nariz trouxe-lhe lágrimas aos olhos, e o thuragar fez sinal à sua protegida para que continuasse a falar enquanto os esfregava.

— Tens que perceber, Worick, o que o Aereth me fez... o meu pai nunca lhe irá perdoar — continuou Lhiannah, dando um último e forte nó à corda e indicando as mantas com as quais o thuragar se devia cobrir.

Este tirou a máscara, piscando os olhos lacrimejantes com uma caricata careta de boca aberta, fungando antes de se começar a enrodilhar com uma manta, certo de que esta apenas o resguardaria do pior da latrina.

— Não, cachopa, o teu pai é um homem sensato, e perceberá que esta é a melhor alternativa — disse enquanto Lhiannah se revestia ela também com uma manta. Inspirando fundo, o thuragar atou novamente a máscara de vinagre atrás da sua nuca e apontou para Lhiannah e de seguida para o seu olho, deixando-o deslizar pela maçã do seu rosto abaixo.

— Mas... mas o que é que achas que ele vai pensar de mim se eu disser isso? — indagou a princesa, de voz trêmula, ao perceber a deixa.

O thuragar acenou aprovadoramente com a cabeça, e Lhiannah forçou-se a soluçar, sem grandes dificuldades para verter lágrimas novamente.

— Oh, Worick, eu sinto-me tão perdida... — lamentou-se a arinnir de forma teatral. — Tinha tantas saudades tuas...

Lhiannah recomeçou a chorar, e Worick fez continuamente que sim com a cabeça enquanto esta desempenhava o seu papel e se vestia. Por fim, quando ambos estavam devidamente revestidos por uma manta e de máscaras postas, dirigiram-se à latrina, apoiando ambos as mãos nela e olhando para a abjeta escuridão no fundo enquanto Lhiannah emitia soluços

abafados pelo trapo com vinagre. Era uma peripécia ousada, aquela à qual se propunham a mando de Taislin, em cujos planos nenhum dos dois alguma vez verdadeiramente se fiara.

— O caganito disse na mensagem que me deixou que há mais corda lá para baixo — sussurrou o thuragar, pegando na de que dispunham. — Se ele se enganou, estamos bem arranjados.

Lhiannah meio assentiu, meio soluçou.

— Bom, eu vou primeiro — predispôs-se o thuragar, passando uma perna sobre a cantaria e sendo agarrado pelo ombro por Lhiannah, que o fitou com pequenas labaredas tremulas nos olhos, resultantes da lamparina que ardia fracamente sobre a cama.

— Worick... — sussurrou. — Se a corda não agüentar, não importa quem vai por cima ou por baixo.

— Não interessa — disse o thuragar teimosamente, atirando a corda pela latrina abaixo e puxando-a até esta ficar tesa. — Se calhar devia ir só eu primeiro, cachopa...

— E se alguém entra?

Conformado, o thuragar agarrou a mão de Lhiannah e apertou-a com força.

— Coragem. Vamos sair daqui.

Para grande surpresa de Worick, a princesa sorriu.

— Quer dizer que já confias no Taislin?

— *Hmpf* — resmungou o thuragar sem sequer se dignar a responder, agarrando a corda com ambas as mãos e deslizando por ela os pés até os assentar no primeiro nó.

Os dois começaram então a descida, e os braços de ambos

queixaram-se logo de início do esforço, sobretudo os de Worick. Embora mais robusto e forte, era também mais pesado que Lhiannah, e a sua longa convalescença deixara-o fraco, mas o thuragar rilhou os dentes e afrontou a fraqueza com a lendária teimosia da sua raça, recusando-se a dar parte de fraco numa altura daquelas. Por sua vez, e apesar de ter arrancado à força o seu corpo da letargia na qual este decaíra, Lhiannah também se sentia fraca, e mesmo com a ajuda dos nós, o esforço inicial de descer a corda abalou os fundamentos da sua crença de que seriam capazes de descer a torre até ao fim. Além de escuro e iluminado apenas pela parca luz de alguns buracos ao longo do seu comprimento, o tubo era apertado também, o que os forçava a arrastarem-se pelos dejetos ainda que não o quisessem. Nenhum dos dois hesitou, contudo, e o choque da dificuldade inicial cedo se dissipou à medida que humana e thuragar iam encontrando o seu ritmo, habituando-se a pouco e pouco às inalações avinagradas.

Porém, não eram apenas os seus músculos que estavam a ser testados, pois a repulsa e o nojo que sentiam por se encontrarem a descer o tubo de uma latrina quase se sobrepunham ao esforço físico. Lhiannah sentia o estômago subir-lhe à boca ao deslizar pela parede caiada de dejetos, mesmo com as costas revestidas por uma manta, e cerrava os olhos sempre que um fiapo de odor fecal se lhe entranhava pela máscara adentro. Worick tentava mentalizar-se que se encontrava num dos túneis da cavernosa comunidade na qual nascera, ou perto dos cadáveres de entranhas evacuadas no campo de batalha, tudo menos a noção de estar a descer o tubo de uma latrina como uma ratazana, revolvendo-se em dejetos de humanos. Para se distrair, ia insultando Taislin em Garogar, invocando os mais obscenos epítetos e lapidando o nome do burrik com palavras duras como pedras.

Lhiannah ouvia os palavrões, mas estava demasiado concentrada na sua avinagrada respiração e em se manter agarrada à corda para lhes dar grande atenção. Cada músculo no seu corpo trabalhava, e apesar do frio que se fazia sentir no tubo, a princesa começou a transpirar, e os poros da pele sobre o seu lábio superior principiaram a arder quando o suor se misturou com vinagre.

— Estás bem, Worick? — perguntou, olhando para baixo.

— Ligeiro que nem tripa... depois de comer... uma cesta de peras — disse o thuragar com voz esforçada. — É uma comparação apropriada... não achas?

Preocupada, a princesa nada disse.

— Olha... a corda acaba aqui — reparou Worick, e as suas palavras fizeram com que o coração de Lhiannah lhe jorrasse fogo no peito. — O raio do mafarrico... fez bem as contas. Está aqui outra.

Lhiannah suspirou.

— Não faças isso, Worick... assustaste-me.

— Heh — riu o thuragar, zombeteiro. — Ora anda cá... mas que requinte... o caganito andou para aqui... a martelar estacas de ferro.

— O quê? — ofegou Lhiannah.

— Ah, isto afinal... vai ser canja — afirmou Worick, passando para a segunda corda, que contudo não tinha nós. — Não te preocupes, cachopa... vamos descer esta trampa...

Se tal lhes tivesse sido possível, Worick e Lhiannah teriam desistido a meio caminho, mas tendo como única alternativa a queda livre, foram forçados a continuar. De costas, ventre, pernas e braços doridos, os dois foram descendo o tubo da latrina em moroso esforço, pressionando

ocasionalmente as costas contra a parede com as pernas apoiadas na oposta para descansarem os braços, o que contudo lhes cansava as costas e as pernas. Taislin deixara comprimentos de corda bem intervalados ao longo da descida, sendo que cada estaca de ferro que surgia era uma benesse para humana e thuragar, visto que podiam nela apoiar um pé ou dois e repousar um pouco mais, o que também aproveitavam para fazer sempre que encontravam uma abertura inclinada a escorrer urina e fezes. As mãos de ambos já estavam assadas pelas cordas, e envolveram-nas com as pontas das mantas para as resguardar na medida do possível, mas estas e todas as restantes partes dos seus corpos imploravam por descanso e suplicavam-lhes que parassem. A partir de determinada altura, Worick e Lhiannah não mais trocaram palavras, demasiado ocupados a respirarem e a prestarem atenção aos seus trêmulos músculos para que estes não lhes falhassem de um momento para o outro. As suas mentes embotadas pelo asco e repulsa pela languinhenta sordícia que os rodeava e pela qual se arrastavam estavam reduzidas às mais primárias funções de sobrevivência, focando-se apenas nos contínuos e repetidos movimentos de braços e pernas durante a descida, sem espaço para pensamentos ou ponderações que as pudessem distair. Tanto a princesa como o thuragar já tinham perdido toda e qualquer noção de tempo, mas nem a hipótese de os guardas se poderem ter dado conta da sua fuga os preocupou, de tão concentrados que estavam em simplesmente sobreviver à descida. O odor ia piorando à medida que desciam, e nem um nem outro queria imaginar qual seria a sensação se as suas máscaras ensopadas em vinagre caíssem. O odor mais intenso teve neles porém um efeito animador, pois mesmo as mentes embotadas de Worick e Lhiannah o conseguiram associar à proximidade do fundo da

latrina, o que o thuragar confirmou ao olhar para baixo e distinguir o tremulo arder de chamas.

— Cachopa... — ofegou, a sua respiração fogo nos pulmões. — Estamos quase... a chegar...

— Estamos...? — arquejou Lhiannah, incrédula.

— E só... mais um pouco.

Dito isto, os dois grunhiram e ferraram os dentes, fortalecendo os seus corpos para a reta final e constatando com grande alívio que a última corda tinha nós. O tubo desembocou então numa câmara subterrânea na qual se encontrava uma das fossas do palácio, iluminada por uma tocha e com uma carregada atmosfera fecal que o vinagre mal conseguia dissimular. Um pouco acima do nível da fossa havia um piso de pedra com a borda úmida e manchada, no qual se encontrava uma série de baldes e longas pás de madeira, e além do qual subia um lanço de escadas até uma porta. Desse piso partia também uma imunda plataforma de madeira ao longo da parede, bem debaixo do tubo, e foi sobre ela que Worick se deixou cair e à sua manta, cambaleando então de seguida até ao piso de pedra e derrubando um balde ao tombar, exausto. Lhiannah seguiu-se-lhe, tropeçando de pernas vacilantes e caindo de joelhos ao lado do thuragar, deixando o pescoço descair para a frente e apoiando a mão no ombro do seu mentor.

— Worick... sentes-te bem?

— Não há tempo... — arfou o thuragar. — Procura... uma pedra marcada... com uma cruz...

— O quê? — disse Lhiannah, curvando-se preocupada sobre Worick.

— O mafarrico... deixou uma pedra deslocada... marcada com uma

cruz. Procura-a... eu fico bem.

Lhiannah acenou com a cabeça e livrou-se da sua manta com um grunhido enojado, mas manteve a máscara de vinagre ao erguer-se e procurar por uma pedra que correspondesse à descrição de Worick. A sua vontade era espojar-se no chão de membros espalhados, mas agora que passara a provação de descer a latrina, a sensação de urgência sobrepunha-se à sua fadiga, e a princesa estava ciente de que quanto mais tempo ali passassem, mais riscos corriam que a sua fuga fosse descoberta, se é que ainda não o fora. Enquanto a princesa procurava a pedra, Worick tentava recuperar o fôlego, com cada músculo do seu atarracado corpo a tremer e o punho cerrado ao peito, tentando acalmar o seu coração. Naturalmente que não o dissera a Lhiannah, mas a razão pela qual quisera ser ele o primeiro a descer fora para, na eventualidade de cair, não levar a sua protegida consigo. Worick sabia que estava fraco, e por várias vezes durante a descida pensara que não agüentaria mais, que o seu corpo o atraíçaria e que cairia para a sua morte. Tai não acontecera, felizmente, mas isso em nada ajudou o orgulhoso thuragar, que cerrava os punhos de raiva para com a sua própria fraqueza.

«Velho dum raio...», praguejou consigo mesmo. «Não vales mesmo nada... não passas de peso morto...»

— Olha, encontrei! — anunciou Lhiannah, acocorando-se diante da pedra demarcada com uma cruz sem que o thuragar ouvisse as suas palavras.

«Abranda, Abranda, seu sacana, já passou!», ordenou o thuragar ao seu coração, cerrando dentes e olhos e pingando suor e vinagre da barba ao sentir um novo arroubo de calor assomar-se-lhe à face, vendo-se incapaz de

erguer o tronco do chão com os braços. A máscara dificultava-lhe a respiração, pelo que a agarrou e se livrou dela, agitando a cabeça. *«Não há tempo para ficar aqui deitado, fracote!»*

Alheia ao conflito interno de Worick, Lhiannah desencanaixou a pedra do seu lugar e encontrou debaixo dela uma chave e uma mensagem dobrada, que prontamente abriu.

— Está aqui uma mensagem! — informou, mexendo os lábios ao lê-la para si.

Worick nada disse, ocupado como estava a tentar erguer o seu corpo com pura raiva, visto que tudo o resto lhe falhava. A fúria que sentia para consigo mesmo e para com a sua fraqueza cedo transbordou para Aereth, que tinha como responsável pela sua condição, e o thuragar deu largas ao ódio que sentia para com o imbecil que o deixara e a Lhiannah em semelhante situação.

«Estúpidopirralho cretino...», imprecou de grandes narinas frementes. *«Depois de todos os riscos que corremos para trazer o teu pai... Pelo que nos fizeste, juro que te racho os cornos com o meu martelo da próxima vez que te vir! Arranco-te o nariz empinado à dentada, meu filho duma grande...»*

O raivoso formigar do escalpe de Worick deu lugar a um eriçar dos pêlos do seu pescoço quando sentiu uma presença atrás de si. O thuragar virou-se precisamente ao mesmo tempo que Lhiannah olhou por cima do ombro.

— Worick! O Taislin diz aqui que...!

Ainda antes de ver o horrendo vulto curvar-se com uma convulsão sobre o seu mentor, Lhiannah ouviu o revoltante ruído de alguém a vomitar, seguido do sobressaltado grunhido do thuragar, abafado pelas

mãos deste quando as levou à cara.

— Worick! — gritou Lhiannah, virando-se completamente e erguendo-se, e então estacou ao ver quem se encontrava sobre ele.

Hepascar limpava com a manga o líquido amarelo-esverdeado que lhe pingava do queixo sobre a barriga bojuda de veias azuis que se alastravam do umbigo, sorrindo de forma grotesca para Lhiannah com os seus dentes tintos da mesma cor.

— Olá linda. Há quanto tempo.

A princesa viu-se momentaneamente retida por duas reações opostas, a de fugir do homem que a aterrorizara aquelas semanas todas no Ninho, e a de proteger o seu mentor, sendo que a segunda acabou por prevalecer.

— Afasta-te dele, maldito! — gritou, olhando em redor e pegando numa das longas pás de madeira, empunhando-a como a uma arma de haste.

— Oh, eu afasto-me, claro — acedeu o haghral, erguendo as mãos de palmas rubras em sinal de paz e recuando para a parede. — Duvido é que ele se queira afastar de ti...

Lhiannah não percebeu e avançou de dentes arreganhados, ameaçando Hepascar com a pá suja de excrementos enquanto olhava para Worick, que rebolava pelo chão, grunhindo através dos dedos que lhe cobriam a cara.

— O que é que lhe fizeste, maldito? — demandou, recebendo apenas como resposta um riso escarnecedor do haghral, que se afastou ao longo da parede assim que a ela se encostou, aproximando-se da porta.

Worick parou abruptamente de rebolar, quedando-se numa posição

de barriga para o chão e de cara ainda coberta pelas mãos, de entre cujos dedos escorria o viscoso líquido amarelo-esverdeado. Hesitante, Lhiannah aproximou-se dele, olhando alternadamente para o thuragar e para Hepascar, que continuava a sorrir como se tivesse uma surpresa preparada.

— Worick? — perguntou a arinnir, flexionando ligeiramente as pernas e estendendo a mão para tocar no seu mentor enquanto segurava a pá com a outra.

Foi então que o thuragar tirou as mãos da cara e a ergueu, fitando Lhiannah com um odioso esgar que fez com que a princesa recuasse um passo. As suas feições estavam contorcidas numa máscara de fúria que lhas sulcava com uma série de rugas, das quais escorria o vil líquido.

— É sempre tão fácil com os thuragar — comentou Hepascar, suspirando de braços cruzados. — Os maus fígados da raça não representam o mínimo desafio.

Praticamente rosnando, Worick ergueu-se de barba a pingar e punhos cerrados, acercando-se ameaçadoramente de Lhiannah, que recuou outro passo.

— Worick, sou eu — disse Lhiannah nervosamente. — O que é que estás a fazer?

O thuragar avançou então bruscamente, forçando Lhiannah a enristar a comprida pá que empunhava, o que o reteve sem contudo fazer com que parasse de avançar.

— Worick... o que é que lhe fizeste, maldito? — tornou a princesa a perguntar, mas a única resposta da parte de Hepascar foi uma nova risada ao ver a princesa recuar com medo do seu mentor.

— Delicioso, minha linda — comentou, de braços cruzados e

encostado à parede perpendicular da qual Lhiannah se aproximava. — Não é bem o que tinha em mente, mas a arte é por vezes improviso...

Worick não ouvia nada do que se dizia, fitando Lhiannah com ódio e avançando com lentos passos laterais na tentativa de evitar a imunda pá de madeira que a princesa empunhava. Esta ia recuando, fazendo que não com a cabeça e tentando trazer o thuragar à razão, até de repente bater com a ponta oposta da pá na parede. O breve instante de hesitação e atrapalhão foi quanto Worick precisou para esbofetear a cabeça da ferramenta para fora do seu caminho, carregando então contra Lhiannah com um berro e enfiando o ombro direito na barriga desta. A princesa expeliu o ar dos seus pulmões com um sonoro arquejo e embateu violentamente com as costas contra a parede, curvando-se sobre as do thuragar, que de seguida a alçou sobre a cabeça com outro berro. Lhiannah deu uma cambalhota no ar, desfraldando a saia e os cabelos e largando a pá, caindo mal de anca e ombro no chão com um grunhido sufocado. Os seus ossos lançaram-lhe pontadas de dor pelo tutano fora, mas ainda assim a arinnir tentou erguer-se, sendo então forçada a resguardar-se com os braços de uma joelhada lateral do thuragar quando este lhe pegou pelos cabelos e lhe puxou a cabeça contra o joelho, berrando.

— Worick, não...! — Antes que pudesse acabar, o outro joelho de Worick penetrou-lhe por entre os dois braços, fazendo os seus dentes estalarem uns contra os outros e atirando para trás a cabeça de Lhiannah, que agiu por puro instinto ao agarrar a perna do thuragar antes que a pudesse agredir uma terceira vez.

Gritando em desespero, a princesa puxou Worick para o chão, no qual rebolou com ele para grande prazer de Hepascar, que observava o

combate com grande deleite, calando-se porém ao virar bruscamente a cara para a porta, da qual se ouvia o ruído de chaves na fechadura. Alheio a tais sons, Worick rosnava e berrava intermitentemente, esmurrando os rins de Lhiannah enquanto rebolava com ela pelo piso sujo, até que chegaram à parede oposta, contra a qual a arinnir bateu com a cabeça. O thuragar encontrava-se por cima, tentando chegar com as ásperas mãos à garganta de Lhiannah, que o mantinha afastado de pernas flexionadas e pés plantados no seu peito. Ambos ferravam os dentes, Worick de raiva e Lhiannah com o esforço de manter longe da sua cara as mãos do thuragar, que estava a exercer uma força tal que o cocuruto de Lhiannah se arrastou pela parede acima, até a princesa ficar com nuca e pescoço encostados a ela.

— Parece que vamos ter companhia... — comentou Hepascar, batendo com as mãos, após o que a porta se abriu de rompante, batendo contra a parede e atirando pelas escadas abaixo um balde que se encontrara perto desta.

— Quem vai aí? — gritou um guarda arnesado, levando a mão ao punho da espada ao ver o que se estava a passar e gritando por cima do seu ombro. — Alerta! Os prisioneiros fogem!

Lhiannah respondeu com um sofrido grunhido, empurrando ambas as pernas para a frente e tirando Worick de cima de si ao impulsionar o thuragar, que lhe arrancou parte da saia ao agarrar-se a ela e derrapou pelo chão, rebolando para uma posição acocorada, pronto a investir novamente. Porém, o humano arnesado que descia as escadas com passos acerados e a empunhar uma espada de lâmina triangular com ambas as mãos reteve a sua atenção, permitindo um momento de refolego a Lhiannah.

— Quietos, os dois! — ordenou o guarda a três quartos da escada,

apontando a ponta da espada a Worick e Lhiannah, e falhando em ver Hepascar, que se manteve discretamente encostado à parede atrás dele.

O thuragar pareceu esquecer Lhiannah e fixou o olhar no guarda, começando a aproximar-se dele com os mesmos intuitos raivosos, o que fez com que o homem tornasse a virar a ponta da espada na sua direção em advertência.

— Não se mexa, general! — avisou, olhando ainda pelo canto do olho para Lhiannah, que se encontrava numa posição acocorada, esfregando sangue do canto da boca com a mão.

Worick porém não lhe deu ouvidos, investindo com um furioso grunhido que fez com que o humano recuasse um degrau, admirado pela ousadia de um thuragar desarmado e desprotegido estar a atacá-lo. O guarda desferiu um altabaixo com o lado plano da lâmina, do qual Worick se desviou a meio da investida, tentando então agarrar a perna do humano, que o chutou com a outra. Worick cambaleou para trás com o golpe, recuando diante do avanço do guarda e pegando num dos baldes de madeira como uma arma para o enfrentar.

— Worick! — gritou Lhiannah, levantando-se e afastando-se da parede para ajudar o seu mentor.

Foi retida quando Hepascar a agarrou pelos cabelos, esticando-lhe abruptamente o pescoço e puxando-a violentamente de volta contra a parede, na qual a arinnir bateu com a cabeça. Atordoada, foi de seguida esmurrada no estômago e empurrada para o chão com um gesto de desprezo.

— Novamente interrompido — queixou-se, olhando em redor. — Mas julgo que é um cenário que se adequa, não te parece? Uma tumba fecal,

uma morte a meio de dejetos, quando tu própria não passas de um dejetos daquilo que outrora foste, reduzida a uma bola enrolada de medo e raiva enquanto o teu protetor se mata a lutar contra aquele simpático guarda. Poético.

Arquejando, Lhiannah soergueu-se do chão agarrada à barriga e com a cabeça a latejar, sangrando da boca por ter mordido a bochecha. Hepascar riu de forma doentia e lambeu os lábios feridos ao ver a princesa levantar-se de membros trêmulos.

— Sim, um quadro memorável, um tributo digno da minha progenitora — afirmou o haghral, acenando aprovadamente com a cabeça e fitando Lhiannah com um brilho maníaco nos doentios olhos verdes cercados de amarelo. — Hoje, *o coração ira verter*.

Algo no tom de finalidade da voz de Hepascar alvoroçou Lhiannah, instigando-a a levantar-se quase de um salto e a atacá-lo, mas o haghral desviou-se facilmente do seu golpe, pegando-lhe pelas costas e atirando-a de cara contra a parede. Ossos e palmas de mão estatelaram-se contra pedra num ruído abafado pelo aço a embater contra madeira quando Worick aparou uma espadeirada com o balde que empunhava. O guarda não lutava para matar, procurando antes incapacitar o thuragar, mas este defendia-se ferozmente com o singelo balde malcheiroso, cujas lascas deixavam no chão um trilho que demarcava o percurso da contenda de ambos.

— Renda-se, general! — ordenou o guarda, atrapalhado. — Não me force a...!

Ao dizê-lo, o humano encalhou a lâmina da espada no espaço entre duas aduelas do balde com um golpe, e Worick torceu-o imediatamente, arrancando-lhe a arma da mão. Sem se deter, atirou o balde ao chão e

baixou-se para evitar um golpe de manopla do guarda, agarrando-lhe então a perna e puxando-a para cima com um grunhido. O homem caiu ao chão com um sonoro clangor do arnés e o thuragar caiu-lhe em cima, esmurrando-lhe o elmo com punhos desnudos.

— Oh, linda, o teu protetor está a esforçar-se mais do que tu — comentou Hepascar, dando uma olhadela à luta por cima do ombro e abanando a cabeça. — Se calhar vou ter de o matar primeiro para te motivar, não?

Lhiannah estava de mãos coladas à parede, tendo deslizado por ela até ficar de joelhos, mas ao ouvir a ameaça do haghral virou-se de costas e ergueu-se com joelhos trêmulos, arrastando-se para cima com as palmas da mão. Os seus dentes estavam manchados de vermelho, e a raiva ardia-lhe nos olhos atizados que nem brasas pelas palavras de Hepascar, que arregalou as agradadas sobrancelhas.

— Ah, assim está melhor. Ficas mais bonita ainda quando fazes cara de má — apreciou Hepascar com um sorriso doentio.

Lhiannah rosnou e investiu de punhos cerrados contra o haghral, que se desviou com um riso escarnecedor do seu primeiro murro, baixando-se para evitar o segundo e enfiando o cotovelo na ilharga da arinnir. Lhiannah arqueou as costas com o golpe, curvando-as para a esquerda e para a direita quando Hepascar lhe desferiu dois murros nos rins, empurrando-a de seguida novamente para o chão, rindo. A princesa tentou amparar a queda com as mãos, mas os exaustos músculos dos seus braços falharam-lhe e Lhiannah embateu de peito contra o piso, esbofando com a queda. O tombo fez com que algo lhe saltasse do vestido, saltaricando pelas lajes sujas com pequenos cliques de pedra contra pedra antes de parar,

oscilante, diante da cara da arinnir. Era a runa que Worick lhe oferecera.

— A tua raiva é deliciosa, linda — disse Hepascar, tirando duas lancetas da sua cinta com palhetas e rodopiando-as nos seus dedos. — Está na altura de acabarmos com isto, enquanto o fel te ferve no fígado.

«*Dura que nem pedra. Insensível como a pedra*», lembrou-se a arinnir, focando então a sua visão na espada que se encontrava além da runa, caída no chão e encalhada no balde.

— Oh, então? Esperava um pouco mais de dignidade de ti, linda! — reclamou o haghral quando Lhiannah começou a rastejar, arregalando porém as sobrancelhas e abrindo a boca em jeito de compreensão ao ver a arma à qual se dirigia. — Aaaah... mas que bem. Força, ünda, pode ser que isso te ajude.

Ignorando-o, Lhiannah arrastou-se até à espada, crispando os dedos no punho desta e apoiando a outra mão no balde para a arrancar, rebolando então sobre o ombro e empunhando a espada com ambas as mãos de ponta virada para Hepascar, que ergueu as suas com as lancetas presas pelos polegares.

— É sem dúvida maior que as minhas! — comentou, jocoso, recuando um passo em pretenso receio.

«*Dura que nem pedra. Insensível como a pedra*», repetiu a princesa para consigo, apoiando uma mão no chão e principiando a erguer-se, mantendo a espada apontada a Hepascar.

A alguns passos de distância a seu lado, Worick contendia com o guarda no chão, grunhindo e rosnando que nem um javali enquanto agredia o humano com o balde que entretanto agarrara, mas naquele momento Lhiannah estava plenamente concentrada em Hepascar, que abria os braços

e expunha a bojuda barriga convidativamente.

— Anda, linda, que mais vale acabar uma coisa boa antes que ela se torne enfadonha — disse o haghral, chamando-a com os dedos de ambas as mãos.

«Dura que nem pedra. Insensível como a pedra», amiudou Lhiannah de tendões bem visíveis nas costas das mãos, aproximando-se de Hepascar a passos lentos mas decididos.

O diabólico sorriso do haghral chegou-lhe quase até aos olhos amarelentos, e as máculas vermelhas na sua cara macilenta floriram como rosas malsãs. De lancetas empunhadas, parecia finalmente disposto a pôr um fim ao tormento de Lhiannah, que contudo continuou a avançar, mantendo a ponta da espada ao nível da barriga de Hepascar e os olhos de um azul vago fitos nos dele, que o haghral tomou por sinal de terror. A sua cara era uma fria máscara de concentração, hirta e firmada à excepção da boca, que se mexia, enunciando silentes palavras.

«Dura que nem pedra. Insensível como a pedra.»

— Devo confessar que foi um prazer, linda. Espero que tenha sido mútuo? — Lhiannah não respondeu, e Hepascar fechou a boca, embora mantivesse o sorriso. — Sim, tens razão. Acabemos com isto.

Inabalável, a princesa continuou a avançar, começando então a murmurar as palavras, torcendo o couro do punho da espada em direcções opostas com as duas mãos. Hepascar expôs descaradamente o seu torso à ponta da lâmina, enfunando o peito cavo em jocoso desafio

— O coração irá vert...

Foi então que os seus insalubres olhos se arregalaram a par da boca, da qual lhe escapou um pasmado arquejo, após o qual Hepascar olhou

incredulamente para baixo, para a lâmina que a princesa com um golpe rápido e frio enterrara na sua grotesca barriga de irradiantes veias azuis. Inalando roucamente com o choque do frio aço que lhe trespassava as entranhas e que nelas se continuava a enterrar devido ao inexorável avanço da arinnir, o haghral elevou a cabeça para olhar para Lhiannah, cuja expressão se mantinha inalterável e cuja voz ia subindo de tom a cada passo.

— Dura que nem pedra. Insensível como a pedra — continuou, lenta, calma e ponderada como os seus passos que iam conduzindo Hepascar à parede.

O haghral ia recuando, tremendo e levando as mãos à lâmina triangular, cujo gume lhe mordeu as rubras palmas das mãos, vertendo sangue. O seu hálito doce e amoniacal era exalado pelos seus gemidos secos, formigando nas narinas de Lhiannah, que em contraste com a sua disposição geral começavam a fremir. Quando o haghral foi encostado à parede, os dois ficaram a olhar um para o outro, ambos a tremer e de respiração acelerada, que no caso de Lhiannah lhe começava a entrecortar as palavras.

— Dura... que nem... pedra... — disse, e um tremor da espada soltou um fio de sangue da bojuda barriga de Hepascar, que estremeceu, chiando do fundo da garganta. Em crescente pânico, reconheceu a fúria que reemergia no azul dos olhos da princesa, tarde de mais para lhe poder valer.

— Insensível... como... a pedra — continuou, arrancando a lâmina do abdome de Hepascar e cortando-lhe mais ainda as palmas das mãos, que pousaram sangrentas sobre a mortal fresta na sua barriga.

O haghral começou então a escorregar para o lado pela parede, mas Lhiannah cravou-o contra ela, trespassando-o por debaixo do esterno e

sentindo a ponta retinir secamente contra a pedra do outro lado. Os olhos de Hepascar esbugalharam-se mais ainda, e o nariz de Lhiannah franziu-se então como o de uma loba a rosnar, uma impressão reforçada pelo torcer do seu lábio, revelando ferozes dentes.

— Dura que nem pedra — disse, arrancando novamente a espada e, movida por uma repulsa extrema pela cara de Hepascar, levou a espada atrás e golpeou-a em seguida de lado, atingindo-o entre maxila e mandíbula, cortando-lhe a pele da boca e encalhando o gume na articulação da queixada.

— Insensível como a pedra — puxando a espada uma vez mais, a arinnir rilhou a lâmina nos dentes do haghral, e cravou-lha seguidamente no peito, rachando costelas e perfurando o coração, que espirrou uma golfada escarlata assim que a princesa sacou novamente a lâmina.

O sangue quente chapinhou-lhe sobre a coxa, e nesse momento a pedra rachou e Lhiannah sentiu-se tomada por uma vertigem, começando a golpear selvaticamente o haghral, tendo a sua visão distorcida ao ponto de apenas ver um vulto vago contorcer-se e estremecer a cada um dos seus golpes à medida que espetava, talhava e dilacerava, sentindo o aço morder osso e lacerar carne. O sangue salpicava-lhe o vestido e a cara com gotas cálidas, acirrando-a ao ponto de começar a gritar a sua ladainha à medida que toda a raiva e medo reprimidos lhe jorraram numa torrente contra o homem que a atormentara e humilhara durante semanas a fio. Não mais exaustos, os seus braços mexiam-se por sua própria iniciativa e com os músculos em fogo, malhando e espetando com abandono. Mesmo com Hepascar reduzido a uma ruína alanhada e sangrenta, Lhiannah não parou, continuando a golpear e estocar o agora inerte corpo do haghral.

— *Dura! Que nem! Pedra!* — gritou a princesa selvaticamente, pontuando cada palavra com uma espadeirada, espirrando golfadas de sangue para o ar com a rápida ascensão e descida da lâmina. — *Insensível! Como! A pedra!*

Lhiannah teria continuado, não lhe fossem os braços agarrados por dois pares de mãos que a arrastaram violentamente para o chão, após o que um joelho metálico lhe assentou sobre a ilharga. Completamente descontrolada, a arinnir debateu-se e escoiceou com as pernas, abanando a cabeça de um lado para o outro ao tentar libertar-se de quem quer que a estava a agarrar. Ouviu então mais passos metálicos, e escarpins passaram apressadamente diante da sua cara, acompanhados de vozes bruscas e violentas.

— Louca!

— Assassina!

— Segurem-na!

Lhiannah rosnava-lhes roucamente em resposta e sacudia a cabeça, até que uma manopla lhe forçou o lado da cara ao chão, mantendo-a quieta e premindo-lhe a maçã do rosto molhado de sangue contra a laje, em advertência. Calhou que o lado para o qual ficara virada lhe permitisse ver Worick ser ele também agarrado por dois guardas e removido de cima daquele que estivera a combater, chegando ainda a agredir um com o cotovelo antes de receber o mesmo tratamento de Lhiannah de forma mais bruta e expedita. Foi só então que a princesa se deu conta do que verdadeiramente se estava a passar e das devidas implicações, estacando e soltando um arquejo que lhe tirou os cabelos que estavam sobre a sua boca.

Tinham falhado.

UM ANIVERSÁRIO SANGRENTO

O salão real de Allahn Anroth estava decorado a rigor para o dia de

anos da princesa Iollina, com o seu enorme e esplendoroso candelabro dourado decorado com flâmulas verdes, os pilares enro-dilhados por coloridas grinaldas, vistosas tapeçarias com os brasões de ambas as casas pendurados entre as colunatas atrás dos comensais, e as cornijas das paredes ornamentadas por festões entremeados de bagas falsas em homenagem ao teixo do brasão de Lennhau, tapando dessa forma as gravuras dos brasões das restantes províncias de Nolwyn. As mesas estavam dispostas em forma de U, com os assentos principais na base resguardados por um baldaquim com cortinas vermelhas debruadas a fio de ouro, sendo que a traseira estava repuxada para permitir que uma das três fogueiras da sala aquecesse as costas dos mais ilustres presentes. Além do baldaquim havia um palco montado em ambas as pontas da mesa, em cima do qual um grupo de músicos entretinha os comensais, entre cujas mesas dançava e saltava uma família de saltimbancos, executando acrobacias, pulando por cima uns dos outros e formando pirâmides humanas com crianças aos ombros. Estavam presentes as cortes de Ul-Thoryn e Lennhau em mesas opostas, enquanto na principal se encontravam Aereth, Lethia e os pais desta, acompanhados dos paladinos Daveanorn e Cortun.

A atmosfera e a indumentária dos presentes era festiva, condizendo em grande parte com os vivos frescos das paredes, embora os comensais se mantivessem sóbrios e comedidos, pois o tempo de guerra aproximava-se, e foram poucos os sorrisos e risadas. As conversas mantinham-se sobretudo em tom baixo, facilmente sobrepostas pela música, o que forçava os falantes a inclinarem-se para os seus interlocutores, que quase tinham de encostar orelhas a bocas para conseguirem ouvir. Os da corte de Lennhau mexiam-se desconfortavelmente nos seus assentos, parecendo acalorados e lançando

olhares incomodados às lareiras que tinham nas suas costas, embora todos os outros parecessem achar a temperatura bastante aceitável. Dilet, o bobo, saltitava em redor, falando sozinho e executando piruetas em resposta às acrobacias dos saltimbancos, como se estivesse numa competição privada com estes. Um dos pratos servidos foi gamo em vinho tinto com bagas de zimbro, uma especialidade de Lennhau, em cujas florestas o belo animal vagueava em grupos, mas o gesto passou em grande parte despercebido e os serventes foram trazendo outros pratos.

Iollina dava o mote de comedimento geral, permanecendo cabisbaixa durante as festividades e debicando ocasionalmente do seu prato sem sequer olhar para os saltimbancos. A seu lado, Aereth mostrava-se pouco mais sociável, tentando apenas ocasionalmente falar com Daveanorn, que lhe respondia de forma fria e distante devido aos seus recentes desentendimentos. Tylon e Lethia eram o mesmo casal desapaixonado de sempre, embora naquela noite o regente se mostrasse mais agitado que o que era costume, olhando em redor e mexendo nervosamente nos seus copos e talheres. Por sua vez, Lethia ia trocando olhares cúmplices com Cortun sempre que se servia ou bebia do seu cálice, franzindo desaprovadoramente o cenho sempre que via o paladino folgar a gola da sua túnica num incharacterístico gesto de nervosismo. Cortun parecia pouco à vontade, respirava mais depressa que o costume e limpava freqüentemente o suor da fronte, o que levou a que Lethia lhe batesse repetidas vezes na perna debaixo da mesa, obviamente receosa de que o seu esposo estranhasse. Por sorte, Tylon estava demasiado nervoso para reparar, e embora não estivesse tão visivelmente agitado quanto Cortun, estava suficientemente enervado para se concentrar apenas no seu prato, que

comia com sofreguidão. Lethia tentava manter a sua fachada fria e distante, mas ela própria não conseguia conter por completo um nervoso miudinho que, aliado a um calor que de fato também sentia, lhe lançava por vezes o coração em rápidas batidas. Se ao menos baixassem a cortina nas suas costas para não estar a apanhar tanto calor da lareira... A maior parte dos serventes não fazia caso ou não se apercebia do estranho comportamento, exceptuando o pajem de Aereth que, sempre sensível e atento à linguagem corporal de todos os que o rodeavam, não podia deixar de reparar. Naturalmente que nada disse, mas ia lançando o ocasional olhar a Tylon e Cortun enquanto aguardava de gomil na mão que o copo do seu senhor precisasse de ser reenchido. Sentada na mesa da corte de Lennhau, a aia de Iollina ia-lhe sorrindo e boca cheia sempre que os seus olhares se cruzavam, um gesto ao qual o pajem retribuía sem que porém nele o sorriso perdurasse. Alguns presentes já cochichavam, indicando subtilmente o senhor de Lennhau e comentando o comportamento deste, mas antes que pudessem elaborar grandes histórias, tanto a conversa como a música foram interrompidas por um estrondo.

Todos se viraram ou ergueram as cabeças, alguns sobressaltados, vendo escancaradas as enormes portas duplas de madeira que davam entrada ao salão. Quatro guardas arnesados traziam pelos braços uma mulher e aquele que à primeira vista parecia ser um homem atarracadíssimo e barbudo, vindo com cinco membros da guarda pessoal de Aereth no seu encalço. Assim que as pessoas viram o vestido branco da mulher encharcado de sangue, fizeram-se ouvir vozes chocadas e um inalar quase em coletivo quando uma série de pessoas levou as mãos às bocas, bem como um uníssonos arrastar de cadeiras, copos a serem pousados e tinir de

garfos contra pratos. Aereth ergueu-se de mãos apoiadas na mesa, de incrédula boca entreaberta. Seguiu-se-lhes o silêncio, no qual apenas se ouviu o roçar e o clangor dos arneses dos guardas enquanto estes arrastavam os dois prisioneiros, deixando atrás de si um odorífero rasto a urina e excrementos que fez com que muitas mãos voltassem para as bocas. Os sussurros fizeram-se novamente ouvir à medida que algumas pessoas iam reconhecendo os prisioneiros como sendo a princesa Lhiannah e o general Worick, provocando uma generalizada reação de choque e pasmo entre os presentes. Aereth estava lívido.

— Meu senhor, perdoai a interrupção, mas os prisioneiros tentaram escapar! — anunciou um dos guardas com arnês de motivos aquilinos, postando-se diante dos seus companheiros que agarravam Lhiannah e Worick e saudando Aereth, levando o punho à couraça. — Evadiram-se através da latrina do Ninho e foram descobertos na fossa da torre do belver.

Mais vozes de espanto, mas Aereth nada disse, fitando Lhiannah com incrédulo agastamento estampado na cara e enrugando a toalha da mesa ao fincar nela os dedos. Ouviu-se ainda o tilintar dos guizos de Dilet, cuja cabeça surgiu detrás de uma das mesas, pousando nela o nariz e espreitando curiosamente.

— Um guarda foi violentamente agredido pelo general Worick, e a princesa Lhiannah matou quem julgamos ser o limpador da latrina.

O ato dispensava adjetivos, pois o sangue que encharcava o vestido de saia rasgada da arinnir estava à vista de todos. Lhiannah olhava de baixo para Aereth, as suas feições riscadas por sujeira preta, espirros e gotas de sangue e o princípio de um inchaço na maçã do rosto, sem se esforçar por esconder o desprezo que sentia pelo regente. Tinha os lábios comprimidos e

os maxilares tensos, como se estivesse a reprimir palavras que queria gritar ou a desesperante frustração que sentia por ter sido capturada. A seu lado, pendendo das mãos dos guardas que o agarravam, Worick parecia atordoado, olhando à sua volta com olhos descaídos e cara e barba molhadas pela biliosa substância que Hepascar lhe regurgitara em cima. A avaliar pela frouxidão dos seus membros, o thuragar estava exausto, com a força completamente esgotada pelo acesso de raiva causado por Hepascar, e tivera verdadeiramente de ser arrastado até ao salão.

— Princesa Lhiannah... — disse Aereth com um frio glacial na voz que mesmo os mais acalorados comensais sentiram.

A arinnir não respondeu, resistindo ao impulso de cuspir saliva e sangue na direção do regente. A sua situação já era suficientemente má.

— Pelo que vejo, matastes uma vez mais um dos meus homens enquanto em menagem...

— Menagem requer a palavra do prisioneiro, *lorde* Aereth — foi Lhiannah incapaz de se coibir de dizer. — Essa nunca me foi sequer pedida. E ele não era...

— Silêncio, cabra! — interrompeu-a Aereth, esmurrando a mesa e entornando alguns cálices, cujo vinho escureceu a toalha vermelha. — Não estás em casa do teu pai, onde o salão real cheira a estrume de cavalo e os cavaleiros se matam uns aos outros por desenfado! Estás na casa de Thoryn, e mostrar-lhe-ás o devido respeito!

Lhiannah fitou-o em fúria com punhos trêmulos, e os braços dos homens que a seguravam roçaram com as cotoveleiras ao agarrarem-na com mais força. Os comensais, músicos, guardas e saltimbancos observavam a cena em silêncio e imóveis, à parte uns gestos nervosos da parte dos da

corte de Lennhau.

— Acabaste de me dar a derradeira prova de que não posso confiar em ti... pior, de que, caso se propicie a ocasião, fugirás cobardemente e matarás se necessário for.

Ignorado por todos, as maçãs do rosto de Dilet ergueram-se quando este sorriu com a boca escondida pela mesa, e as sobrelanceiras franzidas turvaram-lhe os olhos com uma sombra maléfica ao olhar para Aereth.

— E o general... não posso dizer que esperasse mais dele — disse Aereth, não mais aos gritos, mas visivelmente a tremer de raiva e com os dedos de tal maneira fincados na toalha que começou a criar sulcos nela. — Não contentes por terem tentado deturpar a memória do meu pai, abusaram da minha paciência e cuspiram na minha boa vontade repetidas vezes. Não mais. Para as masmorras com vocês os dois, e rezem para que lorde Sunlar chegue antes que as ratazanas vos roam até aos ossos!

Lhiannah impeliu-se para a frente, sendo prontamente retida pelas manoplas, cujos dedos de aço se lhe fincaram dolorosamente nos braços. Worick permaneceu inerte, quase sem forças para manter a cabeça erguida.

— Desta vez, princesa... desta vez... — Aereth hesitou, e todos os olhares se voltaram novamente para ele, até que o regente apontou para Lhiannah com um vacilante indicador. — Não tentarão fugir novamente. Partam-lhes as pernas.

Ouviu-se um inalar coletivo de pasmo, vindo sobretudo da mesa da corte de Ul-Thoryn, pois houve quem na mesa oposta eiguessa a cabeça como se tivesse acabado de ouvir uma idéia. A única voz de protesto veio do palco, no qual alguém bateu com o pé ao erguer-se, derrubando uma cadeira e a de outra pessoa que com ela também caiu.

— Não!

A atenção de todos os presentes recaiu então no palco, em cima do qual o grupo de músicos olhava para um jovem com barba e cabelos quase pelo ombro e que, de pé, era mais alto do que qualquer um dos presentes. Vestia por cima de uma camisa verde uma túnica esbranquiçada com faldas sobrepostas que lhe realçavam os ombros largos, e calças e botas gastas e puídas por longas viagens, muito pouco apropriadas para a ocasião. Arrastava pelo palco um organistro, um enorme e pesado instrumento de cordas, teclas e manivela, que ao ser erguido derrubara o homem a seu lado que o devia tocar, e com a outra mão apontava acusadora e ousadamente para o regente.

— Perdeste a cabeça, Aereth? Que loucura vem a ser esta? Todos no salão pareceram demasiado chocados com a audácia do desconhecido para reagir, mesmo os guardas, e ouviram-se apenas alguns arquejos indignados. O próprio Aereth piscava os incrédulos olhos e quase enfiava o queixo no pescoço de embasbacamento, momentaneamente incapaz de conceber tamanha ousadia. Lhiannah arregalou ela também os olhos ao ver o afoito, embora por motivos completamente diferentes, deixando o queixo descair.

— Aewyre! — arfou em surdina.

— Aewyre? — descreu Daveanorn.

— Aewyre... — geou Aereth, alto o suficiente para que todos o pudessem ouvir, relaxando os dedos e alisando novamente a toalha.

O nome do guerreiro foi então repetido por todos os presentes, uns mais exaltados que outros, sendo que alguns dos da corte de Lennhau se levantaram, dando a impressão de estarem prontos para uma contenda.

Tylon nada lhes disse, limitando-se a olhar alternadamente para Aewyre e Aereth, ofegando e com a careca luzente de suor. Os guardas olharam para o seu jovem regente, aguardando a sua ordem de partasanas aprestadas, mas este parecia ainda atordoado com a inaudita aparição do seu irmão, olhando-o como se não pudesse acreditar que tivera a ousadia de comparecer no palácio. Quem também partilhava do seu choque era Dilet, que pousara ambas as mãos sobre a mesa e se erguera de queixo pendente e olhos esbugalhados, tinindo os guizos do chapéu enquanto abanava a cabeça.

— O que se passa contigo, Aereth? — vociferou Aewyre, exaltado, aproximando-se da beira do palco. — Como... como podes sequer dizer uma coisa dessas? A Lhiannah veio a meu pedido trazer o corpo do nosso pai, e tu... tu...

— Aewyre, fuge! — gritou-lhe Lhiannah, chocalhando novamente os arneses dos homens que a agarravam. — O teu irmão é louco!

Virando bruscamente a cara para Lhiannah, o jovem olhou então à sua volta, vendo guardas armados prontos a agir, convivas erguidos que o fitavam com hostilidade, e o seu próprio irmão, que tremia, e cujos olhos coléricos lhe davam a entender que dissera a pior coisa possível.

— Irmão... — começou de voz trêmula, deixando entrever a superfície da torrente de raiva que esperava para transbordar. — Tu... tu não devias ter cá vindo.

Esmurrando a mesa com os anéis do punho, Aereth apontou de seguida para Aewyre com um indicador tremulo, inclinando-se sobre a mesa.

— Guardas! Prendam esse traidor!

Como um só, os membros da guarda pessoal de Aereth avançaram de partasanas enristadas, enquanto os outros se afastavam, arrastando os prisioneiros. Lhiannah debateu-se, praticamente balouçando dos braços dos homens que a seguravam.

— Aewyre!

O guerreiro recuou, pegando no braço do organistro com ambas as mãos e olhando para os seus lados enquanto os músicos iam descendo do palco, tementes de se verem envolvidos num combate. Começou a haver alguma agitação nas mesas a partir do momento em que mesmo os membros da corte de Ul-Thoryn se levantaram, incentivando os de Lennhau a fazerem o mesmo, havendo mesmo alguns que empunharam facas de trinchar. Tylon e Cortun suavam e ofegavam, incapazes de se manterem quietos e observando o que se passava com olhares turvos, enquanto que Lethia parecia meramente indisposta. Os serventes recuavam para as paredes, alguns com pratos e gomis nas mãos, olhando nervosamente uns para os outros e para os guardas, que se acercavam do palco, apertando progressivamente uma coleira de puas viradas para dentro que ameaçava estrangular Aewyre, que olhava em redor e girava em si, vendo-se encurralado. O guerreiro continuava a arrastar o pesado organistro pelo braço, lançando alternadamente olhares traídos ao seu irmão e olhares aflitos a Lhiannah, que tentava desesperadamente livrar-se dos homens que a agarravam, gritando-lhes imprecações e que o deixassem em paz.

Toda a comoção foi interrompida quando uma sonora gargalhada se fez ouvir no salão real, uma doentia casquinada que ecoou pelas abóbadas e que virou todas as sobressaltadas caras para a mesa da corte de Lennhau, sobre a qual pulara Dilet, que levava a cabeça atrás enquanto ria de costas

arqueadas e braços deleitadamente abertos. Naquela noite estava trajado de amarelo e verde, com uma túnica partida em ambas as cores com badanas com guizos nas pontas, e apertadas calças listadas com sapatos de bico revirado e atado ao calcanhar. Usava ainda um gorro vermelho com duas extremidades retorcidas, também elas com os inevitáveis guizos nas pontas, e um capelo da mesma cor que lhe pendia das costas com a aba recortada em forma de penas de águia. Retendo a atenção de todos, o bobo curvou-se para a frente, abraçando a barriga e chocalhando os guizos do gorro ao abanar a cabeça enquanto ria, o que no seguimento dos dois anteriores acontecimentos apenas deixou os presentes intrigados. Ainda assim, Dilet parecia satisfeito com a reação, e fez uma vênica a todos, dirigindo-se então a Aewyre com um exageradamente floreado gesto da mão.

— Príncipe Aewyre, que inesperada surpresa! Temos aqui reunida toda a realeza! — declamou, executando um passo de dança com os pés, após o que chutou um cálice pelo ar, esparramando um fresco na parede com vinho.

Pessoas da mesa oposta exclamaram de surpresa com o gesto, vendo o cálice singrar pelo ar, bater contra a parede e retinir pelo chão aos pulos, deixando atrás de si um gotejante trilho de vinho. Os membros da corte de Lennhau olhavam para o bobo num misto de espanto e encançamento, havendo mesmo alguns que estenderam as mãos numa tentativa de lhe agarrar a perna, mas Dilet saltitou graciosamente por entre elas, pulando então da mesa com um rodopiante salto lateral de fazer inveja aos saltimbancos, que entretanto se haviam retirado do espaço entre o palco e as mesas. Rindo sozinho, Dilet fez quatro outras vênias, guardando a última e mais vistosa para Aewyre, que estranhava tanto quanto todos os

outros as ações do bobo, que não ocupara um único pensamento seu durante o ano que passara fora de Allahn Anroth.

— Ilustres senhoras, nobres senhores, permiti-me contar-vos uma história. Será curta, nada temeis, e parca em vanglória — anunciou o bobo, pigarreando e pavoneando-se entre as mesas e o palco, expondo-se aos olhares de todos como um lagarto ao sol.

— Há pouco mais de duas décadas, ainda era a Pérola do Sul conhecida por Ul-Kathen, a nossa bela cidade era regida pelo nobre servente de uma incompreendida potestade. — A quebra com a fala rimada de Dilet surpreendeu alguns, embora a maior parte das pessoas estivesse demasiado admirada pela sua ousadia para reparar. — Num tempo conturbado, esse servente trouxe estabilidade a Ul-Kathen, seguindo os desígnios da injustamente vilipendiada potestade, e embora alguns dos seus métodos fossem porventura condenáveis e as suas decisões não reunissem o consenso geral (tal como as de qualquer regente), a verdade é que trouxe segurança a uma região martirizada pelo conflito e pela dissensão após o sacrifício da Batalha do Sol Nascente.

Detendo-se subitamente e batendo com os pés, Dilet torceu as ancas e estendeu ambos os braços como um cata-vento, apontando com eles para Aewyre e Aereth.

— Os tempos de paz e segurança terminaram pela mão de Aezrel Thoryn, pai do vosso belicoso regente e do vosso rebelde príncipe, guerreiro plebeu e mercenário sem honra. — O queixo de Aereth descaiu diante das palavras do bobo, que suscitaram espanto de todos os que as ouviram. — Aliado a Zoryan, refratário prestidigitador que a ninguém devia aliança a não ser a si mesmo, Aezrel Thoryn incitou uma sublevação na

nossa então pacífica cidade, e com o apoio arcano de Zoryan, depôs e assassinou o servente, mergulhando todo Nolwyn em caos, rebelião e guerra civil, o que culminou na derradeira fragmentação da nossa outrora gloriosa nação.

Levando bruscamente as mãos ao peito como se ferido de morte, Dilet deixou-se cair de costas para o chão, mas quando parecia que ia rachar o crânio contra o pavimento, esticou os braços para trás e formou uma ponte com o corpo, efetuando então uma pirueta e aterrando graciosamente de pés cruzados, após o qual fez uma nova vênua.

— Esse servente, excelsas senhoras e prezados senhores, era meu pai — disse Dilet, sorrindo maleficamente. — E a minha presença nesta corte nunca a mais se destinou além de ridicularizar a usurpação que nela se verificou, ao ponto de o nome da cidade ter sido mudado em honra do usurpador. Eu, seu filho, jurei tomar parte nesta grotesca paródia para um dia poder vingar a sua morte e expor as maçãs podres que recolhi em tão degenerado pomar.

As labaredas das fogueiras deram a impressão de vacilar quando o bobo parou de falar, e as sombras nos recantos do salão pareceram adensar-se como o reverso de brasas ariçadas. Houve quem sentisse um frio na espinha com as palavras de Dilet, e os guardas mexeram-se, hesitantes, olhando para o seu senhor à espera de ordens, mas Aereth nada disse, como que embruxado a olhar para o bobo. Não obstante o seu desagrado para com Dilet, Aewyre estava tão surpreso quanto os outros, e tal como eles não sabia bem como reagir, embora aproveitasse a distração para procurar uma via de fuga, caso necessário fosse.

— Esta corte não passa de uma paródia de si mesma, de uma

zombaria daquilo a que as nobres castas de Ul-Kathen se atinham em tempos idos — continuou o bobo, andando à volta e apontando para todos os presentes, terminando com Tylon e Lethia acusados pelo seu indicador. — O ilustre Tylon Nehin, por exemplo, que nesta noite do aniversário da sua filha planeia assassinar lorde Aereth.

Arquejos de choque e consternação fizeram-se ouvir no salão, e vários membros da corte de Lennhau ergueram-se dos seus lugares, esmurando a mesa e manifestando o seu ultraje com incoerentes vociferações, parecendo ébrios e mais que prontos a lutar. Por sua vez, Tylon ficou lívido, olhando para o bobo com o suor já a escorrer-lhe da barba, que se mexia de cada vez que engolia o abundante salivar.

— Teria visto os seus planos gorados, contudo, pois a sua bela esposa Lethia envenenou-o com suco do Teixo, esperando que dessa forma fosse *ele* a assassinar lorde Aereth...

Virando-se bruscamente para a sua mulher e entornando um cálice com o cotovelo, lorde Tylon fitou-a com olhos irados e traídos, e Lethia teve de se agarrar à mesa como se de outra forma fosse cair, tendo na sua cara estampada uma expressão do mais puro choque. Antes que a mulher ou outra pessoa qualquer pudessem reagir às palavras de Dilet, Tylon atirou-se sobre ela com um urro, agarrando-a por um dos bandos nos quais os seus cabelos estavam presos e esmurando-lhe a cara. Iollina gritou ao ver a sua mãe ser atacada, mas Tylon não se deteve e caiu sobre Lethia, arrancando-a da cadeira e agredindo-a repetidas vezes na face, berrando injúrias como um homem possesso. Foi então que Cortun se ergueu, derrubando a sua cadeira e precipitando-se sobre o seu senhor, agarrando-o pelas costas e tirando-o de cima de Lethia com um forçado grunhido, após o qual o arremessou

contra a mesa. Tylon derrubou o móvel com grande espalhafato, entornando pratos, atirando talheres e copos ao ar e deslocando as duas outras mesas. O regente caiu de ombros no chão, trazendo atrás de si a toalha vermelha e uma dúzia de acepipes que sobre ele caíram ao dar uma cambalhota para trás. Dilet levou uma mão à boca, como se tivesse acabado de dizer um disparate, olhando para o corpo prostrado de Tylon e abanando a cabeça.

— Ah, talvez devesse também ter dito que assegurei uma distribuição justa do suco pela corte de Lennhau — disse em voz demasiado baixa para ser ouvido a meio da agitação que se instaurou quando os membros da corte de Ul-Thoryn se levantaram, receosos, e os da mesa oposta fizeram o mesmo, revirando a sua.

Aereth levantou-se ele também, e Daveanorn puxou o seu senhor prontamente para trás de si para o proteger, enquanto Iollina foi agarrar o braço de Cortun, que se preparava para pisotear Lethia. Irado e fora de si, com o suco do Teixo a ferver-lhe nas veias e a escumar-lhe nos cantos da boca, o paladino atirou a princesa para trás. Iollina voou pelo ar, desfraldando e arrastando as cortinas recolhidas do baldaquim e com elas a estrutura, que caiu e bateu com a quina superior no lintel da lareira, perto da qual a princesa tombou. Enquanto isso, os homens e mulheres da corte de Lennhau começaram a atacar os serventes que se encontravam atrás deles, agredindo-os, arranhando-os selvaticamente e atirando-os de cabeça contra os pilares numa confusão de gritos e bandejas a ressoarem no chão. Outros saltaram por cima da mesa, empunhando garfos e facas de trinchar, tendo em vista os da corte de Ul-Thoryn no lado oposto, que fugiram, tropeçando em cadeiras e saias e gritando pelo auxílio dos guardas.

— Bobo, que vem a ser isto? — exigiu Aereth saber, tentando livrar-se de Daveanorn, que retinha o seu senhor, mantendo-se à sua frente e chamando ele também pelos guardas.

— Isto, *meu senhor?* — indagou Dilet com desprezo na voz alterada, voltando a cabeça para Aereth e fitando-o com olhos agora revestidos de uma película negra, recurvando os dedos das mãos, das quais brotaram labaredas negras. — Isto é vingança!

Sem qualquer aviso, o bobo virou-se para o palco, estendendo os braços de mãos espaiadas e manando delas uma rajada de agasta penumbra que serpenteou, faminta, na direção de Aewyre. O guerreiro teve apenas tempo de erguer o organistro à sua frente, servindo-se dele como escudo, antes de a sombria descarga o estraçalhar com o ruído de madeira a ser despedaçada e o ressoante som de cordas rebentadas. O impacto lançou o jovem pelo palco fora e para cima das agora desocupadas cadeiras, deixando um trilho de pedaços de madeira pelo ar e espatifando os assentos ao cair sobre eles de costas. Lhiannah gritou o nome de Aewyre, e os dois guardas que a agarravam viram-se forçados a intervir, entregando-a bruscamente a um dos que seguravam Worick. Gargalhando como um maníaco, Dilet deu um salto mortal para trás, saindo do caminho da carga de ensandecidos cortesãos de Lennhau, alguns dos quais começaram a chutar lorde Tylon, que se tentava levantar. O bobo aterrou graciosamente do outro lado da mesa principal, desembainhando duas adagas que emanavam um oleoso fumo parecido com o de velas de sebo e visando Lethia com um sombrio sorriso. A mulher erguia-se, apoiando-se numa cadeira e agarrada à cara surrada, cujo olho esquerdo se começava a fechar, mas que ainda se abriu o suficiente para ajudar à expressão horrorizada da mulher quando esta se viu

diante do bobo.

— Olá, minha querida — cumprimentou-a Dilet sadicamente, girando destramente as fumarentas adagas nos seus dedos.

Arquejando de medo, Lethia olhou para trás em busca de Cortun, que se arrojava com um berro sobre Daveanorn, rebolando com o paladino pelo chão. Vendo-se sozinha, começou a rastejar para trás ao longo da mesa revirada, sendo calmamente seguida por Dilet enquanto este brincava com as adagas e inclinava a curiosa cabeça para os lados, como se estivesse a tentar ver algo nas mãos de Lethia.

— Belos anéis — comentou. — Foi com um desses que me marcaste, não foi?

Dilet indicou com um dedo a cicatriz no seu malar causada por uma bofetada da mulher, que abanava a cabeça enquanto recuava, murmurando palavras inaudíveis com os lábios a sangrar.

— Cuidado com a cabeça — advertiu o bobo antes de Lethia bater com a nuca nas pernas da mesa revirada, que lhe barraram a retirada.

— Ups.

— Por favor... — implorou a mulher, estendendo a mão como se dessa forma pudesse impedir o avanço do bobo.

— Oh, não *é* preciso pedir por favor. Faço isto com todo o prazer — disse Dilet, arremessando uma das suas adagas e enfiando-a entre os seios da mulher, que estremeceu quando o aço frio lhe deslizou por entre as costelas, etitalhando-lhe o esterno e perfurando-lhe o coração.

— Mãe! — gritou Iollina, que entretanto se levantara, tropeçando na saia ao dirigir-se aflitamente ao encontro de Lethia.

Dilet virou a cara para a princesa, sorriu, girou uma adaga na mão e

agarrrou a lâmina com os dedos médio e indicador, pronto a arremessá-la.

— Bobo, não! — vociferou Aereth.

Dilet olhou para o seu senhor, inclinando a cabeça e franzindo as sobrancelhas em pretensa pena antes de, com um seco empinar do pulso, lançar a adaga. A fumarenta lâmina singrou pelo ar com um oleoso silvo, cravando-se na garganta de Iollina.

— *Não!* — gritou Aereth, acorrendo à princesa, que caiu de joelhos, agarrada à garganta e com sangue a escorrer-lhe por entre os dedos. — Oh, deuses, não!

O bobo arregalou as sobrancelhas, olhando de lado, encolhendo os ombros e contraindo os lábios ao levar os braços atrás das costas num gesto grotescamente infantil de quem fizera um disparate. Aereth ajoelhou-se ao lado de Iollina e tomou-a nos seus braços, de hesitante mão aberta sobre o trêmulo e ornado punho da adaga cravado na garganta desta e abanando a cabeça, como se negando o que estava a ver de alguma forma o pudesse tornar menos real.

— Uma criança... oh, Acquon a cure, não passa de uma criança — lamentou-se o regente, abanando vigorosamente a cabeça enquanto via a cor desvanecer-se da pele de Iollina, que ia empalidecendo à medida que a sua jovem vida lhe escorria pelo pescoço fora, formando pequenos regatos nas amplas mangas vermelhas de Aereth.

Satisfeito, Dilet olhou de lado para o caos que se instaurara no espaço entre as mesas e para além deste, tendo-se tornado o salão real num autêntico campo de batalha. Os comensais lutavam entre si, sendo que os cortesãos de Ul-Thoryn procuravam sobretudo defender-se ou fugir dos de Lennhau, estes possessos com a exceção de alguns, sobretudo mulheres,

que tinham fugido ou sido atacadas pelos seus. Os guardas também já se tinham envolvido na contenda, e embora não desatassem a empalar os cortesãos de Lennhau, tão-pouco se contiveram a lidar com a ameaça ao seu senhor, concutindo e vergastando os ensandecidos lennheses com os cabos das partasanas. Daveanorn e Cortun rebojavam pelo chão, e graças ao seu tamanho e peso superiores o paladino de Tylon parecia levar a vantagem, esmurrando o velho mestre de armas com os seus grandes punhos. Longe de ambos, Tylon desbravava uma floresta de pernas que o pisavam e chutavam, agarrando tornozelos com um braço e aparando joelhos com o outro. O senhor de Lennhau estava a ser pisoteado como um cão, e debatia-se como um, rosnando com um lábio rebentado e moendo com os punhos quem quer que conseguisse arrastar para o chão, sendo também ajudado pelos pés alheios sempre que lhes providenciava outro alvo. Tudo isto deliciou Dilet, cujo sorriso contudo apenas se alargou ao ver Aewyre erguer-se no palco e olhar irado na sua direção.

— Com licença, meu senhor — pediu a um desconsolado Aereth, que permanecia abraçado a Iollina, já com a pálida cabeça da princesa a pender da dobra do seu braço. — Já venho tratar de vós.

Dito isto, tirou as mãos das costas, trazendo nelas com um oleoso silvo duas novas adagas, cujas lâminas fumegavam fiapos de sombra, e pulou, assentando um pé sobre o canto da mesa e impulsionando-se para cima da cabeça de um cortesão, que usou para se impelir para cima de uma segunda e uma terceira, após o que executou uma rodopiante pirueta que terminou numa pose felina-mente encouchada sobre o palco com os braços a seus lados. Aewyre largou o braço partido do organistro e enfiou a mão no que sobrava do corpo, desembainhando Ancalach do seu interior e

descartando então o arruinado instrumento para empunhar a arma com ambas as mãos. Estava com pedaços de madeira e lascas pegadas à túnica e à barba, e a sua face e mãos haviam sido arranhadas por farpas resultantes do despedaçar do organistro, gotejando esférulas de sangue das escoriações, algumas das quais ainda com puas nelas espetadas. Dilet sorriu diante da careta irada que o guerreiro ostentava.

— O filho pródigo regressa — disse, erguendo-se lentamente para uma posição agachada. — Mesmo a tempo de ver a águia cair.

Aewyre nada disse, fazendo os possíveis por não deixar transparecer a sua surpresa e confusão, mas o alargar do sorriso do bobo deu-lhe a entender que falhara.

— Perplexo? Não me espanta, tendo em conta que tu ficaste com os músculos e o teu irmão cora os miolos; os poucos que a tua linhagem tinha para oferecer, pelo menos — derriçou Dilet. — Nunca te chegaste a questionar por que razão eu não te delatei assim que vi que ias fugir com Ancalach?

Vendo a expressão confundida na cara de Aewyre, o bobo riu zombeteiramente, indicando Ancalach com os seus olhos.

— O meu senhor falava-me através dessa tua espadinha. Era a Sua vontade que partisses do palácio para que o Seu regresso fosse possível, e enquanto tu Lho ias possibilitando, eu fui ajudando o teu irmão a levar Ul-Thoryn à ruína.

Dilet investiu então, pulando de sombrias adagas empunhadas, e Aewyre correspondeu ao ataque com uma estocada sua, que o bobo aparou entre a lâmina e o copo de uma adaga, desviando a espada para penetrar na abertura com a outra. O contragolpe foi fulminantemente rápido, mas

Aewyre teve reflexos para recuar um passo e puxar Ancalach atrás, bloqueando a enristada adaga e trazendo de seguida a espada num arco sobre a cabeça, desferindo um golpe transversal do qual Dilet escapou dando uma pirueta para trás. Novamente agachado, o bobo rilhou ambas as adagas uma na outra em desafio, fazendo com que as lâminas chispassem fiapos de sombra.

— O que é que fizeste ao meu irmão, verme?

— Nada que ele não quisesse fazer, caso a situação fosse verdadeiramente aquela que viu pintada diante dos seus olhos — explicou Dilet com um sorriso enquanto dava passos laterais, circundando Aewyre como um predador. — Sabes, o meu senhor ainda tinha planos para ti e para o Aereth... bom, pelo menos para o teu irmão.

Aewyre Semicerrou os olhos de ódio, crispando os dedos no punho de Ancalach e mantendo o bobo dividido pela Espada dos Reis, com a ponta bem debaixo do queixo.

— Mas sabes que mais? Para a fossa com os planos. Mato-vos aos dois hoje, o meu pai será vingado, e as fundações podres de Ul-Thoryn ruirão na mesma, embora de forma menos subtil que aquela que o meu senhor pretendia...

As palavras de Dilet inflamaram o curto pavio de Aewyre como se este tivesse sido imerso em óleo ardente, queimando-lhe as camadas de temperança que nele se tinham formado durante o último ano, e o jovem atacou com um urro,, Ancalach retiniu contra as duas sombrias adagas, que a lamberam durante a subsequente furiosa troca de golpes- O palco tremeu com os pesados passos de Aewyre, enquanto as ligeiras passadas de Dilet mal eram registadas pela madeira enquanto este saltitava, esquivando-se de

golpes e assediando Aewyre com dardejantes adagadas vindas de rodo o lado. O bobo desviava-se, agachava-se e rodopiava em pleno ar numa confusão de pernas e lampejantes lâminas, dançando habilmente por entre as mortíferas linhas que Aewyre desenhava no ar com a espada. Além do palco, os guardas e cortesãos de Ul-Thoryn contendiam com os de Lennhau, que lutavam como animais engalfinhados, berrando, agredindo e arranhando. Mais que delirantes, pareciam possuídos de um vigor e força desnaturais que lhes permitiam suster repetidas agressões dos guardas e retribuir com selvagem abandono, rasgando a pele dos seus punhos nas armaduras e chegando e enfrentando com meras facas de trinchar os guardas armados e arnesados. Uma mulher saltou para as costas de um guarda, agarrando-se ao seu pescoço com um braço e enfiando-lhe um garfo por entre o visor da barbuda, que espirrou sangue e no interior do qual ressoou um grito. Para os cortesãos foi apenas mais um som na raivosa cacofonia que os incitava a lutar, mas para os guardas ver um dos seus companheiros tombado foi a gota de água, e a violência intensificou-se da sua parte. Manoplas começaram a partir dentes, cabos de partasanas partiram cabeças e pouco tempo levou até que a primeira lâmina de uma das armas de haste vertesse sangue, dando então início a uma verdadeira batalha campal.

Os únicos guardas na sala que não se encontravam envolvidos no combate eram os dois que seguravam Lhiannah e Worick, vendo-se obrigados a arrastar os seus dois prisioneiros era direção à entrada, para a qual corriam os aflitos membros da corte de Ul-Thoryn. Lhiannah debatia-se, sacudindo os braços e pisando os escarpins do homem que a agarrava, mas este apenas lhe apertava os braços com mais força em resposta. A seu

lado, Worick não dificultava tanto assim o trabalho ao guarda que o levava, caminhando aos tropeções em vez de se deixar arrastar, mas parecia continuar tão atordoado como até então estivera, desde que recuperara do acesso de raiva induzido por Hepascar. Lhiannah gritava que a largassem, cada vez mais estridente à medida que se iam afastando do palco e de Aewyre, mas o guarda mostrou-se irredutível e resistente, rosnando-lhe que ficasse quieta e que se calasse. Lhiannah apenas se debateu mais, olhando constantemente para trás por cima do ombro e tentando pregar rasteiras ao homem, calando-se apenas quando Worick tropeçou na sua direção e lhe chamou a atenção com um beliscão na anca. A princesa olhou para baixo, e Worick fez-lhe sinal com a cabeça ao ser ajeitado pelo guarda que o arrastava, erguendo ligeiramente o queixo de barba ainda viscosa de fel e indicando o guarda atrás dele com os olhos. Lhiannah ainda ficou breves momentos a olhar para o thuragar, falhando em perceber as suas intenções de imediato, mas foi apenas preciso Worick repetir o gesto uma vez para que os vários anos de treino que ambos levavam juntos preenchessem as lacunas na indicação do seu mentor. Lhiannah acenou com a cabeça e, esperando o momento certo, deixou-se pender dos braços do guarda que a agarrava, juntando ambas as pernas e oscilando-as na diagonal para chutar a cara do homem que segurava Worick. Protegido pelo elmo, o golpe nem sequer o atordoou, mas desorientou-o o suficiente para que o thuragar se deixasse também ele pender, impelindo-se para a frente com a im-pulsão de uma cambalhota, levando o humano atrás de si e fazendo com que ele caísse de cara contra o chão. O ângulo do impacto e a força do mesmo teriam sido suficientes para partir o pescoço ao guarda, que se viu incapaz de amparar a queda quando o thuragar lhe agarrou as manoplas, mas o elmo resguardou-

o do pior, e este caiu de seguida sobre Worick.

— Quieta, maldita! — praguejou o outro, agarrando Lhiannah pela cintura, alçando-a bruscamente sobre a anca com um repêlo e virando-a para a parede, contra a qual a tentou encurralar.

Lhiannah conseguiu porém, assentar nela os pés, flexionando as pernas com o ímpeto do guarda, e arrojando-se de seguida para trás com um grunhido. O homem tropeçou no seu companheiro tombado e caiu ele também com grande estrépito de costas com Lhiannah em cima, permitindo à arinnir soltar-se e sair de cima dele com uma cambalhota para trás, a meio da qual pegou na espada do homem, desembainhando-a com o movimento. Os dedos de aço do guarda agarraram-lhe a manga do vestido manchado de sangue, que a arinnir rasgou ao puxar o braço assim que assentou os pés no chão, posto o que empunhou a espada com ambas as mãos e percutiu o homem com o pomo da arma, fazendo com que o elmo ressoasse contra o chão.

— Worick! — exclamou Lhiannah ao ver os braços do thuragar mexerem-se debaixo do primeiro guarda caído, espalmando as mãos no chão e tremendo ao tentarem erguer o peso de ambos.

A arinnir contornou o atordoado guarda que acabara de agredir e tirou o outro de cima de Worick, que permanecia deitado de barriga para o chão e com uma careta de esforço na cara suja de bile seca.

— Worick, estás bem? — perguntou a princesa, ajoelhando-se ao lado do thuragar e mantendo-se atenta aos movimentos dos dois guardas.

— Estou todo partido, cachopa — disse Worick, levantando-se com o braço de Lhiannah a servir-lhe de apoio e olhando para a caótica contenda que se desenrolava em frente. — Temos de ir ajudar o Aewyre.

— Estás desarmado...

— Eu cá me arranjo! — asseverou o thuragar, empurrando a princesa ao ver que os dois guardas se começavam a levantar. — Vamos!

Foi todo o incentivo de que a arinnir precisou, e esta tomou a dianteira a correr com a sua saia e manga rasgadas, empunhando a espada do guarda com ambas as mãos. Passou por guardas que combatiam cortesãos ensandecidos e dirigiu-se à mesa com o intuito de saltar sobre ela para chegar ao palco, mas um homem reparou nela e começou a correr na sua direção, enquanto outro que estivera a bater com a cabeça de uma mulher contra o chão se apercebeu da sua vinda e se levantou ele também para a atacar. Lhiannah interceptou o primeiro, baixando-se e atirando-o por cima da sua cabeça, e cortou abruptamente a arrancada do segundo ao plantar-lhe o pé no peito, derrubando-o de seguida com uma bordoadada do pomo da espada na têmpora. Worick chutou na cara o primeiro, que caíra de costas ao chão e se tentava levantar, pegando de seguida numa adjacente cadeira caída e despedaçando-a nele e no chão, empunhando então o recosto como uma arma. A violenta chegada de ambos não passou despercebida, e o thuragar e a princesa tornaram-se o novo centro das atenções dos cortesãos mais próximos, que largaram as suas surradas e indefesas vítimas para os atacar. Os outros ignoraram-nos simplesmente, atacando quem estivesse mais perto deles num selvagem frenesim, guardas, cortesãos ou serventes, espancando-os como se dessa forma pudessem apagar o fogo que lhes ardia nas veias.

Tylon e Cortun berravam enquanto o faziam, espumando das bocas e urrando como se estivessem a arder por dentro. O regente estava a ser atacado pelos seus, tendo já derrubado e partido os ossos a três que se

encontravam aos seus pés, mas já ostentava uma série de ferimentos de punho e faca, e três outros continuavam a trocar violentos socos e pontapés com ele. Por sua vez, Cortun contendia com Daveanorn, e os dois esmurravam-se um ao outro no chão, pelo qual rebolavam. O lennhês era maior, mais jovem e mais forte, mas combatia de forma quase cega, e o velho paladino era um mestre em formas de luta, com ou sem espada, o que lhe permitiu reverter o ímpeto inicial de Cortun, que se distraía a esmurrar-lhe o costado enquanto Daveanorn lhe agarrava o braço esquerdo. Quando ambos se encontraram lado a lado, o velho paladino torceu-lhe o braço e, com um golpe de ancas, pôs-se sobre ele e colocou-o em posição de luxação, incitando-o a desistir com um olho intumesciente e os pêlos brancos da barba manchados de vermelho.

Alheios ao caos em redor do palco, Aewyre e Dilet continuavam o seu combate, os seus passos demarcados ao ritmo do furioso retintim das lâminas. O guerreiro estava acostumado à vantagem que o tamanho de Ancalach lhe dava, e que deveria ser mais significativo ainda por estar a combater um homem armado de adagas, mas Dilet era tão rápido, os seus movimentos tão imprevisíveis, e os seus golpes tão arrojados, que Aewyre se via confundido. O bobo passava quase tanto tempo no ar como de pés assentes no chão, executando estonteantes piruetas ao desviar-se de golpes e ao desferi-los em ousados movimentos que seriam certamente suicidas para um lutador normal. As suas adagas sibilavam como serpentes venenosas, trilhando o seu oleoso fumo sombrio a cada golpe, e o sorriso sardônico nunca lhe abandonava a cara, como se o combate o estivesse genuinamente a divertir. Mesmo quando teve de cruzar as adagas para aparar um forte altabaixo de Aewyre, que lhe fez os ossos estremecerem, Dilet riu. O

guerreiro recolheu Ancalach quase de imediato, impelindo-a de seguida em frente numa estocada da qual o bobo prontamente se desviou, flexionando uma perna e desferindo com a outra um pontapé no joelho de Aewyre. O jovem cambaleou e Dilet pulou contra ele de braços estendidos para o lado, rodopiando pelo ar e golpeando o pescoço do seu adversário quando este desviou a cabeça de um certamente mortal golpe à garganta. O bobo aterrou nas suas costas e Aewyre virou-se rapidamente, recuando um passo e estendendo Ancalach para criar distância entre si e Dilet.

— Surpreso? — indagou, agitando provocadoramente a adaga com o sangue do jovem. — O poder do meu senhor não reside na escuridão, Aewyre, mas na sombra. Sabes, aquelas coisas desagradáveis que te são intrínsecas mas que te recusas a reconhecer ou admitir?

O guerreiro nada disse, respirando ofegantemente e mantendo Ancalach entre si e Dilet.

— Graças a Ele, consegui confrontar a minha, e agora uma fração do Seu poder flui através de mim. Uma fração que me permitirá matar-te a ti e ao teu irmão e a quem quer que se meta no meu caminho para tentar impedir-me.

— Veremos, verme — disse Aewyre, avançando com uma convidativa guarda alta.

Dilet sorriu e não se fez de rogado, pulando para o lado e arrojando-se contra o adversário de adaga em riste, visando a ilharga exposta do jovem, mas Aewyre bloqueou o golpe com a lâmina ao baixar a espada até à anca numa guarda fechada. A mão livre de Dilet teve então caminho livre até à barriga do guerreiro, mas Aewyre levou uma perna atrás da outra e torceu os pulsos para interceptar a adagada, deixando Dilet de braço

estendido e numa posição de equilíbrio precário. Torcendo novamente os pulsos e avançando com a perna que recuara, Aewyre reverteu o golpe, e o bobo apenas conseguiu evitar ser degolado arqueando as costas para trás e deixando-se cair, sentindo Ancalach rasar a sua barriga com um chofre que ainda assim lhe cortou uma das extremidades do seu gorro. O guizo na ponta desta tilintou pelo ar e Dilet cravou ambas as adagas no chão, formando uma ponte arqueada com o seu corpo e desferindo de seguida um pontapé na omoplata de Aewyre. O guerreiro desequilibrou-se com o golpe e cambaleou para o lado, permitindo ao bobo executar uma pirueta para trás, arrancando as adagas do palco, pousando com a graça de um dançarino e reassumindo uma pose de combate ao passar novamente as lâminas das adagas uma pela outra, deixando um rasto de fiapos de sombra.

— Nem imaginas o gozo que isto me está a dar — disse. — Qual é a sensação de ser toureado por alguém que sempre menosprezámos, hmm? De ser alto, forte e bem-parecido, e estar a ser enxovalhado por um bobo?

— Já passei por bem pior — rosnou o guerreiro, tornando a investir.

Dilet dançou com Ancalach como se esta fosse a sua parceira, lambendo-a de forma quase lasciva com as suas adagas em sinuosos golpes e movimentos, e prendendo-a de lâminas cruzadas para de seguida dar uma pirueta lateral, rodando no ar com as pernas a girarem como as velas de um moinho e raspando a cabeça de Aewyre com um pé quando este a baixou. O jovem varreu o chão com

Ancalach assim que o bobo aterrou, tentando cortar-lhe os pés, mas este ressaltou como uma bola e chutou-lhe a cara com um pontapé certo, fazendo o guerreiro cambalear para trás.

— Ui, desta é que o teu incisivo torto se foi! — provocou o bobo. Aewyre levou a mão esquerda à boca e tirou-a de lá com sangue nos dedos, mas para grande desapontamento de Dilet mostrou ao torcer o lábio ferido de raiva que conservava o seu saliente incisivo inferior. O bobo limitou-se a rir com os ombros e sorrir, e Aewyre tornou a atacar, percorrendo meio palco com oscilantes golpes de Ancalach, dos quais Dilet se ia desviando enquanto recuava, sem sequer lhes tocar com as adagas. A Espada dos Reis cortava o ar com afiados choftes e o bobo fugia dela, pulando como uma pulga risonha até à borda do palco, onde se encontravam as cadeiras e instrumentos caídos. Dilet evitou uma estocada, pulando para trás e para cima de uma cadeira, sendo prontamente seguido por Aewyre, que desferiu uma espadeirada transversal que obrigou o bobo a dar uma pirueta lateral para cima de outro assento. Porém, o guerreiro antecipou-se ao movimento e chutou a cadeira antes que Dilet assentasse os pés nela, deixando-o cair desamparado. O bobo estatelou-se no palco e Aewyre revirou Ancalach de ponta para baixo com o intuito de cravar Dilet ao chão, mas este pegou nas pernas de uma outra cadeira com as suas e puxou-a sobre si para se resguardar da espada, que nela se espetou. O bobo torceu então as pernas e rebolou, arrancando Ancalach das mãos de Aewyre e atirando a cadeira sobre a cabeça para fora do palco, impulsionando-se de seguida com as pernas para uma posição agachada. Vendo-se desarmado e com o sorridente bobo entre si e Ancalach, Aewyre recuou um passo e olhou à volta em busca de uma arma improvisada.

— Pois é, meu rapaz... — disse Dilet, girando as adagas entre os dedos e envolvendo-os com oleosos fiapos de sombra. — Confesso que estava à espera que este nosso jogo durasse um pouco mais, mas não faz

mal. Deixo-te aqui a sangrar, mato o teu irmão e depois volto...

O jovem pegou na perna de uma cadeira e empunhou-a com ambas as mãos, o que alargou mais ainda o sorriso do bobo, que começou a avançar e cujas mãos se viram então envoltas em acirrada sombra ondulante.

— Estamos um bocado desprotegidos sem a espadinha, não *é*? Sente o poder do meu se...

— Aewyre! — ouviram ambos Lhiannah gritar.

O guerreiro olhou para além de Dilet, que espreitou por cima do ombro e viu a princesa de braço estendido sobre o palco, como se tivesse acabado de atirar algo. Só então Dilet viu Ancalach derrapar pela madeira, vendo-se incapaz de reagir a tempo para a interceptar, mas virando-se rapidamente para Aewyre e apontando-lhe uma adaga, da qual jorrou uma emanção sombria. Aewyre saltou para o lado, evitando-a, rebolou pelo palco e agarrou a espada, erguendo-se com ela empunhada a tempo de cortar a segunda emanção que o bobo contra ele arrojou, dissipando-a como cinzas negras expostas a uma rajada de vento.

— Mau... — queixou-se o bobo, vendo que a princesa subia ao palco, também ela com uma espada empunhada. — Dois contra um é que não.

Dito isto, Dilet arremessou uma adaga contra as pernas de Lhiannah, prendendo-lhe a ponta da saia a uma tábua do palco e fazendo com que a arinnir tropeçasse e caísse de peito ao piso. Aewyre investiu com um grito, desferindo um corte ao nível das coxas do bobo, que contudo pulou sobre os seus ombros, apoiando-se neles para um novo salto que lhe permitiu evadir-se de uma possante espadeirada em arco sobre a cabeça do

guerreiro. Dilet agarrou-se então à borda do grande candelabro sobre o palco, oscilando as pernas para cima e alçando-se para cima dele com o contrabalanço. O candelabro começou a vacilar de um lado para o outro e Dilet agarrou-se à corrente numa pose triunfante a meio dos brandões de agitadas chamas, capitaneando o oscilante objeto com uma adaga teatralmente enristada.

— Avante, então! A águia cairá, qual candelabro sobrecarregado! — proclamou, deixando-se pender do braço agarrado à corrente quando o candelabro atingiu o seu ápice na direção da entrada e com Aewyre em baixo, ao qual acenou com uma adaga. — Diz adeus ao teu irmão, jovem príncipe onerado!

Com isto, Dilet tomou balanço, e, antes de o candelabro atingir o seu ápice virado para a revirada mesa principal, saltou em pleno ar e aterrou com força sobre o aro de ouro, arrancando a base da corrente do teto. O bobo precipitou-se então em queda livre, montando o candelabro como uma montaria desgovernada de adejantes flâmulas verdes e soltando uma gargalhada maníaca ao pular dele a meio caminho, deixando-o abater-se com grande estrépito sobre dois cortesãos, que apenas puderam resguardar-se debalde com os braços e gritar antes de a pesada morte dourada lhes cair em cima. Dilet rodopiou em piruetas pelo ar como um parafuso arremessado na direção de uma das tapeçarias pendentes do teto, desembainhando uma outra adaga e espetando nela as duas, e descendo diagonalmente ao longo da tapeçaria, deixando nela dois rasgões que cortaram ao meio a águia nela bordada. Com a queda amparada desta forma, o bobo pousou graciosamente no chão, olhando para trás para Aewyre, que ainda se encontrava em cima do palco, sorrindo-lhe e ostentando as suas

lâminas.

— Aereth! — gritou o guerreiro ao ver Dilet correr na direção do seu irmão, hesitando um breve instante ao olhar para Lhiannah, que o fitava com grandes olhos, ajoelhada e a arrancar a adaga que lhe prendia a saia.

A quase irresistível vontade que os acometeu foi a de se abraçarem ali mesmo, de se reconfortarem nos braços um do outro e sentirem os corações a ressoarem nos seus peitos, mas ambos lhe resistiram e limitaram-se a acenar com as cabeças em concordância. Lhiannah levantou-se e foi pegar na sua espada, e Aewyre correu até à borda do palco e saltou para fora dele, movido pelo iminente terror de que poderia não chegar a tempo de impedir o bobo, que pulava na direção do seu irmão, evitando os ensandecidos cortesãos com uma série de piruetas. Uns tentaram agarrá-lo, estendendo os braços ou mesmo saltando para o apanhar, mas a maior parte deles ignorou-o, permitindo-lhe pousar com a graciosidade de um gato perto de Aereth sem quaisquer confrontos. O regente ainda estava ajoelhado e com Iollina nos seus braços, balbuciando incoerentemente e abanando a cabeça com a princesa a pender frouxa e exangue dos seus membros.

— Oh, meu senhor, então agora é que vos lembrais de que a vossa esposa existe? — perguntou Dilet, inclinando a cabeça para o lado com apenas um guizo a tinir e levando ambas as adagas ao coração, pondo um lento pé à frente do outro à medida que avançava. — Longos dias sangrou ela do coração, sem que lhe désseis atenção, e apenas agora que o sangue lhe pinga vermelho do colo para os frios ladrilhos do chão, frios como o vosso trato...

Dilet suspirou, emitindo estalidos aprovadores com a língua, e

Aereth virou a cara para ele com os olhos marejados de lágrimas que lhe escorriam até à barba e dela pingavam.

— Porquê, bobo... porquê? — plangeu.

Dilet sorriu e olhou para trás, vendo que Aewyre se debatia aflitamente com os cortesãos que se lhe metiam no caminho, e deliciando-se ao vê-lo ceifar um com Ancalach. Não chegaria a tempo, por muito que tentasse, e Dilet avançou então para Aereth de braços apartados e adagas enrodilhadas em fumarenta sombra, os seus não mais jocosos olhos a luzirem com um brilho assassino.

— Porquê? Porque jurei destruir-vos e aos vossos, *meu senhor* — explicou Dilet com nojo na voz. — Por muito que tenha sonhado com esta ocasião, a verdade é que matar-vos nem me dará grande prazer, de tão pateticamente crédulo e fácil de persuadir que fostes...

O bobo foi interrompido pelo pajem, que se interpôs entre ele e Aereth de braços abertos, surpreendendo Dilet, que estacou e arregalou as já de si arqueadas sobrancelhas com a inesperada interrupção. O rapaz estava claramente assustado, bem como desarmado e mal vestido para um combate com o seu gibão alaranjado e apertadas calças azuis, mas nem por isso parecia menos decidido a proteger o seu senhor. Dilet piscou três vezes os olhos, mas como não tinha tempo para piadas, sorriu e revirou uma das adagas na sua mão para despachar o insolente pajem, desferindo um corte limpo à garganta, do qual o rapaz contudo se desviou, inclinando-se para trás.

— Eh? — admirou-se o bobo, franzindo o sobrolho.

O pajem nada mais fez, limitando-se a recuar um curto passo, e Dilet tornou a atacar, instigado pelos gritos cada vez mais próximos de

Aewyre nas suas costas. O bobo cortou novamente o ar com uma adagada, pois o rapaz tornou a evitar o seu golpe, bem como os dois que se lhe seguiram em rápida e sibilante sucessão. Todos falharam, dextramente evitados pelo pajem para grande incredulidade de Dilet, que cedo se converteu em agravamento, levando o bobo a envolver as suas adagas inteiramente em serpenteantes sombras, pronto a arrancar a pele dos ossos do impertinente rapaz, mas então ouviu um tremendo urro atrás de si.

Aewyre estava em pleno ar, saltando sobre a mesa revirada e com Ancalach empunhada por ambas as mãos, pronto a partir Dilet ao meio. O bobo pulou para o lado e a espada vibrou agudamente contra os ladrilhos do piso quando Aewyre aterrou pesadamente sobre eles, virando bruscamente a cara para ver Dilet pular contra ele de dentes cerrados num contra-ataque com um braço esticado de adaga enristada e o outro recolhido, visando o seu costado exposto. O guerreiro girou a bacia e posicionou Ancalach diagonalmente sobre o seu tronco, bloqueando o golpe e, assim que o bobo tentou atacar pelo lado com o outro braço, flectiu o joelho dianteiro e entrou pelo golpe de Dilet adentro, levando bruscamente acima o punho da espada e golpeando-o com o pomo. Um esguicho de sangue cuspiu um dente para fora da boca do bobo, cuja cabeça foi para trás de repelão com a força do golpe, e Aewyre não lhe deu tempo para se recompor, desferindo um altabaixo que teria escachado o crânio a Dilet se este não se deixasse cair para trás de pernas flexionadas, rolando no chão sobre as costas e empurrando-se com os braços para uma posição agachada. Dilet apontou então com ambas as adagas para o jovem, emanando delas dois jorros de revolvente penumbra que Aewyre desfez em fiapos de sombra com Ancalach, investindo então contra ele com

Ancalach ao seu lado. O bobo foi-se evadindo com piruetas, contratacando sempre que julgava encontrar algum espaço, mas Aewyre fustigava-o com uma acerada lufada de golpes, determinado a manter o bobo afastado do seu irmão.

Os dois passaram por Cortun e Daveanorn, que continuava a manter o braço do seu adversário em posição de luxação, sem que este contudo cedesse. O corpulento paladino grunhia e berrava, ignorando as palavras de Daveanorn e contorcendo-se selvaticamente no chão com este em cima do seu braço, até que, para grande espanto do mestre de armas, os ossos do braço do seu adversário se separaram com um forte estalo que foi tragado pelo urro de Cortun. Dobrando o membro de forma grotesca, o paladino agarrou o colarinho de Daveanorn com o outro e puxou-o contra a sua nuca, partindo-lhe o nariz com um enojante baque. Daveanorn levou as mãos à cara e saiu de cima de Cortun que, sem nunca deixar de urrar, mexeu o braço dobrado e se apoiou com o outro no chão para se pôr de joelhos. Olhando em redor com vítreos olhos injetados de sangue, deixou a dor afogar-se na torrente de violência que varria o salão real com vagas de sangue e gritos, e virou novamente a sua atenção para Daveanorn, que estava de costas viradas para ele e com as mãos na cara. O paladino arreganhou os dentes e pegou no seu adversário caído pelos cabelos grisalhos, puxando-lhe a cabeça para cima para a esmagar contra o chão, mas foi surpreendido quando o mestre de armas se virou bruscamente para ele com um sangrento ricto de raiva, espetando-lhe uma faca de trinchar na garganta, cuja ponta lhe saiu pela parte de trás do pescoço. Cortun emitiu um ruído sufocado e crispou reflexivamente os dedos nos cabelos de Daveanorn, mas não foi senão quando este puxou a faca para o lado e lhe

abriu a garganta que a sua mão afrouxou. As raivosas rugas que lhe riscavam a face desapareceram, aplainadas pelo choque da passagem do ferro frio a encher-lhe as vias respiratórias com o seu próprio sangue, e o paladino agarrou a garganta como se pudesse parar o sangramento, apertando-a. Caiu sobre o ombro do braço bom e ficou então de barriga para o chão sobre uma crescente poça de sangue, deixando o outro membro frouxo e dobrado a seu lado.

Lhiannah não conseguira acompanhar Aewyre, que correria que nem um touro desenfreado até Aereth, empurrando ou cortando cortesãos para fora do seu caminho, e eram esses que agora se erguiam e a atacavam, retardando-lhe o avanço. Algo lhe dizia subconscientemente que não devia lutar a matar com aquelas pessoas, mas a princesa estava demasiado ferida, assustada e furiosa para se conter contra homens e mulheres que a tentavam matar a ela, e o seu avanço ia-lhe manchando a espada com o sangue cobrado quase a cada passo. Procurava ainda assim ferir em vez de matar, mas alguns cortesãos obrigaram a arinnir a defender-se de forma mais vigorosa, como o homem caído e de punhos ensangüentados que lhe agarrou a perna, ameaçando derrubá-la e deixá-la à mercê da furiosa turba, forçando Lhiannah a abrir-lhe o escalpe e lascar-lhe o crânio com um golpe de espada. Uma mulher saltou-lhe para as costas, tapando-lhe a cara com os seus cabelos e fincando-lhe as unhas na cara suja de sangue, e Lhiannah curvou-se a projetou-a sobre a cabeça, fazendo-a golpear com as pernas um outro cortesão que se preparava para a atacar. Mal se viu livre desses dois, houve logo um outro a investir contra ela de faca e garfo empunhados, alheio ao alcance superior da espada que a arinnir empunhava e que lhe fendeu o joelho, partindo-lhe de seguida o queixo com uma bordoadada do

pomo. Tombado esse cortesão, Lhiannah constatou que os restantes entre as mesas estavam demasiado ocupados a lutar entre si e teve por fim espaço para respirar, aproveitando para olhar para Aewyre, que perseguia o bobo ao longo da parede com espadeiradas das quais este se ia evadindo. Worick rebolava debaixo da mesa da corte de Ul-Thoryn, a única que ainda se encontrava de pé, fugindo de dois guardas armados de partasanas. Lhiannah preparou-se para o ir ajudar, mas um grito nas suas costas deteve-a e levou-a a olhar para trás, reconhecendo a aia de Iollina, que estava encolhida à parede, resguardando a cabeça com os braços e sendo violentamente agredida por um gritante cortesão, que a chutava como a uma cadela. Lhiannah sentiu-se apenas momentaneamente dividida, mas foi quase de seguida acorrer a rapariga, cujos gritos eram entrecortados a cada pontapé por grunhidos abafados. A princesa cobriu a curta distância que os separava com três longas passadas a correr e acometeu o homem com uma forte pancada do pomo da espada na nuca, que lhe fez estremecer a cabeça e o corpo, que caiu esfacelado para o lado.

— Estás bem, rapariga? — perguntou Lhiannah, ajoelhando-se diante dela e pousando-lhe a mão sobre o trêmulo ombro, que se encolheu juntamente com o resto do corpo ao toque. — Está tudo bem, ele já não te faz mal...

Hesitante, a aia acabou por espreitar por entre os braços, a sua face marejada por lágrimas mescladas de sangue e das marcas sujas de um *pé*. Tremendo, acabou por baixar os braços ao reconhecer a princesa por detrás da máscara escarlata.

— Prin... princesa Lhiannah? — balbuciou.

— Sim, está tudo bem. Não te preo...

— Cuidado! — gritou a rapariga, arregalando os olhos e agarrando-se à mão de Lhiannah, que se virou imediatamente de espada aprestada.

Grande foi a sua surpresa ao ver Tylon arremeter contra si de braços estendidos, enterrando-se com abandono na lâmina a ele apontada, que o trespassou de um lado ao outro, e ainda assim conseguindo colidir com Lhiannah, que foi contra a parede e arquejou asfixiadamente quando o pomo da sua espada se lhe enterrou na barriga, levando de seguida uma involuntária cabeçada do regente que fez com que a sua cabeça ressaltasse contra a parede. Debaixo das suas pernas, a rapariga gritou e tornou a cobrir a cabeça, sendo porém ignorada por Tylon quando este rosnou, ignorando o aço que lhe atravessava o torso, e cerrou os dedos no pescoço de Lhiannah, arrastando-a para o chão. A arinnir bateu novamente com a cabeça, deixando-a atordoada e de pulmões apertados, com os ásperos dedos do pesado regente a enterrarem-se na sua garganta. Privada de ar, Lhiannah debateu-se desesperadamente, arranhando os braços de mangas rasgadas de Tylon e esmurrando-lhe a cara intumescida de sangue pisado e com um olho fechado. Porém, o enlouquecido regente não fazia caso e apertava com cada vez mais força, expelindo saliva e sangue através dos espaços partidos entre os seus dentes e respingando a já de si cruenta cara da princesa com sanguinolentos perdigotos de muco do seu nariz. A visão de Lhiannah começava a turvar-se, e as forças esvaíam-se-lhe lentamente enquanto agredia Tylon com um braço e procurava agarrar com o outro o punho da espada que lhe pressionava o ventre, estando esta agora enterrada até aos copos na barriga do regente. O sangue que lhe ficara preso do pescoço para cima enrubescia-lhe a cara e marulhava-lhe aos ouvidos, abafando o tremendo berro que veio na direção de ambos e do qual apenas

Tylon se apercebeu.

Erguendo a surrada cara, o regente teve apenas uma fração de instante para ver Worick carregar contra ele antes de a perna da cadeira que o thuragar empunhava se partir contra a sua cara com um estraçalhar de madeira e osso que espirrou sangue e lascas pelo ar, arrancando Tylon de cima de Lhiannah e prostrando-o de braços estendidos no chão. A arinnir inalou roucamente ar, levando uma mão à garganta e a outra à barriga, momentaneamente incapaz de ouvir as inquições de Worick acerca do seu bem-estar.

Do outro lado da sala, Ancalach continuava a ser assediada por adagas enquanto Aewyre e Dilet prosseguiam no seu combate. O jovem estava a ter dificuldades em compensar a mobilidade do bobo, que já recuperara da pancada no queixo e retomara as suas mortíferas piruetas, parecendo estar com as adagas por todo o lado. Com a agilidade de Dilet, o superior alcance de Ancalach era uma vantagem ilusória, pois o bobo entrava repentinamente no seu espaço sempre que o guerreiro se estendia com uma estocada ou golpe mais vigoroso, o que o obrigava a manter guardas próximas e a desferir cortes curtos na esperança de que Dilet ficasse excessivamente confiante e cometesse algum erro. Porém, o bobo parecia mais que disposto a prolongar aquela que para ele parecia ser uma brincadeira até que Aewyre ficasse exausto, rindo enquanto saltava e emitindo provocantes ruídos de antecipação sempre que via uma aberta.

— Admito que aquele rapazote me surpreendeu — disse Dilet, revirando a adaga e aparando uma espadeirada de Aewyre com a lâmina desta apoiada sobre o antebraço. — Não sabia que treinavam tão bem os pajens aqui. Talvez pudesses aprender umas coisas com ele, se não fosses

morrer hoje.

Aewyre não respondeu, recolhendo imediatamente Ancalach para interceptar o penetrante golpe da outra mão do bobo com os copos da espada, recuando então um passo e volteando a espada com o intuito de atingir de lado o joelho do bobo. Este pulou como um gafanhoto para evitar o golpe, saltando por cima da cabeça do guerreiro e rebolando pelas suas costas, espetando-lhe uma adaga na ilharga pelo caminho. Aewyre grunhiu e rodou a bacia, desferindo um cego revés, mas o bobo já estava fora do seu alcance e limitou-se a rir, franzindo porém ao ver que a adaga não estava manchada de sangue. O jovem arreganhou os dentes e tornou a investir, retomando a dança de lâminas, na qual Dilet lhe permitia tomar as rédeas, deixando Ancalach pautar o ritmo e causando dissonâncias sempre que lhe convinha. O bobo recuava, deslizando com os pés pelos ladrilhos, e Aewyre procurou encurralá-lo contra um pilar, orientando-o à espadeirada. O bobo pareceu todavia aperceber-se das suas intenções, pois pulou para trás, apoiando os pés no pilar, saltando e efetuando uma pirueta sobre Aewyre, no decurso da qual as suas adagas resvalaram vibrantes por Ancalach, com a qual Aewyre se defendeu dos múltiplos e inesperados ataques vindos de cima. Dilet aterrou após duas cambalhotas com um sorriso e uma risadinha, rilhando as adagas uma contra a outra e assumindo uma convidativa pose de perna flexionada.

«O *maldito é rápido... bem mais rápido que eu*», reconheceu Aewyre, ignorando a pontada de dor que sentia na ilharga e concentrando-se na única coisa que ainda o poderia salvar.

Kror estava demasiado longe, e mesmo que o ranger do «tendão» lhe sinalizasse a morte iminente do seu adversário, o jovem duvidava muito

de que sentisse a mínima vontade de o ajudar, tendo em conta o que acontecera. Ainda assim, Aewyre tentou, esperando algo semelhante ao que sucedera segundo Fèdac quando a família de Blai contratara um bando de assassinos para matar Tûmes. Crispando os dedos no punho de Ancalach, tentou o «tendão» com o acirrado combate que se avizinhava e cuja ferocidade já tivera ocasião de degustar. Seduziu-o com a raiva adormecida no seu sangue fervilhante, com o calor líquido que lhe escorria do corte no pescoço pelo colarinho abaixo, com os gritos e sons da contenda que ecoava pelas abóbadas do salão, e com a sombria ameaça das adagas de Dilet, que ergueu a sobancelha ao ver a sua aparente hesitação. O «tendão» mostrava-se relutante como sempre, mais ainda que o costume, tendo em conta a distância a que se encontrava de Kror, mas o rangido forte que Aewyre sentiu incentivou-o a tentá-lo mais. O «tendão» estava adormecido, moüficado pelas semanas de convivência desprovidas de conflito entre Aewyre e Kror, mas o jovem julgou que podia jogar com isso a seu favor, por muito que uma parte de si se continuasse a revoltar contra a noção de que o «tendão» era algo senciente com o qual podia comunicar.

«Sabes bem que o queres», provocou, enristando novamente Ancalach e avançando a passos decididos na direção de Dilet, cujo sorriso regressou.

— Pareceste meio perdido por instantes. Tens a certeza de que queres continuar? — zombou o bobo.

«Não serves para mais nada. O teu propósito é nulo se não estalares em combate», continuou Aewyre, de olhos fitos em Dilet mas ignorando as suas palavras. *«Ele é mais rápido que eu, é alimentado pelo poder do homem que matou o meu pai, e corrompeu o meu irmão. Vou matá-lo por isso.»*

Os dois seguintes passos foram mais rápidos, e Aewyre assumiu

uma guarda lateral de espada erguida, expondo o ombro esquerdo. Começou a apoderar-se dele uma tênue sensação de que os seus braços se alargavam, tornando Ancalach parte do seu corpo, o que viu como um claro sinal de que faltava apenas um derradeiro puxão.

«Se queres estar recolhido a um canto como o Kror, força, mas eu vou cortar este maníaco em pedaços, e mesmo que morra vou vender cara a minha pele!»

Sem mais delongas, Aewyre atacou Dilet com um urro, e nesse momento a sua visão afunilou-se, tornando o bobo o centro do seu mundo, e um estalido fez os seus próprios tendões e músculos contraírem-se como uma grande câibra, soltando-os de seguida com renovado vigor. O guerreiro tornou-se uno com a sua lâmina, que acometeu Dilet com uma súbita e quase sobrepujante saraivada de golpes, apagando o sorriso da cara do bobo. Aewyre avançou implacavelmente com relampagueantes molinetes que cortavam o ar com chofres acerados, forçando Dilet a recuar não por opção, mas para evitar ser mortalmente golpeado. Os seus reflexos permitiram-lhe eva-dir-se do avassalador ataque, deixando traços entrecruzados de oleoso fumo sombrio à sua frente à medida que ia aparando os sucessivos ataques a um ritmo alucinante que o tomou totalmente de surpresa, mas os seus movimentos afiguravam-se mais lentos aos olhos do guerreiro, que não lhe deu o mínimo espaço para sequer pensar num contra-ataque, vedando-lhe todas as aberturas com o leque lamelar que o seu ataque formava. Os dois chegaram até à fogueira diante da mesa principal, sobre a qual se encontrava inclinado o baldaquim de cortinas pendentes, uma das quais Aewyre quase cortou ao meio com um golpe de Ancalach quando Dilet se tentou esconder atrás dela. Debaixo do baldaquim e com uma enfunada cortina cortada entre eles, o bobo julgou

ver por fim uma aberrura e por pouco não foi empalado por Ancalach ao tentar tirar partido dela. Aewyre recobrou quase instancaneamente da falhada empalação e partiu dela para um traíçoeiro revés, mas embora se mantivesse concentrado em Diler, viu que Aereth ainda se encontrava ajoelhado e com Iollina nos seus braços à sua direita, e a ameaça que o bobo representava para o seu irmão apenas encarniçou os seus ataques. De cima, de baixo, pela esquerda ou pela direita, a espada rutilante à luz da lareira próxima perseguia Dilet, e Aewyre estava prestes a encurralá-lo contra o baldaquim caído, quando a sua investida foi bruscamente interrompida. O vigor de aço que lhe ondulara pelos músculos desvaneceu abruptamente, deixando-o desamparado como se tivesse acabado de ser expelido de uma carruagem em andamento, e o ímpeto do seu último golpe desequilibrou-o.

«Não! Maldito, não agora...!»

O bobo não perdeu um instante sequer e aproveitou de imediato, desferindo um corte transversal no torso de Aewyre e partindo dele para uma rápida seqüência de golpes fluidos, rodopiando em si em pleno ar ao deslizar as adagas pelo peito e barriga do jovem e culminando com um pontapé no esterno deste, que o fez ir de costas contra a prateleira da lareira. Antes sequer de o jovem colidir contra o mármore, já Dilet dava uma cambalhota no chão para de seguida se impulsionar de adagas em riste contra Aewyre, enfiando-lhas na barriga e apartando-as bruscamente de seguida num movimento de evisceração. O guerreiro curvou-se com um grunhido sufocado, caindo de joelhos com a mão que segurava Ancalach apoiada no chão e a outra agarrada à barriga. O bobo chutou-lhe então a cara, fazendo com que Aewyre largasse Ancalach e deixando-o estendido no chão de cabeça virada para a fogueira, cujo calor lhe abrasou a já de si

enrubescida face.

— Nada mal, Aewyre — ofegou Dilet, empurrando Ancalach para longe com o pé, revirando nas suas mãos as adagas, que começaram novamente a emanar o seu sombrio fumo, e acercando-se do guerreiro enquanto esse se erguia a custo. — Mas agora a brincadeira acabou.

— Bobo... não! — gritou Aereth debilmente.

De costas para Dilet, Aewyre apenas ouviu os delicados passos que se aproximavam, mas os seus instintos de guerreiro amolados pela constante tensão do «tendão» permitiram-lhe sentir a aproximação das duas pontas de aço assassinas que sibilavam pelo ar como duas cobras em busca da sua jugular. Grunhindo um grito de desesperado esforço, o jovem levou a cabeça atrás e agarrou os pulsos de Dilet, deixando as adagas a menos de uma agulha de distância da sua garganta de veias palpitantes. O bobo assentou rapidamente um pé nas omoplatas do guerreiro para lhe puxar as adagas contra a garganta, mas Aewyre antecipou-se-lhe, dobrando a cintura e servindo-se do pé de Dilet como ponto de apoio para o projetar sobre a sua cabeça. O bobo teve apenas tempo para grunhir com o súbito sacão e arregalar os surpresos olhos antes de cair de cara desamparada sobre os toros em brasa da grande fogueira, fazendo-a espirrar incandescente brasido com o impacto. O silvo de carne a ser queimada antecedeu o tremendo berro do bobo, que estorcegou em agonia dentro da lareira, escorregando em toros e caindo de costas para trás enquanto esperneava e esbracejava com o seu gorro a pegar fogo. Aewyre arrastou-se para trás, momentaneamente preso pela horrífica dança de dor do bobo, mas assim que este saltou às convulsões para fora da lareira, lembrou-se de rastejar aos tropeções até Ancalach.

— Aewyre! — gritou Lhiannah, que se aproximava com Worick, correndo ao longo da parede.

O guerreiro olhou brevemente para a princesa, vendo-a surgir com othuragar detrás de uma das cortinas pendentes do baldaquim inclinado, mas o seu olhar e a ponta da espada voltaram rapidamente para Dilet assim que o ouviu berrar novamente. Com a cara a fumer e chiar, o bobo arrancou o seu gorro ardente e atirou-o para o chão, levando então à face as mãos coruscantes de penumbra enquanto cambaleava em redor. Lhiannah e Worick chegaram a tempo de verem Aewyre investir contra o gritante bobo, que destapou uma carranca escurecida, ruborizada e fumegante para fitar o jovem com um olho semicerrado e o outro a lacrimejar odiosa sombra. Aewyre gritou ao levar Ancalach atrás e atacar, temendo que o seu irmão ainda pudesse ser ameaçado, mas Dilet retribuiu o berro ao pular de costas por cima de Aereth e para cima da base do baldaquim inclinado, da qual ressaltou para se agarrar às cortinas enroladas na frente deste, usando-as para se alçar para o topo, no qual se agachou, olhando para baixo. Aewyre ergueu a cabeça e olhou em redor, buscando uma forma rápida de aceder ao cimo do baldaquim, ponderando mesmo a hipótese de subir pela prateleira da lareira, mas Dilet não lhe deu tempo. Balbuciando a tentativa de uma ameaça, o bobo acabou por levar a mão à cara em dor e perder as palavras num novo urro, após o qual pulou e desapareceu de vista. O estilhaçar de vidro fez com que Aewyre urrasse de frustração, agarrando ainda uma cortina como se intentasse subir o baldaquim e ir no encalço de Dilet, mas deteve-se ao olhar para Aereth e, devido à aproximação desta, Lhiannah.

— Aewyre! — vociferou a arinnir, correndo na direção do guerreiro a abanar a cabeça em descrença e colidindo com ele ao abraçá-lo.

O jovem grunhiu com o impacto, e Lhiannah afastou-se prontamente, deixando na sua túnica manchas vermelhas do seu vestido ensangüentado. Com uma careta de dor, o jovem agarrou-se à barriga onde Dilet o atingira e à qual a arinnir levou uma preocupada mão, pousando a outra no pescoço ferido do guerreiro, cujo colarinho estava ensopado de sangue.

— O que foi...? Estás bem?

Sem nada dizer, Aewyre olhou para baixo e tenteou a zona atingida da barriga, constatando que, apesar de lhe doer cada vez mais devido ao decréscimo de adrenalina, não fora puncionada nem cortada pelas adagas de Dilet, e que a túnica oferecida pelos eahan brunos não ostentava o mínimo furo.

— Seda de aranha... — murmurou o guerreiro.

— O quê? Aewyre, estás ferido?

Sem responder, o jovem levantou a cabeça e fitou por fim Lhiannah nos olhos, deixando-se perder nos charcos azuis de douradas pepitas flutuantes que havia tanto tempo apenas pudera rever em sonhos e memórias. Os ruídos de luta que ainda se ouviam não o conseguiram distrair, mas o seu olhar acabou por ser atraído para o alvo vestido manchado de sangue da princesa, que contemplou com ar preocupado.

— E tu... estás bem? — perguntou, tocando a anca da princesa com a mão que agarrava Ancalach reversamente e levando-lhe a outra à cara, esfregando-lhe com o polegar o sangue do canto da boca e fazendo com ele um borrão que se mesclou aos respingos vermelhos na face.

Lhiannah fez que sim com a cabeça, fitando Aewyre com olhos de cintilantes bordas humedecidas, e o guerreiro abraçou-a então com força,

deixando escapar dos seus próprios olhos cerrados uma ínfima gota. A arinnir cheirava a sangue, fezes e urina, mas tal não bastou para que Aewyre se afastasse. Ouviu e sentiu-a soluçar ao seu ombro, o que fez com que a apertasse com mais força ainda contra si, como se desta feita pretendesse contrariar quaisquer venetas do destino que conspirassem para os separar novamente, deixando ambos os seus corações falarem com a quase esmagadora proximidade dos seus peitos.

— Eu cá se fosse a vocês... não ficaria tão juntinho — ofegou Worick, interrompendo-os com a sua inoportuna voz. — É mais fácil para eles... fazerem de vocês uma espetada.

Apoiado num canto do baldaquim, o thuragar apontou para trás de Aewyre, que se afastou bruscamente de Lhiannah e girou Ancalach numa mão antes de a asir com as duas numa pose de combate, colocando-se protetoramente diante da princesa. Os guardas de Ul-Thoryn aproximavam-se, muitos com os arneses respingados de sangue e todos de partasanas em riste ou espadas empunhadas. Tinham o baldaquim cercado, embora a maioria viesse liderada por Daveanorn da esquerda, onde Aewyre e Lhiannah se encontravam, e outros pelo meio, aproximando-se hesitantes e cientes de que o perigo para o seu senhor ainda não passara, sobretudo agora que se encontrava próximo daqueles que a seu ver eram tão perigosos como os cortesãos que se haviam visto forçados a matar. Vendo isto nos olhos por detrás das viseiras de elmos, Aewyre olhou por cima do ombro para Aereth, que permanecia exatamente na mesma posição.

— Aereth, diz-lhes que parem — pediu da forma menos imperativa que conseguiu.

O jovem regente apenas balbuciou, ainda com os olhos marejados

de lágrimas e com Iollina a oscilar sem vida dos seus incrédulos braços.

— Eu... eu não queria isto... — titubeou, meneando a cabeça com a coroa meia descaída sobre a sua testa.

Os guardas continuaram a avançar, lentamente, mas cada vez mais próximos. Daveanorn, cujo nariz lhe ensangüentara a barba e bigode, ergueu a mão ao de leve, incerto quanto à decisão a tomar.

— Aereth, por favor, diz-lhes que parem — instou Aewyre, recuando um passo e olhando para Daveanorn ao levar a sua mão atrás para que Lhiannah fizesse o mesmo. — Mestre, por favor...

Worick aproximou-se de Aereth, e a sangrenta perna de cadeira que tinha na mão alarmou os guardas, cujas placas dos arneses roçaram agressivamente umas nas outras quando se detiveram e enristaram as armas de haste.

— Worick — advertiu Aewyre, estendendo para trás a mão livre para que o thuragar parasse, e este assim fez, sem contudo largar a arma improvisada. — Aereth...?

— Têm de acreditar em mim... — praticamente implorou o regente.

— Aereth, pelos deuses, não me faças ameaçar o meu próprio irmão! — sussurrou-lhe Aewyre exasperadamente por cima do ombro, mantendo os guardas debaixo de olho.

Vendo que os guardas continuavam a avançar e que Aereth permanecia insensível às suas palavras, limitando-se a abanar a cabeça e a soluçar desculpas difíceis de perceber a quem eram dirigidas, Aewyre perdeu a paciência e optou por outra abordagem.

— Basta! — vociferou, apontando com Ancalach para o grupo de soldados que mais próximos se encontravam, e Daveanorn estendeu os

braços a seus lados para evitar qualquer reação precipitada dos seus homens. — Sou Aewyre Thoryn, filho de Aezrel Thoryn, vosso príncipe, e não serei tratado como um inimigo, não aqui, não por vós!

O estentoroso tom ao qual não estavam habituados fez com que os guardas se detivessem novamente, pois os ecos que reverberaram pelo salão real não eram os da voz do príncipe galdério que conheciam, mas os de um homem endurecido pela guerra e pela morte.

— Houve traição entre estas paredes, mas não veio da minha parte! — continuou, apontando Ancalach para o grupo que vinha do lado oposto, fazendo com que Worick se baixasse ao ver que estava no caminho. — Agora deponham as vossas armas! Não atravessei meia Allaryia para ser ameaçado na minha própria casa, pelos próprios homens com os quais convivi e treinei estes anos todos!

Os guardas entreolharam-se e viraram-se para Daveanorn e para Aereth em busca de ordens, mostrando-se hesitantes, embora alguns baixassem de fato as suas partasanas após ouvirem as sentidas palavras do seu príncipe, que encorajou este a baixar o cansado braço que empunhava Ancalach, suspirando.

— Baixem as vossas armas, chega de sangue e mortes por hoje. O único inimigo de Ul-Thoryn já não se encontra entre nós — disse, olhando para o cimo do baldaquim, que tapava a vista para a janela pela qual Dilet saltara, e em seguida para Aereth, que permanecia na mesma gemebunda posição. — Baixem as armas...

Desorientados, os guardas acabaram lentamente por aquiescer, e as pontas das partasanas foram-se arriando, umas mais convictas que as outras, e os braços de Daveanorn seguiram-se-lhes assim que o paladino sentiu a

tensão amainar. Worick manteve-se atento, baixando a perna da cadeira mas não a guarda enquanto observava aqueles que durante as últimas semanas aprendera a ver como inimigos. Lhiannah parecia partilhar do sentimento, sentindo-se pouco à vontade mesmo atrás de Aewyre e com as mãos apoiadas sobre os ombros deste. Por sua vez, o guerreiro nada mais disse, olhando para os guardas com cansados olhos francos e mantendo as mãos a seus lados, com Ancalach de ponta a roçar o chão. Ninguém avançou nem recuou, ficando antes todos simplesmente a olhar, para Aewyre, para o seu senhor, para aqueles que apenas momentos atrás tinham sido prisioneiros, para a mortandade em seu redor cujos resultados estavam esparramados a vermelho sobre as suas armas e armaduras.

Houve por fim um pouco de silêncio, e então ouviram-se os gemidos dos feridos e moribundos espalhados pela sala fora, os distantes gritos de alarme e traição a ecoarem pelos corredores do palácio, e acima de tudo os lamentos de Aereth. O regente acabara por baixar a soluçante cabeça, deixando-a pendente sobre a cara exangue de olhos abertos de Iollina, presa numa pálida expressão de inocência violentada. O seu sangue ensopava os já de si vermelhos trajés de Aereth, afogando as falsas ilusões com as quais o regente até então convictamente vivera e dissolvendo-lhe as sombras que lhe toldavam os olhos. O vermelho que as suas mangas embebiam e que lhe formava uma poça de mágoa nos joelhos era tanto mais marcante pelas imagens que naquele momento evocou, as imagens de um amor que nunca existira e no qual o sangue fora a única constante. O sangue de um pequeno e delicado polegar a ser picado pelo espinho de uma rosa, o sangue da desflorada virtude de uma criança, o sangue de um coração que desde então sofrera, e o sangue de um pálido pescoço que nunca conhecera

as carícias de um homem amado e que agora ostentava o ornado punho de uma cruel adaga, a adaga que julgara estar ao seu serviço e que acabara por cortar os fios que lhe haviam até então sustido o mundo encenado no qual vivera.

O ENCAPELAR DAS VAGAS

As águas do Mar Norreno fulgiam como metal incandescente, invulgarmente calmas e aplanadas como um exausto e vasto corpo estendido após uma violenta tormenta. O sol grelava a Oeste, branco e candente, nimbando a linha do horizonte em tons dourados e ornando da mesma cor as dispersas nuvens que vagueavam preguiçosamente pelo amplo céu azul. Horavog começava a despertar, mas além das sempre presentes ovelhas não se viam sinais de vida em redor, a não ser mais para cima, na montanha que sobranceava a quinta, onde se via a habitual solitária figura agachada.

Quenestil observava o arrebol da aurora, deixando a sua amortalhada silhueta ser lentamente descortinada por um ascendente e acalentador lençol de luz solar, que contudo falhava em aquecê-lo por dentro. O semblante do eahan parecia esculpido de rocha, e ostentava uma pétrea falta de expressão, que também se refletia nos seus cinzentos olhos sem vida que olhavam para o vazio. De braços apoiados nos joelhos e mãos lassas e pendentes, o shura ostentava ainda as olheiras de uma ou mais noites passadas em branco, tinha as bochechas ruborizadas e dessensibilizadas pelo frio e as suas narinas estavam úmidas, vermelhas e

escamadas. As suas mãos enluvadas eram a única parte do seu corpo que se mexia, e ainda assim de forma quase imperceptível, limitando-se a menear os dedos e a arrastá-los pela áspera pedra basáltica da montanha. A sua cara apenas se baixou quando as pontas dos dedos passaram pela superfície lisa de uma minúscula poça de água solidificada com pequenas ilhas de pedra manchada de líquenes, dentro da qual se via um tufo de musgo congelado, enclausurado numa prisão de gelo translúcido. Por alguma razão, aquela singela ocorrência natural capturou-lhe o interesse, e Quenestil tentou a superfície, premindo-a com alguma força para testar a sua resistência e constatando que estava tão dura como o seu coração. Sentia-o tão encasulado em gelo como o tufo de musgo, tão apertado por dentro como uma planta crestada e esmagada pelo duro e impiedoso frio. A superfície era lisa, e nela o eahan viu refletido o vulto havia já alguns momentos anunciado por passos roçagantes, cuja cabeça agora surgia detrás do reflexo do seu ombro.

— Estava a ver quando é que aparecias — disse Quenestil, continuando a olhar para a poça. — Mais algum conselho a dar? Mais palavras sábias?

Ihjseorn nada disse, esmagando basalto a cada passo das suas pesadas botas e postando-se silenciosamente ao lado do eahan, observando o nascer do sol de contemplativos braços cruzados. Quenestil fungou desdenhosamente e sorriu sem qualquer humor ao sol, batendo ao de leve na poça com as pontas dos dedos.

— Há mais alguém que eu deva matar? Ou será que antes disso ainda vou ouvir outra história tua, uma outra fábula que me deixe mais longe ainda da verdade que a anterior? — continuou o eahan.

Ihjseorn não respondeu, desopilando antes a garganta com um ronco gutural.

— A *kuvamara*... não devia ter morrido — disse por fim.

— Ai pois não devia — concordou Quenestil, meneando a cabeça.

— E a Slayra não devia ter engravidado do Tannath. E os tanarchianos não deviam ter traído os sirulianos. E tu não devias ter matado o Engiv. E eu... eu não devia... não devia ter feito muita coisa.

Fechando os olhos, Quenestil suspirou longamente, acabando por bater com as mãos nos joelhos e erguer-se, inclinando a cabeça para o lado para olhar para Ihjseorn antes de virar para o encarar de frente.

— Os skrimmen irão atacar, agora... — disse o wolhyno, como se não o tivesse ouvido, mas Quenestil ergueu uma mão enluvada para o silenciar.

— Desde que eu cá cheguei, que me têm arrastado de um lado para o outro, que me levam a fazer coisas que não quero, que me dizem que sou especial e importante e me manipulam ao mesmo tempo — disse o shura prosaicamente, baixando a mão e fixando Ihjseorn com um olhar inexpressivo e arraigado como pedra. — Acabou. Diz-me de uma vez o que se passa, o que querem de mim, e por que sabes tanto sobre mim. Diz-me, ou juro que mando tudo para os infernos.

Os dois ficaram a olhar longamente um para o outro, Quenestil sombrio e de ruivos cabelos alourados por estar de costas para o sol, e Ihjseorn de olhos azuis semicerrados e luzidias sobrancelhas brancas. A boca do humano era uma pensativa linha, e os seus lisos cabelos escuros abanaram com a aragem que então se levantou, agitando-se como se devido à passagem de idéias que o seu semblante traía.

— Eu disse-te que a... brincadeira apenas acabava com a chegada das fêmeas — lembrou-lhe o wolhyno, fitando Quenestil fixamente e acabando por acenar afirmativamente com a cabeça. — Agora estás pronto.

Quenestil não manifestou qualquer reação, e Ihjseorn indicou com os olhos a poça que o eahan estivera a observar.

— Estás a ver esse musgo? — O eahan não respondeu, mas Ihjseorn não fez caso. — É extremamente resistente. Cresce em todo o lado, e é indomável. Assim foram outrora os wolhynos, bravos guerreiros, o povo do Norte, sem medo da morte e com amor à vida, de aço empunhado mas sempre com respeito pelas árvores cuja madeira fora usada para o forjar. Éramos guerreiros, e éramos livres.

Esticando ligeiramente a perna, o humano bateu no gelo que envolvia o musgo.

— E assim se encontra hoje o nosso espírito, a nossa alma. Fria. Presa. Revestida de gelo, e não por vivermos onde vivemos — prosseguiu Ihjseorn. — As nossas mulheres começaram a vestir roupas do Sui em vez da lã que sempre nos mantivera quentes, os nossos soldados começaram a usar cavalos em vez de confiarem na força das suas pernas, as nossas crianças foram ensinadas a venerar outros deuses em vez dos espíritos da floresta e das montanhas, e um *garáing* ficou mais forte que todos os outros quando se aliou a outras nações. A sua palavra tinha mais peso que a dos outros, e tornou-se rei. Nem todos o aceitaram.

— E foram expulsos para aqui — interveio Quenestil numa tentativa de apressar Ihjseorn.

— Sim. As pessoas que acreditavam nos costumes antigos foram enviadas para os Fiordes dos Piratas com ladrões, assassinos e traidores. ..

— E os *kabrkar*.

— Especialmente os *kabrkar* — acedeu o humano, fazendo que sim com a cabeça e semicerrando os olhos ao olhar para o sol. — Eram uma lembrança, um pedaço vivo do passado, de uma época na qual os wolhynos viviam entre a madeira das suas florestas, e não entre a pedra de muralhas...

— Muito bem, e o que é que isso tudo tem que ver comigo? — quis Quenestil saber, monocórdico, e os orbes azuis de Ihjseorn tornaram a encontrar os seus.

— A última vez que os wolhynos estiveram unidos... foi quando a Forlornya invadiu — explicou. — Camponeses e pescadores pegaram em armas, os ventos do Norte uivaram como lobos nas batalhas, e o fogo que sempre ardeu nos nossos corações para nos manter vivos neste frio deflagrou, mais brilhante que o sol do Verão.

Deixando-se levar pelas próprias palavras, Ihjseorn deu consigo de punho erguido, olhou para ele e baixou-o.

— Esmorecemos depois disso. O nosso fogo esgotou-se, ficámos quebradiços com o frio, e fomo-nos partindo era pequenos pedaços. Assim ficou a Wolhynia como ela é hoje, e as tradições permanecem apenas aqui, nos Fiordes.

— Continuo sem perceber o que isso tem que ver comigo — disse Quenestil.

Ihjseorn acenou com a cabeça, dando a entender que já lá chegaria.

— Em tempos, nós, os wolhynos, também tivemos as nossas *kuvamoras*. Não lhes chamávamos isso, e elas não faziam as mesmas coisas que as dos skrimmen fazem, mas eram o nosso elo com as florestas, a nossa voz que falava com o vento, a nossa carne que se decompunha na terra

quando morríamos, as nossas historiadoras e as confidentes dos nossos antepassados.

Ihjseorn parecia invulgarmente nostálgico enquanto falava, e o seu olhar vagueava freqüentemente da cara de Quenestil para o inflamado céu e para o luzente mar.

— Quando os costumes antigos entraram em declínio, também elas começaram a esmorecer, e tal como os *kabrkar*, desapareceram nas florestas a Norte, fugindo ou sendo expulsas por quem já não queria ouvir as suas palavras e preferia esquecer o passado. Porém, antes de partirem, cada uma delas visitou a casa de um *garding*, e pressagiou algo que iria acontecer...

— Sim...?

— Nenhuma delas fez uma profecia igual, mas o que todas disseram foi que, um dia, viria do mar um homem de cabelos de fogo, e com ele viria uma guerra que uniria ou quebraria de vez os wolhynos.

A expressão de Quenestil alterou-se por fim quando a sua testa se enrugou.

— Tal como os forlornyanos de cabelos vermelhos como labaredas que se abateram sobre as nossas costas, atijando com o seu fogo uma brasa mais forte e ardente ainda nos corações dos wolhynos... — Ihjseorn desembainhou lentamente a espada, empunhando-a de ponta para baixo, e cravou-a na poça de gelo, rachando a superfície. — Esse homem forçaria os wolhynos a lutar ou a morrer, faria arder os nossos corações revestidos de gelo, quebraria os seus álgidos grilhões e faria a própria terra tremer em fúria e fogo.

Agora genuinamente atrapalhado, o eahan entreabriu a boca e franziu as sobrancelhas.

— O quê...? Mas o que estás a insinuar, que sou eu...?

— Vieste do mar com cabelos de fogo, tal como os forlornyanos — enumerou Ihjseorn, embainhando a espada. — Levaste os homens de Horavog ao seu batismo de sangue. Tanarch vai invadir, e os skrimmen prepararam-se para a guerra.

Quenestil piscou os olhos e abanou a cabeça, tomado de surpresa pelas implicações das proféticas revelações do wolhyno.

— Não, isso é ridículo — afirmou peremptoriamente. — O ter chegado aqui não passou de uma coincidência, um acaso. Eu não...

— Mas há mais, Quenestil — interrompeu Ihjseorn. — As nossas... *kuvammas* eram servas da Mãe que também tu serves; era através dela que falavam com as florestas e os céus, era com a sua ajuda que despertavam os animais dentro dos que tinham nascido para serem *kabrkar*. Graças a ela, tal como tu és capaz de prever o tempo olhando para o céu, assim previram elas a tua chegada, olhando para os ossos inscritos e os desenhos feitos no chão pelo sangue de homens sacrificados. Graças a ela, eu senti a tua chegada.

— Sentiste...?

— Há muito que ainda não sabes sobre os *kabrkar*. Apesar daquilo que te possam rer contado acerca deles, um *kabrker* é muito parecido com aquilo que tu és.

— Es um shura?

— Não sei. Só sei que tu és um *kabrker* que veio treinado mas que só agora despertou.

Cada vez mais confuso, o eahan perdera parte da austeridade que lhe fincava o rosto e agora olhava Ihjseorn com relutante mas legítimo

interesse.

— És um eahan. És diferente dos humanos, és... bom. E como tal, nunca serviste a dualidade da Mãe, nunca reconheceste a sua outra face: o rosto sombrio de um céu de tempestade, a inclemência do fogo que varre uma floresta, a fúria do relâmpago que estraçalha uma árvore, a crueldade do macho que mata as crias que não são suas, a naturalidade com a qual uma *kuvamora* sacrifica uma criança... em nome da Mãe.

— O quê?

— Sim. O sacrifício foi feito em nome da Mãe e para obter o seu favor, mas não é isso que importa agora. A *kuvamora* despertou aquilo que já rosnava, preso dentro de ti, e agora estás pronto para fazer aquilo para o qual a Mãe te designou.

Quenestil não se manifestou, tamanha era a incredulidade, mas esta não passou despercebida ao wolhyno.

— Eu admito que nunca conheci eahan, mas tu pareces... diferente. Por alguma razão apareceste da forma que apareceste, a liderar um grupo tão diverso e sem nenhum membro da tua raça contigo. Estou enganado?

O shura levou a mão à cabeça, passando-a pela nuca e olhando para o chão, e virou as tácitas costas a Ihjseorn para contemplar o sol. O wolhyno tomou o seu silêncio como confirmação.

— Eu nunca te menti, Quenestil — assegurou-lhe. — Apenas nunca te contei toda a verdade, como estou a fazer agora, porque não estavas pronto.

— E agora, que estou pronto? — indagou o eahan sem olhar para trás. — O que esperam que eu faça?

— Agora não importa o que outros esperam que tu faças, Quenestil,

mas sim o que tu achas... o que queres fazer. A escolha é tua.

«*A escolha é minha?*», quase riu Quenestil por dentro. «*Essa é boa.*» Não escolhera apaixonar-se por Slayra, a sua escolha de ir para Jazurrieh resultara na morte de Babaki, e a única escolha que tivera em Gul-Yrith fora a de fugir ou morrer com os sirulianos. Desde que chegara aos Fiordes dos Piratas, não mais se lembrava de ter sequer feito escolhas, apenas de se sentir como um inseto que, ou queria quedar-se imóvel e era empurrado pelo vento, ou que pretendia voar numa direção e era por este levado num rumo contrário. Mesmo a escolha de servir a Mãe se lhe afigurava dúbia, agora que tomara conhecimento da faceta mais negra desta, e o fato de nem sequer ter posto as palavras de Ihjseorn em causa significava que ele próprio já antes nelas pensara. A própria Slayra o referira, após a batalha em Alyun, a primeira vez que Quenestil matara humanos com animalidade, deixando-se possuir por uma fúria que desde então por várias vezes dele se apossara, como em Jazurrieh.

Não fora isso que o seu pai lhe ensinara, não fora para isso que o seu mestre druida cinzento o treinara, e certamente que não era por tais ditames que a sua raça se regia. E, contudo, agora que pensava nisso, o fato de a Mãe ter manifestado a sua satisfação quando enfiara o facalhão no rio em Vau do Caar, apesar da insensata chacina na qual tomara parte, bem como o não ter reprovado a presença ou as ações de Slayra... Deuses, não passaria tudo de um treino, uma nova iniciação, como Ihjseorn o estava a dar a entender? Estivera apenas a ser preparado, por Slayra, pelos guardas de Alyun, pelo druida negro, pelos tanarchianos, pela *kuvamora*, pelos skrimmen? Tudo não passara de um... teste?

O sol queimava-lhe os olhos, refletido pelo grande lençol metálico

que era o Mar Norreno, e nele Quenestil sentiu o penetrante olhar de uma Mãe severa, que o estudava e observava. Revoltado, o eahan fechou os punhos, e a sua boca mexeu-se sem emitir sons, mantendo um diálogo privado com aquela que sempre servira e venerara enquanto abanava a descrente cabeça. Ihjseorn assistiu em silêncio ao conflito interno, ciente do quão crucial aquele momento era para o shura, para si mesmo e, quiçá, para todos os Fiordes. Todos os anos que esperara, todo o trabalho das últimas semanas, o sentido da sua própria vida, tudo dependia agora da decisão de Quenestil, que começou lentamente a erguer os trêmulos punhos cerrados. Quando estes já estremeciam perto da sua cara, o eahan arrojou-os para os seus lados e deu largas ao torvelinho de emoções que lhe assolavam a alma, soltando um tremendo berro que virou na sua direção as cabeças de todas as lânguidas ovelhas que se encontravam em baixo no pasto, empertigando-lhes as orelhas. Quenestil baixou então os braços e a cabeça, afrouxando lentamente os punhos e acabando por se virar para Ihjseorn com uma cara serena e conformada.

— Enquanto Tanarch e os skrimmen ameaçarem os Fiordes, os eahlan que jurei proteger continuarão em perigo — concluiu com voz átona. — O que preciso de fazer?

O wolhyno suspirou discretamente de alívio pelo nariz, e o seu peito baixou com a respiração que aparentava ter estado a conter.

— Agora não te posso ajudar mais, Quenestil. Terás de ir procurar as tuas respostas a outro lugar.

— Onde?

Algo surpreso pela determinação patente na voz do eahan e pela falta de hesitação deste, Ihjseorn não respondeu de imediato, estudando

antes os olhos de Quenestil e nada vendo neles além da firmeza de uma rocha enraizada nos ossos da terra. As reservas que nele sempre vira haviam-lhe sido aparadas dos orbes como as impurezas de um minério, deixando-lhe os olhos polidos como a afiada ponta de uma lança.

Estava pronto.

— Deves ir a EihrOin, o Caldeirão, uma ilha além deste Fiorde — revelou, apontando com o braço para Oeste, para lá da montanha. — Lá obterás as respostas que eu não te sei dar. Lá tornar-te-ás o fogo, derreterás o gelo que nos restringe, e desencadearás novamente as Vagas de Fogo sobre a Wolhynia.

Austero, Quenestil nada mais disse, fitando Ihjseorn com a boca rigidamente firmada e olhando de seguida para o céu ainda escuro sobre o esbranquiçado pico da montanha, como se pudesse ver para além dela. Tal como os seus olhos, a escuridão celeste estava a ser dissipada por uma reveladora luz que, por muito que ardesse, era de certa forma reconfortante pela maneira como iluminava o novo caminho que se lhe apresentava. Nada mais lhe restava. Slayra deixara-o, os seus amigos estavam a meio continente de distância, e as duas únicas coisas que davam sentido à sua vida naquele momento — a promessa de vingar os sirulianos e proteger os eahlan — iam de acordo com aquilo que Ihjseorn lhe sugeria. Os Lasan em breve estariam em perigo, quer às mãos de skrimmen ou de tanarchianos, e os segundos iriam aparentemente invadir a Wolhynia; a Norte ou a Sul, não importava onde, o que sabia era que os malditos desgraçados lhe vinham atrás, e que o nome da nação deles estava inscrito na sua flecha.

Permanecendo em silêncio, Quenestil tornou a olhar para o wolhyno e fez que sim com a cabeça num seco gesto de concordância.

Ihjseorn retribuiu-o e o eahan virou-lhe novamente as costas, olhando para Horavog e vendo que o seu grito causara suficiente agitação para que algumas pessoas tivessem saído do edifício, olhando assustadas em redor. Quenestil observou-as, vendo-as agora com olhos diferentes à luz das revelações de Ihjseorn, e não mais se questionou quanto às suas verdadeiras intenções. Sabia agora o que esperavam dele, e a única dúvida que lhe restava dizia respeito à sua reação quando por fim lhes desse aquilo que eles queriam.

Vagas de Fogo?

Tê-las-iam, então.

EPÍLOGO

Linsha encontrava-se num dos mirantes da Torre Executória, antigol de lorde Gorom, e dele contemplava os tetos níveos e as ruas enlameadas de Dul-Goryn. A jovem feiticeira segurava o cajado do seu falecido mestre com uma mão e apoiava a outra na ornada imposta de uma das colunas que serviam de base para os três arcos decorados com verdes e alaranjados motivos florais. Usava um alisado e luzidio vestido de lã negra que lhe escorria até aos pés, ornado por um capelo encastoadode contas e brilhantes e com mangas igualmente debruadas, com a cabeça coberta por

um gorro identicamente ornado e com orla felpuda. Acompanhavam-na um Ignoto e Volgo Dokhan, o meirinho de Val-Oryth que se deslocara até Dul-Goryn para acompanhar aquela que agora via como a sua senhora. Linsha ignorava-os aos dois, sendo que o Ignoto permanecia encostado à parede de braços cruzados e com a inescrutável máscara antropomórfica eternamente vigilante, emanando vapor da fresta bucal. Por sua vez, Volgo não parava de falar, relatando fielmente a Linsha todas as novidades da cidade e bamboleando as suas anafadas formas revestidas por um bojudo cafetão vermelho enquanto o fazia, qual cão a menear-se de contentamento diante da dona.

— ...e como tal, tudo indica que a onda de crime amainou em Val-Oryth — relatou com um sorriso tolo. — Em parte isso também poderá ser atribuído ao recente silêncio de Bellex, em cujo desfavor houvestes malogradamente caído, mas de momento reina a paz na cidade, embora as gentes continuem algo inquietas na ausência da sua heroína...

Linsha não respondeu, farta da gordurosa voz, mas tolerou a sua presença para manter a fachada de que se importava com as minúcias urbanas, pois dessa forma o meirinho sentia-se motivado a tratar delas para lhe agradar, dando-lhe tempo para se preocupar com as coisas mais importantes. Claro que vergastá-lo com o cajado ou arrojá-lo contra a parede com uma descarga de Essência surtiria os mesmos resultados, mas Volgo começava a demonstrar demasiado agrado com semelhante tratamento, e a feiticeira preferia não o encorajar demasiado.

— A verdadeira questão prende-se agora com a gestão dos nossos recursos para a invasão da Wolhynia, senhora Linsha, e os mercadores já manifestaram...

— É disso que eu preciso que tu trates por mim, Volgo — interrompeu-o Linsha, erguendo uma mão anelada. — Não tenho paciência nem capacidade para esses detalhes, sou apenas um símbolo da vontade do nosso senhor.

— Oh, senhora Linsha, não vos menosprezeis — disse o meirinho, abanando a cabeça de rubicundas bochechas alteadas pelo sorriso. — Sois uma inspiração para todos os tanarchianos, uma heroína do povo, a mulher que quebrou a Sirulia e rechaçou o Primeiro Pecado, a mais bela das...

— É tudo, Volgo — tornou a feiticeira a interrompê-lo, sem nunca olhar para trás. — Trata-me disso, sim?

O meirinho abriu a boca para falar, hesitou, olhou para o lado, pôs as gordas mãos atrás das costas, tornou a abri-la e acabou por pigarrear, enterrando o pequeno queixo na sua papada.

— Muito bem, senhora Linsha. Não trairei a confiança que tendes em mim — disse, retirando-se com uma vênia e olhando discretamente para o silencioso Ignoto, cuja inexpressiva máscara de aço se virou para ele, apressando o seu passo.

Suspirando de enfado, a jovem feiticeira apoiou o queixo sobre a balança dourada com duas esmeraldas que encimava o seu cajado, e passou os felinos olhos castanhos pelas solitárias ruas de Dul-Goryn. O ouro estava frio, e a sua respiração enevoou a superfície amarela de um dos pratos, mas o contato com o antigo instrumento de poder do seu mestre agradava-lhe, quase tanto como a deferência que outros agora lhe prestavam. Linsha não pôde deixar de sortir com a presente situação, com a ironia da reversão de papéis, com a forma como tudo agora parecia jogar a seu favor. O seu senhor mostrara-lhe o caminho, e Linsha não o desapontara, estava certa

disso, embora o declarar a guerra à Wolhynia lhe tivesse causado algumas reservas, pois não chegara a consultá-Lo. Fora contudo forçada a tomar uma decisão, pois o povo mostrara-se naturalmente agitado após a morte do Triunvirato, e uma das coisas que aprendera enquanto aprendiz de Malagor fora que um povo distraído era um povo molificado. E nada distraía e unia um povo melhor que uma guerra, virando as suas atenções para o exterior para que não refletissem acerca do que se passava na sua própria pátria. Funcionara na perfeição contra a Sirulia, e agora que os odiados sirulianos não mais representavam sequer a fictícia ameaça com a qual Linsha aticara as brasas de indignação dos tanarchianos, tornara-se necessário encontrar outro inimigo. Fora uma simples questão de averiguar dispuras dinásticas ao longo da fronteira com a Wolhynia, dotes que tinham ficado por pagar, ou mesmo herdeiros negligenciados de casamentos interfronteiriços. Não fora preciso muito para acirrar disputas e com elas justificar uma invasão, até porque muitos ainda estavam arrebatados pela incursão na Sirulia.

A decisão deixara-a hesitante, mas tivera que a tomar, e fosse como fosse, o seu senhor dera-lhe rédea solta para fazer o que achasse necessário para impedir o povo de se sublevar. Assim o fizera, e estava certa de que o seu senhor aprovaria a sua iniciativa... assim que tornasse a falar com ela. Havia já algum tempo que as suas doces e tranquilizadoras palavras não se faziam ouvir à sua orelha, nem lhe bafejavam acalentadores sussurros no pescoço pela calada da noite, passando-lhe dedos etéreos pela pele arrepiada enquanto a protegia dos seus maus sonhos. Claro que não ousava pensar que era mais importante aos olhos d'Ele do que os Seus próprios desígnios, mas ainda assim nutria uma tênue esperança de que podia um dia vir a ser digna das suas atenções, se o servisse condignamente. Era só isso que teria

que fazer, certamente, e até então saíra-se bem, pois O Flagelo mostrara-se satisfeito, e tudo parecia correr de feição. O único problema era o fato de Linsha não conseguir compreender na íntegra quais os objetivos d'Ele, e o Seu recente silêncio em nada ajudava, mas não tinha dúvidas de que a quietude em Dul-Goryn se devia às Suas ações. Havia algo no ar, uma tensão que não se devia apenas à iminente guerra, e tinha quase a certeza de que o recente silêncio dos deuses também se devia a uma Sua ação. O que pretendia? Se ao menos falasse com ela, lhe mandasse um pequeno sinal...

— *A desanimar tão depressa, querida Linsha?*

A feiticeira ofegou, estremecendo como se tivesse sido inesperadamente tocada num ponto agradável do seu corpo, e agarrou o cajado com mais força. A máscara do Ignoto mexeu-se na sua direção, atenta, embora o homem permanecesse de braços cruzados.

— *Meu... senhor?*

— *Bem sei que o meu silêncio tem sido prolongado, mas estive deveras ocupado* — disse a sublimemente sedutora voz. — *Não te preocupes. Estás a sair-te muito bem, e em breve ouvirás de mim novamente.*

— *Meu senhor, eu...*

— *Eu sei. Agiste bem, querida Linsha. Muito bem. Estou satisfeito.*

A feiticeira admirou-se por breves instantes, após os quais se lembrou de que nada de mais natural havia do que Ele estar ciente de tudo quanto se passava, estivesse ou não presente.

— *Obrigada, meu senhor. Prometo que não vos desiludirei.*

— *Estou certo de que não ofarás* — asseverou a voz, e Linsha sentiu então a passagem de dedos etéreos pelo pescoço, que lhe lançaram um arrepio até ao escalpe, onde se dissipou num breve formigueiro. — *Adens.*

Linsha fechou os olhos de trêmulas pestanas e baixou os ombros com um suspiro que lhe jorrou em névoa da boca, esta formando um sorriso assim que os seus olhos se abriram. Rodando nos calcanhares, a jovem feiticeira bateu com a ponta do cajado no chão e encaminhou-se para dentro da torre, andando com um confiante requebro da cintura e ruflando a orla da saia no chão.

— Vem, vamos ter com o meirinho e os outros — disse ao Ignoto, que prontamente se posicionou nas suas costas, resguardando-a com a sua protetora sombra. — Temos uma invasão a preparar.

A enfermaria da Cidadela da Lâmina começava a ficar desocupada, e dos feridos da batalha com os ghèren sobrava apenas Heldrada. Os restantes estavam a ser tratados devido a ferimentos mais recentes, resultantes dos novos confrontos levados a cabo pelas facções que se começavam a formar na cidadela. As lutas pelo poder tinham-se tornado uma ocorrência quase diária, embora apenas na forma de duelos pessoais após uma primeira sangrenta escaramuça. Reinava agora uma tibia paz que poderia ser quebrada a qualquer instante pelo entrechocar de duas espadas, e os habitantes do recinto inferior viviam receosos. Alguns, como Aurayda, continuavam a desempenhar os seus serviços aos Lamelares, esperando dessa forma poderem ser poupados a quaisquer eventuais depredações resultantes de um conflito mais acirrado.

Aurayda era uma rapariga modesta, com os cabelos recatadamente tapados por uma touca branca que apenas deixava escapar algumas farripas negras, e desde sempre trabalhara na enfermaria. Como havia poucos homens que necessitassem dos seus cuidados, dedicava boa parte do seu tempo a Heldrada, que permanecera praticamente catatônica desde a morte

do Alto Lamelar. A mulher não falava nem olhava para ninguém, deixava-se banhar e passear, e comia quando lhe chegavam uma colher à boca, como Aurayda fazia naquele momento, mas além disso limitava-se a vegetar na enfermaria, deitada na sua cama. A rapariga pusera-lhe três almofadas debaixo da cabeça para melhor a ajudar a comer o caldo que lhe trouxera, e Heldrada ia abrindo obedientemente a boca enquanto olhava para o vazio com os seus claros olhos azuis. Aurayda ainda não ouvira uma única palavra dela, mas compadecia-se da mulher, indignada com a crueldade do homem que lhe deixara a cara no estado em que a vira, com um dos lados inchado que nem um bolo roxo, bem como cortes de lâmina nas pernas e um rasgão feio na palma da mão direita. Heldrada recuperara entretanto dos ferimentos, que se tornaram apenas mais marcas e cicatrizes entre as muitas que já ostentava no seu corpo magro e nervudo, mas os abusos não tinham terminado. A enfermaria era regularmente visitada por Lamelares que se aproveitavam da condição dela, e Aurayda repreendia-se pela sua cobardia, mas nunca fora capaz de interferir, temendo que os homens se pudessem aproveitar dela também, caso os provocasse. A única coisa que podia fazer era zelar pela saúde de Heldrada, e esperar que ela recuperasse para poder um dia fugir àqueles homens horríveis...

Distraída pelos seus pensamentos, Aurayda despertou a piscar os olhos ao aperceber-se de que Heldrada deixara a boca entreaberta e não estava a permitir a entrada à colher, pelo que se curvou diante dela, pedindo-lhe com voz doce que a abrisse. Foi surpresa por um inesperado e intenso olhar que lhe gelou a espinha e fez com que saltasse da cama, deixando a tigela de sopa cair ao chão. Heldrada ficou com um fio de sopa a escorrer-lhe do lábio inferior, mas não fez caso dele ao apoiar-se com os

braços magros na cama e erguer o tronco, sem tirar os olhos de cima da rapariga.

— Foi ele — disse com a sua voz rouca. — A culpa foi dele. Arrancando o lençol de cima de si, a mulher levantou-se da cama, levando as mãos à nuca e puxando os cabelos cor de linho, sem sequer reparar que a sua trança fora cortada e agora não passava de uma mecha de cabelo mais comprido que lhe chegava pouco abaixo da base do pescoço. Continuava indumentada com as mesmas roupas desde o massacre, que estavam sujas de sangue e suor.

— A culpa é dele... a Culpa veio por causa dele — continuou, prendendo Aurayda com o seu olhar cor de gelo. — O Assiòn morreu por culpa dele.

A rapariga arquejou e escudou-se com os braços quando Heldrada se abeirou repentinamente dela, agarrando-lhos e sacudindo-a.

— Ele disse! Culpa disse que estava cá por causa *deíe*! Eu ouvi! — exclamou a Lamelar, aterrorizando Aurayda com a expressão quase maníaca que ostentava e com a robustez com a qual os seus dedos fortes se enterravam nos braços da rapariga. — Foi por culpa dele que o Assiòn morreu, e por isso eu vou matá-lo! Ouviste-me? *Vou matá-lo!*

Assustada, Aurayda fez que sim com a cabeça, mas Heldrada ainda a sacudiu um pouco mais antes de a soltar bruscamente, olhando em redor como se estivesse à procura de algo.

— A foice? Onde está a minha foice?

A rapariga apontou com um trêmulo dedo para a cama de Heldrada, diante da qual esta se ajoelhou rapidamente, tirando debaixo dela a sua foice partida. Fora cortada durante o seu combate na noite do massacre, perdida

após se ter espetado no peito de Culpa e posteriormente encontrada por um rapaz que armava lapões para caçar texugos na encosta da vertente sulcada. Era agora pouco mais que um pequeno cabo de madeira com uma lâmina de gume único na ponta, mas a mulher empunhou-a com alívio e gratidão, encostando a fria lâmina à cara e passando a mão por ela. Vendo-a distraída, Aurayda tentou escapulir-se, estacando espavorida assim que Heldrada se levantou, mas a Lamelar ignorou-a e dirigiu-se à saída de foice na mão com um andar determinado que não seria de todo de esperar de alguém que passara boa parte das últimas semanas deitada. A rapariga não a tentou deter nem disse nada nesse sentido, ficando calada e abraçada aos seus braços, mas Heldrada acabou por se deter à mesma a poucos passos da porta. Aurayda assustou-se, pensando que a mulher iria voltar atrás para a magoar, mas o motivo pelo qual Heldrada parara surgiu da porta na forma de dois homens, um dos quais com o braço por cima dos ombros do outro, falando alegre e jocosamente com ele como se estivesse a encorajá-lo, e executando gestos sugestivos com ambas as mãos. Porém, quando viram Heldrada, ambos se detiveram, por pouco não tropeçando.

Antes de qualquer palavra ou reação, a Lamelar levou a foice à anca esquerda e descreveu com ela uma linha diagonal ascendente, que cortou o ar e cujo chofre reverberou num afiado arco que atingiu um dos recém-chegados no ventre e traçou uma linha limpa na garganta do que tinha o braço por cima do primeiro, uma linha da qual espirrou sangue quando o homem tombou de costas. Agarrado à barriga, o primeiro desembainhou a sua espada e ainda conseguiu atacar, mas Heldrada já avançara e foi-lhe fácil penetrar pela estocada adentro, desviando-a com a foice, que de seguida se enterrou entre ambas as clavículas do homem. Arrancando-a, a Lamelar

varreu de seguida a perna do adversário com um golpe que lhe cortou o jarrete, fazendo-o cair, após o qual revirou a foice decepada nas mãos e ajoelhou-se para lha enterrar na barriga. Sem se deter, Heldrada arrebatou com força a lâmina do estômago do homem, sacudindo-lhe o corpo e deixando-o moribundo no chão. Aurayda levou as mãos à boca, mal contendo um grito que temeu poder causar a sua morte, mas a Lamelar parecia ter perdido todo o interesse nela e, olhando breve e friamente para os dois moribundos, passou por cima deles e foi descer o corredor com a cruenta foice empunhada.

«A culpa é tua, Aenyre Thoryn. O Assiòn morreu por tua culpa, porque tu a trouxeste», convenceu-se, olhando em frente com um propósito bem definido nos novamente vivos olhos azul-claros. *«Vou encontrar-te, e matar-te.»*

— Temos acordo, então? — perguntou Iginasco com o seu untuoso sorriso, estendendo a mão ao nervoso mercador do outro lado da mesa.

O homem, pouco mais que uma magra e tremula pilha de nervos com roupa escura, olhou à volta, tirando o seu gorro vermelho, passando a mão pela calva e cofiando os nervosos bigodes negros.

— Eu nunca fiz semelhante coisa... mas sabe, é que eu fui proscrito de tomar parte nas feiras da cidade e de fazer qualquer outro tipo de comércio entre estas muralhas... um engano, uma calúnia... fui acusado de pesar mal as minhas mercadorias.

Sempre sorridente, Iginasco levantou as mãos abertas.

— Nada tenho que ver com isso, amigo. Estou só aqui para ajudar um patrício, mas como compreende, não posso deixar de lhe cobrar, pois fazê-lo é perigoso para mim.

— Sim, sim... — compreendeu o homem, acenando com a cabeça.

— Uma moeda de ouro é um preço muito razoável para os impostos que me iriam cobrar na ponte pelas minhas mercadorias... e sabe, os guardas também costumam cobrar um imposto deles, pelo menos a mim...

— Realmente, teve pouca sorte, amigo — compadeceu-se falsamente Iginasco, o seu sorriso tapado pelo bigode.

— Eu... eu podia ir por Atha ou pelo Portão do Norte e depois pelo Desfiladeiro das Lanças, mas é um desvio demasiado grande, só me causaria prejuízo.

— Eu compreendo — assegurou-lhe Iginasco, pousando uma mão sobre a mesa e a outra sobre o nervoso ombro do homem. — Esteja descansado, que com a minha balsa atravessamos as suas mercadorias em dois tempos. Temos acordo, então?

Vendo a mão estendida diante de si, o mercador apertou-a com a firmeza de folhas mortas, acenando tibiamente com a cabeça. Iginasco sacudiu-o com o vigor do seu aperto e arrumou o pipo sobre o qual se sentara, inclinando-se novamente sobre a mesa para lhe confidenciar:

— Amanhã à noite, então — disse, olhando à volta de forma cúmplice. — Já sabe, vira à direita na ponte, segue a borda do rio, passa pelo castelo, e a partir daí vai contando os moinhos de água. Eu estou à sua espera no quinto.

— Sim... sim, amanhã à noite. Lá estarei.

Sorrindo, Iginasco despediu-se e desceu da sobreloja da taberna com andar gingão, piscando o olho à empregada e vestindo a capa antes de sair porta fora. Já no exterior, o bater de asas molhadas fê-lo olhar para cima, vendo a insígnia da taberna abanar à luz dourada e entrecortada por pingos de chuva de uma lanterna, embora não houvesse vento. Ouviu o

crocitar de um corvo, mas o responsável desapareceu atrás do edifício, e Iginasco não fez caso dele, tapando a cabeça com o capuz e fazendo-se à sua vida. Desceu a fila de fachadas, saudando com um gesto os guardas que se encontravam ao longe na ponte e virou à direita desta, encaminhando-se então à beira-rio de lutuosos salgueiros como todos os dias fazia.

«*Os deuses choram...*», pensou, olhando para o céu escuro e piscando os olhos com os pingos de chuva. «*Deve ser por isso que andam tão silenciosos. Pelo menos Joral há-de estar chateado comigo, com os impostos que perde à minha conta...->*»

Rindo para consigo, fez uma pequena prece a Kispryn para que este o protegesse da sua pequena heresia e puxou o capuz para a frente. O tempo estava um pouco melhor, tendo mesmo parado de chover durante alguns dias, mas aparentemente o céu ainda tinha algumas lágrimas a verter, e o Olyf fluía em resultado disso como o corrimento de um nariz congestionado. Mais um Inverno de Arle, portanto, cheio de água, frio e umidade, bem como muitos mercadores e gente menos escrupulosa a tentar atravessar o rio sem ser pela ponte, pois os poucos vaus que existiam ficavam sempre completamente submersos pelas torrentes Invernais do Olyf. Era uma estação particularmente lucrativa para Iginasco, pois o barão Savincar requisitava sempre os seus serviços durante a época hiemal, quando a ponte era a única alternativa viável e aquela que muitos mais tentavam contornar. Iginasco já perdera a conta da quantidade de patrícios seus que entregara às mãos do barão, sem contar com todos os laoneses, namuriquanos e mesmo alguns benelgas. Via-os como criminosos, naturalmente, como pessoas que tentavam roubar dinheiro ao seu senhor, pelo que nada mais justo havia que intrujá-los e ficar com o seu ouro, além

da recompensa com a qual Savincar sempre o obsequiava...

— Eu sou aquilo que te remói por dentro.

Iginasco assustou-se, virando-se sobressaltado para a viela entre dois edifícios da qual ouvira a profunda e eólica voz. Uma lanterna de óleo de baleia ardia sobre uma porta, mas a sua poça dourada não escorria pela ruela adentro.

— Quem está aí? — perguntou, levando a mão ao espavorido coração, que toava no seu peito.

— Inflamo-te a alma, quebro lentamente o teu espírito — continuou a voz, e então Iginasco distinguiu nas sombras da viela um vulto que se aproximava, os seus passos compassados pelo bater de um cajado nas lajes.

Desconfiado, Iginasco avançou dois passos em frente sem tirar os olhos da viela, mas quando olhou para a frente, deteve-se ao ver um corvo que, por alguma razão, lhe pareceu sinistro e fez com que parasse.

— Eu sou o chicote da tua consciência, o azorrague da tua moral, o látego do teu delito.

Arfando, Iginasco recuou alguns passos, virando-se de seguida para trás para regredir de onde viera, mas deteve-se novamente com um arquejo assustado ao ver outro corvo aterrar no chão, ruflando as asas molhadas e crocitando em advertência.

— Eu sou a Culpa — continuou o vulto, penetrando com a ponta do cajado na poça de luz. — E todos irão pagar.

Assim que a lanterna iluminou o homem que ralava, Iginasco tornou a arquejar de susto e recuou para o parapeito à beira do rio, apoiando as mãos na pedra molhada. O indivíduo vestia uma encharcada túnica

vermelha até aos calcanhares, com mangas apertadas e rígidas ombreiras salientes e uma faixa bordada em perturbadores motivos que lhe descia do pescoço até aos pés. Era calvo, com os cabelos brancos mesclados à barba encharcada que tinha colada ao peito, e o que nele assustou Iginasco mais ainda que a potencial ameaça do nodoso e retorcido cajado que empunhava foi a venda vermelha de aberturas costuradas e com duas longas badanas dela pendentes. Dava-lhe um ar aterrador, uma faixa vermelha numa cara de profundos vincos sombreados pela luz da lanterna.

— Iginasco Leopo — anunciou com uma voz que ignorava o ruído ambiente. — Devido às tuas traições e engodos, famílias ficaram privadas dos seus pais.

Involuntariamente, o nolwyno levou as mãos à cara, olhando arregaladamente através dos dedos e abanando a cabeça ao sentir o inesperado atíçar de remorsos pelas palavras do homem, quais brasas dormentes a serem bafejadas.

— Atraíçoaste homens teus conterrâneos, levaste mercadores à ruína, causaste a morte dos que não sobreviveram às masmorras de Savincar, condenando-os a uma morte de pulmões túmidos de humores...

— Não... não... — tentou Iginasco negar em vão, abanando a cabeça na qual ecoavam as palavras do homem.

Porém, quanto mais as tentava negar, mais agudamente sentia as pontadas de remorsos que sempre reprimira, vendo-se incapaz de conter a irrupção destes, que o martirizavam como espinhos presos dentro da sua cabeça e prestes a romperem-lhe do crânio. Os homens presos, as mulheres que iam chorar para os calabouços, os corpos envolvidos em mortaldas a serem carregados para fora das masmorras, o seu próprio príncipe, que caíra

ao rio devido à sua traição... Todos esses pequenos arrependimentos que discretamente lhe tinham roído a consciência até então soltaram-se de forma súbita e repentina, livres de quaisquer justificações e racionalizações que os pudessem minorar, atenuar ou legitimar. O efeito foi agonizante, e Iginasco ergueu a cabeça de mãos sobre as orelhas, berrando aos céus como se a chuva que manavam o pudesse de alguma forma purificar, mas não havia nada que pudesse aplacar a sua consciência, nada que pudesse amainar o culposo fogo que lhe queimava o espírito, nada que pudesse atenuar tamanha culpa. Nada, a não ser deixar-se cair de costas do parapeito, afundando-se e ao seu sofrido grito nas furiosas águas do Olyf, que o arrastaram com a justa fúria das lágrimas de mães e mulheres que tinham perdido filhos e maridos por delito seu.

Impávido, Culpa ficou a olhar para o mesmo sítio, sendo observado pelas irrequietas cabeças dos seus corvos, um dos quais debicou uma asa, estremecendo de seguida para se livrar das gotas de chuva que lhe pesavam sobre as penas. O seu mestre estava encharcado dos pés à cabeça, mas não parecia minimamente incomodado, e deixou-se ficar durante algum tempo na mesma posição. Quando por fim ergueu o queixo, foi com o equivalente a um olhar determinado, caso tivesse olhos, e mirava a margem oposta do rio, fixando a Sul o olhar que não o era. Aewyre Thoryn estava novamente próximo, e desta vez, por muito que lhe custasse, não lhe poderia escapar.

A culpa era inolvidável.

Todos iriam pagar.

GLOSSÁRIO

Os companheiros e seus aliados

Aewyre Thoryn (ÊI-uáire-THÓ-rine) Filho de Aezrel Thoryn e Adelayne, irmão de Aereth Thoryn. Empunha Ancalach.

Allumno (ál-LUM-nu) Pupilo do arquimago Zoryan, cuja alma transporta na gema vermelha incrustada na sua testa.

Deadan Belyth (DEI-a-dán BÉ-líth) Jovem Ajuramentado.

Kror (QRÓ-re) Drahreg que partilha a Essência da Lâmina com Aewyre.

Làriana (LLÁU-ri-á-ná) Filha de Layaline.

Layaline (llá-iá-LÍ-ne) Jovem prostituta de uma estalagem do recinto inferior da Cidadela da Lâmina.

Lhiannah (li-ÂN-na) Filha do regente de Vaul-Syrith e Lhiannon, uma arinnir.

Quenestil (QUÉ-néss-tile) Eahan das montanhas, shura.

Slayra (SLEI-ra) Assassina eahanoir.

Taislin (TEI-sline) Burrik aventureiro.

Worick (uo-RIQ) Thuragar mentor de Lhiannah.

Zoryan (zó-RI-âne) Arquimago, companheiro de Aezrel Thoryn. Morto durante a Guerra da Hecatombe e presentemente com a alma alojada na gema que o seu

pupilo Allumno porra à testa.

Os Fiordes dos Piratas

Aggor (ÁG-gore) Sobrinho de Skolsvein.

Engiv (ÉN-give) Escravo de Horavog.

Garding (GÁR-dhing) Título de proprietário de terras.

Hjlinar (CHLÍ-na-re) *Garding* nominal de Horavog, filho de Oska e irmão de Yhtte.

Hjollid (CHÕULD) Sobrinho de Skolsvein.

Hordur (HOER-dhur) Habitante de Horavog.

Hyrn (HEERM) Sobrinho de Skolsvein.

Ihjseorn (ICHS-se-órne) *Kahrkr* e aparente zelador dos Fiordes dos Piratas.

Kahrkr (CÁH-rker) Nome pelos quais os poderosos guerreiros de elite da Wolhynia eram conhecidos.

Knorl (CNOERL) Poderoso *garding* de KnorlvOg.

Kuvamora (CÚ-vá-mó-ra) Título das xamãs das tribos dos skrimmen.

Odhar (ÓDE-háre) Irmão de Oska, senhor de Odharloihj.

Ohttur (OHT-ture) Habitante de Horavog.

Oska (OEXA) Mãe de Hjlinar e Yhtte, senhora de Horavog.

Skolsvein (SCOU-svéin) Senhor de Dal-unnsoid,

Yhtte (E-ih-te) Filha de Oska e irmã de Hjlinar.

As cortes de Ul-Thoryn, Lennhau e Vaul-Syrith

Ábaco, O: Conselho de mercadores de Ul-Thoryn.

Aereth Thoryn (EI-reth-THÓ-rine) Irmão de Aewyre Thoryn, filho de Aezrel Thoryn e Adelayne. Reina em Ul-Thoryn como o primogênito de Aezrel. Casado com Iollina Nehin.

Cortun Allark (QÓR-túne ál-LÁRQUE) Paladino de lorde Tylon Nehin.

Daveanorn (DÁ-vé-à-nórne) Paladino de lorde Aereth Thoryn, mestre de armas de Allahn Anroth.

Dilet (DÍ-lét) Misterioso bobo de Allahn Anroth. Servo de Seltor.

Iollina Nehin (ió-LÍN-na NÉ-hine) Princesa de Lennhau, filha de Tylon Nehin e Lethia Nehin, prometida de Aereth Thoryn.

Jestiban Kilune (DJÉSS-tí-bãne QUÍ-lú-ne) Paladino de lorde Sunlar Syndar.

Lethia Nehin (LÉ-thia NÉ-hine) Esposa de lorde Tylon Nehin.

Smerunda (zmé-RÚN-da) Governanta do palácio de Allahn Anroth.

Sunlar Syndar (SÚNE-láre SÍN-dáre) Regente de Vaul-Syrith, pai de Lhiannah, casado com Alnara Syrith.

Thaddeo (THÁ-déo) Cirurgião de Allahn Anroth.

Tomenno Eralmo Senescal de Ul-Thoryn.

Tylon Nehin (TÍ-lóne NÉ-hine) Regente de Lennhau.
Casado com Lethia Nehin.

A família Lasan e seu séquito

Alisa Lasan (ô-LÍ-xa la-XAN) Filha mais nova do Patriarca.

Eluana Lasan (ã-LUUA-na la-XAN) Esposa do Patriarca.

Hanal Lasan (ha-NHÕL la-XAN) Patriarca da família Lasan.

Lusia Lasan (lu-XÍ-a la-XAN) Filha mais velha do Patriarca; a Primogênita.

Patriarca Título de líder de família eahlan.

Sana (XA-na) Serviçal dos Lasan.

Talin Lasan (tsa-LIIN la-XAN) Filho do Patriarca.

As forças d'O Flagelo

Aesh'alan (Aish-Alaan) Generais de Seltor, cinco homens corrompidos até ao âmago do seu ser pela Sombra, detentores de um terrível poder negro. Servem como emissários e como condutas para a influência de Seltor, seu senhor. Cinco no seu número, são eles dois Passos, dois Braços e um Juízo. Othragon, um Braço, e Nishekan, o Juízo, desapareceram no fim da guerra, ressurgindo após o regresso do seu senhor.

Alto Vulto Título do líder dos Filhos do Flagelo.

Braço Cargo de Aesh'alan, reservado aos mais poderosos

guerreiros de Seltor que servem como seus generais no campo de batalha.

Culpa Humano de passado e propósito misteriosos, pai de Seltor.

Dalshagnar (dále-xágue-NÁRE) A Língua Negra, espada de Seltor.

Fadados Seita de Seltor constituída por homens e mulheres que ofereceram as suas almas em troca da dádiva negra. O aspecto do Flagelo que veneram é a faceta da morte que o seu senhor adquiriu ao tomar o lugar de Ankhamon.

Flagelo, Filhos do Cabala dispersa e oculta de adoradores de Seltor. As suas fileiras são constituídas por indivíduos sem escrúpulos, ladrões, assassinos e afins párias da sociedade. Também usado como expressão geral para denominar toda a progénie da Sombra.

Flagelo, O *Ver* Seltor.

Juízo Cargo ocupado por um único Aesh'alan; para todos os efeitos o mordomo d'O Flagelo e o seu conselheiro.

Linsha Akselban (LÍNE-xa ÁCS-el-báne) Maga tanarchiana, antiga aprendiz do Alto Vulto, que presentemente ocupa esse cargo.

Nishekan (NÍ-xé-qáne) Aesh'alan, Juízo de Seltor.

Othragon (Ó-thrá-góne) Aesh'alan, Braço de Seltor.

Passo Cargo de Aesh'alan, reservado aos mestres de intriga de Seltor encarregues de funções insidiosas como

assassinato ou espionagem.

Seltor (SÉL-tóre) Filho da união profana entre Luris e um mortal. O Segundo Pecado, o Usurpador de Deuses, o Flagelo de Allaryia, o Anátema, o Bastardo, o Mal Encarnado, a Sombra.

Tannath (tan-NÁ-th) Eahanoir assassino, antigo amante de Slayra.

Volgo Dokhan (VÔL-gô DÓ-qhán) Meirinho de Val-Oryth que se encontra debaixo da alçada de Linsha Akselban.

Novos Deuses e entidades

Acquon (Á-quón) Deus da medicina.

Assana (as-SÁ-na) Deusa do amor, da paixão e do casamento.

Bellex (BÉL-lécs) Deus da lei e da justiça.

Gilgethan (GUIL-gé-thâne) Deus da guerra, da força de armas e dos feitos heróicos.

Gorfanna (gór-FAN-na) Deusa da agricultura, dos animais domésticos, da colheita, do lar e das terras domadas.

Guia Obscuro ser incumbido pelas Entidades de velar pelas almas dos defuntos, o seu dever é guiá-las até às suas Montanhas, deixando-as seguir o seu caminho sem interferir. Representa a morte em oposição à vida representada pela Mãe.

Joral (Jô-RÁLE) Deus do dinheiro, dos negócios e do comércio.

Kispryn (kiss-PRINE) Deus da rebeldia, da irreverência, da brincadeira, das partidas, o Parlapatão dos Deuses. Criador dos burriks.

Mãe Obscuro ser incumbido pelas Entidades de velar pela Natureza em Allaryia, representando a vida em oposição à morte representada pelo Guia.

Nirille (ni-RÍL-le) Deusa da arte, da música e da dança.

Tharobar (THÁ-ró-báre) Deus da manufatura, dos ferreiros e do engenho.

Raças, criaturas e povos

Antroleo (ã-TRÓ-liu) Raça de origem indeterminada, possivelmente primordial. Têm uma aparência animalesca, que contribui para a sua justa reputação de ferocidade. A maioria dos clãs persiste nas regiões montanhosas de Latvonia, no Noroeste de Allaryia, nos Bosques Indomáveis do Norte e nas Colinas Anathol em Thyr.

Arinnir (ã-RINE-nir) Povo de mulheres exiladas que vivem em sociedades matriarcais, pregando a paz e isolando-se do mundo, que consideram corrupto e mau. Os únicos homens presentes nessas sociedades são escravos e reprodutores.

Azigoth (á-zí-GÓTH) Seres demoníacos criados à

imagem de Luris.

Burrik (BUR-rique) Seres diminutos com olhos felinos não verdadeiramente nativos de Allaryia. Foram criados por Kispryn, que teve a sua mão cortada pelos seus pares como castigo pela audácia, vista como uma heresia e um atentado a toda a Criação, e foi graças a esta espécie que mais nenhum deus ousou criar vida. Criados à imagem do seu deus, são irreverentes, despreocupados e individualistas, merecendo a desconfiança de todos.

Divaroth (dí-vá-RÓ-th) Seres angelicais criados à imagem de Sirul.

Drahreg (DRÁ-reg) O Primeiro Pecado. Criaturas de pura maldade criadas a partir da essência dos thuragar.

Eahan (ÉÁ-hãne) Os Irmãos Belos dos humanos, criados à imagem de Sirul. São conhecidas quatro raças: eahan da montanha ou rúbidos, ruivos e de olhos cinzentos; eahan da floresta ou brunos, de cabelos castanhos e olhos verdes, eahlan e eahanoir. São belos e, com a notória exceção dos eahanoir, conhecidos pela bondade e compaixão.

Eahanoir (ÉÁH-nuar) Eahan corrompidos por Seltor. São das poucas coisas que podem fazer um eahan cometer atos contrários à sua natureza bondosa.

Eahlan (ÉAL-lane) Eahan antigamente protegidos por Sirul, tendo vivido debaixo do braço da benévola Entidade até esta se fragmentar. Migraram para Sirulia,

onde vivem com os seus habitantes, ansiando pelo dia em que poderão tomar Asmodeon.

Haghral (HÁ-gue-rál) Filhos de harahan, fisicamente menos fortes mas capazes de insidiosos feitos como induzir raiva nas suas vítimas através da bile que regurgitam.

Harahan (ha-ra-HÁN) Seres femininos criados por Seltor e que o serviram como assassinas, espias e agentes de corrupção. Diz-se que os seus característicos lábios negros são efeito do beijo de Seltor.

Nekkr (NÉQR) Seres enfermos que venderam a alma a'O Flagelo, tornando-se parasitas que se devem alimentar da linfa de outros para curarem a sua condição e morrerem definitivamente.

Ocarr (Ó-cáre) Povo das Estepes de Karatai, uma gente de baixa estatura, pele tostada pelo sol e olhos ovais. São conhecidos pelas suas táticas de guerra únicas: unidades de arqueiros montados em hemíonos, burros selvagens das estepes.

Ogroblin (õ-GRÓ-bline) Criações de Seltor, humanóides de grande porte, parecidos com enormes drahregs. Vivem apenas para matar e comer, e as regiões que habitam tendem a ficar extremamente pobres em fauna e flora.

Sirulianos Humanos que viveram sob a proteção de Sirul durante a Quarta Era. São um povo alto, forte e nobre, que habita Sirulia e cujos castelos servem de barreira às

ameaças de Asmodeon.

Skrimmen (SCRÍM-man) Tribo bárbara do extremo Norte da Wolhynia e da Tundra de Frosth.

Thuragar (TÛ-rá-gáre) Seres criados por Luris a partir do pior que os humanos possuem. São baixos, atarracados e conhecidos pela mesquinhez e má disposição. Os seus olhos são pequenos por viverem debaixo de terra e os narizes e dedos sensíveis e apurados.

Ulkatr (UL-cathre) Subespécie de antroleos, de menor porte e mais adaptados ao frio das regiões setentrionais nas quais vivem.

Ulkekhlen (ÛL-qéq-lén) Diminutos duendes malignos dos subterrâneos.

Línguas e idiomas

Eridiaith (e-RÍ-dí-eith) Língua abastardada d'a Palavra.

Fialass (fià-LÁS-se) Língua dos eahan rúbidos.

Garogar (GÁ-ró-gáre) Língua dos thuragar.

Glottik (GLÓ-tiq) Linguagem derivada dos antigos dialetos sirulianos. Presentemente, é a língua corrente em Allaryia, falada ou aceite em quase todas as regiões como o idioma universal.

Hjrutmalv (CHRUT-mál-ve) Língua da Wolhynia.

Leochlan (LÉ-óq-lâne) Língua de Tanarch.

Leriat (lé-ri-ÁTE) Dialeto falado nas regiões da fronteira entre Nolwyn e Laone.

Llorenc (DLÓ-rã-q) Língua do Laone.

Olgur (ÓLL-gúre) Idioma falado em Asmodeon.

Palavra, A Língua primordial, ensinada pelas Entidades aos humanos durante a Terceira Era. Através das palavras nela proferidas, é possível fazer uso da Essência para criar efeitos desejados. Este ato é conhecido como a Arte da Palavra e a sua ciência é conhecida como Magia. Leigos chamam-lhe «esconjurar feitiços» ou «encantamentos».

Urial (u-ri-ÁLE) Língua da Latvonia.

Usgagg (uss-GÁ-gue) Língua da Namuriqua.

Miscelânea

Allaryia, **Pilar de** Obra das Entidades, um imenso pilar que atravessa Allaryia de um lado ao outro, fazendo com que gire em si e permitindo-lhe ser banhada pelo Sol. Contém a essência das Entidades, da qual se alimentam os Novos Deuses, a fonte de energia que também é moldada pela Palavra.

Entropia A essência caótica primordial, à qual as Entidades se sobrepuseram durante a Criação. Para grande pesar dos magos, resquícios dela ainda perduram em Allaryia, o que freqüentemente interfere com o seu uso da Palavra.

Essência, A Resíduo de energia deixado pelas Entidades, que move o Pilar de Allaryia e alimenta os deuses.

Montanha quando da morte de um indivíduo, a alma

deste voa para um estranho e montanhoso reino espiritual. Lá deve escalar a montanha que representa aquilo que alcançou enquanto vivo, sendo a sua altura correspondente aos seus feitos, daí a expressão «subir a montanha» como eufemismo para a morte. No fim da escalada, na qual um indivíduo revê tudo em retrospectiva, são-lhe abertas as portas para o domínio do deus que venera ou, no caso dos magos, são absorvidos na Essência do Pilar de Allaryia.

Terceiro Pecado Expressão alusiva a um ato impensado de conseqüências graves ou uma grande asneira. O primeiro e segundo foram a criação dos drahregs e a concepção de Seltor, respectivamente.

As *Crônicas de Allaryia* são já um clássico da *high fantasy* portuguesa, aproximando-se, com este quinto volume, do furioso clímax da odisseia iniciada cinco anos atrás. As hostes d' O Flagelo despertaram do seu torpor e estão de novo à solta no continente. A Cidadela da Lâmina foi arrasada. Sirulia foi posta a ferro e fogo. Aves de mau agouro sobrevoam Nolwyn, enquanto Ul-Thoryn começa os preparativos de guerra contra Vault-Syrith. Neste novo capítulo das *Crônicas de Allaryia*, os companheiros que deram início a uma quase ingênua demanda n' *A Manopla de Karasthan* estão separados, perdidos, desesperançados. Embora poucos o saibam, a esperança reside em Aewyre Thoryn, mas cada um dos companheiros terá um papel a desempenhar no vindouro conflito, encontrando-se porém privados do poder da sua união. Perseguidos por algozes do seu passado, deixados à deriva em terras desconhecidas, ou aprisionados entre inimigos que julgavam amigos, vêem-se confrontados com a iminente imersão de Allaryia nas trevas que todos já julgavam desbaratadas. Porém, Seltor, o precursor destas, aprendeu com os erros do passado e os seus propósitos não mais parecem os mesmos; ou pelo menos, não aparentam de todo ser o que dele se espera...

www.allaryia.cjb.net

ISBN 978-972-23-3736-6



9 789722 337366



EDITORIAL PRESENÇA

